



IGOR SALMERON

Sociólogo, bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe. Fez Mestrado em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS. Atualmente, está concluindo o Doutorado em Sociologia pela mesma Instituição de Ensino Superior.

Pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos do Poder e da Política da UFS.

É destacado membro da Academia Literocultural de Sergipe e do ilustre Movimento Cultural Antônio Garcia Filho da Academia Sergipana de Letras.

É autor de diversos trabalhos e relevantes artigos publicados em tradicionais jornais de circulação local, bem como debatidos em eventos científicos nacionais.

João Alves Filho foi um dos maiores estadistas do Brasil [...]. Foi o autor do projeto que fez a irrigação da região nordestina e do projeto Padre Cícero das Cacimbas, [...] um homem que se dedicou aos estudos da situação e dos problemas de seu Estado, até o último momento de sua lucidez [...]. Era também um dos meus melhores amigos. Tinha uma grande admiração por ele. Era um homem que não deixava de pensar no Brasil e nos problemas nacionais.

José Sarney, ex-presidente da república

João Alves Filho sabia aliar competência e sensibilidade como poucos [...]. Temos a certeza de que a história escrita por ele, e todo o legado político construído ao longo da sua vida pública, vão seguir inspirando as pessoas.

ACM Neto, ex-prefeito de Salvador e presidente nacional do DEM

Muito do que existe em Sergipe foi graças à visão e ao trabalho de João Alves Filho. Ninguém defendeu o Rio São Francisco como ele. Sem dúvidas, nunca será esquecido pelos sergipanos.

Albano Franco, ex-governador de Sergipe e ex-senador da república

O ex-Governador João Alves é uma das mais importantes referências políticas que temos no nosso Estado. João Alves foi especial para Sergipe e realizou obras importantes [...]. Seu legado será lembrado com apreço e respeito.

Belivaldo Chagas, governador de Sergipe

Seu legado, obras e realizações marcaram profundamente a vida econômica, social e política de Sergipe. [...] Sabemos que sua história e suas ações permanecerão vivas em Aracaju, no Estado e no país.

Edvaldo Nogueira, prefeito de Aracaju

Defendeu a água e fez obras que enchem Sergipe de orgulho por tanta coragem e precisão. O construtor João Alves Filho encantou nossos olhos com as mais belas paisagens dos nossos cartões-postais: da zona sul com a orla mais bonita do Brasil, à zona norte, com a ousadia da ponte que hoje leva o nome do pai dele. João deixou a sua marca em nosso Estado e seu legado está eternizado. Obrigado, João, por tudo que você fez pela nossa gente e pelo nosso Estado.

Rogério Carvalho, senador

Um dos grandes ícones da história de Sergipe, [...] sobretudo pelo amor à sua terra. Dedicou a sua vida e obras a encontrar soluções para ajudar o sertanejo, sua lida e agruras, no enfrentamento da seca.

Laercio Oliveira, deputado federal

[...] As obras estruturantes existentes em Aracaju e no Estado de Sergipe foram frutos de sua visão futurística e do seu acendrado desejo de desenvolver social e economicamente o Estado e a sua população.

Osório de Araújo Ramos Filho, desembargador presidente do TJSE

[...] Homem público com grande visão de desenvolvimento, idealizou projetos para nosso Estado a partir de pesquisas e viagens pelo mundo [...]. Sergipe cresceu em suas mãos, o Nordeste também usufruiu do seu trabalho.

Clara Leite de Rezende, desembargadora

O Negão, de sorriso largo e gargalhada farta, foi uma das personalidades mais conceituadas e queridas da sociedade sergipana. Homem admirável e político apaziguador [...] focado em trabalhar pelo bem comum, dedicou sua vida a construir o seu Estado. Sempre educado e cordial, ele enxergava no diálogo a solução para quase tudo. Amigo leal e homem do povo, João Alves sabia ouvir, uma de suas grandes virtudes. Deixou um legado humanista e intelectual.

Carlos Pinna Junior, ex-procurador-geral de Aracaju na gestão de João Alves Filho



JOÃO ALVES FILHO
A SAGA DE UM POLÍTICO NORDESTINO

DÉBORAH PIMENTEL
IGOR SALMERON



DÉBORAH PIMENTEL
IGOR SALMERON

JOÃO ALVES FILHO

A SAGA DE UM POLÍTICO NORDESTINO



DÉBORAH PIMENTEL

Escritora, médica e psicanalista, fundadora e Presidente do Círculo Psicanalítico de Sergipe, foi Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise e vice-presidente em duas gestões. É filiada a *International Federation of Psychoanalytic Societies*.

Pesquisadora dos Grupos do CNPQ: Estudos Teóricos, Práticos, Históricos e Culturais; e Ética, Bioética, Habilidades de Comunicação e Saúde Mental. Membro da Sociedade Brasileira dos Médicos Escritores – Regional Sergipe; imortal da Academia Sergipana de Medicina da qual foi presidente por duas gestões consecutivas e é membro fundadora da Academia Sergipana de Educação.

Professora do curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe nas disciplinas: Ética, Bioética e Habilidades de Comunicação; Medicina Legal, Deontologia e Perícia Médica.

É mestre e doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe. Autora de sete livros, organizadora de mais cinco obras e convidada de 13 capítulos de livros. Tem dois prefácios de livros biográficos, dezenas de artigos em periódicos científicos e mais de uma centena de textos em revistas e jornais.



**JOÃO
ALVES
FILHO**

A SAGA
DE UM
POLÍTICO
NORDESTINO

© Copyright 2022 by Déborah Pimentel

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração

ArtNer Comunicação

Diagramação

Joselito Miranda

Imagens

Fotos cedidas pela família, pelos arquivos do *Jornal da Cidade* e do jornal *Correio de Sergipe*.

Foto da capa interna: Ponte Construtor João Alves - Autor: Joseilto Miranda

Depoimentos da última capa

CORREIO DE SERGIPE. *Edição Especial João Alves Filho*. Aracaju, 24 a 28 de dezembro de 2020.

Capa

Roseilde Reis

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Pimentel, Déborah. Salmeron, Igor.

P644j João Alves Filho: A Saga de um Político Nordestino. /Déborah Pimentel.

Igor Salmeron.

-Aracaju: ArtNer Comunicação, 2022.

474p. :il.

ISBN: 978-65-88562-69-7

1. Literatura Sergipana- Biografia

2. Biografia –Sergipe

3. João Alves Filho - Biografia

I - Título

CDU: 929 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB- 5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · www.artner.com.br

Déborah Pimentel
Igor Salmeron

**JOÃO
ALVES
FILHO**

A SAGA
DE UM
POLÍTICO
NORDESTINO

Aracaju-SE




2022



*Só os sonhadores e os
teimosos constroem a História.*

João Alves Filho



Para a Senadora Maria do Carmo como um tributo ao seu trabalho de duas décadas ininterruptas em prol do povo sergipano e à memória do Ministro João Alves Filho, um dos mais ilustres políticos que Sergipe pôde oferecer ao povo Nordeste.

Déborah Pimentel

Sumário

Agradecimentos.....	15
Apresentação.....	17
Prefácio.....	21
COMEÇANDO PELO FINAL.....	29
João voltou para casa.....	30
Homenagens	31
Cerimônia religiosa	35
A homilia do confessor e diretor espiritual	37
INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	41
Aracaju cresce em direção ao mar.....	43
João-de-barro.....	44
DO ESTUDANTE DE ENGENHARIA À FUNCIONÁRIO DA CONSTRUTORA ALVES	48
Da Juventude Universitária Católica à Universidade de Harvard	51
Era motivo de orgulho do pai	53
A ORIGEM	56
JUVENTUDE, CASAMENTO, FAMÍLIA E FILHOS.....	60
E ele chegou na vida de Maria.....	61
A chegada dos filhos e a vida doméstica	63
Adolescência dos filhos.....	68
Escolhas profissionais e a saúde do clã	69

Hipocondríaco	73
O peso da família	75
O romance e o casamento de Cristina	75
O casamento de Aninha	82
A PREFEITURA DE ARACAJU (1975-1979).....	91
Empresário de sucesso	93
Repercussão de boas ideias	96
Prefeito Biônico.....	98
Liberação dos terrenos de Marinha	101
Empresa Municipal de Obras e Urbanização da Prefeitura de Aracaju ...	104
Saneamento.....	105
Educação e cultura	109
Humanização da cidade.....	112
Prestação de contas.....	114
EMPRESÁRIO DA CONSTRUÇÃO CIVIL HÁ MEIO SÉCULO.....	117
Sucessão familiar e seguimento dos trabalhos.....	121
O ESCRITOR.....	126
Diplomas, medalhas e a pinacoteca	128
A biblioteca de um intelectual	132
João escritor.....	144
IMORTAL	150
O PRIMEIRO GOVERNO (1983 – 1987)	154
Expressiva votação	155
O diagnóstico de JAF	156
Mãos à obra.....	157
Xingó.....	160
Articulações.....	163
Eleições municipais.....	165
Nordeste, região credora.....	166
Devoção e gratidão.....	171
Tancredo e Sarney	173

O amigo.....	174
Novas eleições.....	174
Guerra de titãs.....	175
MINISTÉRIO DO INTERIOR (07/08/1987 a 15/03/1990).....	180
Criação e missão do Ministério.....	183
Estrutura do Minter.....	183
Enquanto isso: pacto entre PFL e PMDB.....	184
Ferrovia Norte-Sul.....	185
A derrocada de Olacyr de Moraes.....	187
Viabilidade da região.....	189
Projeto Padre Cícero.....	190
Ações do Minter na região Sul e Sudeste.....	194
Ações do Minter na região Centro-Oeste.....	194
Amazônia.....	195
Assistência às comunidades indígenas.....	201
Agronegócio.....	201
João criador do Ibama.....	203
Meio ambiente: repercussão internacional.....	206
Crescimento sustentável.....	207
Silvio Santos.....	211
No outro lado do mundo.....	212
Depoimentos.....	217
COMPLEXO DE COMUNICAÇÃO: JORNAL, RÁDIO E TELEVISÃO.....	224
O SEGUNDO GOVERNO (1991 a 1995).....	229
Críticas.....	233
Presidente Itamar Franco.....	234
Suporte e realizações.....	235
Orla de Atalaia.....	236
O Porto de Sergipe.....	237
Rebobinando o tempo: Ignácio Barbosa.....	238
Polo Cloroquímico.....	242
Turismo em Sergipe.....	243
Outras realizações.....	246

Projeto Platô de Neópolis	247
Programas sociais realizados por Maria	248
Segurança, educação e saúde	250
Cultura e esporte	251
Contra fatos não há argumentos	252
O homônimo e aborrecimentos	252
Pontos de vista	255
Lembranças	258
Caminhos a seguir: empresário ou homem público.....	259
Governar: missão impossível	261
OS SONHOS E AS INTEMPÉRIES	267
Nordeste: estratégias para o sucesso	270
Dona Luiza e D. Pedro II	273
O encontro de titãs e a seca	277
Baú de lembranças.....	279
Instituto Tancredo Neves.....	282
Emenda constitucional e reeleições.....	282
Transposição do rio São Francisco	283
O elefante branco do sertão	291
O ex-genro e o Banestado	292
O TERCEIRO GOVERNO DO ESTADO (2003 – 2007)	298
A depressão voltou.....	301
Reforma Tributária	304
Matriz energética brasileira	305
A Cúpula do Milênio e o discurso de JAF na ONU	309
Começando os trabalhos.....	312
Educação de primeiro mundo	312
Hospital Gov. João Alves Filho.....	318
Implantação do SAMU e outras ações de saúde	319
Ponte Construtor João Alves	320
A ponte em detalhes	321
Memorial para o TCU sobre inconstitucionalidade.....	323
Corrida pelo quarto mandato	325
Sai o PFL e entra o PT	328

A luta continuou	328
O sertão pode virar mar?	330
Caminhada partidária e a refundação do PFL.....	333
Relato de uma perseguição presidencial e suas consequências	334
Veto à ponte Construtor João Alves.....	335
Ponte Mosqueiro-Caueira	338
Veto aos projetos Novo Califórnia e Jacaré-Curitiba.....	338
Veto ao programa Via Rápida da ONU	340
Veto à segunda etapa do projeto Nordeste	340
Veto ao empreendimento turístico imobiliário	341
Tentativa de inviabilizar a Cúpula Mundial da Família + 1	343
Tentativa de inviabilizar a mais moderna maternidade do Nordeste..	346
Perseguição pós-eleitoral	348
A verdade sobre a transposição do Rio São Francisco.....	349
COSTURAS E RETALHOS DO PRIVADO E DO PÚBLICO	357
Os genros.....	357
Novas eleições e alianças sedutoras	358
Operação navalha	361
A defesa de JAF	364
Condenação	367
Fim do pesadelo	368
Espada de Dâmocles.....	368
João Alves Neto.....	370
A PREFEITURA DE ARACAJU (2013 – 2017).....	372
Relações perigosas	372
Os irmãos Amorim	373
Processos contra a imprensa	374
Projeto de Governo Municipal.....	374
O escudeiro Machado	375
Posse do novo prefeito	377
Fantasmas retornam	378
Cobranças de reciprocidade	378
Complexo Viário Governador Marcelo Déda	380
Pesquisas	382

A senadora, o prefeito e os médicos.....	383
Mendonça Prado rompe com JAF.....	385
Pacto federativo.....	388
Rainha da Inglaterra.....	392
Assédio.....	394
O áudio da discórdia.....	394
Mudança de comportamento e cobranças.....	397
Os irmãos Amorim.....	398
Candidatura atrapalhada e inviável.....	399
No apagar das luzes.....	402
Realizações.....	404
João de Fé.....	407
Operação Caça Fantasmas.....	407
A SENADORA MARIA DO CARMO.....	413
Eduardo Amorim.....	420
Rogério Carvalho.....	421
Ricardo Franco.....	422
A Cúpula Mundial da Família.....	425
Maria, a imortal.....	427
Mendonça Prado.....	434
Dores de uma mãe.....	436
Cuidando de João.....	441
Diagnóstico confirmado.....	443
O ano da pandemia.....	444
Destino das cinzas.....	445
Senadora bem avaliada.....	447
Fechando ciclos.....	447
Hora das contas do vamos ver.....	448
À GUIA DE CONCLUSÃO.....	453
REFERÊNCIAS.....	458

Agradecimentos

A gratidão é a memória do coração.

Antístenes

Agradeço aos entrevistados que generosamente ofereceram o seu tempo para conversarmos sobre João Alves Filho, à Senadora Maria do Carmo que ofereceu suporte e estímulo, aos seus filhos, Cristina, Ana e João Neto, à sua irmã Marlene Calumby, aos amigos, jornalistas, auxiliares e ex-secretários do município e ou Estado, testemunhas das múltiplas fases de João Alves Filho.

Agradecimento especial ao Igor Salmeron que se tornou coautor fundamental desta empreitada, colaborando com leituras e pesquisas, enquanto eu redigia o texto principal; ao dileto amigo Geraldo José Nabuco de Menezes que intercedeu alguns destes encontros com partícipes da vida e dos projetos de João; e ao confrade Lúcio Prado Dias que muito me estimulou e municiou com algumas preciosas referências. Agradecimentos também à família e aos jornais Correio de Sergipe e Jornal da Cidade que nos cederam as fotos dos seus arquivos. Registro a minha incomensurável gratidão a todos.

Agradeço aos meus queridos pais, Nazário e Elena Pimentel, que leram com atenção e dedicação este manuscrito e me ofereceram subsídios com suas preciosas observações. Eles acreditaram que este registro da vida e obra de João Alves Filho era um necessário resgate do bom nome e da singularidade do mais importante político de Sergipe e cujos feitos e realizações na cidade de Aracaju, no Estado de Sergipe

e no Nordeste deixaram uma marca indelével, que dificilmente outros políticos sergipanos conseguirão superar nos próximos anos.

Prof. Dra. Déborah Pimentel

*Membro das Academias Sergipanas de Educação e de Medicina
e da Sociedade Brasileira dos Médicos Escritores*

Apresentação

As pessoas não morrem, ficam encantadas!

Guimarães Rosa

C heguei na casa de praia do casal, dia 26 de janeiro de 2019, para entrevistar a família de João Alves Filho (JAF). Encontrei os dois, João e Maria, o filho Joãozinho, e a neta Malú, ou formalmente os apresentando, João Alves Neto e a sua filha Maria de Lourdes Monteiro Alves, uma princesa na época com 14 anos.

Malú fez questão de me afiançar que lera todos os livros do avô e o abraçava e beijava incansavelmente. Nítido o afeto e a química entre os dois. JAF sorria e recebia os afagos de bom grado. Gostoso de se ver.

Só diante de um homem da envergadura de João Alves Filho, eu me dei conta da ousadia do meu projeto e de quão árdua seria a minha tarefa.

Recebida com a cordialidade e simpatia usuais, eu me senti muito mobilizada por perceber que o homem que conheci na infância, que visitava com muita frequência a casa dos meus pais, Nazário e Elena Pimentel, estava alquebrado e com sua memória apagada. As suas marcas registradas, fidalguia, elegância no trato, gestos respeitosos, voz forte e firme, entretanto, permaneciam.

Quando começamos a conversar, eu lhe anunciei que a intenção era lhe entrevistar e que eu iria escrever a sua história. A resposta me entusiasmou: *Ah, muito bem! Fico muito grato. Pode fazer perguntas.* Entretanto nem a memória de evocação, aquela sobre fatos remotos, e que geralmente é a última que se perde, não existia mais. Ele nada sabia sobre si mesmo e sobre a sua história. Parecia ouvir atentamente aquilo que se falava sobre ele e curiosamente, algumas vezes se manifestava,

fazendo alguma pergunta curta para esclarecer algo que eventualmente parecia lembrar.

O ilustre antecessor de JAF na Academia Sergipana de Letras, na Cadeira 22, era José Augusto Garcez, um pesquisador, na acepção mais abrangente da palavra, poeta, escritor, jornalista e historiador. E ele afirma em seu livro *O Destino da Província* (GARCEZ *apud* ALVES FILHO, 1994, p.73), que:

Fazer história é penetrar nos arquivos, nos livros, nos documentos antigos, acompanhando-os com absoluta imparcialidade e trazendo à luz da publicidade as pérolas encontradas dispersas no incomensurável oceano da historiografia.

Fizemos o dever de casa, pesquisamos muito, vasculhamos o oceano e trouxemos para o leitor as pérolas que compõem a vida e trajetória de JAF.

Sei dos desafios de ser biógrafa de uma figura pública de tal estatura. Sei também da responsabilidade que tenho com os fatos e com a verdade. Mas também não posso esquecer como bem o disse, o filósofo francês Michel Foucault, que para ser verdade, ela precisa ser livre, não pode estar vinculada a uma institucionalização, porque desta forma, a verdade será manipulada. O conceito de verdade, segundo este filósofo, é valorizado como uma produção de uma extensa rede que engloba valores históricos, políticos, sociais e os subjetivos, e jamais como o que se encontra na origem e no princípio de tudo.

A partir desta premissa filosófica, afirmo que a minha escrita é verdadeira. O leitor que a julgue.

A verdade possui um caráter fundamentalmente histórico e contingencial e jamais é una ou universal, mas algo eminentemente relativo, na medida em que depende dos mais diversos fatores contextuais e circunstanciais. Nunca esquecer que a verdade por ser necessariamente múltipla, não existe.

A verdade que resta, está na essência do indivíduo, resultante de valores sociais. João Alves Filho, por conseguinte, era um homem verdadeiro. A sua verdade é incontestável.

Desafiador escrever sobre o Negão (ele sempre sentiu orgulho deste apelido e às vezes ele próprio se intitulava assim). Homem que arrebatou na sua vida pessoal e pública, uma legião de amigos e admiradores e conseguiu ser respeitado até mesmo pelos opositores. *João Chapéu de Couro* é uma unanimidade. Impossível usar o verbo no pretérito perfeito ou imperfeito, João é uma lenda viva, um verdadeiro imortal.

Déborah Pimentel

Prefácio

A construção de uma biografia exige do seu autor uma narrativa atrativa sobre a vida e a obra do biografado, principalmente quando se trata de pessoa famosa, como é o caso deste livro, que tem como personagem central o engenheiro, político, escritor, acadêmico e gestor público, João Alves Filho, personalidade que engrandeceu o cenário cultural de Sergipe e do Brasil.

Seguindo essa linha, a escritora e acadêmica Déborah Pimentel dedicou-se à pesquisa da vida e da obra de João Alves Filho, a quem se refere no correr do texto como JAF. Nesse estudo, a pesquisadora debruçou-se sobre textos, livros, revistas, discursos, entrevistas e iconografia, que deram o suporte básico do texto biográfico a que se propôs a realizar. Ela cumpriu, com isso, a metodologia da escrita biográfica, mostrando para o leitor cada etapa da vida e da obra de João Alves Filho, retratando-o nos episódios narrados e no contexto social em que viveu, envolvendo-o nos costumes da época e nos acontecimentos históricos de que participou ativamente.

A autora apresenta aos seus leitores a origem e a saga da família do construtor João Alves, a sua união com D. Maria de Lourdes, a formação da prole e, em especial, os traços biográficos do seu homenageado. Destaca um resumo da biografia de João Alves Filho, a sua escolaridade, o seu apego pela leitura e pela escrita, o que lhe despertou para o jornalismo desde a adolescência, ao redigir tabloides estudantis. Desde esse tempo era dedicado ao estudo das ciências exatas, especialmente, a matemática, que o credenciou a se submeter ao vestibular de engenharia na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia.

Déborah Pimentel detalha no seu estudo biográfico a trajetória de vida de João Alves Filho e exhibe particularidades da sua vida familiar, decorrente do seu casamento com a advogada, empresária e Senadora Maria do Carmo Nascimento Alves e das suas relações com os filhos

Cristina, Ana, João Neto, genros, nora e com os netos. No regaço do lar do casal, a autora pôde compreender o seu convívio com a família e a importância da sua esposa e de cada um dos seus filhos para o aprimoramento da sua função como pai e como colaborador da administração do lar, junto a Maria do Carmo, que com determinação e apego soube conduzir os filhos e o auxiliar na administração das suas empresas e depois na gestão pública, pelo que tem sido reconhecida pelos sergipanos diante da defesa do Estado, em sucessivos mandatos para o Senado Federal.

No livro *João Alves Filho – A saga de um político nordestino*, que tenho a imensa satisfação de prefaciar, pude destacar que a autora estabeleceu como o marco inicial do ingresso do biografado na vida política partidária de Sergipe, a partir do convite do então governador do estado, Dr. José Rollemberg Leite, para ele assumir o cargo de prefeito de Aracaju, dias após em que ele pronunciou uma conferência em um ciclo de estudos promovido pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (Adesg), no ano de 1972, demonstrando conhecimento dos graves problemas técnicos que atrasavam o desenvolvimento de Aracaju, detendo-se nas dificuldades que envolviam a habitação, o saneamento urbano e o crescimento desordenado da cidade.

Filiado à Aliança Renovadora Nacional, João Alves Filho foi eleito pela Assembleia Legislativa, indiretamente, prefeito de Aracaju e se pôs a trabalhar com afinco, realizando uma administração sem similar, modernizando a cidade em todos os setores.

Na visão da autora, o seu biografado notabilizou-se com a expansão de espaços citadinos, abertura de ruas, avenidas e construções e reformas de praças e de outros logradouros. Criou a Empresa Municipal de Urbanismo para solucionar a ocupação de áreas de terrenos de marinha, pertencentes à União Federal. Construiu o Parque da Cidade, com a finalidade de preservação do meio ambiente. Ela se refere ainda à importância do projeto de drenagem das águas pluviais, com a finalidade de resolver os problemas decorrentes dos alagamentos em períodos de chuvas em especial, na Rua Santa Catarina e na Rua Itabaianinha. De igual modo, refere-se à construção de canais, para o escoamento das águas e inaugurou o Calçadão da Rua João Pessoa, com equipamentos de lazer, aquários, bancos e esculturas populares, para um maior convívio dos transeuntes e dos usuários dessa parte do comércio central.

Além dessas realizações, ela refere-se, também, a um Plano Geral da Cidade, que veio a ser executado pelo biografado. Na execução deste projeto criou ou reestruturou avenidas e outras dezenas de ruas para atender às demandas relativas ao crescimento da cidade. Construiu o Bairro Coroa do Meio e a Ponte Godofredo Diniz Gonçalves, para maior circulação de veículos procedentes dos bairros praianos.

A escritora Déborah Pimentel, analisa os intrincados caminhos percorridos por João Alves Filho para a conquista dos mandatos de governador e de prefeito, com as alianças políticas e os ajustes das coligações partidárias em que sempre recebeu os apoios dos políticos Lourival Baptista, Albano Franco e José Sarney.

Na verdade, o biografado foi uma das mais importantes lideranças políticas de Sergipe, nas últimas décadas do século XX e primeira deste século. É sabido que nos seus sucessivos mandatos de governador do estado, João Alves Filho executou obras desenvolvimentistas abrangendo setores de infraestrutura, do turismo, da educação, da cultura, da saúde, entre outros. Ao lado disso, quando exerceu o cargo de Ministro do Interior, entre os anos de 1987 e 1990, ampliou o seu conhecimento sobre todas as regiões do Brasil e executou ações de apoio ao desenvolvimento regional, à radicação de populações, ocupação do território e migrações internas. Na época, o Ministério do Interior era um órgão que se ocupava do saneamento básico, do beneficiamento de áreas e obras de proteção contra secas e inundações, assistência às populações atingidas pelas calamidades públicas, assistência ao índio e aos municípios, cuidando, também, do Programa Nacional de Habitação. Era, na verdade, um superministério, cheio de desafios, o que se coadunava com a personalidade dele, que não media esforços para minimizar os problemas decorrentes das intempéries.

Déborah Pimentel além de relatar sobre fatos da vida privada de João Alves Filho, registrando o seu afastamento das empresas jornalísticas e de construção, transferindo o controle delas para Maria do Carmo e aos seus filhos, debruçou-se sobre as suas concretizações na gestão pública do Estado de Sergipe e ofereceu uma série de informações sobre o Projeto *Chapéu de Couro* que implantou a exploração racional de recursos hídricos com a construção de um sistema conjugado de adutoras, barragens, açudes, poços, cacimbas e cisternas, além de outros métodos de captação e retenção de água; rebaixou o Morro da

Cidade Antiga para ampliar a pista do Aeroporto Santa Maria, permitindo o pouso de grandes aeronaves; construiu o Centro de Criatividade, o Centro de Interesse Comunitário, depois Centro de Convenções e iniciou as obras do Teatro Tobias Barreto. Construiu o Platô de Neópolis, destinado à fruticultura irrigada.

No campo turístico incentivou a ampliação da rede hoteleira, implantando a Rua 24 Horas, ampliou a estrutura da Orla da Atalaia, com criação do Espaço da Sergipanidade, do Espaço Formadores da Nacionalidade e do Monumento a Ignácio Barbosa. O conjunto de obras foi confiado à curadoria da Academia Sergipana de Letras. Construiu a Ponte Construtor João Alves, ligando Aracaju à Barra dos Coqueiros, para o desenvolvimento do litoral Norte e deu início às obras da futura Ponte Joel Silveira, que liga Aracaju às praias da Caueira, Abaís, Saco, com acesso à BR-101 e a rodovias estaduais que fazem a interação de Sergipe com a Bahia. No setor educacional João Alves Filho ergueu um dos maiores estabelecimentos de ensino da capital, o Colégio Dom Luciano, dezenas de escolas espalhadas em todos os municípios e, ainda, providenciou a reforma de outros prédios escolares; no segmento da saúde construiu e ampliou o Hospital João Alves, considerado como o maior nosocômio público do Estado de Sergipe, que presta atendimentos de urgências e emergências de média e alta complexidade e à Maternidade Nossa Senhora de Lourdes; recuperou e reativou centros e postos de saúde e instituiu o Programa *Pró-mulher*, essencialmente educativo e preventivo e dedicou especial atenção ao Programa de Desfavelamento e ao Programa *Meninos e Meninas de Rua*, entre outras ações sociais executadas com muita proficiência pela Senadora Maria do Carmo Nascimento Alves.

Somando-se à pesquisa de Déborah Pimentel, podemos afiançar que o Imortal João Alves Filho não se descuidou de atender às reivindicações dos setores culturais de Sergipe e realizou obras de recuperação nos prédios do Conservatório de Música, do Arquivo Público, da Academia Sergipana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e do Centro de Criatividade.

Eleito para gerir novamente o município de Aracaju no mandato de 2013 a 2017, o biografado despede-se da gestão pública deixando obras representativas para a cidade, inaugurando o Calçadão da Praia Formosa, um espaço de lazer e de equipamentos comunitários para o

agrado da população e restaurou o prédio da antiga Alfândega, para nele instalar o Centro Cultural de Aracaju, com uma proposta de preservar a memória e os bens culturais da cidade.

A autora não deixou de mencionar a capacidade intelectual do seu biografado, ressaltando a sua produção bibliográfica, com especial atenção ao livro *No outro lado do mundo*, em que ele escreve os seus primeiros ensaios em questões ambientais. Referiu-se à *Matriz energética*, outro livro destacado pela crítica literária, em que a ensaísta realizou uma pesquisa sobre o problema energético brasileiro desde a época de Dom Pedro II, ao inaugurar em 1879 a iluminação pública da Central do Brasil até os complexos hidroelétricos mais recentes do Brasil. No ensaio alude-se às novas energias: a solar, a foto térmica, a fotovoltaica, a eólica e a da biomassa, fontes energéticas em evolução em todo o mundo. Ela também se refere neste estudo biográfico sobre os seus livros relativos à transposição das águas do Rio São Francisco.

Neste livro de Déborah Pimentel, o leitor e o pesquisador poderão encontrar elementos dissertativos sobre o pai de família, o empresário, o político, o imortal da Academia Sergipana de Letras, o escritor e o amigo João Alves Filho, reunindo ainda os títulos e honrarias que ele conquistou na sua vida, para subsidiarem os seus artigos, dissertações e teses sobre temas, como as secas, as águas e a transposição das águas do Rio São Francisco, pois ele se dedicou a Sergipe e à Região Nordeste, com projeções para encontrar soluções ou medidas que atendessem às necessidades do povo e das classes menos favorecidas da sociedade.

No remate da sua obra, a autora apresenta detalhes da enfermidade de que fora acometido o ilustre biografado, com uma doença depressiva e com evidências do Mal de Alzheimer, o que determinou a Senadora Maria do Carmo a licenciar-se das suas atividades senatoriais para cuidar da saúde do seu esposo, que, com muitas dificuldades ainda geria, no final o seu mandato, o município de Aracaju. Com o estado de saúde fragilizado foi infectado com o vírus da Covid-19, vindo a falecer, em Brasília, a 24 de novembro de 2020.

Por todas estas considerações recomendamos a leitura do livro *João Alves Filho – A saga de um político nordestino*, obra da escritora e acadêmica Déborah Pimentel, que apresenta a história de vida do Imortal João Alves Filho, para a apreciação dos seus leitores, ressaltando

a personalidade do seu biografado não só pelos seus méritos como gestor público, mas, também pelos seus ensinamentos e pela sua produção escrita em favor de Sergipe e do Brasil.

José Anderson Nascimento

Presidente da Academia Sergipana de Letras



*Deve-se exigir de mim que eu
busque a verdade, mas não que
eu a encontre.*

Diderot

1

COMEÇANDO PELO FINAL

*A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era o fim...*

Mario Quintana

Em novembro de 2020, o país pós-eleições municipais, começou a viver a segunda onda da pandemia do *Coronavirus Disease - 2019*, ou simplesmente Covid-19, que teimava em ser ignorada pelo Governo Central, contaminando a população com seu exemplo negacionista e desprezo pelo vírus fatal e pela ciência. Apenas no mês de novembro de 2020 foram 13.263 vítimas no Brasil, acumulando um total de 173.165 vidas brasileiras.

Neste cenário nacional, João Alves Filho (JAF) morreu no dia 24 de novembro de 2020, aos 79 anos. Ele estava internado desde o dia 18 daquele mesmo mês, quando sofreu uma parada cardíaca, na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Sírio-Libanês, em Brasília e que complicou-se com a infecção por Covid-19, um vírus fatal, negado e subestimado por muitos, como uma simples gripezinha.

O Covid-19 é uma doença contagiosa decorrente da infecção pelo vírus SARS-CoV-2 da família Coronavírus e o primeiro caso registrado da doença foi em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. De lá, espalhou-se pelos quatro cantos do mundo que se transformou, e já não é mais o mesmo (LESCURE *et al.*, 2020; SANCHE, 2020).

O enfrentamento da atual pandemia baseia-se na adoção de medidas de distanciamento social, através do isolamento social domiciliar e

evitando aglomerações. Entretanto, as eleições municipais levaram os candidatos, correligionários e simpatizantes para as ruas, e as pessoas ao esquecimento sobre a vigência de um surto da Covid-19 (RODRIGUES, 2020; FARIAS, 2020; ZAHARIEVA, 2020).

Era na capital federal que JAF residia com a sua esposa, a Senadora Maria do Carmo Alves. JAF sofria de Alzheimer e recebia cuidados intensivos, desde o ano anterior, quando passou por duas outras complicações decorrentes da doença. A despeito do seu diagnóstico reservado, JAF passou a fazer parte das estatísticas das vítimas da Covid-19.

Com 45 anos de vida pública, JAF fez parte de cinco grandes partidos políticos: Aliança Renovadora Nacional (Arena) de 1975 a 1979; Partido Popular (PP) de 1979 a 1980; Partido Democrático Social (PDS) de 1980 a 1985; Partido da Frente Liberal (PFL) de 1985 a 2007; e do Partido Democratas (DEM) de 2007 a 2020.

Com um histórico de ter sido prefeito duas vezes, Ministro do Interior no governo de José Sarney e governador de Sergipe por três gestões, tornou-se o político de maior apelo popular, com grande relevância e reconhecimento público, e o maior número de expressivas e importantes obras estruturais do estado de Sergipe.

JOÃO VOLTOU PARA CASA

No dia 30 de novembro de 2020 às 11h30, no Aeroporto Santa Maria, as cinzas de João Alves Filho chegaram em Aracaju, que o recebeu com muita tristeza. Pessoas foram para as ruas para recebê-lo e dar o último adeus. Eram anônimos e homônimos chamados de João, pessoas simples.

A urna com as cinzas, dentro de um chapéu de couro, foi entregue por familiares à Guarda de Honra, na chegada da capital sergipana. O chapéu de couro era uma marca icônica que representava um dos seus mais importantes projetos de Governo. O Projeto *Chapéu de Couro* teve o apoio do Banco Mundial e beneficiou a região do agreste e semiárido com a perfuração de poços artesianos e a construção de cisternas, além da abertura de estradas vicinais, redes de energia elétrica, escolas e postos de saúde, para os municípios sergipanos. Sim, era ele que se despedia: *João Chapéu de Couro* dava adeus ao seu povo com todas as honras de Estado.

Presentes neste momento solene, muitas autoridades estaduais e municipais. Foi executado um toque de silêncio e em seguida a urna

foi conduzida ao carro do Corpo de Bombeiros, para a realização do cortejo fúnebre. Sobre o carro dos bombeiros, as cinzas transitaram pelas principais ruas da cidade que JAF tanto amou, passando por pontos importantes e icônicos de suas múltiplas gestões, desde a linda Orla da Atalaia à ponte Construtor João Alves que liga Aracaju à Barra dos Coqueiros, o maior e mais lindo cartão postal da cidade e que tanta dor de cabeça lhe trouxera na época do Governo Lula que tentou asfixiar Sergipe sem recursos financeiros. *João Coragem* enfrentou a ira do presidente e construiu a ponte com recursos do próprio Estado.

As pessoas que tanto o admiravam, compungidas, assistiam ao cortejo e abriam espaço aplaudindo para a última passagem de *João do Povo*. O Estado e a capital sergipana decretaram luto por três dias.

Foi levado para o Palácio Museu Olímpio Campos e em local de destaque foi exposta a urna, dentro de uma caixa de acrílico transparente e sobre ela, o capacete de engenheiro e o famoso chapéu de couro. Lá estavam os seus familiares, a esposa, a Senadora Maria do Carmo e os seus três filhos, Cristina, Ana e João Neto. Em uma homenagem silenciosa, mas de muito peso emocional e político, Ana Alves, sua filha do meio, que acabara de perder as eleições para a Câmara de Vereadores, usava um chapéu de couro. Muita simbologia de caráter positivo, quiçá uma promessa de que não desistirá de dar continuidade à obra dos pais e que enveredará disputando cargos eletivos.

HOMENAGENS

JAF recebeu as merecedoras e múltiplas homenagens das autoridades brasileiras e sergipanas e principalmente do povo anônimo com quem JAF mais se identificava.

Presentes e fazendo uso da palavra, estavam o governador de Sergipe, Belivaldo Chagas, do Partido Social Democrático (PSD) que disse que sempre fez oposição ao governante, mas nunca à pessoa de *JAF, que foi o maior líder de Sergipe dos últimos tempos e era um homem bom, que não guardava rancor e nem ódio no coração*; e o prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira Filho, do Partido Democrático Trabalhista (PDT) ao qual se filiou após 39 anos de militância no Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e que acabara de ser reeleito ao cargo, unguido pelas urnas no segundo turno.

O Prefeito Edvaldo Nogueira acompanhou as cerimônias de homenagens póstumas ao ex-governador e ex-prefeito João Alves Filho, desde a chegada das cinzas no aeroporto e participou da solenidade de recepção no Palácio Museu Olímpio Campos. Em nome dos aracajuanos, ele prestou condolências e homenagens e disse:

O falecimento do ex-governador, ex-prefeito e ex-ministro João Alves Filho, deixa uma lacuna muito grande na política e na administração pública. Seu legado é marcado por obras e realizações que marcaram profundamente a vida econômica, social e política de Sergipe. Lamentamos sua morte, mas sabemos que sua história e suas ações permanecerão vivas em Aracaju, no Estado e no país. É importante que saibamos reconhecer os líderes políticos e os gestores que contribuíram para o desenvolvimento de Sergipe e para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

O Prefeito de Salvador Antônio Carlos Magalhães Neto, presidente do Democratas (DEM), partido ao qual JAF era filiado, discursou lembrando do legado de João e da sua luta contra a transposição do Rio São Francisco:

Ele foi respeitado em todo o Brasil pelo seu posicionamento, firme e valente, de proteção ao Velho Chico. Era a maior autoridade no Brasil, em termos de conhecimento sobre o nosso manancial hídrico. Todos testemunhamos sua luta pela nossa região. Tenho muitas e boas recordações de João Alves Filho, ele que foi um dos melhores amigos do meu avô. João sempre me recebeu com muito carinho e me serviu de exemplo de referência. O sentimento hoje é de saudade, mas acima de tudo é a oportunidade de homenageá-lo.

Nesta ocasião, discursou também José Carlos Machado, amigo íntimo e presidente dos Democratas em Sergipe, que foi seu companheiro político de muitos anos. Machado também destacou o papel de JAF na defesa do Rio São Francisco, conhecido como o rio da integração nacional, com os seus 2.830 km que cruzam cinco estados brasileiros.

Nasce na Serra da Canastra e atravessa o estado de Minas Gerais e da Bahia, demarca ao norte a fronteira entre Bahia e Pernambuco e suas águas dividem os Estados de Sergipe e Alagoas até desaguar no oceano Atlântico (Brejo Grande em Sergipe e Piaçabuçu em Alagoas), ou seja, une duas regiões bem distintas do país, o Nordeste e o Sudeste. O Rio São Francisco era uma grande paixão de JAF e por ele lutou bravamente e pagou caro por isso.

José Carlos Machado também ressaltou a visão futurista de JAF e sua grande capacidade administrativa. Concluiu dizendo que *João era um homem simples, que tinha a todos os sergipanos como membros da sua própria família. Era amigo dos amigos e contagiava seus auxiliares de maneira muito positiva. E vaticinou: ele era um homem extraordinário e vai morar no panteão dos heróis defensores do Nordeste e na memória do povo sergipano.*

JAF poderia também levar a alcunha de *João Unanimidade*, principalmente, depois da morte. Claro que depois que o sujeito desencarna, vira um mito, um ícone, quando não um santo, e a quem todos se referem como um amigo inesquecível.

Outrossim, não era um João qualquer, mas aquele que efetivamente deixava um precioso legado para o povo sergipano em especial, pois fizera o maior número de grandes e imponentes obras que Sergipe podia contar e mensurar a importância.

Entre tantas mensagens de condolências, o Senador Rogério Carvalho do PT em Sergipe, também se manifestou em uma rede social:

Minha solidariedade com a família e amigos do Dr. João Alves, em especial minha colega no Senado, Senadora Maria do Carmo. João deixou sua marca em nosso Estado e seu legado está eternizado. Obrigado, João, por tudo que você fez pela nossa gente e pelo nosso Estado!

O Deputado Federal Laercio Oliveira (Progressistas) afirmou que JAF deixa a marca de um realizador visionário que sempre pensou no bem do seu povo e no desenvolvimento do seu Estado.

No discurso do presidente da Assembleia Legislativa de Sergipe, Luciano Bispo (MDB), o ex-governador JAF foi um dos maiores homens da história da política de Sergipe e para o desenvolvimento do Estado:

Sergipe deve muito a ele em termos administrativos, de obras e do social. João Alves foi um governo que olhou para todos os setores, ou seja, para o Estado, além de um crescimento econômico para Sergipe, [...] ele é o homem das barragens, João da Água, Chapéu de Couro, por fim, ele trouxe água, praticamente para todo o estado de Sergipe.

Luciano Bispo também anunciou que no dia seguinte seria votado, o que efetivamente aconteceu, e foi aprovado, o Projeto de Lei 21/2020 que restabeleceu o nome do prédio da Casa Legislativa para Palácio Governador João Alves Filho.

Discursaram ainda naquela tarde, os Deputados Estaduais: Gorette Reis (PSD) que foi gestora da Saúde de Aracaju, época em que JAF foi prefeito; o Deputado Georgeo Passos (Cidadania) que relembrou a amizade de seu pai Antônio e o seu avô Chico Passos que nutriam por JAF e arrematou que este foi o governador e o prefeito da capital que mais construiu e fez obras estruturantes para o povo de Sergipe: *João da Água ou João Chapéu de Couro, deixa um legado gigante*; Luciano Pimentel (PSB) afirmou que o nome do ex-governador simboliza desenvolvimento e cidadania para todo o povo sergipano:

Nós não temos na história política de Sergipe um nome com tantos significados como foi Dr. João. Tudo que tem de mais importante, como as principais obras, foram efetivamente trazidas por ele.

Outro parlamentar que homenageou JAF foi Garibalde Mendonça, deputado estadual, também engenheiro e que admirava JAF e a forma como ele apresentava os seus projetos para Sergipe:

Ele quase não falava no presente, e sim no futuro pós-obras. JAF é um homem além do seu tempo. [...] João era amigo dos amigos, como podemos ver neste último adeus, independente de posição partidária. Todas as forças estão unidas nestas merecidas homenagens, o que mostra o caráter e a personalidade que ele sempre teve.

Entre muitas pessoas presentes na cerimônia, de forma discreta, estava um dos seus ex-secretários, o médico Dr. José Hamilton Maciel Silva

que o auxiliou na pasta da Saúde, entre muitos outros homens e mulheres ilustres, que estavam despedindo-se do seu eterno governador.

Em momentos de pandemia da Covid-19, as máscaras permitiram que alguns fossem silenciosos, discretos e ou quase anônimos em suas respectivas homenagens, sem a necessidade de se identificar publicamente. João merecia que se saísse de casa, com todos os cuidados, álcool em gel nas mãos, máscara de proteção e se fizesse um último afago no querido *Negão*.

Após a sessão de tributos e honras no Palácio, novo cortejo aconteceu. Novamente transitou lentamente pelas ruas de Aracaju em direção à igreja onde seria realizada a última homenagem. A urna chegou no carro do Corpo dos Bombeiros, rodeada de várias coroas de flores e da Imagem de Nossa Senhora da Conceição, santa devota de JAF, ovacionado pela população enfileirada na porta da Igreja. Nem todos, entretanto, tiveram o privilégio de entrar naquela paróquia.

CERIMÔNIA RELIGIOSA

Em plena pandemia, onde as restrições de aglomerações eram severas, foi realizada a missa da Esperança pelo Sétimo Dia de morte de João Alves Filho na Paróquia N. Sra. Rainha do Mundo, construída por ele, há 40 anos, no bairro Médici, na capital sergipana, Aracaju. Foram reservados o acesso à igreja para apenas 100 convidados, entre eles, os familiares e as autoridades do Estado. Entretanto, milhares de pessoas acompanharam a cerimônia transmitida pelo canal *YouTube*.

Foi um momento revestido de múltiplas emoções e significados para os que tinham amor, apreço e respeito pelo homem simples, cujas cinzas estavam sob a bandeira dos Democratas, ao lado do capacete de engenheiro e do chapéu de couro, como um pedido para que os presentes nunca esquecessem os seus projetos voltados para o sertanejo.

O Governador Belivaldo Chagas, e Albano Franco, ex-governador, estavam sentados lado a lado.

Os Democratas estavam bem representados na figura de José Carlos Machado, citado pelo celebrante como o seu eterno escudeiro. A delegada Georlize Teles (DEM), ex-secretária de Estado da Segurança Pública e ex-secretária da Cidadania e Defesa Social de Aracaju, candidata nas últimas eleições à Prefeitura de Aracaju, orientada e apadrinhada por José Carlos Machado e pela mãe dos pobres, como também

é conhecida a Senadora Maria do Carmo Alves, também foi prestigiar aquele *Homem de Deus*, como JAF também era chamado.

Josenito Vitale, mais conhecido como Nitinho (PSD), presidente da Câmara Municipal de Aracaju, se fazia presente entre outros membros daquela casa.

Outros ex-secretários estavam nesta última homenagem a JAF, entre eles o seu amigo, o radialista e jornalista Carlos Batalha que foi seu Secretário de Comunicação e que prestou relevantes serviços nas suas empresas de rádio e jornal.

A missa foi conduzida por Dom Frei João José da Costa, o Arcebispo de Aracaju e Dom José Palmeira Lessa, Arcebispo Emérito de Aracaju. Ainda como concelebrantes: o Padre Valtewan Correia Cruz, confessor e amigo de JAF nos últimos 10 anos, a quem foi dado a honra da homilia; o Padre Marcelo Conceição; Padre José Lima Santana; e o pároco

oficial da igreja, o Padre Adrielson Carlos Santana. Naquela igreja ecoava a voz da maviosa cantora Amorosa, com louvores à Nossa Senhora.

Coube à sua irmã querida, companheira de muitas batalhas enfrentadas, e sua confrreira imortal da Academia Sergipana de Letras, Marlene Calumby, fazer a primeira leitura da noite, a Segunda Carta

de São Paulo aos Coríntios, como é conhecida a segunda epístola de São Paulo aos cristãos, residentes na cidade grega de Corinto. Paulo, neste documento, coloca-se como humilde servo de Cristo e ataca os falsos mestres que busca enganar os cristãos e afastá-los dos propósitos íntegros e retos e exorta-os a enfrentar com coragem as provações. Marlene Calumby tem enfrentado muitas dores, sob a forma de processos judiciais, em decorrência do seu papel ao lado do irmão nos últimos anos e precisa enfrentá-los com coragem. Será que havia alguma outra mensagem subliminar naquela epístola, acerca das suas próprias agruras enfrentadas, e dos legítimos propósitos dos homens envolvidos na política, cuidando da pólis e da sua gente? Só Deus, e ou talvez, Marlene, sabem das dores e das respostas.

Não sem razão essa missa da esperança pelo sétimo dia de morte de JAF era tão prestigiada pelas maiores autoridades eclesíásticas do

“ Foi o governador e o prefeito da capital que mais construiu e fez obras estruturantes

Estado. João era um homem religioso, homem de fé, católico praticante e que se confessava para poder receber o privilégio da comunhão.

Não sem razão, a missa era celebrada naquela paróquia que ele construiu e foi seu benfeitor há 40 anos como devoção à Nossa Senhora.

A HOMILIA DO CONFESSOR E DIRETOR ESPIRITUAL

Na homilia de Padre Valtewan Correia Cruz, da Paróquia São Pedro e São Paulo, homem de vasta cultura, com sólida formação teológica e pastoral, com mestrado em Teologia Moral e doutorado em Bioética pela Universidade Lateranense de Roma, percebemos a amizade que ele e JAF nutriam entre si. Precisaria efetivamente alguém com o lastro e cabedal cultural deste respeitado padre para que estivesse à altura de um interlocutor como JAF, que era portador de um humor fino e literalmente, era um estudioso e inquieto intelectual. Há 10 anos Pe. Valtewan tornou-se seu confessor e diretor espiritual, sucedendo o papel que Frei Miguel ocupou anos a fio na vida de JAF, mas que as mazelas da idade já não mais permitiam e Dom Luciano José Cabral Duarte, arcebispo emérito de Aracaju, que também foi o confessor de João e Maria.

Frei Miguel morreu aos 104 anos em 9 de janeiro de 2013 e tem um processo oficial de Beatificação desde 1 de novembro de 2018, na Paróquia São Judas Tadeu onde exerceu seu Ministério por várias décadas; processo esse aberto e conduzido pelo arcebispo metropolitano Dom José Costa Frade. Frei Miguel era um capuchinho que ficou conhecido como o Apóstolo de Aracaju e considerado pelo povo sergipano, um verdadeiro santo. JAF o queria muito bem, o amava e seguia as suas orientações e conselhos.

Pois bem, Pe. Valtewan assumiu este posto e recebia JAF na paróquia ou com muita frequência, em casa. Cada livro novo que JAF lia, tinha que oferecer também ao padre para que pudessem conversar e trocar ideias. Na realidade, o que JAF gostava mesmo, era de uma boa prosa e uma de suas principais satisfações era compartilhar seu conhecimento.

Conversar com JAF era uma fonte de enriquecimento cultural para qualquer pessoa. A casa do padre tornou-se uma verdadeira biblioteca. Quem conhecia e convivia com JAF sabe do amor dele pelos livros, do seu hábito da leitura e do prazer que tinha de presentear, com livros, os seus melhores amigos, e os desafetos também, pois tinha a expectativa que a leitura os tornasse menos obtusos e mais evoluídos.

JAF era uma máquina de trabalho e não parava nunca. Dormia pouco e lia muito. O padre admitiu que, às vezes, tinha vontade de oferecer uma penitência bem alta, porque JAF o avisava que chegaria às 8h e, no entanto, o padre era procurado entre 10 e 11 horas da noite. Os auxiliares bem conheciam este lado de JAF. Talvez por isso, houve uma certa descontração e os amigos riram naquele momento, ali na igreja.

Era unanimidade que a agenda e a pontualidade, com ele, eram sempre uma incerteza. Não raro, convocava assessores para acompanhá-lo para ver alguma obra e não havia hora certa de ir ou de voltar.

Em um depoimento de Etelvina Apolônio, sua eterna secretária, desde os 18 anos de idade, e que foi chefe de seu gabinete, disse que ele era um homem bem-humorado e que não fazia cara feia, porém quem estava com ele tinha que abraçar os seus sonhos. *Ele era um homem fiel aos seus princípios e determinações. Ele não tinha hora de acordar e nem tão pouco de ir dormir, com ele não tinha sábado, domingo e nem feriados* (CORREIO DE SERGIPE, 2020).

Além do que, JAF era um homem inquieto, como só as mentes criativas são, e era um imediatista também, quando acordava de madrugada com alguma nova ideia, ligava para o Secretário da pasta imediatamente, independente da hora, para tentar executar o seu plano.

Pe. Valttewan confidenciou que nos últimos anos, conhecedor da sua doença de caráter evolutivo, JAF passou a procurá-lo cada vez mais, como uma forma de se reconciliar com Deus e contar com a proteção especial da sua madrinha Imaculada Conceição. Afirmou também que talvez por ser casado com Maria do Carmo passou a ter uma devoção especial pela N. Sra. do Carmo e não tirava o seu escapulário do peito.

Falou ainda que JAF no seu último governo dividiu por muito tempo, até o final da obra, o seu salário de governador, com a Igreja São Pedro e São Paulo que precisava de uma grande reforma estrutural: *Deus proverá, neste momento a igreja precisa mais deste dinheiro do que eu.*

Os últimos anos, na percepção do seu diretor espiritual, foram anos duros e difíceis, mas não só por causa da sua doença, e teoriza que não morremos quando cessa a vida, mas na medida que vivemos, morremos também. As pessoas morrem quando sentem saudades, quando precisam enfrentar uma doença sem cura, quando sentem a traição dos amigos, quando as pessoas que amamos não correspondem ao amor,

quando se sentem credores por terem feito tanta coisa por todos e se veem absolutamente sozinhos.


Quais seriam as múltiplas mortes de JAF às quais o seu confessor se referia? Aquelas frases metafóricas estariam escondendo quais verdades e quais dores da alma que perturbaram João no seu fim de vida?

Certamente, naquele momento, os presentes naquela cerimônia, tiveram a oportunidade de fazer um exame de consciência sobre as suas relações com JAF e como cada um contribuiu para as suas pequenas mortes em vida, decepcionando-o e frustrando-o. Oxalá tenham pedido perdão e clemência divina para os seus pecados.

Pe. Valtewan na sua homilia, trouxe Mateus que nas Escrituras diz: *vigiai e orai, pois não sabeis nem o dia e nem a hora, porquanto não cabe a vós saber quando será este tempo*. Ele nos disse o que é sabido, mas não refletido nas nossas ações: a vida é breve e precisamos dar um sentido à nossa vida, pois é isso o que conta, é o que fica. JAF deu sentido à sua vida: cuidar do seu povo, da pólis, no exercício diário da política. E trouxe ainda a imagem do Papa Bergoglio, o nosso Francisco, que diz que o verdadeiro pastor tem o cheiro das suas ovelhas. João se misturava com suas ovelhas e tinha cheiro de povo. Era um homem simples, até no aspecto físico, para alguns, até simplório, mas sua alma, humanidade e sua generosidade eram imensas, arrematou o seu confessor.

No final da cerimônia, ao som da cantora Amorosa, a imagem de N. Sra. da Conceição foi trazida nos braços do filho herdeiro de JAF, João Alves Neto ou Joãozinho como é conhecido por muitos, e do seu enteado, com quem tem uma relação paternal, o jovem advogado Guilherme Monteiro Chagas, filho mais velho de sua fiel e escudeira companheira Roberta Pinheiro Monteiro.

Dom Lessa se manifestou no final da cerimônia e disse que o poder político é um espaço cristão de serviços ao bem comum, pois política é convergência de forças e JAF trabalhava com todos para todos, pois sabia dar espaço aos adversários políticos com humildade e elegância. No final do seu discurso sugeriu à família, ideia apoiada por Dom João José, que as cinzas fossem para casa com a senadora e na missa do

**João Alves era
uma máquina
de trabalho
e não parava
nunca** 

trigésimo dia, 24 de dezembro, voltassem definitivo para aquela igreja e que fosse feita uma placa de honra para o registro, como lápide. Por tradição apenas padres e bispos costumam ser enterrados dentro das igrejas. JAF quebraria o paradigma devido à sua dedicação àquela casa sagrada e que muito contribuiu para a sua edificação.

2 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

A vida é a infância da imortalidade.

Johann Goethe

Filho de Maria de Lourdes Gomes e do construtor João Alves, JAF nasceu no dia 3 de julho de 1941, na capital sergipana, que ele tornou ainda mais bonita. JAF era o primogênito de uma prole de três filhos de D. Lourdes e era chamado de Jaques pelos seus irmãos; o segundo era Roberto, chamado de Bob e que tinha em JAF um amigo, ídolo, compadre e confidente; e a caçulinha querida dos pais e dos irmãos, Marlene. Neto de uma mulher marcante Luísa Vieira Gomes. Porém, o construtor João Alves teve e assumiu mais 10 filhos de mães diferentes (Jairo, Murilo, Marcos, Cândida, Eliane, Jane, Joelma, Terezinha, Nadja, Josélia).

O pai de JAF era muito conhecido pela capacidade de seduzir corações femininos, sempre desfilando em carrões de luxo nas ruas de Aracaju. Todos conheciam o velho e as placas dos seus carros pelos quais sentia uma verdadeira fixação (Itamarati, Fort Landau, Galaxi, Comodoro, Diplomata, Ômega) e que invariavelmente terminavam em 1717.

O preço desta vida boêmia foi cobrado mais adiante com as consequências instaladas das doenças venéreas adquiridas, inclusive a sífilis (CALUMBY, 2015). No fim da vida, vivia com o seu último amor, sua segunda esposa com quem viveu 26 anos e que com ela não teve filhos, uma jovem que conheceu quando ela ainda tinha 16 anos, que cuidou dele zelosamente, Ediêda Barroso dos Santos.

Da união com D. Lourdes, a imortal escritora Marlene Alves Calumby, era a caçula do construtor João Alves. Esta filha tão amada

nasceu em 21 de outubro de 1950 e, segundo o depoimento de Maria do Carmo, ela era o xodó da casa.

Seu João era um pai muito bom com os filhos e não negava recursos para os estudos. Era provedor, mas, ausente nas refeições, nas viagens e comemorações familiares. Vivía para o trabalho e para as suas aventuras amorosas.

Já D. Lourdes, tentava suprir tudo isso e era dedicação plena aos três filhos. Chegou um tempo que o velho construtor decidiu sair de casa e ser livre para viver suas histórias amorosas, sem subterfúgios. Entretanto, o jantar dos sábados era com D. Lourdes e as crianças e

**“ Além de ser
carinhoso e
cuidadoso com
os irmãos, era
uma espécie de
modelo para eles**

nada lhes faltava. Durante toda a sua existência, ele tinha em D. Lourdes, mesmo separados, um porto seguro, pois ela era a sua confidente sobre os problemas do seu cotidiano.

Justo pelo fato de o construtor João Alves ter tantas mulheres, a referência em casa, era o filho mais velho, JAF, além de ser carinhoso e cuidadosos com os irmãos, era uma espécie de modelo para eles, principalmente nos estudos e no comportamento em geral. João sempre se destacou, era primeiro lugar em tudo, recebia medalhas de honra ao mérito, por aplicação e comportamento. JAF fazia, muito bem, a primeira figura de referência paterna.

O pai nunca abandonou a casa. Moravam inicialmente na Avenida João Ribeiro. Era um chalé, estilo francês, herança da irmã do construtor João Alves que o criou, Cândida. Ia lá diariamente e os dois filhos mais novos, Marlene e Roberto iam e voltavam do Colégio Jackson de Figueiredo com ele.

Como os irmãos João e Roberto gostavam de jogar ping-pong, o futebol de mesa, como chamamos na atualidade, o pai mandou construir uma mesa de dimensões oficiais e todos os domingos tinha em casa, um campeonato com os colegas dos meninos, especialmente os de João, que eram internos do colégio Jackson de Figueiredo. Dentre eles, destacava-se o imortal da Academia de Letras de Propriá, Olímpio Seixas, por quem JAF sempre nutriu amizade e manteve um excelente relacionamento por toda a vida.

A mãe de JAF, praticamente adotava aquela turma toda, e era o seu pai que ia no internato pedir licença para os internos irem depois da missa, para o tal campeonato dominical.

Olímpio Seixas era como um filho para D. Lourdes e se fazia presente todos os domingos, participando do campeonato. Um belo dia, idos dos anos de 1958/1959, Olímpio que já falava bem o inglês, vai para os Estados Unidos aprimorar-se e faz por lá um curso de hipnotismo. Quando ele voltou, as manhãs de domingo ficaram mais movimentadas, porque Olímpio ia hipnotizar a turma. E funcionava com muitos. Virou atração e tinha fila nos domingos, pois as pessoas queriam conhecer o mago do hipnotismo.

Roberto gostava de futebol e oscilava nos estudos, JAF era linha dura com ele, e Marlene nove anos mais nova, tentava seguir os passos do irmão mais velho, tido como ídolo. Como JAF era um leitor compulsivo e o pai não media esforços com relação aos estudos dos filhos, dentro de casa não faltavam livros e JAF estimulava a irmã caçula a ler e a escrever.

No Colégio Jackson de Figueiredo, D. Judite Oliveira e professor Benedito Oliveira tinham o hábito de fazer com que os alunos, antes de entrar em sala, *formassem*, ou seja, entrassem em uma fila para cantar o Hino Nacional e lá existia um púlpito onde as crianças e os jovens o usavam antes de entrar em sala, para declamar uma poesia ou ler um texto que tivessem escrito. João incentivava Marlene e até a ajudava a escrever as coisas que ela deveria falar naquele púlpito.

ARACAJU CRESCE EM DIREÇÃO AO MAR

JAF aos 12 anos, em companhia do seu pai, no alto da Colina Santo Antônio, podia observar a linda Aracaju. Sempre foi um sonhador por natureza. Vale a pena registrar mil vezes, a cena que gostava de lembrar, sempre afirmando sentir o calor da proximidade do corpo do seu pai, ali, juntos, sentados, lado a lado, no crepúsculo do dia, na amurada que delineia a pequena praça localizada no alto da colina do Santo Antônio. Em um determinado dia, quando seu querido pai, o velho construtor João Alves, põe um dos seus braços sobre os seus ombros e com o outro estendido, apontava pontos alhures daquela bela paisagem, que ia de um verde acentuado à qual forrava a linha do horizonte como sendo um invólucro por vários quilômetros, até alcançar o azul lívido do mar,

lá bem afastado onde a vista mal conseguia alcançar (CALUMBY, 2015; CALUMBY, 2011).

Como um nato ser humano que enxergava além do comum, o velho construtor garantia ao filho, que sempre sonhou a certeza do seu amado pai: *esta cidade, meu filho, é do mar e vai crescer muito em direção às praias* (CALUMBY, 2015; CALUMBY, 2011).

Seu pai, o renomado e pioneiro empresário construtor João Alves, sempre o levava quando criança, pelos bairros de Aracaju, lhe transmitindo, pelo singelo gesto de segurar sua mão, a sensibilidade de quem pulsava amor por Sergipe, terra tão querida onde ele nasceu e aflorou o seu peremptório amor telúrico (ALVES FILHO, 1994).

Eles costumavam ir até a altura do Bairro Santos Dumont; da zona sul, limitada à época pela Fundição, Carro Quebrado e Apicuns, aos fundos da Igreja de São José, ele ouvia atentamente, conversava com parcimônia, convivia com sabedoria, com pedreiros, ajudantes, mestres de obras, carpinas e marceneiros. JAF sempre se colocou como um igual perante a todas essas pessoas; procurando aprender, sentir realmente seus modos de vida, absorvendo os influxos de humanidade, sempre tão à mostra nas pessoas mais humildes que falam o que sentem (ALVES FILHO, 1994).

JOÃO-DE-BARRO

Nos pequenos detalhes, JAF estava determinado a se transformar em um engenheiro. Desde cedo na escola, as disciplinas que mais se dedicava eram, aritmética (aquela parte da matemática que lida com operações numéricas: soma, subtração, divisão e multiplicação), desenho e ciências. Os seus passatempos, por excelência, versavam em quebra-cabeças que, após serem pacientemente armados, ofereciam recinto a um majestoso castelo ou a uma ponte. Por todos esses fatores, nunca passou pela sua cabeça a ideia de ser diversa coisa que não engenheiro civil.

O construtor João Alves foi quem introduziu o filho, desde criança, na admirável atividade da edificação de residências – o tesouro mais respeitável da família, como sempre entoava com inefável destemor. Era dentro desse clima de aspirações e sonhos que JAF era levado, ainda criança, para as obras, portando, contente, o seu capacete de engenheiro, arrajando-se cada vez mais na aptidão de João-de-barro.

Foi, indubitavelmente, a figura que mais exerceu autoridade sobre a gênese profissional de JAF, o que o ajudou a traçar o seu íntegro caráter. Um fator particular que cabe mencionar é o de que o pai imprimiu nele a primazia absoluta pela ética no trabalho.

Seu avô paterno, Francisco José, mulato repleto de simpatia, conhecido corriqueiramente como Chicão, era um humilde canoeiro do São Francisco. Foi habituado a conviver na metodologia do impossível, aprendendo a não abaixar a cabeça, jamais, ante as amplas provocações que a vida lhe infligiu (ALVES FILHO, 1997).

O construtor João Alves era dotado de uma personalidade fascinante, órfão de pai e mãe, além de nascido de família extremamente carente, é o arquétipo perfeito, versão sergipana do que a população americana tanto reverencia como *self-made man*. Esta expressão é um clássico cunhado em 2 de fevereiro de 1832 por Henry Clay no Senado dos Estados Unidos da América, para descrever indivíduos cujo sucesso estava dentro dos próprios sujeitos (homem feito por si mesmo) e não em condições externas.

Os seus
passatempos,
por excelência,
versavam em
quebra-cabeças

Após uma dura vivência enfrentando percalços assombrosos, foi vaqueiro, servente, pedreiro e, finalmente, mestre-de-obras. Conseguiu se transformar no distinto líder da edificação civil da sua geração, estabelecendo um empreendimento de construção que produziria um original contorno urbano à capital aracajuana (ALVES FILHO, 1997).

Foi dessa maneira que podemos apreender em como se sedimentou em camadas, cada vez mais densas, os sentimentos de humanismo em JAF, que por certo, direcionaram o seu admirável destino. Foi dessa fase na vida de JAF, conduzida pelas mãos do forte construtor João Alves, misturado aos operários da construção civil, pelos canteiros de obras da periferia da sua querida Aracaju, que ele pôde aprender as valiosas lições da sua vida, que justamente moldariam de forma definitiva a sua intrépida personalidade.

Além do empreendedorismo do seu pai, pode-se afirmar que havia duas outras características bem mais importantes que magnetizavam JAF: sua postura serena e o seu olhar que passava firmeza, determinação e transmitia tranquilidade em qualquer situação. No fundo, ele

sabia que as lições mais importantes e duradouras que seu velho pai lhe deixariam, seriam a forma tranquila de enfrentar as dificuldades, contornar obstáculos e enfrentar caminhos tortuosos.

Morava na Rua do Carmo e estudou no Educandário Nossa Senhora de Fátima, aluno da zelosa professora Umbelina Barbosa, no bairro onde morava, o Santo Antônio. O menino desde a tenra idade já gostava de acompanhar o seu pai e as obras por ele edificadas, e gostava de ouvir o seu velho e as suas visões futurísticas que vaticinavam o crescimento da cidade que certamente iria se espriar em direção ao mar (CALUMBY, 2011).

Depois do exame de admissão foi aluno do Educandário e Colégio Jackson Figueiredo que era liderado pelos professores Judite e Benedito Oliveira. Era um colégio privado e conceituado, o que ratificava a real percepção dos sacrifícios financeiros dos pais para promover uma educação qualificada (CALUMBY, 2011).



JAF e a sua lambreta.

3 DO ESTUDANTE DE ENGENHARIA À FUNCIONÁRIO DA CONSTRUTORA ALVES

*Escolhe um trabalho de que gostes e
não terás que trabalhar nem um dia na tua vida.*

Confúcio

JAF era um menino muito aplicado e por ser determinado, era disciplinado, também. De alguma forma, ele sabia que era um predestinado e que tornar-se-ia um grande homem. Só, talvez não soubesse, ou não tivesse dimensão, do que o futuro lhe reservaria e que poderia se tornar, algum dia, um político tão influente e que deixaria marcas de tal monta em muitas gerações.

Começou a cursar o científico, que hoje chamamos de curso médio, no Colégio Jackson de Figueiredo. É desta fase que conhece Albano Pimentel do Prado Franco, que estudava no mesmo colégio e depois tiveram um grau de amizade muito intenso.

Foi no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, que JAF estudou o seu segundo ano científico. Lá, foi aluno da renomada professora de matemática Olga Andrade Barreto, casada com João Gomes Cardoso Barreto, que mais adiante foi Secretário de JAF, inicialmente na Prefeitura de Aracaju e depois em outras gestões de Governo.

Quando certa feita, conversando com sua professora D. Olga, sobre o seu futuro profissional e qual efetivamente seria o melhor caminho a trilhar, ela lhe disse: *você é um grande aluno de matemática, sua família é uma família ligada à construção. Eu acho que o melhor caminho para você é na engenharia.* Já naquela época, em 1960, JAF já era um faz tudo

na empresa do pai, assumiu o cargo de diretor técnico da construtora, período de grande aprendizado e um ano depois foi estudar em Salvador.

O desejo do pai, a experiência prévia na construtora e o conselho de sua professora, foram determinantes.

O último ano do segundo grau, ele cursou em Salvador, uma vez que em Sergipe não havia o curso de engenharia e o sonho do seu pai era ter um filho engenheiro. Não se sabe ao certo, o que se passava na cabecinha daquele jovem, se era para atender a vontade paterna, ou se ele vislumbrava o sucesso que o aguardava no futuro e ele honrou o desejo do seu velho tendo sido aprovado no vestibular em Salvador.

Ele foi para a Bahia, fazer o seu terceiro ano científico no Colégio Central, que era referência de escola pública, tal qual o Atheneu, em Aracaju. Fez vestibular e foi bem classificado na Escola Politécnica da Bahia. Ele tinha um amigo sergipano que fez engenharia com ele na mesma época, colegas de turma, José Ribeiro, irmão do médico Marcelo Ribeiro. Saíam juntos de Aracaju para Salvador no trem Estrela do Norte, que partia às 18h.

Seu irmão, Roberto, foi estudar em Cruz das Almas, e graduou-se engenheiro agrônomo. Marlene, a caçula, teve a oportunidade de estudar interna na Sacramentina, em Salvador, fez o pedagógico em Aracaju, pela Universidade Federal de Sergipe, Ciência Jurídicas pela Universidade Tiradentes (Unit) e inúmeras pós-graduações, tornando-se mais tarde Imortal da Academia de Letras de Sergipe e Academia Sergipana de Educação.

Sua vida em Salvador não era fácil, tivera que se afastar do conforto da família e da presença constante dos amigos e buscava consolo na Igreja Senhor do Bomfim. Sim, JAF, orava muito.

Amiguelo e de fácil relacionamento, fez muitos amigos, alguns mais, outros nem tanto, entre eles, dizem, uma celebridade Gilberto Gil, que estudava administração. Aliás, a Escola de Administração da Universidade Federal de Bahia (UFBA) é uma referência na formação de profissionais para o mercado de trabalho, o publicitário Nizan Guanaes, Antônio Carlos Peixoto de Magalhaes Junior e Mário Kertész, entre tantos outros graduaram-se ali. Bons tempos.

**O seu contexto
sempre foi
caracterizado por
uma emulação
familiar humilde**



Em suas lições de vida, constatamos que JAF durante a década de 1960, em seu período universitário na Bahia, pôde conviver com grandes mentes do seu tempo, exemplificado por Glauber Rocha, seu ilustre contemporâneo. JAF sempre foi de aprender ouvindo a conversa dos homens imersos em seu cotidiano (ALVES FILHO, 1994).

É desse riquíssimo período, também, que JAF percebeu que a engenharia era realmente, sua vocação por excelência, e quaisquer que fossem os destinos da sua vida, só poderia se sentir realizado de forma plena, sendo um eterno mestre de obras.

Foi indubitavelmente nessa época que JAF sentiu nascer nele, ainda que indefinidos, os primeiros sentimentos de inconformismo pela injusta divisão de classes sociais em nossa sociedade, e, mesmo sem ele vislumbrar como, tinha plena consciência e convicção de que haveria, em algum dia futuro, de ser um agente para ajudar a moldar as bases da edificação de uma sociedade mais desenvolvida e, sobretudo mais justa (ALVES FILHO, 1994).

O seu contexto sempre foi caracterizado por uma emulação familiar humilde, serena e digna, o calor humano dos peões construindo casas, derramando suor na água da mistura do barro, areia e cimento, enxadas e pás firmes nos músculos retesados, mas, também os banhos de mar na praia do Bairro Industrial, o futebol nos campinhos do Bairro Santo Antônio, onde ele nasceu e se criou, as matinês, a emoção da primeira namorada, os estudos em Sergipe, a Bahia, o fervor estudantil dos anos incendiários da década de 1960, são lembranças que sempre marcaram e delinearão o jeito de ser de JAF (ALVES FILHO, 1994).

A devoção pelo trabalho é um aspecto predominante em seu jeito de agir e enxergar as coisas. A ternura incomensurável por Aracaju, pela sua gente sofrida, por Sergipe, Nordeste e o Brasil são características que nunca se fizeram ausentes nos seus mais essenciais clamores. Seu pai, o construtor João Alves, sempre se proclamou como sendo um exímio mestre de obras. JAF como um bom filho obsequioso, sempre esteve nas suas construções, quando criança e como jovem, e não na simples e cômoda posição de filho do patrão, mas assumia com ímpar responsabilidade as funções mais variadas, tais como: desenhista, apontador, e até muitas vezes como motorista de caminhão que ele dirigia pelas ruas de Aracaju, transportando barro, areia ou pedras (ALVES FILHO, 1994).

A outra grande lição que ficou gravada em JAF, nessa fascinante quadra da sua vida, é que ele nunca enxergou nenhum trabalho como inferior; todo trabalho sempre foi nobre. Aprendeu a cultivar uma verdadeira devoção ao trabalho, e aprendeu que nada poderia ser conquistado sem muita luta, determinação e muito esforço.

Ele foi incentivado pela firmeza e determinação do seu pai, um exemplo de dedicação ao trabalho duro, e a quem Aracaju como cidade, tanto deve, pelo seu pioneirismo, que, acalorado pelo entusiasmo contagiante de tantos trabalhadores humildes com quem conviveu, dos quais sempre recebeu força telúrica de mãos que a lida diária intumescce e encouraça, optando, logo cedo, pela arte da construção, tornando-se engenheiro civil pela Universidade Politécnica da Bahia (ALVES FILHO, 1994).

DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA À UNIVERSIDADE DE HARVARD

Devemos destacar que da sua passagem pela Universidade da Bahia, ficou muito mais do que somente a marca do aprendizado técnico-profissional, pois aquele período foi o melhor e de maior aprofundamento de sua personalidade humanística, da sua predileção pelo social, e, sobretudo, de sua percepção mais racional do cristianismo. Na realidade, seu sentimento cristão lhe foi incutido desde a sua mais tenra infância, pela sua querida mãe, Maria de Lourdes, que, com sua inestimável ternura e sua identificação com os mais humildes, seria o contraponto da sua personalidade, ao pragmatismo herdado de seu pai (ALVES FILHO, 1994).

Mas, a bem da verdade, seria a sua participação na Juventude Universitária Católica (JUC), que lhe proporcionaria intimidade com os grandes pensadores cristãos, da mesma forma que a lancinante participação na política estudantil lhe induziria ao aprofundamento da filosofia, da sociologia, da história e da economia.

A partir dessa fase da sua vida, JAF passou por uma verdadeira metamorfose: aliaria ao seu espírito, moldado pelos princípios da objetividade, tão obcecado pela racionalidade, pelas ciências exatas, por uma cultura que privilegiava apenas resultados claros e insofismáveis, a outra faceta que conciliaria os sonhos e as realizações do espírito. Desde então, JAF nunca mais foi o mesmo.

Vale destacar que dois outros panos de fundo influenciariam grandemente a formação da sua personalidade: por um lado, a Bahia que vivia na época sua fase de ouro nas artes, sob os influxos do grande reitor Edgard Santos, um genuíno mecenas, fundador da Escola

“ Sua experiência nas lides estudantis, desenvolvendo as suas habilidades de comunicação

de Teatro e da Escola de Músicos da Bahia; por outro lado, era um período de intensas agitações políticas, de uma fase pré-revolucionária, no início da década de 1960 (ALVES FILHO, 1994).

Desse ambiente febril lhe ficaram duas características marcantes: seu devotado amor às artes, especialmente pela literatura, música e teatro; e uma intensa preocupação pelo social, que anos depois viria a germinar em sua pulsante e incontida vocação política.

Registre-se o seu importante papel na política estudantil: foi redator do jornal universitário, *O Construtor*, que tinha como objetivo defender os interesses dos estudantes da UFBA.

Certamente essa sua experiência nas lides estudantis, desenvolvendo as suas habilidades de comunicação e lideranças, favoreceria no futuro, sua vida pública. Como resultado dessas lideranças nas agremiações acadêmicas foi escolhido como representante nacional em evento nos Estados Unidos, onde permaneceu por 40 dias, com uma bolsa de estudos. Seu pai, muito orgulhoso, fez um esforço imenso e comprou dólares para seu filho levar e não se sentir privado com uma bolsa que era muito limitada. O velho construtor espalhou, para Deus e o mundo, aquela novidade: um filho seu, por mérito, indo para os Estados Unidos para estudar.

O tema do trabalho que ele levou para a América era *Como resolver os problemas do Nordeste brasileiro* e nesse, o estudante de engenharia tratava da questão da água, e era inspirado nos seus ídolos, os estudiosos Celso Furtado, Josué de Castro e Caio Prado (CALUMBY, 2011).

Nos Estados Unidos conseguiu, em Washington, na Associação Universitária Interamericana, estender o seu período de permanência na Universidade de Harvard. Quando visitou a Organização dos Estados Americanos (OEA) se candidatou também a outra bolsa para ao final do curso de engenharia, cursar especialização sobre barragens. E foi assim que JAF trouxe para casa um diploma cobiçado da Harvard University,

após breve período de estudo na renomada instituição de ensino americana, de 6 a 28 de julho de 1962, participando de um seminário especial intitulado *American life and institutions*, no programa *Inter American University Association by The Harvard Summer School and Office of Latin American Studies* (CORREIO DE SERGIPE, 2020; CALUMBY, 2011; ALVES FILHO, 1994).

As matérias que tratavam dos temas urbanismo e barragens lhe fascinavam. Buscava autores que lhe agregassem valor, a exemplo do urbanista Jaime Lerner, que o marcara de forma determinante, com desdobramentos nunca imaginados.

Quando nas férias do curso de engenharia que cursava na Bahia, JAF ajudava a empresa do pai como estagiário, com funções que variavam entre ser o motorista de caminhão, transportando material para as obras ou mesmo, elaborando plantas-baixas de casas ou de conjuntos habitacionais (CALUMBY, 2011; ALVES FILHO, 1994).

ERA MOTIVO DE ORGULHO DO PAI

O tocador de obras, o velho construtor João Alves construiu casas e sonhos. Nunca se deixou abater por seus problemas, sendo suas utopias as maiores condutoras de energia na sua vida. Sua aspiração mais preciosa foi realizada mais precisamente em 1965, quando seu devotado filho JAF angariou com muito esforço e merecimento, o título acadêmico de Engenheiro Civil, graduado pela renomada Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Estava assim solidificada uma das suas grandes metas na vida, ocasião em que proferia: *‘O que mais posso desejar? Ter meu filho ao meu lado na construtora!’*.

E assim foi por alguns anos. Eles dividiram habilmente o comando da Construtora Alves.

Algum tempo depois, JAF foi estimulado pelo próprio pai, a abrir a sua construtora.

Para que possamos entender as raízes de JAF e a sua vocação para a construção, necessário sempre lembrar o seu DNA.



JAF, o estudante de engenharia.



JAF na sua colação de grau pela Escola Politécnica da Bahia.



Diplomação em Engenharia Civil na Escola Politécnica da Bahia.



JAF e seu pai, o construtor João Alves em um canteiro de obras.

4 A ORIGEM

*A verdadeira felicidade está na própria casa,
entre as alegrias da família.*

Léon Tolstoi

O pai de João Alves Filho (JAF), nasceu em 6 de julho de 1921. Era um *sel-made man*, nascido em Urubú de Cima, região de Propriá, filho de D. Joventina Rodrigues Alves e de Seu Francisco, um vendedor ambulante e irmão de Cândida. Homem simples, estudou até a sétima série, era um guerreiro, empreendedor e que venceu, deixando um legado extraordinário para a capital sergipana e muito orgulho para seus 13 filhos.

Chegou na capital sergipana em 1927. Era um pequeno órfão, marcado por uma história trágica, bem nordestina e machista, com enredo de ciúmes e traições. Seu pai matara a sua mãe e o seu amante. Foi preso e morreu vítima de tuberculose, mas não há registros se a morte ocorreu enquanto ainda estava recluso.

Foi levado para Aracaju, pela sua irmã Cândida, mais velha e que era quase uma mãe. Ela o encaminhou na vida. O matriculou no Grupo Escolar General Valadão e lá ele fez o curso primário e ingressou com bolsa, graças ao seu desempenho escolar, no Colégio Tobias Barreto. Inicialmente fazia carregos no mercado, transportando as compras das pessoas, e o seu primeiro emprego foi em um depósito de material de construção, no bairro 18 do Forte, com um tio, irmão do seu pai, que tomou conta dele como um filho, com quem e onde aprendeu muito e desenvolveu o seu gosto para a construção civil. O seu trabalho consistia em fazer o transporte de tijolos e areia no lombo de um burro com cangalhas e caçuás. Mas, ele observador, acompanhava cada

ação dos mestres de obra e dos pedreiros e conseguia rapidamente calcular o custo da construção daquelas casas. Aquilo lhe inebriava (CALUMBY, 2015).

Quando o velho João estava com 18 anos, através de sua irmã Cândida, conseguiu emprego no Departamento de Estradas de Rodagem (DER). Por conta deste emprego largou os estudos.

Inicialmente trabalhou como auxiliar de almoxarife e depois como apontador de obras, graças ao seu empenho e amizade com José Rollemberg Leite, um jovem engenheiro chefe do Setor de Estradas e Rodagem, e que anos depois tornou-se governador de Sergipe por duas vezes. Este acreditava no trabalho daquele garoto, tornando-o companhia constante nas operações que o seu departamento realizava por todo o estado. Aquele período foi a sua escola e lá aprendeu tudo o que deveria saber para transformar-se em um grande construtor (CALUMBY, 2015).

Ele com sua companheira fiel, D. Lourdes, construíram com as suas mãos, tijolo por tijolo, a própria casa na Rua do Carmo, lá no alto do Bairro Santo Antônio. A partir de então, década de 1940, não parou mais de construir casas (CALUMBY, 2015).

Em 1953, de forma ousada, fundou a Construtora Alves Ltda, líder da construção civil em Aracaju por 50 anos, deixando sua marca registrada em obras que repaginaram a capital, consolidando núcleos de expansão urbana, como o Bairro São José, entre vários conjuntos residenciais que marcaram época (Agamenon Magalhaes, Castelo Branco, Amintas Garcez, entre muitos outros), sob a égide do Bispo de Aracaju, D. Fernando Gomes e com o apoio do Governador Arnaldo Garcez, em campanhas de remoção das favelas do centro de Aracaju, e a decisiva participação do construtor João Alves neste imenso programa, construindo casas populares para os menos favorecidos (CALUMBY, 2015).

O construtor João Alves revolucionou o mercado imobiliário financiando com os próprios recursos, as construções e por conseguinte, sendo precursor do Sistema Financeiro de Habitação.

Da década de 1940 à década de 1970, o construtor João Alves mudou aspectos arquitetônicos e urbanísticos de Aracaju levando água, luz e pavimentação nas regiões onde levava seus projetos.

Marlene Calumby (2015), em seu livro sobre o seu pai, traz referências sobre a rotina do velho, descrevendo para os nostálgicos aracajuanos, lugares pitorescos que permanecem apenas na memória

dos mais velhos: o desjejum no Café Paris, na esquina da Rua Gerú com Itabaianinha, sempre lendo os jornais do dia; o almoço que era no Hotel Marozzi, no Cacique, ou na Churrascaria Gaúcha; e aos sábados a feijoada do Hotel Pálace. A tarde passava no Ponto Chic para receber os jornais que vinham do sul do país e fumava um charuto cubano. Depois, não dispensava um cafezinho no Café Império ou Aragipe; uma boa prosa na Livraria Monteiro ou um bom filme no Cine Rio Branco, ambos na Rua João Pessoa. Em novembro de 1998, o velho construtor, que tantos sonhos financiou, favorecendo a muitos, a aquisição da casa própria, nos deixou.

Agora dá para compreender de onde vem o gosto pela engenharia de JAF: corre no sangue, está nas veias, a questão é o DNA.



Dona Lourdes, a mãe de JAF



Dona Lourdes, com os três filhos JAF, Roberto e Marlene.



A avó Luiza, a mãe Lourdes, Maria do Carmo, o pai construtor João Alves e JAF

5

JUVENTUDE, CASAMENTO, FAMÍLIA E FILHOS

*Trabalha como se vivesses para sempre.
Ama como se fosses morrer hoje.*

Sêneca

Conheceu uma jovem chamada Maria do Carmo, uma moça muito bonita, por quem se apaixonou perdidamente. Estava em um momento efervescente e enriquecedor da sua vida. Os caminhos de Deus lhe aproximariam daquela que iria marcar todos os grandes passos da sua vida desde então: uma fiel companheira, prestativa amiga e o grande amor da sua vida (ALVES FILHO, 1994).

Ela nasceu em um engenho, às margens da Lagoa Salomé, em um sábado, ao meio-dia, em Cedro de São João, em Sergipe. E foi assim, no dia 23 de agosto de 1941 que nasceu a filha de Seu João Batista Nascimento e de D. Marinete Alves do Nascimento.

Maria vinha de uma família numerosa (16 filhos: 11 criados, sendo sete mulheres e quatro homens). João Batista e Margarida eram os irmãos mais velhos. Margarida, ou simplesmente Margá, era o xodó de todos, pois quando a mãe viajava era ela que assumia menores e permitia que eles fizessem tudo o que a mãe proibiria. JAF e ela se entendiam muito, pois a filosofia e o gosto pela leitura os aproximavam. Os outros filhos eram: Maria das Dores, Maria das Graças, chamada de Menininha, Maria do Carmo, José Alves Neto ou Netinho, como é conhecido entre alguns amigos, Jorge, Olegária, Paulo, Cecília e Cida.

Maria estudou no Grupo Escolar Manuel Dantas em Cedro de São João, aluna das professoras queridas, D. Marieze que era muito

brincalhona, e de D. Maria de Beijo, sabe-se lá por quais razões carregava este sugestivo e carinhoso nome. A tia Marinalva Alves acompanhava de perto, os passos dos 11 sobrinhos e colaborava com o reforço escolar de todos.

Fez o ginásio e científico no *colégio das freiras* como toda boa moça prendada, de boa família, daquela região. Era assim que era chamado o internato do Ginásio Nossa Senhora das Graças, em Propriá, nas margens sergipanas do Rio São Francisco, onde seu pai tinha um depósito de açúcar e era fornecedor para aquela região. Daquele período traz recordações afetivas das freiras, Irmã Patrocínio e Irmã Aurora (OLIVEIRA, 2016).

Antes de vir para Aracaju, Maria ainda foi aluna da Escola Técnica de Propriá e lá estudou contabilidade (Escola de Comércio de Propriá). Propriá era uma cidade progressista, o comércio estava em alta e tinham excelentes professores: adorava as aulas dos professores Campos e Leão Magno Brasil.

Depois Maria foi para a capital sergipana para enfrentar o vestibular de Direito pela Universidade Federal de Sergipe. Tinha cinco irmãos que enveredaram para a Medicina, mas o que ela queria mesmo era ser advogada. Foi colega de turma de Laete Fraga, que ficou famosa com os casos na área de família e do ex-senador Albano Franco. Não há de se esquecer que fez militância estudantil, participando das atividades do Centro Acadêmico Sílvio Romero.

E ELE CHEGOU NA VIDA DE MARIA

Maria morava em um pensionato em Aracaju, e JAF encantou-se com a beleza brejeira de uma menina vinda das margens do Velho Chico.

Quando JAF estudava na Bahia, já namorava Maria do Carmo, ou Carminha, como assim era chamada entre familiares e amigos.

Maria diz que JAF adorava contar a história de que um cego leu a mão daquela menina e vaticinou: *vai casar com esse negão que está ao seu lado, de terno de linho branco, estudante de engenharia civil na Bahia.*

A chegada de JAF na vida e na família de Maria do Carmo foi muito bem-vinda. Era chamado carinhosamente de o *Negão da família.*

No dia em que JAF anunciou que iria almoçar e pedir a mão da moinha em casamento, diante da demora de sua chegada, todos ficaram

muito preocupados. Será que ele havia desistido de fazer o pedido? Era a festa de noivado. Naquela época não havia celular e a comunicação era mais lenta e difícil. A preocupação era visível em todos. Quando deu 2h da tarde, uma pessoa foi lá na casa da família com um bilhete escrito pelo jovem JAF, na capa de um talão de cheque, avisando que houvera um acidente em Japaratinga e alguém o levou para o hospital mais próximo. Não tinha sido nada grave, só o susto duplo: o dele e o da família de

“ A chegada de JAF na vida e na família de Maria do Carmo foi muito bem-vinda.

Maria que já imaginara que ele estava fugindo do compromisso de noivado.

Quando mais adiante marcaram novo evento em família, um jantar, ele derrubou um vaso de suco na mesa. Estava nervoso, estabonado, gesticulando muito e bateu o braço na terra de feijão. Enfim, JAF a partir daí foi

apelidado em família de *João Balança*. Balançou a estrutura da casa de sua Maria do Carmo e balançou o coração da mocinha.

A família de Maria gostava muito de JAF. Foi aprovado e abraçado no seio daquela tradicional família. João era um homem muito educado, cortês, alegre, espontâneo, sorriso largo e gargalhada farta. Homem elegante nos gestos e ações. Era um sedutor.

Aquele relacionamento evoluiu e três anos depois, já após a sua volta para Aracaju que se deu em dezembro de 1965, logo após a sua graduação, época em que trabalhava na construtora do seu pai, casaram-se. Este casamento foi consagrado dia 1º de julho de 1966.

Contraiu belo matrimônio com Maria do Carmo, encontrando nela, acertadamente, a esposa companheira de todos os momentos, a que sempre esteve ao seu lado nas agruras que a vida lhes apresentou; e, sobremaneira, a inspiradora permanente de seus melhores ideais: o eterno amor da sua vida.

A cerimônia foi realizada na cidade ribeirinha Propriá e foram para Aracaju de lua de mel. As núpcias foram inicialmente, na capital sergipana, passaram por Salvador e chegaram no Rio de Janeiro, no dia 3, data do aniversário do jovem João Alves. Foram dias absolutamente lindos e perfeitos para um casal apaixonado.

Visitaram os pontos clássicos da cidade considerada por muitos como a mais bela capital brasileira, senão a mais bela cidade do

mundo. As praias de Copacabana e Ipanema são absolutamente sedutoras. A estátua do Cristo Redentor, no alto dos seus 38 metros no topo do Corcovado com a cidade aos seus pés abençoava a todos. Lá de cima, foi possível ver praticamente toda a cidade do Rio de Janeiro em uma visão deslumbrante e de onde pode-se observar o pôr do sol. Lá refizeram as juras de amor. Dia seguinte, Jardim Botânico e em seguida, foram de bondinho para o alto do Pão de Açúcar, um pico de granito com teleféricos até seu cume. Tudo era motivo de risadas e de construção de cumplicidade, mantida ao longo de todos estes anos.

E assim, João e Maria foram felizes para sempre, nos intervalos da vida real. Cada um com o seu jeito próprio de ser: João mais espontâneo, Maria mais reservada. João mais emocional, Maria mais racional. Equilíbrio perfeito para as vicissitudes da vida que iriam construir juntos: *prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, por todos os dias da nossa vida, até que a morte nos separe.*

A CHEGADA DOS FILHOS E A VIDA DOMÉSTICA

*Filhos... Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-los?
Se não os temos
Que de consulta
Quanto silêncio
Como os queremos! [...]*

*Noites de insônia
Cãs (cabelos brancos) prematuras
Prantos convulsos
Meu Deus, salvai-o!
Filhos são o demo
Melhor não tê-los...
Mas se não os temos
Como sabê-los? [...]*

*Bebem xampu
Ateiam fogo*

*No quarteirão
 Porém, que coisa
 Que coisa louca
 Que coisa linda
 Que os filhos são!*

Vinicius de Moraes

O pai de JAF, o dono da famosa Construtora Alves, tinha grande tino comercial e comprou no bairro São José, grande área de mangue. Quando JAF se casou com Maria do Carmo, que passou a se chamar Maria do Carmo Nascimento Alves, foi morar em uma casa da Construtora Alves, justo naquela região, na Guilhermino Resende, esquina com Rabelo Leite.

A queixa que Maria do Carmo tinha era que quando a maré enchia, batia no muro da casa. A cidade de Aracaju, fica abaixo do nível do mar e padece muito destas mazelas que as marés promovem até hoje. Os filhos iriam chegar algum dia e Maria não queria morar ali.

Entretanto, chegou Maria Cristina do Nascimento Alves, a filha mais velha do casal que nasceu lá, em 28 de abril de 1967. Era chamada de Tina pelo pai, mas sua mãe, sempre a chamou de Cristina. O apelido carinhoso, Tina, ela leva consigo vida a fora. Quando JAF, entretanto, a chamava de Maria Cristina, era sinal que viria uma tempestade. Ela conhecia os sinais.

Depois, JAF comprou um terreno e construiu uma casa onde nasceram os filhos Aninha e Joãozinho. Entre Tina e Aninha teve a vinda de André, parto difícil a fórceps e a criança não resistiu. Tema tabu, pois o casal sofreu muito com aquela perda que JAF atribuiu a um erro médico. Maria tentava minimizar a dor e argumentava para o marido que *Jackeline Kennedy, esposa do presidente dos EUA também perdera um bebê nessas mesmas circunstâncias, então talvez não tivesse sido incompetência médica, mas 'coisas da vida', mas JAF sentia raiva e carregou essa dor pela vida.*

Cristina acredita que aquele trauma interferiu muito, na forma protetora de seu pai se relacionar com o seu irmão, João Alves Neto, o caçula, pois este nasceu prematuro, com seis meses e 20 dias. Naquela época, há 47 anos, foi um milagre ele ter sobrevivido. Ficou cerca de três meses na UTI aos cuidados do famoso médico pediatra Dr. José Machado de Souza. Cristina complementa:

A gente sabe o lugar especial que um filho homem tem, em uma família nordestina; com todas as divisões e todas as distâncias de quem já fez e faz muita terapia.

Uma das imagens mais fortes que eu tenho, aos seis anos, é a da gente indo pegar João Neto na maternidade. Meu pai tinha um Galaxy e era um carrão [...]. Foi um evento familiar, fomos todos pegar Joãozinho na maternidade e ele era tão pequenininho que cabia assim na palma da mão, depois de ter passado esse tempo todo na incubadora na UTI. [...] e eu me lembro que meu pai tinha tanto cuidado [...] ele passava o dia todo fora trabalhando, e quando ele chegava, a mamadeira da noite era ele que dava [...] eu nunca vi meu pai fazer isso nem comigo, nem com Ana, nem com ninguém, só um filho homem mesmo, para conquistar de meu pai, aquela maternagem.

Eu me lembro que já naquela época eu olhava aquela cena e dizia, 'ah, mas eu queria isso também pra mim'. Se aquilo era provocado em mim, provavelmente em Ana também, que era menorzinha e tinha 3 anos.

João Neto sempre teve um lugar muito especial por conta desses cuidados iniciais, para além dessa questão de gênero; depois que ele superou esse início de vida, ele sempre teve uma saúde de ferro.

A casa de João e Maria era bem grande, na Des. José Sotero, ao menos era essa a percepção e as lembrança de Cristina, a filha mais velha. Era a maior casa da rua. Tinha árvores e uma horta: o sonho de toda criança. Não havia muitas casas e os irmãos tinham muita liberdade para sair e brincar na rua, reunindo-se com a garotada da vizinhança. As crianças *aprontavam* muito. Mas a mãe sempre estimulou que as crianças chamassem toda a vizinhança para dentro de casa para brincar, mas tudo tinha um limite, se saísse do *script*, D. Maria castigava.

A primogênita do casal lembra que na vizinhança havia uma casa de taipa, bem pobre e a mãe ajudou a melhorar a casa daquela senhora, cujos filhos eram seus amigos. Maria já era vocacionada para servir aos menos abastados.

Sua filha Aninha, ratifica a vocação que Maria do Carmo tem para o social e lembra que a Habitacional, quando sob o comando de sua mãe, antes de ser lei, já tinha instituído uma série de benefícios para os seus

funcionários: alimentação, serviço médico e odontológico. Maria sempre pensou nos menos favorecidos. E continua:

Maria, é uma grande mulher [...], uma mulher simples, porém de muita atitude e está muito à frente do seu tempo [...] quando não se falava de várias coisas, seja como família, seja como empresária, seja como parlamentar, ela sempre foi muito à frente. Maria, quando a gente montou a empresa, dizia assim: 'como é que eu posso ser dona de uma construtora e o meu funcionário morar numa casa de taipa? Vamos fazer a casa dele, sala, cozinha, banheiro, dois quartos, uma área de serviço [...]'.

Cristina foi a primeira neta do lado paterno. Quando nasceu, os seus avós já não moravam juntos. Entretanto ela sempre teve um lugar especial no coração de sua avó e da bisavó que moravam juntas.

Quando a mãe de JAF recebia a neta, parava o que estivesse fazendo para dar atenção, brincar, fazer comidinhas especiais. Justiça seja feita, o avô agia da mesma forma, mas na história com seu avô havia um *porém*. Como ele tinha uma vida fora dos padrões morais vigentes na época, em uma cidade provinciana como Aracaju, com muitas namoradas, Maria do Carmo, mulher conservadora, tinha as suas reservas e não deixava as crianças irem tanto na casa dele, e quando permitia, era com recomendações.

João e Maria, um jovem casal como qualquer outro, no início da vida profissional e com filhos pequenos para sustentar, trabalhavam muito no período da primeira infância das crianças, quer na empresa, quer, mais tarde, na política. Tina, por ser a filha mais velha sempre teve um olhar maternal para os seus irmãos e essa relação perdura até os dias atuais com ambos, muito mais com Ana e um pouco menos com João Neto. Trata-se de um cuidado e um olhar materno que vai além da questão fraterna. Tina sentia que precisava cuidar deles também. Seu pai era uma figura muito ausente e estava trabalhando muito, construindo e consolidando a Habitacional.

Aquela segunda casa na qual moraram era enorme, e lá JAF montou um gabinete para ele, bem grande, com os livros e os discos, eram LPs, guardados em um imenso baú. O gabinete ficava na frente da sala e

dava para a entrada da casa. Quando JAF estava em casa, ele se sentava naquele gabinete e o sonho de criança, da filha mais velha, era entrar lá e ficar mexendo nos livros e escutando as músicas clássicas que ele adorava, em companhia dele. Tina queria ficar lá, pois sabia que algo muito especial existia naquela sala a ponto de prender o pai lá dentro. Parecia ser um lugar mágico, cheio de livros, música, mistério e um homem distante que sua filha primogênita, tanto idealizava.

O hábito da leitura adquirido por Cristina e o sabor especial na audição de músicas clássicas, vieram daquela época, como um legado do seu pai. JAF deixava as crianças entrar no gabinete, ocasionalmente; não era um lugar proibido, mas só entravam quando ele estava lá, de fato; de resto, ficava fechado.

Porquanto tudo isso, Maria era uma figura mais acessível para as crianças nessa época, ainda que ela também trabalhasse muito.

Como Maria gostava muito de músicas religiosas, e cantava na igreja, com uma voz afinada e sonora, as crianças cantavam também, mas o prazer mesmo das meninas, era ouvir os astros da jovem guarda. Brigavam por eles, Tina amava o rei Roberto Carlos e Aninha amava o príncipe Ronnie Von.

Os sábados pela manhã, era um terror dentro de casa, inclusive para as empregadas domésticas, pois era o dia que Maria ia fiscalizar a limpeza da casa; muito exigente saía passando o dedo nos móveis.

Tina relata que dia de sábado sobrava para todo mundo no quesito limpeza e organização. Quando sua mãe entrava no quarto, se estivesse bagunçado,

dona Maria não era brincadeira, era no grito mesmo 'Maria Cristina, venha arrumar seu quarto, esses livros!' e eu me tremia; me lembro que dava até uma dor na barriga; Aninha levava mais na calma e tudo mais, mas eu como filha mais velha, sempre quis fazer tudo muito certinho.

Eram crianças levadas e receberam umas boas surras de D. Maria. Dr. João não precisava bater, bastava chamar pelo nome completo e todos ficavam *pianinhos*. Há um episódio, entretanto, que marcou Tina. Aninha tinha *aprontado* alguma coisa, no sítio que eles tinham em Santo Amaro, e colocou a culpa em Tina, coisa de irmãos. Tina disse ao pai que era

inocente naquele episódio, mas o pai não acreditou porque sabia da grande cumplicidade entre as duas. Ele pisou no pé de Tina e puxou sua orelha, deixando-a esticadinha. Doeu, mas ficou assustada e não acreditava que o pai tivesse feito aquilo, não condizia com a imagem dele.

Eu me lembro que fui dormir numa mágoa imensa, porque eu preferia a surra de Maria do Carmo do que o que ele tinha feito. No outro dia ele confessou que não tinha conseguido dormir, estava arrependido e me pediu desculpas. Nos abraçamos e tudo passou.

ADOLESCÊNCIA DOS FILHOS

Pelo fato de serem as mais velhas, com diferença de apenas três anos de idade, as meninas aproximaram-se mais ainda, uma irmã protegia a outra nas *armações* típicas da adolescência.

Os filhos não deram muito trabalho na adolescência, até porque os pais eram muito rigorosos e não deixavam sair sem um controle da situação. Não eram mais *levados* ou menos, do que qualquer outro jovem.

Adolescentes são praticamente todos iguais, só mudam de endereço. Tina e Aninha acobertavam uma à outra quando queriam encontrar namorados e quando queriam dormir na casa das amigas.

Quando os pais viajavam, eles davam festa dentro de casa: uma bagunça! Joao Neto não participava muito dessas coisas. Numa destas oportunidades na ausência dos pais, chamaram vários amigos para irem para a fazenda em Propriá e ficaram o final de semana inteiro lá. João Neto estava junto porque ele amava a fazenda, alugaram um barco *tototó* e foram passear no Rio São Francisco.

Era um bando de jovens, talvez uns dez entre amigos e namorados das meninas. João Neto, muito exibido, subiu no barco *tototó* e mergulhou de cabeça no rio, que estava raso naquela época. O menino chorava muito, tiraram-no do rio e ele gritava que ia ficar tetraplégico pois o seu pescoço doía muito. Foram parar no hospital em Propriá, para fazer um Raio X. E se aquele menino, que berrava tanto, tivesse mesmo quebrado o pescoço? O que diriam aos pais quando voltassem para casa. Enfim, nada no pescoço de João Neto, só um frio na espinha das duas meninas.

Quando Tina tinha cerca de 17 anos e acabado de ser aprovada no vestibular de Direito da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ela e

Aninha pediram aos pais para irem a uma boate na Atalaia, próxima ao local onde hoje é o Bar do Joel. Claro que a resposta era não.

Tina tinha marcado encontro com o namorado e Aninha com um paquera. As duas montaram uma cena em casa e fugiram para os respectivos encontros na boate. Não fizeram bem-feito e deixaram alguma pista. Uma vez lá, de repente, um amigo avisa que o pai das meninas, o governador do estado, estava lá fora, na frente do estabelecimento. As duas fugiram pelo fundo da casa noturna, com ajuda daquele amigo que as levou de carro para o Palácio de Veraneio, onde moravam. Depois souberam que o pai e os seguranças entraram na boate à procura das duas e que os namorados das garotas ficaram congelados, imaginando que seriam arrastados, levados pelos seguranças e seriam literalmente torturados.

Quando o pai chegou em casa elas estavam bem deitadinhas na cama e enroladas, fingindo dormir, porém sequer respiravam: *eu sei onde vocês estavam, podem dormir e amanhã a gente conversa.*

São histórias que quando mais tarde, adultas, puderam compartilhar e rir com o pai.

ESCOLHAS PROFISSIONAIS E A SAÚDE DO CLÃ

Cristina não sabia o que queria fazer como escolha profissional. Pensou em Serviço Social, mas seu pai alegava, com um certo preconceito, que ela não teria como se sustentar no futuro. Na época, namorava um rapaz que não tinha dúvidas sobre a escolha profissional e queria fazer Direito. Como sua mãe era advogada, acreditou aquela ser uma escolha natural. Por ser uma excelente aluna foi facilmente aprovada no vestibular. Levava o curso com facilidade, mas não se identificava e estava infeliz.

Os pais sempre estão assustados com os problemas de saúde que seus filhos eventualmente apresentam. Os filhos de João e Maria também deram preocupações neste quesito.

Quando Cristina estava no 5º período da Faculdade de Direito, adoeceu. Começou a sentir dores nas pernas, foi em vários especialistas e ninguém dava o diagnóstico. Certa noite com muita dor foi dormir na cama de sua mãe e de madrugada já não conseguia mais se levantar e não mexia as pernas.

JAF estava viajando em missão nos Estados Unidos da América. Maria nunca se furtou em tomar decisões rápidas e chamou o neurologista,

Zairson Almeida, que deu o diagnóstico dizendo que só conhecia aquela patologia através dos livros: polineurite por esquistossomose. Fez uma indicação de um colega em São Paulo e embarcaram juntos, a mãe, filha e o seu tio materno, médico, Netinho.

Uma ambulância já estava esperando no aeroporto e os levou até o Hospital Santa Catarina. Trânsito na Av. Paulista estava infernal e quando a ambulância acendeu as luzes e começou a tocar a sirene, aquele mar de carros se abriu. Experiência que encantou mãe e filha. Nunca esqueceram este episódio.

O diagnóstico e as primeiras prescrições do neurologista sergipano se confirmaram. Netinho foi receber o cunhado no aeroporto de Guarulhos e o levou para São Paulo para ver a filha. O encontro foi de pura emoção. Conversou um pouco com a filha, com seu jeito habitual de ser, muito carinhosos, fez afagos, beijou e abraçou, viu que ela estava bem e foi fazer o que sabia fazer de melhor: trabalhar na sala ao lado.

Isso mobilizou muito Cristina a ponto de ter febre e demonstrando grande mau humor.

A tia Cecília, como sempre, já estava ao lado de Maria, em São Paulo, como uma boa irmã e parceira. Aliás é uma tia por quem todos nutrem carinho e muita gratidão. Registre-se também que os irmãos de Maria são muito unidos. Pois bem, foi a tia Cecília que percebeu o que poderia estar afetando aquela mocinha além do normal: ainda era saudades do pai. Não se sabe o que foi que Cecília conversou com JAF, na sala ao lado, mas ele veio rapidinho para dar mais atenção à sua primogênita.

A convalescença de Cristina foi lenta, pois ela ficou sem andar. Aos poucos com a medicação, e a fisioterapia, os movimentos foram voltando e ela começou a andar de muletas até conquistar a recuperação plena.

Tina e Aninha sempre tiveram a percepção que era o seu pai que fazia o papel feminino com carinho e acolhimento exercendo a maternagem dos três filhos. Era carinhoso, abraçava muito, beijoqueiro e declarava amor para cada um dos filhos, diferente de sua mãe, que demonstra carinho e preocupação com ações que passam ao largo do aspecto físico, do toque, e do abraço. Ela é pragmática e objetiva, ele, um sentimental.


Estava no 5º período do curso de Direito, com boas notas, porém extremamente insatisfeita, atravessara uma doença que literalmente a imobilizou. Não queria mais.

Naquela conversa com o seu pai, no leito do hospital, Cristina anunciou que o curso de Direito a fazia infeliz e que iria trocar o curso, mas que a princípio queria fazer um intercâmbio, a exemplo de sua amiga Lenora, filha de Viana de Assis, padrinho de sua irmã. A mãe não conseguia ouvir direito aquilo ali. *Incompreensível alguém largar na metade, um curso importante. O conselho era: você já está no meio do curso, vá até o final, pega seu canudo e depois decide o que você quer fazer.*

Primeiro, JAF resistiu, mas depois cedeu. Anos mais tarde confessou que os amigos dele o desaconselhavam a não permitir aquela viagem, a filha poderia se perder e quem iria se casar com ela, quando voltasse? Reflexos de uma sociedade machista e provinciana. JAF que teve uma experiência na juventude, nos Estados Unidos da América, sabia quão importante para o amadurecimento emocional e intelectual, o contato com outros povos e culturas. Tina ficou nove meses na Inglaterra. Horizontes se abriram.

Quando Cristina voltou da Europa, o pai era Ministro do Interior e ela foi morar com ele. Transferiu o curso para a UnB, para Direito ainda, e mesmo oficialmente matriculada em direito, fazia todas as matérias de psicologia. Quando a UnB entrou em greve voltou para Aracaju, conheceu José Edivan do Amorim e por paixão, largou o curso e foi fazer administração.

Enquanto fazia o curso de Administração, Cristina trabalhava na empresa do pai, na área de recursos humanos. Ela e Aninha, na verdade, desde adolescentes, nas férias, sempre trabalharam na Habitacional, por cobrança materna. Uma parte das férias era no sítio de Santo Amaro com total liberdade para brincar, e a outra metade, ela pegava um ônibus com a marmita e ia para Aracaju para trabalhar meio período na Habitacional e voltava ou com a mãe ou de ônibus novamente. Fazia de tudo na empresa, era um misto de secretária e de *office-boy*, ia no banco com 13, 14 anos para resolver coisas de adultos, pagar contas, depositar, receber. Sua mãe alegava que era para que amadurecessem e dessem valor ao trabalho e ao dinheiro.

Cristina 
trabalhou em
todos os setores
da Habitacional

Cristina trabalhou em todos os setores da Habitacional: no financeiro, na contabilidade, em várias coisas. Quando estava na faculdade começou a ganhar mais dinheiro na empresa, e quando se casou, o seu pai pediu que ela fosse trabalhar com Valmir, no setor pessoal. Nessa época, a Habitacional estava passando por reformulações e seu pai tinha contratado uma empresa de consultorias de São Paulo. Esse grupo decidiu montar um departamento de Recursos Humanos (RH) e começou a procurar alguém para assumir a função. Fizeram várias entrevistas, lá dentro da empresa, e alguém sugeriu que entrevistassem Cristina. Não aconteceu por sugestão dos pais. Aliás, os pais resistiram de todas as formas, pois acreditavam que ela era muito nova e imatura e não daria conta.

Darcy era a psicóloga que fazia as entrevistas e disse que JAF e Maria do Carmo estavam sendo injustos com a filha. RH já era a sua paixão desde a faculdade, sempre lhe deu um brilho especial no olhar. Darcy teve que se comprometer que ela e Valmir dariam um suporte especial a Cristina para ela assumir o cargo e que a levariam para São Paulo para conhecer empresas que eles assessoravam. Cristina foi fazer estágio na Método e depois na Fiat e na volta assumiu o cargo de gerente de RH na Habitacional.

Depois a administração ficou insuficiente para Cristina. Queria ir mais longe. Sonhar outros sonhos e se desgarrar dos projetos da família para ter o seu, próprio. Quando o curso de Psicologia surgiu em Aracaju, ela se matriculou na Universidade Tiradentes (Unit), já formada em administração, como portadora de diploma e lá se graduou.

Já Aninha, sempre quis ser apresentadora de TV, pois era apaixonada por Silvio Santos, mas tinha receio de dizer do seu desejo por jornalismo aos seus pais. Sua mãe queria que ela fosse advogada e seu pai queria que um dos filhos fosse arquiteto ou engenheiro civil. Não havia outras opções.

Se inscreveu na Universidade Federal de Sergipe para o vestibular de História, mas perdeu o horário da prova. Fez a inscrição e depois o vestibular, escondida, na Faculdade Tiradentes e não revelou que havia sido aprovada, com medo da reação dos pais. O Prof. Jouberto Uchôa, Reitor da hoje Universidade Tiradentes (Unit), encontrou JAF casualmente e lhe deu os parabéns. *Tem alguma coisa para nos contar, Aninha?* Perguntou o pai. Teve que confessar o feito e saiu correndo para o quarto com medo da repercussão, que não houve. Estava feito.

Aninha sempre teve a saúde frágil desde menina e suscitava preocupação e proteção. Não fez intercâmbio no exterior, como Cristina, por isso também. Eles não permitiriam. Queriam protegê-la, mas invertiam o jogo, deixando a responsabilidade nos seus ombros. Sua mãe lhe perguntava: *e você vai ter coragem de nos deixar?* Não teve e talvez tenha se arrependido.

Aninha teve várias experiências, durante o curso de Jornalismo, como estagiária, uma delas foi acompanhar um dos maiores comunicadores de Sergipe, o radialista e policial civil Otoniel Amado, conhecido como Baretta, que tinha um programa de ocorrências policiais, no submundo. A realidade crua do mundo cão chocava Aninha. Era tudo o que seus pais não desejavam para ela. Passou. Outras experiências vieram. Chegou a produzir o programa de André Barros. Foi mais tranquilo e menos traumático.

Na Habitacional, Aninha assumiu todos os cargos, exceto o financeiro e a presidência. Não gostava de rotina e isso incomodava a sua mãe que queria que ela trabalhasse em horário comercial. Maria não conseguiu ter de Aninha, a disciplina desejada. Era motivo de desavenças.

HIPOCONDRIACO

João Alves se cuidava muito. Fazia caminhadas diariamente e se preocupava em garantir uma alimentação saudável. Mas, diga-se de passagem, JAF também pregava sustos na família no quesito saúde. Ele era um hipocondríaco e vivia tomando remédios e vitaminas. Alegava que era para retardar o efeito do tempo.

Um dia, ele estava trabalhando em casa, depois de ingerir tantos remédios, vomitou e teve diarreia com sangue. Havia um ajudante de ordem dele, capitão Nilton, que chamou uma ambulância e o levou para a emergência do Hospital São Lucas. Enquanto esperava uma vaga na UTI frente a gravidade, o capitão ligou para os três filhos. Maria estava em Brasília. João Neto, morava mais perto e chegou primeiro. JAF, entretanto, ficava cobrando a presença de Cristina que demorou mais a chegar porque morava na Farolândia, mais distante do hospital. Esta deixou as crianças com o marido e foi ver o pai. *Ainda bem que você chegou, agora está tudo bem*, disse o pai segurando a sua mão. João Neto ficou muito magoado e zangado. Ciúmes de irmão.

Foi Cristina que o acompanhou até a UTI. Era assistido pelo gastroenterologista Jilvan Pinto que também o acompanhou até São Paulo. Foi transportado em um jatinho, uma UTI do ar, lá chegando, foi operado. Uma cirurgia no trato digestivo. O seu órgão de choque, frente a qualquer estresse, eram o estômago e intestino que respondiam. Contrariedades lhe davam diarreia e ou vômitos.

Cristina e João Neto o acompanharam até São Paulo, e depois João Neto voltou rápido para Aracaju, porque sua esposa Roberta Monteiro, estava em trabalho de parto, dando à luz a pequena Malú.

Todas as vezes que JAF precisou ser internado, Cristina era a filha que estava diuturnamente ao lado dele. Nas suas reflexões, Cristina acredita que só depois de adulta é que de fato pode se aproximar mais do pai, agora mais humano, como a menina sempre desejou. A política funcionava como uma sombra entre eles.

Nos momentos de maior fragilidade de JAF, Cristina se aproximava mais ainda do seu pai, que saía da posição de pai-herói idealizado, para a de humano, bem real. Foi assim até o final da vida dele. Por morar em Brasília era ela que dava suporte à mãe e ao pai, estando presente, diariamente, na vida dos pais, fazendo o seu luto com ele ainda vivo, porém desconectado.

Por alguma razão espiritual ele ainda está ali, ele ainda não fez essa passagem, e aí cabe a mim estar junto dele. Quando ele olha para mim, eu tenho absoluta consciência que ele me reconhece. Às vezes, acho, que ele não reconhece outras pessoas, mas eu acho que a mim ele reconhece, sim.

Ele quase morreu e sobreviveu, várias vezes, na sua fase final de vida, com o Alzheimer aprisionando-o. Da penúltima vez, fui lá conversar com ele e disse 'meu pai, se for sua hora, vá embora, você está preocupado com a minha mãe, mas eu estou aqui lhe dizendo, que eu vou cuidar dela, que eu vou ficar aqui com ela'. Ele começou a chorar, ele estava ali presente. Isso é o amor. É você dizer 'esse homem poderoso', mas também você dizer, 'esse homem fraco, todo encolhidinho'. São as duas faces do meu pai. Ana não dá muito conta de ver meu pai assim. Ela fica muito perturbada.

O PESO DA FAMÍLIA

Como primogênita, Tina percebia que ser filha de uma figura pública trazia muitos prejuízos para a vida familiar. Só depois da sua separação de Edivam Amorim, quando decidiu viver em Brasília com os filhos, é que a sombra dos pais, figuras públicas foi esmaecendo, permitindo uma aproximação cada vez mais humana entre os pais e a filha.

Quando foi para Brasília, Cristina, a princípio, ia apenas para fazer uma pós-graduação para trabalhar com crianças e adolescentes, e depois voltaria para Aracaju. Entretanto começou também a estudar para concurso e no segundo que fez foi aprovada. Hoje trabalha como concursada na Secretaria de Desenvolvimento Social em Brasília, como psicóloga, e lida com abusos e com violência doméstica.

Sente saudades de Aracaju, de sua família, dos tios maternos (família querida, numerosa e muito unida). Entretanto, em Brasília ela tem vida própria há 13 anos, e não é simplesmente a filha de Maria e de João, políticos importantes, e isso tem sido importante para a criação dos seus três filhos, longe de Sergipe. Poucas pessoas sabem dos seus laços com uma família de políticos. Consegue ser ela mesma. Quando ela chegou em Brasília, Alice Maria tinha 10 anos, Danilo, oito anos, e Nina Rosa com menos de um ano de idade.

Alice, a neta mais velha de João e Maria, ainda é solteira, mora com a mãe, faz duas graduações. Está concluindo um curso de cinema em uma faculdade privada e faz História na UnB. Danilo está com 22 anos, cursa Direito, mas talvez não seja exatamente o curso por ele desejado. Nina Rosa está com 14 anos e faz o oitavo ano do nível fundamental.

Ir para Brasília foi libertador, inclusive para os filhos que tiveram a oportunidade de crescer em um ambiente sem o peso político dos avós e inclusive do pai deles, Edivan Amorim. Os meninos cresceram, firmaram raízes, fizeram amizades, são felizes.

A política foi determinante para o fim do seu casamento com Amorim. O ex-marido e o seu pai começaram a divergir em muitos aspectos e aquilo começou a atrapalhar a relação do jovem casal.

O ROMANCE E O CASAMENTO DE CRISTINA

Enquanto estudante de Direito, fazendo disciplinas de psicologia em

Brasília, precisava fazer uma pesquisa de psicologia social, sobre valores. A UnB estava de greve e ela ainda precisava coletar mais dados e como ela iria para Aracaju, o professor sugeriu que ela procurasse universitários que cumprissem aqueles mesmos critérios de inclusão da amostra e fizesse novas entrevistas. Foi para Itabaiana com uma amiga de sua irmã Aninha, que disse que tinha primos que preenchiam os critérios do perfil desejado para o tal estudo.

Cristina chegou na casa de D. Celina, que lhe recebeu muito bem, para entrevistar Eduardo Amorim, que ainda era universitário, estudante de medicina. Durante a entrevista o irmão Edivan, atravessava as respostas de Eduardo. Começaram a conversar, trocaram os números de telefones. Edivan era mais velho e já era graduado em Economia, e não preenchia os critérios da pesquisa. Ele trabalhava no Ceasa, o centro de abastecimento de produtos de hortifruticultura de Aracaju e tinha um apartamento na capital. Começaram a namorar às escondidas, com a habitual cumplicidade de Aninha, sua irmã.

Um dia chegando em casa disse para sua mãe que estava namorando Edivan Amorim, pois em Aracaju, todos se conhecem e ela iria acabar descobrindo. E a mãe disparou: *mas ele já deu muitas entrevistas na televisão e nos jornais, falando mal de seu pai.*

Era verdade, Amorim sempre falava mal de alguma coisa que o seu pai fazia: algum trabalho, alguma adutora. Mas Cristina desafiou Maria, como sempre fizera com relação a outros namoros, também um tanto quanto, polêmicos.

Levou Amorim para apresentar aos pais. Quando Maria do Carmo o viu, disse: *é você mesmo, o cabra que anda falando mal de João.*

Cristina, hoje, analisando aquela cena de mil anos atrás, registra:

Em uma família de políticos, no Nordeste, com uma mentalidade de clã feudal, o critério do bem e do mal funciona da seguinte forma: quem está comigo é meu amigo, quem fala mal de mim, é meu inimigo.

Amorim é muito respeitoso e logo conquistou Maria do Carmo. Levava frutas, presentinhos, coisas que os seus pais gostavam de comer. E durante muitos e muitos anos, na maior parte do tempo, JAF e Maria

do Carmo, acolheram e amaram Amorim como um filho. João Neto tinha muito ciúmes da relação do seu pai com Amorim.

A política é uma área em que faz brotar nos homens impulsos de competição animalescos. Aos poucos a relação de amor e respeito entre os sogros e o genro foram sendo minadas.

Amorim sempre teve um amor por política mesmo antes da relação com JAF. Ele era uma espécie de afilhado de José Carlos Teixeira e tinham entre si, uma grande amizade. José Carlos Teixeira era uma espécie de mentor de Amorim e graças a indicação deste padrinho, estava trabalhando no Ceasa. Teixeira tinha uma relação de parentesco com a avó de Amorim, que era prima distante de Oviedo Teixeira, o seu pai.

Amorim nunca foi da linha de frente na política, mas sempre foi dos bastidores, um articulador. Ele era filiado ao PMDB na época.

Amorim já tinha empresas, uma transportadora sendo montada e uma madeireira, quando se casou com Tina. Logo em seguida, seu pai tomou posse como governador pela segunda vez no estado. Os presentes que receberam eram todos muito caros. A aproximação com pessoas do poder, fazem as pessoas serem generosas. Quando foi a vez do casamento de Aninha, os presentes já não eram tão valiosos, haja vista seu pai não estar no Governo. O mundo das conveniências e do poder justificam, segundo Cristina.

Quando o pai estava preparando a lista de convidados para o secretariado dele, JAF passou na casa da filha e pediu para o genro descer para conversarem à sós no carro. Era noitinha. A conversa foi demorada.

JAF era um bom leitor de almas. Sabia das pretensões do genro. JAF costumava brincar com a sua cunhada, Cecília: *olha você é a psiquiatra e cuida dos doidinhos mais leves, aqueles doídos mais punks, cuido eu.* Ninguém chega aonde ele chegou e foi eleito em tantos cargos públicos, sem ser um bom leitor de almas, sem sagacidade e sem visão crítica do mundo e das pessoas que o cercam.

O governador tinha ido lá se justificar para o genro, porque não o convidara para ser Secretário de Estado, afinal ele tinha colaborado muito na sua campanha. Amorim tinha a expectativa do convite. O governador sabiamente disse, que era melhor para Amorim manter-se como empresário. Falou da sua própria trajetória dizendo que tinha

uma empresa de sucesso, a Habitacional, e que sentia uma certa dor por não ter conseguido conciliar política com negócios e pela necessária, do ponto de vista dele, entrega da empresa, na mão do seu filho João Neto, logo quando ele se graduou. Aquela conversa, aparentemente, acalmou genro e sogro.

O genro foi cuidar do seu negócio e tocar a própria vida e abriu filiais da transportadora em outros lugares. Aliás, o nome da transportadora foi uma sugestão de Maria do Carmo: *Amorim Sergipe Transportes. Uma forma de todos saberem, onde quer que você abra filiais, que você é filho de Sergipe.*

Quando Cristina ficou grávida, eles estavam morando em São Paulo, ele abrindo uma filial e ela fazendo dois cursos simultaneamente, na USP e na FGV de recursos humanos. *Sempre estudiosa, dentro de si morava a menina que queria muito os livros do pai*, se define a própria Cristina.

Aquela conversa com JAF lá atrás, acalentou a alma de Amorim na época, e aí tudo ficou bem, mas só por um tempo. Essa coisa, entretanto, veio à tona em várias outras situações, não especificamente sobre este convite que não veio, porém eram questões que diziam respeito à essa diferença que havia entre eles, reflete Cristina

Amorim se ressentia muito de não ter sido convidado. Ele era muito ambicioso, mas tem também muitas qualidades, mas as vezes eu acho que ele queria ser mais do que meu pai, maior do que a figura do governador, e acho que isso foi criando uma zona de conflitos muito grande entre eles e aí eu fiquei grávida da minha caçula quando o negócio entre eles começou a ficar mais acirrado.

Foi uma gravidez difícil. A gente tinha muitas reuniões familiares para tentar conciliar. Eu tenho muito do jeito do meu pai, esse jeito mais conciliador. Eu tentei muitas vezes, para que enquanto família, a gente chegasse a um ponto de tranquilidade, mas tinham dois homens bem vaidosos, não posso negar isso, e que estavam disputando muito. Eu demorei para entender que essa briga não era minha, era uma briga deles dois [...] eu era filha de um e a esposa do outro, mas essa briga não era minha. Fiz muita terapia para entender isso.

O caminho foi longo, até o desfecho final daquele casamento da filha mais velha de JAF. Houve várias cerejas no bolo.

A cereja número um foi dois anos antes da separação do casal, quando Eduardo Amorim, irmão de Edivan, era Secretário de Saúde no terceiro governo de JAF entre 2003 e 2004. JAF convidou a filha para conversar e comunicou que teria que exonerar o cunhado dela e sabia que aquilo ali poderia interferir no casamento da filha.

A exoneração era porquanto algumas histórias sobre licitações mal realizadas na Secretaria que precisavam ser mais bem esclarecidas e a manutenção de Eduardo, naquele momento, era insustentável. Edivan sempre teve uma relação muito paternal com Eduardo, sempre o protegeu muito, e tomou para si todas as dores da exoneração.

A cereja número dois foi o fato de Amorim ter arrendando uma fazenda no norte de Minas Gerais e Cristina sempre teve muita resistência acerca deste empreendimento. Fizeram uma viagem para conhecer o local. Foram de carro: Eduardo, a esposa dele, os filhos, a tia Cida, por quem Cristina nutre grande amor, para além da relação de parentesco, e o esposo desta, Paulão.

Era uma caravana com três carros. A primeira parada foi na Chapada Diamantina que é um lugar muito místico, muito bonito. Até aí foi um bálsamo no meio do turbilhão que viviam. A exoneração de Eduardo era uma nuvem negra sobre eles. Era muita fofoca, muita *fakenews*, não faltaram pessoas para tocar fogo em uma relação que já estava bem fragilizada.

No meio disso, Amorim cogitou a ideia do casal e as crianças irem morar naquela cidade em Minas Gerais.

Amorim, eu acabei de me formar em psicologia, eu vou fazer o que lá, pelo amor de Deus? Eu estou com consultório aberto em Aracaju, começando a ir para frente, vou fazer o que lá, no interior de Minas, uma cidade deste tamanho, os meninos vão estudar onde? Ah, os meninos podem estudar em Montes Claros; só que Montes Claros fica a cinco horas da fazenda. Se é para ficar a cinco horas, é melhor ficar em Aracaju.

Cristina engravidou logo em seguida da caçulinha: *tinha alguém batendo na minha porta. Eu sonhava com ela, uma gravidez muito desejada.*

Havia um desejo de Amorim, nunca verbalizado que Cristina rompesse com o pai e com a família. Cristina, nas mil conversas com a família inteira, ou apenas entre ela e o marido, dizia que ambos tinham culpa naquela briga. E romper com os pais, era cancelar as atitudes do marido. Ela apelava para o budismo: *o caminho da verdade é o do meio*.

Ela recebeu de uma amiga uma informação sobre um curso em Brasília sobre crianças e adolescentes. Descartou a ideia, por parecer não factível. Sua vida era em Aracaju. Seu casamento estava fragilizado. Se ela inventasse algo desta natureza seria o fim de tudo. Aquietou o desejo.

Foi para o sítio do casal em Itabaiana, no interior de Sergipe, pois as crianças estavam de férias, era mês de janeiro. O marido ligou dizendo que ia passar por lá bem rapidinho. Ele foi e fez um rápido comunicado da separação. Cristina perguntava o porquê, e ele alegava sobre as colocações e posições dos pais de Cristina como principais causas. Ela retrucava porque o seu desejo era que ele falasse sobre as dificuldades do casal Cristina e Amorim que estavam juntos há 16 anos, e não sobre o pai e a mãe.

Naquele momento, Cristina sentiu-se inspirada por um anjo e comunicou, sem nenhuma emoção aparente, que iria levar as crianças para Brasília, ia morar com a mãe e iria estudar. Estava com uma bebezinha de colo e não queria ser alvo de fofocas e maledicência e muito menos de pena, que viesse de quem quer que fosse.

Ele não esperava aquela reação. Tomou um susto. Talvez esperasse que ela chorasse. Cristina chorou muito, mas não diante dele. Ele disse que ia voltar para Aracaju e de lá seguiria para Minas Gerais, mas que iria ligar para a tia Cida e Paulão, os padrinhos de Nina Rosa, a caçulinha, para irem lá conversar com ele.

Assim foi feito. Dia seguinte Cida lhe diz: *Tina, esse homem lhe ama profundamente, só que não sabe; ele está num emaranhado e muito embolado na questão da política*.

Era um momento muito difícil, mas Cristina tinha muita lucidez de que sobreviveria àquela tormenta. Os pais estavam viajando com a irmã Aninha e Mendonça, o marido de Aninha. Comunicou imediatamente à sua mãe, a separação, que por sua vez, levou a notícia para o seu marido: *eu e seu pai já imaginávamos que em algum momento isso iria ocorrer, mas eu não esperava que fosse agora*.

JAF tinha acabado de perder a eleição para Marcelo Déda: era um momento de tristeza e luto, para todos.

Vieram as notícias que Amorim já estava bastante envolvido com uma mulher em Minas Gerais. Cristina não se surpreendeu. Sua intuição feminina já a havia advertido.

Fechou o consultório e a empresa que tinha com sua tia Cida de cursos e treinamentos e foi para Brasília com as crianças, para a casa de sua mãe, matriculou os meninos em um colégio e se matriculou na sua especialização. Recomeçar a vida e se reinventar. No olho do furacão Nina Rosa apresentava infecções urinárias de repetição, o pediatra Byron Ramos deu o diagnóstico de refluxo urinário e anunciou que ela precisava de uma cirurgia.


Mais uma batalha que precisava ser travada. Nina foi operada em São Paulo. Amorim foi dar suporte. Ela ficou bem e só assim Cristina pode retornar aos seus planos em Brasília.

Mas ainda haveria de chegar mais percalços. O ano de 2007 não estava sendo nada fácil para a família de JAF. Cristina descobriu, seis meses depois, em um exame de rotina ginecológico, que estava com câncer, tumores neuroendócrinos. Fez duas cirurgias em São Paulo para remover as massas tumorais na pélvis e um tumor de tireoide também foi diagnosticado e removido. Cristina e a família estavam sendo testadas.

JAF desejava que Cristina voltasse para Aracaju para que o divórcio com Amorim não fosse tumultuado e ela acusada de abandono do lar. Cristina estava decidida. Ela não voltaria e seus advogados que a protegessem: Carlos Alberto Menezes e Roselice Figueiredo.

No início era muito difícil para Tina, encontrar Amorim na sala da casa de sua mãe, em Brasília, quando ele ia visitar os filhos. Depois as coisas foram se acomodando e já aceitava sair com ele e com as crianças para um lanche. Não é santa, mas nunca fez alienação parental.

Hoje, ela tem um relacionamento muito tranquilo com o pai dos seus filhos. Quando Amorim vai para Brasília, sobe no apartamento, conversa com os meninos, se estiverem à mesa, ele senta e janta com a família. Cristina faz questão disso. É tudo muito tranquilo.

Maria do Carmo 
tinha amor
maternal por
Amorim e
vice-versa

Maria do Carmo tinha amor maternal por Amorim e vice-versa, a ponto de João Neto ter muitos ciúmes. Ela sofreu muito com a separação da filha, enquanto JAF se encheu de ódio. Inconcebível, uma filha separada. Católico fervoroso, JAF considerava aquilo um pecado aos olhos de Deus.

Às vezes, Maria do Carmo não se segurava e falava de Amorim, e Cristina não permitia: *não fale mal, você pode ter as suas diferenças com ele, mas você se lembre que esse homem é o pai de Alice, de Danilo e de Nina, você não está falando de Amorim político, você está falando do pai deles.* Maria compreendia e ficava quieta. Mas os sentimentos mais amargos ficaram com JAF e não eram por questões políticas, mas pelo fato de Amorim ter abandonado a filha dele, com três crianças para criar.

Amorim e Cristina se amaram, tiveram as diferenças deles e o amor foi eterno enquanto durou.

O CASAMENTO DE ANINHA

Na percepção de Cristina, o casamento de Aninha não foi exatamente por amor e afirmava que, tanto o início quanto o fim, teve uma questão política muito forte:

Acho que eu vou ser cruel no que eu vou falar agora, acho que o início do romance de Aninha e Mendonça teve a ver com política. Eu não sei se eles de fato se encontraram, enquanto dois seres humanos, se de fato se amaram, de verdade mesmo.

O advogado José de Araújo Mendonça Sobrinho é conhecido como Mendonça Prado e já era político antes de namorar com Aninha. Era vereador (1989-1992 e 1993-1996) e foi candidato a vice-prefeito na chapa na qual Maria do Carmo concorreu à Prefeitura de Aracaju em 1996. Foi neste período que eles começaram a namorar.

Quando Aninha ficou noiva de Mendonça, Cristina ouvia e percebia coisas que a inquietavam. Com o seu instinto maternal chamou a irmã e perguntou se ela tinha certeza do que queria, pois pareciam pessoas tão diferentes. Cristina não se convenceu e foi conversar com Marta, a irmã de Mendonça, que por sua vez, também questionara Aninha se era

isso mesmo que ela queria, pois considerava o seu irmão uma pessoa muito difícil.

Cristina deu uma de mãe louca e chamou o casal que já estava de casamento marcado: *Mendonça, eu queria lhe perguntar uma coisa, você ama minha irmã?*

O rapaz se assustou e arregalou os olhos, enquanto respondia que tinha muito bem querer por ela. *Mas, espere aí, bem querer não sustenta casamento...* Mas, Aninha queria muito. Casaram-se.

Mendonça era muito querido por Maria do Carmo e JAF o acolheu como filho e o amor do casal foi eterno enquanto durou.

Aconteceram as divergências políticas entre Mendonça e JAF, paralelo a isso, Aninha descobriu que o marido estava tendo um outro relacionamento durante o casamento. Aninha não é mulher de ser passada para trás e ela *chutou o pau da barraca*. Mas, há de convir que o grande pano de fundo era a política.



Cerimônia de casamento de João e Maria, com Clara Messias como daminha de honra.



Festa de casamento de João e Maria ladeados pelos pais de ambos.



João, Maria e os filhos Tina, Joãozinho e Aninha.



Com os netos Danilo e Alice no boliche em Aracaju.



Alegria de ser avô de Nina Rosa.



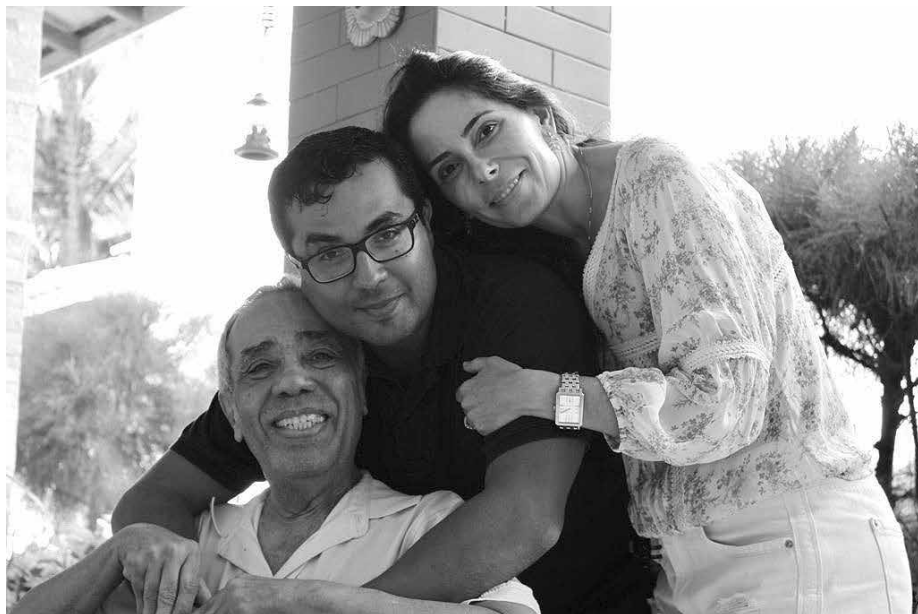
Casal com a filha, Tina, e os netos.



Momentos íntimos com a família.



Em um evento social: Maria, Tina e João.



A nora Roberta Monteiro, João Alves Neto e JAF.



*Com as filhas na Freguesia de Belém, em Lisboa,
diante do Monumento dos Descobrimentos*



JAF e João Alves Neto.



João e Maria em viagem cultural.



Com a neta Malú.

6

A PREFEITURA DE ARACAJU (1975-1979)

*Uma vida sem desafios
não vale a pena ser vivida.*

Sócrates

Depois que JAF se formou em Engenharia, em 1965, e regressou à Aracaju, nos primeiros cinco anos, ele trabalhou na Construtora Alves. O pai era um homem extremamente trabalhador, mas não tinha vontade de enfrentar novos desafios e o seu filho queria expandir os negócios e para tal, pedir empréstimo bancário no Banco Nacional de Habitação (BNH). Até então seu pai construía e ele próprio financiava os seus clientes com recursos próprios. Somado a isso, por questões de saúde, o pai resolveu desativar a empresa.

Quando o seu pai ficou gravemente enfermo, ele o levou para o sul do país onde se submeteu a um longo tratamento por mais de dois anos. JAF foi obrigado a assumir sozinho o comando da empresa. Em um grau de extrema confiança mútua e amizade íntima, o velho construtor confidenciou ao filho que não tinha mais condições de tocar a empresa e queria interromper as atividades. A empresa seria mantida apenas como uma laborterapia, construindo quatro ou cinco casas por ano. E por sustentar uma fé inabalável naquele jovem engenheiro, o velho João Alves entendia que seu filho não deveria ficar restrito a essa perspectiva limitada de vida profissional e aconselhou JAF a seguir o seu destino, separado dele (SANTOS, 2002).

Era hora de alçar voos mais longos. Seu pai, um verdadeiro doutor na *Universidade da Vida e da Necessidade*, era a única pessoa na vida de JAF que parecia ter a resposta precisa para as questões que o afligiam. Com esta certeza, veio o retorno positivo e o apoio, em julho de 1970, mês que marca o aniversário do pai e do filho, do histórico nascimento da Construtora Habitacional – inovação na arte de habitar (CORREIO DE SERGIPE, 2020).

Seu sogro entrou na sociedade só para dar suporte e oferecer as garantias reais ao banco e quando a Habitacional começou a dar certo, ele deixou a empresa na mão do engenheiro e da sua filha Maria. Maria do Carmo lembra que, nestes primeiros momentos da Habitacional, ela tinha um fusquinha que comprara via consórcio na Discar e com esse fusquinha novíssimo JAF deu entrada numa caminhoneta. Um engenheiro não podia andar de fusca e o novo carro facilitaria as suas novas ações na construtora recém-surgida.

Entre muitos colaboradores na primeira hora na jovem construtora, destacava-se Geraldo José Nabuco de Menezes que prestou valiosa contribuição. Este é filho de Maria Luiza Nabuco Menezes e do lendário Geraldo Majela, médico, um dos pioneiros da cardiologia em Sergipe e que tinha uma única irmã, a renomada professora Maria da Glória Menezes Portugal.

Ainda era muito jovem e JAF já estava com a sua empresa consolidada, a Habitacional. Era um homem de família, bem-casado e com três crianças.

A Habitacional surgiu em momento promissor, valendo-se inclusive dos ventos favoráveis da economia, em plena fase do chamado *milagre brasileiro* e dispendo na época de abundantes financiamentos do SFH, já em 1975, JAF transformou a Habitacional Construções, na empresa que mais construía edifícios residenciais em Sergipe e Alagoas. Naquela ocasião fundou também uma empresa no promissor ramo hoteleiro, implantando dois hotéis quatro estrelas, os Beira-Mar de Aracaju e Macaíó, em sociedade com Viana de Assis e Valteno Alves Menezes. Registre-se que o Hotel Beira-Mar, na Praia de Atalaia, foi vanguardeiro no suporte básico do desenvolvimento do turismo em Sergipe. O acordo era que cada sócio ficaria um mês à frente do hotel, a cada vez. Maria do Carmo afirma que rapidamente, JAF desinteressou-se do setor de turismo: não era a sua área de expertise e saiu da sociedade.

EMPRESÁRIO DE SUCESSO

Mas, voltemos no tempo. Um certo dia, em outubro de 1972, JAF foi convidado para fazer uma palestra na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (Adesg), no auditório do Banco do Estado de Sergipe.

A Adesg foi fundada em 7 de dezembro de 1951 como sociedade civil sem fins lucrativos, e depois foi considerada de utilidade pública por Decreto, em 21 de outubro de 1954. Um convite da Adesg naqueles anos difíceis era um sinal de muito prestígio. Naquela época, o general Emílio Garrastazu Médici era o nosso 28º presidente do Brasil, o terceiro do período da ditadura militar brasileira, e ficou no poder entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974 (ADESG, 2020).

O ano de 1972 era fértil nas artes, na tecnologia, na ciência. Comemorávamos o cinquentenário da Semana da Arte Moderna. Estavam surgindo os primeiros microprocessadores que se desenvolveram e deram origem aos microcomputadores ou computadores pessoais, mais adiante em 1978. Justo em 1972, começou a produção de fibras ópticas que seriam mais adiante utilizadas em cabos, hoje imprescindíveis à transmissão de dados, entre outras aplicações.

Ainda repercutia o discurso de Marcos Freire (MDB-PE) na Câmara dos Deputados, em que manifestou desalento ante a frustração dos proclamados ideais de normalização da vida institucional brasileira a partir da restauração do Estado de Direito. Naquele momento apelou ao Presidente da República no sentido de que, no interesse da pacificação da família brasileira, tomasse a iniciativa da anistia política no ano do Sesquicentenário da Independência e fez referência ao “Testemunho da Paz”, documento aprovado pelos bispos da Regional Sul-I da CNBB, que condenava as práticas de tortura e de arbitrariedades no País (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2020).

JAF estava em um tempo cheio de possibilidades e de muitas inseguranças.

Na sua fala na Adesg, JAF se deteve aos problemas que envolviam a habitação e o desenvolvimento urbano. No seu discurso, ele até profetizou que as cidades adoecem os homens e que na virada do século 21, metade da população seria de médicos, em especial os psiquiatras e enfermeiros, entre outros profissionais de saúde, para tomar conta da outra metade (CALUMBY, 2011).

Destacou ainda, os primórdios da urbanização em massa iniciado com a Revolução Industrial que afastou o homem da vida no campo, haja vista o mundo até então ser tipicamente agrícola. Daí em diante, a sua expectativa para a virada do milênio (ano 2000), era que surgisse uma cidade de 1 milhão de habitantes a cada 5 dias. Claro que, a despeito da natalidade ter crescido muito no século XX, graças às condições sanitárias e médicas que eram precárias, nasciam mais pessoas, mas morriam mais também, vítimas de doenças crônicas hoje mais bem controladas, como diabetes e AIDS e outras, aparentemente banais, como a gripe.

A previsão de JAF não se concretizou, pois, a taxa de natalidade, na maioria dos países, começou a cair na mesma proporção que a economia aquecia e as indústrias se desenvolviam, o que fortaleceu a entrada das mulheres no mercado de trabalho, à medida que os seus direitos civis e políticos eram consolidados. No Brasil não foi diferente, o processo de urbanização trouxe mudanças inquestionáveis na vida das pessoas, as mulheres passaram a investir mais nas suas carreiras e os relacionamentos entre as pessoas mudaram, surgiram novos modelos de família, influenciando também no desejo feminino de ter poucos ou nenhum filho.

Mas enfim, JAF estava correto, o crescimento urbano no mundo inteiro é incontestado e o homem precisa lidar com este crescimento da população que se distancia do campo e se concentra mais nas cidades em busca de oportunidades de trabalho. Para ele, a construção civil era um dos segmentos que mais gerava empregos, sem sequer exigir maior qualificação desta mão de obra. Ainda é assim, atualmente, entretanto com a crise econômica vigente, a indústria da construção civil encolheu suas frentes de trabalho.

Ainda naquele importante discurso, JAF discorre sobre a importância do Banco Nacional de Habitação (BNH) que foi criado pela Lei nº 4.380, de 21 de agosto de 1964, de autoria da Deputada Sandra Cavalcanti, que depois fora nomeada sua primeira presidente. O BNH era, inicialmente, uma autarquia federal, vinculada ao Ministério da Fazenda, depois repassado ao Ministério do Interior, por força do Decreto nº 60.900, de 26 de junho de 1967.

O objetivo do BNH era favorecer a construção civil e gerar empregos e facilitar a aquisição da casa própria do brasileiro, de qualquer que fosse o seu nível social e financeiro, através do Fundo de Garantia por

Tempo de Serviço (FGTS), iniciativa que fez o empregador recolher um fundo a favor do empregado e gerar recursos administrados pelo BNH, aplicados na construção civil, criando mais empregos.

Outro recurso do BNH era o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) formado por empresas financeiras públicas e privadas que estimulariam a população a economizar e guardar frente a inflação que corroía as reservas. Ou seja, o BNH era sinônimo de desenvolvimento ao fomentar a indústria da construção civil e não descapitalizava o Estado para subsidiar a habitação. E assim, o BNH nos prestou relevantes serviços até à sua extinção em novembro de 1986, quando foi incorporado à Caixa Econômica Federal que a sucedeu nas obrigações e direitos inclusive na gestão do FGTS (VIRISSIMO, 2011; ARRETCHE, 1990).

Em Sergipe, a Companhia de Habitação (Cohab) atuava, naquela ocasião, na construção de casas populares e 70% dos recursos do BNH eram destinados aos programas habitacionais onde os mutuários ganhavam menos de cinco salários mínimos.

Na sua fala na Adesg, o jovem JAF lembrou que o primeiro plano urbanístico de Aracaju foi projetado por Sebastião Pirro em 1855, com quadras projetadas de 100 em 100 metros e cujas ruas não estavam preparadas para a invasão de carros na cidade e fala que os problemas de drenagem não existiriam na mesma proporção se a cidade tivesse se expandido para a região norte. Com a expansão da forma que se deu, para a região sul, uma área alagadiça e insalubre, restava agora tentar propor soluções para os problemas existentes de escoamento, criando uma rede de esgoto para evitar alagamentos. Ele disse na sua fala, que há 10 anos uma empresa, Hildalius Catanhede, havia trazido pelo DESO (também financiada pelo BNH) um especialista em esgoto, Max Hess, e que desenvolvera na ocasião, um bom trabalho, mas que agora carecia de adequação, haja vista o crescimento desorganizado da cidade. Citou inclusive o novo orçamento para esta adequação e que certamente teria o financiamento do BNH (CALUMBY, 2011).

JAF ainda lembrou que a cidade totalmente plana, estava construída em zona aterrada, alagadiça e sem planejamento para esgotos

**JAF estava correto,
o crescimento
urbano no mundo
inteiro é incontestante**



pluviais, o que poderia aos poucos transformar-se em catástrofes com as inundações sazonais.

E para equacionar o tráfego com um plano de mobilidade urbana, JAF no seu discurso, cita o seu amigo Rubens Chaves, também colega da Adesg, cujo projeto era favorecer o trânsito dos carros e previa utilizar a Av. Contorno e outras já existentes, envolvendo todo o perímetro externo da cidade, de onde partiriam avenidas radicais para o centro de Aracaju (CHAVES, 2004).

REPERCUSSÃO DE BOAS IDEIAS

Aquele seu pronunciamento gerou uma repercussão muito positiva e foi cumprimentado de forma efusiva pelo engenheiro José Rollemberg Leite, governador do estado, indicado pelos militares e presente naquela ocasião. Este era um velho conhecido seu, pois o seu pai, funcionário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DER), tinha naquele diretor de órgão, o seu chefe, entre os anos de 1963 e 1965, no desenvolvimento do seu trabalho de fiscalização das obras em estradas de Sergipe (CALUMBY, 2011).

JAF lembrava que, quando criança, o carro do Dr. José Rollemberg Leite ia buscar o pai em casa na Rua do Carmo, para viagens de inspeção de obras. No período em que ele próprio, ainda estudante em Salvador, fez breve estágio no DER, naquela ocasião não tivera oportunidade de aproximar-se daquele engenheiro, ora governador do estado, mas sempre o admirou e respeitou.

Foi de fato gratificante para JAF ser cumprimentado pelo Dr. José Rollemberg Leite, após a sua palestra sobre habitação e urbanismo, quando defendia uma equação mais equilibrada entre investimentos/capital e o número de empregos gerados, e a construção civil, certamente era um dos segmentos que podia absorver uma mão de obra, sem uma qualificação específica e muito carente, com necessidade de ser inserida no mercado de trabalho (CALUMBY, 2011).

Alguns dias depois daquela palestra na Adesg, tinha recebido na sua empresa, a visita da esposa do governador, D. Lourdes, que desejava receber propostas para uma compra de um apartamento, e entre plantas e diálogos, solicitou uma visita de JAF até à sua casa, com o pretexto de ver com detalhes os apartamentos da Habitacional.

JAF, empolgado com a perspectiva de negociar um imóvel para o governador, encastelou-se de plantas, projetos, fotografias e projeções e foi ao encontro de José Rollemberg Leite. O que o aguardava era muito mais que negócios com plantas de apartamentos: o que Rollemberg Leite queria era algo bem diferente. Qual a sua surpresa, quando no final da visita, recebeu o convite para ser prefeito de Aracaju.

JAF ainda não sabia, mas intuía com a sua reconhecida vaidade, legítima para aqueles que tem potencial interno de realizações, que daquele encontro nascia um político que poderia construir e realizar coisas tais quais sonhou, desde a mais tenra idade com seu pai, para a sua cidade; e por seus feitos, oxalá algum dia, pudesse entrar para o panteão dos maiores tocadores de obras e atravessasse a história deixando um legado. Quem sabe não seria, algum dia, conhecido como *João das Obras*, ou *João Chapéu de Couro*, ou quem sabe *João da Água*, ou *João Visionário* ou ainda, *João Construtor do Desenvolvimento do Nordeste*.

Tudo isso passou por sua cabeça em frações de segundos, como em um filme ou em um sonho infantil.

Ao tempo em que ficou envaidecido, também ficou muito preocupado. Ele temia que a vida pública atrapalhasse seus negócios empresariais que estavam se consolidando. Conversou com a sua confidente Maria, mulher firme que o motivou a aceitar o convite e que se comprometeu em ajudá-lo, assumindo, ela própria, a Habitacional.

Atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher. Maria fazia jus a esta máxima popular, pois ela é daquelas mulheres que diz para o marido e para os filhos também: *corra atrás dos seus sonhos e os realize, estou aqui para apoiar.* Assumiu a retaguarda e protegeu os seus guerreiros, marido e filhos.

Verdade seja dita, João tornou-se um político respeitado e amado pelo conjunto de sua obra, por ter uma Maria forte ao seu lado, quer na vida privada, cuidando da casa, das crianças e do ganha-pão da família, quer na vida pública, como a primeira dama mais atuante dos últimos trinta anos, com os seus premiados programas sociais, quer ainda, como senadora, trazendo recursos para o Nordeste e especialmente para o estado de Sergipe em um mandato de 24 anos consecutivos, conquista que só uma mulher de luz própria é capaz.

Mas, JAF também não hesitou em conversar com o seu pai e foi ao escritório deste, na Praça Fausto Cardoso, para discutir sobre o convite surpresa, para dirigir Aracaju, como Prefeito Biônico, era assim que os indicados pelo governo militar eram chamados entre 1960 e 1980.

Muito lisonjeiro, até por ser uma indicação técnica do governador. Seu pai o estimulou a aceitar o convite e fortalecia no jovem engenheiro a força para enfrentar o desafio, criando no espírito de seu filho a ideia de que ele poderia servir à cidade, fazê-la crescer e realizar uma administração de vanguarda, com a experiência acumulada e as ideias de menino sonhador que moravam dentro de si (CALUMBY, 2011).

Filiado à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido que dava sustentação ao regime militar instaurado no país em abril de 1964, tornou-se muito popular durante sua gestão, adquirindo a fama de tocador de obras e administrador competente. Ao longo de sua gestão, encerrada em 1979, não teve nenhum de seus projetos derrubado pela Câmara Municipal, embora a maioria dos vereadores fosse filiada ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Ele parecia não perceber, mas ele se preparou a vida inteira para este seu momento. Era o seu destino: ser líder político e este seu caminho estava traçado desde sempre.

Quer na imprensa, quer entre as lideranças políticas do Estado, as notícias sobre a sua nomeação foram mais de apatia do que de expectativas positivas. Afinal, a Prefeitura de Aracaju era desprovida de recursos financeiros e cheia de problemas estruturais (CALUMBY, 2011).

Seu nome teve que passar por um escrutínio na Assembleia Legislativa onde foi sabatinado. Teve a oportunidade de apresentar os seus projetos, foi ouvido e persuadiu a todos que era o homem certo no lugar certo. Todos o cumprimentaram. Ele foi unanimidade.

PREFEITO BIÔNICO

No dia 11 de abril de 1975, o Governador do Estado de Sergipe José Rollemberg Leite, conforme o Decreto Legislativo 1/75 do dia anterior, emitido na Assembleia Legislativa, assinou a nomeação do engenheiro JAF como prefeito do município de Aracaju. No ato, também assinaram, Ediraldo Matos Silva, Secretário de Justiça do Governo e Luiz Machado Mendonça, Secretário Geral do Governo (CALUMBY, 2011).

Tornou-se assim, um Prefeito Biônico. Na política brasileira, cargo biônico era aquele cujo titular era investido por ausência de sufrágio universal e cujo parâmetro para escolha era a sanção das autoridades de Brasília à época do Regime Militar de 1964, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. João agora fazia parte daquele clube. Agora era para valer. Era um homem público.

Com o advento da Prefeitura, o suporte da sua companheira e amiga Maria foram fundamentais na administração da Habitacional. Ela assumiu as próprias tarefas e aquelas que antes eram só dele, e passou a se dedicar não só à família e às crianças, mas também enveredou completamente na vida empresarial.

JAF queria se certificar que aquela gestão como Prefeito Biônico, não seria só uma passagem de mais um político na Prefeitura e que nem seria uma aventura, e quis se cercar por nomes de sua confiança que pudessem efetivamente contribuir. Os governadores e prefeitos tinham autonomia reduzida e JAF queria fazer história.

No total, JAF convocou para o seu time 11 craques. Os auxiliares daquele governo frente a Prefeitura eram todos jovens e entusiasmados mediante ao novo desafio (CALUMBY, 2011).

O antecessor de JAF na Prefeitura de Aracaju foi Cleovansóstens Pereira de Aguiar (1971-1975), médico, foi um dos fundadores do curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe, imortal foi o primeiro presidente da Academia Sergipana de Medicina. Na década de 1970, Prof. Sóstenes, como era conhecido, foi um dos poucos médicos no estado de Sergipe a fazer exames de medula óssea para detectar Leishmaniose. Também contribuiu significativamente para o estudo de esquistossomose em Sergipe.

Na época de Dr. Cleovansóstenes, não existiam ainda as Secretarias do Governo Municipal. Eram chamadas de Departamentos. Quando JAF assumiu a Prefeitura, fez uma reforma da estrutura organizacional e aí vieram as Secretarias. João Gomes Cardoso Barreto era diretor do Departamento de Administração de Dr. Cleovansóstenes e, tornou-se o Secretário de Administração da gestão de JAF, com João Barreto permanecendo

**Era o seu destino:
ser líder político e
este seu caminho
estava traçado
desde sempre**



no cargo, haja vista ele gozar da confiança de JAF, que o conhecia desde os tempos que fora aluno da Prof. Olga Barreto, no Atheneu.

Os desafios que a cidade impunha eram gigantes e ele ia precisar montar a sua própria equipe. Convocou os que acreditava serem os melhores nomes para compor a sua equipe. Messias Manoel Góis era o Secretário Geral; Antonio Carlos Borges era o seu Secretário de Planejamento; José Emidio da Costa Sobrinho estava à frente da Secretaria de Assuntos Jurídicos; João Gomes Cardoso Barreto era o seu Secretário de Administração; Cel. Renir Damasceno era o presidente da Emurb; na Secretaria de Finanças esta Hildegards Azevedo Santos; Nicodemos Correia Falcão era o Secretário de Educação e Cultura; o médico Josué Duarte Filho era o Secretário da Saúde; Clélio da Silva Araújo era o Secretário de Serviços Urbanos e José Carlos Machado, foi o seu Secretário de Obras e Urbanismo na Prefeitura. Este era muito próximo de João: uma amizade que se prolongou por meio século. Era o homem mais importante daquele governo. João confiava cegamente no seu colaborador número 1 (CALUMBY, 2011).

João Alves Filho traçou prioridades e metas para melhorar a qualidade de vida dos aracajuanos, ou seja, a humanização da cidade era o seu objetivo principal: drenagem, saneamento, limpeza pública, sistema viário, plantio de 40 mil árvores, educação, lazer, criação de parques e da Rua de Pedestres.

Aos domingos, JAF tinha dois compromissos importantes: ia à missa para agradecer as bênçãos e levar o sogro para passear pela cidade. Era prazeroso para ambos, aquele encontro. Aracaju era um canteiro de obras em plena ebulição e evolução. João se aprazia de apontar seus feitos, e o sogro, seu João Batista, se encantava com aquela atenção recebida do genro querido. A mãe de Maria, D. Marinete, também gostava muito de JAF, porém do jeito dela, mais reservada e braba, sem muitos salamaleques. Maria do Carmo herdou um pouco o jeitão da mãe. Quem puxa aos seus, não degenera, diria o bom sergipano.

O jovem engenheiro JAF teve uma ideia genial: fez um grande concurso nacional e escolheu o melhor projeto para uma área com 700.000m² de área verde no Morro do Urubú, no Bairro Industrial. Um sucesso! Assim foi criado o Parque da Cidade que se tornou uma das mais aprazíveis áreas da região, cujo projeto previa não apenas a conservação das árvores frutíferas já existentes, mas a ampliação, com

grande área de lazer para os programas das famílias aracajuanas: aeromodelismo, campo de futebol, pista de skate, quadras polivalentes, quiosques, churrasqueiras, lojas, lanchonetes.

O Parque da Cidade, que trazia o nome José Rollemberg Leite em homenagem ao governador que o nomeara, foi construído com recursos da Emurb, proprietária da área, advindos dos lotes da Foz do Tramandaí. Aquela obra trouxe grande visibilidade para a linda capital na mídia, e as revistas nacionais, especializadas em urbanização, publicavam o fato de que o parque era uma bela obra de grande impacto social e que mudava a paisagem da região. JAF estava deixando as suas marcas.

Essa cidade tinha suas peculiaridades, pois fora construída às margens da enseada do Rio Sergipe, antes da chegada deste no Oceano Atlântico e a maioria de suas construções foram feitas sobre os manguezais, criando a crença de que nenhum prédio poderia resistir, porquanto a pouca resistência do solo. Com as dificuldades de escoamento de uma cidade plana, abaixo do nível do mar e com um lençol freático muito superficial, a construção de grandes canais com a implantação de novas vias de circulação e o asfaltamento em ruas de pirraça ou antigos paralelepípedos, fez o projeto de drenagem na capital tornar-se o setor responsável pelos maiores investimentos da Prefeitura.

Os problemas do município eram gigantes, o ensino público tinha carências estruturais, o atendimento à saúde pública era precário e faltavam recursos até para a folha de pagamento. Dificuldades que se multiplicavam. Mas ele criou boas amizades no serviço público federal, e a capacidade de JAF de se relacionar nas mais diversas esferas favorecia e abria caminhos.

LIBERAÇÃO DOS TERRENOS DE MARINHA

Paralelo a estes problemas imediatos que precisavam ser sanados, uma das mais ambiciosas, senão a maior meta de seu governo junto à Prefeitura, era conseguir da União a liberação dos terrenos de marinha, principalmente na área da Praia Formosa (13 de Julho), para promover o crescimento da cidade em direção ao sul em uma extensão que ia desde o Porto Dantas até o Terminal da Petrobras, faixa de terra que incluía a Coroa do Meio.

Essa ação atenderia o clamor dos proprietários que não tinham o direito de posse de suas terras tomadas aos mangues, onde construíam

residências e edifícios. A renúncia da União destes terrenos, algo inédito em prol de um Estado, geraria uma fonte de arrecadação para o município e favoreceria a sua administração. Tinha-se conhecimento de algo similar na capital do Maranhão, São Luís, porém em proporções ínfimas (CALUMBY, 2011).

Outra grande dificuldade era preparar um projeto a custo zero, ou baixo, para apresentar em Brasília. Para colocar em prática esta meta ambiciosa contratou os serviços de um escritório especializado, o do Dr. Jaime Lerner, que era um valor exorbitante e longe das possibilidades de o município arcar. O próprio urbanista não acreditava no sucesso da causa.

Sem recursos para aquela contratação totalmente inexequível aos cofres públicos, a saída era convencer a própria sociedade, através de alguns segmentos de influência como Associação Comercial, Lions, Rotary, entre outras esferas, e junto a mídia impressa, sobre a importância daquele macroprojeto para o crescimento de Aracaju (CALUMBY, 2011).

JAF sempre teve o privilégio de visitar Brasília em companhia do Governador José Rollemberg Leite, que o apresentou ao primeiro escalão do Governo Federal. Ele conseguiu, comunicativo, carismático e cortês, conquistar a simpatia e o interesse dos seus interlocutores sobre os problemas da capital aracajuana. Até que, finalmente, se sentiu preparado para pedir audiência ao Presidente da República. Dentro dos limites legais e ajustado à realidade do seu projeto, se dirigiu à Brasília para uma audiência com o Presidente Geisel.

Na audiência no Palácio do Planalto, expôs com entusiasmo o projeto de Jaime Lerner. O presidente parecia muito atento e interessado nas filigranas e pormenores, exaustivamente detalhados, e se comprometeu em apresentar aquelas ideias aos Ministérios e Órgãos competentes (CALUMBY, 2011).

Apenas quinze dias depois daquele encontro, JAF, em abril de 1976, recebeu a resposta tão desejada: o aforamento dos terrenos de marinha. Aquele projeto foi um marco para o crescimento de Aracaju e o início de uma grande amizade entre o prefeito e o Presidente da República.

O feito foi celebrado pela Câmara de Vereadores e até pela Assembleia Legislativa. Todos em festa. Muitos se diziam autores daquela ideia que ora se concretizava, via ato presidencial, mas coube a JAF transformar sonhos em realidade.

JAF percebeu que a cada dia surgiam fofocas e intrigas que tentavam indispor-lo com o governador a quem era grato e muito leal, e precisou aprender a fazer política, ou seja, exercitar a arte de relacionar-se com visitas oficiais constantes à todos os segmentos da sociedade, com os parlamentares e com a imprensa escrita e falada, para defender seus pontos de vista, seus objetivos e metas de Governo Municipal, e não permitir mal entendidos, defendendo sempre os interesses dos mais de 200 mil aracajuanos, independente das questões partidárias. Era necessário ter projetos, recursos e coragem. E coragem JAF tinha em excesso. Coragem, otimismo e o desejo de deixar a sua marca na pequena Aracaju (CALUMBY, 2011).

Ele conseguiu, comunicativo, carismático e cortês, conquistar a simpatia e o interesse dos seus interlocutores

Administrar um município com poucos recursos não era tarefa simples e nem fácil, mas sentia-se desafiado. JAF, desde sempre era um homem otimista e não costumava recuar diante de dificuldades ou obstáculos. A seu favor tinha a amizade e confiança do governador e isso era fundamental diante das intrigas palacianas e de parlamentares.

Sua meta era conquistar uma base sólida na Câmara de Vereadores para assim ter um suporte político que lhe desse credenciais fortes nos projetos que pretendia desenvolver. Essa conquista dos vereadores de todos os partidos lhe valeu bons dividendos, haja vista a credibilidade que o seu nome impunha. Aliás, a Prefeitura carecia, de fato, de muita atenção, pois tinha uma série de problemas considerados cruciais que urgiam soluções. Um deles era o saneamento básico, obras que geralmente provocam transtornos para o cidadão comum, mas trazem benefícios inquestionáveis ao bem-estar da população.

Grandes e rápidas soluções para os problemas do cotidiano do aracajuano, com poucos recursos financeiros, requer esforços e criatividade. Sem dúvida eram questões que, às vezes, lhe roubavam a paz.

Com o decreto presidencial do aforamento dos terrenos de marinha para a Prefeitura de Aracaju, JAF ganhou fôlego, esperança e muito respeito. Já durante o primeiro ano na Prefeitura, JAF transformou a pequena capital em um grande canteiro de obras, contratando empresas reconhecidas e ilibadas para realizar as obras de drenagem da cidade,

desenvolver um plano viário com transporte de massa e o sonhado garbado projeto de urbanismo.

Não hesitou em contratar o escritório do grande arquiteto Jaime Lerner novamente, pois Aracaju merecia um nome de peso para as suas grandes obras. E João só pensava macro. Contratou, também, o escritório de Hildalius Cantanhede que resvalava experiência em estrutura operacional e foi fundamental para a realização dos projetos de macro e microdrenagem, principalmente nos bairros mais carentes sob a fiscalização dos engenheiros da Prefeitura.

Ele se cercava com bons assessores. Sua preocupação era com a topografia da cidade, abaixo do nível do mar e com lençol de água, quase ao nível da terra, que sempre provocou inundações na cidade na estação das chuvas e suscitaram a necessidade da criação de grandes canais de águas pluviais das diversas bacias. Nesses contratos havia o cuidado com um planejamento mais racional dessas obras de drenagem, inclusive com um levantamento das redes anteriores construídas com a localização exata dos bueiros construídos para que, no futuro, o seu sucessor não realizasse obras conflitantes. Ele era cuidadoso e sempre olhava para frente (CALUMBY, 2011).

EMPRESA MUNICIPAL DE OBRAS E URBANIZAÇÃO DA PREFEITURA DE ARACAJU

Envidou todos os esforços e criou a Empresa Municipal de Obras e Urbanização da Prefeitura de Aracaju (Emurb), uma empresa municipal, pública, com personalidade jurídica de direito privado, patrimônio próprio e autonomia financeira e administrativa. Com o advento dos terrenos de marinha, uma verdadeira mina de ouro, a Emurb tornou-se rica em patrimônio imobiliário e, portanto, em recursos, capaz de contribuir efetivamente para o desenvolvimento de Aracaju. Sua tarefa principal era a liberação das escrituras dos terrenos de marinha e, ao mesmo tempo, urbanizava e loteava áreas isoladas sem ocupação para, em seguida, através de editais divulgados na imprensa com a discriminação detalhada das áreas, vendê-las em leilões públicos, e era justo com estes recursos angariados, que as obras municipais do interesse da população eram realizadas. Este novo órgão tornou-se responsável pelo desenvolvimento urbano, dando gás à máquina administrativa e operacional, com soluções rápidas e eficazes aos problemas da capital (CALUMBY, 2011).

A Emurb muito bem estruturada, tanto administrativa quanto tecnicamente, foi capaz de realizar obras de grande porte. Para a consecução dos seus objetivos, contou com o engenheiro agrônomo, graduado nos EUA, ex-presidente da Assembleia Legislativa em 1964, Fernando Prado Leite, que era assessor parlamentar de Severo Gomes, Ministro da Indústria e Comércio do governo do General Geisel (LEITE, 2020).

A Emurb é responsável, até os dias atuais, pela implantação e recuperação da malha viária, rede de drenagem, pela construção, reformas e ampliação de creches e escolas, postos de saúde, prédios de administração municipal e urbanização das praças. Também é da alçada da Emurb a implantação de iluminação pública e placas de identificação dos logradouros (EMURB, 2019).

Enfim, esta entidade criada por JAF, ideia soprada pelo divino, foi um gol de placa, que ele agradecia nas suas orações e que viria a tornar-se um importante órgão executor das obras públicas de Aracaju, inclusive do Plano Geral Urbano (CALUMBY, 2011; EMURB, 2019).

SANEAMENTO

O centro comercial de Aracaju sofria impactos constantes com as chuvas, provocando prejuízo aos comerciantes, principalmente nas ruas de Itabaianinha e Laranjeiras porquanto as inundações. É nesta parte da história que entra um jovem engenheiro civil, Luiz Durval Machado Tavares, sergipano, graduado na Escola Politécnica Federal da Bahia, trabalhava no Rio de Janeiro com saneamento básico e drenagem pluvial, e que estava de volta à Aracaju nos idos de 1976.

Luiz Durval, em entrevista, nos informou que os problemas eram graves em Aracaju naquela época:

[...] e a DESO tinha alguns quilômetros de rede de esgoto na mesma área central, na rua de Maruim, rua João Pessoa, rua Itabaiana, enfim, aquela parte central; Av. João Ribeiro não tinha rede de esgoto, então não havia tradição de saneamento aqui em Sergipe, então eu era uma pessoa que estava vindo com essa especialidade. Eu tenho a impressão de que foi o que o motivou a me convidar.

Luiz Durval Machado Tavares não conhecia JAF, mas conversaram por cerca de meia hora e JAF sentiu-se seguro em contratá-lo. Ele havia sido uma indicação do Secretário de Obras, José Carlos Machado. A amizade e parceria iniciaram-se aí.

Exerceu a função de gerente-executivo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Foi Secretário de Estado dos Transportes (no segundo governo de JAF), diretor geral do Departamento de Estradas e Rodagens do Estado de Sergipe DER/SE, assessor especial da Governadoria, na Secretaria de Estado de Obras Públicas; presidente da Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos do Estado de Sergipe (Cohidro); Secretário de Obras e Urbanismo da Prefeitura de Aracaju, órgão que controlava a Companhia Estadual de Habitação e Obras Públicas de Sergipe, o DESO, Sergipeportos, a Sergás. Foi engenheiro fiscal da Implantação do Campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS); diretor técnico da Empresa Municipal de Urbanização (Emurb); chefe do Departamento de Obras e Urbanismo e chefe de Divisão de Obras e Conservação da Prefeitura de Aracaju. Não necessariamente nesta ordem, mas todos de igual importância, da primeira à última gestão de JAF no executivo em Aracaju e Sergipe.


Luiz Durval era um *faz tudo* quando JAF estava na Prefeitura ou no Governo e ocupou vários cargos de execução, inclusive como diretor da Habitacional, entre os mandatos públicos do seu chefe. Eram amigos. Gozava de sua confiança.

Eu brinquei com ele, quando ele fez o convite para trabalhar na Habitacional: 'Dr. João, o senhor esqueceu que a minha área é saneamento'. Ele disse 'não se menospreze, não tem mistério construção de prédios, com pouco tempo você está se saindo bem'. Eu então entrei para construir prédios; depois eu passei a ser supervisor da área de Aracaju, depois diretor de Aracaju, e mais na frente eu era diretor da área da Bahia e de Alagoas, exceto Sergipe.

O prefeito gostava de motivar a sua equipe e dar crédito aos seus auxiliares nas suas realizações. Quem algum dia trabalhou com JAF, certamente teve oportunidade de ouvir isso dele: *meu mérito é ser um homem capaz de atrair pessoas melhores e mais inteligentes do que eu, para trabalhar comigo.*

Fato. JAF sabia escolher o homem certo, na hora certa, para o projeto certo. Ele realmente acreditava que o sucesso de qualquer gestão é a equipe. Sob a batuta e orientação do prefeito as obras foram muitas.

A Prefeitura de Aracaju realizou microdrenagem nas ruas de Arauá e Riachuelo. A regra era realizar obras de drenagens e pavimentar as ruas. Naquela ocasião destacava-se o Bairro Cirurgia, entre outras áreas da capital, que conquistou um bom serviço de drenagem e asfalto também. Abriu canais, também. Construiu o grande canal Gragerú, uma verdadeira obra faraônica, com duas pontes, uma rede de bueiros e com quatro quilômetros de extensão, conduzindo as águas dos Bairros Pereira Lobo e Luzia até o Rio Poxim, favorecendo inclusive os conjuntos dos Bancários, Amintas Garcez e Lourival Fontes. Sem dúvida os transtornos sofridos pela população eram gigantes diante do tráfego de veículos e dos próprios moradores daquelas regiões. Um louco, alguns, senão muitos, diziam (CALUMBY, 2011).

**JAF construiu
também uma
rede de galerias e
tubulações no Bairro
Siqueira Campos** 

JAF construiu, também, uma rede de galerias e tubulações no Bairro Siqueira Campos, haja vista o bairro sofrer com constantes inundações e prejuízos porquanto as águas, principalmente nas ruas Santa Catarina, Mariano Salmeron e Pernambuco. Deu atenção especial ao Bairro América e aos conjuntos residenciais Lourival Baptista e Tiradentes que receberam obras no sentido de evitar as inundações, associada a dragagem de um grande canal e construção de uma rede de bueiros que levava as águas daquelas regiões até o Rio do Sal. Ele era ousado, pois entendia que a população, apesar de precisar deste tipo de obra, não a valorizava o bastante, ainda que ela tivesse grande impacto social e garantia de mais segurança e mais saúde entre outros benefícios para os aracajuanos (CALUMBY, 2011).

JAF era um homem de vanguarda, visionário. Ele conheceu em Curitiba uma Rua de Pedestres construída por Jaime Lerner, cujo escritório era responsável pelo projeto global de reurbanização de Aracaju. Encantou-se. Quis que em Aracaju houvesse a segunda Rua de Pedestres do Brasil. A principal artéria comercial era a Rua João Pessoa.

Como assim? Fechar a João Pessoa por onde desfilavam vagarosamente os carros de luxo de Aracaju e que estacionavam nas portas dos comerciantes e ou estabelecimentos bancários conferindo prestígio e status aos seus donos? Seria isso mesmo? No imaginário dos lojistas, o comércio iria fechar as suas portas e todos iriam falir. Claro que não seria fácil convencer os comerciantes da área sobre os benefícios do projeto.

JAF convidou os representantes do Clube dos Diretores Lojistas, Associação Comercial e os principais empresários, todos ferrenhos opositoristas ao seu projeto, para uma reunião e ofereceu às expensas da Prefeitura, a viagem de alguns deles até Curitiba para conhecer *in loco* a tal Rua de Pedestres e sem a presença de representantes da Prefeitura, que conversassem livremente com os lojistas da área sobre o sucesso daquela rua e os benefícios conquistados pelos comerciantes. A caravana foi um sucesso. Todos voltaram entusiasmados e prontos a apoiar o prefeito. JAF se comprometeu a começar as obras um dia depois do Dia das Mães e entregá-la um dia antes do Dia dos Pais. Seria um esforço hercúleo (CALUMBY, 2011).

De maio a agosto de 1978, diuturnamente, homens trabalhavam incansavelmente para a consecução do projeto que ia da Praça Fausto Cardoso até a Praça General Valadão. Todo o esforço e sacrifício dos lojistas com obras nas suas portas, e que traziam sacrifícios e prejuízos, foram recompensados com o êxito do projeto e com o prazo antecipadamente honrado para a entrega das obras, uma semana antes do previsto, com uma bela inauguração e um festivo e lindo show de Luiz Gonzaga que incrementou as vendas para o Dia dos Pais. Todos estavam felizes, lojistas e consumidores, desfilando sobre as lindas pedras portuguesas do imenso calçadão. Ponto para João (CALUMBY, 2011).

JAF estudioso e leitor inquieto consumia livros de urbanização. Sabia quão agressivos podem se tornar os centros urbanos e distanciar as pessoas dentro das selvas de pedra com cotidiano carente de bons serviços, transporte adequado e segurança. Seu lema era humanizar espaços públicos, arborizar a cidade, revitalizar praças, criar parques. Eram marcas de sua administração: progresso com urbanização.

Para estimular o funcionalismo público totalmente insatisfeito, até então, empreendeu com melhorias estruturais nos órgãos, oferecendo condições técnicas e qualidade de vida e salários mais dignos para todos, após um estudo minucioso e promovendo uma grande reestruturação

de cargos e um novo plano de carreira para todos os servidores. Alguns cargos, tradicionalmente mal remunerados e sem nenhuma valorização, foram bem reconhecidos, a exemplo dos professores com aumento de 150%. Outros cargos tiveram, também, vantagens incorporadas para efeito de aposentadoria e houve novas contratações, como engenharia civil, que agora contava com 11 novos profissionais onde existia antes apenas um único. Agora recebiam salários dignos para uma dedicação plena aos projetos que foram surgindo naquela gestão.

Outra novidade na Prefeitura foi a implantação de um sistema de processamento de dados com o controle por computadores, desde a folha de pagamento, questões de cunho gerencial, administrativo, entre outros (CALUMBY, 2011).

Quando no início de sua gestão, Aracaju era detentora do pior índice de arborização do Nordeste: 0,67m² de área verde por habitante, e em menos de um ano atingiu algo próximo do preconizado pela ONU (12m² por habitante). Para o seu processo de arborização plantou 40 mil árvores espalhadas por toda a cidade, tingindo de verde a capital e dando sombra aos aracajuanos, conclamando-os em uma das mais belas campanhas de preservação daquele novo patrimônio. Aracaju voltava a ser uma cidade jardim. As praças General Valadão, Alcebíades Paes e Getúlio Vargas foram totalmente repaginadas tornando-se pontos de lazer das famílias e de encontro dos namorados. A praça Tobias Barreto também era motivo de muito orgulho do aracajuano que morava no bairro São José, por ter sido apontada como a mais linda do Nordeste, ganhando mais verde, uma bela fonte, concha acústica e uma iluminação esplendorosa (CALUMBY, 2011).

EDUCAÇÃO E CULTURA

Em 1º de abril de 1977, em âmbito nacional, Geisel discursava de improviso e anunciava recesso temporário do Congresso Nacional para promover reformas políticas e reforma do Judiciário. Na sua fala, o presidente disse que esperava que a Arena, cujo líder era José Bonifácio, apoiasse integralmente o recesso e que não tinha a intenção de punir congressistas e nem cassar mandatos. O Brasil vivia um rebuliço (FOLHA DE SÃO PAULO, 1977).

Enquanto isso, JAF continuava trabalhando com afinco. Ele sabia atender os anseios populares, e com sua visão futurista e humanista

projetou um Centro Social Urbano, nas imediações dos bairros Siqueira Campos e Santos Dumont, uma obra de 20 mil m² de merecido destaque e com capacidade para servir 80 mil pessoas com os seus salões,

**“ A sua consciência
dizia que o homem
precisa de um ofício,
para tal tem que se
capacitar**

creches (finalmente alguém pensava naquela mãe que precisava sair de casa para trabalhar e não tinha onde deixar os seus filhos menores), biblioteca, áreas de recreação, parque infantil, salão de jogos, quadras polivalentes, campo de futebol. Um local onde as crianças

menores tinham acesso à Educação Pré-escolar e onde eram também ministrados, gratuitamente, uma série de cursos, como corte e costura, datilografia, culinária, artesanato, cabelereiro, entre outros.

Em torno daquele período, no dia 17 de julho de 1977, despedia-se da vida, o grande jurista, escritor e intelectual Gonçalo Rollemberg Leite aos 71 anos de idade. Era uma oportunidade para homenagear aquele ilustre sergipano que abraçou a carreira jurídica e ocupou funções que o mantiveram sempre próximo daquilo que Tobias Barreto caracterizava como a luta pelo Direito. Foi Promotor público, advogado de causas cíveis e penais, com atuação no Tribunal do Júri, Procurador Geral do Estado, em três períodos – 1942/1951, 1964/1967 e 1970/1972 – agregando ainda as atividades de professor de História, no Atheneu e noutras escolas secundárias de Aracaju (BARRETO, 2006).

Jornalista, fundador, diretor e principal redator do jornal *A República*, em 1932, Gonçalo Rollemberg Leite assinava editoriais que esfriaram as relações familiares, principalmente entre ele e o seu tio Augusto César Leite (BARRETO, 2006).

Gonçalo Rollemberg Leite foi um dos fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe, em 1950 e participou ativamente do movimento em favor da criação da Universidade Federal de Sergipe, em 1967 (BARRETO, 2006).

Intelectual, Gonçalo Rollemberg ingressou, em 1967, na Academia Sergipana de Letras, ocupando a Cadeira 23, antes ocupada pelo irmão Leite Neto, falecido em 1964, como senador. Firme em suas posições, rico em seus pensamentos jurídicos, Gonçalo Rollemberg Leite deixou na Justiça sergipana um rastro luminoso e inspirador.

Aquela projeto de JAF, uma vez edificado, foi nomeado como Centro Social Urbano Prof. Gonçalo Rollemberg Leite. Era uma justa homenagem, pois aquele homem, um intelectual, era efetivamente inspirador para muitos sergipanos, inclusive para JAF.

Sem dúvida aquela era uma obra de grande alcance social, voltada para uma população mais carente, que naquele Centro podia, não só capacitar-se e profissionalizar-se, garantindo o seu ingresso no mercado de trabalho e ter um sustento digno, pois até uma agência de empregos funcionava gratuitamente naquele local, mas também ter acesso a cultura, esporte e lazer, para si e para a família. E mais, naquele Centro havia a prestação de bons serviços médico e odontológico, também gratuitos.

A sua consciência dizia que o homem precisa de um ofício, para tal tem que se capacitar, do trabalho para garantir o seu pão, de bons serviços públicos e de lazer para garantir saúde física e mental, isso resulta em qualidade de vida. A população carente daquelas adjacências estava sendo assistida (CALUMBY, 2011).

Seu lema era humanizar a cidade e oferecer bons serviços públicos ao cidadão aracajuano. Só as pessoas simples, humildes e de bom coração conseguem servir. O homem sabia servir. A cidade estava cada vez mais acolhedora. Sentia-se realizado. O Presidente Geisel coroou este seu momento mágico vindo para a inauguração do Centro Social Urbano Prof. Gonçalo Rollemberg Leite. A sua presença na nossa capital era uma imensa demonstração de prestígio do prefeito junto ao Governo Federal (CALUMBY, 2011).

Baseado na sua origem, JAF valorizava a educação e a transformou em uma das suas maiores prioridades. A rede pública era carente e precisava aumentar em 70% a oferta de matrículas com a criação de mais de 20 mil vagas. Não queria nenhuma criança fora da escola. Afinal, a educação era a única maneira de ter uma geração futura comprometida e que produzisse o próprio sustento e riquezas no entorno (CALUMBY, 2011).

Fez estudo minucioso e percebeu que muitas destas escolas, já existentes, tinham a sua capacidade ociosa e que bastaria reequipá-las, modernizá-las e realizar uma reestruturação dos espaços e horários para sanar parte do problema e assim garantir futuro melhor para a criançada. Claro que só isso não seria o suficiente. Investiu em

professores, aumentou os seus salários, contratou novos e capacitou todos em projetos pedagógicos que eram ditos revolucionários, a exemplo do Alfa, que distribuía gratuitamente material didático para professores e alunos das primeiras séries do primeiro grau e oferecia aos estudantes, através de um currículo especial, reforços, cujo objetivo era prepará-los melhor e assim reduzir as repetências que eram significativamente altas (CALUMBY, 2011).

Para os alunos bem mais velhos que não conseguiam concluir o antigo curso ginásial, hoje fim do nível fundamental, JAF construiu no Bairro Siqueira Campos, um Centro de Estudos Suplementares com capacidade de atender 2 mil alunos, e fez uma parceria federal com o Ministério da Educação e Cultura. Com professores devidamente capacitados, usando na época, os novos programas e recursos pedagógicos audiovisuais, favorecia os alunos que concluía a 8ª série em um tempo mais curto (CALUMBY, 2011).

Construiu ainda um Centro Médico exclusivo para atender alunos em clínica médica e odontologia (CALUMBY, 2011).

Nos bairros, construiu quadras esportivas e campos de futebol (CALUMBY, 2011).

No que tange a cultura, JAF não parou. É desta época a grande reforma da Galeria de Artes Álvaro Santos que, além de exposições, trazia nomes de expoentes para oferecer cursos de artes. Construiu ainda, teatros ao ar livre, em praças públicas, para apresentações folclóricas, serestas e outras iniciativas artísticas. Assim foi feito, com destaques especiais, na Praça Tobias Barreto, no Bairro São José e na Praça Alcebíades Paes, na Atalaia (CALUMBY, 2011).

HUMANIZAÇÃO DA CIDADE

Para JAF ainda havia muito por ser feito na sua cidade. Limpeza e segurança eram focos no seu projeto de humanização da cidade.

A Prefeitura de Aracaju criou assim, um novo projeto de limpeza da cidade e contratou mulheres para tal. As “margaridas”, assim chamadas porquanto o seu uniforme amarelo, deixaram a cidade mais limpa e a população aplaudia aquelas mulheres-garis. Elas eram muito valorizadas nas suas funções (CALUMBY, 2011).

Para assegurar melhor prestação de serviço do Corpo de Bombeiros de Aracaju, JAF não apenas modernizou a sua sede na Rua Siriri,

mas também capacitou aquela equipe e equipou a corporação, munindo-a com o que havia de mais moderno em segurança e combate ao incêndio (CALUMBY, 2011).

Era hora de cuidar de outro importante segmento e oferecer conforto aos vendedores de produtos hortifrutigranjeiros, e para tal foi buscar parceria com o Ministério do Interior para construir um moderno mercado em uma generosa área de estrutura metálica de 4.475 m², inicialmente com 300 boxes, com capacidade para ampliação futura e com uma preocupação especial com a segurança, ventilação e higiene: os boxes eram de perfis metálicos e vedação em tela e com prateleiras em bandejas de fibra de vidro. O novo Mercado Hortigranjeiro traduzia-se em conforto para vendedores e consumidores. O Negócio era caprichoso (CALUMBY, 2011).

Aracaju crescera. Novas ruas, praças e avenidas. Era hora de pôr em prática outro projeto, novamente idealizado e assessorado por Jaime Lerner. O trânsito em Aracaju aumentara sobremaneira, e haja vista termos um saneamento já pronto e as ruas asfaltadas, ele agora queria oferecer aos aracajuanos, um adequado transporte de massa que atendesse os deslocamentos entre os bairros e entre aqueles e o centro comercial, este com pistas exclusivas, e tudo de acordo com o Plano Geral da Cidade.

Este novo projeto exigiu a criação ou reestruturação de 14 avenidas e mais outras dezenas de ruas para atender a esta nova demanda. Aracaju seria a terceira capital com tal investimento que viria a ser um empreendimento de grande alcance social.

Para alcançar seus objetivos criou convênios com as empresas concessionárias de ônibus que ampliaram e modernizaram as suas frotas e puderam garantir, naquele acordo, que a população teria a circulação destes transportes a cada 10 minutos, na hora do *rush*, intervalos de cinco minutos e ainda promoveu a construção de terminais e de estações nos bairros e no centro da cidade. Os abrigos naqueles pontos trouxeram conforto para os passageiros (CALUMBY, 2011).

Como para coroar sua passagem pela Prefeitura, dotou Aracaju com mais 4 km de praia abrindo novas ruas e avenidas e humanizando mais ainda a paisagem da linda capital. Era o projeto *Coroa do Meio*. Com o advento da criação do Banco Nacional de Habitação (BNH) no nosso país, JAF teve a oportunidade de urbanizar uma área nobre de

5 milhões de m², a Coroa do Meio, e pediu financiamento do BNH através do Banco do Estado de Sergipe (Banese). Este projeto de Jaime Lerner teve retorno financeiro, pois o financiamento investido foi compensado com a venda de cerca de 3 mil lotes que pertenciam a Emurb, graças ao Presidente Geisel que liberara e transferiu aquela extensa área de terrenos de marinha, para a posse de Aracaju. Não houve, portanto, nenhum endividamento da Prefeitura.

Aracaju agora tinha, nesta primeira etapa do novo projeto, uma belíssima ponte de 160 metros de vão livre, avenidas asfaltadas e, inicialmente, 400 lotes para oferecer aos aracajuanos.

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Embora muito feliz, João era um homem muito inquieto, pois sabia que tinha uma missão longa a cumprir e a sua passagem pela Prefeitura era só uma breve etapa.

Quatro anos rapidamente se esgotaram. Foram anos difíceis, uma vez que, naquela ocasião, dispunha de um orçamento muito apertado, no qual 88% eram destinados à manutenção da máquina administrativa. Claro que ele precisava ser criativo e corajoso para empreender parcerias. E assim foi. Durante sua gestão, fez regulares peregrinações nos gabinetes das autoridades de Brasília para buscar recursos, principalmente nos Ministérios. Ele foi buscar no Governo Federal, recursos a fundo perdido, ou financiava seus projetos junto ao BNH e Caixa Econômica Federal com taxas confortáveis para a Prefeitura amortizar a dívida a longo prazo.

Ele honrara o que prometera na sua posse. Deus tinha sido bom. E ele sabia orar e agradecer. A verdade é que tudo que fizera com êxito, e foi muito, era muito pouco na sua percepção, pois ainda havia tanto por ser feito.

Mas, era hora de prestação de contas e para tal convocou todos os seus auxiliares, diretores e secretários para que cada um apresentasse os seus respectivos relatórios sobre as ações desenvolvidas por eles, nas suas respectivas pastas. Estava feliz pelas escolhas que havia feito dos seus auxiliares na Prefeitura. Na concepção dele, todos responderam às suas demandas e não o decepcionaram naquele período. Claro que, algumas vezes, a engrenagem parecia travar, mas a motivação de todos, liderados por JAF, era o motor propulsor e a roda girava fagueira.

Por meio de terceiros, JAF pediu para chamar Raymundo Luiz, jornalista conceituado em Aracaju. Estava se preparando para sair da Prefeitura de Aracaju: *eu quero fazer uma despedida, fazendo uma prestação de contas em audiovisual e eu queria que você elaborasse essa despedida para mim e quero que use a técnica Chroma-key.*

JAF sabia do que estava falando e ele não queria nada feito por amadores. Em 2021, a técnica de divisão de telas é artifício bobo e de domínio de qualquer um, mas naquela época era algo inovador e seria a primeira vez que Sergipe veria uma apresentação tão sofisticada. Alguém falando no fundo e as obras e as realizações de JAF iriam aparecendo e dividindo a tela em quatro imagens simultâneas, para depois se deter no destaque e abriria novamente.

**Ele honrara o
que prometera
na sua posse**



O *chroma-key* tem essa capacidade e é um dos recursos da televisão moderna que hoje está superaperfeiçoado. Aquilo Raymundo Luiz não sabia fazer. Mas não recusou o desafio, tampouco. Raymundo escreveu um texto que JAF aprovou, escolheram juntos as imagens e partiu para Salvador para a TV Itapoan, que era clássica na época. Lá conheceu Jorge Carlos Gomes, que posteriormente foi convidado para trabalhar em Aracaju com Raymundo Luiz quando este foi trabalhar com televisão e foi nomeado Secretário. A apresentação saiu como JAF queria. Tudo deu certo e, dali em diante, não se separaram mais. Aquela apresentação era o pontapé inicial de um projeto futuro, ainda que tímido e incipiente. Nada ostensivo ou declarado. Mas, sonhado. JAF queria ser governador.

Na sua despedida e dos seus auxiliares, da Prefeitura, chegou a ser carregado nos braços pelo povo até o local onde morava. Parecia uma procissão, com mais de uma centena de carroceiros participando, também, e na época as carroças tinham uma grande importância no transporte de cargas em Aracaju. Ser levado pela multidão era um gesto genuíno do cidadão comum para com um excelente administrador que mudou a cara da cidade. O aracajuano sentia orgulho de aqui morar (CALUMBY, 2011).

O seu trabalho, na sua estreia como político, na Prefeitura de Aracaju, refletiu o seu comando à frente de uma verdadeira revolução urbanística na capital, fazendo prevalecer o seu instinto João-de-barro.

Dessa profícua união, do urbanista futurista com o construtor entusiástico, resultou numa Aracaju preparada para crescer e se transformar na cidade de melhor qualidade de vida do Nordeste brasileiro, segundo parecer autorizado, na época, pela ONU.

Aracaju tinha sido atingida por um furacão chamado João. Era outra cidade. Uma cidade com cheirinho provinciano, e agora com todo o charme e esplendor de uma bela e moderna capital. Ele prometeu. Ele cumpriu. A cidade agora apresentava uma infraestrutura mais adequada, um serviço de drenagem que já protegia a população das intempéries da natureza, mais áreas de lazer, uma Rua de Pedestres no centro da cidade, um moderno sistema de transporte de massa, avenidas mais largas e 40 mil árvores transformaram Aracaju em um lindo jardim. Aprazível de se viver.

Muitos anos depois, em uma entrevista à Osmário Santos (2002 p.365), JAF rememorou que o seu índice de aprovação no final daquela gestão foi alto e impactante:

No último dia do meu mandato, recebi uma manifestação espontânea dos meus conterrâneos, numa proporção tal, que nunca antes ou depois de mim, houve algo semelhante em Aracaju. Para se ter uma ideia, o comércio fechou; os taxistas, os carroceiros e uma multidão incalculável me levaram para casa literalmente em seus braços generosos. A partir daquele momento, senti, pela primeira vez, que o povo exigia de mim algo bem maior: não admitia que eu fosse só um técnico, mas sobretudo um político a seu serviço.

7

EMPRESÁRIO DA CONSTRUÇÃO CIVIL HÁ MEIO SÉCULO

O êxito da vida não se mede pelo caminho que você conquistou, mas sim pelas dificuldades que superou no caminho.

Abraham Lincoln

No final da década de 50, tínhamos um cenário de acelerado crescimento econômico nacional, e surgia no estado de Sergipe, em 1958, a Sociedade Nordestina de Construções (Norcon), fundada por um pernambucano Gerci Pinheiro Machado e posteriormente adquirida pelo icônico comerciante sergipano, Oviedo Teixeira (foi deputado estadual) e, administrada por seu filho, o engenheiro civil Luiz Antônio Mesquita Teixeira e por Luciano Franco Barreto, casado com sua filha Maria Celi. Dois anos depois a Norcon ficou exclusivamente com os irmãos Luiz e Tarcísio Teixeira.

O filho mais velho de Oviedo e Alda, José Carlos Teixeira, destacou-se como homem ligado a cultura (dirigiu a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe), foi forte liderança política e elegeu-se cinco vezes deputado federal. O golpe militar de 1964 teve em José Carlos um decisivo contestador. O parlamentar ativo que honrou a política sergipana foi um dos fundadores do MDB, a “oposição consentida” pelos militares. José Carlos também foi prefeito de Aracaju (1985-1986) por indicação do Governador JAF e transmitiu o cargo ao seu correligionário Jackson Barreto, o primeiro prefeito da cidade eleito pelo voto popular após vinte anos; foi vice-governador de Sergipe em 1990 (ao lado de JAF).

A Norcon assinou a construção de conhecidos prédios municipais e estaduais, como a Biblioteca Epiphânio Dórea e o edifício-sede da Caixa Econômica Federal em Aracaju. Também foi a Norcon que começou a construir os primeiros edifícios residenciais de luxo de Aracaju. Criou o bairro Jardins em Aracaju, área cobiçada pela classe média e pelos abastados de Aracaju e expandiu a cidade em direção ao bairro Atalaia até a margem esquerda do Rio Vaza-Barris e o bairro Mosqueiro. A Norcon, por cinquenta anos, foi considerada a maior construtora e incorporadora do Norte-Nordeste até quase desaparecer do mercado (NASCIMENTO, 2021).

No mesmo período da fundação da Norcon, surgiu a CELI, outra construtora, fundada em 1968 pelo engenheiro civil Luciano Franco Barreto, genro de Oviedo Teixeira, uma empresa que sempre gozou de prestígio e reconhecida capacidade técnica de sua equipe com projetos de qualidade, e mantém-se no mercado com muito vigor.

Dois anos depois da fundação da CELI, em 1970, surgiu a Construtora Habitacional. A sua história confunde-se com a própria história do desenvolvimento de Sergipe, e, não sem razão, consolidou-se e consagrou-se na área da construção civil em Sergipe, e além destas fronteiras: Maceió (AL), em 1975; em Salvador (BA), em 1988; e em Recife (PE). A construtora conseguiu tornar-se, em um mercado bastante competitivo, uma marca de credibilidade, admiração e envergadura.

Inegável que alguns fatores contribuíram neste meio século: o compromisso com a qualidade e, sobretudo, com a segurança dos seus empreendimentos que deram credibilidade junto ao mercado de imóveis. Esta marca é trazida desde os primórdios com o inegável DNA do velho Construtor João Alves.

Desde os seus primeiros passos, a Habitacional afixou os seus objetivos de forma clara e concisa, buscando o seu melhor desenvolvimento nas áreas de tecnologia e humanidades. O investimento maciço que foi feito na seara tecnológica, estudos e planejamento explicam a perene continuidade que estabelece a sua história de conquistas por meio século.

Quando JAF assumiu a Prefeitura de Aracaju na década de 70, quem passou a presidir a Habitacional com mão de ferro foi a sua Maria, e o fez por muitos anos, e com reconhecida capacidade administrativa. Indubitável a importância que Maria do Carmo teve nesse processo de consagração da Habitacional.

Mesmo sendo mãe e trabalhando fora, ela conseguia conciliar como uma guerreira destemida, que sempre foi, as atividades domésticas e as demandas da maternidade. Maria emprestou garra, determinação e credibilidade nos anos que esteve à frente da construtora, se dividindo em múltiplos papéis e também o de primeira-dama da capital sergipana, sempre ao lado do seu audacioso marido, o jovem engenheiro JAF.

Nos anos em que a advogada Maria esteve à frente da empresa, esta floresceu, revelando a sua faceta de grande executiva. De todas as conquistas importantes e memoráveis angariadas pela Habitacional, Maria do Carmo destaca que a entrada deles no mercado alagoano (1975) em sociedade de sucesso e muita amizade com o empresário Joaquim Santana, e depois, no mercado da Bahia (1988) foram as mais notáveis.

Foram precisamente esses aspectos basilares constituídos desde a sua fundação, que a Habitacional conseguiu ingressar com respeito ao mercado da construção civil em outros estados, inclusive em Pernambuco em 2006, já sob a batuta de seu filho João Alves Neto, que se revelou exímio administrador.

Entre 1979 e 1983, JAF voltou a se dedicar à sua empresa com muito afinco e esmero. Era de sua índole fazer bem-feito. Um trabalhador incansável e cujo descanso era na biblioteca imensa de sua casa, arreado de projetos, sonhos, livros e discos, como um bom amante dos clássicos, apreciador de jazz e de ópera.

Nos interstícios entre os cargos que se sucederam ele estava inteiramente dedicado às suas empresas, fazendo-as crescer e dando vigor especialmente à Habitacional, seu xodó e a origem de todos os seus demais empreendimentos, e sempre ao lado de sua Maria, que se tornou uma grande executiva.

Com as eleições em 1982, JAF afastou-se novamente da presidência da Habitacional e mais uma vez a transferiu para Maria, e vitorioso nas urnas, assumiu em 15 de março de 1983 até 15 de março de 1987, o Governo do Estado de Sergipe.

Maria do Carmo, mulher empreendedora, com grande experiência administrativa, permaneceu na presidência até à sua chegada no Senado.

Dos maiores desafios de gestão numa empresa da construção civil no Brasil, Maria ressalta que a burocracia é o pior deles, principalmen-

te num mercado ainda restrito como Sergipe. O país, do ponto de vista daquela empresária, é péssimo para as empresas em geral.

Só a partir de 1º de fevereiro de 1999 quando assumiu a cadeira de senadora, Maria transmitiu o cargo de presidente da Habitacional para o filho João Alves Neto, que tinha concluído sua graduação como administrador de empresa pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo, em 1994.

Na sua atuação no Senado, ela continuamente lutou pela desburocratização, tanto no setor público, quanto no setor privado. Outro desafio até os dias atuais nos remete à reforma tributária que precisa ser aprovada

“ Entre 1979 e 1983, JAF voltou a se dedicar à sua empresa com muito afinco e esmero.

urgentemente. Maria continua insistindo até os dias atuais, que só uma reforma pode tornar o Brasil mais atrativo para investidores, dotado de uma maior estabilidade na seara econômica. Ao visar o bem comum, o nível de possibilidades se torna imenso e confere uma possibilidade palpável

para todos os que querem enxergar potencial na nossa realidade. Para o Brasil voltar aos trilhos, ela garante que precisamos ter políticas econômicas mais alentadas e concretizar as devidas reformas que o país carece.

Uma das prováveis explicações para o sucesso da Habitacional é a sua motivada equipe de colaboradores, sempre foi com o mesmo perfil, com dirigentes jovens que imprimem um ritmo mais acelerado e sempre inovador, conforme as demandas de um mercado cada vez mais competitivo e exigente. Mais do que obras de concreto, sob a forma de edifícios, casas, shoppings, condomínios, hospitais, faculdades, cinemas, indústrias, a Habitacional acaba edificando e realizando sonhos, inspirada em valores mais humanísticos, herança genética e inspiradora do velho construtor João Alves.

Após a graduação, João Neto adquiriu uma breve experiência de trabalho no BBA que era um banco de investimentos fundado em São Paulo com parceria com o austríaco Creditanstalt. O foco do Itaú BBA era sempre as grandes fortunas ou corporações. Em 2002, o seu controle passou a ser do Banco Itaú Holding Financeira que hoje é Banco Itaú Unibanco e virou ITAÚ-BBA.

SUCESSÃO FAMILIAR E SEGUIMENTO DOS TRABALHOS

No meio de uma crise financeira com muitas demissões, em 1995, João Neto volta para Aracaju e pouco tempo depois, em 1998, o seu avô, o lendário construtor João Alves morre. João Neto perdia mais do que o avô tão respeitado e querido por todos, mas perdeu, também, uma das suas referências importantes, haja vista ser quase um menino, inexperiente no setor da construção e da vida, e já não iria poder contar com as orientações do avô, um gigante em sabedoria e bom de conselhos. Em 1996, João Neto foi convidado pelos pais, João e Maria para colaborar diretamente como diretor financeiro da Habitacional (CORREIO DE SERGIPE 2020).

João Neto afirmou que aquela sucessão na empresa, da forma que foi feita, não era do seu desejo. Era de sua vontade que o pai, JAF, abdicasse da política e fosse ser somente empresário, pois sentia-se ainda imaturo para tanta responsabilidade. Sentia-se só e, na sua percepção, as suas duas irmãs não demonstravam interesse da administração das empresas. A Habitacional, em quase 30 anos cresceu muito e abriu muitas oportunidades empresariais. Na realidade, a família era detentora de um complexo que envolvia a construtora Habitacional, rádio, jornal, TV, área hoteleira e agropecuária.

Em 1998, logo depois da derrota do seu pai nas eleições como candidato a um terceiro mandato de Governador, João Neto afirma que JAF acabou deliberando que realmente não queria mais estar à frente dos negócios da família. Era vocacionado para a política e a ela iria se dedicar plenamente. Na mesma ocasião a sua mãe, Maria, também não poderia mais administrar por força e impedimento do seu cargo, pois tinha sido eleita como senadora e iria doravante viver em Brasília. Assim, no início de 1999, João Neto chegou à presidência da Habitacional.

João Alves Neto continuou estudando, se preparando e, em 2003 fez MBA em Gestão Empresarial, na Fundação Dom Cabral, em Minas Gerais. Na sua trajetória, João Neto teve como seus grandes incentivadores – seu pai e seu avô. Ele conversava bastante com o seu pai, a figura que mais o aconselhava; e a quem sempre recorria, quando precisava de ajuda e certamente com quem tinha, também, mais conflitos. Duas visões de mundo diferentes: um arrojado e o outro conservador. João Neto já não concordava com tudo o que seu pai dizia ou fazia, mas,

mesmo assim, os seus ensinamentos lhes foram fundamentais na condução dos negócios da família.

A leitura de Tina no que tange a sucessão da forma como foi realizada, era de que seus pais sempre guardaram um certo sentimento de culpa pela chegada precoce de João Neto na empresa. Uma culpa com um misto de orgulho que justificaria uma certa preferência e proteção velada pelo filho caçula, em um caldo cultural que passa pelo imaginário social da maioria dos nordestinos brasileiros, principalmente aqueles da região ribeirinha do São Francisco.

Por ocasião das comemorações dos 50 anos da Habitacional, em 2020, João Alves Neto recebeu muitos cumprimentos pelos últimos 20 anos que lidera o grupo. Muitas autoridades se manifestaram sobre a importância da construtora e da bela história, entre eles, o governador do estado de Sergipe, Belivaldo Chagas, que cumprimentou a empresa reconhecendo que *a construção civil é um dos grandes pilares da economia sergipana e a Construtora Habitacional vem contribuindo para o desenvolvimento do Estado, gerando emprego e renda. (...), sempre se modernizando e colhendo os bons frutos do seu digno trabalho* (CORREIO DE SERGIPE, 2020).

Laércio Oliveira, deputado federal e presidente da Fecomércio, na mesma ocasião também deu o seu testemunho de que:

A Habitacional transforma vidas há 50 anos! Esse legado erguido por Dr. João Alves Filho, filho de um construtor, marcou sua história como engenheiro, empreendedor e um homem de sucesso. Foi essa experiência que ajudou na transformação que ele promoveu no Estado, em sua atividade política.

Tudo começou de um sonho que era construir, construir casas para as pessoas, construir lares, construir vidas. A Habitacional é parte presente na vida de milhares de sergipanos e devemos celebrar sua história, hoje continuada por Dr. João Neto, seu filho, que faz os pilares fortes da engenharia se manterem robustos e sustentarem uma grande empresa que gera milhares de empregos e faz parte de muitas vidas e muitas histórias (CORREIO DE SERGIPE, 2020).

Henrique Brandão Menezes, empresário conhecido, tradicional de Sergipe, do Grupo Samam, declarou que conheceu JAF há 50 anos, e diz:

Criamos uma relação de amizade e admiração. JAF é um homem sério, homem de bem, homem de palavra e com uma visão empreendedora gigante. João ajudou Sergipe em tudo e eu tive a honra de participar dessa história, o vendo trabalhar, ajudando-o, fornecendo para a Habitacional a matéria prima, pois na época nós éramos atacadistas de material de construção.

João montava o prédio e dizia: 'Henrique não tenho dinheiro não, fique com um apartamento desse'. E eu ficava e nós acertávamos tudo. Então eu vi o crescimento dessa empresa, o trabalho sério que seu fundador realizava e que até hoje continua perseverando com o atual diretor-presidente, que é João Alves Neto.

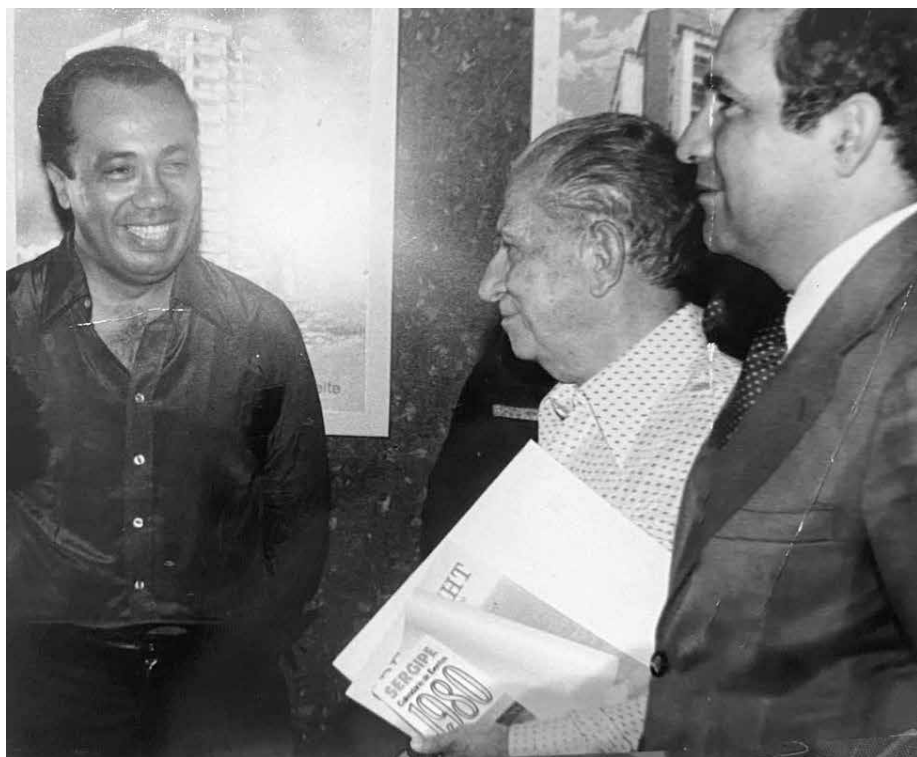
Outro personagem icônico de Sergipe, a quem Sergipe muito deve por sua intensa participação na vida pública do Estado, ex-senador, ex-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) de 1980 a 1994 e ex-governador, Albano Franco, confrade de JAF na Academia Sergipana de Letras, disse:

50 anos da Habitacional é uma data importante para o desenvolvimento econômico de Sergipe, principalmente porque o seu fundador, o engenheiro João Alves Filho, teve a competência e a capacidade de trabalho de fazer da Habitacional uma das maiores do Nordeste e do Brasil, e aqui em Sergipe tudo que é importante tem a participação da Habitacional, inclusive no nosso governo, a Habitacional foi parceira em vários sentidos.

A Habitacional é uma construtora que tem imagem e credibilidade e nesses 50 anos eu gostaria de parabenizar e felicitar seus fundadores, João Alves Filho, junto com sua esposa, a Senadora Maria do Carmo e também a João Alves Neto, que há mais de vinte anos está no comando da construtora.



Ana Alves em companhia do pai, JAF, e do avô, o construtor João Alves.



*I Feira Indústria de Sergipe em 1980,
ao lado do jornalista Nazário Pimentel e de Augusto Franco.*



*Lançamento imobiliário da Habitacional em Alagoas,
ao lado de Divaldo Suruagy.*

8

O ESCRITOR

*O talento sozinho não consegue fazer um escritor.
Deve existir um homem por trás do livro.*

Ralph Waldo Emerson

Nazário Pimentel, jornalista apaixonado por livros, tinha o privilégio, a cada Natal, de receber a visita de JAF em casa e este sempre lhe trazia bons exemplares. Era mais um estímulo para a leitura em uma casa de hábitos desenvolvidos desde cedo e que já tinha muita intimidade com os livros e os jornais. João amava presentear os amigos com livros. Principalmente àqueles que sabia serem bons interlocutores. Estes presentes eram aguardados com expectativas por todos que amavam ler e tinham apreço por uma prosa com João que, também, era um bom *contador de causos*. Pois bem, Pimentel sempre afirma, desde onde minha memória alcança até os dias atuais que, *quem lê, sabe falar e sabe escrever*.

Diz-me com quem andas (ou quais os livros que lês) *e dir-te-ei quem és*. Esta é uma expressão popular que indica quais são as possíveis qualidades de uma pessoa pela companhia que ela mantém ou pelos livros que ela lê. João lia, João escrevia.

Eu me emocionei quando conversei, pela primeira vez, com a Senadora Maria do Carmo, quando lhe disse do meu desejo de ser a biógrafa de JAF, pois tinha memórias afetivas positivas, senão carinhosas, pelas suas referências intelectuais.

Para que entendamos a veia do escritor JAF é preciso que alcancemos um pouco mais sobre a sua personalidade, e descubramos os livros que ele lia, as músicas que ouvia, os filmes que assistia. JAF desenvolveu

o hábito da leitura desde muito cedo e construiu o seu repertório socio-cultural que se revelou na sua obra.

Quem o conhecia sabia que, dentro daquela pasta que ele transportava para cima e para baixo, sempre existia um livro recém-lançado nas livrarias.

Certa feita, em depoimento (SANTOS, 2002), JAF se definiu como um verdadeiro *rato de livraria*. E diz que até mesmo em seus momentos de intensa crise, como durante as campanhas políticas mais acirradas, não interrompia o seu hábito de leituras.

Depois descobrimos que em nenhum momento ele largava os livros, e sempre lia mais de um ao mesmo tempo. A cunhada, a psiquiatra Cecília Tereza Alves Nascimento, diz que, mesmo em dias de lazer e pequenos passeios, JAF acompanhava a família sempre com uma sacola, com ao menos dois livros e dois marcadores de texto coloridos. Ele lia e rabiscava os livros. Ela lembra quando iam para a fazenda da família, a Jundiáhy, para os finais de semana. Algumas vezes decidiam pegar a lancha para dar uma volta, JAF aceitava o convite, desde que levando os seus livros. Muitas vezes a família se divertia escondendo a tal sacolinha, com a intenção que ele aproveitasse melhor o dia com os familiares, mas não nega que gostavam de vê-lo espernear, por não encontrar os bens preciosos dele. Mas, nem por isso JAF perdia a calma. Era da paz.

João e Maria mantém em Aracaju, mesmo vivendo em Brasília, um apartamento em um prédio antigo, construído pela Habitacional, em uma rua bem tranquila, isolada e sem movimento de carros.

Decidimos saber um pouco mais sobre a construção da bagagem cultural deste homem. Pedimos licença à senadora, que permitiu a minha visita, em maio de 2019, na sua ausência, pois encontrava-se em Brasília. Fui recebida por uma governanta da casa, que me guiou até o segundo andar, objeto da minha curiosidade. E assim convido o leitor para juntos, privarmos um pouco da intimidade do lar daquele casal.

No *lobby* de entrada do apartamento, com imenso pé direito (trata-se de uma cobertura), chama a atenção, um aparador com uma pintura de Nossa Senhora, e duas imagens da Santa Maria sobre uma cômoda antiga, possivelmente uma peça de família, da primeira metade do século XX. No mesmo pé direito, visto do segundo piso, outro lindo quadro em tons azuis, na parede, esculpido na madeira, de forma

tridimensional, com a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo na cruz, conversando com sua mãe Maria e com João, um dos Seus melhores amigos. Naquele encontro, Jesus fala para demonstrar amor: *Aí está o seu filho*, e ao amigo disse, *Aí está a sua mãe*. Daquela hora em diante, o discípulo a recebeu em sua família (João 19:26-27). Sim, era uma casa de cristãos.

DIPLOMAS, MEDALHAS E A PINACOTECA

Antes de alcançar a biblioteca do casal João e Maria, atravessamos uma ampla sala com móveis elegantes, de época, e fomos levados para o segundo piso da casa; e já nas escadas, as paredes estavam cobertas por diplomas, medalhas, comendas, as mais variadas, dirigidas à JAF, e outras muitas tantas à Senadora Maria do Carmo.

A primeira nos chama a atenção por ser uma bênção do Papa Bento XVI, nascido Joseph Aloisius Ratzinger na Alemanha, hoje Papa Emérito e Romano Pontífice da Igreja Católica, e que traz a assinatura do, também alemão, Frei Hans Stapel OFM (Ordem dos Frades Menores). Trata-se de um documento de 12 de maio de 2007 dirigido à comunidade da Fazenda Esperança (criada para cuidar de dependentes químicos) e extensivo ao Dr. João Alves Filho e família. Não nos surpreende diante do exercício constante de fé de JAF, um católico praticante.

João tinha orgulho de dizer que era Grão-Mestre da Ordem do Mérito das Forças Armadas e homenageado com a Ordem do Mérito Astronáutico; Ordem do Congresso Nacional; Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho; Medalhas do Pacificador, do Ministério do Exército, e do Mérito Naval; Cidadão do estado do Amazonas, de Alagoas, Tocantins, Goiânia, Maceió, Arapiraca, entre outros.

Nas escadarias tem um belo quadro com uma placa de homenagem à JAF oferecida pela Association Tunisienne des Meres (ATM) de 2005. Trata-se de uma Associação das Mães da Tunísia (ATM), liderada pela Sra. Saïda Agrebi que desempenha um papel proeminente na divulgação e implementação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Esta ONG tunisiana, sem fins lucrativos, recebeu status consultivo geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) pelas Nações Unidas em 2001. A ATM está profundamente comprometida com a ideia de que a função da mãe não se limita a dar a vida, mas a transmitir conhecimentos aos mais jovens.

Desta forma, a ATM concentra suas ações no ensino da alfabetização, educação e apoio às mães marginalizadas.

Também exposto na escadaria, Diploma de Cidadão de Maceió (1977); Troféu Prefeito JAF (1979); Homem do Ano (1985); Troféu Laranja de Prata (1991) por ocasião da Feira da Laranja no município de Boquim, em Sergipe; Líder Empresarial no Fórum dos Líderes da Gazeta Mercantil (1999); título de Sócio Benemérito da Associação de Vereadores do Estado de Sergipe (2003); Diploma da Medalha Alferes Tiradentes (2006), oferecido pela Polícia Militar do Estado de Sergipe; Homenagem do Instituto Dom Luciano Duarte (2007); Homenagem do Jornal da Cidade em 2011; Personalidade Aracajuana, oferecido pelo Colégio Arquidiocesano Coração de Jesus; Troféu Amigo da Orla (Associação dos Proprietários de Brinquedos da Orla do Estado de Sergipe; Troféu do Programa de Regionalização do Turismo, oferecido pela FGV e Sebrae (2013).

Fiquei imaginando que por razões afetivas aquelas homenagens em específico, deveriam ter um significado e sabor especiais e por isso estavam mais expostas que as demais.

E sem tanta surpresa, mais tarde, encontramos dentro de uma enorme estante, dezenas de caixas de veludo de diversos tamanhos, com placas comemorativas de prata e mais de uma centena de medalhas. Seu filho Joãozinho já havia dito que na sede do jornal da família, existem ainda outras centenas de homenagens em forma de diplomas, troféus, placas e medalhas.

Desistimos de verificar quem os homenageou. Afinal, JAF era unanimidade. Todas certamente muito merecidas.

Havia uma cristaleira estreita e alta, provavelmente da primeira metade do século passado, com porcelanas vintage e com lindos *biscuits*.

Sobre uma mesa redonda de canto, havia belos vasos de cristais finos da Bavária em tons azuis. As elegantes peças azuis eram realçadas pela beleza da finíssima toalha de puro linho branco, com bordado *Richelieu* e esmeradamente bem engomada.

Richelieu é uma técnica de bordado recortado e inclui pontos de caseado distintos que cruzam as áreas de tecido recortadas. O seu nome

**Existem ainda
outras centenas de
homenagens em
forma de diplomas,
troféus, placas e
medalhas**



se deve ao Cardeal Richelieu, o principal Ministro de Luís XIII da França. Diz-se que nessa época, o religioso criara oficinas para produzir vestes bordadas para os membros da monarquia.

Tobias Barreto, uma pequena cidade do interior do Sergipe, com 46 mil habitantes, a 127 km da capital sergipana, vive há 150 anos, basicamente da produção desse lindo bordado. Aqui em Sergipe, o bordado é feito à moda antiga e a técnica é transmitida de mãe para filha, mantendo a tradição de um bordado europeu e fazendo girar a economia do município com o trabalho de cerca de cinco mil mulheres. Paciência, delicadeza e sensibilidade garantem a perfeição do ponto.

Primeiro, é feito o desenho que depois é transferido para o tecido de algodão, conhecido como percal. Na máquina de costura, as linhas são cobertas com o ponto cheio. E, finalmente, vem a parte mais difícil, o bordado. Com a ajuda da tesoura, as artesãs recortam o tecido da parte interna dos desenhos. É esse acabamento que permite visualizar os detalhes do trabalho.

Quando termina o trabalho das bordadeiras, entra em cena uma outra profissional: a engomadeira. Ela é uma especialista em deixar o bordado ainda mais atrativo para o cliente. Para fazer esse acabamento, é preparada uma mistura bem simples: duas colheres (sopa) de fécula de mandioca, um copo pequeno de água fria e um litro de água fervente. Primeiro, a fécula de mandioca é misturada à água fria, até ficar dissolvida. Em seguida, a mistura recebe a água fervente. Tudo é feito com muito carinho e a arte é valorizada e exportada para o mundo inteiro.

Maria do Carmo, uma mulher sempre ligada a um sério e reconhecido trabalho social, claro, haveria de valorizar peças artesanais desta natureza, porquanto a sobrevivência de uma legião de famílias para as quais ela sempre deu suporte, estimulando a produção e divulgação que favorecem a venda. Naquela mesa havia mais que uma toalha, porém pura e rica arte sergipana, valorizada por quem entende do riscado.

E para enobrecer mais ainda aquele ambiente, quadros de pintores sergipanos, como Florival Santos, Leonardo Alencar, Aauto, Baltazar, João Bosco, Wellington, entre muitos outros. Sem dúvida, uma rica coleção de quadros de bons artistas da terra.

Senti falta, naquela linda pinacoteca, do pintor Jairo Alves. Em outra ocasião que antecedeu esta visita, perguntamos sobre ele à senadora

que afirmou não conhecer o seu cunhado, mas que recebera um quadro por ele enviado. Afinal, JAF tinha irmãos a perder de vista, pois o construtor João Alves, seu pai, teve muitos relacionamentos.

Lembramos muito bem da figura dele, alto, magro, alquebrado pelas mazelas do uso abusivo do álcool. Vivia da venda dos quadros. Não tivemos mais notícias deste grande artista, cujas obras emolduram muitas paredes na minha casa e na casa dos meus pais, que sempre valorizaram o talentoso artista plástico. Marlene Alves Calumby, também admiradora do talentoso irmão, nos informou que ele, infelizmente, já não se expressa através da sua arte, por ter piorado muito com as comorbidades advindas do alcoolismo crônico e que desde o final da última gestão na Prefeitura de Aracaju (01.01.2017), não foi mais procurada, pois até então era JAF que o ajudava, financeiramente, para a aquisição de medicações.

Entre os quadros naquela sala, tem uma foto de JAF, emoldurada, ao lado de Maria do Carmo, apertando a mão e conversando com o Papa João Paulo II, por ocasião de uma audiência a eles concedida pelo Pontífice no Vaticano.

Atravessamos a imensa sala do segundo piso do apartamento. Ela era ricamente decorada com objetos e livros de arte; jarros e peças orientais e entre elas, um belo e delicado biombo japonês e, abaixo deste, um imenso bloco que suponho ser de coral rosa, esculpido com figuras múltiplas de Buda. Sim, tratava-se dos Lakshanas.

Os Lakshanas que mais se destacam nas artes dos templos budistas são a roda da lei sob os pés que simbolizam os oito caminhos nobres de Buda, quais sejam, pensamento, ação, entendimento, linguagem, modo de vida, atenção plena, esforço e concentração. Os cabelos anelados das figuras de Buda referenciam a inteligência elevada; o terceiro olho evidenciam a percepção espiritual e a visualização do absoluto; a protuberância representa a conquista da sabedoria que acessa a iluminação; os lóbulos alongados revela o desapego material.

Em um dos cantos da sala, uma pintura se destaca, a imagem de Nossa Senhora, em tons fortes de azul e assinada por Eurico Luiz (1993). Próximo sobre uma mesa de canto uma grande escultura de Nossa Senhora da Conceição, por quem JAF nutria grande devoção.

Aquele ambiente era indescritível, pois carregava uma série de simbologias, era sóbrio e simples, ao mesmo tempo, nobre e elegante

e com forte presença dos símbolos da fé católica. Senti gratidão pela confiança da minha presença naquela casa, enquanto o patrono estava na Capital Federal, sob o olhar atento de Maria, em um pequeno apartamento funcional do Senado, com a ajuda do seu cuidador, Aparecido, e com as visitas constantes de sua filha Cristina, que sempre os assistiu em Brasília, onde também mora. Aparecido, foi mais do que um cuidador, tornou-se um anjo protetor, companheiro e amigo: [...] *ele iluminou muitas pessoas e concedeu que as pessoas carentes tivessem dignidade e alegria de viver. Não sei se foi eu que o ajudei ou se foi ele que me ajudou.*

A BIBLIOTECA DE UM INTELLECTUAL

Alcançamos em contiguidade, o seu *office*, uma aprazível e imensa sala íntima com um grande sofá e quatro confortáveis poltronas, com acesso a um enorme terraço, onde de lá se avista o Rio Sergipe e uma das mais importantes obras deste sergipano, a ponte Construtor João Alves, que une Aracaju à Barra dos Coqueiros. Aquela visão da bela Aracaju rouba a respiração de qualquer mortal que ame esta cidade.

Florival Santos é um sergipano de Propriá, um pintor de grande relevância para as artes plásticas e que realizou exposições em Brasília, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, entre outros grandes centros de arte. Foi autor do brasão da capital de Sergipe e sua obra intitulada *Retirantes* pertence ao acervo do Vaticano. Pois bem, o que mais chama à atenção na gigante biblioteca de JAF, um misto de estar e *office*, é uma imponente pintura de Maria do Carmo, assinada por este grande e renomado artista plástico, Florival Santos. Essa peça fica exatamente diante da escrivaninha da sala. É como se ele dissesse a todos que ali adentram, que o poder dela, da sua Maria, vai além da própria presença. Ela com o seu jeito discreto e tímido é quem exercia o controle de muitas das decisões do casal de políticos. Não há quem duvide.

Atrás da escrivaninha tem um telão para projeções e apresentações. Imaginei que ali, naquele espaço tão íntimo, muitos acordos e projetos foram desenvolvidos e decisões foram articuladas. A escrivaninha tem um computador de mesa, uma impressora, alguns livros abandonados como se lidos ou relidos mais recentemente, e muitos porta-retratos com fotos de JAF com os filhos ainda crianças e com os netos.

No meio dos livros, nas imensas estantes que cobrem todas as paredes que vão do piso ao teto, alguns clássicos do Direito, tipo

Código Penal, Direito Constitucional, Dicionário da Legislação Federal: são pedaços de Maria e da sua formação acadêmica, haja vista ter-se tornado advogada.

No mais, naquela biblioteca, o cheiro é do erudito e grande intelectual JAF. Encontra-se de tudo um pouco, desde as famosas coleções de conhecimentos gerais obrigatórias nas casas de todas as famílias, como a *Barsa*, entre outras, História do Brasil, administração e ainda coleção com os clássicos da literatura mundial, destacando-se Dostoiévski.

Ainda encontramos livros de sua formação como engenheiro, tipo física, matemática, mecânica; e muitos sobre planejamento urbano, sociologia urbana, limites de crescimento das cidades, provavelmente aqueles que embasaram os primeiros projetos de JAF como prefeito de Aracaju.

Nas estantes transbordam livros de arte também, que vão de Renoir a Carybé; livros sobre os acervos sacros e culturais de Sergipe e sobre o artesanato brasileiro, nordestino e, especialmente, o sergipano.

Em uma casa em que os livros tem um papel de tamanha envergadura, vimos obras nas mesas de centro das salas, na escrivaninha e ficamos imaginando que este tipo de ambiente favorece não apenas à leitura, mas a conversa espontânea sobre o que aquela família estaria lendo em algum momento, a troca de percepções e gostos diferentes que expande os escritos, os personagens e as histórias para além das páginas dos livros, e certamente favoreceria saborosos encontros entre amigos e momentos familiares, principalmente em um tempo que não haviam *smartphones* para desviar a atenção dos mais jovens.

João Alves tinha uma verdadeira atração por história. As histórias de várias nações lhe chamavam a atenção: China era uma delas, Portugal, Índia, Japão, Panamá, Colômbia, destacam-se com mais de um exemplar.

A história mundial das grandes potências e as guerras, em especial a segunda grande guerra, com várias dezenas de livros que trazem figuras que se destacaram para o bem e para o mal.

Muitos livros sobre a arte da política, dezenas com os melhores discursos políticos dos últimos dois séculos, pensamentos e citações de grandes estadistas, que certamente eram fontes de inspiração em alguns momentos da sua vida pública.

Encontramos *1001 dias que abalaram o mundo*, de Peter Furtado, Fernanda Abreu e Pedro Jorgensen Jr.: um clássico sobre as revoluções, sobre a evolução tecnológica e científica e sobre os grandes

nomes que marcaram o seu tempo e colaboraram para que chegássemos aonde estamos.

Neste acervo, que é um verdadeiro caldeirão cultural, encontramos biografias as mais diversas, de políticos, escritores, artistas, reis, filósofos, militares, historiadores e presidentes.

A história da República Brasileira desde 1888 até 1978 é vista naquela biblioteca em várias versões e alguns personagens da história do Brasil tem múltiplas biografias, a exemplo da do Barão do Rio Branco, que foi um grande diplomata, advogado, historiador e político brasileiro. Ele foi, também, Ministro das Relações Exteriores durante o governo de quatro presidentes e ocupou a cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras. Sem dúvida o barão era um homem inspirador.

O nosso Patriarca da Independência do Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva, tem lugar cativo naquelas prateleiras, com quatro versões de diferentes autores, sem dúvida um grande estadista e poeta luso-brasileiro, inspirador também pelo seu papel conciliador, característica desenvolvida pelo nosso JAF.

No meio daqueles livros, encontrei várias versões da Bíblia, JAF era um católico praticante e um cristão devoto. Era detentor de muitos livros de teologia, filosofia, romances, ficção, livros motivacionais, a exemplo de OG Mandino, autor de *O maior vendedor do mundo*; o livro *O poder da mente*, de Uri Geller e muitos livros de autoajuda de Augusto Cury e Roberto Shinyashiki, entre outros.

Entre tantos livros, muitos são sobre saúde física e emocional, e ainda sobre inteligência emocional, fontes da juventude e longevidade e como manter o cérebro jovem e funcionando por muito tempo. Parece que esta era uma preocupação constante de JAF: extrair de si mesmo todas as potencialidades e garantir qualidade de vida na maturidade.

Peter Drucker é um autor que não nos surpreende com sua presença, através de mais de uma dezena de títulos diferentes naquela biblioteca, com todos os seus livros clássicos sobre administração e o capitalismo. Aliás, este autor era muito citado nos seus discursos, inclusive quando da sua posse na Academia Sergipana de Letras, em 28 de maio de 1993.

Lá sobre a mesa dele, apontando que talvez tenham sido relidos mais recentemente, repousavam os livros de Henry Kissinger, *Sobre a China*; e alguns outros livros de história sobre o Dia D, ou ainda *O papel*

de Roosevelt, Stálin, Churchill e Truman desde a Segunda Guerra até à Guerra Fria.

Também repousando sobre a mesa usada por JAF, encontrei *Citações e pensamentos*, do Padre Antônio Vieira; e ainda a biografia de Sir Winston Churchill, que foi primeiro-ministro britânico por duas vezes (1940-1945 e 1951-1955). Churchill foi um notável orador e um grande estadista. Ele foi o único primeiro-ministro britânico que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura e a cidadania honorária dos Estados Unidos.

**João Alves tinha
uma verdadeira
atração por
história.**

Claro que Churchill era fonte de inspiração para JAF. Aquele era considerado como um dos homens mais influentes da História do Reino Unido e uma das figuras mais importantes do século XX. Considerado como um líder extremamente inteligente que levou a vitória do Reino Unido e dos países aliados na Segunda Guerra Mundial e desempenhou um papel fundamental no combate ao fascismo europeu.

Churchill é muito elogiado por seus diversos livros escritos, entre tantos, *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, que o levou a receber o Prêmio Nobel de Literatura. Mas é impossível passar ileso às críticas de opositores, principalmente pelos comentários imperialistas sobre a raça, bem como a sua aprovação de violações de direitos humanos, na supressão de movimentos que procuravam se voltar contra o Reino Unido, como no caso da independência da Índia. Mas depois, como tudo na vida, passa. Passou e, em 2002, Churchill foi eleito pela BBC o maior britânico de todos os tempos.

Sobre a mesa de trabalho do *João Imortal das Letras*, não surpreende encontrarmos largados, vários títulos simultaneamente, pois era hábito ler coisas diferentes ao mesmo tempo, apontando um pouquinho de sua inquietação, senão ansiedade. E a biografia de Winston Churchill apresentava várias marcações nas suas páginas, e entre elas, abrindo ao acaso, encontrei grifado de marcador amarelo, uma de suas mais icônicas citações que diz: *a diferença entre um estadista e um demagogo é que este decide pensando nas próximas eleições, enquanto aquele, decide pensando nas próximas gerações.* Esta frase deste ilustre britânico cabe como uma luva, representa e define JAF. Um homem que trabalhou

sempre com projetos de longo prazo, pensando no futuro dos seus sofridos conterrâneos e para que os seus sucessores, se não fossem míopes, colhessem bons frutos.

O problema da maioria dos políticos, claro que existem exceções, ilhas de excelência, graças a Deus, é que eles fazem questão de não dar seguimento aos projetos dos antecessores, querem ficar *inventando a roda*, se possível apagar as realizações anteriores, rebatizando projetos ou abandonando obras, em um descaso com a coisa pública e desrespeito à população. Sempre realizam projetos a curto prazo,

“ **Homem culto e erudito, JAF tinha no seu acervo, *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marquez**

com obras para serem rapidamente inauguradas, com objetivos exclusivamente eleitoreiros. Existem políticos que não trabalham, mas apenas fazem campanha durante toda a sua gestão, para ficarem bem na fita e no *recall* serem reeleitos. São políticos populistas e demagogos, que nada deixam como legado, de útil e ou importante,

para as futuras gerações. São eleitos apenas com um projeto pessoal de poder, sem humildade para servir a quem os escolheu, como representantes legítimos do povo.

João era de outro naipe. Estava sempre de olho no futuro. Fazia parte de um seletivo e respeitado grupo de estadistas que pensavam grande e enxergavam adiante, anos luz.

Homem culto e erudito, JAF tinha no seu acervo, *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marquez, Prêmio Nobel da Literatura em 1982 e considerada uma das obras mais importantes da literatura latino-americana. *Cem anos de solidão* conta a história de uma cidade fictícia, revelando ascensão e queda dos seus fundadores. Trata-se de uma metáfora da condição latino-americana. A solidão da região se torna mais visível no que tange a economia e somos condenados a trocas desiguais com outras nações nos tornando reféns, inclusive em termos tecnológicos. Esta obra é considerada a mais importante escrita em língua hispânica, depois de *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes Saavedra, outro clássico presente naquela biblioteca.

Na sua biblioteca destacam-se muitos livros sobre o Rio São Francisco, o seu povo, a arte ribeirinha e suas riquezas, demonstrando o

seu profundo conhecimento e amor pelo Nordeste, e a sua preocupação com uma região que ele amava, defendia e conhecia muito bem.

Devorador de *best sellers*, encontramos coleções inteiras de autores nacionais como Jorge Amado, e internacionais como: Charles Morris, Ken Follett, Jeffrey Archer, Frederic Forsyth, Mario Puzo, Mario Vargas Llosa, John Kenneth Galbraith, Sidney Sheldon, Harold Robbins, Agatha Christie, entre muitos outros.

Nelson Motta também se faz presente neste rico acervo, com o seu livro biográfico *O som e a fúria de Tim Maia*, que denuncia o prazer de JAF em ouvir este grande cantor, compositor, maestro, instrumentista responsável pela introdução do gênero *soul* na música popular brasileira e reconhecido como um dos maiores ícones da música.

Encontramos ainda muitos livros de marketing empresarial, mas a maioria era de marketing pessoal e marketing político, entre eles, pasmem os senhores, o livro desta autora que vos escreve, sobre marketing político, intitulado *Vitória nas urnas: estratégias de marketing político*, cuja apresentação foi feita por José Paulino da Silva, doutor em filosofia e história de educação, Pró-reitor de Pesquisa e Assuntos Estudantis e foi vice-reitor da Universidade Federal de Sergipe.

Este livro, publicado em 2004, foi o resultado do I Curso de Marketing Político e Gestão de Campanhas Eleitorais, realizado em Sergipe, de 28 de fevereiro a 3 de março de 2002, e o sucesso em Aracaju nos fez repetir com o mesmo êxito em Alagoas, sob a nossa coordenação, em parceria com o jovem e dinâmico publicitário, Ricardo Douglas.

Naquela oportunidade, trouxemos a estes dois Estados, grandes estrategistas nacionais de campanhas eleitorais, a exemplo de: André Torreta (redator e diretor de criação da editora Abril e editora Globo, entre outras, e que fez campanhas de José Sarney e Roseana Sarney, atuou em 18 estados brasileiros, na Bolívia, Argentina e Portugal); Lucas Pacheco (12 campanhas eleitorais majoritárias no Brasil e em outros países da América do Sul, entre as quais as de Tasso Jereissati, Ciro Gomes e Roseana Sarney); Rui Rodrigues (campanhas de Fernando Henrique Cardoso, Aécio Neves, José Agripino Maia, Antonio Anastasia, Tasso Jereissati, José Serra, Jorge Bittar, Lídice da Matta, Albano Franco, João Alves Filho, Roseana Sarney, Lindberg Faria, e em 2018 participou da campanha vencedora de João Doria ao Governo do Estado de São Paulo); o especialista em marketing político voltado para

o rádio, Melck Aquino (assessor de imprensa, na época, de Eduardo Siqueira Campos e que atuou em campanhas em Goiás, Tocantins, Maranhão e Minas Gerais); o consultor jurídico Antônio Eduardo Ribeiro (um dos mais influentes e atuantes advogados de Sergipe); o conceituado promotor de Justiça de Sergipe, Rogério Ferreira da Silva; o consultor de pesquisas de campanhas no Distrito Federal, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil, Ricardo Checchia; e o professor alagoano considerado pela *Revista Exame* e *Você S/A*, o maior nome de oratória do Nordeste, Carlos Conce.

Os coordenadores das campanhas mais importantes de Sergipe até então, estavam presentes naquele pioneiro evento: Antônio Leite, Carlos Cauê, Eduardo Góes, Montalvão e Paulo Lobo.

Este curso em Aracaju, aconteceu no Delmar Hotel por três dias intensos, com a participação das mais importantes lideranças políticas do Estado e por lá estiveram JAF, Albano Franco, José Carlos Teixeira, Antônio Carlos Valadares, Walter Franco, Jackson Barreto, deputados federais e estaduais e vereadores dos municípios, entre outras lideranças políticas de Sergipe de destaque que garantiram o sucesso do evento.

Este livro foi editado alguns anos após a realização do curso, pelo Instituto Tancredo Neves, na época liderado pela competente Maria Clara Messias de Andrade Figueira, sua presidente.

Sobre política, líderes e estratégias de liderança, encontramos vários livros, no acervo de JAF, sobre os temas que refletem a história dos grandes impérios, do nazismo e do holocausto, das políticas ocidentais.

Muitas biografias estão presentes naquela sala, muitas delas com várias versões, a primeira delas é a de Jesus Cristo. As biografias se sucedem despertando o nosso desejo de descobrir o que daqueles personagens dizem de JAF: Moisés; Alexandre, O Grande; Júlio César; Napoleão Bonaparte; Santo Agostinho; Vasco da Gama; Cristóvão Colombo; Marquês de Pombal; Mao Tsé-Tung; Mahatma Gandhi; Indira Gandhi; Joaquim Nabuco; Dom João I; Rui Barbosa; Getúlio Vargas; Carlos Lacerda; Castelo Branco; Juscelino Kubitschek; Assis Chateaubriand; Visconde de Mauá; Ronald Reagan; Margareth Thatcher; Thomas Edison; Henry Kissinger; Anita Garibaldi; Tobias Barreto; João Goulart; Ernesto Geisel; Tancredo Neves; Oscar Niemeyer; a família Rothschild; Santos Dumont; Antônio Carlos Magalhães; Epitácio

Pessoa; Almirante Nelson; Lee Iacocca; Akio Morita; Padre Cícero (este mais um inspirador, quando Ministro do Interior); Eduardo Suplicy; Silvío Santos; Epitácio Pessoa; e Jouberto Uchôa de Mendonça, um midas da educação em Sergipe, fundador da Universidade Tiradentes (Unit) e que conquistou todo o Nordeste, seu amigo pessoal e confrade da Academia Sergipana de Letras.

A vida e obra de grandes filósofos, desde Sócrates e Platão, Cícero, Aristóteles, René Descartes, John Stuart Mill, Friedrich Nietzsche, Immanuel Kant, entre outros.

Destacam-se sobre estratégias de liderança os clássicos *Arte da guerra* e *As 48 leis do poder*, de Robert Greene e Joost Elffers.

Não contamos, mas acreditamos que trata-se de uma biblioteca com cerca de dez mil exemplares e ao menos algumas centenas, ou mais, versam sobre meio ambiente, a Amazônia e seus tesouros, os trópicos, energia solar, energia nuclear, uso do álcool, ferrovias, poluição, aquecimento global, clima, água, águas brasileiras, seca do Nordeste, recurso hídricos, irrigação e outros passivos ambientais, revelando o JAF merecedor de ocupar o Ministério do Interior, pelo seu notável saber sobre os temas afins e assim melhor defender, principalmente, o nosso sofrido e árido Nordeste.

Entre autores de todos os matizes, cores, gêneros e estilos, encontramos o romance histórico *Guerra e Paz*, escrito pelo autor russo Liev Tolstói, que relata a história da Rússia à época de Napoleão Bonaparte; *Depoimentos*, de Carlos Lacerda; *Diplomacia*, de Henry Kissinger; *A audácia da esperança*, de Barack Obama.

Também se encontram nas suas prateleiras dois famosos livros da filósofa política alemã de origem judaica, Hannah Arendt, uma das mulheres mais influentes do século XX: *As origens do totalitarismo* e *a condição humana*.

Também vimos *A pregação da liberdade*, do seu amigo Theotônio Vilela entre outros autores como Amaral Peixoto, Fernando Sabino, Sérgio Buarque de Holanda, José Sarney, Flávio Rangel, Millôr Fernandes, Elio Gaspari, Caio Prado Júnior, Antônio Paim, Mario Sergio Conti, Alexandre Garcia, Gabriel Chalita, Joel Silveira, Chico Buarque, Carlos Chagas, Gilberto Dimenstein, Gilberto Freyre, Mário Rosa, Carlos Heitor Cony e Luiz Viana Filho.

Outro nome de destaque naquela sala íntima é o de Luiz Antônio Barreto, jornalista renomado e respeitado, um grande historiador, foi Diretor do Instituto Tobias Barreto, confrade de JAF na Academia Sergipana de Letras, e foi seu auxiliar direto. Ocupou cargos como Secretário de Estado da Cultura, Secretário de Aracaju da Educação, Diretor da Fundação Augusto Franco, Assessor da Presidência da Confederação Nacional da Indústria, Diretor do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, entre outras posições de destaque.

Na prateleira constam vários livros sobre a história recente da política brasileira e os escândalos sucessivos, entre eles, *O mensalão*, um livro de Marco Antônio Villa que discorre sobre o julgamento de um dos mais emblemáticos casos de corrupção da política contemporânea e que antecedeu um outro escândalo maior ainda, que é a Lava-Jato. Também tem o polêmico livro de Romeu Tuma, *Assassinato de reputações – um crime de Estado*, que denuncia a máquina petista como aquela que produzia e mandava investigar dossiês apócrifos contra adversários políticos e ao mesmo tempo protegia os aliados.

Ainda no rol dos livros mais novos, naquela biblioteca, *Nada menos do que tudo*, do ex-procurador Geral da República (PGR), Rodrigo Janot, aclamado como herói nas ruas, por alguns, e odiado por políticos de todos os partidos. Nesse livro ele fez revelações sobre Lula, Dilma Rousseff, Michel Temer, Aécio Neves, Eduardo Cunha, José Serra, Collor, José Genoíno, José Sarney, Renan Calheiros, entre muitos. E entre outras informações confessa que, enquanto no cargo na PGR, cogitou matar um Ministro do Supremo Tribunal Federal, cujo nome não cita no livro, mas em entrevista confirmou ser Gilmar Mendes, e depois suicidar-se. Declaração que provocou muito mal-estar e ameaça de processos jurídicos. Sem dúvida este livro ajuda a compreendermos o funcionamento da política brasileira e dá pistas sobre o judiciário também.

O livro do médico sergipano, e um dos fundadores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Sergipe, o professor Antônio Garcia Filho, ostenta naquele acervo de JAF, o título *Um pensamento na praça*.

Outro ilustre sergipano, presidente da Academia Sergipana de Letras, o intelectual José Anderson Nascimento, mestre em Educação, também ostenta um título nesta imensa biblioteca, *Carvalho Neto: mitos da Maçonaria*.

Outra preciosidade é o livro *A vida patriarcal de Sergipe*, livro de 1981, do lendário autor Orlando Vieira Dantas, proprietário rural, empresário da agroindústria açucareira e foi diretor presidente da Gazeta de Sergipe, jornal de sua propriedade. Formado em Engenharia Civil no Rio de Janeiro na década de 1920; foi eleito deputado federal em 1951 e, nesta ocasião, Getúlio Vargas, eleito presidente da República, enviou ao Congresso um projeto propondo a criação da Petrobras, uma sociedade de economia mista, para a exploração do petróleo no Brasil, e Orlando Dantas foi importante protagonista para a inclusão de dispositivos relativos à participação dos Estados produtores de resultados da atividade da empresa que foi criada em 3 outubro de 1953.

Livros clássicos internacionais e nacionais da literatura como os de Shakespeare, Érico Veríssimo, e não poderiam faltar naquelas prateleiras a célebre obra *Vidas Secas*, do alagoano Graciliano Ramos que se enveredou pelas letras muito cedo, em um movimento literário conhecido como modernismo. O modernismo foi inaugurado por notáveis nomes da arte brasileira e entre tantos, Tarsila do Amaral, durante a semana da Arte Moderna de 1922 no Theatro Municipal de São Paulo. Era um movimento de ruptura com as influências estrangeiras e reforçava uma identidade artística nacionalista. Graciliano Ramos trabalhou em jornais e publicações literárias e tornou-se prefeito de Palmeira dos Índios, renunciando dois anos depois, por entender que a política era conturbada com muitos conflitos de interesse e burocracias. Quando mais adiante, ele começou a publicar suas obras, o mundo das artes já estava em outra fase, e o regionalismo imperava. Graciliano Ramos foi preso após a publicação de *São Bernardo* (1934), pois a política anticomunista de Getúlio Vargas não via com bons olhos as obras deste autor. Em 1938 ele publica a sua obra mais famosa: *Vidas Secas*. Este livro conta a história de seis viventes que decidem fugir da seca que assola o sertão nordestino. A vida dos personagens é retratada de forma dura, às vezes cruel, tal qual a realidade ainda existente nos rincões nordestinos, onde a seca maltrata a região. Certamente esta obra deve ter tocado JAF de forma profunda, fazendo-o despertar para a necessidade de buscar alternativas para a subsistência do nordestino em terras áridas brasileiras.

Tampouco imaginar-se-ia aquela imensa biblioteca sem a presença dos livros de João Guimarães Rosa ou simplesmente Guimarães

Rosa, como se imortalizou. E lá estava o clássico *Grande sertão: veredas*. Guimarães Rosa era médico mineiro, contista da revista *O Cruzeiro*, reconhecido como poeta e agraciado com o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, abandonou a medicina para tornar-se diplomata. Ele dizia que o idioma é a única porta para o infinito e, enveredando pelos sertões ele anotava e aprendia novas expressões, termos, dizeres populares, como um verdadeiro arqueólogo da língua. O que oferece verossimilhança aos personagens criados por Guimarães Rosa e lhes garante autenticidade, foi a forma como ele se apropriou dos aspectos linguísticos regionais. Em 1963, Guimarães Rosa foi eleito para a Academia Brasileira de Letras com a unanimidade dos votos, tal qual JAF que arrebatou também por unanimidade os votos para ingressar na Academia Sergipana de Letras, trinta anos depois. Ambos eram reconhecidos pelo mérito de usar bem as palavras e ter uma comunicação simples e direta com o leitor, sem subterfúgios, sem floreios e sem meias palavras.

JAF adorava uma boa música e seu gosto era variado, porém requintado e sensível. Conversando com o casal João Cardoso Barreto e Olga Barreto, amigos de JAF, descobri que parte do apreço e gosto musical de JAF por música clássica, especificamente, foi desenvolvido graças a amizade deles. Mas, verdade seja dita, João sempre amou música de boa qualidade.

E lá na sua vasta, arejada e ampla sala, encontrei vários CDs de orquestras famosas, óperas completas, *performance* de grandes tenores, coleções completas de jazz, bossa nova e artistas de várias tendências musicais, destacando-se, com múltiplos títulos, mostrando uma predileção especial por cantores como Josephine Baker, Maria Callas, Charles Aznavour, Barbara Streisand, André Rieu, Andrea Bocelli, Connie Francis, Baden Powell, Frank Sinatra, José Carreras, Paco de Lucia, Montserrat Caballé, Louis Armstrong, Nat King Cole, Miles Davis, Nana Mouskouri, Pavarotti, Plácido Domingo, Sarah Brightman, e os brasileiros Bidú Sayão, Maria Bethania, Luiz Gonzaga, Cauby Peixoto, Selma Reis, Roberto Carlos, Nelson Gonçalves, Nana Caymmi, Tim Maia, Nara Leão, Pixinguinha, Lamartine Babo, Braguinha, Maria Creuza, Ary Barroso, Bibi Ferreira. Quanta riqueza musical! A música permeava os seus sonhos futuristas.

Os auxiliares mais próximos sabiam que as reuniões sempre tinham um fundo musical. A música era uma espécie de companheira inseparável, até mesmo nas suas audiências e despachos, sempre em

volume considerável. Era como se a música fosse algo que pudesse ser inspiração: sopros divinos de criatividade.

Desde criança, JAF era fascinado pela sétima arte. Não nos surpreende o que encontramos naquele imenso gabinete, ou seria, um santuário cultural? Ou ainda, aquele gabinete, não seria uma espécie de *bunker* onde ele podia ficar recolhido e até, ainda que temporariamente, à salvo do mundo e das guerras do cotidiano?

O fascínio e amor pelo cinema datava de muitas e muitas décadas. Desde criança frequentava às sessões do Cinema São Francisco, dos Padres Franciscanos, localizado na esquina da colina de Santo Antônio. Não perdia as matinês com filmes de faroeste, Tarzan, Zorro e as comédias do *Gordo e o Magro*.

O cinéfilo JAF detinha filmes clássicos, como *Pandora* com Ava Gardner e James Mason; uma coleção de John Wayne (*Caminhos ásperos; Quando um homem é homem; Um fio de esperança; Geleiras do inferno*); *O resgate do Soldado Ryan*, ganhador de cinco prêmios com Tom Hanks e dirigido por Steven Spielberg; *Casa Blanca; Frida*, e mais uma centena de filmes do gênero policial, cowboy, dramas, romances, suspense e, entre eles, o filme de ficção, *Contágio*.

O filme *Contágio* foi dirigido por Steven Soderbergh com roteiro de Scott Z. Burns, lançamento em 2011 e conta a história de um homem de negócios que morre de uma suposta gripe e, a partir daí, uma epidemia mortal se espalha e os médicos precisam identificar o vírus completamente desconhecido para poder combatê-lo e acabar com o pânico da população. A pandemia da Covid-19 que surgiu na cidade de Wuhan, na China, também reacendeu o interesse por este filme que mostra os estágios de uma doença virótica que se transforma em pandemia, afetando a sociedade e as instituições governamentais, tal qual acontece no mundo hoje, retratando a corrida contra o tempo de pesquisadores em busca da cura para os infectados e de uma vacina que imunize a população para que a vida e a economia voltem à normalidade, diante de governantes que negam a gravidade da doença e os que transformam a vacina em uma guerra política visando as eleições de 2022 para o Governo Federal. Ironicamente o destino do nosso JAF cruzou com um misterioso vírus, tal qual o do filme, que certamente ele assistiu e mantinha na sua biblioteca.

JAF
adorava
uma boa
música

Pode-se afirmar que encontrei no gabinete do ex-governador um imenso celeiro cultural, formado por seu acervo particular de livros, filmes e discos. E tudo isso diz muito da sua rica e interessante personalidade. Múltiplas influências, muitas experiências vividas, muitas viagens, cujo aprendizado sobre regiões e povos diferentes e tecnologias que poderiam ser replicadas no nosso árido Nordeste, muitas histórias de grandes líderes que exerciam sobre ele fascínio e inspiração, o transformaram no *João da Água*, no *João Coragem*, *João do Povo*, *João Chapéu de Couro*, *João Religioso*, *João de Deus*, *João Intelectual*, *João Imortal*.

JOÃO ESCRITOR

Com amor incondicional pelo Nordeste, preocupado com o meio ambiente, causas e consequências dos males que afligem o sertão e semiárido, pesquisava incansavelmente sobre as nossas riquezas, em especial o Rio São Francisco, em busca de soluções para minimizar o sofrimento do homem frente a seca da região. Este nordestino é descrito pelo próprio João, nos seus textos, como alguém *forte por índole, forjado na têmpera de uma luta cruel contra uma natureza hostil* e totalmente invisível para os gestores e, por isso, considerado um João Ninguém. Era com este homem que *João da Água* se importava. Ele não era apenas um teórico sonhador, mas um bom tocador de obras. Possui em seu currículo inúmeros títulos que dissertam sobre temas, como as secas, as águas e a transposição das águas do Rio São Francisco.

Com a experiência adquirida na vida pública, JAF agrupou todos os seus estudos e ideias e tornou-se um sóbrio autor, escrevendo detalhadamente acerca de questões socioambientais. Entre um livro e outro, publicava artigos nos mais renomados veículos de comunicação nacional, sobre temas que ele dominava muito bem, por ser estudioso e conhecer *in loco* os problemas que afligiam o nordestino. Não era homem de diagnósticos apenas, ele oferecia soluções. Ah, importante frisar que ele cobrava isso também da sua equipe de colaboradores por onde passou. Quem o conhecia sabia disso: *não me tragam queixas e problemas, sejam proativos e criativos, pensem e tragam soluções imediatas*.

João era um homem que nas reuniões fazia muitas anotações e tinha uma caderneta ou papéis soltos, informações preciosas, uma forma de organizar sua mente fértil, sempre com ideias novas que surgiam nas

conversas com populares, com amigos e assessores. Aquelas anotações eram buriladas e transformadas em artigos, onde exercitava o seu lado criativo e desenvolvia as suas ideias, para a construção de novos projetos e de ações corajosas, que o tornaram o maior homem público da história de Sergipe.

Um dos segredos de sua trajetória de sucesso era a capacidade de aprender com os seus colaboradores e jamais concorrer com os seus subordinados. João Alves Filho era adepto das utopias viáveis. Para ele a política não era a arte do possível, mas, sim, a arte de tornar possível o necessário.

O imortal da Academia Sergipana de Educação, o Prof. Dilson Barreto, economista, foi um auxiliar muito próximo a JAF, nas três gestões no governo, tendo sido seu Secretário de Governo, faz uma breve síntese da história de seu chefe como líder do Executivo e revela um pouco da sua personalidade, com muita propriedade (CORREIO DE SERGIPE, 2020):

[...] uma pessoa determinada, um visionário, vinte quatro horas com o pensamento voltado para as grandes questões que diziam respeito ao desenvolvimento de Sergipe. Irrequieto, não tinha hora para parar de trabalhar. O dia de 24 horas era pouco para ele.

Era exigente nas questões de trabalho e nos prazos a serem cumpridos, porém amável para com os seus companheiros. Fez uma administração brilhante na Prefeitura de Aracaju, calcada no planejamento urbano: os calçadões das Ruas João Pessoa, Laranjeiras e São Cristóvão, o projeto da Coroa do Meio, a Orla da Atalaia, são exemplos de uma gestão eficiente, pensando no desenvolvimento da sua cidade natal.

Os seus primeiros e segundos períodos na gestão do estado de Sergipe foram de bastante êxito. Basta lembrar o Projeto Chapéu de Couro, levando água para todo sertão, a expansão das adutoras, a interiorização dos serviços de saúde, o Hospital João Alves, a construção de novas rodovias, o Projeto "Platô de Neópolis", destinado ao plantio de frutas para exportação, dentre tantos outros projetos, proporcionaram, com muito êxito, grande impulso ao desenvolvimento de Sergipe e bem-estar à sua população.

A ponte sobre o Rio Sergipe ligando Aracaju a Barra dos Coqueiros, representou o marco principal do seu terceiro período governamental. Sofrendo restrições do Governo Federal, lutou com todo vigor e conseguiu concluir e inaugurar esta grande obra.

O 'negão do chapéu de couro', como ele gostava de ser reconhecido no interior do Estado, além de grande político, foi um governante que fez história em Sergipe. Gostava de política e sabia fazer política. Foi um grande articulador e possuidor de uma liderança sem igual. Nunca mais teremos outro João Alves Filho.

Já com a saúde comprometida, encerrou a sua carreira política como prefeito da cidade que ele nasceu, viveu, constituiu família e amou, deixando as suas digitais empreendedoras e de espírito público cravadas na memória de cada cidadão. O legado deixado por João Alves Filho serve de inspiração para os homens públicos de hoje e amanhã.

Seus livros, artigos e discursos, ainda que de cunho técnico, eram escritos em um estilo leve que capturava os seus leitores e ouvintes. Aliás, em todos os seus livros sempre havia, também, algum capítulo autobiográfico, contando sobre a sua origem, lembranças, a chegada na política. Relembrar a sua trajetória não era apenas algo do seu narcisismo, mas uma forma de rever passos e refazer jornadas e caminhadas. Não insistir nos erros, também.

George Santayana, um pseudônimo de Jorge Agustín Nicolás Ruiz de Santayana y Borrás, era um filósofo, poeta e ensaísta espanhol, mas que só escrevia em inglês. Pois bem, ele tem um aforisma no seu livro *A vida da Razão*, publicado em 1905 que aparece no final de um parágrafo, no capítulo XII que justifica a importância de se fazer registros da história (SANTAYANA, 1980):

O progresso, longe de consistir em mudança, depende da capacidade de retenção (memória). Quando a mudança é absoluta, não permanece coisa alguma a ser melhorada e nenhuma direção é estabelecida para um possível aperfeiçoamento; e quando a experiência não é retida, como acontece entre os selvagens, a infância é perpétua. Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo.

Ele era de um otimismo imenso e apostava nas suas propostas para a região do Nordeste brasileiro. Acreditava no potencial de um pleno desenvolvimento econômico e social, sempre apontando caminhos para um desenvolvimento econômico sustentável. Era um ferrenho defensor da integração do Rio São Francisco, frente ao drama nordestino das secas em especial do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e boa parte de Pernambuco.

Trouxe projetos de como salvar o rio e como administrar os recursos hídricos da região do semiárido e propõe de forma estratégica como poder-se-ia viabilizar pequenas hidroelétricas que dobraria a capacidade hidroenergética do país e, simultaneamente, criando empregos e favorecendo também maior produção de alimentos.

JAF escreveu com seus livros e com a sua própria vida, a história recente do Nordeste, especialmente, a de Sergipe.

Sua produção literária foi vasta com muitos artigos publicados e os seus livros discorriam sobre o tema que mais amava: as estratégias para o desenvolvimento do Nordeste e atenção especial para salvar o Rio São Francisco.

Importantíssimo que se frise, que era ele mesmo que escrevia os seus próprios discursos e seus livros. JAF era de outro naipe, de outra espécie. Não havia nenhum *ghost writer* (escritor fantasma) por trás da obra do intelectual JAF, como acontece, não raro, entre políticos. Outrossim, era público que ele pedia e agradecia a ajuda eventual de Raymundo Luiz para compilar os textos e a João Cardoso Barreto para fazer revisão de alguns dos seus livros. Era único na arte de redigir os seus próprios discursos. Era simples e direto, porém apropriava-se com maestria, totalmente imbuído, dos temas aos quais dedicou sua vida e sua obra. São 15, os livros que o consagraram:

- *Irmãos de raça* (sem data).
- *Nordeste, Região Credora* (1985).
- *No Outro Lado do Mundo: uma viagem para aprender* (1988).
- *Amazônia & Nordeste – Estratégias e Desenvolvimento* (1989).
- *Pronunciamentos, Artigos, Entrevistas* (1990).
- *Conferências* (1990).
- *Humanismo e Política* (1993).

- *O Caminhoneiro do Brasil* (1994).
- *Pontos de Vista* (1994).
- *Nordeste: Estratégias para o Sucesso. Propostas para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro*, baseado em experiências nacionais e internacionais de sucesso (1997).
- *Transposição das Águas do São Francisco: Agressão à Natureza x Solução Ecológica* (2000).
- *Matriz energética brasileira – Da crise à grande esperança* (2003).
- *A insensatez do projeto de transposição* (2006).
- *Toda a Verdade sobre a transposição do Rio São Francisco* (2008).
- *Relato de uma perseguição presidencial e suas consequências* (2008).

A sua última produção foi um capítulo de livro intitulado *Transposição de águas do Rio São Francisco: um atentado aos interesses nacionais*. Este capítulo está inserido no livro *Transposição do São Francisco – Uma Análise dos aspectos positivos e negativos do projeto que pretende transformar a Região Nordeste*, de autoria de Quintieri, publicado em 2010.

Cristina, sua filha mais velha, revela que JAF era um avozão muito carinhoso, mas os livros e os escritos às vezes o roubavam da família e atrapalhava a dinâmica familiar, porque ele ficava trancado no gabinete, escrevendo. E se estivesse na fase de preparação de algum livro, o isolamento era maior.

Certa feita, a família alugou uma casa na Barra de São Miguel, os filhos mais velhos de Cristina estavam com quatro ou cinco anos e JAF ficava trancado recluso, escrevendo um dos seus livros. Maria convidava o tempo inteiro: *João vamos para praia. João vamos comer caranguejo. João vamos caminhar*. João continuava quieto, escrevendo. As crianças, com a cumplicidade da mãe e da avó, enquanto JAF tomava um café, esconderam o manuscrito do avô.

Imaginem, fazer uma traquinagem dessas com o avô. As crianças adoravam JAF e ele costumava fazer tudo que os netos solicitavam. Ele era aquele avô supercarinhoso e babão e viajava na fantasia das crianças. Plano feito, plano executado! Quando os meninos estavam subtraindo os manuscritos, JAF os flagrou. Os meninos saíram correndo e entregaram o material para a mãe e a avó que não paravam de rir

(autoras intelectuais do plano). Material confiscado. JAF compreendeu o recado e ficou dois dias totalmente dedicados à *vida mundana*, como dizia, a sua Maria.

Seu neto Danilo lembra que, inúmeras vezes, junto com sua irmã Alice, tiravam todos os livros da estante do avô para empilhar no chão, construindo castelos, mas também gostavam de se esconder embaixo da cama enquanto o avô trabalhava e fingia-se assustado para em seguida dar-lhes atenção.

Porém, a recordação mais gostosa de Danilo era quando os netos pegavam os ternos do avô para brincar de governador no escritório de JAF. O avô amava aquela cena, pois tinha desejo que seus filhos ou netos o sucedessem politicamente. Aninha pode realizar este sonho, algum dia, quem sabe. Período memorável de excelentes lembranças.



O intelectual JAF no seu gabinete de leitura.

9 IMORTAL

A imortalidade não é um privilégio do autor, mas sim de sua obra.

Sidnei Chierentin

Os homens quando nascem vêm ao mundo desprovidos de linguagem, ainda que submetidos a um caldeirão cultural, mergulhados apenas no imaginário, com símbolos e palavras que vão sendo conquistados e, mais tarde, ressignificados ao longo da vida; e pouco a pouco vão aprendendo a falar e organizar as palavras sob a forma de pensamentos. Existem sentimentos necessários (amizade, justiça e dever) que lhes são transmitidos pela família, amigos, professores, convivência no seu entorno e pelos livros lidos. Por ser dotado de linguagem e razão, Aristóteles nos diz que o homem é um animal político e sobre este pilar, baseia-se a Ciência Política.

Este sujeito multifacetado – o homem, o escritor e o político, tornou-se membro da Academia Sergipana de Letras (ASL) em sessão solene do dia 28 de maio de 1993 e sucedeu a José Augusto Garcez na cadeira número 22. A sua chegada na ASL foi na vigência da gestão do médico Antônio Garcia Filho como presidente e deveu-se ao estímulo de outro imortal do mesmo sodalício, Luiz Rabelo Leite. Naquele momento, o seu pronunciamento foi sobre o papel do político na literatura e na cultura em geral. Depois ele publicou uma brochura com o seu discurso intitulado *Humanismo & Política* (1993).

No seu discurso de posse na ASL, ele cita Sigmund Freud (1937) para falar das dificuldades de um político. Este judeu austríaco, fundador da psicanálise, nos diz que há três ofícios impossíveis: ensinar, governar, psicanalisar.

Sendo profissões da palavra, as três estão tomadas pela impossibilidade de se controlar os efeitos da intervenção, ou seja, a pessoa não pode ter certeza antecipada de alcançar resultados satisfatórios. Um governante deve persuadir outros a mudarem de ideia e a mudança é sempre ameaçadora para todos. Os efeitos, como diria Freud, só serão conhecidos no *a posteriori*. No caso de governantes, como JAF, só a história dirá dos efeitos de suas ações sobre o estado de Sergipe e o Nordeste, e o legado que nos oferece.

A avalanche de informação que nós estamos sendo submetidos pela mídia, desde os meados do século passado, torna quase impossível, por outro lado, que se discrimine entre a informação fidedigna e genuína da informação falaciosa, tendenciosa e banalizadora dos fatos e dos saberes, as *fake news* comprovam isso com a construção de narrativas que interessam apenas aos detratores (GIOVANNETTI, 2004).

Sermos *homo sapiens demens* ou seja, aqueles que carregam em si um lado de loucura, ilusão, confusão, que representam seu lado *demens* e simultaneamente o homem racional, é a nossa grandeza e também a nossa perdição, paradoxo inerente à condição humana (GIOVANNETTI, 2004).

Como sair do impossível de governar e abrir para o possível? Só JAF com sua força descomunal pode nos dizer através de suas realizações.

Outrossim, há um lado de otimismo e determinação no seu discurso, quando cita, inúmeras vezes, o seu antecessor naquela cadeira da ASL, o jornalista José Augusto Garcez, que tomara posse em 1972 e que fora, por ele próprio, homenageado com o maior galardão do município de Aracaju, quando prefeito em 1975, com a Medalha e Diploma do Mérito Cultural Ignácio Barbosa.

O escritor, poeta e historiador José Augusto Garcez, fundou em 1953 o Movimento Cultural de Sergipe e contribuiu muito com a sua produção literária para a cultura sergipana, e foi fundador de museus, bibliotecas e arquivos da mais alta significação histórica e cultural para a preservação das raízes culturais de Sergipe.

José Augusto Garcez foi um radialista muito especial e através da Rádio Difusora, hoje Fundação Aperipê de Sergipe, gravou poemas, crônicas e produções literárias das mais destacadas personalidades das artes e das letras de Sergipe, deixando um valioso acervo de som e imagens para a posteridade.

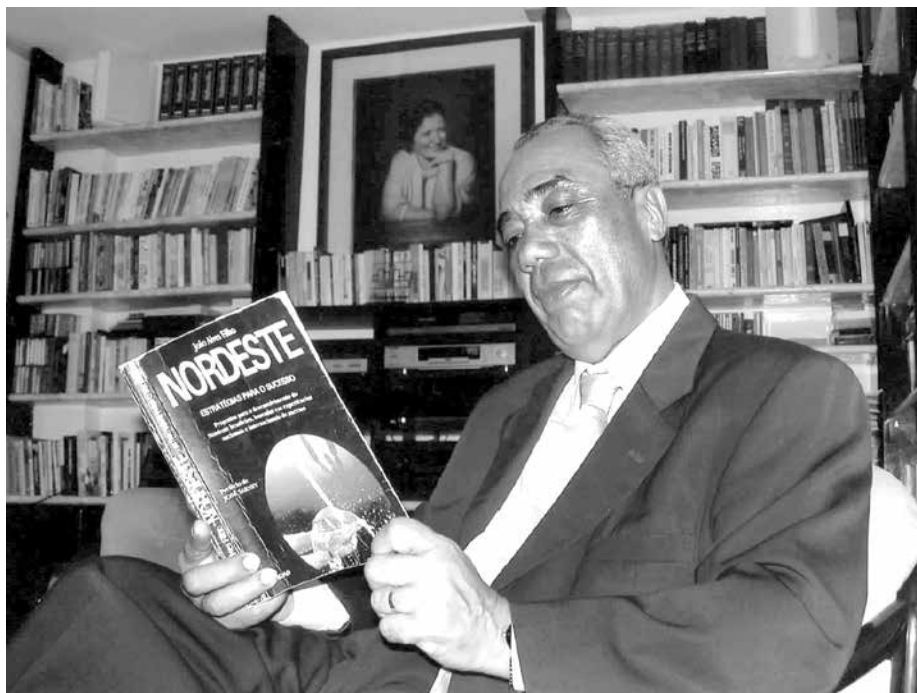
JAF apropriou-se das palavras do seu antecessor para afirmar que continuava um entusiasta da coisa pública.

[...] jamais deveríamos perder o ânimo ou mesmo o ardor cívico: o tempo nunca é uma ameaça, quando ainda se sente o despertar da vocação, a persistência apaixonada, o labor cívico-espiritual a um ideal, que construirão instrumentos integrantes da atividade que não deve fenececer, porque é seiva e alento do próprio espírito de luta (ALVES FILHO, 1994, p.71).

Naquele célebre discurso, JAF revela a sua erudição citando filósofos, intelectuais, estadistas, economistas, religiosos, cujos livros estão expostos na sua biblioteca privada: Champion, Platão, Aristóteles, Zenão de Eléia, Alceu Amoroso Lima, Oswald Spengler, Henri Bergson, Peter Drucker, Bertold Brecht, Luiz Garcia, o bispo nova iorquino Fulton Sheen, Glauber Rocha, Drumond de Andrade, Celso Furtado, Tancredo Neves, o sociólogo Lewis, Henry Kissinger, José Sarney, William James, Roosevelt, Tocqueville, Freud, Maquiavel e o próprio José Augusto Garcez que foi por ele homenageado naquela solenidade.



Na Academia Sergipana de Letras, ao lado do confrade Carlos Pina e Marlene Calumby.



JAF e uma de suas produções literárias.



*JAF em visita ao Marcos Vinicius Vilaça,
Presidente da Academia Brasileira de Letras.*

10

O PRIMEIRO GOVERNO (1983 – 1987)

*Vem, vamos embora
Esperar não é saber.
Quem sabe, faz a hora,
Não espera acontecer.*

Geraldo Vandré

Após o fim do bipartidarismo em novembro de 1979, JAF entrou para o Partido Popular (PP), a convite de Tancredo Neves, tendo sido um de seus fundadores em Sergipe. Na ocasião convidou os aliados no Instituto Histórico e Geográfico para discutir a saída da Arena para o PP e o único que foi contra, foi o Horácio Fernandes Fontes, político de Boquim.

Aos poucos foi se afastando da vida partidária e voltou a ser empresário e argumentava que o partido que ajudou a criar, o PP se tornara inviável em plagas sergipanas. Em fevereiro de 1982, o partido acabou sendo incorporado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que deu origem ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), como forma de enfrentar a situação política decorrente da aprovação pelo Congresso, em dezembro de 1981, do pacote de reformas da legislação eleitoral proposto pelo Presidente João Figueiredo (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

O último governador eleito pelo voto direto em Sergipe havia sido João Seixas Dória, em 1962. Tínhamos um novo momento político no Brasil. A possibilidade de realização de eleições diretas para governador

em todo o País, em novembro de 1982, mexeu com os partidos recém-formados que começaram a procurar candidatos.

JAF já era detentor de um grande prestígio político em Sergipe, porquanto sua passagem pela Prefeitura, antes mesmo de filiar-se ao partido governista, já era considerado o melhor candidato das oposições.

Por convite de Augusto Franco, governador de Sergipe, filiou-se ao Partido Democrático Social (PDS), agremiação sucessora da Arena e foi indicado candidato ao Governo Estadual, tendo seu nome referendado por Albano Franco, presidente da comissão executiva regional do PDS e filho do governador, e foi apoiado também pelos prefeitos e pelas bases pedessistas (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Essa indicação causou muito burburinho. JAF era o novo que despontava na velha política e havia sido bem testado quando esteve na Prefeitura da capital. Além do que, nas pesquisas o nome dele disparava como preferência de voto.

Dizem as más línguas que foi preparado um documento, que ninguém nunca viu, em cujo pacto, JAF se comprometia com Augusto Franco, sobre a partilha de cargos no futuro governo. Na realidade o que era desejável para os aliados de Augusto Franco, era que JAF fosse um mero tocador de obras e o velho cacique fizesse o comando político do Estado, afinal vivíamos uma política clientelista e patrimonialista, fruto das oligarquias.

Tendo como companheiro de chapa o candidato a vice Antônio Carlos Valadares, alcançou sucesso nas urnas (cerca de 200 mil votos), disputando com os candidatos o médico Gilvan Rocha, do PMDB, que ficou em segundo lugar com 77 mil votos (foi senador em 1974 com campanha vitoriosa e bem feita por Luiz e Tarcísio Teixeira (Norcon); Marcélio Bonfim, do Partido dos Trabalhadores (PT) que ficou em terceiro lugar e Manuel Ferreira dos Santos, do Partido Democrático Trabalhista (PDT), quarto lugar.

EXPRESSIVA VOTAÇÃO

Foi eleito com 76% dos votos válidos, uma das mais expressivas votações no Estado, e conseguiu, pela primeira vez em 30 anos, que o partido do Governo vencesse na capital, com o apoio do grande líder político sergipano, ex-governador e líder político do PDS, Dr. Augusto Franco. Augusto Franco, naquele pleito foi eleito deputado federal com mais de 100 mil votos.

Assumiu o cargo no dia 15 de março de 1983, até 15 de março de 1987.

Eleito com a maior vitória proporcional do país, começou a sua primeira administração, com o Brasil num início de recessão e o Estado sofrendo com os efeitos de uma terrível seca. Enfrentou os problemas e Sergipe transformou-se num verdadeiro canteiro de importantíssimas obras. Teve no Senador Lourival Baptista, um grande aliado, que o aproximou cada vez mais, do Presidente Sarney.

Faz-se mister apontar onde localiza-se Sergipe na Região Nordeste. Trata-se do menor Estado brasileiro, cuja área, segundo o IBGE (2020), é de 22.050 km², que equivale a 0,26% do território brasileiro. Ao norte, faz limite com o estado de Alagoas, cujo divisor é o Rio São Francisco; ao leste, com o Oceânico Atlântico, e ao sul e oeste, com o estado da Bahia (SEAD, 2020).

O DIAGNÓSTICO DE JAF

Quem via JAF no seu gabinete, pelos caminhos da vida, nas ruas de Sergipe, nas estradas do Nordeste, nas missas dominicais, não imaginava que eventualmente ele teria crises de depressão. Como assim? Um homem tão inteligente, viçoso, educado, prestativo, sorridente, trabalhador, tão ocupado.

As falsas crenças em torno da depressão aumentam a dificuldade de compreender o real sentido do transtorno e a possibilidade de tratá-lo.

Tornamos a palavra depressão banal, quando naturalizamos a expressão e a incorporamos no nosso vocabulário, descrevendo com ela, uma imensa gama de experiências emocionais. Com isto, o sentido médico da palavra se perde em meio a tantos significados que criamos no dia a dia.

Porquanto sentimentos universais, como o simples fato de sentir-se triste, muitas pessoas acreditam que já conhecem tudo sobre os sintomas da depressão, e circulam falsas informações socialmente acerca do transtorno.

A depressão é um transtorno neuroquímico no organismo, que pode acometer qualquer pessoa, de qualquer gênero, escolaridade e condição socioeconômica e que não pode ser superado simplesmente pelo pensamento positivo ou forte determinação. Devido ao estigma

acerca da doença, procurar ajuda para a depressão é um ato de coragem e força, e não de fraqueza. João Coragem a enfrentou.

A primeira crise de depressão de JAF foi em 1984, durante o seu primeiro governo. A irmã de Maria, Cecília Tereza logo a identificou. Cecília havia acabado de chegar de Salvador, onde fez sua Residência Médica em Psiquiatria, na enfermaria 3D, no Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, na Rua João das Botas, lá no Canela. E foi ali, naquele endereço comprido e importante, que Cecília estudou e muito aprendeu com os mais icônicos psiquiatras da Bahia.

A psiquiatria brasileira tem profundas raízes em solo baiano e muitas figuras ilustres têm suas histórias ligadas à Faculdade de Medicina da Bahia (primaz do Brasil): Raymundo Nina Rodrigues (o pai da psiquiatria moderna no Brasil), Afrânio Peixoto, Nelson Pires, Nise da Silveira e o amazonense Álvaro Rubim de Pinho.

Pois bem, Cecília Tereza, indicou para atender JAF, Álvaro Rubim de Pinho, o professor titular da psiquiatria da Universidade Federal da Bahia (UFBA), seu grande mestre no Departamento de Neuropsiquiatria do Hospital Edgard Santos.

O professor viajou até Aracaju para atender ao governador, que às vezes não tinha ânimo para nada, apatia, queria dormir e ficar na cama o dia inteiro, emagrecia a olhos vistos.

Quando em 1994, Rubim faleceu, quem passou a dar suporte psiquiátrico a JAF, foi Prof. Luiz Meira Lessa, também da UFBA e grande estudioso da psicofarmacologia. Cecília não prescrevia, mas dava o necessário suporte e o acompanhava. Cecília era o seu anjinho.

Foram muitos os episódios de depressão. Sua filha Cristina, lhe dizia que eram as oportunidades que ele saía da persona homem público e tinha contato consigo mesmo.

MÃOS À OBRA

Para administrar este Estado, JAF a princípio, ocupou as principais secretarias por fiéis integrantes do grupo do seu antecessor: Secretaria da Fazenda, Secretaria da Educação, Banco do Estado de Sergipe. Ele parecia não se preocupar muito com filigranas, pois tinha um ambicioso projeto de Governo e *arregaçou as mangas da camisa* e pôs-se a trabalhar com os seus auxiliares.

Entre eles, estavam dois ex-governadores: José Rollemberg Leite, a quem JAF devia a sua chegada na política e que agora era o seu Secretário de Obras, e Djenal Tavares de Queiroz que era o Secretário de Habitação. Djenal era o governador antecessor de JAF no Governo de Sergipe (1982-1983) e em 1978 foi eleito o vice-governador na chapa de Augusto Franco.

Constava ainda naquele rol de Secretários, o nome de José Carlos Machado, Secretário de Saneamento; Antônio Carlos Góes Freire, Secretário de Planejamento; João Gomes Cardoso Barreto, era o Secretário Chefe do Gabinete Civil, entre outros.

A equipe era pequena, mas todos tinham histórias e experiências. Sempre que um deles aniversariava, eles se reuniam. Alguns convidavam para a reunião nas suas respectivas casas, como fazia JAF, oportunidade que Maria contratava um rapaz para tocar violão, o que tornava o encontro mais agradável ainda; enquanto outros, preferiam reunir em um barzinho que havia perto do Palácio, no Centro de Artesanato. Mas o lugar preferido do grupo, às sextas-feiras, no final do expediente, às 20h, era o Calango Vascaíno no Conjunto Castelo Branco. O risco era João Alves ligar e pedir a presença de um deles, ou todos, imediatamente na casa dele. Sabiam que era alguma ideia nova que estava brotando.

JAF gostava de bons vinhos, entretanto, ele bebia muito pouco, em reuniões formais e públicas, talvez uma taça de vinho, não mais, e quando participava, não se demorava nestes encontros. Naquelas descontraídas reuniões, todos lembram de D. Lourdes, esposa do ex-governador José Rollemberg Leite, zelosa, que pedia a José Carlos Machado que não deixasse de convidar o seu marido para aqueles momentos. Ele gostava de se sentir incluído e fazendo parte, tanto das decisões, quanto nas horas de distrações e risadas amigueiras.

Apesar de JAF ter um sorriso largo, uma risada farta, um jeito simples de ser, envolvente e cativante, ele também era muito reservado e todos respeitavam a postura e a hierarquia dada e cumprida. Ainda que amigos, não tinham a liberdade de frequentar a sua casa sem serem convidados. Ele preservava a intimidade do lar e sua esposa Maria do Carmo gostava de manter a sua privacidade. Todos respeitavam.

Seu governo foi voltado para o homem do campo e criou um dos mais revolucionários programas de Governo, o projeto *Chapéu de Couro*, onde a construção de açudes amenizava o problema da seca no

sertão. Essa era a sua marca registrada e o que influenciou bastante na sua escolha como Ministro do Interior alguns anos depois.

Certo dia, JAF esteve na Secom, onde o jornalista Ludovice José trabalhava sob o comando de Raymundo Luiz e o chamou até a sala de reuniões do Palácio Olímpio Campos. Ao abrir a sala, Ludovice José precisou tirar os sapatos, pois o piso estava coberto de plantas e projetos. Era um mar de papéis com símbolos e roteiros. Era o berço do projeto *Chapéu de Couro* que JAF ia explicando.

Finda a visita, o governador perguntou a Ludovice se ele era capaz de fazer um documentário sobre aquele material e lhe disse que o Secretário de Irrigação, Edson Leal, daria respaldo e subsídios para preparar o vídeo. Na manhã seguinte, membros da TV Aperipê apanharam Ludovice em casa e seguiram para o Povoado Ribeira, em Sergipe, onde o projeto já tinha o que mostrar e já começara a operar levando água até os mini-produtores daquela região. Tudo o que JAF queria fazer, tinha que ser produzido muito rapidamente. Esta era uma das suas facetas. Ninguém dissesse para ele que não havia tempo hábil para qualquer uma de suas missões solicitadas. Sabia delegar e cobrar. O governador vivia repetindo Albert Einstein: *falta de tempo é desculpa daqueles que perdem tempo por falta de métodos*. O vídeo ficou pronto em tempo recorde, com locução de Derneval Gomes e fez sucesso. Gerou uma reação positiva do Ministério Extraordinário para Assuntos de Irrigação (extinto em 1989), que logo fez promessas de liberação de recursos para o Projeto *Chapéu de Couro*. JAF ficou muito feliz com aquela produção.

Entretanto, foi com o financiamento do Banco Mundial, que JAF pôs em andamento o Projeto *Chapéu de Couro*, que o imortalizou na memória do sergipano por ter beneficiado a região do agreste semiárido, com a perfuração de poços artesianos e a construção de cisternas, estradas vicinais, redes de energia elétrica, escolas e postos de saúde.

Registre-se que, quando JAF ia buscar recursos fora do país, ele publicava material sobre o estado de Sergipe, em espanhol e em inglês para apresentar os projetos aos financiadores. Era tudo muito bem escrito, elaborado e ilustrado. Raymundo Luiz dava suporte com relação

A primeira crise de depressão de JAF foi em 1984, durante o seu primeiro Governo



à feitura daquele material. João sabia como ninguém as regras do marketing e nunca voltou para Sergipe de mãos vazias.

Poços, cisternas, barragens, adutoras, irrigação e muitas outras atividades foram exercidas visando a melhoria de vida do homem do interior, honrando com suas principais promessas de campanha, de estímulo à agricultura e combate à seca e à miséria, buscou implementar projetos que, no seu entender, possibilitassem um desenvolvimento rural integrado das áreas atingidas pela seca.

Na capital, construiu o Hospital Governador João Alves Filho para ser referência em estabelecimento hospitalar de urgência/emergências nas regiões Norte/Nordeste do Brasil, finalidade modificada no decorrer dos anos, em decorrência das distorções do sistema de saúde nacional que, progressivamente, o transformaram em um hospital geral.

Construiu as Escolas Marco Maciel e João Alves Filho, aceitou o desafio de implantar a rede de esgotos, transformando Aracaju na mais bem servida capital nordestina em saneamento, o Centro de Criatividade, a Rodovia José Sarney e tantas outras obras antológicas.

No primeiro governo de João, José Alves do Nascimento, Netinho, irmão de Maria do Carmo, foi seu Secretário de Saúde e criou com a primeira-dama o Projeto *Pró-mulher*, um dos programas mais importantes de todos os governos de Sergipe no campo da saúde pública.

XINGÓ

Diretas Já foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido entre 1983 e 1984. Era 25 de janeiro de 1984, 300 mil pessoas foram às ruas. Até aquela ocasião, foi a maior manifestação feita em São Paulo, depois da Marcha da Família com Deus pela liberdade em 1964. O povo se manifestou, cantou, dançou, trouxe bandeiras, vestiu camisetas. Nem a chuva que durou três horas fustigou o comício. Montoro marcou a manifestação para um dia de feriado em São Paulo e foi muito criticado e por isso, saiu vitorioso. Jorge Cunha Lima foi o organizador do evento. Lula foi o mais aplaudido da tarde e aclamado quando pediu aos seus seguidores que não viaassem os adeptos de outros partidos. Ulisses Guimarães foi anunciado como o *Senhor Diretas*, pois foi ele quem manteve a campanha de pé, quando outros políticos já não acreditavam nela. Osmar Santos, excelente apresentador, soube controlar a multidão e garantir a palavra, até

mesmo, de políticos do PTB e PDS que o povo insistia em vaiar. Ali havia adeptos do PT, PMDB, PCB e PC do B, PTB, PDT e PDS. Os artistas foram em caravana. O movimento foi uma grande festa (FOLHA DE SÃO PAULO, 1984).

Em 16 de abril de 1984, São Paulo fez o maior comício com um milhão de pessoas em silêncio e de mãos dadas e, ao sinal do maestro Benito Juarez, da Orquestra Sinfônica de Campinas, cantaram o Hino Nacional. Do céu caía papel picado, papel amarelo, a cor das *Diretas*, brilhando à luz dos holofotes. Houve choro quando chegou ao palanque um gigante boneco do Senador Teotônio Vilela ao som do *Menestrel das Alagoas*; quando a Sinfônica de Campinas tocou a *Quinta Sinfonia de Beethoven*; quando a corporação musical Artur Giambelli, de Limeira, tocou o *Cisne Branco*, hino da Marinha de Guerra. Não houve nenhum incidente, nenhuma briga, nenhum batedor de carteira, nenhuma ocorrência policial. Havia uma genuína alegria da multidão que exigia o Brasil nos trilhos da democracia. Só se hostilizou um alvo: Rede Globo de Televisão, que preparou um esquema-monstro de cobertura: “o povo não é bobo, fora a Rede Globo” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1984a).

Este era o clima do Brasil em 1984. Naquele ano, os governadores do Nordeste da época tinham ido à Brasília com o intuito de convencer o Presidente João Baptista Figueiredo a iniciar as obras da hidroelétrica de Xingó.

O porta-voz dos governadores que se dirigiram ao Presidente Figueiredo era JAF. Todos ficaram decepcionados ao ouvir do presidente que o Brasil não teria condições de arcar com obra daquela magnitude, senão uma ideia megalomaníaca. JAF nunca pensou pequeno, tudo era gigante nos seus sonhos. Não bastava sonhar, tampouco, e JAF era um homem proativo.

O governador sabia que, um dia, Xingó sairia das pranchetas dos técnicos e se transformaria em realidade. Tanto foi assim, que em 13 de junho de 1991, JAF, já no seu segundo governo, estava discursando na solenidade de desvio das águas do Rio São Francisco para a formação da Hidroelétrica. Isso confirma a visão futurista daquele homem.

**Todos falavam
em sonhos, mas
JAF resolveu
antecipar-se**



Xingó era a maior obra da construção civil realizada no Brasil, naqueles últimos dez anos, e resultado da obstinação de muitos nordestinos, inclusive de JAF, que sempre acreditou naquele projeto.

Ele se preparou para isso. Todos falavam em sonhos, mas JAF resolveu antecipar-se. Era importante construir uma nova sede para a cidade de Canindé do São Francisco e ligá-la, de uma rodovia de mais de 100 km, ao resto do Estado. JAF não hesitou em fazer projetos e foi buscar financiamentos junto ao BNDES e BNH. Conseguia projetar no futuro milhares de operários, a necessidade de construir um grande perímetro irrigado para a produção de alimentos e transformar o semideserto em um grande celeiro de alimentos. Assim foi projetado e executado o seu Projeto *Califórnia*. Mais uma realização bem-sucedida de JAF.

Mas JAF sempre desejou muito mais. Era um visionário. Ele idealizou o Canal de Xingó, um mais além, por conseguinte. Uma obra que acabasse definitivamente com a sede do sertanejo. Nos seus estudos e publicações, ele calculava e vislumbrava ações de um projeto social sustentável que poderia beneficiar o seu povo trazendo água, desenvolvimento, empregos e segurança para a região.

Só algumas décadas depois, em 23 de abril de 2021, o Ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, em solenidade em Sergipe, assinou a ordem de serviço para elaboração do projeto executivo do Canal de Xingó, uma obra que beneficiará três milhões de pessoas. Consiste em um sistema adutor para abastecimento hídrico humano, industrial, animal e para irrigação de 16.500 hectares, atendendo a cinco municípios do oeste sergipano e dois do leste baiano (Codevasf, 2021).

O Canal do Xingó terá cerca de 300 km de extensão no total, e será dividido em quatro fases. Os primeiros 50 km da obra, serão construídos em 2022, com a captação no Reservatório de Paulo Afonso IV, entra em Sergipe por Canindé do São Francisco e alcançará os municípios sergipanos de Poço Redondo, Porto da Folha, Monte Alegre de Sergipe e Nossa Senhora da Glória. Os municípios baianos de Paulo Afonso e Santa Brígida também se beneficiarão para o abastecimento humano, com oferta de água que nos dará autonomia pelos próximos 60 anos. Além de ampliar a oferta de água para consumo humano, o Canal de Xingó, promoverá desenvolvimento econômico associado a atividades

produtivas em ramos como agropecuária e agroindústria. O canal deverá beneficiar os Projetos de Irrigação Santa Brígida-Paulo Afonso, Manoel Dionísio, Califórnia e Jacaré-Curituba, além de dezenas de projetos de assentamento situados na área de influência (Codevasf, 2021).

A Senadora Maria do Carmo Alves, orgulhosa com a iniciativa do Governo Federal, participou da solenidade com o Ministro Rogério Marinho, na sede da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) ao lado de Marcelo Moreira, diretor-presidente da Codevasf, do superintendente de Sergipe, Marcos Alves Filho, entre outras autoridades. A senadora disponibilizou 3,745 milhões de reais, por meio de emendas ao Orçamento Geral da União deste ano, para a elaboração do projeto inicial. A senadora disse na ocasião (LIMA, 2021):

É um momento muito importante e que honra a memória do ex-governador João Alves Filho que, de onde estiver, tenho certeza, está muito alegre, pois o Canal de Xingó foi algo idealizado por ele como instrumento para reduzir o sofrimento, especialmente, dos sertanejos que enfrentam, além da fome, o flagelo da seca.

ARTICULAÇÕES

Mas, voltemos para 1984. Pesquisa realizada pelo Ibope, no final daquele ano, apontou o aumento da popularidade de JAF entre os sergipanos, fato que contrastava com a falta de apoio da maioria dos políticos pedessistas, inclusive daqueles que o haviam ajudado a se eleger dois anos antes.

Oviedo Teixeira, José Carlos Teixeira, Jackson Barreto, Tertuliano Azevedo, entre outros poderosos do PMDB, ocupavam as cadeiras do gabinete do vice-governador Antônio Carlos Valadares. Este, era um excelente articulador político, e lá as manobras eram realizadas entre as lideranças partidárias interessadas em forçar JAF a romper com Augusto Franco e formar um novo grupo sob a liderança do governador ao trazer o PMDB para dentro do Governo (NABUCO, 2017).

Causava espanto em muitos, o papel de Valadares, pois afinal, era um político nascido no seio dos udenistas e prestigiado por Augusto Franco, tendo sido por ele, eleito deputado federal e vice-governador.

Valadares era visto com reservas como alguém que estaria retaliando Augusto Franco, por ele não ter sido o escolhido para ser o candidato ao Governo de Sergipe, uma vez que possuía prestígio e credenciais na época para representar o grupo (NABUCO, 2017).

Por outro lado, Augusto Franco afirmava que o descontentamento dos pedessistas com o governador era motivado pelo não cumprimento de alguns acordos feitos na cúpula partidária antes das eleições de 1982 (o tal documento assinado que ninguém nunca viu).

Na realidade, Augusto Franco e seu grupo esqueceram que quem foi eleito e o poder era de JAF e que este não iria se render frente as exigências do velho cacique.

Também pesou muito para este racha, o fato de Augusto Franco querer manter a sua nora, até então esposa do Albano Franco, Leonor Franco, no cargo de superintendente da LBA em Sergipe, em detrimento da entrega do cargo, como tradicionalmente acontece, à primeira-dama do Estado. Maria do Carmo ficou ressentida com a desfeita e para contemplá-la, JAF criou a Fundação de Desenvolvimento Comunitário de Sergipe (Fundese), através da Lei 2.505 de 27.09.1984, que passou a prestar à comunidade, os mesmos serviços prestados pela LBA e passou a considerar Leonor uma adversária. Daí compreende-se, também, o apoio de Maria aos projetos e articulações de Valadares em prol da Aliança Democrática, enquanto JAF resistia às pressões da esposa e correligionários para evitar o rompimento (NABUCO, 2017).

Em 20 de maio de 1985, aconteceu a convenção do PMDB na qual foi designado o nome de Jackson Barreto para candidato a prefeito da capital e ficou combinado que, nas eleições estaduais de 1986, o PMDB apontaria o candidato a vice-governador.

No dia 26 de maio de 1985, em uma convenção do PFL, realizada no Instituto Histórico Geográfico, o partido decidiu por ampla maioria, coligar-se com o PMDB e, conseqüentemente, romper com o grupo do Deputado Augusto Franco (NABUCO, 2017).

E foi assim que JAF rompeu politicamente com a família Franco e ingressou no Partido da Frente Liberal (PFL), agremiação originada da Frente Liberal, dissidência do PDS que se havia unido ao PMDB, na Aliança Democrática para apoiar, naquele janeiro de 1985, a eleição presidencial de Tancredo Neves e José Sarney pelo Colégio Eleitoral.

Registre-se que José Sarney transformou-se a partir destas alianças, em um grande aliado e amigo próximo de JAF (MAGALHÃES; MORAES, 2014; NABUCO, 2017).

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

JAF ficou completamente envolvido na disputa eleitoral para a Prefeitura de Aracaju, procurando consolidar no nível municipal a Aliança Democrática, acordo com o PMDB de Aracaju. E foi assim que, em 15 de novembro de 1985, com o restabelecimento de eleições diretas para as prefeituras das capitais estaduais, Jackson Barreto foi eleito prefeito de Aracaju, à frente de uma coligação composta pelo PMDB, Partido da Frente Liberal (PFL), Partido Comunista Brasileiro (PCB) e pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), os dois últimos na legalidade desde maio daquele ano.

Angariando 71,8% dos votos válidos, foi o candidato com a maior votação proporcional em todas as capitais do país. Na eleição para prefeito da capital toda a máquina estatal foi colocada em apoio ao candidato da coligação, Jackson Barreto. E a primeira-dama, comandando a Fundese, se empenhou na vitória de Jackson que, por sua vez, a tratava carinhosamente de Santa Maria (NABUCO, 2017).

Em março de 1988, entretanto, Jackson Barreto foi denunciado pelo procurador do Tribunal de Contas de Sergipe (TCE-SE), que pediu a intervenção do Governo do Estado na Prefeitura de Aracaju, devido à suposta existência de crimes de falsificação, fraude e estelionato, num lote de 61 processos sobre as contas da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos que, em 1986, era dirigida por Eleonora Barreto, irmã do prefeito (WIKIPEDIA, 2020).

Por aquela ocasião, JAF que já era ministro, se colocou contra a intervenção, mas a relação dele com o Governador Antônio Carlos Valadares, do mesmo partido, o PFL, não era das melhores e JAF não conseguiu evitar o desfecho. Na Assembleia o discurso de defesa ao aliado Jackson Barreto, coube ao Deputado Estadual José Carlos Machado que era o líder do PFL. Lá fora, discursava um emocionado Jackson Barreto.

Ameaçado de ser expulso de seu partido por haver indícios de que estava envolvido em atos de corrupção, Jackson acabou deixando o PMDB no mesmo mês em que a Assembleia Legislativa aprovou a intervenção do Governo Estadual em Aracaju (WIKIPEDIA, 2020).

Afirmando que havia sido traído pelo então governador e ex-aliado Antônio Carlos Valadares, do Partido da Frente Liberal (PFL), Barreto assistiu à chegada do interventor Antônio Militão Filho, auditor-geral do estado de Sergipe e, um dia após a posse deste, renunciou à Prefeitura (WIKIPEDIA, 2020).

Em 25 de maio do mesmo ano, o Tribunal de Contas (TC) decidiu, por unanimidade, condenar Jackson Barreto a devolver ao município 1,4 milhão de cruzados, com juros e correção monetária, por conta de gastos ilegais e pagamento à firmas contratadas em licitações fraudulentas ocorridos em 1986 (WIKIPEDIA, 2020).

Como o mundo dá muitas voltas, em 1991, Jackson Barreto mudou sua filiação para o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e, em outubro de 1992, elegeu-se pela segunda vez prefeito da capital sergipana, obtendo 68% dos votos válidos no primeiro turno. Os aracajuanos deram a Jackson Barreto, com os seus votos, prova de amor e fidelidade a um dos políticos mais queridos de Sergipe.

NORDESTE, REGIÃO CREDORA

Voltemos para o ano de 1985. Durante o seu governo, JAF publicou um importante livro intitulado *Nordeste, Região Credora*.

Se a história nos pedir conta, em algum dia futuro, a todos nós brasileiros, das oportunidades que aproveitamos ou perdemos, na luta para edificar a Pátria com que sonhamos, será para o Nordeste que se voltará nosso pensamento. Lá, ter-se-á consumada nossa derrota ou vitória.

Celso Furtado

Não por acaso, JAF usa uma epígrafe com a assinatura de Celso Furtado. Este ocupa um lugar de destaque na biblioteca de JAF, com muitos dos seus títulos. Foi um economista brasileiro e um dos mais destacados intelectuais do país ao longo do século XX, com ideias sobre o desenvolvimento econômico e membro da Academia Brasileira de Letras.

Obra fundamental na riquíssima bibliografia produzida por JAF, em que temos diversos aspectos fundantes na sua irrequieta personalidade. Através deste livro percebemos o grande estudioso e conhecedor da problemática nordestina. Tem-se o homem público capaz de idealizar

soluções e concretizá-las. Sempre soube, com seus inteligentes argumentos, que o Nordeste pode e sempre precisou ser mudado e desenvolvido de forma célere. JAF nos demonstra com clareza que os caminhos para a edificação de uma sociedade brasileira desenvolvida, plenamente democrática e mais equânime passam pela redenção da região.

Outra faceta que é predominante na personalidade de JAF é a sua admirável preocupação social. Naquele livro percebemos o esforço do autor em montar propostas para resgatar o Nordeste do seu subdesenvolvimento, mobilizando sua ampla riqueza humana natural, como uma prioridade nacional. JAF faz, nesta sua obra, com que enxerguemos a presteza com que continuamente esteve à frente dos interesses do Brasil, e não somente aos do Nordeste. Ele derruba habilmente diversos mitos, tabus e preconceitos e demonstra que a região sempre foi viável.

A partir do recrudescimento contributivo do *Nordeste, Região Credora*, JAF elucida curioso paradoxo: dela muito depende a edificação de um novo Brasil que os brasileiros continuamente sonharam e permanecem sonhando – ele nos ratifica com múltiplas razões no livro, que isto é possível.

Este livro é uma seleção feita, com a ajuda de seu sempre presente amigo Raymundo Luiz, entre centenas de palestras que ele proferiu em duas décadas e que versaram sobre o tema Nordeste.

Para que entendamos a linha de raciocínio de João, sobre a potencialidade do Nordeste, revisitemos a obra publicada em 1816 de um escritor e comerciante inglês, chamado Henry Koster, que escreveu um livro *Travel's in Brazil*, no qual afirma que era chocante o contraste entre a pobreza do Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro) e a opulência do Nordeste. Já Roberto Cochrane Simonsen, no seu clássico livro de 1944, *História Econômica do Brasil*, afirma que em 1850, Pernambuco detinha 50% do PIB brasileiro da época. No primeiro recenseamento feito no Brasil, em 1872, o Nordeste aparece com 65% do PIB brasileiro.

O que aconteceu de lá para cá? Em 1985, o Nordeste tinha apenas 15% do PIB brasileiro. O argumento é que o Nordeste sempre sustentou o Brasil e ficou completamente espoliado e no início do século XX, o Nordeste aparece como região subdesenvolvida. O Governo Federal, com recursos do Nordeste (antes região desenvolvida) passou a investir maciçamente no Sudeste, deixando o Nordeste completamente

abandonado. Senão vejamos: de 1909 até 1984 (76 anos de atuação), o DNOCS despendeu, com correção monetária, até então, U\$ 3,2 bilhões, enquanto investiu-se U\$ 16 bilhões em Itaipú em dez anos (cinco vezes mais), na Ferrovia do Aço, U\$ 4 bilhões (1,25 vezes mais), no Plano Nuclear U\$ 18 bilhões (5,6 vezes mais), na Aço Minas U\$ 6 bilhões (1,9 vezes mais).

Para provar o seu raciocínio, JAF aponta que os Institutos de Pesquisas nos Estados Unidos, país continental como o nosso, são disseminados por todo o território americano. Os de foguetes são feitos no Alabama; os da Nasa, em Houston, no Texas; as pesquisas atômicas em Alamo Gordo, New Mexico; as de pesca, em Daufin, Alabama; o Robert Talft Wather Research Center, em Cicinati, Ohio; o National Environmental Research Center, em North Caroline; o Southeastern Radiological Health Laboratory, no Alabama; o National Envirinamental Science Center, em Triangle Park, North Caroline; o National Institute of Ocupational Health & Safety, em Cincinatti, Ohio; o Laboratório de Brokhaven, em New York; o Fermilab, em Michigan; o Laboratório de ótica, no Arizona; as pesquisas eletrônicas, no Texas.

Enquanto isso, todos os nossos institutos de pesquisas no Brasil estão no Sudeste. Senão vejamos: Centro de Pesquisa de Energia Elétrica, no Fundão, Rio de Janeiro; Centro Tecnológico Aeroespacial, São José dos Campos, em São Paulo; a Comissão Nacional de Energia Nuclear, Botafogo, Rio de Janeiro; Instituto Nacional de Energia Nuclear, Pinheiros, São Paulo; Centro Nacional de Engenharia Agrícola, Sorocaba, São Paulo; Laboratório Nacional de Referência Animal, Pedro Leopoldo, Minas Gerais; Centro Nacional de Educação Especial, Urca, Rio de Janeiro; Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para Formação Profissional, Bom Retiro, São Paulo; Fundação Osvaldo Cruz, Manguinhos, Rio de Janeiro; Centro de Pesquisa René Rachou, Barro Preto, Belo Horizonte, Minas Gerais; Instituto Nacional de Tecnologia, Praça Mauá, Rio de Janeiro; Instituto Tecnológico da Aeronáutica, São José das Campos, em São Paulo; Instituto Militar de Engenharia, Praia Vermelha, Rio de Janeiro; Instituto de Estudos do Mar, Angra dos Reis, Rio de Janeiro; Instituto de Fibra óptica, Mogi das cruces, São Paulo, entre muitos outros.

O caso das estatais é emblemático. JAF aponta que a partir de 1930 foram criadas pelo Governo Federal e implantadas no Sudeste, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (algumas delas já privatizadas): Cia Side-

rúrgica Nacional; Cia Vale do Rio Doce; Embraer; Cia Siderúrgica Paulista; Cia Usinas Nacionais; Cia Nacional de Álcalis, Usiminas, Petrobras e suas subsidiárias, Petroquisa, Acesita, Aço Minas, Lloyd Brasileiro, Cia Nacional de Navegação Costeira, Fábrica Nacional de Motores, Ultrafertil, Aços Piratinin, Petroquímica União, BNH, Nuclebrás, Fronave, Cia Auxiliar de Energia Elétrica, Marfesa, Siderúrgica Tubarão, entre outras, em um total de 159 empresas, com 591.192 empregados (dados de 1992), com uma folha de pagamento de U\$ 9,5 bilhões, com um faturamento anual de U\$ 59 bilhões e um investimento de U\$ 11,7 bilhões, todas instaladas em São Paulo, Rio e Minas.

Em 1985, o Nordeste tinha apenas 15% do PIB brasileiro

Enquanto os incentivos fiscais para o Nordeste em 22 anos (1962 a 1983) foram da ordem de U\$ 4,2 bilhões, os dez maiores projetos brasileiros incentivados fora do Nordeste (Tubarão, Siderúrgica Nacional, Ferrovia do Aço, Cosipa, Itaipú, Carajás, Tucuruí, Programa Nuclear, Aço Minas e Telefonia) somaram U\$ 50 bilhões em 16 anos de implantação, ou seja, 16,4 vezes mais do que no Nordeste.

Por que os jogos panamericanos foram realizados no Rio? Questionava, JAF. Podemos agora, no a posteriori também nos perguntarmos: E por que a copa de 2014, com seus principais jogos, foram no Rio? E as Olimpíadas de 2016, por que foram, também, no Rio de Janeiro?

Enfim, do ponto de vista de JAF, anos a fio, o Governo Central esquece o Nordeste, quer por má fé, má vontade política, improbidade administrativa, quer por falta de visão de futuro, o que poderia ser qualificado como ignorância também, e investe exclusivamente no Sudeste do país.

Como resolver essa injustiça? JAF advogava que bastaria cumprir a Constituição Federal, que estabelece no seu artigo 165 §7º que os investimentos federais, em cada região, devem ser feitos proporcionais à população das regiões. Ficou estabelecido que o artigo deveria ser cumprido no prazo máximo de dez anos de promulgada a Constituição (1988). Em 2021 (32 anos depois), os investimentos federais no Nordeste ainda estão aquém do estabelecido em lei.

A bancada de deputados federais do Nordeste precisa se unir e tomar providências, quais sejam: na Lei de Diretrizes Orçamentária (LDO) determinar que o Ministério do Planejamento coloque, nas dotações

orçamentárias de investimentos, em qual Estado ela será aplicada e, no total do orçamento, os investimentos por região do país. Os deputados estaduais, por sua vez, precisam pressionar as mesas das Assembleias Legislativas dos Estados nordestinos para que entrem com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN), junto ao STF, por omissão de cumprimento de Dispositivo Constitucional, conforme estabelece o Art. 103 da Constituição Federal.

Um dos depoimentos nesse livro é do renomado advogado, professor e político pernambucano, Marco Maciel, na época Ministro de Estado da Educação, que diz que:

É essa preocupação com o social que faz os trabalhos de João Alves Filho, aqui reunidos, importantes para o conhecimento dos problemas do Nordeste e, mais ainda, para que a admissão de seus problemas se traduza efetivamente em decisão, em vontade política de resolvê-los. Essa é a única forma de romper o círculo vicioso, erradicar o paradoxo em que se constitui a prática de conceder recursos via programas especiais e transferências de receitas, para retirá-los em seguida, através de políticas setoriais que privilegiam as regiões mais ricas. A nação brasileira, como o Governador João Alves, já não discute a prioridade do Nordeste. Espera e exige que se torne concreta.

Outro depoimento ressaltado pelo, na época governador do estado de Alagoas, Divaldo Suruagy, faz-nos enxergar a tamanha importância de JAF e, em específico, desta sua obra. Ele afirma que recomenda:

o livro a todos os estudiosos da realidade nordestina, principalmente, à nossa juventude para que, identificando-se com a mensagem, faça dela a sua bandeira que nos foi legada por aquele Político Maior, Tancredo Neves, que, num momento crucial, a História ofereceu ao Brasil, apregoando: 'a ampla conciliação do povo brasileiro, para que possamos construir uma Nação mais desenvolvida, onde haja empregos para todos, onde haja uma melhor distribuição de rendas, e, sobretudo, onde impere uma melhor justiça social para os humildes'.

DEVOÇÃO E GRATIDÃO

Nesse livro, JAF (1985) traz a sua devoção religiosa a Deus e aos seus pais, Lourdes e João, que lhe proporcionaram as luzes da cultura. No seu aguerrido pai, JAF sempre se inspirou, pelo seu inabalável exemplo de luta e de autoconfiança, ante as adversidades que a vida sempre lhe antepôs.

Agradece também ao seu querido amigo-conselheiro que tanto o ajudou, o renomado engenheiro e político José Rollemberg Leite, que lhe transmitiu a valiosa lição de que a forma mais nobre de servir ao seu povo é justamente por meio do exercício da vida pública – este ensinamento JAF levou e o praticou pela vida toda.

A ação político-administrativa de JAF é sintetizada à luz da sua popularidade dentro e fora do estado de Sergipe, como sendo a de melhor executivo entre os governadores do Nordeste na época; e no campo intelectual ele se destacou como sendo um defensor intransigente dos interesses maiores da região Nordeste, da qual sempre se realçou como um dos seus principais líderes.

Ele que nasceu em Aracaju, na década de 40, teve seu caráter edificado por uma personalidade forte como a do seu pai, que lhe transmitiu uma indomável força de vontade. Associado a tudo isso, absorveu toda a atmosfera cultural e boêmia da Universidade Federal da Bahia e adquiriu nas lutas universitárias, uma consciência nítida dos desníveis sociais e regionais existentes no Brasil, e foi justamente nessa fase áurea da sua vida que, de maneira consciente ou não, nasceu dentro do seu “eu” o imprescindível compromisso de minorar o drama de milhões, entre os seus irmãos nordestinos, que vivem marginalizados do processo de desenvolvimento brasileiro.

Nesta sua obra, JAF sintetiza bem os seus mais profundos anseios, expõe a sua singular experiência, mas também as suas angústias, frustrações, sonhos, revoltas e afirmações extravasadas em luzidas conferências, discursos, palestras, realizadas em Sergipe, nas reuniões do Conselho deliberativo da Sudene e por todo o Brasil, onde tivesse oportunidade de ser ouvido. E assim foi: as mensagens levadas pelo simpático e carismático JAF com sua voz firme, seu sorriso largo, e sua inconfundível gargalhada, sempre foram ouvidas nos quatro cantos do nosso país, quer seja no Gabinete do Presidente da República, nos

salões ministeriais, nos simpósios, quer seja nas Comissões Técnicas do Congresso Nacional.

Em 1953, lembra JAF, houve uma grande estiagem que atingiu o Nordeste e o governo de Getúlio Vargas declarou Estado de Emergência na região, com uma campanha para a coleta de roupas e alimentos. Os pernambucanos, Luiz Gonzaga e o médico Zé Dantas, em parceria, compuseram *Vozes da Seca*, um libelo do cancionista, dirigida para o presidente, denunciando a angústia dos irmãos nordestinos e repudiando o paternalismo emocional. Muita coisa parece não ter mudado e os governadores continuam fazendo peregrinações humilhantes nos gabinetes ministeriais com o pires na mão, como se fossem mendigos oficiais.

*Mas doutor, uma esmola
A um homem que é são,
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia o cidadão*

Três décadas depois, em agosto de 1981, em discurso pronunciado porquanto a instalação do Partido Popular em Sergipe com a presença do seu Presidente Tancredo de Almeida Neves, era a vez de JAF se manifestar no mesmo teor dos poetas. E disse:

Cabe apenas ressaltar que o Nordeste não quer favoritismo, em grau maior aos concedidos a outras regiões; pleiteamos medidas concretas e objetivas em lugar de planos mirabolantes e inócuos; enfim, mais verba e menos verbo (ALVES FILHO, 1985).

Era disso que esta coletânea dos seus pronunciamentos também tratava. Ela vai além de ser somente uma análise socioeconômica, mas também, algumas vezes, uma forma de dar voz e fala ao homem nordestino através do seu metafórico grito de dor, quando incansavelmente denunciou as opressões sofridas por estes brasileiros diante das más práticas nas políticas públicas. JAF ficará como inspiração para todos os que conflitam por um mundo melhor e menos dessemelhante.

TANCREDO E SARNEY

Podem os brasileiros estar seguros de que faremos, com prudência e moderação, as mudanças que a República requer. 1984 foi o ano da alvorada, anunciador das grandes mudanças que deveriam começar em 15 de março de 1985, mas que já são visíveis e profundas e encham de orgulho toda a sociedade brasileira.

Tancredo Neves

Voltando um pouco no tempo, relembremos o mineiro Tancredo Neves que era advogado, empresário e um dos mais importantes políticos brasileiros do século XX. Em 1984 aceitou a proposta de candidatar-se à Presidência da República e, em 15 de janeiro de 1985, foi eleito Presidente do Brasil pelo voto indireto de um colégio eleitoral, com significativa margem de vantagem que derrotou o Deputado Paulo Maluf. Esta eleição marcou o fim da ditadura militar.

A eleição de Tancredo Neves marcou o rompimento de quase 21 anos de regime militar que se inaugurou em 31 de março de 1964. Tancredo, primeiro presidente civil, após uma sucessão de generais no Palácio do Planalto, entretanto, adoeceu gravemente em 14 de março de 1985 e às 22h15, véspera da sua posse, chegou ao Hospital de Base em Brasília e submeteu-se daí em diante, a sete cirurgias (duas em Brasília e cinco em São Paulo, para onde foi transferido).

Na realidade, as suas dores e mal-estar começaram 15 dias antes, porém as dores intermitentes pioraram muito, dois dias antes da posse. Tancredo resistia em buscar ajuda e sua cabeça martelava: era preciso concluir a transição democrática. Os exames de sangue apontavam para um quadro infeccioso agudo. Aquela noite, na chegada do Hospital de Base em Brasília, foi insuportável para o homem Tancredo e, também, para todos os brasileiro que, um ano antes, foram às ruas com ele, pedir Diretas Já. Aquela foi a mais longa noite do amanhecer da Nova República.

Assim, presidente do Brasil eleito, Tancredo não foi empossado por motivo de doença e veio a óbito no dia 21 de abril de 1985, e no dia 22, o vice-presidente José Sarney, que já vinha exercendo interinamente a presidência desde 15 de março, foi efetivado no cargo.

O AMIGO

Apesar de críticas à política econômica do Governo Federal, JAF depositava grande confiança no seu amigo Sarney. Em julho daquele ano, Franco Montoro, governador de São Paulo, propôs um acordo nacional entre governadores e o Presidente da República com o objetivo de buscar saídas para a crise financeira que o país atravessava. Para tal, seria necessário o apoio dos governadores para a consecução da negociação da dívida externa, que fossem feitas as reformas tributárias e agrária necessárias e a instalação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

JAF abraçou a proposta de Montoro, e com o seu jeito simples, sorriso largo, apaziguador e conciliador, passou a ser um verdadeiro articulador das ideias de Montoro junto aos demais governadores, reforçando a necessidade de união de toda a classe política e defendia a renegociação da dívida externa, rejeitando qualquer possibilidade de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) que significasse quaisquer sacrifícios para a população brasileira. Essa era uma das virtudes de JAF, sabia ouvir e negociar e, por isso, tinha a confiança dos seus pares (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Ainda no cargo de governador, como destacado Conselheiro da Sudene, realizou inúmeros pronunciamentos sobre a atuação do órgão, procurando levá-lo a incentivar a atividade no campo e defendendo com garra, os interesses do Nordeste. Estudou diversos de seus problemas e tornou-se porta-voz de seus colegas governadores nos pleitos junto aos órgãos federais, inclusive ao Presidente de República, José Sarney.

NOVAS ELEIÇÕES

Depois dessa primeira experiência junto ao Governo de Sergipe, como era esperado, próximo às eleições estaduais, Valadares exigiu a sua candidatura ao Governo do Estado, ainda que, a princípio, JAF preferisse alguém com perfil mais de administrador.

Havia um plano inicial, no qual JAF sairia do Governo em meados de maio para pleitear uma vaga no Senado, e o seu vice-governador, Antônio Carlos Valadares, assumiria o seu lugar, desistindo de disputar a sucessão estadual para cumprir os dez meses restantes de mandato. Valadares não aceitou.

Com essa desistência, o espaço para a candidatura de Jackson Barreto estaria aberto. As peças, entretanto, não se movimentaram conforme o jogo traçado e foi inviabilizada a tal articulação.

Surgiu depois a ideia de que ambos saíssem como candidatos ao Governo e Senado respectivamente. Pensaram na possibilidade de uma Emenda à Constituição Estadual, elegendo-se uma pessoa do grupo para o exercício do cargo, uma vez que já havia se passado mais de dois anos de mandato.

Para isso consultaram a opinião de Miguel Reale, um jurista constitucionalista, de reconhecimento nacional, que emitiu parecer desaconselhando a emenda proposta por entender ser inconstitucional, em face do princípio da simetria, diante do comando do artigo 79 da Carta Federal de 1969, então vigente.

Diante deste parecer, JAF não concorreu ao Senado, considerando a possibilidade de ocupar o Ministério do Interior ou o da Irrigação, na próxima reforma ministerial, e decidiu apoiar o seu vice, Antônio Carlos Valadares, para o Governo do Estado e trabalhou em prol deste intento.

O PFL de Sergipe tentou manter a aliança para a sucessão de João Alves no Governo Estadual em 1986, mas foram frustradas porquanto a união entre a ala moderada do PMDB e o PDS dos Francos. José Carlos Teixeira rompeu com o Governador JAF, ainda que tenha assinado um tempo antes, uma nota pública junto com os líderes da Aliança Democrática, no Palácio Olímpio Campos, quando do lançamento de Valadares como candidato do grupo ao Governo. Em vão foram os esforços de JAF para convencer José Carlos a permanecer junto com o grupo. Em convenção do partido, José Carlos lançou-se candidato a governador em uma aliança PMDB com o PDS, partido do candidato a vice-governador, Passos Porto.

GUERRA DE TITÃS

JAF com os aliados, tiveram que enfrentar uma longa batalha neste processo eleitoral. Dispôs a sua Rádio Jornal e também a Rádio Difusora e a TV Aperipê, estas duas últimas do poder público, e enfrentou um verdadeiro rolo compressor montado sobre a aliança dos Francos com os Teixeiras, grandes empresários sergipanos, apoiados por jornais, rádios e redes de televisão a serviço da candidatura de José Carlos Teixeira para governador e Passos Porto como vice-governador.

A campanha foi uma das mais agressivas da história de Sergipe e, a princípio, apontava 41,08% de intenção de votos para José Carlos Teixeira e 9,8% a favor de Valadares. Aos poucos o jogo foi virado e 63 prefeitos preferiram estar ao lado do Governador JAF.

Beneficiado pela popularidade de JAF e pela composição de partidos que incluía o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e os *progressistas históricos* do PMDB, Antônio Carlos Valadares venceu a disputa do dia 15 de novembro de 1986, com 292.329 votos, contra 240.021 dados a José Carlos Teixeira, tornando-se assim, o único governador do PFL eleito naquele pleito (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

JAF foi o grande vitorioso daquela eleição: elegeu o seu candidato a governador, o único do PFL em todo o país; 11 deputados estaduais (Djalma Lobo, Jerônimo Reis, Nicodemos Falcão, José Carlos Machado, Luciano Andrade Porto, Carlos Alberto Oliveira, Francisco Passos, Reinaldo Moura Ferreira, Nivaldo Silva Carvalho, Guido Azevedo, Hildebrando Dias Costa); quatro deputados federais (Messias Góis, Cleonânio Fonseca, João Machado Rollemberg e José Queiroz); reconduziu Lourival Baptista pela terceira vez ao Senado.

Após passar o Governo de Sergipe a Antônio Carlos Valadares no dia 15 de março de 1987, João Alves voltou às atividades empresariais e ajudou a reorganizar o PFL sergipano.



Sentados da direita para a esquerda: Leonel Brizola, Roberto Magalhães, José Sarney, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Franco Montoro e Jader Barbalho. Da esquerda para a direita em pé: Divaldo Suruagy, Iris Rezende, JAF, Agripino Mais, Marco Maciel, José Richa, Jair Soares e Espiridião Amin: movimento Diretas Já.



Da direita para a esquerda, o Governador JAF, ACM (ex-governador da Bahia), Haroldo Correia de Matos (Ministro das Comunicações), Luiz Eduardo Magalhães (Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia), João Batista Figueiredo (Presidente da República), João Durval Carneiro (Governador da Bahia), Ângelo Calmon de Sá (Presidente do Banco Econômico S/A), Ernane Galvêas (Ministro da Fazenda), juntos por ocasião do sesquicentenário do Banco Econômico em 13 de julho de 1984.



Tancredo Neves ao lado de JAF. Atrás: José Carlos Teixeira com o pai, Ovidio Teixeira, Risoleta Tolentino Neves, Jackson Barreto, Seixas Dórea e Carlos Magalhães.



Antônio Carlos Valadares, José Ribeiro, JAF e o jornalista Juarez Conrado



JAF ladeado por Lourival Baptista e José Queiroz.



Movimento Diretas Já: Tancredo Neves, ladeado por Maria do Carmo e JAF.

11

MINISTÉRIO DO INTERIOR (07/08/1987 a 15/03/1990)

*O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e
depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.*

Guimarães Rosa

O governo de José Sarney (1985-1990) ficou conhecido como o da “década perdida”, porquanto o inexpressivo crescimento econômico do período. Na realidade este governo era herdeiro do esgotamento das políticas econômicas da ditadura militar e das crises mundiais da década de 1970.

O objetivo principal de Sarney foi conciliar a reformulação das instituições políticas em um sentido democrático representativo e de encontrar soluções para manter uma estabilidade econômica. A expressão deste último ponto pode ser encontrada nas consequências de seus planos econômicos (PINTO, 2021).

Certamente o principal desafio do primeiro governo da *Nova República* era controlar a inflação dos preços, que em 1985 chegou a 235% ao ano. A solução da equipe econômica de Sarney encontra-se no Plano Cruzado, anunciado em fevereiro de 1986, cujas principais medidas eram: congelamento de preços; substituição da moeda corrente do país, do Cruzeiro para o Cruzado (daí o nome do plano); gatilho salarial, uma medida de aumento dos salários toda vez que a inflação atingisse 20% ao mês (MOLICA, 2021; PINTO, 2021).

O Plano Cruzado teve sucesso no primeiro momento, garantindo à população uma melhoria nas condições de vida e trouxe popularidade trazendo popularidade ao presidente e transformou a população em *fiscais de preços* (MOLICA, 2021; PINTO, 2021).

Nos últimos meses de 1986, percebeu-se que as melhoras das condições de vida foram efêmeras e havia um desabastecimento de mercadorias enquanto alguns empresários conseguiam burlar as tabelas de preços e vender por preço maior (ágio), e havia, também, a falta de carne, uma vez que os pecuaristas se recusavam a vender pelos preços tabelados (MOLICA, 2021; PINTO, 2021).

Sarney foi obrigado a buscar apoio político entre os grupos conservadores do país para a aprovação de novos planos econômicos (Plano Cruzado II em 1986, Plano Bresser em 1987, Plano Verão em 1989), com o objetivo de controlar os gastos públicos, conter a forte inflação e renegociar a dívida externa (MOLICA, 2021; PINTO, 2021).

Surgiu assim, o Cruzado Novo, entretanto, as medidas não foram suficientes para a estabilidade econômica, já que não houve mudanças estruturais na economia, e em março de 1990 a inflação alcançou o recorde 84,23% ao mês e um índice acumulado nos doze meses anteriores de 4.853,90% (MOLICA, 2021; PINTO, 2021).

Neste clima, no ano de 1987, em 6 de agosto, Joaquim Francisco, Ministro do Interior, pediu demissão do Ministério.

Enquanto isso, o telefone da casa de JAF tocou; Cristina, sua filha mais velha atendeu a chamada e alguém do outro lado da linha disse que o Presidente Sarney queria falar com o Dr. João Alves. Ela achou imediatamente que aquilo era um trote, mas chamou o seu pai. Cristina ficou atenta àquela conversa e ouvia o pai dizer, *sim presidente, sim, aceito*. Quando o presidente desligou foi uma gritaria dentro de casa, uma confusão com beijos e abraços para comemorar tão honroso convite.

Edinha, uma senhora do povoado de Tibiri, município de São Brás, em Alagoas, que prestava serviços eventuais para Maria do Carmo, na fazenda, em Propriá, ouvindo aquela história de ministro, perguntou à patroa, o que significava esse cargo e se era maior que o de um delegado. JAF estava chegando justo na hora e, muito bem-humorado, respondeu que Maria explicaria com calma, mas o cargo era só um pouquinho maior. Essa foi uma história que rendeu muitas risadas, o *status* dele

estava só um pouco acima da autoridade à qual Edinha se referira e, muito tempo depois, ele dizia que o seu trabalho como ministro fora um *tantinho* mais árduo que o do delegado de Tibiri.

Ato contínuo, dia 7 de agosto de 1987, o Presidente da República, proferia o seu discurso, dando posse ao novo ministro (BRASIL, 1987):

[...] o Ministro João Alves Filho é um exemplo singular deste País. Filho de operários, neto de retirantes, construiu a sua biografia à custa de um trabalho árduo, à custa de sua inteligência e da dedicação de sua vida ao setor público.

[...] Por outro lado, esse Ministério trata com o Brasil pobre, com o Brasil das carências, com o Brasil das necessidades, com o Brasil onde tudo falta e tudo é necessário que se alcance com uma determinação muito grande.

Recomendei ao novo ministro que proceda imediatamente a um levantamento de todos os programas em andamento no Nordeste e na Amazônia, de modo a avaliá-los, de modo a saber do seu andamento, dos seus entraves, dos seus estrangulamentos, para que o Governo possa tornar realidade a sua aspiração de servir ao Nordeste como uma região prioritária e à Amazônia e às outras áreas de ação do Ministério do Interior como regiões que devem merecer da administração central a mais decidida atenção.

[...] E eu acredito que o novo ministro traz para esse posto a sua experiência, a sua vivência, a sua vida e as suas qualidades. Desejo-lhe, ministro, êxito em suas missões e conte com o presidente para ajudá-lo, incentivá-lo e colaborar com o seu trabalho (BRASIL, 1987).

No seu discurso de posse, JAF cumprimentou o governador de Sergipe, Antônio Carlos Valadares, o prefeito de Aracaju, Jackson Barreto, o Senador Lourival Baptista, e o ex-governador José Rollemberg Leite que foram prestigiá-lo.

De sua notável gestão no seu primeiro governo no estado de Sergipe, saiu Ministro de Estado do Interior – o primeiro ministro que Sergipe deu ao país, nomeado pelo Presidente José Sarney, em 1987. Era um ministro com uma grande aceitação por parte dos governadores peemedebistas do Nordeste. Apoio não lhe faltaria.

CRIAÇÃO E MISSÃO DO MINISTÉRIO

O Ministério do Interior (Minter) foi criado no governo do Presidente General Castelo Branco por Decreto nº 200 de 25 de fevereiro de 1967 e transformado na Lei 8.029, de 12 de abril de 1990, por um desmembramento do então Ministério da Justiça e Negócios Interiores. O antecessor de JAF foi Joaquim Ramos e JAF não teve sucessor, pois o Ministério foi extinto por Medida Provisória nº 151, de 15 de março de 1990 que criou na estrutura administrativa da Presidência da República, a Secretaria de Desenvolvimento Regional 10.

O Decreto-lei nº 200/1967 estabelecia como competências do Ministério do Interior:

I - Desenvolvimento regional.

II - Radicação de populações, ocupação do território. Migrações internas.

III - Territórios federais.

IV - Saneamento básico.

V - Beneficiamento de áreas e obras de proteção contra secas e inundações. Irrigação.

VI - Assistência às populações atingidas pelas calamidades públicas.

VII - Assistência ao índio.

VIII - Assistência aos municípios.

IX - Programa nacional de habitação.

ESTRUTURA DO MINTER

Compunham a estrutura do Ministério, além da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) e o Projeto *Rondon*, as seguintes entidades vinculadas:

As autarquias ligadas ao Minter eram: Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul (Sudesul); Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene); Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam); Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco); Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa); Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs); Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS); Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (Serphau).

As empresas públicas submetidas ao Minter eram: Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) e o Banco Nacional da Habitação (BNH).

As sociedades de economia mista que respondiam ao Minter: Banco da Amazônia (BASA) e o Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

Sob sua responsabilidade também havia uma fundação: Fundação Nacional do Índio (Funai).

E os Territórios Federais também estavam dentro do seu escopo de responsabilidades: Amapá, Roraima e Rondônia.

Eram múltiplas as frentes de trabalho e muita responsabilidade, mas *João Coragem* segurou com os dentes o desafio e os enfrentou.

ENQUANTO ISSO: PACTO ENTRE PFL E PMDB

Na época em que JAF tomou posse no Minter, vivia-se um momento crítico da Aliança Democrática, uma vez que as disputas de poder entre os dois partidos que a compunham tinham motivado a saída do seu antecessor, Joaquim Francisco Cavalcanti, também do PFL, e a posterior exoneração do superintendente da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), Dorani Sampaio, ligado ao PMDB.

JAF, gozava de grande prestígio junto a grande parte dos governadores peemedebistas do Nordeste, e defendeu a permanência do pacto entre o PFL e o PMDB (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Desfeita a coalizão dos dois principais partidos governistas, os pefelistas iniciaram um debate sobre a manutenção, ou não, do apoio ao Governo Federal. No mês de novembro, sob a liderança do presidente do PFL, Senador Marco Maciel, a seção pernambucana do partido rompeu com o Governo. Criticando tal atitude, o Ministro do Interior afirmou que o partido deveria permanecer unido em torno do Presidente da República, apoiando, inclusive, o mandato de cinco anos para Sarney, proposta que acabou sendo aprovada na Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988) (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

No dia 5 de outubro de 1988, a nova Constituição Brasileira entrou em vigor, no instante que o presidente do Congresso Constituinte, Ulisses Guimarães, às 15h38, com voz alta e embargada, gritou: *Declaro promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil*. Ouviram-se uma salva de 21 tiros de canhão e os repiques e os sinos da Catedral e Igrejas de Brasília saudando o acontecimento. Aqueles presentes, que

foram testemunhas privilegiadas do momento, emocionaram-se muito. Houve o juramento da Carta pelos constituintes, pelo Presidente Sarney e pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Rafael Mayer. Discursaram, o Senador Afonso Arinos (PSDB-RJ) e o presidente da Assembleia da República de Portugal, Victor Crespo e coube a Ulisses Guimarães, postulante à candidatura presidencial, fazer o discurso final, fechando um ciclo de 20 meses de trabalhos constituintes. Na véspera, Ulisses plantou uma muda de “Pau-ferro” na inauguração do Bosque das Constituintes. Momento emblemático da história recente do Brasil (FOLHA DE SÃO PAULO, 1988).

FERROVIA NORTE-SUL

*A aviação rompe o isolamento dos confins,
a rodovia integra, as comunicações interligam,
mas somente a ferrovia consolida a
prosperidade nas grandes distâncias.*

João Alves Filho

Enquanto ministro, JAF se preocupava com um dos maiores desafios que era o transporte da produção agrícola em condições vantajosas. Naquela ocasião ele incentivou a construção de ferrovias. Foi um entusiasta ao lado do Presidente José Sarney e do então Ministro da Agricultura, Iris Rezende, do projeto de implementar a Ferrovia Norte-Sul. Tudo idealizado por JAF era gigantesco, e era sempre com visão futurista (ALVES FILHO, 1994).

A Ferrovia Norte-Sul (FNS) é uma ferrovia longitudinal brasileira, projetada para ser a espinha dorsal do sistema ferroviário nacional, interligando as principais malhas ferroviárias das cinco regiões do país. Seu projeto foi concebido num eixo norte-sul na região central do território brasileiro, possibilitando a conexão entre as malhas ferroviárias que dão acesso aos principais portos e regiões produtoras do país, que até então estavam regionalmente isoladas. Quando concluída, possuirá a extensão de 4.155 km e cortará os Estados de Pará, Maranhão, Tocantins, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, conectando os extremos do país (ALMEIDA, 2020; MASSA, 2020).

O projeto da Ferrovia Norte-Sul começou a ser discutido em 1985, durante o governo do Presidente José Sarney, com um traçado inicial que previa a extensão de aproximadamente 1.550 km, entre Açailândia (MA) e Anápolis (GO).

Alguns poucos meses antes de JAF ser alçado à condição de ministro, no dia 13 de maio de 1987, a Ferrovia Norte-Sul era a manchete principal da Folha de São Paulo, anunciando que a concorrência havia sido uma fraude. A Folha publicou, disfarçadamente, na seção de classificados, o nome dos 18 vencedores, cinco dias antes dos envelopes serem abertos pelo Ministério dos Transportes e pela estatal Valec, com as propostas concorrentes, sob o título *Negócios. Oportunidades*. A publicação apontava os vitoriosos e os percentuais de descontos que cada uma oferecia em relação ao valor da respectiva obra. Todas ofereceram o mesmo desconto, demonstrando que o preço estabelecido pelo Governo era tão absurdamente alto que as empresas puderam reduzi-lo em 10%. As empresas vitoriosas foram: Norberto Odebrecht; Queiroz Galvão; Mendes Jr.; C.R.Almeida; Serveng; EIT; Cowan Ceesa; CBPO; Camargo Corrêa; Andrade Gutierrez; Constram; Sultepa; Construtora Brasil; Alcindo Vieira Tratex; Paranapanema; Ferreira Guedes. Foi um imbróglio (FOLHA DE SÃO PAULO, 1987).

As obras do primeiro trecho entre Açailândia (MA) e Porto Franco (MA), com 215 km, se iniciaram em 1987, na gestão do Ministro do Interior, JAF, que teve a ousadia de acreditar naquele projeto futurista. Aquele trecho inicial teve as obras concluídas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, em 1996. Durante o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, houve retomada da ferrovia até Porto Nacional (TO) e, posteriormente, até Anápolis (GO) (BRASIL, 2020; MASSA, 2020).

A Valec Engenharia, Construções e Ferrovias S/A é uma empresa pública, sob a forma de sociedade por ações, controlada pela União. Em outubro de 2007, a operação do trecho da Ferrovia Norte-Sul entre Açailândia (MA) e Porto Nacional (TO) foi concedida pela Valec à Vale, por um período de 30 anos. A companhia foi a única interessada no leilão, pagando o valor mínimo de R\$ 1,478 bilhão de reais. Com o dinheiro pago pela concessão, foi realizada a construção do trecho entre Araguaína (TO) e Porto Nacional (TO), com 359 km de extensão (BRASIL, 2020; MASSA, 2020).

Em dezembro de 2008 foi entregue mais um trecho da ferrovia, que passou a operar de Açailândia (MA) até Colinas (TO). Em março de 2010 foi inaugurado o trecho entre Colinas (TO) – Guaraí (TO) com 133 km. Em janeiro de 2011, foram iniciadas as obras do trecho entre Ouro Verde de Goiás (GO) – cidade a cerca de 40 km a noroeste de Anápolis – e Estrela d’Oeste (SP), com 684 km de extensão. Este trecho é o primeiro fora do projeto inicial da FNS, que tinha o traçado projetado apenas até Anápolis (GO) e, posteriormente, foi modificado para seguir até o porto de Rio Grande (RS) (BRASIL, 2020; MASSA, 2020).

O trecho com mais 855 km entre Porto Nacional (próximo a Palmas) (TO) e Anápolis (GO), que era prevista para 2010, somente foi entregue em 2014 pela Presidente Dilma Rousseff. No dia 20 de julho de 2018, o Presidente Michel Temer assinou a medida provisória 845/2018, que criou o Fundo Nacional de Desenvolvimento Ferroviário (FNDF). Esta medida garante que todo o valor pago pela outorga da concessão do trecho entre Porto Nacional (TO) e Estrela d’Oeste (SP) da FNS, seja revertido integralmente para a construção do Prolongamento Norte, ligando Açailândia (MA) ao Porto de Vila do Conde, em Barcarena (PA) (BRASIL, 2020; MASSA, 2020).

Enfim, o ponta pé inicial desta imensa conquista nacional foi realizado por JAF que acreditou na grandiosidade do investimento e os sucessores de Sarney tiveram a sensibilidade de dar seguimento ao projeto, algo incomum no Brasil onde obras ficam inconclusas por décadas.

No dia 28 de março de 2019, o governo do Presidente Jair Bolsonaro realizou o leilão do trecho central de 1.537 km da Ferrovia Norte-Sul, entre Porto Nacional (TO) e Estrela d’Oeste (SP). A Rumo Logística arrematou a ferrovia pelo valor de 2,7 bilhões de reais, por um contrato de concessão de 30 anos, não prorrogável (BRASIL, 2020).

A DERROCADA DE OLACYR DE MORAES

Quando o empresário Olacyr Francisco de Moraes concebeu a construção de uma ferrovia privada Ferronorte, JAF, através do Minter, ofereceu apoio à ideia que teve a participação de fundos da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia. O entusiasmo de JAF com as ferrovias, vinha por inspiração do Barão de Mauá que, no Império, implantou ferrovias com capitais privados.

Olacyr de Moraes foi o maior produtor individual de soja do mundo, que o tornou conhecido como “Rei da Soja”, pioneiro deste cultivo na região de cerrado e dono da Fazenda Itamarati onde, dentre outras

“ JAF trouxe do Governo Federal, recursos importantes transferidos para a Sudene

pesquisas, foram desenvolvidas variedades de cultivos, como o algodão ITA-90, que tornou o Brasil exportador do produto. Olacyr foi, também, grande produtor de cana-de-açúcar e etanol.

Quando estava no auge, ainda nos anos 90, entrou na lista dos

200 homens mais ricos do planeta da revista Forbes, com um patrimônio estimado em US\$ 1,2 bilhão.

Foi no final da década de 90, que o seu império começou a entrar em crise após algumas apostas frustradas, como a ferrovia Ferronorte. A aposta do Barão de Mauá e de JAF, não trouxeram boa sorte para Olacyr de Moraes, apesar de ter se configurado um grande sucesso para o desenvolvimento do agronegócio da região.

O empresário investiu US\$ 200 milhões na construção da Ferrovia, mas os trens ficaram sete anos parados porque o governo de São Paulo demorou a erguer uma ponte sobre o Rio Paraná, que ligaria a Ferronorte aos trilhos do Sudeste e ao porto de Santos.

Do ponto de vista do economista, professor universitário e político brasileiro, Delfim Netto (ministro por três vezes e deputado federal por São Paulo, filiado ao Progressistas – PP), Olacyr foi um visionário destruído por um Estado desonesto. Hoje, a Ferronorte transporta 8 milhões de toneladas de soja. Com o seu pioneirismo, ele abriu caminho para o sucesso da agricultura, mas acabou pagando um preço alto demais (ISTOÉ - DINHEIRO, 2004).

Todo pioneirismo é arriscado. Abre as portas para quem vem depois. Mas Olacyr deixou um grande legado ao País na agricultura, no transporte e na pesquisa.

Repleto de dívidas, foi obrigado a se desfazer de vários negócios, entre eles o Banco Itamarati, vendido ao BCN. Em 2004 a Fazenda Itamarati foi vendida ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), para assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (ISTOÉ - DINHEIRO, 2004).

Em fevereiro de 2011, Olacyr de Moraes refez parte do seu patrimônio, quando descobre jazida de tálio em Barreiras, na Bahia, colocando o Brasil no seletor grupo de produtores desse metal (ATTUCH, 2004).

VIABILIDADE DA REGIÃO

Paralelamente à atuação política, João Alves, em novembro de 1987, investiu recursos do seu Ministério em projetos de combate à seca no Nordeste e de viabilização econômica da região. No início do ano seguinte, interveio nos conflitos ocorridos em Serra Pelada, no Pará, que culminaram numa operação da Polícia Militar em que dezenas de garimpeiros foram mortos.

Na ocasião, afastou o presidente da junta interventora da Cooperativa de Garimpeiros de Serra Pelada, Néelson Marabuto, por ter feito declarações aos jornais responsabilizando o governador do Pará, Hélio Gueiros, pelos incidentes. Em contrapartida, atendeu a parte das exigências dos trabalhadores, assinando convênio que garantia a manutenção da exploração local do ouro. Pouco tempo depois, também se responsabilizou pelo envio de verbas e mantimentos para os Estados do Acre e Rio de Janeiro, fortemente afetados por enchentes (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Diante de suspeitas de irregularidades na Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), uma autarquia vinculada ao Minter, em julho de 1988, JAF pediu uma auditoria no órgão e descobriu-se, assim, um artifício criado por Henry Kayath, superintendente da Sudam, que burlava dois artigos do Decreto-Lei nº 1.376, responsável pela política de incentivos fiscais no país.

Além de possibilitar o aumento da arrecadação do Fundo de Investimentos da Amazônia (Finam), tal artifício criava um ambiente propício para a prática de corretagem, que consistia na intermediação de escritórios e corretoras na relação entre investidores e proprietários de projetos incentivados pela superintendência. O que poderia parecer uma livre atividade de negociação, significava, na verdade, perda de dinheiro público, pois as comissões pagas aos intermediários eram provenientes dos recursos abatidos do imposto de renda dos empresários interessados em investir nos projetos de desenvolvimento da região Norte (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

A despeito de todas as provas de irregularidades administrativas na Sudam, JAF teve que enfrentar a resistência imposta por Hélio Gueiros, padrinho político do superintendente, e o afastamento de Henry Kayath demorou alguns meses para se concretizar. Acusado pelo governador do Pará de querer substituir Kayath por alguém do PFL e beneficiar os Estados nordestinos em detrimento da Amazônia, JAF só conseguiu a demissão do titular da Sudam por autorização expressa do Presidente Sarney (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

PROJETO PADRE CÍCERO

Durante o curto tempo que teve até o final do mandato do Presidente Sarney, JAF trouxe, do Governo Federal, recursos importantes transferidos para a Sudene para investimento no Projeto *São Vicente* e obras emergenciais nos Estados. Conquistou medidas levadas à efeito pelo presidente: decreto isentando de correção monetária os micros e pequenos proprietários rurais que haviam assumido débitos à época do Plano Cruzado; a Instituição da Caderneta Verde do BNB e a subscrição pelo Tesouro Nacional do valor de um bilhão para aumento do capital do BNB.

Ali, enquanto ministro, JAF, entre outros excepcionais empreendimentos, lançou o formidável Projeto *Padre Cícero*, um conjunto de ações para minimizar os efeitos das secas do Nordeste, recebendo aplausos e elogios de destacados organismos internacionais, que chegaram a rejeitar a fórmula para países com os mesmos problemas da região nordestina brasileira (ALVES FILHO, 1994).

O projeto *Padre Cícero* nasceu basicamente inspirado no Projeto *Chapéu de Couro*, criado por JAF, quando esteve à frente do governo de Sergipe, pois na época, a sua grande prioridade era levar adiante uma série de obras integradas e o seu projeto trouxe como resultado o fato de Sergipe ter sido aquele que menos sofreu com as intempéries da seca.

O Presidente Sarney queria que JAF fizesse um projeto de *pés no chão*, que não fosse mirabolante, até porque os recursos do Governo não eram grandes, mas que fosse um projeto de resultados.

E, pela primeira vez na história do Brasil, havia um projeto para prevenir os efeitos da seca, corrigir suas causas e não os efeitos.

Através do Decreto 96.627 de 31 de agosto de 1988, assinado pelo Presidente da República José Sarney e pelo Ministro do Interior, João Alves Filho, foi criado o Projeto *Padre Cícero*, na área de jurisdição da

Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Foi, indubitavelmente, o projeto mais importante no período que JAF exerceu o seu papel de ministro.

Através deste importante projeto foi implantado em pequenas propriedades rurais e comunidades, infraestrutura hídrica permanente, para ampliar a oferta de água, com vistas a permitir o convívio do homem com as estiagens, bem como implementar obras e ações de fortalecimento da infraestrutura social e econômica. O objetivo final era melhorar a qualidade de vida da população residente na área de jurisdição da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Este projeto exigiu de JAF constantes articulações costuradas entre as ações do Minter, a Sudene e os Ministérios e órgãos federais, estaduais e municipais envolvidos em sua execução.

A Sudene quando foi criada, tinha uma meta específica, qual seja, promover através de incentivos fiscais, a atração de novos investimentos industriais capitalizados do Sul do país e até de empresários multinacionais. O que importava era a modernização da economia através da implantação de um avançado parque industrial, que exercesse efeito multiplicador, além de projetos agrícolas inovadores e pela montagem de uma estrutura de serviços adequada.

JAF defendia ferrenhamente a Sudene como um dos mais exitosos programas nacionais e constituía-se naquele momento, um instrumento fundamental por ser órgão que revelava competência para atuar regionalmente. Acreditava que, injustamente, recebia críticas e fora esvaziada. Quando foi criada pela visão do estadista Juscelino Kubitschek, detinha 100% dos incentivos fiscais abatidos do Imposto de Renda e, à época, canalizados inteiramente para o Nordeste e, foi reduzido para 22%, por ignorância ou má fé, com argumento que ela era absorvedora gigante de recursos inúteis.

Depois da fase pós revolucionária, criaram-se alternativas para serem canalizados os incentivos. Um exemplo, se alguém queria apoiar o turismo nacional e não sabia onde buscar recursos, tiravam um pedaço do Finor; outro exemplo, a Embraer, incentivos para Sudam, pesca e por aí em diante, esvaziando os recursos da Sudene.

Em artigo publicado no *Globo* em 9 de julho de 1987, JAF comparou a Sudene e a estatal Açominas, informando que nos 25 anos iniciais da Sudene, ela absorveu cinco bilhões de dólares, criando 500 mil empregos

na região e criou estrutura desenvolvimentista em 10 Estados, enquanto a Açominas absorveu seis bilhões de dólares para beneficiar um único Estado. Naquela entrevista ele fez das palavras de John Kennedy, as suas, dizendo que: *se uma sociedade não for capaz de ajudar os muitos que são pobres, não poderá salvar os poucos que são ricos* (ALVES FILHO, 1990).

O financiamento do Projeto *Padre Cícero* correu às expensas de recursos consignados à dotação específica no orçamento do Minter e eram repassados anualmente aos ministérios, aos estados, aos municípios e aos demais órgãos participantes, conforme os cronogramas físico-financeiros estabelecidos.

Uma grande característica do Projeto *Padre Cícero* era não ter grandes empreiteiras, não ter grandes obras. A cisterna, por exemplo, é uma solução milenar e vem do Egito. O que acontece com o Nordeste não é que chova pouco, mas chove concentrado. Chove dois ou três meses por ano. Com as cisternas as águas são captadas diretamente dos telhados e através de uma canalização são levadas para um reservatório com capacidade para 40 a 50 mil litros, dando ao pequeno proprietário condições de subsistência durante um ano, mesmo em condições adversas. Essa água pode ainda ser utilizada para 10 animais pequenos e, em condições normais, ainda pode fazer a irrigação de pote, que é uma coisa interessante na produção de hortigranjeiros para consumo próprio. É um pote feito de argila apropriada que permite filtrar a água. Com esse método o pequeno agricultor faz uma hortazinha para alimentar a família. No Nordeste existe o hábito de se preocupar apenas com a pecuária bovina, mas teríamos que levar para aquela região os pequenos animais, como a ovelha e a cabra. O que JAF implantou foi o seguinte: o pequeno proprietário assinava um contrato e recebia 10 ovelhas e um reprodutor; sua única obrigação era, dois anos depois, quando ele teria em média um rebanho de 60 animais, devolver 11 e ficar com 49 para que o Governo desse seguimento ao projeto, entregando os animais recebidos a outros pequenos proprietários, dando condições de sustentação para o produtor humilde.

Outra coisa realizada para a pequena propriedade, com o apoio do Centro Tecnológico do Semiárido (Cepatsa), foi o barreiro de salvação. Escolhia uma área de pequena propriedade e ali faziam um pequeno açude. JAF trazia sempre o exemplo do feijão. O matuto costuma afirmar que *o feijão só quer três águas: água para nascer, água para florar*

e água na panela. Ele planta seu feijão na época da chuva, então a água para o feijão para nascer, ele tem. Mas ele perde na fase da floração, porque previu chuva dentro de dois ou três meses, e a chuva não veio e ele perde todo o feijão. O barreiro pode evitar isso. Ele permite que quando chegar a época da floração do feijão, se abra comporta do barreiro e faça a molhação de um feijão que ficará exuberante. E daí em diante, só será necessária a água da panela (ALVES FILHO, 1990).

JAF sempre explicava que eventualmente surgiam soluções salvadoras que não resolviam os problemas práticos. No Nordeste, em um determinado momento, foram construídos muitos açudes, só no Ceará foram vários: Orós, São Miguel, Sampaio, Santo Antônio, entre outros, e os problemas não foram resolvidos. Foi a fase hídrica do país. O negócio era acumular água. Achavam que acumulando água, resolveriam os problemas. Erro grave. Água por si só não resolve o problema. Precisa que seja água de qualidade e terra irrigável. Irrigação também não é salvação, mas uma das soluções.

Não adianta construir grandes barragens ou açudes, se se esquece de comprar a área que será inundada, e comprar as áreas que poderiam ser eventualmente irrigadas, para distribuir com colonos carentes. Tudo isso deve ser feito, antes de se ventilar o projeto, e muito antes do início da obra, para não haver especulação com os preços das áreas.

Primeiro, deve-se fazer um estudo da área, depois compram-se as terras, e em seguida as obras (obras civis da barragem, projeto de colonização com distribuição de lotes, estrada) e a implantação da irrigação. Só quando a barragem está concluída, assentam-se os colonos mais carentes em lotes irrigados. O *case* de sucesso, Sergipe no governo de JAF, inspirava o Ministro do Interior: *Jacarecica*, os projetos *Califórnia*, *Jabiberi*.

Quando a meta é a irrigação, é forçoso que primeiro haja análise da situação geográfica e geológica. É preciso saber se o terreno é salinizado, porque depois que se faz o açude, não se terá o prejuízo de ver que o terreno circundante é inviável para fins agrícolas. É preciso analisar o solo, relevo geográfico e depois fazer um projeto irrigado simples, o menos sofisticado possível, já que não havia muito dinheiro. Quando existem áreas com água no subsolo, a melhor solução são os poços artesianos. Lamentavelmente a natureza foi irônica com o Nordeste, porque a maior parte de sua região não tem água no subsolo e quando tem é salinizada.

Nem por isso, pode-se abandonar a terra. A solução então são as adutoras. Novamente o sucesso do seu Governo de Sergipe, era o exemplo inspirador. JAF fez adutoras e foram mais de 700 km construídos no seu governo. *João da Água* era um homem de metas e cumpridor de prazos. A proposta do Projeto *Padre Cicero* era que fosse implantado em dois anos (1988 e 1989) e ele conseguiu lograr sucesso (BRASIL, 1988).

AÇÕES DO MINTER NA REGIÃO SUL E SUDESTE

Com os inúmeros compromissos de Maria do Carmo, a maioria das solenidades e viagens realizadas pelo Ministro JAF, era em companhia de sua filha Aninha, com muitas experiências de voos nos aviões da Força Aérea Brasileira, com alguns sustos aéreos, pelos céus do Brasil.

Nas regiões Sul e Sudeste, onde os indicadores de qualidade de vida e de pujança econômica situam-se, em média, acima dos encontrados para as demais regiões, o Ministério do Interior atuou, pontualmente, sob programas de impacto sub-regional em áreas como as do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, do Litoral Sul de Santa Catarina, do Nordeste do estado de Santa Catarina, do Nordeste do estado do Paraná (combate e prevenção de erosão) e da Lagoa Mirim, em projeto binacional com o Uruguai (ALVES FILHO, 1990).

Tais ações referiam-se às transferências de recursos destinados à execução (pelos Estados e pelos órgãos dos sistemas operacionais ministeriais) de investimentos voltados para fortalecer e complementar a infraestrutura de suporte econômico e os serviços de interesse social, em áreas de menor desenvolvimento relativo, atrasadas e estagnadas (ALVES FILHO, 1990).

AÇÕES DO MINTER NA REGIÃO CENTRO-OESTE

O programa de maior porte coordenado pelo Ministério do Interior nesta região é o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil (Polonoroeste), implantado a partir de 1981 com vistas a estruturação produtiva da área influenciada pela BR-364, no trecho Cuiabá-Porto Velho. Seus resultados podem ser considerados satisfatórios, ainda que, em função do sistema de titulação dominial dos colonos assentados, possa ser previsto um razoável índice de reconcentração de propriedades na área de abrangência do Programa. Por outro lado, em vista do número de instituições e questões envolvidas (saúde,

questão indígena, preservação ambiental) e das restrições financeiras que atingem a manutenção das atividades, o programa foi considerado de bom padrão de desempenho (ALVES FILHO, 1990).

AMAZÔNIA

Uma nação que tem o Amazonas, não pode temer o futuro

José Sarney

A partir de 1986, o governo do Presidente Sarney (o primeiro governo civil depois de mais de 20 anos de ditadura militar), deu continuidade ao programa de ocupação da Amazônia. A ideia fixa dos militares de ocupar a Amazônia esteve, também, presente nesse governo (SOUZA, 2010).

O processo de ocupação da Amazônia foi reforçado na década de 1970, com a construção de grandes eixos viários interligando a região com o resto do país, destacando-se a Transamazônica, a Cuiabá-Santarém, a Manaus-Porto Velho, a Manaus-Boa Vista, a Cuiabá-Porto Velho, a Perimetral Norte e uma significativa melhoria da infraestrutura aeroportuária.

Os argumentos para a ocupação da Amazônia era a necessidade de acelerar o avanço da fronteira agrícola e promover o desenvolvimento da região. As políticas de ocupação se transformariam em uma das mais importantes estratégias de crescimento para o país (SOUZA, 2010).

A Sudam, com cooperação da Organização dos Estados Americanos (OEA), realizou um programa de estudos sobre seis vales amazônicos visando programar, com competência técnica e os cuidados necessários, a proteção da qualidade ambiental.

O Minter, em articulação com o Ministério das Relações Exteriores, Ministérios setoriais e governos dos estados, com o apoio da OEA, desenvolveu ações com os países vizinhos da região, inclusive como forma de dar consequência prática ao Tratado de Cooperação Amazônica de 1978, sob programas bilaterais de recuperação e desenvolvimento de áreas marginalizadas de fronteiras: com a Colômbia, na área de Tabatinga/Apapóris (extremo oeste do Amazonas); com o Peru, na área de Assis Brasil/Anãpari (Acre); com a Bolívia, nas áreas de Brasiléia/Cobija (Acre), de Guajará-Mirim/Guayaramerin e de Costa Marques/

Triângulo San \Joaquin, San Ramon/Magdalena (Rondônia), e de Cáceres/San Matías (Mato Grosso) (ALVES FILHO, 1990).

Na área de influência da BR-364 (Rondônia-Acre), foi negociado com o BID, um Programa de Proteção ao Meio Ambiente e Comunidades Indígenas para a proteção dos ecossistemas afetados pela rodovia. Ali estava ocorrendo um intenso processo de ocupação populacional de apropriação de terras férteis, mas que eram ocupadas por grupos indígenas e apresentavam características ambientais por abrigarem as cabeceiras de vários e importantes rios da Amazônia que deveriam ser preservados de processos poluitivos (ALVES FILHO, 1990).

O desenvolvimento da Amazônia representa a criação de novos mercados produtores e consumidores, o que tem como consequência o aumento significativo na taxa de desmatamento. Em 1988, no Governo Sarney, em decorrência das queimadas e desmatamento na Amazônia, acentuadas em 1970 e 1980 (resultado desastroso de orientações equivocadas do regime militar para a ocupação e o desenvolvimento daquela região), a questão ambiental era um contencioso tão grave para o país, em termos de imagem negativa mundial, como o foram os desrespeitos aos direitos humanos durante o regime de exceção (MESQUITA, 2005 *apud* SOUZA, 2010).

O desmatamento na Amazônia na década de 1980 estava fora de controle, chamava a atenção das organizações internacionais, e se tornara uma questão mundial, provocando a suspensão de financiamentos para qualquer tipo de projeto econômico para o Brasil.

Após uma forte pressão da mídia, desencadeada pelas queimadas em Rondônia, Sarney baixou, em outubro de 1988, um decreto determinando que o Governo apresentasse em 90 dias medidas para conter a devastação. Foi o embrião do monitoramento do desmatamento do Inpe e da criação do Ibama, que ocorreria dois meses depois do encontro com Bush, em 1989. O pacote incluía ainda, a suspensão da política de incentivos criada pelos militares, que só havia resultado em destruição, corrupção e violência (ÂNGELO, 2021).

JAF não escondia as suas preocupações e os perigos de uma devastação permanente, sistemática, irresponsável do maior patrimônio verde da humanidade. O presidente dos Estados Unidos, George Bush, em 1989, tenta enquadrar o Brasil prometendo dinheiro em


troca da proteção da floresta. O presidente brasileiro, nacionalista e cercado de militares, repele a proposta, mas toma atitudes dentro de casa para tentar conter a devastação e ainda oferece o Brasil como sede de um grande encontro internacional sobre o meio ambiente (ÂNGELO, 2021).

Em fevereiro daquele ano, Sarney e Bush encontraram-se no funeral do imperador Hirohito, em Tóquio. O Secretário de Estado de Bush, James Baker, levantou a lebre da vinculação entre a dívida externa (à qual Sarney havia decretado moratória dois anos antes) e a preservação da floresta. Sarney explicou, diplomaticamente, que se tratava de dois assuntos a serem discutidos, separadamente, entre os dois países (ÂNGELO, 2021).

Sarney deixou claro que esse patrimônio era brasileiro e que tínhamos autoridade histórica para cuidar dele, pois em cinco séculos desde o descobrimento, o Brasil soube preservar 95% da floresta, enquanto os Estados Unidos devastaram completamente a sua Mata Atlântica, do leste ao oeste do país, quase nada restando na Califórnia, Flórida e Texas, o mesmo pode-se dizer da Europa. Entretanto, americanos e europeus faziam, desde aquela época até os dias atuais, em 2022, campanha internacional, segundo analistas, com interesse financeiro e até grupos de políticos.

Os bancos oficiais internacionais, naquela fase, como o Banco Mundial, Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Export-Import Bank – USA (Eximbank) e a Comunidade Econômica Européia, passaram a fazer exigências para liberar recursos, entre os quais, a necessidade de considerar os fatores socioambientais (SOUZA, 2010).

O Governo Sarney, pressionado pela imagem negativa do Brasil como destruidor da Floresta Amazônica, passa a adotar medidas para reverter essa imagem. Apesar de o país já possuir uma legislação ambiental e uma Secretaria de Meio Ambiente (SEMA), não havia nenhuma política específica nesse setor para a região.

**JAF não
escondia as suas
preocupações
e os perigos de
uma devastação
permanente** 

Naquela época, o peemedebista Sarney, através do seu Ministério do Interior, já havia adotado um *pacote ecológico*, como era chamado o Programa *Nossa Natureza*.

O *Nossa Natureza* era uma resposta improvisada a um problema que se arrastava por quase duas décadas, mas teve o mérito de botar o elefante amazônico na sala dos brasileiros. Sarney foi além: ofereceu o Brasil como sede da conferência ambiental da ONU de 1992 e, assim, lançou as bases para a Eco-92. Criou-se uma governança que permitiu depois ao país receber dinheiro do G7 para criar áreas protegidas, demarcar terras indígenas e desenvolver soluções econômicas para manter a floresta em pé (ÂNGELO, 2021).

E, efetivamente, assim aconteceu. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, Cúpula da Terra, Cimento do Verão, Conferência do Rio de Janeiro e Rio-92, foi uma conferência de chefes de Estado, organizada pelas Nações Unidas e realizada de 3 a 14 de junho de 1992 com o objetivo de debater os problemas ambientais mundiais. A reunião anterior acontecera em Estocolmo, 20 anos antes, 1972. No Riocentro, reuniram-se representantes de 178 países para decidir que medidas tomar para diminuir a degradação ambiental e garantir a existência de outras gerações.

A missão de JAF era pavimentar tudo isso dentro do Brasil e convocar um grupo de especialistas que deveriam fazer propostas que pudessem conciliar o desenvolvimento econômico com o respeito ao meio ambiente. Posteriormente, foi assinado o Decreto nº 96.944/1988 – criando o Programa de Defesa do Complexo de Ecossistemas da Amazônia Legal (alterado pelo Decreto nº 97.636/1989). Denominado Programa *Nossa Natureza*, tinha como objetivo gerir as políticas oficiais relacionadas com a produção de recursos naturais renováveis e o seu uso adequado, dentro da linha do desenvolvimento sustentável, seguindo os princípios estabelecidos na Conferência das Nações Unidas sobre o Homem e o Meio ambiente (SELUCHINESK, 2008 *apud* SOUZA, 2010).

O Programa *Nossa Natureza* foi uma iniciativa do Ministério do Interior e com ações que envolviam o Ministério da Agricultura, da Re-

“ **Sem dúvidas, a Amazônia é a maior reserva biológica do mundo** ”

que se arrastava por quase duas décadas, mas teve o mérito de botar o elefante amazônico na sala dos brasileiros. Sarney foi além: ofereceu o Brasil como sede da conferência ambiental da ONU de 1992 e, assim, lançou as bases para a Eco-92. Criou-se uma go-

vernança que permitiu depois ao país receber dinheiro do G7 para criar áreas protegidas, demarcar terras indígenas e desenvolver soluções econômicas para manter a floresta em pé (ÂNGELO, 2021).

E, efetivamente, assim aconteceu. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, Cúpula da Terra, Cimento do Verão, Conferência do Rio de Janeiro e Rio-92, foi uma conferência de chefes de Estado, organizada pelas Nações Unidas e realizada de 3 a 14 de junho de 1992 com o objetivo de debater os problemas ambientais mundiais. A reunião anterior acontecera em Estocolmo, 20 anos antes, 1972. No Riocentro, reuniram-se representantes de 178 países para decidir que medidas tomar para diminuir a degradação ambiental e garantir a existência de outras gerações.

A missão de JAF era pavimentar tudo isso dentro do Brasil e convocar um grupo de especialistas que deveriam fazer propostas que pudessem conciliar o desenvolvimento econômico com o respeito ao meio ambiente. Posteriormente, foi assinado o Decreto nº 96.944/1988 – criando o Programa de Defesa do Complexo de Ecossistemas da Amazônia Legal (alterado pelo Decreto nº 97.636/1989). Denominado Programa *Nossa Natureza*, tinha como objetivo gerir as políticas oficiais relacionadas com a produção de recursos naturais renováveis e o seu uso adequado, dentro da linha do desenvolvimento sustentável, seguindo os princípios estabelecidos na Conferência das Nações Unidas sobre o Homem e o Meio ambiente (SELUCHINESK, 2008 *apud* SOUZA, 2010).

O Programa *Nossa Natureza* foi uma iniciativa do Ministério do Interior e com ações que envolviam o Ministério da Agricultura, da Re-

forma e do Desenvolvimento Agrário sob a coordenação da Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional.

Foi determinado que fossem ouvidos o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e a Secretaria do Meio Ambiente (SEMA). Grupos de trabalhos interministeriais foram instituídos, e convidados os Ministérios da Justiça, do Trabalho, da Saúde, da Indústria e do Comércio, da Educação, das Minas e Energia, da Ciência e Tecnologia e a Secretaria de Planejamento e Coordenação, além da já referida presença dos Estados.

Foi determinado ao Conselho Nacional do Comércio Exterior, a elaboração de Instrução Normativa para regular a exportação de madeira em toras.

E por fim, foi criada uma Comissão Executiva para coordenar as atividades do Programa *Nossa Natureza*, no qual todo o governo do Presidente Sarney estava empenhado para que lograsse êxito. Este programa foi uma demonstração da preocupação do Brasil com a preservação ecológica.

Uma vez eleita a Assembleia Nacional Constituinte, espaço de discussão dos mais variados temas nacionais, foi promulgada em 1988 a mais nova Constituição Federal, ainda em vigor no Brasil. A Constituição de 1988 contemplou temas até então ignorados em Constituições anteriores, como direitos quilombolas, questões ambientais etc. O Brasil conquistou, assim, a primeira Carta Magna brasileira a reservar um capítulo ao meio ambiente (SOUZA, 2010).

Até então, havia várias instituições no Governo Federal com diferentes visões, muitas vezes contraditórias, para tratar sobre o tema. Coube ao Ministro João Alves Filho, a responsabilidade pelo trabalho político e de gestão através de uma das suas secretarias, a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), vinculada ao Minter.

Foi-nos deixada de herança uma imensa região, cobiçada pelas grandes potências, antes mesmo de saberem o que nela existia. Só depois de muitos anos, a Amazônia começou a revelar os seus segredos. Desde 1988, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) produz estimativas anuais das taxas de desflorestamento da Amazônia Legal. Atualmente, no ano de 2022, três sistemas monitoram o território, cada um com uma função diferente: Monitoramento da Floresta Amazônica

Brasileira por Satélite; Detecção de Desmatamento em Tempo Real, e Detecção de Exploração Seletiva.

O que temos de fatos e realidade é que em 2021 a Amazônia continuava sendo a maior reserva florestal do mundo, mas já foram desmatados 700.000 km². Isso equivale à área de 23 Bêlgicas, ou 17 Holandas, ou ainda 172.839.500 campos de futebol, o que corresponde a 17% da cobertura original da floresta. Desse total, 300.000 km² foram desmatados nos últimos 20 anos. Ou seja, temos 83% de sua reserva original intacta, densa e virgem, nunca pisada pelos pés humanos, sequer pelos índios (INPE, 2021).

Sem dúvidas, a Amazônia é a maior reserva biológica do mundo e, provavelmente, a maior reserva mineral do mundo. A fertilidade de alguns de seus ambientes geológicos, onde jazidas de classe mundial já foram dimensionadas, indicam que a Amazônia deverá ocupar posição de destaque na produção de alguns bens minerais, tais como minério de ferro, alumínio, cobre, ouro, manganês, caulim, estanho e, eventualmente, gás (SANTOS, 2002).

A Amazônia contém, inclusive, minérios raros, como o nióbio e paládio, vital para a fusão nuclear que utiliza água pesada e requer um bastão de cobre e outro de paládio para seu processo de eletrólise. Só a reserva de hematita da Serra Carajás é estimada em 18 bilhões de toneladas e cujo aproveitamento levará 500 anos para concluir.

Outrossim, o Ministro JAF afirmava que o Brasil deveria acolher toda real contribuição que viesse do exterior, particularmente as de natureza técnico-científica e financeira, mas não aceitava a *proposta oficial* da Associação Mundial de Ecologia e de 10 outros países para o *tombamento da floresta brasileira em território brasileiro*. Isto seria o tombamento de mais da metade do Brasil (O GLOBO, 04.03.1989 *apud* ALVES FILHO, 1989).

No seu livro, *Amazônia & Nordeste: estratégias de desenvolvimento* (1989), JAF relata a sua participação em duas CPIs, a das secas e a da Amazônia, duas oportunidades na qual dirige-se para os senadores para relatar a triste necessidade e demandas das regiões. Na contracapa deste livro os Senadores Lourival Baptista, Áureo Mello, Leopoldo Peres, José Agripino Maia, Teotônio Vilela Filho e Hugo Napoleão, manifestam-se fazendo merecidas loas para JAF.

Somente um estudioso dos problemas brasileiros (como JAF), poderia abordar as desigualdades regionais com tanta sinceridade

Senador Leopoldo Peres

ASSISTÊNCIA ÀS COMUNIDADES INDÍGENAS

Cuidar dos indígenas era uma das competências do Minter e administrar esta questão trazia muitas dificuldades porquanto a dispersão dos grupos indígenas e das grandes distâncias territoriais, sobretudo na Amazônia.

Inicialmente eram os religiosos que davam assistência aos índios, desde o descobrimento do Brasil. Em 1910 foi criado o primeiro Serviço de Proteção ao Índio (SPI) fortemente ligado ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. As diretrizes da SPI eram: respeitar e fazer respeitar as comunidades indígenas, assim como seus usos e costumes; proteger os índios dentro de seu próprio território; impedir a dispersão da família indígena em nome da catequese e da educação; garantir a posse da terra indígena em caráter coletivo e inalienável.

A assistência aos índios, entretanto, tornou-se mais efetiva a partir da criação da Fundação Nacional do Índio (Funai), em 1967, e sob o comando do Ministério do Interior.

As questões relativas à terra que causam a maior parte dos conflitos, cabe à Funai promover estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras, tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, além de monitorar e fiscalizar as terras indígenas.

A Funai também coordena e implementa as políticas de proteção aos povos isolados e recém-contatados. É, ainda, seu papel promover políticas voltadas ao desenvolvimento sustentável das populações indígenas. Nesse campo, a Funai promove ações de etno-desenvolvimento, conservação e a recuperação do meio ambiente nas terras indígenas, além de atuar no controle e mitigação de possíveis impactos ambientais decorrentes de interferências externas às terras indígenas.

AGRONEGÓCIO

As queimadas, é sabido, são estratégias para consolidar a grilagem. Os grileiros se aproveitam da omissão do Governo para destruir a vegetação

das terras públicas, em sua maioria devolutas e tradicionalmente ocupadas, buscando consolidar processos de grilagem e posterior anistia e regularização fundiária sobre as terras.

As ações e omissões não são ocasionais e isoladas, mas convergem em um projeto de Brasil a serviço do agronegócio, em benefício da bancada ruralista no Congresso Nacional, dos latifundiários e dos grileiros, promovendo o desmatamento e o ataque aos direitos territoriais de povos indígenas e comunidades tradicionais.

Um dos grandes desafios da humanidade é a sua capacidade de produzir alimentos, uma vez que o crescimento da população não acompanha a curva do acréscimo populacional. Não há solução, para o Brasil e para o mundo, que não passe pela agricultura, já vaticinava JAF. O desenvolvimento da agricultura exerce um fantástico efeito multiplicador na economia e interioriza o desenvolvimento com uma vigorosa classe média rural, evitando evasão rural.

Em 2020 foi o Brasil rural que salvou a economia brasileira no primeiro semestre e que continuou crescendo em 2021. Entretanto, o Brasil de 2020, foi um país que perdeu o controle das queimadas e desmatamentos.

Só no *a posteriori* saberemos os efeitos das ações e respectivas reações. A história apontará os possíveis equívocos deste atual Governo, frente ao agronegócio.

Sem dúvidas, JAF estava certo, a agricultura é a porta escancarada para a alternativa racional do controle da inflação pela geração de riquezas, criando-se empregos, partindo-se para um modelo de desenvolvimento mais justo e perene. Enquanto Ministro do Interior, JAF, um defensor das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, buscava financiamento e alternativas para estas regiões (ALVES FILHO, 1994).

JAF lembra de uma viagem que fez para a Rússia, enquanto Ministro do Interior, e conversava com o Ministro da Agricultura soviético que fora taxativo acerca da generosidade de clima e solo do Brasil, em comparação ao prolongado inverno russo que exigia criatividade para viabilizar a agricultura com apenas três meses por ano. O russo arrematou: *incompreensível que o Brasil não saiba usar clima e solo a seu favor* (ALVES FILHO, 1994).

JOÃO CRIADOR DO IBAMA

Em 22 de fevereiro de 1989 foi promulgada a Lei nº 7.735, que criou o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), integrando a gestão ambiental no país.

A Secretaria do Meio Ambiente (SEMA) teve papel de articulação muito importante na elaboração da Lei 6938/81, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), em vigor até hoje. A lei estabelece o Sistema Nacional de Meio Ambiente (Sisnama) e o Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), único com poder de legislar. A PNMA foi um grande avanço. Quando a Constituição Federal de 1988 foi promulgada, essa lei foi a única a ser recepcionada na íntegra. Por outro lado, sua efetivação foi construída aos poucos.

O Programa *Nossa Natureza* eliminou incentivos fiscais para projetos julgados inconvenientes à ecologia, suspendeu a exportação de madeiras em toras, promovendo a racionalização administrativa com a fusão de quatro órgãos ambientais, criando o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e permitindo a elaboração de uma política ambiental ampla, contando com a participação de especialistas de todas as áreas do Governo brasileiro (ALVES FILHO, 1990).

João Visionário, era a sua nova alcunha. Com o seu espírito futurista, porém de pé no chão, conquistou algo impensável até então. Com a lei que criou o Ibama, o órgão ficou responsável por fazer cumprir o Programa *Nossa Natureza*. Seria de responsabilidade deste, doravante, suspender financiamentos governamentais em projetos que implicassem desmatamento, bem como autorizar a derrubada de novas áreas.

O Ibama foi formado pela fusão de quatro entidades brasileiras que atuavam na área ambiental: Secretaria do Meio Ambiente (SEMA), Superintendência da Borracha (Sudhevea), Superintendência da Pesca (Sudepe) e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) (SOUZA, 2010).

Entre os principais pontos da lei de nº 6.938/81, estão a instituição de que todo o meio ambiente é considerado patrimônio público e a racionalização do uso de todos os recursos naturais, incluindo o ar. Com isso, o Ibama é responsável por planejar e fiscalizar o uso dos recursos ambientais, bem como garantir a preservação dos ecossistemas.

Reconhece-se que estas estratégias ajudaram a reduzir as queimadas e o desmatamento na Amazônia, mas tais conquistas não foram

duradouras, acredita-se, devido à política de descentralização que conferiu a responsabilidade aos governos locais. Estes, por interesse ou comprometimento exclusivo com o desenvolvimento e lucros econômicos,

“ **Com o seu espírito futurista, porém de pé no chão**

foram permissivos ou fizeram vistas grossas ao desmatamento indiscriminado. Com isso, o arco de desmatamento atingiu índices impressionantes de destruição até os dias atuais. O tema “preservação de biomas” continua em voga e o Brasil é visto com reservas pelas outras nações, por não ter zelo suficiente com nossos sistemas, considerados patrimônios da humanidade (SOUZA, 2010).

Em nosso país podemos encontrar seis tipos de biomas: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampa e Pantanal. Nossos biomas são importantes, não somente como recursos naturais em nosso país, mas, tem destaque como ambientes de grande riqueza natural no planeta.

Em nosso país podemos encontrar seis tipos de biomas: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampa e Pantanal. Nossos biomas são importantes, não somente como recursos naturais em nosso país, mas, tem destaque como ambientes de grande riqueza natural no planeta.

A Floresta Amazônica é considerada a maior diversidade de reserva biológica do planeta, com indicações de que abriga, ao menos, metade de todas as espécies vivas do planeta. Já o Cerrado é considerado a savana com maior biodiversidade do mundo. A Mata Atlântica conta com recursos hídricos que abastecem 70% da população nacional.

Em agosto de 2019, o aumento dos focos de incêndio no Brasil e na Bolívia chamou a atenção do mundo novamente para a pressão sobre a Floresta Amazônica.

Os incêndios na Amazônia intensificam, inclusive, o derretimento de gelo nos Andes. Se essas taxas de desmatamento e degradação da floresta não forem revertidas, dizem os cientistas, as consequências da mudança climática podem ser aceleradas em todo o planeta.

Segundo pesquisadores do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, o fogo está diretamente ligado ao desmatamento.

Em 2020, o fogo na floresta voltou às manchetes, apesar das promessas governamentais de que o desmatamento seria contido.

Juntamente com a mineração, a retirada de madeira e a exploração econômica descontrolada, essas atividades estão por trás das taxas de desmatamento crescentes em todos os nove países amazônicos (Brasil, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Equador, e Peru).

A grilagem de terras e a expansão da fronteira agropecuária são apontadas por especialistas como as principais causas do aumento da destruição da floresta, algo que os governos dos países amazônicos negam.

O Ibama coloca-se hoje como uma instituição de excelência para o cumprimento de seus objetivos institucionais relativos ao licenciamento ambiental, ao controle da qualidade ambiental, à autorização de uso dos recursos naturais e à fiscalização, monitoramento e controle ambiental.

O governo de Jair Bolsonaro criou uma narrativa com uma realidade paralela, tal qual o seu discurso na ONU em 2020, na Cúpula da Biodiversidade, negando a ação dos grileiros e desmatadores que continuam incendiando o Pantanal, o Cerrado e a Amazônia em um crime de lesa humanidade.

O presidente da França, Emmanuel Macron (2020) anunciou que a União Europeia não vai referendar o acordo comercial com o Mercosul, por entender que os países do bloco ameaçam aumentar o desmatamento e o então ainda candidato à presidência dos Estados Unidos Joe Biden, na mesma ocasião, também ameaçou que poderia impor sanções ao Brasil se não houvesse redução do desmatamento.

Outrossim nada mudou nestes 32 anos. Talvez até estejamos em riscos maiores do que as ameaças de 1989.

No dia 29 de janeiro de 2021, o *New York Times* revelou um plano de ex-ministros americanos para pressionar o Presidente Joe Biden a se mexer em torno da ideia, ventilada na campanha, de levantar US\$ 20 bilhões para combater o desmatamento no Brasil. Ou seja, 32 anos depois dos desencontros sobre o tema, reemerge nos EUA a ideia de despejar dinheiro no Brasil. Segundo o jornal, a proposta inclui pedir a Joe Biden que chame os empresários para conseguir dinheiro para financiar a redução de um bilhão de toneladas de CO₂ por desmate em troca de proteção da Amazônia (ÂNGELO, 2021).

Em resposta a eles, Jair Bolsonaro afirma enfaticamente que a soberania brasileira na Região Amazônica é inegociável (RIBEIRO, 2020). Tem toda razão! Mas o presidente enviou dois emissários para melhor sondar os planos do atual presidente americano.

No vácuo de uma postura assertiva do Presidente Jair Bolsonaro pela preservação da Amazônia, um grupo suprapartidário de

ex-funcionários do Governo e ex-negociadores chefes dos EUA para mudanças climáticas, criou um plano de proteção à floresta que deverá nortear a política ambiental do governo de Biden (PINHEIRO, 2021).

As ações estão divididas em quatro eixos: financiamento público e privado; comércio favorável à floresta; cadeias de suprimentos limpas e transparentes; e diplomacia robusta – recomendação para que o Governo negocie acordos de incentivos à proteção das florestas sob as leis locais, por meio de sistemas de pagamentos baseados em resultados alinhados com o Acordo de Paris (PINHEIRO, 2021).

Dia 19 de fevereiro de 2021, a manchete principal de um dos maiores jornais brasileiros anunciava que o Brasil pedia dinheiro aos EUA para combater ao desmatamento, através dos Ministros Ernesto Araújo, das Relações Exteriores e Ricardo Salles, do Meio Ambiente. Com esta ação, Jair Bolsonaro sinalizou que mudou de postura e passou a associar o compromisso do país com as metas de redução de desmatamento e queimadas ao recebimento de aporte financeiro de países ricos (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2021).

Em uma conversa de 40 minutos dos ministros com o representante do governo americano, John Kerry, os ministros ouviram aquilo que desejavam: os EUA reconhecem a legitimidade e a soberania do Brasil para cuidar de seus temas e que não há restrições para entendimentos com o governo de Jair Bolsonaro. Entretanto, o atual governo brasileiro blefa sobre suas boas intenções de proteger a Amazônia.

MEIO AMBIENTE: REPERCUSSÃO INTERNACIONAL

A Amazônia constituiu-se em um grande desafio para o Ministro JAF. A discussão sobre o meio ambiente deu-se início a partir de setembro de 1988. Era uma questão de repercussão mundial que se colocava para o Minter. Em resposta a um relatório apresentado pelo Banco Mundial, que divulgara um estudo acusando as autoridades brasileiras de terem adotado programas de desenvolvimento para a Amazônia sem prever as consequências ambientais, JAF enfatizou que a preocupação internacional com o ecossistema amazônico não poderia servir de pretexto para intervencionismo.

Anunciou o lançamento de um pacote ecológico que incluía leis punitivas aos infratores do Código Florestal, maior controle sobre os

incentivos fiscais para projetos agropecuários e agroindustriais na Amazônia Legal, proibição da exportação da madeira em tora, entre outras medidas (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Em fevereiro de 1989, o Governo brasileiro recusou-se a debater a proposta de criação de uma entidade supranacional para cuidar da região. *O amor febril pela Amazônia* escondia uma forte pressão econômica dos países do Primeiro Mundo que não desejavam ver o Brasil dando um *salto de desenvolvimento*.

Na tentativa de encerrar a polêmica, foi instalada uma comissão formada por representantes da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e técnicos do Ministério para a realização de estudos com o objetivo de distinguir as áreas para a agricultura, pecuária, extrativismo, manejo florestal e reservas destinadas às comunidades indígenas (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL

De 27 a 31 de março de 1989 foi realizada, em Brasília, a VI Reunião Ministerial sobre Meio Ambiente na América Latina e Caribe, com o Ministro do Interior JAF como anfitrião. Organizações internacionais, governos, parlamentares, universidades, organizações civis e religiosas não governamentais, somaram-se. JAF transformou o ano de 1989 em um marco da espécie humana, sobre a conscientização e a responsabilidade de proteger o meio físico natural em que ela se desenvolve e assinala a presença do Brasil no plano interno e no internacional, no debate, equacionamento e encaminhamento de soluções da questão ambiental mundial.

A melhor contribuição que a ecologia trouxe para a teoria do desenvolvimento econômico é a definição do conceito de desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade desse modelo de desenvolvimento, passa pelo respeito, tantas vezes esquecido, da base física, nacional ou não, sobre a qual ele se apoia. Se, de um lado, não há crescimento sustentável sem o uso racional e austero dos recursos naturais disponíveis, de outro lado, não haverá respeito à base física sem crescimento econômico. Esta dialética entre crescimento e uso racional dos recursos naturais encontra sua síntese na verdadeira política de proteção ambiental (ALVES FILHO, 1990).

O Ministro JAF, no seu discurso de abertura deste importante evento, alertou aos congressistas sobre as distorções com frequência associadas ao justo conceito de desenvolvimento sustentável. Quais sejam: o desenvolvimento sustentável não pode servir de pretexto ao congelamento dos atuais níveis de produção e consumo mundiais, extremamente injustos e desfavoráveis aos países em desenvolvimento; não há desenvolvimento sustentável sem eliminação da pobreza e sem combate ao desperdício industrial; o desenvolvimento sustentável não pode implicar a restrição a cada país de definir, soberanamente, o melhor uso a ser dado aos seus recursos naturais, renováveis ou não; a eliminação ou redução do desperdício do mundo industrial está intimamente ligada a uma revisão das práticas atuais de fixação de preços dos produtos de base e matérias primas agrícolas (ALVES FILHO, 1990).

Naquele evento, JAF elencou as medidas do Minter até então, e entre muitas outras, ele se referiu à necessidade de transformação na base técnica e material do sistema produtivo e quanto o Governo estava investindo com vultuosos recursos no desenvolvimento de tecnologias alternativas de produção que fossem menos utilizadoras dos recursos ambientais, no zoneamento de áreas, na ampliação das áreas de preservação e conservação, no estabelecimento de um sistema de informações rápido e preciso e, fundamentalmente, no aprimoramento do sistema de controle e fiscalização de atividades potencialmente danosas ao meio ambiente (ALVES FILHO, 1990).

No que se refere à atuação disciplinadora do Estado, o ministro ressaltou o estabelecimento da obrigatoriedade da elaboração de Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) para todos os empreendimentos públicos ou privados modificadores do meio ambiente; a proibição do uso de mercúrio nas atividades de extração de ouro no país; a suspensão de incentivos fiscais para as atividades agropecuárias e áreas revestidas pela floresta tropical (ALVES FILHO, 1990).

Como exemplo de práticas do Minter, JAF ainda citou o Programa Nacional do Álcool, Proálcool, que além de reduzir nossa dependência em relação a fontes energéticas importadas, contribuiu de forma significativa para a melhoria da qualidade do ar no país, dado que, um quarto da frota de veículos de passeio no Brasil, naquela época, já utilizava álcool, combustível não poluente.

Ainda como realizações deste breve, porém produtivo, período ministerial, JAF citou algumas ações específicas na área do meio ambiente (ALVES FILHO, 1990):

- 1 – A implantação de unidades de conservação que perfazem 15,8 milhões de hectares do território nacional; em parques nacionais com 8,8 milhões de ha; reservas biológicas com 2,3 milhões de ha; áreas de proteção ambiental com 1,1 milhão de ha; estações ecológicas com 3,5 milhões de ha.
- 2 – Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores (Proconve) com o objetivo de controlar as emissões dos veículos automotores, visando diminuir o índice de poluição atmosférica nos grandes centros urbanos.
- 3 – Programa Nacional de Controle da Poluição Industrial (Prona-coop) com o objetivo de ampliar a capacitação dos órgãos estaduais do meio ambiente para o exercício das atividades de controle da poluição industrial, através da implantação de laboratórios e equipamentos e do treinamento de recursos humanos para essas atividades.
- 4 – Projeto de Prevenção, Controle e Combate à Poluição Marinha na Costa Brasileira, em cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e a Organização Marítima Internacional (CMI), contando com a participação dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul, através de seus órgãos do meio ambiente e da Petrobras.
- 5 – No campo dos recursos hídricos realizou, em colaboração com o Ministério das Minas e Energia, a elaboração de estudos especializados, visando o adequado uso múltiplo dos recursos hídricos em 2,5 milhões de km² das seguintes bacias hidrográficas: Jari, Parnaíba, Jaguaribe, Mundaú/Paraíba, Itapicuru/Vaza-Barris, Paraguaçu, São Francisco, Paranaíba, Doce, Grande, Paraíba do Sul, Mogi/Prado, Jaguari/Piracicaba, Paranapanema, Riviera do Iguape, Iguazu, Itajaí, Uruguai, Guaíba, e Alto Tietê.
- 6 – Foi realizado treinamento especializado de 2.500 técnicos com a participação de oito universidades brasileiras, além dos convênios de apoio e transferência de tecnologia a 11 Estados em seus principais problemas hídricos.

7 – O MINTER participou das atividades do Programa Hidrológico Internacional da UNESCO e da Comissão de Hidrologia de Organização Meteorológica Mundial.

JAF parecia que tinha sido talhado e nascido para o cargo. Era o homem certo na hora certa e contava com bons colaboradores, entre eles destacavam-se auxiliares sergipanos da sua confiança que foram para

“ JAF parecia que tinha sido talhado e nascido para o cargo

Brasília. Um deles era João Cardoso Barreto, que o acompanhou como seu Secretário particular, foram amigos e trabalharam juntos por 22 anos com confiança e respeito mútuo.

Outro homem chave que foi para Brasília foi Edmilson Machado de Almeida, um engenheiro agrônomo pela Escola Agrônômica da Bahia, em Cruz das Almas, importante pesquisador, com especialidade em Cultura do Coco pelo Institut de Recherche pour Les Huiles e Oleagineux, em Paris, especialista ainda em Melhoramento de Sementes e Melhoramento Genético e Reprodução de Ovinos e Caprinos, pelo Departamento Nacional de Pesquisa e Experimentação Irrigação e Desenvolvimento da Região da Califórnia (Estados Unidos). Edmilson foi chefe da Superintendência da Embrapa, em Sergipe (1975-1977); diretor regional da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) (1978-1981); havia sido Secretário de Estado de Agricultura de Sergipe no primeiro governo de JAF (1983-1987), e agora seria o Secretário-geral-adjunto do Ministério do Interior (1987-1990). Aquele homem tinha um currículo invejável e foi um excelente auxiliar no Ministério do Interior.

O seu cunhado José Alves Neto, Netinho, era outro importante auxiliar: foi o representante da Secretaria de Habitação e Ação Comunitária daquela pasta, de 1988 a 1989.

E eventualmente chamava Raymundo Luiz, homem da comunicação, para trabalhos especiais. Na ocasião, Raymundo era Secretário de ações políticas governamentais, nomeado pelo Governador Valadares por indicação de JAF.

Para ter tranquilidade na Habitacional, enquanto estava no Ministério do Interior, JAF escalou outro amigo, Geraldo José Nabuco de Menezes, para ser um dos diretores da empresa e dar suporte a Maria do

Carmo que era uma atuante presidente. JAF não podia ficar dividindo a sua atenção, servindo a dois senhores (a sua empresa e ao Ministério): *gato com dois sentidos não pega rato*.

O Ministro do Interior, JAF, em 27 de setembro de 1989, assinou a Lei nº 7.827, juntamente com o então presidente em Exercício, Antônio Paes de Andrade. Esta lei é considerada como um grande legado de JAF para os brasileiros e, em especial, para os sergipanos. Trata-se de uma lei muito importante para o setor produtivo de três regiões brasileiras, Norte, Nordeste e Centro-Oeste. A partir dela, foi regulamentado o art. 159, inciso I, alínea c, da Constituição Federal, que instituiu o Fundo Constitucional de Financiamento do Norte – FNO, o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FNE e o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste – FCO. Graças aos recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FNE, que é administrado pelo Banco do Nordeste do Brasil S/A – BNB, muitos empreendimentos, nos diversos setores econômicos de Sergipe, foram implantados, desenvolvidos e erguidos, sendo a fonte de financiamento mais adequada e viável para os empresários sergipanos (NASCIMENTO, 2020).

SILVIO SANTOS

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, foi realizada a eleição presidencial de 1989 em dois turnos. O primeiro turno, em 15 de novembro, e o segundo turno, em 17 de dezembro.

Os principais candidatos foram o liberal Fernando Collor de Melo (PRN), o socialista Luís Inácio Lula da Silva (PT), o trabalhista Leonel Brizola (PDT), o social-democrata Mário Covas (PSDB) e o conservador Paulo Salim Maluf (PDS).

O apresentador e dono do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), o judeu Senhor Abravanel, ou simplesmente Silvio Santos, chegou a fazer campanha pelo Partido Municipalista Brasileiro (PMB).

Existiam muitas dúvidas e teorias sobre a candidatura do apresentador Silvio Santos que recebeu convites de muitos partidos para as eleições de 1989 à Presidência da República. Um destes convites, que articulou a campanha de Silvio Santos, foi do PFL e esta articulação aconteceu dentro da casa de JAF, em Brasília, em uma noite chuvosa.

Lá estavam presentes, o dono do SBT, Silvio Santos, o então Senador Edison Lobão, com o presidente do partido, Hugo Napoleão e Aureliano Chaves que desistiria da sua candidatura em favor de Silvio Santos. Aureliano decidiu, no entanto, manter a candidatura, mesmo com a contrariedade de parte da sigla.

Após este acordo frustrado com o partido PFL, Silvio se encontrou com o candidato Armando Corrêa, pastor evangélico, que lhe ofereceu seu lugar (o vice-presidente seria Marcondes Gadelha) para concorrer à Presidência pelo Partido Municipalista Brasileiro (PMB). A pouco mais de 20 dias das eleições, a proposta foi aceita.

Silvio Santos chegou a liderar a campanha com 29% de intenções de voto, seguido por Collor com 18,6% e Lula com 10,6%. O PRN, partido de Fernando Collor, entrou com pedido de cassação do PMB sob alegação de que o partido não tinha executado o mínimo de convenções exigido pela legislação eleitoral e, dessa forma, não existia efetivamente. O TSE aceitou o pedido e anulou a candidatura de Silvio Santos no dia 9 de novembro de 1989, levando ao fim a empreitada política do apresentador.

Em 15 de março de 1990, João Alves deixou o Ministério, extinto pela reforma administrativa, promovida por Fernando Collor de Melo, empossado naquele mesmo dia na presidência da República.

Reconhecendo a importância do trabalho realizado por JAF, o último ministro da pasta, Jair Bolsonaro, quando ainda era candidato à Presidência da República, em 2018, cogitou a possibilidade de recriar o Ministério do Interior para coordenar ações na área do desenvolvimento. Entretanto, quando eleito presidente, não o recriou. Outrossim, com a medida provisória nº 870, de 1º de janeiro de 2019, o Ministério da Integração Nacional e o Ministério das Cidades foram unidos dando origem ao Ministério do Desenvolvimento Regional – MDR, com competências muito próximas do extinto ministério.

NO OUTRO LADO DO MUNDO


Enquanto estava no Ministério do Interior, JAF publicou quatro livros: *No Outro Lado do Mundo: uma viagem para aprender* (1988); *Amazônia & Nordeste: estratégias e desenvolvimento* (1989); *Pronunciamentos, artigos e entrevistas do período de 1987 a 1990* (1990); e *Conferências* (1990).

A obra intitulada *No outro lado do mundo: uma viagem para aprender*, traz relatos de suas visitas a outros países, com experiências prévias ao Minter, porém fundamentais à sua condição de ministro.

Nesse livro, publicado em 1988, JAF nos narra sua longa viagem. Foram 30 dias na China, mais 30 dias em Taiwan, Hong Kong e Japão e, finalmente, mais 30 dias na Índia, com a finalidade de investigar com afinco a agricultura em regiões semiáridas. Nota-se que essa sempre foi uma velha paixão dele, e que o levou a diversos países do mundo: Espanha, ao Oeste americano (Califórnia e Arizona), Israel e ao Peru mantendo sempre o mesmo objetivo de analisar e adquirir importantes aprendizados em sua bagagem técnico-política. Ao conhecer as ricas tradições desses admiráveis países, ele enxergava, não somente a agricultura irrigada, mas, sobretudo, a de sequeiro, adaptada à severidade do clima hostil.

O livro foi fruto de uma proposta de escrever no *Jornal da Manhã*, em Aracaju, em crônicas diárias, as suas experiências de viagens, em tempo real. JAF realizou esses relatos de maneira disciplinada, solidificada por dados concretos e com exatidão das suas percepções. Ele enviava as suas anotações diárias, nos hotéis, nos quais se hospedava com Maria do Carmo, via *fax* (*fac-símile*). Para os mais jovens, fax era uma reprodução, por meios fotomecânicos, de um texto ou imagem. Esta expressão de origem latina significa “fazer igual, fazer uma cópia”. Pois bem, ele enviava uma cópia dos seus escritos, à mão, para Raymundo Luiz, que por sua vez, diz: *imagine a letra de João (risos). Aquela loucura. E eu tinha a habilidade de traduzir aqueles hieróglifos, botar no papel e publicar no Jornal da Manhã.*

Após a publicação, ao retornar para Aracaju, o autor percebeu que muitas pessoas colecionaram os seus diários de viagem com seus relatos, o que fez com que vários outros leitores ficassem curiosos. Interessante que ele pôde constatar que o seu público leitor no *Jornal da Manhã*, era bastante diversificado e não somente técnicos; muito pelo contrário, mas se destacavam professores, profissionais liberais, estudantes, sacerdotes, dentre outros.

**JAF conseguiu
adequar as
crônicas em livro,
como poucos** 

JAF assumiu um papel de repórter, na busca pela captação eficaz dos aspectos típicos e curiosidades peculiares a cada sociedade que pôde visitar.

Daí podemos tirar o interesse de tantos leitores com perfil diversificado: algo que se justifica menos pela habilidade do narrador e muito mais pela perspectiva em que ele aborda pontos, que correspondem às facetas curiosas de um mundo distante, raramente analisado, magnífico e exótico. Dessas ações é que João Alves acabou sendo aconselhado por muitos amigos a realizar uma reunião de todas essas crônicas em formato de livro.

Uma dessas opiniões positivas para dar coragem a JAF de publicar as crônicas, foi do saudoso Joel Silveira, um dos maiores jornalistas brasileiros e renomado escritor.

Joel Silveira, nasceu em Aracaju, no pequeno Sergipe em 1918 e em 1937 mudou-se para o Rio de Janeiro para conviver de perto com a nata da intelectualidade brasileira, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Ele era mordaz e irônico, se destacou como escritor e jornalista, foi grande colaborador de Assis Chateaubriand, nos Diários Associados, e foi para a Itália como correspondente da Segunda Guerra Mundial. Joel era referência com múltiplos prêmios importantes: Esso Especial, Jabuti, Libero Badaró, Golfinho de Ouro e ainda o mais importante prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1998, o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da sua obra. Viveu até agosto de 2007 no Rio de Janeiro e deixou um legado inestimável. Foi Joel Silveira que prefaciou este livro de JAF (CIA DAS LETRAS, 2020).

Pois bem, graças a este empurrãozinho dado por este amigo afeito às letras, que JAF conseguiu adequar as crônicas em livro, como poucos, por meio de uma linguagem com cadência própria, já que crônicas jornalísticas possuem atributos especiais, sem se preocupar com uma severa lógica sequencial. Raymundo Luiz ajudou, mais uma vez, a dar forma ao conteúdo do livro.

Trata-se de opiniões do autor expressando pensamentos com realismo, edificados pelas impressões e sentimentos originados à época. JAF quando as explanou, é bom ressaltar, não exercia nenhum cargo oficial, e ainda não era Ministro do Interior, donde podemos concluir que são pontos de vista totalmente pessoais, do cidadão, de um

viajante vigilante, mas desvinculado de qualquer responsabilidade com cargos, ainda que sonhasse com o convite que efetivamente recebeu e soube honrar.

No seu texto percebe-se sua preocupação de modo sobejo, com a discussão que visou propor acerca da problemática brasileira; sua incansável esperança pela defesa dos seus irmãos do Nordeste, sobremaneira; a otimista expectativa de um dia ele poder ver suas terras emurchecidas, transformadas em um armazém de fabricação de alimentos, tal como ocorre e que ele observou atentamente nos desertos da Índia e da China, um dos motes centrais do presente livro.

É fundamental destacar o apoio imprescindível que JAF teve, na época, do Presidente Sarney, que conhecedor do roteiro de sua viagem, autorizou o Ministério do Exterior a dar ao ex-governador total assistência, sem a qual ele não teria tido acesso, nos muitos países que visitou, aos Ministérios, Centros de Pesquisas, campos agrícolas experimentais, e os contatos e diálogos mais que proveitosos com os agricultores.

A obsessão de construir e realizar na vida de JAF, sempre esteve presente em tudo o que ele empreendeu, seja como irreparável mestre-de-obras, como engenheiro, ou na vida pública, é algo resultante de um extenso processo que envolveu acurada aprendizagem e disciplina para atingir objetivos traçados. Durante as suas viagens ele nos demonstra essa singular prática: primeiro, ele aprende tudo que pode; logo em seguida, reflete com as devidas precauções se o que aprendeu deve, ou não, ser posto em prática. Quando concluiu que se tratava de algo viável, que aquilo devia e podia ser realizado, então ele dava o *start* e começava para valer. Suas regras de ouro sempre foram fazer, e fazer no tempo carecido.

Essas regras servem para ressaltar que o processo de JAF seguiu a lógica de que, o que quer que tenha sido proposto, deve ter começo e fim. O começo e o fim não devem ser de maneira nenhuma antecipados, sequer por um minuto, ou prorrogados por algumas horas. Quem observar Aracaju nos dias de hoje atentamente, irá perceber que existe uma Aracaju e um Sergipe antes e depois de JAF. Seja na bucólica capital e/ou por todo o interior do território sergipano, processou-se, graças à positiva obsessão de fazer de JAF, uma genuína transformação que chegou a modificar a própria paisagem de Sergipe.

JAF dessa maneira, se define pelo verbo fazer; não existe um só quilômetro quadrado de Sergipe onde o incessante mestre-de-obras JAF não tenha deixado a sua marca de duradouro labutador.

Nesse livro assinado por JAF, podemos notar que se assomam a essa ação de fazer, as de observar e instruir-se. Como sendo, sempre, um aluno brilhante e atento, adquirir instrução, foi nele ininterruptamente outra condição, outro alongamento da sua maneira de enxergar o mundo e experiências que vivenciou. Uma rica lição que sempre fez questão de ressaltar é a de que nunca se limitou aos conhecimentos contidos em páginas de livros; ele sempre buscou aprender com a vida e com toda a sua complexidade.

Em tudo o que era aprendido, ele buscava ficar convencido de que aquele conhecimento adquirido poderia ser aplicado na prática. É desse aspecto que elucidamos o cerne do livro, que reside na busca que JAF empreendeu em rodar o exterior, em especial as partes do mundo que mais de perto o interessaram, seja em sua faceta de figura pública ou como exímio mestre-de-obras.

Ao ver, com os próprios olhos, as experiências de outros, ele atesta com a prática o que antes a leitura lhe advertiu existir. Numa estimativa de mais ou menos dois meses, JAF peregrinou com prestimoso afinco e percorreu um bom bocado deste nosso mundo: China, Índia, Japão, Hong Kong, Macau e Taiwan com o olhar curioso de um aprendiz.

Podemos pensar que sessenta e poucos dias é tempo escasso para tão longas jornadas; aqui JAF nos diz o contrário, ou seja, para um bom repórter, o tempo foi exato e diz que todo jornalista tem consciência disso, nunca dá início a uma empreitada, maior ou menor, sem que antes saiba precisamente para onde vai e, ali, o que deve observar com exatidão cirúrgica. No caso de JAF, nessas peregrinações pelo outro lado do mundo, a metodologia foi justamente o de um bom repórter, zeloso pela sua profissão: antes de embarcar no primeiro avião que iria levá-lo por paragens tão longínquos, de etnias, climas, civilizações e maneira de ser e de agir tão diferentes, ele pesquisou e interpretou dezenas de livros, conversou com inúmeras pessoas, angariou muitas ideias e pontos de vista, antes de esquematizar o percurso da grande aventura que iria principiar.

Aquela obra atesta que JAF já sabia o que ia encontrar, observar, ver e ouvir quando deu início à sua jornada. O que ele desejava agora era extrair ensinamentos, exemplos práticos, pragmáticos, que mais tarde

lhe pudessem ser úteis na sua vida de homem público e de engenheiro preocupado com os problemas do seu Nordeste tão padecido.

Santuários, monumentos, amplas metrópoles, conduções turísticas, claro que JAF as frequentou. Mas sem que tais visitas, compulsoriamente planejadas pelos anfitriões oficiais, o afastassem por um só momento de buscar saber o que nos laboratórios de pesquisa da Índia ou da China, do Japão ou de Taiwan vinham se conseguindo, na ambiência dos experimentos agrícolas e afins, propendendo à utilização mais racional e mais inteligente do chão, como é o chão do Nordeste, onde a água é parca e dela depende tão crucialmente a sobrevivência de milhões de seres humanos.

DEPOIMENTOS

Foram diversos os depoimentos daqueles que leram as suas crônicas e que ele publicou na contracapa do seu livro (ALVES FILHO, 1988). Podemos destacar o de um dos maiores jornalistas brasileiro, também professor e advogado, Carlos Chagas, que afirmou:

Inúmeros são os casos de jornalistas que se transformam em políticos. Rara é a hipótese oposta, de um político virar jornalista, ainda que por tempo limitado [...]. Ver é privilégio de muitos. Saber contar o que viu, de poucos.

Outro admirável comentário foi feito por Marcos Vilaça, renomado advogado, jornalista, professor, ensaísta e poeta brasileiro, que disse:

Tudo o que João Alves faz tem a marca da dedicação. Até quando viaja. Até quando faz a crônica da sua aventura. Para ele, a rotina é o trabalho. Este livro mostra também o que entende que possa ser aculturado à realidade brasileira.

Já o jornalista Tarcísio Holanda, nos diz que os escritos de JAF nos transporta para as novas experiências aplicadas pelo regime comunista na China Continental, assim como dá uma ideia panorâmica das causas do sucesso dos novos países industrializados do Sudeste asiático, como Taiwan.

Por fim, temos os pontos de vista de Aureliano Chaves, político brasileiro, 29º governador de Minas Gerais entre 1975 e 1978 e o 19º vice-presidente do Brasil entre 1979 e 1985, que registra:

João Alves sempre se mostrou um administrador competente e criterioso. Neste trabalho, mostra nova face da sua personalidade. Viajando por vários países da Ásia para inteirar-se de solução de problemas que guardam certa similitude com problemas do Nordeste, que ele tanto ama, nos apresenta com crônicas. Nelas está o vigor do seu talento literário, aliado à argúcia de suas observações e à precisão de suas análises. Prepara-se, assim, João Alves, com esta publicação, para ingressar, com êxito, em outro ramo de atividade – o ramo literário.

Essa viagem que JAF realizou já era acalentada por ele há muito tempo; ele estava convencido de que as soluções para o desenvolvimento brasileiro, naturalmente diversas, necessariamente passariam pelo emprego racional da agricultura.

A China e a Índia, na visão de JAF foram dois países que melhor se prestaram como exemplo de agricultura de baixo custo, sendo possuidores de tecnologias de ponta e, embora com populações gigantescas, conseguem alimentar seus povos e, ainda, exportar.

A China, com mais de um bilhão de habitantes, naquela ocasião e a Índia, com cerca de 800 milhões, possuem terras agricultáveis substancialmente inferiores às do território brasileiro. Entretanto, ambos os países utilizam uma agricultura que, sem ser sofisticada como a americana ou a israelense, prima por uma racionalização inteligentemente adaptada ao primarismo intelectual e técnico dos seus povos.

Quanto à Índia, João Alves conseguiu notar esse detalhe especial: parte imensa do seu extenso território tem um clima igual ou pior do que o do Nordeste brasileiro; o que a levou a desenvolver a mais avançada técnica de sobrevivência no semiárido do mundo. Sempre buscando conciliar o que é simples com o que é racional, sem deixar de ter em mira o alcance de elevada produtividade.

No Taiwan JAF notou que este país detinha a tecnologia mais avançada do mundo de um produto nobre de elevada rentabilidade, para cuja produção o Nordeste tem as condições ideais para se transformar no maior produtor mundial, gerando centenas de milhões de dólares na sua balança de pagamento: camarão de água doce, em viveiros especiais. Outro aspecto é que Taiwan era dono de uma tecnologia

avançadíssima no que diz respeito à produção de um alimento que poderia estar ajudando a matar a fome de milhões de brasileiros carentes e que, inexplicavelmente, tem sido relegado a segundo plano em nosso país: a piscicultura.

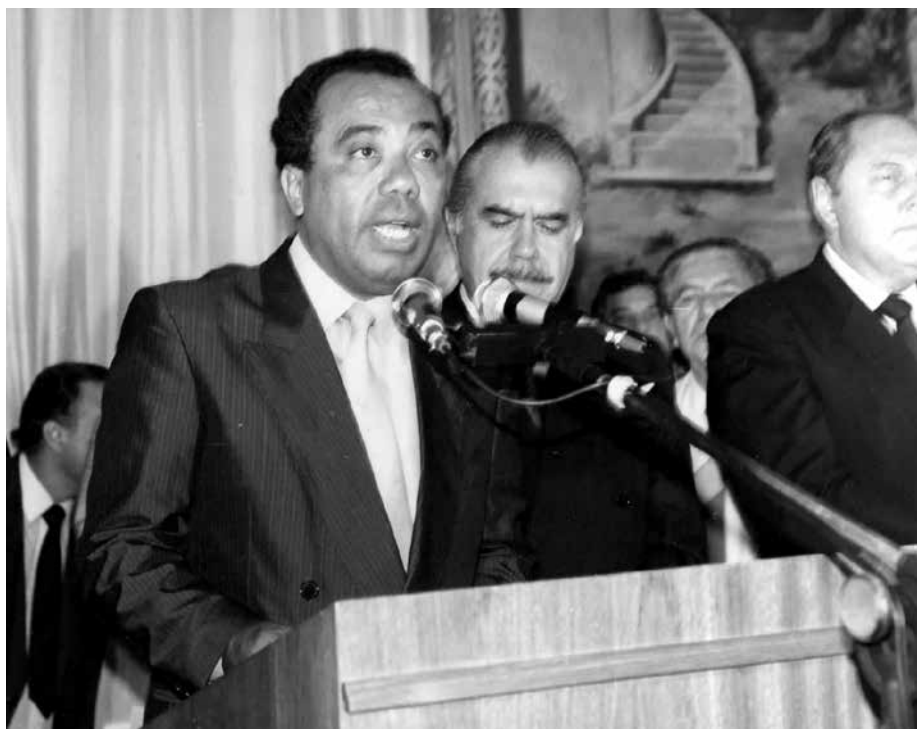
Estavam aí as motivações principais de JAF em fazer a viagem: aprender, ver tecnologias testadas no campo e procurar resumi-las em crônicas, propondo justamente algumas soluções práticas e aptas a contribuir para a plena viabilidade do Nordeste. JAF procurou sair das limitações de uma viagem turística e foi diretamente ao interior do país, observou *in loco*, questionou à exaustão, compilou todos os dados que pôde, procurou analisar a contingência histórica e a filosofia dos povos chinês e indiano, para entender os seus caminhos e suas opções, e agiu despido de preconceitos ideológicos pessoais, ressaltando os seus êxitos e se reservando ao direito de fazer críticas construtivas com relação às suas distorções.



Presidente Sarney e JAF



*Posse do Ministro do Interior, JAF,
nomeado pelo Presidente José Sarney*



Ministro JAF, Presidente José Sarney e o Ministro Aureliano Chaves.



O Ministro JAF com seu assessor Edmilson Machado.



Da esquerda para a direita: Pascoal Nabuco, o Ministro do Interior JAF, Leonel Brizola, a primeira-dama Marly Sarney (1985-1990), Roberto Magalhães, Roseana Sarney e o esposo Jorge Murad Júnior, em Brasília.



Presidente José Sarney, Sr. Caçulo, D. Marly Sarney, Ana Luiza Valadares, D. Caçula e o Ministro do Interior JAF em Simão Dias-SE.



O Ministro do Interior, JAF, com sua Chefe de Gabinete, Raquel Viana e a Secretária, Maria Amélia, em Brasília.



JAF e Maria do Carmo recebendo a benção do Papa João Paulo II, no Vaticano.

12

COMPLEXO DE COMUNICAÇÃO: JORNAL, RÁDIO E TELEVISÃO

*O primeiro dever de um jornal é ser exato.
Se for exato, segue que é justo*

Herbert Bayard Swope

Pode-se afirmar, sem titubear, que a trajetória política de JAF teve início aos 20 de idade, quando ingressou no curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica da UFBA. Nesse período, foi membro da Juventude Universitária Católica (JUC) e redator do jornal da frente única das esquerdas e só deixou de exercer essa função a partir do golpe militar de 1964.

O sonho de todo político é ter um jornal para chamar de seu. Alguns muitos anos depois JAF criou um complexo de rádio, jornal e televisão, certamente por forte influência sofrida na sua mocidade, quando percebeu a importância dos meios de comunicação de massa.

Vale a pena fazer o registro que as transmissões em TV aberta em Sergipe começaram na segunda metade da década de 1960, graças às licenças provisórias que permitiam o funcionamento em caráter experimental e com transmissões especiais, a exemplo da primeira viagem do homem à Lua. Tempos depois, o radialista Nairson Menezes, com o apoio dos empresários Francisco Pimentel Franco, Josias Passos, Getúlio Passos, José Alves, Hélio Leão, Augusto Santana, Paulo Vasconcelos, Lauro Menezes e Luciano Nascimento, iniciam a elaboração do projeto

de implantação da primeira emissora de TV em Sergipe (BOLAÑO; VARJÃO, 2016; DANTAS, 1964).

A TV Jornal foi adquirida, muitos anos depois dos primórdios, pelo ex-governador JAF e fazia parte de um complexo, a Rede Jornal de Comunicação: a Rádio Jornal AM 540 (existente desde 1958), a Jornal FM 98,1 (vendida no ano 2000 para a Rede Aleluia) e o Jornal da Manhã que deu lugar em 2001 ao Correio de Sergipe, hoje em circulação sob o comando de seu filho João Alves Neto.

Humberto Eco (2015) no seu último livro, *Número Zero*, com tradução de Ivone Benedetti, faz reflexões sobre o posicionamento da imprensa como instrumento de poder e, em uma entrevista à repórter Ilze Scamparini, Eco foi enfático:

Só existe um jornal que não é contaminado. É o jornal do partido. Porque se sabe que é um jornal de partido, então se sabe como ler e fazer a filtragem das informações. É claro que cada jornal tem pressão política de todos os tipos. Vai depender de como eles declaram isso (KENNEDY, 2016).

A verdade é que na maior parte dos casos, segundo Eco (2015), jornais, rádios e televisões brasileiros pertencem a partidos ou grupos econômicos-políticos que querem enviar mensagens diretas sobre as temáticas que lhes interessam e silenciam sobre outras que não lhes são favoráveis. A notícia sai da condição de informação para a de espetáculo.

Em Sergipe, nesses 50 anos, os jornais pertenceram ou pertencem a partidos ou grupos econômicos conhecidos e vinculados à elite dominante. Só para efeito de ilustração citamos: *O Nordeste*, que pertencia ao PTB; *Sergipe Jornal*, ao PSD/PR; *Correio de Aracaju*, à UDN; *Folha Popular*, ao PCB; *Jornal da Cidade*, fundado pelos jornalistas Nazário Pimentel e Ivan Valença, um pouco mais de seis meses após a fundação, Ivan saiu da sociedade e finalmente Pimentel vendeu o jornal ao grupo Franco; *A Cruzada*, pertencia à Diocese de Aracaju, mas servia à oligarquia dominante; a *Gazeta de Sergipe*, sucessora da *Gazeta Socialista* defendia a democracia; o *Cinform*, a princípio direcionado para vendas, depois ganhou com Jozailto Lima uma linha editorial voltada para a formação de opinião; *Jornal da Manhã*, que se

transformou em *Correio de Sergipe* e pertence ao grupo Alves; *Jornal de Sergipe*, que foi fundado por José Carlos Teixeira e depois vendido a Nazário Pimentel, e fazia um jornalismo moderno e politicamente não engajado; entre outros.

Compreensível, portanto, que João Alves Neto e suas irmãs, tenham optado em mudar a cara do jornal que estava com sua imagem 100% atrelada à política do PFL, partido fundado por JAF no estado de Sergipe.

No dia 6 de novembro de 1987, a TV Jornal, filiada à Rede Manchete foi inaugurada. A sua concessão foi dada ao político JAF, ex-governador pelo Partido Democrático Social-PDS, sucessor da Arena. Ao longo do Governo Sarney, JAF recebeu as outras três concessões de rádio (Rádio Jornal AM e FM de Aracaju e Rádio Jornal de Propriá) (MOTA, 2013).

Com estas emissoras de rádio jornal e televisão, JAF passou a ser o principal concorrente da família Franco (PERRINI, 1987).

Jambeiro (2000; 2001) afirma que em 1988, quando na ocasião da discussão da ampliação do mandato do Presidente da República para cinco anos, o Governo Sarney, para obter apoio parlamentar no Congresso Nacional, fez 418 concessões de rádio e televisão. Ao todo, entre 1985 e 1990, a gestão Sarney distribuiu 1028 concessões de rádio e TV (Bólano *et al.*, 2017).

Localizada em Aracaju, a TV Jornal entrou no ar em 6 de novembro de 1987 até 1997 e era sintonizada através do canal 13 VHF. A TV Jornal retransmitia a programação da Rede Manchete e era uma das suas primeiras afiliadas no Nordeste.

Em 1993, a TV Jornal deixou a Rede Manchete e filiou-se à Rede Bandeirantes, haja vista a primeira estar em crise desde o ano anterior.

Ainda que sua programação tivesse um apelo mais popular, a TV Jornal gozava de muito prestígio. O programa de entrevistas *Batalha na TV*, apresentado pelo jornalista Carlos Batalha, era campeão de audiência. No jornalismo, um dos programas de destaque era o noticiário *Rede Cidade*, produzido com o mesmo padrão da Rede Bandeirantes e que ia ao ar, antes do Jornal da Band, apresentado por Victor Amaral, David Leite e Rísia Rodrigues, em oportunidades distintas (JORNAL DA CIDADE, 2003; BOLAÑO *et al.*, 2017).

Quando a TV Jornal já era afiliada à Manchete, o noticiário era o *Repórter Jornal* e *Jornal na TV*. Outro noticiário de destaque na época

era o *Isto é Sergipe*, com entrevistas e reportagens por André Barros (JORNAL DA CIDADE, 2003; BOLAÑO *et al.*, 2017).

JAF estava cercado por bons repórteres e destacavam-se Adelson Barreto (deputado federal de 2015-2019 pelo PTB), Anna Fontes, Anselmo Tavares, Nivaldo Cândido, Eduardo Abril, Eron Ribeiro, Rivando Góis, Avelar Mattos e Otoniel Amado, o *Bareta*, que ficou muito conhecido pelos famosos bordões na Rede Cidade (BOLAÑO *et al.*, 2017).

O sonho de todo político é ter um jornal para chamar de seu

A TV Jornal também tinha programas de entretenimento, como o *Parabólica* com Tony Chocolate e Mequinho Carvalho, e a dupla também apresentava o programa *Kantaokê da Jornal*, que era ao vivo nas noites de sábado, depois das novelas *Pantanal* e *Ana Raio & Zé Trovão*, ainda na fase da Manchete (BOLAÑO *et al.*, 2017; MOTA, 2013).

Fazia muito sucesso, também, o querido e memorável comunicador Antônio Valadão, que nas décadas de 1980 e 1990 fazia as coberturas e transmissões diretas dos festejos juninos da Rua de São João, às vezes com programação contínua por mais de sete horas. As suas transmissões também eram do carnaval e do famoso carnaval fora de época, o Pré-Cajú. Hoje, Valadão faz ininterruptas campanhas de conscientização do Diabetes, em parceria com Dr. Raimundo Sotero, com caminhadas, mutirões de detecção da doença e com palestras. Entre os palestrantes, Dr. Azulzinho, personagem criado por Valadão, que fala para a população sobre como viver e conviver bem com a diabetes. O personagem é um sucesso.

No esporte, A TV Jornal tinha os narradores Andrade Lima, Antônio Barbosa e Carlos Magalhães.

A TV Jornal tinha ainda uma revista social eletrônica *Pedrito Barreto em Companhia*; o programa de entrevistas *Saúde & Companhia*, com Paula Oliveira; o *De Coração a Coração*, com Jácome Góes; e *Salto Quântico*, com o médium espírita Benjamin Teixeira.

Em agosto de 1997, após 10 anos da fundação da emissora, os proprietários da emissora anunciam a venda da TV Jornal para a rede de TV católica, TV Canção Nova.

A história da radiodifusão em Sergipe é remontada para o ano de 1939. O interventor federal era Eronildes de Carvalho, que criou a primeira emissora de rádio do Estado – a Rádio Difusora AM – hoje Rádio Aperipê AM. A emissora funcionou no Palácio do Governo do Estado e, posteriormente, no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS). Com o novo interventor federal Augusto Maynard Gomes, em 1942, o seu nome foi trocado para Rádio Difusora de Sergipe PRJ-6 13 e passou a funcionar no Palácio Serigy e depois foi privatizada, passando a ser dirigida pelo empresário Augusto Luz, proprietário do cinema Guarany e de um carro de propaganda. A década de 1940 era considerada a era de ouro do rádio e a participação da iniciativa privada foram fatores que acompanharam uma tendência nacional (MAYNARD, 2008; PINTO FILHO, 2011).

Em 1953 foi criada a segunda emissora de rádio em Sergipe, a Rádio Liberdade AM que pertencia ao industrial Albino Silva da Fonseca. Depois foram surgindo outras. Em 1959, surgiu a primeira estação de cunho religioso, a Rádio Cultura AM, idealizada por Dom José Vicente Távora, bispo de Aracaju. Em 1968, o Augusto do Prado Franco inaugurou a Rádio Atalaia AM e em 1979 ele criou a primeira emissora de rádio em Frequência Modulada (FM) no Estado, a Rádio Atalaia FM 93,5.

Em 1958, surgiu a Rádio Jornal AM (SANTANA e SÁ, 2004) que foi fundada para fazer oposição ao Governo da época, com o suporte do Partido Republicano (PR) e do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek. Era uma das mais importantes emissoras de rádio da história da comunicação em Sergipe e fez parte, também, do complexo de empresas de JAF.

Edivan Amorim comprou três das emissoras da família Alves (a de Estância, Propriá e a de Tobias Barreto). E em outubro de 2018, A Rádio Jornal AM foi vendida para José Arinaldo de Oliveira, ex-prefeito de Frei Paulo e detentor da permissão da rádio Educadora FM e a Rádio Jornal migrou do AM para o FM.

13

O SEGUNDO GOVERNO (1991 a 1995)

*Um bom chefe faz com que homens
comuns façam coisas incomuns.*

Peter Drucker

No Brasil, a democracia em 1990 renascia com a eleição direta do Presidente Fernando Collor de Mello, derrubado do poder dois anos depois, através de um *impeachment*.

Em 1990, no início do Governo Fernando Collor de Mello, a ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello, na tentativa de conter uma inflação de 84% ao mês, anunciou as medidas de um novo plano econômico, o quarto em apenas cinco anos, quais sejam, o Cruzado, em 1986; Bresser, em 1987, e Verão, em 1989, todos no governo do Presidente José Sarney que não tiveram êxito na estabilização da economia. O cidadão brasileiro trocou de moeda várias vezes e suportou agressões a seus direitos de cidadão, enfrentou filas, varou noites, perdeu renda, patrimônio e, em não poucos casos, a saúde física e psíquica que resultaram em muitos suicídios. Para a jornalista Miriam Leitão (2019), no seu livro *Saga Brasileira*, o Governo cometeu uma violência econômica muito grande contra o povo brasileiro e, na sua análise, foi o pior dos planos econômicos já feitos no Brasil.

Ao contrário do observado nos anos 80, caracterizados pelo fechamento da economia e por sucessivos congelamentos de preço, o Brasil atravessou uma fase de abertura de sua economia no início da década de 1990, comandados pelo então Presidente Collor. Seus efeitos foram positivos para alguns setores, que se tornaram mais competitivos, mas nocivos para outros, devido à falta de credibilidade das instituições

envolvidas nesse processo e pela maneira como foram conduzidas algumas políticas públicas, principalmente no que tange às privatizações. A falta de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, essenciais para o desenvolvimento econômico de uma nação, também não foram privilegiados (LEITÃO, 2019).

O desempenho macroeconômico do Brasil entre os anos de 1990 e 1999, revela que o PIB cresceu em média cerca de 1,7% a.a., a inflação anual ficou em média em 278% e a taxa de desemprego ficou na média em 5,7%, contra 5,4% na década passada. Enquanto a década de 80 conviveu com um progressivo agravamento do drama da alta inflação, na década de 90, a economia teve uma performance entre 1990-1994 ainda muito baixa em comparação com a segunda metade da década (LEITÃO, 2019; GIAMBIAGI; MOREIRA, 1999).

Outro fato positivo em 1991, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai assinaram o Tratado de Assunção, que fundou o bloco econômico Mercado Comum do Sul (Mercosul), com o objetivo de pôr fim a algumas barreiras alfandegárias e assim fomentar políticas econômicas entre os países membros. A criação do bloco foi mais uma etapa da abertura econômica brasileira (GIAMBIAGI; MOREIRA, 1999).

As transformações no cenário econômico das políticas do Governo Collor introduziram no país ideias neoliberais, que reduziram a participação do Estado como regulador da economia e maior liberdade de atuação de empreendedores privados e do capital internacional (LEITÃO, 2019).

Neste ano, dois outros eventos marcaram o cidadão brasileiro. Em 11 de setembro, o Presidente Fernando Collor de Mello sancionou o Código de Defesa do Consumidor com vetos parciais, o que significou muitas conquistas; no dia 30 de novembro inauguramos o primeiro sistema de telefonia celular do país, pelo Ministro da Infraestrutura, Ozires Silva e, finalmente, no dia 16 de dezembro, os irmãos Darcy e Darly Alves Pereira foram condenados a 19 anos de prisão pelo assassinato do seringueiro Chico Mendes, que causou comoção no país.

Quando JAF deixou o Palácio Olímpio Campos, sede do Governo Estadual em 1986, ficou no ar a possibilidade de voltar ao Governo em 1991, o que realmente aconteceu. Ainda que tenha rechaçado, inicialmente, qualquer chance de aliança com o PMDB, controlado pela

família Franco em Sergipe, a chapa da qual fez parte como candidato a governador acabou sendo composta por Albano Franco, que pleiteava uma vaga no Senado.

Anteriormente Albano, que agora era PRN, tentou criar um fato político que esperava tivesse êxito, atraindo para o seu partido o Deputado Federal Cleonânicio Fonseca, do PFL, lhe oferecendo a candidatura a vice-governador, numa chapa em que Albano sairia candidato a governador. Albano imaginava que outros líderes do PFL seguissem Cleonânicio e com isso, minaria a chapa de JAF para candidatar-se ao Governo do Estado.


Por intervenção direta de Collor, o PFL e o PMDB formalizaram uma aliança no Estado para impedir uma disputa entre Albano e JAF, pois, se o primeiro fosse eleito governador, teria que abandonar a presidência da Confederação Nacional da Indústria (CNI) num momento visto como indesejável pelo próprio Governo Federal (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Como nada aconteceu como esperado, Albano voltou a compor com seu antigo aliado e Cleonânicio a ter a sua candidatura à reeleição para a Câmara Federal, agora já bastante comprometida, mas ainda assim conseguiu reeleger-se.

A situação eleitoral ficou mais cômoda para o ex-ministro do Interior, que, além de possuir uma emissora de TV e três emissoras de rádio, era apoiado por uma coligação composta por dez partidos, o que o tornava o candidato com maior tempo na propaganda eleitoral gratuita.

Definido assim, que JAF seria o candidato com José Carlos Teixeira para vice-governador e Albano para o Senado, tendo este o cuidado de escolher, como seu primeiro suplente, José Alves Nascimento, irmão de Maria do Carmo, como garantia de que seria o sucessor de João, uma vez assegurados quatro anos de mandato de senador ao seu suplente, como de fato aconteceu.

Seus únicos adversários, naquela eleição foram José Eduardo Dutra, do PT, e Gilberto Selles dos Anjos, do Partido Reformador Trabalhista (PRT) que obtiveram, respectivamente, 25,1% e 1,2% dos votos válidos.

**Quando JAF deixou
o Palácio Olímpio
Campos, ficou no ar a
possibilidade de voltar
ao Governo em 1991** 

JAF venceu no primeiro turno o candidato das oposições, José Eduardo Dutra (PT), com uma votação de 364.819 votos contra 124.050 do candidato petista, ou seja, venceu com 73,7% dos votos válidos, no dia 3 de outubro, ainda no primeiro turno. O seu vice-governador era Benedito Figueiredo.

Pois bem, foi neste clima hostil do Brasil varonil que JAF voltou ao Governo do Estado em 1991. Não eram momentos fáceis de se administrar. Não se rendeu às crises, usou o seu prestígio e credibilidade, e lançou mão de suas ideias.

Um Brasil em crise, denúncias de improbidade e o estado de Sergipe pobre e cheio de carências: era o quadro que se via na época. Mas João era um administrador aguerrido, corajoso e criativo.

Foi ungido nas urnas em Sergipe nas eleições para governador e a vitória dos pedetistas Albuíno Azeredo, no Espírito Santo, e Alceu Colares, no Rio Grande do Sul, marcaram o pleito, por ser a primeira vez, em toda a história política brasileira, em que três negros foram eleitos governadores. Até poder-se-ia dizer que JAF venceu o preconceito, se é que ele existia (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

João Gomes Cardoso Barreto foi seu auxiliar novamente como seu Secretário da Casa Civil e, logo em seguida, assumiu a Secretaria da Educação; e José Carlos Machado, o seu Secretário de Obras. Aliás, ele se cercou de pessoas de sua máxima confiança, pois como bom administrador, precisava de sintonia fina com sua equipe. O tocador de obras estava de volta.

A base de sustentação do seu governo era constituída pelos Senadores Lourival Baptista e Albano Franco, além dos Deputados Federais Cleonânicio Fonseca, Benedito Figueiredo, Jerônimo Reis, Manoel Messias Góis, Pedro de Almeida Valadares e José Everaldo de Oliveira. Ele contava também na Assembleia Legislativa com a maioria dos deputados: Carlos Magno Costa Garcia, Belivaldo Chagas, Francisco Passos, Laercio Miranda, José Carlos Machado, Venâncio Fonseca, Joaldo Barbosa, Nicodemos Falcão, Ulisses Andrade, Artur Reis, Carlos Alberto de Oliveira, Ivan Santos Leite, Reinaldo Moura, José Monteiro Sobral, Francisco Teles de Mendonça, José Almeida Lima, Luis Mitidieri, Rosendo Ribeiro, José do Prado Franco, Abel Jacó dos Santos, José Wilson da Cunha, Djenal Tavares de Queiroz. Ou seja, apenas Ismael

Silva e Renato Brandão, ambos do PT se posicionaram como oposição (NABUCO, 2017).

CRÍTICAS

Um mês depois de sua posse, ocorrida no dia 15 de março de 1991, JAF foi criticado pela imprensa por ter indicado o seu cunhado, José Alves do Nascimento, para ser Secretário-Chefe do Gabinete Civil, naquele segundo governo (1991-1995), cargo no qual permaneceu até outubro de 1994, quando Albano Franco tomou posse como governador do estado e José Alves, assumiu o Senado, na condição de suplente.

Irmão de Maria do Carmo, para os mais próximos conhecido como Netinho, estava assumindo o cargo por mérito e capacidade. Nada mais natural para um dirigente querer se cercar de pessoas que gozam da sua confiança. Formado em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe, em 1971, e especialista em urgência médica no Rio de Janeiro. Era um homem cheio de atributos e experiências. Havia sido diretor do Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas Dr. Augusto Leite, de 1974 a 1975, e médico do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), de 1975 a 1983 (MORAES, 2009).

No primeiro governo de JAF (1983-1987), José Alves, assumiu a Secretaria de Saúde, voltando depois ao exercício da profissão, no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), órgão que sucedeu ao INPS. Na gestão de JAF no Minter, foi seu representante da Secretaria de Habitação e Ação Comunitária de 1988 a 1989. (MORAES, 2009).

José Alves do Nascimento foi escolhido suplente do Senador Albano Franco na legenda do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), em outubro de 1990, e assumiu o cargo entre 1995 e 1999, quando Albano foi eleito governador de Sergipe.

A polêmica também se deu com a indicação da irmã de JAF, a advogada e pedagoga Marlene Alves Calumby, para a presidência da Fundação Aperipê, pertencente ao Estado. No início, ela resistiu ao convite, por achar que prevalecia em sua vida profissional, o seu lado educacional, desculpa essa não aceita pelo governador, que rebateu com a argumentação de que a sua indicação fora exatamente para implantar uma visão educativa nas emissoras da Fundação (SANTOS, 2012):

Fiquei por quatro anos na Fundação Aperipê de Sergipe, envolvendo-me com o trabalho. Sentia-me motivada para fazer rádio e televisão. Como não podia sem o registro profissional, fiz curso de radialismo, concluí e me sindicalizei. A verdade é que me envolvi e me apaixonei pela área de comunicação e é um verdadeiro xodó.

Alguns anos depois, em 2005, Marlene retornou ao comando da Fundação Aperipê (SANTOS, 2012).

PRESIDENTE ITAMAR FRANCO

No ano seguinte à sua posse, 1992, o desencadeamento de uma crise no Governo Federal obrigou JAF a redefinir sua posição, inicialmente favorável, diante do Presidente Collor.

Em maio de 1992, Pedro Collor, irmão do presidente, acusou este último de envolvimento com esquemas de corrupção, executados por seu ex-tesoureiro de campanha, Paulo César Farias. Com a autorização da Câmara dos Deputados, foi instalada no dia 1º de junho uma comissão parlamentar de inquérito (CPI), que investigou, no decorrer de três meses, as atividades de PC Farias e suas possíveis ligações com o Presidente da República. Ao final do período, no dia 26 de agosto, a CPI concluiu um relatório, aprovado por ampla maioria no plenário da comissão, que sugeria o *impeachment* de Collor. No fim de setembro, o governador sergipano pronunciou-se favorável a essa decisão (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

No dia 29 de setembro, a Câmara dos Deputados aprovou, por 441 votos contra 38, a admissibilidade do processo de *impeachment*. Afastado do cargo, Collor foi substituído, interinamente, em 2 de outubro, pelo vice Itamar Franco. Em 29 de dezembro renunciou, mas horas depois foi julgado e condenado pelo Senado à inelegibilidade e inabilitação, por oito anos, para o exercício de quaisquer cargos públicos. Quatro horas após a condenação, Itamar Franco foi efetivado na presidência da República (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

O desdobramento do processo do *impeachment* presidencial deu ao mundo sinais de que o Brasil tinha atitudes definitivas, sem traumatismos ou abalos na ordem civil e no Estado de Direito, como uma

verdadeira nação democrática na defesa de seus ideais de liberdade e cidadania (ALVES FILHO, 1994).

Na era Itamar Franco, JAF manteve uma postura de aceitação, buscando a conciliação entre as forças governistas nos momentos mais críticos. Em setembro de 1993, discordou da atitude de Luís Antônio Fleury, governador de São Paulo, que rompeu com o Governo Federal, e afirmou que os partidos que tinham apoiado a saída de Fernando Collor deveriam dar sustentação política ao Presidente Itamar Franco, para que fosse garantida a governabilidade do país (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

SUPORTE E REALIZAÇÕES

JAF parecia ter uma força e indubitável confiança em tudo aquilo que se debruçou a fazer por Sergipe. Ele não era apenas o tocador de obras, agora se firmava como um grande líder político. Aprendeu com o passar dos anos, a arte da política, e soube impor sua autoridade. Apesar da aparência simplória e de suas boas e fartas gargalhadas que cativavam todo mundo, ele impunha respeito, um certo distanciamento e tinha uma postura austera, senão autoritária (NABUCO, 2017).

Mesmo diante das adversidades, novamente JAF administrou com suporte e aplausos das entidades internacionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Fundo Internacional para Desenvolvimento da Agricultura (FIDA), Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e Banco Mundial (BIRD).

Na sua gestão, houve a duplicação da capacidade de armazenamento e abastecimento de água para Aracaju, com a construção de reservatórios localizados na Jabotiana, Terra Dura e N. Sra. do Socorro. Implantação de uma rede de grandes adutoras a partir da descoberta de gigantesco lençol subterrâneo na Ibura, garantindo água até o ano de 2020, para a capital sergipana.

Dessa nova etapa do homem público João Alves, tivemos aí a maior malha de adutoras de todos os Estados brasileiros: maior, até, do que todas as adutoras de todos os demais Estados nordestinos, somadas.

Entre as conquistas, água farta e tratada, em todos os municípios e nos povoados com mais de 100 habitantes, em todo o Estado.

A Cohidro/SE, empresa de economia mista, vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura do Desenvolvimento Agrário, foi implantada por JAF. Os seus objetivos eram voltados para o desenvolvimento de recursos hídricos; irrigação; abastecimento da água; saneamento básico para comunidades rurais; promover estudos e pesquisas na área de recursos hídricos; prestação de serviços mecanizados; e outras políticas públicas voltadas para recursos hídricos e irrigação (NASCIMENTO, 2020).

Atento ao desenvolvimento industrial de Sergipe, JAF estabeleceu a Lei nº 3.140/1991, que instituiu o Programa Sergipano de Desenvolvimento Industrial – PSDI e criou o Fundo de Apoio à Industrialização. Um dos objetivos foi incentivar e estimular a cessão de apoio financeiro, creditício, locacional e/ou fiscal aos empreendimentos da iniciativa privada, considerados necessários e prioritários para o desenvolvimento do estado de Sergipe, nos termos daquela Lei. Foi graças a existência dessa lei de incentivos fiscais que muitos empreendimentos industriais chegaram e até hoje ainda aportam em Sergipe (NASCIMENTO, 2020).

Deixou em pleno funcionamento duas novas subestações de energia elétrica que solucionaram os problemas de falta de energia e de instabilidade na intensidade da corrente elétrica. Nesse governo, a capacidade de geração de energia na capital aumentou em 80%.

No setor de transporte, vários trechos de novas estradas foram concluídos, inclusive a importante rodovia a que se deu o nome de Ayrton Senna, que corresponde ao complemento em território sergipano, da famosa Linha Verde, que liga Salvador à Aracaju pela beira-mar.

ORLA DE ATALAIA

O Projeto *Orla* mudou a praia de Atalaia e a tornou um belíssimo cartão postal até os dias atuais, ponto obrigatório para os turistas que nos visitam e a apontam como a mais bela orla do Nordeste, fato testemunhado pela chegada de hotéis de grande porte e com crescente nível de ocupação hoteleira naquela praia. O sonho de JAF era que as praias do Nordeste pudessem ser percebidas como um novo e imenso Caribe.

Aracaju conta, desde então, graças a JAF, uma das mais belas orlas marítimas do país com seus seis quilômetros de extensão e com estrutura de quiosques, instalações sanitárias, banheiros públicos, restaurantes

e áreas de lazer, construída em parceria com a iniciativa privada que administrava o complexo sob forma de condomínio. A Orla da Atalaia atraía cada vez mais turistas, mas também, a população local para práticas esportivas, passeios e lazer com a família, de sorte que podiam usufruir daquela bela infraestrutura na Região dos Lagos, a pista de skate, a pista de patinação, o kartódromo, o espaço de motocross e as quadras esportivas.

A eterna secretária e chefe de gabinete de JAF, Etelvina Apolônio, sentia em JAF, a força de um pai e amigo de todas as horas, além de ser alguém inspirador e que a estimulava a estudar e trabalhar com disciplina. Em depoimento no *Correio de Sergipe* (2020), confirma como JAF vibrava e sentia-se realizado, a cada obra entregue à população do Estado:

Ele era um visionário, tudo que ele via de lindo em outros estados e países, ele queria trazer para Aracaju. Para ele, era um prazer deixar o nosso Estado e a nossa cidade arrumada e organizada. [...] quando ele colocou a fonte luminosa na praça de eventos da orla de Atalaia, ele saiu tão eufórico do gabinete, 'vamos Etelvina, vamos comigo ver a fonte, pois dentro dela, também tocará música'. Quando olhei em seus olhos, parecia um menino ganhando um presente.

O PORTO DE SERGIPE

O Terminal Marítimo Ignácio Barbosa (TMIB), ou ainda, o Porto de Barra dos Coqueiros, como é conhecido, foi construído como a peça-chave de todo o projeto de desenvolvimento desenhado por JAF. Um dos mais modernos portos do país e ponto de articulação entre a capital Aracaju, o Polo Cloroquímico, a zona de processamento de exportações e os grandes projetos de irrigação de Sergipe; além de ser uma peça importante e fundamental para a expansão turística do Estado.

Concluiu e colocou para funcionar o Porto de Sergipe que, inegavelmente, foi uma grande vitória, pois esse porto desafiou a todos os homens públicos por mais de 139 anos, e que se tornou realidade graças a João no dia 20 de dezembro de 1994. Sergipe inaugurou, assim, o único porto privativo do país, com uma das menores tarifas e moderna estrutura operacional.

O TMIB é um terminal *offshore*, seu cais de acostagem situa-se a 2.400 m da linha da costa e é abrigado por um quebra-mar artificial de 550 m.

A ligação Aracaju-Porto podia ser feita naquela ocasião pela Rodovia Delmiro Gouveia, de 22 km, que vai até a BR-101, ou atravessando o Rio Sergipe em lanchas e balsas em um percurso de 15 km. Na sua última gestão como governador, ele fez algo também sonhado, a polêmica ponte Construtor João Alves, que liga Aracaju à Barra dos Coqueiros e assim, favoreceu mais ainda o acesso ao Porto.

O porto, ao ser inaugurado, tinha um dos melhores calados do Nordeste com 11 metros de profundidade e o seu cais estava ligado ao retroporto, por uma ponte de concreto com 2.400 metros, com moderna pista de rolamento, permitindo o tráfego de veículos nos dois sentidos.

O embarque e desembarque de cargas gerais tinha a sua tarefa facilitada pela utilização de um guindaste tipo canguru com capacidade de 12,5 toneladas. A montagem das correias transportadoras de grãos, um divisor de águas na história econômica de Aracaju e do estado de Sergipe.

O porto possui capacidade de armazenagem para 55 mil toneladas, distribuídas em nove armazéns e dois silos de cimento com altura de 63 metros e capacidade de 17.500 toneladas cada um. Opera cargas gerais como madeira, coque, uréia, trigo, fertilizantes e sucos naturais. É ainda utilizado pela Petrobras, para apoio às atividades de exploração e produção de petróleo na costa de Sergipe.

O Ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero, quando foi visitar as obras finais do porto, ficou emocionado ao constatar a grandiosidade da obra, vaticinou: *Sergipe se transformará na Rotterdam da região nordestina, atraindo cargas e indústrias, pelo privilégio de possuir as mais modernas instalações portuárias do Nordeste e as tarifas mais competitivas* (GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE, 1994).

REBOBINANDO O TEMPO: IGNÁCIO BARBOSA

Não sem razão, JAF nomeou o Porto com o nome de Ignácio Barbosa. Dos 55 presidentes que governaram Sergipe de 1824 a 1889, Ignácio Joaquim Barbosa Júnior está entre os mais importantes. Este carioca culto, poliglota, com boa formação humanística, jovem governante de

pouco mais de 30 anos, procurou fazer Sergipe viver o momento de progresso e inovações que então dominavam o Brasil.

Quando Ignácio Barbosa foi indicado para ser o presidente provincial de Sergipe Del Rey, no século XIX (17 de novembro de 1853 a 10 de setembro de 1855), nomeado por carta imperial de D. Pedro II, resolveu trocar a capital de Sergipe, o que parecia ser um ato insano. Realizou a mudança da capital de Sergipe de São Cristóvão para o povoado Santo Antônio do Aracaju, que foi elevado à categoria de cidade em 17 de março de 1855 e passou a se chamar apenas Aracaju.

São Cristóvão era uma das mais belas capitais do Brasil e a quarta cidade histórica mais importante do Brasil, enquanto Aracaju era apenas um modesto vilarejo de pescadores. Outrossim, era uma medida estratégica, pois o objetivo era construir um porto para fomentar o desenvolvimento econômico. Para que isso ocorresse foi preciso realizar a transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, em 1855. Ignácio Barbosa contraiu cólera e não concretizou o seu sonho, falecendo em Estância em 6 de outubro de 1855. Todos os políticos que o sucederam prometiam, por quase um século e meio, realizar a grande aspiração de Ignácio Barbosa. O sonho de Ignácio era um sonho coletivo.

Sebastião José Basílio Pirro foi um engenheiro militar, contratado por Ignácio Barbosa para elaborar a primeira planta da cidade escolhida para ser a nova capital de Sergipe Del Rey. Esse projeto ficou conhecido como o quadrado de Pirro e tinha a forma de um tabuleiro de xadrez. Havia extrema simetria na planta, que foi planejada com um quadrado de 32 quadras, e ruas com 110 metros, ou seja, diferente de outras cidades, Aracaju não nasceu do crescimento espontâneo, foi planejada para ser a sede do Governo. A planta desenhada pelo engenheiro possuía um ponto central, era a Praça do Palácio, atual Praça Fausto Cardoso, onde hoje encontramos o Palácio Museu Olímpio Campos, mas o plano se desenvolveu onde era a Alfândega, atual Centro Cultural de Aracaju, na Praça General Valadão (IPHAN, 2014).

A partir de seu gesto, Ignácio Barbosa foi o responsável para que o estado de Sergipe se viabilizasse como um estado que deu certo. Ignácio, com a vocação dos homens que pensam no futuro, largou o conforto de São Cristóvão, que já era uma cidade estabelecida; percebeu que

o futuro dependia da mudança da capital e conduziu aquela mudança para Aracaju.

JAF repetia uma máxima, que a história só é feita pelos teimosos, ousados, corajosos e pelos que creem sempre. JAF seguiu as pegadas de Ignácio Barbosa. As tomadas de decisões para a consecução deste projeto do porto, o Terminal Marítimo Ignácio Barbosa, foram tomadas ainda no seu primeiro governo. Já estava pronto naquela ocasião, um projeto completo, contratado à Sondotécnica, sob a orientação da Portobras, pelo Governador Augusto Franco. Aquele estudo optava pela solução em oceano aberto, demonstrando ser a solução estuarina incompatível em termos técnicos e custos. Naquela ocasião a Portobras estava em grande crise financeira e o Ministro dos Transportes, Cloralino Severo, anunciou que não havia condições de arcar com a construção do porto que estava orçado em 240 milhões de dólares (ALVES FILHO, 1994).

JAF, na mesma ocasião, em 1985, procurou o General João Baptista Figueiredo, Presidente da República (1979-1985), que não mostrou nenhum tipo de entusiasmo com a obra. Segundo JAF, o general como administrador, paradoxalmente, não se entusiasmava com nenhum tipo de obra.

Indicado por seu antecessor, Presidente Ernesto Geisel, João Baptista Figueiredo, concorreu para presidente, na eleição de 1978, pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), na chapa com Aureliano Chaves para vice-presidente.

Os adversários de Figueiredo eram o general Euler Bentes Monteiro para presidente, com Paulo Brossard para vice-presidente, ambos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Com 355 votos (61,1%) contra 226 dados a Monteiro (38,9%), foi eleito pelo Colégio eleitoral. Em sua posse, João Baptista Figueiredo em 15 de março de 1979, pronunciou a famosa frase em que dizia que faria *deste país uma democracia*.

Ainda no seu primeiro governo, JAF buscou ajuda da Petrobras com o mesmo objetivo, financiar o porto e foram realizados novos estudos para baratear o projeto e torná-lo viável economicamente. Foi contratado uma empresa de consultoria, Hidroservice, e por três anos de muito trabalho técnico, conseguiram reduzir em 50% os custos do projeto original, com solução técnica que atenderia às necessidades.

José Sarney de Araújo Costa, nascido José Ribamar Ferreira de Araújo Costa é um advogado, intelectual e escritor brasileiro, membro da Academia Maranhense de Letras. Foi o 31º presidente do Brasil de 1985 a 1990. E foi até ele, novamente com o *pires na mão*, que JAF dirigiu-se. Eram amigos e desta feita, o presidente, que sempre se preocupou com Sergipe e com o Nordeste, o recebeu calorosamente.

Sarney, enquanto governador do Maranhão, conseguiu viabilizar o famoso Porto do Itaqui que mudou a economia daquele Estado e, certamente, teria mais sensibilidade que o presidente anterior. Entretanto, o Ministério dos Transportes não tinha recursos e JAF voltou a pedir ajuda à Petrobras.

Sergipe conseguiu do Presidente Sarney a concessão do Porto diretamente para o Estado e não para a Portobrás, e autorizou também que a Petrobras se consorciasse à Sergipe, adiantando os recursos necessários para a construção do porto.

No segundo mandato de JAF, as obras foram aceleradas e Sergipe buscou junto à União, a legalização para a concessão, construção e exploração do terminal.

JAF aproveitou a oportunidade da Lei dos Portos (Lei nº 8.630/93) e o poder público permitiu que a empresa Vale do Rio Doce passasse a operar terminais marítimos. A partir de 26 de outubro de 1994, passou a assumir o controle operacional do terminal. A partir de novembro do mesmo ano iniciaram-se as operações da Vale do Rio Doce no Terminal Marítimo Ignácio Barbosa, localizado em Barra dos Coqueiros-SE. A Ministra Margarida Coimbra Nascimento assinou o decreto definindo a condição de Porto Privativo (FELIPE JUNIOR, 2017).

A partir de então, o terminal marítimo tornou-se o primeiro porto organizado dentro da nova legislação do setor portuário. Oficialmente a entrega do porto, que se chama Ignácio Barbosa em homenagem ao seu idealizador no século XIX, foi no dia 20 de dezembro de 1994 com a presença de Seixas Dória, ex-governador de Sergipe e conselheiro da Vale do Rio Doce; o ex-governador Sebastião Celso de Carvalho;

**A partir de seu gesto,
Ignácio Barbosa
foi o responsável
para que Sergipe
se viabilizasse
como um Estado**



o ex-governador José Rollemberg Leite, entre outras autoridades locais e nacionais.

No fim da mesma década, graças ao porto, Sergipe começou a diversificar sua economia industrial, a partir da instalação de empresas de alimentos e bebidas, de equipamentos agrícolas, de irrigação etc., fomentando a economia do Estado (FIES, 2015).

Graças ao Porto de Sergipe com tarifas reduzidas é que foi viabilizado o Platô de Neópolis, que gerou 20 mil empregos. O Platô somado aos demais perímetros, Jacarecica II em Malhador e Califórnia II, ao lado da Hidroelétrica do Xingó, todos irrigados pelo governo de Sergipe através do Projeto *Chapéu de Couro*, garantiram dezenas de milhares de empregos.

Próximo da inauguração do porto, o Secretário Luiz Durval recebeu a visita de sindicalistas da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Eles exigiam, sob pena de não inaugurar a obra, a contratação de 1300 homens, para operar o porto. Durval argumentou que eram no máximo 70, que o porto necessitaria, e não estava entendendo aquela pressão e ameaça. Ora, o raciocínio de JAF sobre tarifas reduzidas do TMIB, não convenceu os estivadores. Alguns políticos estimularam passeatas e a pressão dos sindicalistas da CUT, que vieram do Sul do país, foi enorme. Fizeram um forte *lobby* e exigiam do Presidente da República, para que JAF recuasse e entregasse o gerenciamento do porto para os sindicalistas e estivadores, que se beneficiariam e encareceriam as operações.

JAF chamou o Secretário de Segurança e deu a ordem: os sindicalistas não poderiam chegar a dois quilômetros de distância do local e sem confusão, sem agressão, sem manchetes de tragédias no dia seguinte. O clima era de tensão e apreensão. Tudo aconteceu dentro da ordem e da máxima normalidade: porto inaugurado.

Sergipe, através de JAF, quebrou paradigmas, com gesto audacioso e assumindo uma atitude que deveria ser norma e não exceção, na prática portuária brasileira, inaugurou um porto moderno e de baixo custo tarifário.

POLO CLOROQUÍMICO

O governador implantou ainda, com recursos próprios estaduais, a infraestrutura do Polo Cloroquímico montado sobre o tripé Nitrofertil, Potássio e o Porto *offshore*. Paralelamente, cinco distritos industriais,

em municípios estratégicos, foram montados com o objetivo de atrair capitais estrangeiros e dinamizar a potencialidade regional.

Para viabilizar o Polo Cloroquímico foi realizada a duplicação da Adutora do São Francisco, porquanto a necessidade de elevado volume de água que também ampliaria o sistema de abastecimento de Aracaju. Na ausência de recursos de órgão financiadores e com um orçamento da construção de 150 milhões de dólares, ou seja, o dobro da capacidade de endividamento do Estado, a obra quase tornou-se inviável, para o desespero de JAF. Era um teimoso e não sossegaria se não conseguisse.

Paralelamente, a Companhia de Saneamento de Sergipe, a DESO, realizava estudos e lhe trouxe duas boas notícias: a descoberta de uma super-reserva de água subterrânea localizada no Ibura, próximo a Aracaju, e a localização de um lençol subterrâneo maior ainda, ao lado da área do Polo Cloroquímico. Por sorte do destino, o Polo pôde então ser viabilizado com este excesso de água disponível e os orçamentos caíram para 15 milhões de dólares para a implantação de 24 poços, além da grande adutora de captação, com dois imensos reservatórios. Tudo conquistado com recursos próprios (ALVES FILHO, 1994).

Naquela época o Governo Federal anunciou a extinção da Petro-misa, empresa de potássio argumentando a sua inviabilidade. A luta que JAF travou junto com Albano Franco, foi no sentido de impedir que Collor, o então presidente, extinguisse a empresa e a transferisse para a Vale do Rio Doce. Conseguiram convencer o presidente e a empresa foi incorporada. Para JAF o caminho no Brasil era incompatível com o pessimismo e a recessão.

TURISMO EM SERGIPE

Sergipe, sob a luz de JAF no seu segundo governo, foi o Estado nordestino que mais investiu em obras básicas e, proporcionalmente, o Estado que mais investiu em infraestrutura no Brasil.

Nesta gestão, JAF elegeu o turismo como uma de suas prioridades por entender ser uma de suas principais fronteiras econômicas e grande promessa de suporte ao desenvolvimento do estado de Sergipe, criando empregos, renda e distribuição dos benefícios gerados.

Nesta gestão, JAF deu atenção ao aeroporto que era minúsculo, acanhado, desconfortável e perigoso. Aliás, era um dos três mais perigosos do país, segundo os pilotos das empresas aéreas que o

utilizavam. Operava apenas com aviões de pequeno porte, meras escalas de voos comerciais indo para outros pontos. Não seria possível se pensar em receber grandes aeronaves, em voos diretos de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e muito menos do exterior. Para enfrentar o verdadeiro desafio que era o aeroporto de Aracaju, o primeiro grande obstáculo era rebaixar o morro que à frente de uma das cabeceiras, impedia a ampliação da pista. Há vários anos, governadores planejavam sem êxito, a superação do obstáculo que parecia intransponível.

Para a realização dessa importante obra, foi preciso rebaixar aquele grande morro e a terra retirada dali, foi descarregada em uma enorme área anexa ao local, para terraplanagem de um conjunto habitacional de cinco mil casas, com toda a infraestrutura básica para a população de baixa renda.

Assim, o aeroporto de Aracaju foi modernizado, e passou a ser considerado internacional, com a sua pista ampliada com mais 500 metros para poder receber aviões de qualquer porte, inclusive os voos *charter* vindos da Europa e das Américas. Construiu como anexos, um espaço maior para a Polícia Federal e para a Alfândega para atender as exigências de voos internacionais. O aeroporto foi dotado de um novo estacionamento mais amplo e confortável e no qual teve-se o cuidado de preservar a natureza.

Foi necessário construir, também, novas vias de acesso ao aeroporto, entre elas uma nova avenida, com 4,5 km de extensão, servindo também ao Conjunto Santa Tereza. Esta nova via foi chamada Avenida Hildete Falcão Baptista, em homenagem à grande benfeitora da infância carente de Aracaju no Instituto Lourival Fontes, esposa do Senador Lourival Baptista.

Além do aeroporto, foi implantado o trem turístico ligando Aracaju à histórica cidade de São Cristóvão. Era um moderno comboio com ar refrigerado, janelas panorâmicas, poltronas reclináveis e serviços de bar. Naquela ocasião, Sergipe era o terceiro estado do Brasil a incrementar o turismo ferroviário. Uma vez o turista em São Cristóvão, teria a oportunidade de fazer bucólicos passeios de charrete pelas históricas ruas da quadricentenária cidade, visitando igrejas e museus.

O turismo em Sergipe ficou a cargo do Secretário de Estado, José Sales Filho, um executivo da área de hotelaria, que já havia sido presidente da Emsetur no primeiro governo de JAF (1983 a 1987) e

agora assumia a Secretaria de Estado de Turismo (1991 a 1995). Sales, portanto, teve uma atenção diferenciada com obras e projetos, através de empréstimos, com o apoio do Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur), em parceria com o BID.

Foram construídos seis modernos catamarãs que percorrem até os dias atuais, os belíssimos estuários dos rios, cânions do Rio São Francisco, magníficos manguezais e regiões de beira-mar. Ou seja, com aquela iniciativa, Aracaju tinha uma nova atração para turistas, os moderníssimos catamarãs, que viabilizaram a exploração do turismo ecológico em Sergipe, descortinando as belezas virgens dos rios Piauí, Vasa Barris, Sergipe e São Francisco.

JAF também construiu o moderno centro de convenções de Sergipe, e projetou a construção do Teatro Tobias Barreto (TTB), ao lado do Centro de Interesse Comunitário Ministro José Hugo Castelo Branco (CIC) para compor a infraestrutura necessária ao apoio logístico de reuniões turísticas e eventos.

O TTB foi idealizado durante aquele governo de João Alves Filho. A ideia era que, com a finalização do teatro, Sergipe tivesse um espaço que pudesse fazer frente aos maiores teatros da região Nordeste.

E toda essa grandiosidade era fruto de um anseio secular, foi o que avaliou o pesquisador Luiz Antônio Barreto. Para ele, desde o início do século XX, a população aracajuana já aguardava por uma casa de espetáculos de grande porte:

A sociedade sergipana alimentou por muitas décadas a ideia de ter um teatro para atender as necessidades artísticas e que acolhesse as companhias nacionais. O primeiro teatro de Aracaju foi o Carlos Gomes, de 1903, e em 1912 o nome dele foi alterado para Teatro Rio Branco, já como cineteatro. Ele recebia um público de até 400 pessoas (BARRETO apud GUIMARÃES; SUSANNA, 2012).

O Teatro Tobias Barreto destaca-se em Sergipe, enquanto obra arquitetônica pertencente ao patrimônio público, de valor universal, do ponto de vista da arte e da ciência. O prédio foi projetado pelo arquiteto Rui Carvalho de Almeida e destaca-se pelas formas geométricas bem definidas, tanto na fachada quanto nos espaços internos.

Quando foi feita a licitação das obras, a construtora que ganhou o processo comprou todo o equipamento necessário para adiantar a construção, mas JAF saiu do Governo e Albano Franco, que o sucedeu, preferiu acompanhar todas as etapas com mais cautela. Apesar da demora de dois governos estaduais, para que a obra fosse concluída, a sociedade sergipana recebeu apenas no ano de 2002, o TTB completamente finalizado (GUIMARÃES; SUSANNA, 2012).

OUTRAS REALIZAÇÕES

Era do conhecimento de todos que JAF era amigo e fã do arquiteto urbanista Jaime Lerner e com um projeto deste, construiu a incrível Rua 24 Horas, ligando o Parque Teófilo Dantas ao Calçadão da Rua Laranjeiras. Era a segunda do país, um projeto ambicioso, inspirada em uma rua com o mesmo perfil em Curitiba. Com sua visão futurista, ele acompanhava uma tendência internacional e revitalizou as ruas do comércio no centro da cidade, gerando centenas de novos empregos e atraindo turistas para a região. Jaime Lerner já tinha sido seu parceiro na década de 70 quando JAF implantou em Aracaju a segunda Rua de Pedestres do país; a primeira foi em Curitiba, projetada por Lerner, quando este foi prefeito daquela capital.

Destaca-se também a ousadia do Platô de Neópolis, o mais moderno projeto de irrigação do Norte/Nordeste, de fruticultura irrigada. Este projeto era da ordem de 7.250 hectares irrigados, em parceria com 29 grupos empresariais de oito Estados e gerou quase 20 mil novos empregos permanentes na produção de frutas tropicais para exportação.

Este projeto suscitou muitas manifestações positivas, no plenário em Brasília, do Senador Lourival Baptista. Despertou a curiosidade do ainda candidato à presidência da República, Fernando Henrique Cardoso, que veio conhecer os detalhes do Projeto *Platô de Neópolis*, para estudar sua aplicação em outras regiões do país.

O Governador JAF revitalizou e ampliou os perímetros irrigados: da Ribeira, que leva o nome dele; de Jacarecica, que leva o nome de José Carlos Machado; Jabiberi e o Projeto *Califórnia*, existentes desde o seu primeiro governo, através do Projeto *Chapéu de Couro*. A abertura de novos poços; construção de aguadas e cisternas e atingiu a importante marca de 1.760 km de adutoras no Estado, uma extensão igual à Rodovia Rio-Bahia com mais de um metro de adutoras por habitante,

formando a maior malha de canais de todo o Brasil e maior do que todo o resto de adutoras do Nordeste inteiro, somadas. Para tanto tiveram que buscar especialistas e pesquisar muito, pois não detinham a tecnologia que existe na atualidade com a ajuda dos satélites. Naquela ocasião, os projetos eram feitos no papel com muitos cálculos feitos por bons engenheiros.

A Unicef, órgão da ONU, fez um elogio público, recomendando as ações realizadas em Sergipe para países similares, considerando que, por suas constatações, este Estado alcançou a menor taxa de mortalidade infantil no Nordeste e semelhante aos índices dos Estados do Nordeste, graças ao fato de Sergipe ter, naquela ocasião, 1 km de adutora por cada habitante.

A água que chegava a todas as sedes municipais no Estado e a mais de 90% dos povoados sergipanos é tratada com a mesma qualidade da água servida em Aracaju. Em decorrência destas ações de abastecimento de água e saneamento básico, Sergipe se orgulhava, naquela ocasião, de ser o segundo Estado brasileiro, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), com o menor índice de favelas e de ter alcançado o controle da cólera.

PROJETO PLATÔ DE NEÓPOLIS

Em uma região totalmente inóspita, entre as cidades de Neópolis, Santana de São Francisco, Pacatuba e Brejo Grande, foi implantado o Projeto *Platô de Neópolis*, uma iniciativa pioneira no Brasil de parceria entre Governo e iniciativa privada, para irrigar 7.200 hectares destinadas à fruticultura irrigada de exportação e de suprimento à agroindústria de frutos.

O *Platô de Neópolis* era um projeto muito ambicioso. José Carlos Machado não acreditava que pudessem fazer aquela obra até a conclusão da gestão de JAF, frente ao Governo do Estado. Mas não havia por que discutir o desejo de JAF, que era teimoso e insistia que seria possível, sim. Outro que acreditava muito que seria possível construir e fazer funcionar, era o Secretário da Agricultura, Edmilson Machado de Almeida.

Localizado em uma das áreas socialmente mais pobres do Estado, devido à falta de recursos hídricos suficientes para o desenvolvimento das propriedades rurais ali situadas, a construção de adutoras e a

canalização das águas do São Francisco vieram irrigar uma extensão de terras de mais de 7.200 hectares. Lá foram construídos, 56 km de estradas de serviços e uma malha muito grande de canais de irrigação, tornando fértil aquela região. Naquele solo, rico em componentes indispensáveis ao cultivo, faltava apenas a bênção de água abundante para produzir o que iria exportar em sua primeira safra de 1996, como laranja, acerola, tangerina, banana, e depois até uvas selecionadas, para concorrer, em qualidade, com aquelas que o milagre das águas do São Francisco vem produzindo em pleno sertão pernambucano, na região de Petrolina.

Enfim, a obra ficou pronta. As obras de infraestrutura do empreendimento foram concluídas no tempo recorde de 18 meses.

O Platô de Neópolis foi inaugurado em final de dezembro, em concorrida solenidade, da qual participaram o vice-presidente da República, então Senador Marco Maciel, o Senador José Sarney, o então Ministro da Integração Regional, Aluizio Alves, os governadores eleitos da Bahia, Paulo Souto, e de Alagoas, Divaldo Suruagy e vários Parlamentares dos dois Estados. Também se fez presente, o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, considerando o interesse de empresários daquele Estado, pois tratava-se de um empreendimento de parceria mista entre o Governo Estadual, responsável pela implantação de infraestrutura e a iniciativa privada, com a parte de manutenção e investimentos produtivos, para a qual haviam formado um condomínio empresarial (GAZETA DE SERGIPE, 1994).

PROGRAMAS SOCIAIS REALIZADOS POR MARIA

Este intrépido sergipano, JAF, concebeu uma política social no seu Governo Estadual, com ações de curto, médio e longo prazos e contava com a devota e abnegada atuação de uma atuante primeira-dama, Maria do Carmo do Nascimento Alves.

Maria do Carmo assumiu uma postura de quem já tinha um projeto político próprio. Ela já era vista como uma forte liderança, que se refletia nas suas ações, na periferia de Aracaju e no interior do Estado.

Nessa área da ação social, o governo de JAF realizou muitos projetos, graças aos trabalhos pioneiros que foram dirigidos pessoalmente pela obstinada esposa do governador. Neste segmento destaca-se o Projeto *Pró-mulher*, um programa corajoso e audacioso que atendeu

mais de 150 mil mulheres carentes, algumas que jamais tinham ido a nenhum médico, em toda a sua vida. O programa proporcionava assistência dentária, oftalmológica e ginecológica. As mulheres atendidas recebiam um kit de higiene e todos os medicamentos receitados pelo médico que as examinaram. Era um programa educativo e preventivo que efetivamente salvou muitas vidas diagnosticando, algumas vezes precocemente, câncer de colo de útero e de mama.

A primeira-dama realizou um brilhante trabalho na Secretaria da Ação Social e recebeu vários títulos e prêmios de reconhecimento pelo trabalho educativo e assistencial que desenvolveu junto à população, com reconhecimento público pela Unicef, conceituado órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), que recomendou ações realizadas em Sergipe para outros países similares ao nosso, por termos atingido, naquela ocasião, a menor taxa de mortalidade infantil do Nordeste, reduzindo em 50%, os índices anteriores, em quatro anos do governo de JAF.

Maria sempre acreditou que não bastava abrir avenidas e estradas, pois a cidade não é feita de pedra, mas de gente, com alma. E é para as pessoas que temos que trabalhar e proporcionar uma melhor qualidade de vida, inclusive gerando emprego para os jovens. Tem que ter harmonia entre o homem e a cidade. Não se preocupar apenas com ruas e saneamento básico, mas investir com visão holística no cidadão, exercitando a solidariedade com as pessoas que transitam nas avenidas da vida.

Na capital sergipana, foi desenvolvido o Programa *Meninos e Meninas de Rua* que eram abrigados no Albergue Colmeia, que lhes oferecia alimentação, cuidados de higiene e pousada, além de encaminhá-los para projetos de profissionalização. A média de atendimento mensal era de aproximadamente 500 casos, e mais de 10 mil crianças foram atendidas por este programa.

A Casa Irmão Sol foi criada para fornecer abrigo e alimentação para pessoas desassistidas em trânsito para outras cidades.

Dentre alguns dos mais importantes programas sociais do Governo de Sergipe, estava o de *Hortas Comunitárias* distribuídas pela periferia

**O Governador
JAF revitalizou
e ampliou os
perímetros
irrigados**



de Aracaju. Os produtos dessas hortas, que tinham o apoio técnico e financeiro da Fundese, eram vendidos por seus produtores. Havia também os Grupos de Produção, que ocupavam mais de 2.500 pessoas que se dedicavam ao artesanato e, especialmente, aos bordados.

Colocou para funcionar 16 postos fixos, nos quais a Fundação de Desenvolvimento Comunitário de Sergipe (Fundese) servia, todos os dias, cerca de 5.000 refeições aos desempregados.

A Fundese também mantinha um eficiente programa de creches domiciliares. A dinâmica era a seguinte: residências particulares, devidamente adequadas à finalidade, recebiam crianças até seis anos que ficavam aos cuidados daquela dona de casa. Pelo serviço, as donas de casa recebiam, entre outros benéficos, alimentação para as crianças, inclusive para ela. Este programa se revelou mais econômico do que as creches convencionais. Enquanto isso, a Fundação Renascer desenvolvia vários programas, destacando-se a Creche Escolar, com atendimento anual de 5.000 crianças, iniciação ao trabalho, proteção especial, recreação e lazer, saúde e nutrição, atividade rural e programas culturais diversos.

O trabalho de desfavelamento em Aracaju, também foi uma iniciativa da primeira-dama, conhecida pelo povo como D. Maria. O trabalho aconteceu principalmente na periferia da capital.

No final do governo de JAF, o IBGE apontava Sergipe como um dos dois Estados brasileiros com menor número de favelas, graças ao esforço do Governo de dar um teto digno a quatro mil famílias, que foram alcançadas pelo reconhecido programa humanitário.

SEGURANÇA, EDUCAÇÃO E SAÚDE

Segurança, uma área nevrálgica em todos os governos, mereceu muita atenção na sua gestão, dotando as Polícias, Civil e Militar, de mais gente, mais equipamentos, mais acomodações, mais viaturas.

Criou a Escola de Polícia e colocou para funcionar uma moderna Delegacia Especial de Turismo, em frente à orla marítima, assegurando a proteção e bem-estar dos visitantes.

A preocupação de todo pai e toda mãe é oferecer uma boa educação para os filhos. JAF soube priorizar o ensino público.

Foi implantado um projeto piloto de modernização de escolas públicas a partir de dois colégios que foram reequipados, dotando-os

inclusive de cursos de informática, o que era uma novidade nas escolas, para que aqueles jovens pudessem ter oportunidades de competir, em igualdade de condições, com aqueles mais afortunados.

Durante dois anos e meio foram mantidos longos entendimentos com o Banco Mundial, de forma a inserir o estado de Sergipe no Projeto de Educação Básica para o Nordeste. Foi elaborado um Plano de Ação que mereceu elogios desde o Ministério da Educação até o próprio Banco Mundial, que aprovou um programa que destinou para Sergipe U\$ 31 milhões.

Construiu o maior colégio de Aracaju, no centro da cidade, com capacidade para 5.000 alunos e mais 17 novas escolas na Grande Aracaju, em um trabalho exemplar, criando vagas para mais 15 mil novas matrículas.

Em uma iniciativa única no Nordeste, até aquele momento, e que se iniciou enquanto foi prefeito de Aracaju, JAF recriou o Almoço Escolar. Era um programa que proporcionava aos alunos merenda e almoço ao meio-dia aos que saíam da escola, e às 12h30 aos que chegavam para as aulas no turno da tarde. Ele foi estendido gradativamente para cerca de 30 escolas, fornecendo alimentação a 55% delas, situadas na periferia de Aracaju.

Recuperou e reativou todos os centros e postos de saúde de Aracaju e duplicou o hospital João Alves de 125 leitos originalmente, para 254. Os leitos pediátricos eram 38 e passaram a ser 50. Reequipou e ampliou as salas de Raio X, UTI, entre outras, e o Pronto Socorro. Contratou mais 600 profissionais para dar reforço à equipe de atendimento.

No interior do Estado houve a implantação de Distritos de Saúde, construção, recuperação e ampliação de hospitais e de postos de saúde, de sorte que pudessem reduzir a demanda de pacientes para a rede hospitalar de Aracaju.

O governo de JAF promoveu a recuperação, com posterior abertura e funcionamento da rede básica de saúde da capital sergipana com 19 Centros de Saúde, distribuídos estrategicamente. O Adauto Botelho foi reformado, assim como o Banco de Leite Humano e o Instituto Parreiras Horta, este último qualificou e elevou os seus exames laboratoriais de 3 mil para 20 mil exames por mês.

CULTURA E ESPORTE

Ele era um homem preocupado com o patrimônio artístico e cultural do sergipano. Por sensibilidade soube dar prioridade e recuperar

prédios como o Conservatório de Música, proporcionando condições de atuação plena e profissionalizada à Orquestra Sinfônica de Sergipe; o Arquivo Público; a Academia Sergipana de Letras; a Cultura Artística; o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e o Centro de Criatividade, tanto nos aspectos físicos dos prédios dessas entidades culturais, como o de proporcionar-lhes condições gerais para o seu pleno funcionamento.

CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS

JAF, sempre inovador, fez através das Secretarias da Educação e da Secretaria da Fazenda, a Campanha *Gol da Sorte* que, pela troca de notas fiscais, proporcionou aos clubes de futebol saírem das dificuldades financeiras em que se encontravam. Esta campanha tornou-se modelo para todo o Brasil, frente ao sucesso alcançado. O estádio Batistão foi totalmente transformado, inclusive com a reativação de 12 das suas salas de aula.

Enfim, *contra fatos não há argumentos*, era o slogan das realizações do seu Projeto *Capital* durante aquela sua gestão e *Sergipe: mãos à obra*, foi o *slogan* do seu governo. João fez e mostrou o que realizou. Conseguiu mudar a paisagem da capital e a qualidade de vida do sergipano.

No quesito marketing, o governador era imbatível e fazia campanhas de propagandas inteligentes que se encarregavam de enaltecer as suas realizações.

O HOMÔNIMO E ABORRECIMENTOS

Em outubro de 1993, José Carlos Alves dos Santos, ex-assessor da Comissão de Orçamento da Câmara, denunciou o envolvimento de parlamentares, ministros, governadores e empreiteiras em um esquema de corrupção montado na comissão. Entre os supostos envolvidos, encontrava-se o governador sergipano. Em seu depoimento, José Carlos afirmou que este último costumava frequentar a casa do Deputado Federal João Alves (PFL-BA), acusado de chefiar o esquema de manipulação do orçamento da União, encarregado de distribuir entre os parlamentares propinas recebidas em troca de emendas incluídas no orçamento e verbas para instituições e empreiteiras. Mais aborrecimentos para o governador.

É difícil um homem público ficar à salvo de dúvidas e questionamentos, muitas vezes factóides, para colocar fumaça nas circunstâncias e desviar a atenção de focos e pontos principais e assim, também, envenenar a opinião pública.

Defendendo-se de tal acusação, JAF confirmou ter conversado com seu homônimo da Bahia, da mesma forma como havia conversado com relatores do orçamento de outros períodos, considerando normal um governador falar com o relator de uma comissão. Passou, mas aquele fato lhe deu muita dor de cabeça naquela ocasião (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Em janeiro de 1994, mais problemas, pois a CPI do Orçamento, instalada em outubro do ano anterior, questionou as autorizações dadas pelo Ministério do Interior em 1989, para a liberação de 40 milhões de dólares em subvenções sociais. O relator da CPI do Orçamento, Deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), sugeriu que o caso do governador fosse remetido ao Ministério Público, pois, embora não houvesse provas de sua ligação com a máfia do orçamento, fora detectado o aumento de seu patrimônio em 1990, e sua renda declarada no ano fora considerada insuficiente para cobrir todas as despesas constatadas (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Não é fácil estar na posição de liderança. Era mais uma dor de cabeça e um imbróglio para administrar, pois era o titular da pasta na época. JAF foi acusado de liberar verbas utilizando como único critério a lista de entidades e prefeituras apresentada pelo Deputado João Alves.

De acordo com o Senador Garibaldi Alves (PMDB-RN), os membros da CPI estavam convencidos de que as liberações serviam ao esquema de corrupção no orçamento, mas não tinham condições de afirmar se JAF participava, ou não, desse esquema enquanto ministro (MAGALHÃES; MORAES, 2014). Superou e foi considerado inocente.

Livre das acusações, permaneceu no cargo de governador, preparando-se para a sucessão estadual que ocorreria no final de 1994.

Articuladas as alianças, o candidato apoiado pelo Governo do Estado seria o Senador Albano Franco, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB).

Durante a campanha, JAF ficou impedido de subir ao palanque de Albano porque, segundo os marqueteiros, Jackson Barreto, na capital, seria uma figura mais forte e a presença de JAF prejudicaria a campanha de Albano.

Realizada a eleição no dia 3 de outubro, Albano e Jackson Barreto, candidato do PDT, alcançaram votações semelhantes, o que levou a

disputa para o segundo turno. Albano Franco foi derrotado em um pouco mais de mil votos para o ex-prefeito de Aracaju, Jackson Barreto (PDT). Apesar da pequena vantagem obtida no primeiro turno, o candidato petetista foi derrotado no pleito realizado em 15 de novembro, no segundo turno, graças a entrada decisiva de JAF com Maria do Carmo na campanha, do contrário Albano teria perdido aquelas eleições. Os marketeiros se enganaram, Maria era tão forte quanto Jackson na capital. Ou mais!

E foi assim que em 1994, João conseguiu eleger seu sucessor ao Governo do Estado. No dia 31 de dezembro, JAF encerrou o seu mandato, estava exausto, porém realizado. Honrou todas as promessas de campanha e um bocado mais (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Após o período de gestão de JAF, o Senador Albano Franco com o seu vice, José Carlos Machado (PFL), assumiram o Governo sucedendo o Negão. Franco renunciou a metade restante do seu mandato no Senado e o seu suplente, José Alves do Nascimento, assumiu a sua cadeira conforme acordo feito quatro anos antes.

JAF quando passou o Governo para o seu sucessor, Albano Pimentel do Prado Franco, no seu discurso de transmissão de cargo enfatizou que estava deixando Sergipe com:

a maior renda per capita do Nordeste; o menor índice de mortalidade infantil; o menor índice de inadimplência do sistema bancário; total controle da cólera; a construção do porto mais competitivo do Norte e Nordeste; o único estado que construiu com recursos próprios o seu Polo Cloroquímico; o que mais investiu em turismo; o que mais investiu com recursos próprios em fruticultura irrigada; a maior extensão de adutoras do país; a capital com menor número de favelas; a maior densidade de esgotos e de longe a melhor servida de água na região (ALVES FILHO, 1994, p.176-177).

Sim, fora JAF que conseguiu tornar Albano Franco governador e este agora recebia um Estado saneado e próspero, com a mais elevada renda *per capita* do Nordeste e o menor índice de inadimplência bancária que refletia os bons ventos que aqui sopraram na gestão de *João Chapéu de Couro* (SEAD, 2020).

Naquela noite, JAF dormiu o sono dos justos. Colocar a cabeça no travesseiro, com a sensação de missão e dever cumpridos, é altamente

gratificante e prazeroso. Sensação gostosa. Mas esta paz interna era só até JAF deslumbrar mais um desafio. Sonhou novos sonhos naquela noite.

PONTOS DE VISTA

No final do seu governo, publicou o livro *Pontos de Vista* (ALVES FILHO, 1994). Trata-se de uma coletânea de ensaios e pronunciamentos onde podemos perceber a transmissão da sua experiência vitoriosa como um administrador público. Nesta obra JAF demonstra a sua imensa capacidade de servir e um espírito público singular. Sua personalidade inquietada por natureza nos desvela a sua vocação para edificar sonhos que ele concretizou com o decorrer do tempo e atestados pela sua exímia carreira política em Sergipe.

O economista, Divaldo Suruagy (1937-2015), político e ex-governador de Alagoas em três gestões (1975 a 1978, 1983 a 1986 e 1995 a 1997), afirmou na orelha deste livro que JAF *sempre foi destituído de vaidades, fez da atividade política uma preocupação permanente de concretizar as aspirações maiores da sociedade sergipana, a defesa intransigente do desenvolvimento nordestino e brasileiro.*

A percepção de Divaldo era correta, o seu amigo JAF sempre colocou seu estilo de personalidade em tudo que se dedicou, superando a mesmice das coisas e dos fatos comuns.

JAF possuía a vocação do talento nobre e da excepcionalidade. Ele, antes de todos os cargos que assumiu, sempre foi um homem aguerrido e destemido, quer como engenheiro e empresário, quer como político e realizou tudo o que sonhou de maneira egrégia e notável.

Os pronunciamentos que reuniu neste seu livro nos obriga a perceber a sua admirável trajetória, descortinando os pensamentos de um visionário e observador perspicaz. O Nordeste sempre esteve com JAF, e nesta obra não é diferente: não somente pelos temas, mas também pelo enfoque que ele oferece às questões que continuamente nortearam as suas maiores inclinações sociais.

Ele faz do paradoxo algo nobre: consegue magistralmente coligar o aspecto regional com a sua perspectiva universal. Observa-se que JAF sempre enxergou Sergipe com a sua ótica de nordestino, de maneira hábil e com altivez. Ao publicar esse livro, ele nos edifica uma louvável obra, e com a sua escrita e os seus pontos de vista, revela o homem JAF.

A descomunal estatura de JAF elucida a convicção de toda a população sergipana que dificilmente teremos um político de tal envergadura e ousadia. Para os nordestinos e em especial os sergipanos, a sua produção revela que durante tempos que ainda hão de vir, ecoarão os efeitos da sua obra que fazem jus ao seu legado, marcado pela sua fundamental ajuda a perpetrar, erigir e registrar a história do Nordeste, da qual foi um incansável defensor.

O livro foi resultado de uma árdua tarefa. Uma verdadeira pesquisa pormenorizada, para cumprir o objetivo de selecionar pronunciamentos abrangentes sobre temas diversos no período de 1990 a 1994, e que

“ É difícil um homem público ficar à salvo de dúvidas e questionamentos

justamente oferecessem subsídios a nós, como leitores interessados em administração e política, o que envolveu também aspectos emblemáticos das provocações de um período governamental.

Lembrar que o seu governo se deu em um momento de grande pessimismo e sentimento negativista nacional. O Brasil teimava em perseguir o caminho da recessão, do desemprego, das denúncias de corrupção, CPI da corrupção, *impeachment*, posse do vice-presidente Itamar Franco em dezembro de 1992, troca de ministros, mudança de prioridades, insegurança, novo plano econômico (Plano Real) estabelecido pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC), cuja nova moeda foi lançada em 1º de julho de 1994, e finalmente nova eleição presidencial que elegeu FHC.

Era este o momento do governante JAF, que sempre se recusou a fazer discursos protocolares ao ter o privilégio de ser ouvido por uma ampla camada da sociedade. É difícil um homem público ficar à salvo de dúvidas e questionamentos, nas temáticas investigadas por ele com afinco e cada assunto abordado era sempre levado muito a sério até ter exaurido em todas as suas variáveis. De um conjunto de quase 300 discursos e conferências, JAF selecionou nove para a composição desse livro publicado.

Ele impediu que seus temas fossem reentrantes e, sobretudo, objetivou explorar assuntos palpitantes e contemporâneos. Foi um trabalho dificultoso, pois se originou sendo fruto de laboriosas transcrições

de áudio, das fitas gravadas por JAF, e com a dedicação do jornalista Raymundo Luiz em fazer uma revisão e uma análise meticulosa dos históricos pronunciamentos que contivessem relevantes elementos a serem abordados no livro.

Raymundo Luiz da Silva é um dos nomes mais marcantes dos primórdios do jornalismo em Sergipe e fez história atuando nos principais veículos de comunicação do Estado.

Raymundo era um amigo muito leal à JAF. Ele nasceu em 28 de setembro de 1929, em Aracaju. Casado com D. Maria de Lourdes, a sua Lourdinha e a quem hoje se dedica com muito afeto diuturnamente, porquanto suas limitações físicas impostas pelas mazelas próprias da idade, se dedica a criar passarinhos, mas continua alimentando o hábito da escrita.

A vida de Raymundo Luiz, em redação de jornal, começou na Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe que publicava a *Gazeta dos Esportes*, no qual passou a escrever a sua história de sucesso na imprensa sergipana. Depois fez parte da equipe dos Diários Associados e tornou-se diretor executivo do *Diário de Aracaju*, fez parte de todos os jornais da capital sergipana, inclusive do *Jornal da Manhã*, fundado por JAF e que trocou o nome em 2001 para *Correio de Sergipe*, e é comandado por João Alves Neto (RADAR SERGIPE, 2019).

Trabalhou na Rádio Jornal de Sergipe em dois momentos, quando ainda era comandada pelo engenheiro Jorge Leite e depois quando a Rádio foi adquirida pelo seu amigo, JAF. Também emprestou sua experiência à TV Sergipe, à TV Atalaia e implantou outras três emissoras em Aracaju, incluindo a TV Aperipê, TV Alese e a TV Jornal, de propriedade do seu amigo JAF (RADAR SERGIPE, 2019).

Raymundo Luiz, um escritor por excelência, com seu texto irretocável, destacou-se na vida pública por redigir discursos para políticos sergipanos. Firmou uma amizade e parceria com JAF e não raro, quando necessário, refinava os seus pronunciamentos ou revisava os seus livros.

Nesse livro, *Pontos de Vista*, destaca-se o reluzente prefácio feito pelo seu querido e saudoso amigo, José Rollemberg Leite, também engenheiro civil e professor universitário e que foi, por duas vezes, governador do estado de Sergipe. No prefácio, ele realça o quanto JAF é

extraordinário em tudo que se dispõe a fazer; não sendo somente um exímio tocador de obras, mas, e, sobretudo, um inventivo em todos os sentidos. Ele exalta também o lado erudito do seu pupilo e diz que:

tudo o que JAF faz, é bem feito. Já eu, homem mais afeito aos números, por força tanto da profissão quanto dos cargos públicos que ocupei, não tenho e sei que jamais terei, a invejável facilidade de João Alves em movimentar-se entre palavras, expressões, citações.

LEMBRANÇAS

No prefácio, José Rollemberg Leite relembra a chegada de JAF na vida pública e traça o contexto histórico que os liga rememorando a fascinante história do seu pai, João Alves, que trabalhou com Leite como sendo ainda, um humilde mestre de obras; enquanto ele, como engenheiro, já tocava diversas obras no Estado. JAF entra em cena, ainda como sendo um jovem estudante de engenharia, na época em que Leite era Diretor do Departamento de Estradas de Rodagens. Realizou um estágio no Departamento, o que causou uma ótima impressão a todos que conviveram com ele, por seus conhecimentos, sua atilada curiosidade, por seu perpétuo desejo de aprender, mais e mais.

Leite, no prefácio, continua lembrando que em 1974, JAF já engenheiro formado, e um planejador formidável, recebeu convite para fazer aquela histórica palestra na Adesg, em função do encerramento de um dos seus disputados cursos. O maravilhoso orador, deu uma aula fantástica sobre urbanismo, planejamento, de coligação hábil entre preservação e desenvolvimento, fator que impressionou a todos os presentes. Entre os que estavam lá, Leite se destaca na plateia, já no quilate de ser o governador do estado.

Aquele jovial engenheiro, de ideias fabulosas e completamente factíveis, marcadas por uma antológica inventividade precisava, segundo ponderou José Rollemberg Leite, ser requisitada além dos seus espaços empresariais, de forma a permitir que mais pessoas (seu povo sofrido nordestino e toda a população sergipana) se beneficiassem de seus notáveis predicados de gerenciador. Nesse derradeiro momento, Leite decidiu o conhecer melhor e lhe fazer um especial convite, do qual JAF foi grato pela vida toda.

Leite como governador do estado, desejava nomear JAF como prefeito da capital, Aracaju, para que ele pudesse justamente aplicar na cidade a fantástica gama de projetos que possuía, e sobre os quais falava com imperecível ânimo. Num primeiro momento, João Alves assustado, recusou prontamente, mas Leite não esmoreceu com tal recusa – ele estava convicto de que precisava daquele jovem idealista e sonhador, JAF. Por nobre insistência, e cobrando coerência de JAF, até porque os empresários eram críticos constantes de políticos e de administradores públicos. Então, fazer tal desfeita, era algo inadmissível.

José Rollemberg Leite relembra estes fatos no prefácio do livro *Pontos de Vista* e diz que, sabiamente, conseguiu dobrar João, para a felicidade e gratidão de todos os sergipanos, e ressalta que ele conseguiu fazer uma eficiente gestão, uma autêntica divisora de águas para Aracaju.

É consenso incontestável de que há a capital do antes e a capital do depois de JAF prefeito, que deu beleza e viço à cidade que viveu seu apogeu e gerou motivo de orgulho, em todo cidadão, de ser aracajuano.

CAMINHOS A SEGUIR: EMPRESÁRIO OU HOMEM PÚBLICO

Ainda naquele prefácio de Rollemberg Leite, ele diz que quando JAF terminou o seu mandato de prefeito, viajou para o exterior procurando por descanso. Da Ilha de Rhodes, dia 18 de abril de 1979, isto é, a um mês da sua saída do cargo, ele escreveu uma decisiva carta para aquele amigo, na qual expunha a sua preocupação sobre o caminho a seguir em sua vida: empresário ou de homem público. Na importantíssima missiva ele afirma:

tenho pensado nas opções de vida a seguir e cheguei à conclusão de que não mais serei exclusivamente um homem de empresa. Esta conclusão não ocorreu de repente, mas em decorrência de longo amadurecimento. Amadureci no sentido profundo da política, que enfim, decide os destinos de um povo, sob qualquer ângulo em que seja examinado, e acho que as circunstâncias me conduzem a um ponto em que me cabe uma parcela de responsabilidade na vida pública, nos destinos da minha comunidade.

A partir desse momento, estava aberta a perspectiva de Sergipe contar com um líder político jovem, entusiasta e capaz de prestar relevantes serviços à sua terra com suas magnânimas contribuições.

Já em setembro de 1979, fez outra carta para Rollemberg Leite que, na verdade, foi um banho de água fria. Ele estava nos Estados Unidos fazendo um curso intensivo destinado aos executivos de empresas, quando informa ter tido conhecimento do abandono de algumas obras suas pela nova administração. Sua crença ficou abalada e se questionou se valeria a pena voltar à vida pública.

Num ambiente de empresários bem-sucedidos, ele relatou a Rollemberg Leite que:

ao estudar-lhes as técnicas, ao ver os caminhos que se abrem para o futuro, sinto-me, guardadas as óbvias proporções, integrado neste contexto e percebo que aí, sim, está a minha opção de vida, onde posso de outra forma, mais de acordo com minhas tendências, com meu temperamento, me realizar e ser útil à comunidade a qual pertença.

O tempo, como percebemos, mostrou que prevaleceria a opção tomada na Ilha de Rhodes, para a felicidade de Sergipe. Ao regressar, retoma a direção da sua empresa, mas, seu nome já era apontado como candidato imbatível ao Governo do Estado nas eleições de 1982. Neste seu primeiro governo, o Projeto *Chapéu de Couro* lhe deu notoriedade e visibilidade para todo o Nordeste: Sergipe era modelo. Transformou-se em Ministro do Interior e em seguida tornou-se governador para mais uma vez deixar sua marca no Estado: as maiores obras de Aracaju e Sergipe têm a assinatura de JAF.

Há muito mais por caracterizar a ação administrativa deste personagem extraordinário na História de Sergipe; desta verdadeira máquina de trabalhar que se contenta com meia hora de repouso, entre uma cidade e outra, onde visitou diversas obras ao longo da sua vida, para retomar o pique acelerado, que sempre foi uma das suas características mais marcantes.

Rollemberg Leite também enaltece com espanto, o fato de no meio de uma preocupação constante com seu sofrido e amado povo, em meio a obras e mais obras, JAF sempre encontrou tempo para ler. Fazia da

leitura um exercício voraz, com curiosidade crescente, tornando-se conhecedor da obra dos intelectuais mais publicados em todo o mundo; e ainda das obras técnicas lhes serviram na sua profícua atividade profissional. Seja na área da administração pública, seja na iniciativa privada, onde também foi um incontestável vitorioso. E ainda conseguiu participar com brilho, em todos os momentos em que se debateram importantes temas no cenário nacional.

José Rollemberg Leite ratificou, como testemunha ocular da história recente de Sergipe, que JAF em todo o seu percurso de sucesso, em tudo que se propôs a fazer, o fez com audácia e confiança irretocável.

JAF esteve presente em momentos de debates de alto nível, sobre temas sempre atuais, no Brasil inteiro, mostrando que Sergipe tem valorosas pessoas aptas a participar das mais complexas decisões em nível nacional. Enfim, seja em sua faceta de homem público ou o ser humano devotado à família e ao Nordeste, JAF continua mais presente do que nunca, pois teceu a história de Sergipe de forma indelével.

Seu principal objetivo ao reunir seus pronunciamentos e discursos naquela coletânea, foi pontuar pontos de vista emitidos por um político, captados diretamente na frente de batalha, ao dirigir um Estado ainda pobre, tendo diante de si imensos desafios.

GOVERNAR: MISSÃO IMPOSSÍVEL

*Aqui jaz um homem que soube ter junto a si,
homens que eram mais inteligentes que ele.*

Andrew Carnegie

JAF, nesse livro, deu seu testemunho sobre os sonhos, as ideias, as emoções, as tomadas de decisão, as surpresas, as variáveis que cercam a fascinante missão de governar.

Ao elaborar aquele trabalho, JAF teve os olhos voltados para a juventude, pela necessidade vital que sentiu de atrair novos valores para a vida política, a fim de se somarem na construção de uma sociedade bem melhor e mais justa do que a geração dele soube construir.

O Brasil e, especialmente, Sergipe, precisam mais do que nunca, sempre afirmou JAF, de talento, criatividade, garra, idealismo e fulgor das almas joviais.

Estes pontos de vista de JAF englobam variados temas, cujo cerne central é a defesa da viabilidade do Nordeste.

Compete ao governador o papel de representante de seu povo. Ventos separatistas vindos do Sul começaram a soprar, frente a omissão de personalidades importantes. Nessa ocasião, Sergipe, através do seu Governador JAF, liderou campanha de repúdio à tese impatriótica e fez veemente discurso na Sudene em 18 de fevereiro de 1992, dizendo não ao separatismo, não aos argumentos preconceituosos contra o Nordeste. Naquela ocasião foi aos órgãos da imprensa nacional defender suas ideias, inclusive no programa de Jô Soares, que o entrevistou.

Sabemos ser importante conhecer os inspiradores de JAF. O dinheiro e a ganância dominam os instintos dos homens, mas, essa não foi a realidade de Andrew Carnegie, que viria a ser aquele que ficou conhecido como um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, o quarto mais rico da História. A fortuna do magnata da indústria do aço chegou ao valor de 310 bilhões de dólares. Carnegie afirmava que um milionário devia envergonhar-se de morrer rico. Pois bem, antes de morrer doou quase 90% de toda a sua fortuna.

Quando questionado sobre como se deve administrar, JAF afirmava que trazia consigo uma frase daquele pouco letrado homem, que construiu um império nos Estados Unidos, e que se transformou em um dos melhores administradores empresariais do mundo. JAF apropriou-se das palavras de Andrew Carnegie e da sua fórmula mágica de sucesso: *meu único mérito foi ter sabido alistar a meu serviço, homens melhores do que eu.*

Nesse livro ele também analisou os limites do liberalismo. Questionava até onde deve ir essa teoria que, na sua condição extrema, prega quase a anulação do papel do Estado na sociedade moderna e cujo dogmatismo, principalmente após a queda do muro de Berlim, tem crescido em prestígio, com ares de verdade absoluta. Ele acreditava que a história nos apontaria o risco desses exageros.

Participou, em Brasília, no Instituto Tancredo Neves de importante debate sobre o tema com a participação do Prof. Hans-Hernann Hope, da americana Universidade de Nevada, em Las Vegas. Fez na ocasião, 23 de novembro de 1993, um discurso sobre o modelo vigoroso que iria vigorar no século XXI, no qual o planejamento estratégico estatal continuaria a ser instrumento indispensável na construção de uma

sociedade mais próspera e com melhor distribuição de suas riquezas. Na sua fala, ele defendia um limite à privatização e enfatizava que o grande desafio do mundo moderno é a criação de empregos.

Um dos capítulos de destaque no presente livro é intitulado Humanismo e Política, um recorte do discurso que JAF fez quando tomou posse na Academia Sergipana de Letras em 28 de maio de 1993, na vigência do seu cargo de governador, oportunidade na qual resgata a sua história de origem e trajetória de empreendedor e líder político.



João Chapéu de Couro, símbolo de uma campanha e projetos bem-sucedidos.



*Geraldo José Nabuco de Menezes, Secretário de Estado,
o Presidente Fernando Henrique Cardoso e o Governador JAF.*



Gilvan Manoel, Djenal Tavares de Queiroz e JAF.



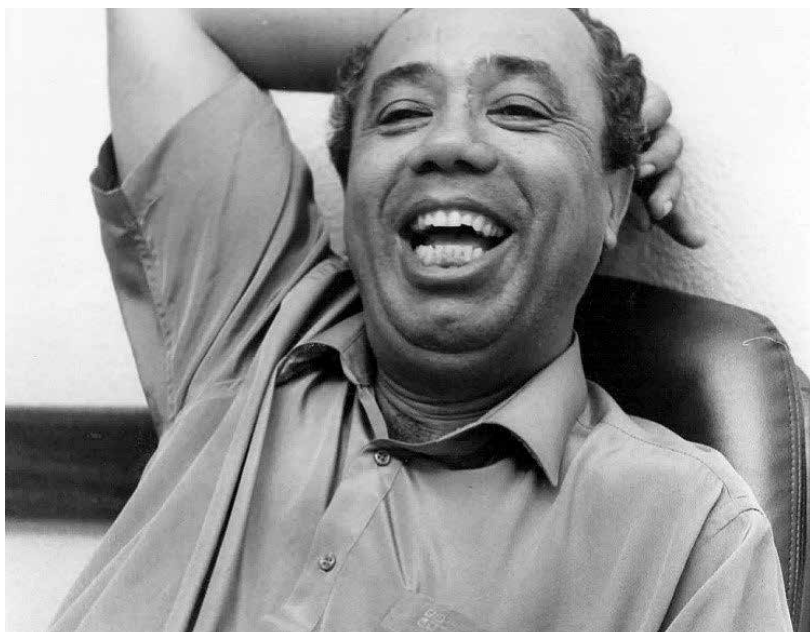
Hildete Falcão, o senador Lourival Baptista, Maria do Carmo e JAF.



JAF visitando as obras de Irmã Dulce.



*O governador JAF visitando o jornalista Nazário Pimentel
no Jornal de Sergipe;*



João Alves e sua risada.

14

OS SONHOS E AS INTEMPÉRIES

*É a direção da vela, e não o sopro da tempestade,
que determina o seu curso na vida.*

Randy Davis

É hora da tempestade. O mar espera silencioso.

Victor Hugo

Três dias depois da saída de JAF do Governo de Sergipe, no dia 3 de janeiro de 1995, o Senador Lourival Baptista (PFL) fez um belo discurso no Senado, sobre o importante projeto de extraordinária inovação tecnológica, em termos de técnicas voltadas para a agricultura irrigada. Ele se referia ao Platô de Neópolis que surgiu para promover imensas possibilidades, nas proximidades do vale do Rio São Francisco, em Sergipe, voltado para a produção de frutos tropicais, destinada principalmente à exportação, utilizando técnicas avançadas de fruticultura irrigada, com o aproveitamento de águas canalizadas do próprio Rio São Francisco.

O *Platô de Neópolis*, disse o Senador Lourival Baptista:

de uma vaga ideia, um sonho, passou a projeto, e hoje já é uma realidade concreta: inaugurada e definitivamente implantada; uma obra extraordinária que muito me impressionou quando a visitei novamente por ocasião da sua inauguração; um empreendimento que irá aumentar a receita do Estado, gerar renda e, principalmente, empregos para a

população. De início são 20 mil novos empregos numa das regiões mais pobres do estado de Sergipe.

O senador continua no seu discurso, dizendo que havia lido na revista *Exame*, edição de janeiro de 1995, um pequeno anúncio que dizia:

O Rio São Francisco é uma grande obra da natureza. A irrigação, antigo anseio do povo sergipano, é obra de muito trabalho. Com a inauguração do Platô de Neópolis, o mais avançado projeto de fruticultura irrigada do País, o Estado – que já era o segundo maior produtor de laranjas do Brasil – passa agora a cultivar também uva, abacaxi, acerola, mangaba e muito mais.

O senador lembrou que *o Platô de Neópolis representa o Governo de Sergipe fazendo as obras que o povo sempre pediu a Deus.*

É sempre bom lembrar que a maior extensão longitudinal de Sergipe não chega a 220 quilômetros. Com esse dado pode-se estimar a grandeza das realizações de JAF, naqueles últimos quatro anos, construindo 1.700 quilômetros de adutoras, captando águas do grande rio, carinhosamente chamado pela população ribeirinha de “Velho Chico”.

JAF entregou um governo ao seu sucessor com a maior renda per capita do Nordeste, o menor índice de mortalidade infantil, o menor índice de inadimplência do sistema bancário, total controle da cólera, o porto mais competitivo da Região Norte-Nordeste, o único Estado a construir, com recursos próprios, seu Polo Cloroquímico, o que mais investiu em turismo e em fruticultura irrigada com recursos próprios, a maior extensão de adutoras do País, a Capital com menor número de favelas, a maior densidade de esgotos e a melhor servida de água da região.

O povo sergipano, sr. presidente, é imensamente grato ao Dr. João Alves Filho, à sua esposa, Dr^a. Maria do Carmo Nascimento Alves, pela importante obra social que realizou, e a toda a sua equipe de Governo, destacando-se o Dr. José Alves do Nascimento, que foi Secretário de Governo, e assumiu hoje, há pouco, nesta Casa, o cargo de senador, como suplente do Senador Albano Franco.

Somos gratos pelo impulso extraordinário que eles deram ao progresso e ao desenvolvimento do estado de Sergipe, hoje um modelo, um exemplo do que a seriedade, a iniciativa, a competência, a coragem de aceitar desafios e o trabalho podem realizar, superando a crise e as dificuldades para gerar riqueza e bem-estar para a população (GAZETA DE SERGIPE, 1994).

Fechava-se assim, com chave de ouro, através daquele discurso de Lourival Baptista, mais um importante ciclo da história recente de Sergipe, da vida política de JAF, e a despedida de Lourival Baptista que no pleito de outubro de 1994, concorreu à reeleição na legenda do PFL, mas acabou sofrendo a primeira derrota em toda sua trajetória política e deixou o Senado em 31 de janeiro de 1995.

Aquele discurso de Lourival Baptista tinha um grande peso. Não era um político qualquer. Ele era médico, radicado em Sergipe e que, por vocação política, no ano de 1947 foi eleito deputado estadual e, em seguida, prefeito de São Cristóvão (1951-1954), cidade onde praticava seu ofício hipocrático. Foi deputado federal (1959-1967), governador de Sergipe (1967-1971) e senador (1971-1995) (ARIOZA, 2009).

Conhecido por ser um político de invulgares sagacidade e inteligência, Lourival Baptista era um conspícuo administrador do erário público, manteve-se com inflexível coerência, fiel a seu propósito de promover o desenvolvimento do Estado, nomeando um secretariado de alta qualificação técnica, que viabilizou a realização de marcantes obras para Sergipe, como a construção do Estádio Lourival Baptista, conhecido como Batistão, o Edifício Estado de Sergipe (sede do Banco do Estado de Sergipe (Banese)), além de importantes serviços nos setores educacional e rodoviário. No seu governo, que foi caracterizado pela ênfase no trabalho e no progresso, sendo a ele atribuído o título de *O Realizador*, implantou o primeiro Distrito Industrial de Sergipe e iniciou a reforma agrária, com desapropriações rigorosamente pagas pelo Poder Público, ou utilizando terras do Estado (ARIOZA, 2009).

Ao longo de sua vida como político, JAF conquistou a amizade e o respeito de grandes líderes. A confiança, a homenagem e o respeito público que Lourival Baptista lhe oferecia, lhe afagava o ego. Eram muitos os que demonstravam reconhecimento, entre os seus pares espalhados

pelo Brasil, em especial no Nordeste. A Sudene foi palco dos encontros entre os líderes políticos e dos memoráveis discursos de JAF.

Era um homem de posições firmes e ideias mirabolantes que ninguém ousaria empreender, mas que *João Chapéu de Couro* tomava o leme e realizava com sucesso. Pode-se citar, sem equívocos, nomes entre aqueles que o admiravam: Divaldo Suruagy e Ronaldo Lessa (Alagoas); Hugo Napoleão do Rego Neto (Piauí); Antônio Carlos Magalhães (Bahia); José Agripino Maia (Rio Grande do Norte); Roberto Magalhães (Pernambuco), e por esse mundão de Deus afora, muitos outros que não lhe poupavam elogios e o apontavam como exemplo e coragem.

NORDESTE: ESTRATÉGIAS PARA O SUCESSO

Em 1997, JAF publicou a obra *Nordeste, estratégias para o sucesso: propostas para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro*, baseadas em experiências nacionais e internacionais de sucesso. Nessa obra, JAF mais uma vez nos traz a sua fundamental preocupação com as agruras do Nordeste.

Por meio da sua perspectiva de excelência técnica, mas não menos sensibilizado com a problemática nordestina brasileira, a sua busca permanente por soluções, reflete-se no próprio título do presente livro: “Nordeste: estratégias para o sucesso”. É notável como ele consegue nos mobilizar através da sua excelente argumentação que a região Nordeste é plenamente viável e não um ônus como costumam apregoar a visão dos mais pessimistas.

JAF como um otimista implacável, sempre acreditou que o Nordeste é repleto de potencialidades e isso ele faz com indelével maestria por meio de um trabalho de pesquisa vasto e incisivo, e com a experiência de quem foi governador e ministro de Estado. Ao longo da obra, percebemos que JAF reconhece alguns entraves para que realmente aconteça uma verdadeira revolução, devido ao marasmo do subdesenvolvimento; não deixando de realçar que o Nordeste nunca foi, nem nunca vai ser, um peso para o Brasil, ao contrário, ele fornece, mesmo com tantas atrocidades, riqueza à União.

Um ponto fundamental é referente à questão das secas, na qual JAF se desvela como sendo um profundo estudioso da temática. Ele consegue nos apontar soluções para o problema, por meio dos seus importantíssimos relatos acerca das viagens que fez, transformando-se em

um incansável viajante por outras regiões áridas e semiáridas do mundo: Peru, Chile, México, Espanha, Israel, Rússia Asiática, Índia, China, Taiwan, assinalando as experiências bem-sucedidas daqueles destinos que acrescentaram um conhecimento, sem precedentes, à sua bagagem político-social. Essas imprescindíveis experiências que pôde acumular em diversos países que visitou, fez com que JAF afirmasse que *curvou uma verdadeira universidade a céu aberto pelo mundo afora*. A realidade desses países o fez trazer um amplo aprendizado que, com certeza, auxiliou, em sua percepção, de que é viável transportar essas inestimáveis lições, propriamente adaptadas, para o Nordeste brasileiro.

Na parte II do primeiro capítulo intitulado “Ver Para Crer” (ALVES FILHO, 1997, p. 52), ele diz:

a base principal do sucesso é tratar dos recursos hídricos como o seu bem mais precioso e planejar o uso de forma integrada, racionalizando o seu aproveitamento quase a conta-gotas, desde o abastecimento humano à irrigação, ao uso energético, à pesca, a agricultura em geral, e até mesmo o lazer.

JAF notou que o homem, por sua criatividade engenhosa, acaba originando genuínas ações miraculosas, seja em sua perspectiva mais elaborada, ou dotada de simplicidade. O olhar apurado de João o fez perceber que, qualquer que seja a forma ou método criativo adotado pelo homem, em suas múltiplas conjunturas, eram igualmente eficientes quando se tinha experiência e engenhosidade na capacidade sem limites de adaptação humana, nos seus mais variados ambientes adversos.

É nesse sentido que, em suas viagens, pôde apreender que, em um período não muito extenuante e com recursos compatibilizados com a realidade econômica brasileira, poderia sim, transformar o Nordeste em um amplo celeiro elaborador de alimentos sem escassez, ou ao menos conseguir o feito de dobrar a sua renda *per capita* e, de forma específica criar, na região, um mercado de consumo mais populoso até que a parte externa do Mercosul.

Ele levou em conta as múltiplas variáveis de cada povo que pôde visitar, o seu contexto histórico, suas formas de tradição, bem como a sua geopolítica. JAF notou que nem tudo poderia ser transladado para

o Brasil, fazendo com que observasse que ainda assim existem soluções universais, e foi nesse sentido que pôde acumular com as suas viagens para o exterior, não somente incomensurável conhecimento técnico, mas sobremaneira, sensibilidade para com as questões sociais que analisou.

As repercussões de seus escritos puderam ser sentidas nos depoimentos de diversas personalidades do nosso país. O prefácio foi feito

“ **JAF era um homem que tem uma folha extraordinária de serviços prestados ao Nordeste e ao Brasil**

pelo ex-presidente da República José Sarney que o intitulou como *Uma Denúncia de Amor*. Na sua percepção, JAF não era apenas um importante político por suas grandiosas realizações, mas, sobretudo um homem que *tem uma folha extraordinária de serviços*

prestados ao Nordeste e ao Brasil. Ele, também, tem a compulsão do estadista, em procurar transmitir os seus conhecimentos e experiências.

A folha que Sarney menciona, reside no inegável legado que JAF já vinha construindo brilhantemente com as duas administrações, até então, em que esteve à frente do Governo do Estado de Sergipe. Outro ponto relevante da sua histórica carreira está ligado à notável passagem que teve quando foi Ministro de Estado do Interior – concretizando uma obra dinâmica, com projetos inovadores e com nobres finalidades, sobretudo nos âmbitos ligados à área de irrigação e combate às secas.

José Sarney, que já era um amigo seu, de longa data, sempre ficou impressionado pela vivência que João Alves Filho possuía a respeito dos problemas da região nordestina, pela sua constante busca de atualização, estudos contínuos e comparativos com outras realidades de diversos países, assimilando experiências, transformando-as acertadamente em material importante e manancial de solução para as mazelas sociais da Região Nordeste.

Em suma, Sarney percebe na sua obra e trajetória, que JAF sempre realizou uma denúncia e ao mesmo tempo uma canção de amor à região nordestina. Tudo isso feito pelo homem de espírito público, um perito nato do Nordeste e continuamente devotado à sua terra e à sua gente.

Joel Silveira, importante jornalista e escritor, destacou que aquela obra *ultrapassa os limites de um livro para tornar-se um Programa de Governo. O livro de João Alves Filho nasce com o perfil de um clássico.*

Outro depoimento, foi feito por Antônio Carlos Magalhães (ACM), renomado médico, empresário e político brasileiro – três vezes governador da Bahia, além de ter sido senador em 1994 e em 2002, sendo presidente do Senado de 1997 até 2001. ACM nos fala que, como nordestino, aplaudia o excelente trabalho, e como brasileiro, chamava a atenção para as questões apontadas por JAF.

Outro destaque acerca da obra é realçado por ninguém menos que Antônio Ermírio de Moraes, saudoso empresário, engenheiro e industrial brasileiro – foi presidente e membro do conselho de administração do Grupo Votorantim. Ele afirmou que *Nordeste, Estratégias para o Sucesso é um livro que merece e deve ser lido, relido e meditado por todos os que amam este país.*

O jornalista e colunista brasileiro Ancelmo Gois, ao ler a obra de JAF, declarou que ele:

é um dos poucos políticos brasileiros que mergulharam com profundidade no estudo dos problemas nordestinos. E o que é mais importante: ele irriga as saídas técnicas com argumentos que atestam a viabilidade econômica e financeira da região. O Nordeste é viável. Falta é mais vontade política para romper com o atraso.

Outro personagem do cenário político brasileiro que teceu comentários positivos sobre a obra foi Fernando Bezerra, ex-presidente da Comissão Nacional das Indústrias, eleito em 1995 e reeleito em 1999; além de ter sido senador da República por dois mandatos, entre 1994 e 2007, e presidente por cinco mandatos da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN). Fez a seguinte declaração: *Ao final da leitura deste livro fascinante, compreende-se que ele não é fruto de um ufanismo irresponsável, mas um chamamento enérgico aos que em vez de lastimarem a escuridão, acendem uma vela.*

DONA LUIZA E D. PEDRO II

As principais influências de JAF para ter escrito a presente obra residem nas marcantes trajetórias dos seus avós, bem como dos seus pais. Ele dedica o livro à sua avó Luiza, que justamente lhe transmitiu o amor

pelas coisas do sertão. Também faz referência ao seu estimado pai, João Alves, que lhe legou a crença inflexível na ética do trabalho e o deslumbramento pela metodologia de edificar.

Sua avó Luiza foi uma figura emblemática na sua vida, pois ele passava longos tempos na sua companhia, conversando; diálogos que o fascinava, pois eram os relatos de vivência da sua avó que o fazia viajar no tempo pelos idos de 1903, quando o Nordeste enfrentava uma das suas piores secas. Esse contexto histórico foi marcado pela atrocidade da busca pela sobrevivência dos retirantes em marcha para o Sul.

A sua avó era uma criança ainda nesse tempo, cabelos pretos, alva, magra, olhos azuis com sete anos de idade. Ela que estava na companhia dos pais, ao lado de tantas outras sofridas famílias, a pé, portando apenas sandálias de couro. O objetivo: atravessar bravamente o sertão nordestino em busca de terras melhores, na esperança de encontrar um local em que ao menos pudesse plantar e colher. Eles saíram do município de Brejo da Madre de Deus no sertão pernambucano, fronteira da Paraíba. Os pais da sua avó eram agricultores, donos de um pedacinho de terra, onde praticavam agricultura para subsistir, criando um pequeno rebanho – a seca os tirou tudo. Sua mãe, a bisa de JAF, a fez herdar os seus traços, a altura, a beleza, com cabelos louros, traços que nos fazem enxergar a sua descendência transmitida pelos holandeses – estes que deixaram marcas profundas, resultado de sua destacável passagem por Pernambuco.

Seu bisavô era um caboclo de pele escura e cabelos escorridos, com chapéu de couro e mãos repletas de calos. Habitado a afrontar as intempéries de uma natureza arredia, impiedosa e cheia de caprichos, estava em marcha para o Sul, inundado de incertezas. Infatigáveis, cruzaram os sertões de Pernambuco, Alagoas e, por fim, de Sergipe, indo até Aracaju, quando finalmente aportaram e acharam originais alternativas de vida, não voltando jamais para o longínquo sertão pernambucano.

Luiza, sua avó, lhe ofereceu uma influência fundamental na sua vida, principalmente em sua infância. As histórias que ele escutava dessa travessia, ao lado de tantas sofridas famílias, o fez perceber que ela contava, não com revolta, mas com uma indescritível resignação – vindo a notar que esse fato atroz era uma sina que se repetia há séculos com seus ancestrais, ante o desprezo indiferente das autoridades, que eram limitados e se encastelavam nas famigeradas ‘frentes de

emergência'; medidas que JAF logo percebeu o quanto eram ineficazes com seus efeitos paliativos, sem a preocupação correta de se levar em conta a implantação de obras que fossem definitivas e irreversivelmente eficazes para resolver o problema de tão sofrido povo.

A experiência da avó e sua infância repleta de sofrimento, onde enfrentou fome, humilhação, desesperança e, sobremaneira, a impotência diante de uma natureza que era indomável, fez germinar em JAF a sua preocupação vitalícia pelo sertão. Ele se perguntava a todo momento:

Será que não há jeito para os nossos sertanejos? Sempre teriam de se resignar frente àqueles fenômenos cíclicos, que promoviam tanta miséria, doenças e mortes? E aqueles discursos bonitos e pomposos dos políticos e autoridades que, já àquela época, eu ouvia, eletrizado, pelo rádio?

Como se percebe, desde a sua tenra infância, JAF ficou fascinado pela temática das secas, acima de qualquer outra. Daí em diante, ele não mais aceitou a sina do sofrimento da população nordestina.

No período enquanto estudante, procurava acumular todas as leituras que pudesse encontrar a respeito do tema, em especial, quando foi aluno do Colégio da Bahia, em Salvador, no crepúsculo da década de 50. Naquela ocasião, ele ficou entusiasmado com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), por Juscelino Kubitschek. Era uma fase repleta de otimismo no Brasil, momento em que Juscelino em seus cinco anos na presidência, conseguiu realmente causar estrondo nos pilares do país; contagiando, nos brasileiros, o sentimento de autoconfiança, fé inabalável em acreditar que se podia realizar tudo o que quiséssemos.

Aquele presidente carismático teve influência considerável sobre JAF, por fazer aflorar nele o afastamento definitivo do complexo de inferioridade que sempre caracterizou todos os brasileiros. O clima no país, presidido por Juscelino, era de entusiasmo e autoconfiança, caracterizado pela montagem de indústria automobilística e naval, construção de hidrelétricas gigantescas, atualizadas rodovias, edificação da mais moderna capital do mundo na época em um período de cinco anos: fatores que contribuíram para que JAF tivesse a resolução otimista de que era possível, também, viabilizar os sertões.

Interessante frisar que, na era da criação da Sudene, Kubitschek fez o convite para que o brilhante economista da Paraíba, Celso Furtado, integrasse a fundação de tal autarquia, marcando-a por uma pioneira administração. Era um verdadeiro time de técnicos criativos, jovens e ao mesmo tempo preparados para ensinar que outras terras áridas e semiáridas, a exemplo do oeste norte-americano, eram inteiramente

“ JAF carregou consigo, o infindável entusiasmo pelas coisas do sertão

viáveis, e que se poderia almejar o mesmo em nossa região, o que fazia reacender a expectativa de todos os nordestinos.

A Sudene foi fundada já no limiar do término do período em que Juscelino presidiu o Brasil, mo-

mento que para JAF foi o maior salto desenvolvimentista da história econômica do Brasil. Registrar novamente que, enquanto Ministro do Interior, JAF era um defensor inexorável da Sudene.

JAF carregou consigo, o infindável entusiasmo pelas coisas do sertão, ele que veio a se tornar um viajante compulsivo, procurando conhecer pessoalmente experiências bem-sucedidas pelo exterior, em regiões que se assemelhavam ao Nordeste. Nesses múltiplos países, ele não esteve como um mero turista, e sim, como um arguto observador, acumulando aprendizados e magníficas lições que levou para a vida inteira, seja como o profissional da engenharia, seja como homem público, já como um político renomado em Sergipe.

Durante a sua vida pública, seja exercendo a liderança do Governo sergipano ou como Ministro de Estado do Interior, concentrou toda a sua inteligência e forças no trabalho de encontrar eficazes soluções e alternativas viáveis para propor uma sobrevivência no semiárido. Podemos notar dessa maneira, que aquele garotinho que escutava atento, às ricas vivências e lições da tão dedicada avó, D. Luiza, se tornou um verdadeiro estudante obstinado pelas problemáticas nordestinas, e, tempos mais tarde, pôde colocar em prática o que ficava apenas num nível teórico. JAF nos mostra o seu lado de crente devotado à viabilidade plena do Nordeste brasileiro.

O seu jeito incansável de agir em prol dos sertanejos se desvela na sua inconformidade frente ao marasmo político que já enxergava como um dos piores males da administração pública. Percebeu que se

houvesse efetiva vontade política e investimento de relativos poucos recursos, daria para enfrentar o problema das secas que ficava empacado pelas ‘frentes de emergência’ que, para ele, sempre foram inúteis e humilhantes, sobretudo, para sua querida avó, D. Luiza, que vivenciou na pele todos esses atrozesses efeitos.

Desde a monarquia que o problema da seca assombra o sertanejo, inclusive D. Luiza, a avó de JAF, que sentiu na pele os dramas de uma seca. A história conta que depois da tragédia da grande seca de 1877, o Imperador Dom Pedro II, muito comovido e emocionado, ordenou que tudo o que fosse possível deveria ser feito, para que nenhum nordestino sofresse novamente, depois daquele triste evento, ainda que fosse necessário *vender até a última joia da coroa*. Era uma mera bravata. Nada foi feito.

Mais de um século e meio depois, o então Presidente Lula, no início do seu primeiro governo, em um discurso demagogo, repetiu no Ceará, a mesma frase dita à época pelo Imperador, apenas trocando algumas palavras: *Venderei a última joia de minha coroa para que nenhum nordestino morra de fome!* (ALVES, 2013).

Entre a expressão *emocionada* de D. Pedro II e o cinismo do Lula, passamos pela Velha República e a Era Getúlio, a primeira redemocratização, a ditadura militar e mais redemocratização, até chegarmos ao século 21 e ouve-se a mesma toada, o velho filme protagonizado pela desgraçada da fome, da miséria, resultado da seca que teima em estender o martírio do povo nordestino (ALVES, 2013).

O ENCONTRO DE TITÃS E A SECA

Surgiu um documento intitulado *Compromisso pela vida do São Francisco*, produzido em Recife e datado de 19 de maio de 1995. Tratava-se de um pacto entre o Governo Federal e os governos estaduais, com o objetivo de recuperar e possibilitar o múltiplo uso do potencial hídrico do Rio São Francisco para o abastecimento humano, agricultura irrigada, navegação, piscicultura e lazer, de forma sustentável.

O documento está assinado pelo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, Governadores Paulo Souto (Bahia), Eduardo Azeredo (Minas Gerais); Francisco de Assis M. Sousa (Piauí), Maguito Vilela (Goiás), Roseana Sarney (Maranhão), Tasso Jereissati (Ceará),

Garibaldi Alves Filho (Rio Grande do Norte), Albano Franco (Sergipe), Miguel Arraes (Pernambuco), José Targino (Paraíba), Divaldo Suruagy (Alagoas), Cristóvam Buarque (Distrito Federal), Gustavo Krause Gonçalves Sobrinho (Ministro do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal).

JAF lembra de conversações em 1995, na residência oficial do Governo de Sergipe, porquanto o pacto assinado por autoridades, o Compromisso pela vida do São Francisco. Naquele dia estavam no Palácio, os governadores de Sergipe, na época, Albano Franco; da Bahia, Paulo Souto, que já foi superintendente da Sudene; e os senadores na época, Antônio Carlos Magalhães (ACM) e José Alves do Nascimento. E foi numa conversa aparentemente descontraída, tomando alguns drinques, antes do jantar, que o aguerrido Senador ACM lhe fez uma proveitosa advertência, provavelmente, porquanto era *urgente que os governadores apresentem um resumo de soluções claras e factíveis para viabilizar definitivamente o Nordeste*.

E foi justamente no dia subsequente, que o Governador Albano Franco procurou JAF em sua casa, para que ele aceitasse uma provocação: realizar a elaboração de um elenco de proposições racionais, não meramente cerceadas pelo nível discursivo, mas sobremaneira, práticas, já testadas em outras regiões mundo afora, para que pudessem ser enviadas ao então Presidente Fernando Henrique Cardoso, por todos os governadores do Nordeste, como um parecer para a região. Tudo isso deveria estar contido num clarificado texto, trazendo argumentos para explicar o modo de implantação delas, quantificando também os seus correlacionados custos.

No início JAF hesitou, mas logo foi tomado pelo inexprimível fascínio que o caracterizou desde sempre acerca da região Nordeste. Aceitou o desafio. Foi dessa provocação, de um manancial de experiências familiares e saberes acumulados, que JAF fez nascer a ideia de escrever suas experiências e propostas.

Esse projeto pioneiro de JAF se tornou uma clássica obra que, sendo ele um otimista de carteirinha, via nessa concepção escrita, uma maneira de que não confinada a um grupo reduzido de pessoas, como é o destino de tantas diversas propostas técnicas e políticas, pudesse alcançar todos os brasileiros interessados no tema, principalmente para a geração mais jovem que, como ele, se questionava:

Será que o Nordeste é viável? Como fazer para acabar, de uma vez por todas, com o dantesco espetáculo das frentes de emergência? Será que neste fim de milênio, quando parece que não há desafio tecnológico que não possa ser vencido pelo homem, estamos fadados a continuar a enfrentar as secas como os nossos ancestrais do Brasil Colônia, ou do Império?

JAF traz assim, na sua obra, uma constatação permeada pelo seu irremediável otimismo, que a nossa região nordestina, paradoxalmente é a região mais predisposta do Brasil para, por meio da aplicação de poucos relativos recursos, gerar milhares de empregos produtivos e permanentes. JAF podia enxergar que o Nordeste, antes de ser um problema, era de fato, uma enorme oportunidade para o Brasil, em termos sociais e, sobretudo, econômicos. Ele via com clareza e em levantamentos exaustivos de pesquisa que, mesmo que os investimentos fossem realizados na região e considerados apenas em sua gélida face econômica, haveria um retorno acertado em garantia, num prazo estipulado inferior a dez anos.

Os aspectos que mais se sobressaem na sua escrita, com a visão de pesquisador-vivente e político engajado na questão da região Nordeste, se localizam, precisamente, em duas soluções que ele buscou delinear por toda a sua vida: vontade nacional e, acima de tudo, decisão política.

Movido por sonhos e ideias, JAF conseguiu transformar seus ensinamentos mais íntimos numa proposta concreta, com o objetivo permanente de extirpar, de maneira categórica, a miséria abjeta que ainda oprime milhões de nordestinos e que nos envergonha como nação brasileira.

BAÚ DE LEMBRANÇAS

Às vezes JAF era assaltado por lembranças e as registrava. Fez isso nesse livro, também. E as suas melhores lembranças o transportavam ao pai. JAF sempre que tinha oportunidade falava da sua origem e da fundamental influência paterna na sua vida, pois o considerava um genuíno visionário. O construtor João Alves foi o grande desbravador da construção civil de Aracaju, sendo o basilar responsável pela extensão dos limites da cidade para a Zona Sul, encarando e subjugando o desafio dos mangues colossais, que apreenderam por décadas o progresso da capital em direção ao aprazível litoral aracajuano.

O velho construtor soube enaltecer, habilmente, no primogênito, o seu sonho de se tornar engenheiro. Desde pequeno, JAF era levado pelo pai, para a periferia de Aracaju, cujas balizas, o seu velho sucessivamente expandira, para a constituição de contíguos residenciais, levando-lhes toda a infraestrutura urbana: água, energia elétrica, drenagem, calçamento com paralelepípedos, etc. Destarte, desde que JAF aprendeu a expressar suas primeiras palavras, foi estimulado a se formar em engenharia, a mais incrível das profissões, segundo a apreciação calorosa do seu mentor paterno.

Ele lembrava do dia, no qual seu pai realizou o seu grande sonho de comprar uma extensão enorme na zona sul da cidade de Aracaju, de um senhor chamado Josué Cunha. Como de costume nessas ocasiões, levou JAF, todo feliz, para reconhecer sua aquisição e descrever os planos dele ao filho. Ali, pronunciava o pai, que brotaria um bairro atualizado, com moradas luminosas, grandiosas habitações, logradouros pavimentados, dotadas de energia e saneamento. Nessa estação, eles estavam no oitão da Igreja São José e tudo o que JAF conseguia observar era uma desmedida barreira de mangues, com a maré açoitando nos alicerces da Igreja e os caranguejos peregrinando pelos declives.

JAF, que não havia aprendido ainda a possuir a prerrogativa dos visionários, só conseguia discernir dificuldades intransponíveis, ao oposto da astúcia extasiante que cintilava no rosto do seu pai. O que João Alves Filho não compreendia é que, a partir dali, surgiriam não um, mas múltiplos bairros e, hoje, sua sonhada urbanização se transformou em uma das zonas mais nobres de Aracaju.

Em outra lembrança de JAF, ele rememora a ocasião em que o seu pai o levou para conhecer um terreno, onde construiria a casa de veraneio da família. Para chegar lá, tinham que atravessar um imenso descampado de jipe, já que não havia estradas regulares para alcançar a praia de Atalaia. Não contendo o seu espanto de criança, JAF questionava ao seu pai: *e não dizem que o mar vai invadir esses terrenos?* Acontecia que, surpreendentemente, as casas de veraneio àquela época, incluindo a casa de verão do governador de Sergipe, ficavam a uma distância mínima de 2 km do mar. O limite para as residências era a praça Alcebíades Paes, onde se processava toda a vida social das famílias da alta classe média, que lá passavam as férias. É que havia um mito, segundo o qual, o oceano, mais cedo ou mais tarde, avançaria sobre a praia e, portanto, as casas deveriam ficar a uma distância razoável, para

se protegerem. JAF ainda nos conta, nesta sua obra, que lembrava a resposta do seu pai à sua pergunta: *meu filho tudo isso é baboseira. Depois da nossa casa, os outros virão para cá, que é onde já deviam estar desde o começo. Os aracaajuanos não podem deixar de desfrutar da parte mais gostosa da cidade.* De fato, pouco tempo depois, paulatinamente outros aventureiros ousaram fazer suas casas próximas à da família Alves e, a seguir, todos os que pretendiam veranear. Hoje em dia, a praia Atalaia e o seu litoral, através do Projeto *Orla*, é um dos bairros mais lindos do Nordeste (ALVES FILHO, 1997).

Tudo indicava que JAF continuaria a exercer atividades eminentemente urbanas, mantendo a sua paixão pelos assuntos do sertão apenas no campo intelectual. É verdade que, apesar de dedicado no campo profissional, exclusivamente às suas atividades empresariais, nunca deixou de ser um leitor voraz de todos os livros que dissessem respeito à viabilidade do Nordeste, sobretudo aos desafios do sertão. Esse hábito havia se fortalecido na sua fase de líder estudantil da Bahia, como membro da JUC, Ação Popular, facção política egressa da área estudantil católica, com fortes vinculações ao movimento baiano. Naquele período muito rico para sua formação intelectual, teve na figura extraordinária do beneditino Dom Jerônimo de Sá Cavalcante, alguém que o influenciaria profundamente na sua inquietação de construir uma sociedade mais justa.

A revolução de março de 1964 viria interromper seu aprofundamento na política estudantil e na sua vinculação com os movimentos sociais, mas felizmente não acabaria com o seu hábito de verdadeiro rato de livraria, que sempre manteve, interessado nos assuntos mais variados: economia, política, sociologia, literatura, história, etc.

As circunstâncias, quer políticas, dos anos de 1960, quer da sua formação empresarial, nos primeiros anos da vida profissional, pareciam o conduzir exclusivamente às questões da Engenharia Urbana, em seu aspecto técnico-empresarial. A prática política se limitava tão somente ao campo das ideias e, no máximo, costumava ser convidado para fazer palestras no Rotary Club, em cujos quadros ele se integrava, em associações profissionais e círculos universitários.

**O velho construtor
soube enaltecer,
habilmente, no
primogênito, o seu
sonho de se tornar
engenheiro**



O engenheiro José Rollemberg Leite, um dos mais respeitados políticos sergipanos, tinha interesse sobre as ideias de João Alves Filho a respeito das providências inadiáveis a serem tomadas para preparar a Aracaju do futuro. Sobretudo no campo da expansão urbana e proposições abordando soluções para seu complexo saneamento, levando em conta suas características adversas, por se tratar de uma cidade baixa, em relação ao nível do mar e, praticamente, por haver sido conquistada por aterros superpostos sobre áreas de marés. Sabidamente não era um tema fácil e, àquela época, várias partes da capital ficavam inundadas quando caíam as menores chuvas. As marés vencem a cidade até hoje.

INSTITUTO TANCREDO NEVES

No ano de 1997, por orientação do Instituto Tancredo Neves Nacional (ITN) foi criado o ITN de Sergipe, como braço intelectual do Partido da Frente Liberal (PFL) e, por unanimidade, Marcos Prado Dias foi escolhido como o seu primeiro presidente (DIAS, 2016).

Marcos Prado Dias, médico e professor renomado, era também escritor, desportista e compositor. O ITN de Sergipe sob seu comando por seis anos, alcançou destaque nacional e foi considerado o melhor do Brasil. Lá eram realizados cursos de oratória, de gestão pública, palestras, conferências e lançamentos de livros. Com orgulho citam-se nomes que circularam discutindo temas importantes para a sociedade, como: Antonio Paim, Sebastião Nery, Augusto Nardes, Bautista Vidal, Alcení Guerra, Carlos Conce, Josaphat Marinho, Ruy Junqueira, Luiz Pinguelli Rosa, Ildo Sauer e Cesar Britto (DIAS, 2016).

EMENDA CONSTITUCIONAL E REELEIÇÕES

A ideia de JAF era retornar ao Governo de Sergipe em 1998, outrossim não contava com a aprovação da emenda constitucional 16/1997, que passou a permitir a reeleição nos cargos executivos, após sua aprovação pela Câmara dos Deputados, presidida pelo Deputado Federal Michel Temer (PMDB-SP), e pelo Senado (62 x 14), este em sessão solene que não durou mais que nove minutos, presidida pelo grande líder político, o Senador Antônio Carlos Magalhães (PFL/BA) (ESPÍRITO SANTO, 2020).

Destarte, travou-se uma batalha de titãs, pois Albano Franco (PSDB) decidiu apostar na sua reeleição, acompanhado do seu vice,

Benedito Figueiredo (PMDB), seguindo o exemplo do seu líder nacional, Fernando Henrique Cardoso, que também se lançou à reeleição. Albano decidiu enfrentar naquela campanha, de um lado, a candidatura de Antônio Carlos Valadares (PSB) e do seu vice, José Eduardo Dutra (PT), e de outro, o ex-governador JAF (PFL) e o seu vice, Francisco Rollemberg (PTN) (ESPÍRITO SANTO, 2020).

JAF, em 3 de outubro de 1998, enquanto sua mulher era eleita senadora da República, derrotando Jackson Barreto (PMDB) e José Almeida Lima (PDT), ele teve como maior adversário, o seu antigo aliado, o então Governador Albano Franco (PSDB) e obteve 38,7% dos votos válidos, enquanto Franco obteve 40,17% (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Levada a disputa para o segundo turno, realizado no dia 25 do mesmo mês, Albano Franco saiu vitorioso e conquistou a sua reeleição, em um pleito com uma disputa acirrada. JAF provou assim, a sua primeira derrota, ainda que honrosa, pois alcançou 45,61% dos votos válidos (ESPÍRITO SANTO, 2020; MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Marcos Prado Dias, em seu livro (2016), relata que quando os resultados delineavam a derrota de João, deixaram, abalados, a sede do PFL e foram tomar um sorvete na famosa Vi-Sabor, na Avenida Augusto Maynard, confortados com a vitória de Maria do Carmo para o Senado.

TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

O Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional, é o que chamamos simplesmente de transposição do Rio São Francisco, e prevê o deslocamento de parte das águas do Rio São Francisco. É um projeto do Governo Federal, sob a responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Regional. Estava previsto a construção de mais de 700 km de canais de concreto em dois grandes eixos (norte e leste) ao longo do território de quatro estados (Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte) para os desvios das águas do rio.

Ao longo do caminho, o projeto previa a construção de nove estações de bombeamento de água.

As obras foram iniciadas em 2007, depois de muita polêmica que envolve JAF e os Presidentes Fernando Henrique Cardoso (FHC), em cujo governo o projeto foi desenhado, e o Presidente Luiz Inácio Lula

da Silva, que iniciou as obras. Os presidentes, Dilma Rousseff e Michel Temer, deram seguimento à obra.

E tudo começou quando a ideia do Governo Federal de fazer a transposição do Rio São Francisco, começou a ser ventilada, e JAF, um estudioso sobre o assunto, começou a fazer palestras pelo Brasil e levantar aspectos relevantes que poderiam agregar valor ao projeto do qual discordava, não na ideia, mas na forma. Essas palestras tiveram repercussões nos Estados envolvidos na obra.

Como resultado das palestras no ano 2000, JAF concluiu o seu livro *Transposição das águas do São Francisco: agressão à natureza x solução ecológica*.

Entretanto, antes do lançamento, previsto para agosto, em 11 de julho de 2000, enviou uma carta para o governador de Sergipe, Albano Franco (PSDB), pedindo uma audiência para, no máximo, dia 30 daquele mesmo mês, para que o este o ouvisse e a partir dali pudesse, como os demais governadores envolvidos, tomar posições e decisões.

Na carta, ele diz ao governador: *custa-me constatar que, não obstante acreditar ter sido a concepção da obra, inspirada nas melhores intenções (de FHC), o projeto ministerial para a transposição é tecnicamente inconsistente e politicamente incorreto.*

E ele continua dizendo na carta que este é:

[...] tecnicamente inconsistente, porque embora faça referência à revitalização do Rio São Francisco, não atende absolutamente este intento. E dá os seus argumentos: [...] a revitalização que se pretende inserir naquela proposta é ineficaz porque não contempla um vigoroso aumento de vazão da calha central do São Francisco, sem o qual não se reverterá a deterioração do rio de modo irreversível. A vazão adicional do Rio Sono, recentemente anunciada, é totalmente insuficiente para o cumprimento do objetivo. Ou trocando, em miúdos: o rio continuará com risco de degradação ininterrupta, com consequências nefastas imprevisíveis para o futuro.

Na carta, JAF ainda explica por acreditar ser, aquela obra, politicamente incorreta:

[...] porque continuará a dividir os nordestinos, como nunca antes aconteceu na nossa história, entre aqueles que são apaixonadamente a favor e os que são radicalmente contra o projeto. Tudo isso é péssimo, porque se nossa região já é tão pobre com o nosso povo unido, divididos seremos inviáveis.

JAF se mostra, como sempre, audacioso em suas propostas, e ele as apresenta na carta ao governador e justifica cada ação baseada em pesquisas técnicas de especialistas em assuntos hídricos e ambientais e nos seus estudos e vivências práticas na área como governador por duas vezes e como Ministro do Interior.

Ainda nesta mesma carta para Albano Franco, JAF diz que entende, como digna de todos os elogios, a atitude do Presidente FHC, que pela primeira vez na história resolveu eleger, finalmente, o projeto de Transposição das Águas do Rio São Francisco, como prioridade de Governo.

Uma postura à altura de um estadista. Estou certo também da honradez e das melhores intenções do Ministro Fernando Bezerra. Por outro lado, lamentavelmente estou convicto de que a opção técnica ministerial está profundamente equivocada, podendo nos conduzir a uma tragédia ecológica. E pela gravidade do que está em jogo, não me seria lícito, silenciar.

JAF, disse que em nenhum momento pediu qualquer tipo de apoio específico do seu partido, por entender tratar-se de uma luta supra-partidária.

Urge buscar a união de todos os partidos por uma causa comum. É uma luta de brasilidade e em particular, nordestinidade. O que está em jogo é o destino de 45 milhões de nordestinos e sobretudo, de suas futuras gerações.

JAF lembrou que foi convocado por todos os governadores no período de 1983/87, a fim de apresentar um projeto de desenvolvimento para a região do Nordeste, ao futuro Presidente Tancredo Neves e de igual modo, quando concebeu uma proposta similar, com o aval de

governadores de diferentes partidos do Nordeste do período 1990/94, apresentada no início da gestão de FHC, denominada *Novo Nordeste* e desta feita se dispôs a tomar aquela iniciativa,

[...] embora desta feita, por responsabilidade própria, mas com o mesmo sentimento de pátria. É verdade que ciente dos obstáculos e das possíveis incompreensões, mas há momentos em que nos é negado o direito de omissão.

No transcorrer da sua trajetória como figura pública, escritor e político, não mediu esforços para defender a proposta de que a região Nordeste do Brasil tem condições de se desenvolver plenamente, do ponto de vista econômico e social. Nas suas diversas palestras, publicações de artigos e livros, JAF sempre demonstrou, habilmente, suas razões acerca do que realmente ocasiona a desigualdade regional brasileira. Não é causada pela ordem climática como apregoam, nem da falta de água, passível de ser resolvida, *decorre decerto pela política econômica praticada no Brasil nos últimos cem anos.*

Essa obra foi lançada e pela sua importância foi reverenciada por diversas personalidades brasileiras, acadêmicos, intelectuais e políticos. Para os curiosos, este livro está disponível na Amazon, hoje 22 anos depois do lançamento, e custa a bagatela de 56,50 dólares e mais a taxa de 12 dólares de envio. As ideias de JAF fazem sucesso nos Estados Unidos e desperta a atenção dos americanos, nas terras do Tio Sam (ALVES FILHO, 2000).

Nesse livro, ele nos aponta caminhos viáveis para a região nordestina alcançar um vigoroso desenvolvimento econômico sustentável. Sua experiência técnica e política coadunada à sua ígnea sensibilidade fez germinar a semente para a realização deste livro que tem como ponto central, a luta pela defesa da integração do São Francisco.

O debate vigente na época, era se deveria ou não, transpor as águas do Velho Chico. *João da Água* sempre se pôs favorável, ele que tinha como motor propulsor, a sua visão e vivência de como era dramática a situação da escassez de água nos Estados do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e na maior parte de Pernambuco. Ele discordava, entretanto, de maneira veemente, do projeto do Ministério da Integração Nacional, que segundo sua análise, dizia ele, que era,

[...] algo tecnicamente inconsistente e politicamente incorreto, por não resolver de forma definitiva, a grave agressão ecológica do rio e por colocar os nordestinos uns contra os outros (ALVES FILHO, 2000).

A obra então nos traz, na verdade, uma alternativa meticulosamente estudada por JAF, para encontrar uma solução eficaz de salvar o rio, da atroz degradação que ameaçava a sua sobrevivência.

Ele faz propostas para equacionar, de modo viável, os recursos hídricos do nosso semiárido, para que os sertanejos sobrevivam com dignidade e convivam plenamente com as secas. O seu modo de escrita é instigante, fazendo com que enxerguemos a possibilidade do surgimento de 106 hidrelétricas e como esse importante fator contribuiria, decisivamente, para que houvesse o dobro da capacidade hidroenergética do Nordeste, que todos supunham estar esgotada.

O ex-ministro JAF nos faz notar que esse dobro de capacidade multiplica por três, o seu potencial irrigável. Esses fatores que JAF traz, nos ajuda a entender como isso criaria condições favoráveis à geração de milhares de empregos, transformando a região em um verdadeiro celeiro de produção de alimentos, o que traria a resolução da navegabilidade do rio, aumentando a capacidade da competitividade regional.

O que mais se sobressai na obra é a contínua preocupação de JAF, em extirpar a miséria que tanto avilta, ainda nos dias atuais, os nossos sentimentos cristãos e de brasilidade, pontos que caracterizam o modo de *João da Água* enxergar as relações, nos aspectos técnicos e políticos, mas sem negligenciar o lado das mazelas sociais que tanto o preocupavam, e faziam com que buscasse, incessantemente, soluções nas suas obras e ações como ser humano, homem público e político, sem descolar o aspecto técnico do social.

O prefácio dessa obra foi escrito pelo saudoso Paulo Nogueira Neto. Ele era um naturalista, professor da Universidade de São Paulo, no Departamento de Ecologia Geral e foi membro do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama). Paulo Nogueira foi a primeira pessoa a ocupar a coordenação da Secretaria Especial do Meio Ambiente entre 1974 e 1986, que deu origem ao que conhecemos hoje como o Ministério do Meio Ambiente. Pela sua notável biografia, um verdadeiro titã que lutou a vida inteira pelas causas ambientais; membro da Comissão

Brundtland de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, que criou o conceito de *Desenvolvimento Sustentável*.

Ter o prefácio assinado por Paulo Nogueira Neto, pelo que ele representava como um dos patronos do ambientalismo no Brasil, muito envaideceu JAF.

Os projetos do engenheiro JAF sempre tiveram repercussões muito boas no Nordeste e no cenário nacional. João fortaleceu com as suas ações, enquanto Ministro do Interior, toda a Federação brasileira, justamente pela defesa das causas referentes ao desenvolvimento sus-

“ **A preservação das áreas naturais, sempre foi fator preponderante nas empreitadas investigativas de JAF**

tentável, perspectiva mais que compatível com a defesa do meio ambiente.

A miséria, tanto para o professor Paulo Nogueira Neto, quanto para JAF, sempre foi o verdadeiro problema a ser extirpado do Brasil. Eles a viam

como um ponto que jamais deveria ser compatibilizado à dignidade humana e ambos tinham uma grande preocupação social e prezavam pela boa qualidade de vida de toda a população brasileira, especialmente do Nordeste.

A transposição do Rio São Francisco acabou adquirindo uma força própria, como causa fascinante. O ímpeto político e econômico que ela despertou foi algo inédito na nossa imaginação, onde a água como elemento imprescindível à vida, possui profundas consequências ambientais. De repente era como se fosse um sonho prestes a realizar-se.

Entretanto, para realizar o sonho, esbarrava-se em algumas realidades. Alguns Estados ribeirinhos temiam que no futuro, não muito distante, esta água exportada para outros Estados, pudesse fazer falta para os seus próprios projetos de irrigação. Ou ainda tinham o receio de que, a disponibilidade de energia produzida pelas hidroelétricas locais viesse a ser diminuída pelo uso da água de irrigação.

A proposta de JAF trazia soluções importantíssimas ao sugerir que, em diversos afluentes do Rio São Francisco, fossem feitas barragens, capazes de regularizar o fluxo desses cursos d'água. JAF viu aí nesse *insight*, a compensação da água a ser usada no processo de transposição (ALVES FILHO, 2000).

No que tange à proteção de áreas naturais, é importante lembrar que a Resolução do Conama 02/1996, manda o empreendedor de grandes obras, destinar meio por cento do custo dos empreendimentos para a aquisição de áreas naturais e a sua manutenção como unidades de preservação. O objetivo era desenvolver o ecoturismo em larga escala nos estados do Nordeste. Além do que, seria uma compensação ecológica pela destruição de trechos da natureza causada pelas construções, inclusive, barragens, abertura de canais, construção de estradas de acesso, etc.

A preservação das áreas naturais, sempre foi fator preponderante nas empreitadas investigativas de JAF, que sempre pensava na importância de se preservar a biodiversidade, criando empregos locais e atraindo visitantes.

Outra importante personalidade do cenário nacional, o saudoso Tarcísio Holanda, ex-jornalista político do Jornal do Brasil, TV Tupi, TV Excelsior e da TV GLOBO, além de ter sido apresentador e entrevistador de programas na TV Câmara, fez a apresentação desse livro. Lá ele ressalta que:

a sensatez das ideias que JAF sustenta, com a racionalidade de um técnico e a sabedoria de um político experiente, finca um marco no debate que se trava sobre qual seria o melhor aproveitamento do rio da Integração Nacional.

JAF lamenta que um empreendimento que deveria justamente unir o Nordeste, tenha ocasionado a cisão em duas bandas radicais: a dos que são a favor ou contra.

Gustavo Krause, que foi Ministro do Meio Ambiente do Governo Fernando Henrique Cardoso e ex-governador de Pernambuco, disse que:

pouco importa se as pessoas concordam ou não com as teses de João Alves Filho. O assunto é de natureza polêmica. O mais importante é a coragem de enfrentá-lo; depois, desapixionar-se do tema, criando uma via possível, entre os que são emocionalmente a favor ou radicalmente contra.

Com certeza JAF sempre teve tal coragem de propor ousadas teses e expô-las aos contra-argumentos para se chegar a um denominador comum e mais viável, para a situação discutida.

O ex-ministro se coloca, com ressalvas, a favor da transposição do Rio São Francisco, sensibilizado com o aspecto dramático da escassez de água, porém, clama uma obra que seja integradora.

O tema tornou-se polêmico e para JAF aquele era o tema, indiscutivelmente, mais importante que envolvia o futuro do Nordeste brasileiro e, de forma lamentável, do seu ponto de vista, estava sendo conduzido de forma equivocada pelo Governo Federal, servindo, uma vez posto de forma emocional, para dividir os nordestinos.

Este tema, segundo JAF, deveria estar sendo apresentado de forma técnica, demonstrando a plena viabilidade do seu planejamento de engenharia e detalhando os seus benefícios, não apenas para uma parte, mas para a totalidade da região. O planejamento que JAF desejava era técnico-ecológico.

JAF ficava desolado com a falta de planejamento e lembrava que naqueles últimos 50 anos, o rio tinha sido explorado de forma predatória, a partir da construção desordenada das hidroelétricas, sem a mínima atenção com a sua conservação. O Velho Chico estava enfermo.

Para JAF, a forma com que os governantes tratam as secas, desde o Brasil Colônia, é altamente ineficaz e afrontosa à dignidade humana, por meio de frentes de emergências. As frentes de emergência não constroem nada definitivo para amenizar os efeitos das próximas secas, isto é, são recursos totalmente perdidos, levando a um imenso prejuízo nacional pelo modo incompetente e irresponsável com que as autoridades brasileiras têm lidado com as estiagens do Nordeste.

Com este livro, JAF revela desejar uma intervenção ecológica, capaz de não apenas revitalizar o rio, mas reverter o cruel processo de fragilização, no qual está submetido o Velho Chico, fazendo ressurgir um rio vigoroso, saudável e com vazão suficiente para atender as demandas, não de uma parte, mas de todo o Nordeste. E continua afirmando ter se afastado da dicotomia insensata, evitando se...

[...] situar naquela posição, lamentavelmente comum na nossa região: ser radicalmente contra ou apaixonadamente a favor da obra. Procuro submeter à sociedade brasileira uma proposta capaz de viabilizar uma solução técnica que harmonize todos os interesses em conflito, e que proporcione criar as condições mínimas para uma alavancagem, a fim

de construir no Nordeste uma estrutura moderna, eficaz e competitiva, ante as regiões mais desenvolvidas (ALVES FILHO, 2000).

Este livro de JAF trouxe desdobramentos históricos e as polêmicas ganharam as manchetes dos jornais e os estudos científicos universitários começaram a ser produzidos.

Maurício de Nassau, em 23 de janeiro de 1637, desceu em Recife e fixou o império holandês, do São Francisco para cima. Aquele rio tinha sido descoberto por Américo Vespúcio, banqueiro italiano de Florença, em 4 de outubro de 1501.

Quando Nassau chegou nas margens do rio, encantou-se (CABRAL DE MELLO, 2006):

Em outra parte, não se encontra um rio tão célebre e tão vantajoso, pois em certos trechos é tal a sua largura, que não o atravessa uma bala de canhão de seis libras. E é tal a sua velocidade e ímpeto, que as suas águas, impelidas longe da foz até o alto mar, se conservam doces.

No inverno, quando as chuvas contínuas transbordam os outros, ele não sai do seu álveo. Durante o estio, baixando as águas dos outros, inunda as adjacências.

O velho mito indígena de uma lagoa fabulosa no alto do São Francisco, segundo a concepção da ilha Brasil, então aceita pela cartografia portuguesa.

O ELEFANTE BRANCO DO SERTÃO

Os anos passaram, muitas palestras, muitas polêmicas, muitas águas rolaram sob a ponte, e o projeto não parecia sair do papel, até o Governo de Lula, quando as obras se iniciariam. A guerra entre Lula e JAF foi deflagrada. A posição de JAF contrário à forma como as obras seriam realizadas trouxeram consequências nefastas para a economia do estado de Sergipe no governo de Lula, quando JAF passou a ser novamente governador do estado.

A conclusão desta obra, que se iniciou em 2007, estava originalmente planejada para 2012, mas atrasos mudaram a data prevista para 2022 (TORRENTE, 2020).

Jair Bolsonaro inaugurou no final de junho de 2020, mais um trecho da obra e, provavelmente, a conclusão ainda será na sua gestão.

Orçado inicialmente em 4,5 bilhões de reais, ao longo dos anos, o projeto viu aumentar os seus custos, e até 2021, o Governo Federal já desembolsou 10,8 bilhões, mais que o dobro previsto (TORRENTE, 2020).

Esta obra é considerada até os dias atuais como um grande elefante branco do sertão. A obra tem rachaduras e mato dentro dos canais, a água não chega aos municípios e a conta vai alcançar 12 bilhões de reais (CAMPOS, 2019).

A obra é polêmica desde o seu lançamento e essa transposição do Rio São Francisco, coleciona alguns recordes: é considerada uma das obras mais caras da história do país. Alguns canais não recebem água e apresentam vários danos sérios. Nos dias 21 e 22 de julho de 2019, um perito do Ministério Público Federal da Paraíba vistoriou cerca de 40 km entre Sertânia (PE) e Monteiro (CAMPOS, 2019).

No relatório, o perito aponta uma série de problemas. O revestimento de concreto tem fissuras, trincas e rachaduras que chegam a mais de 1,5 centímetro de espessura. Como faltam estruturas de drenagem, as chuvas levam a areia para o fundo, assoreando muitos trechos do curso d'água. Obras de drenagem estão com paredes quebradas, comprometidas por erosão, e algumas canaletas são quase invisíveis, cobertas por terra e pedregulhos. Há, também, mato dentro do canal (CAMPOS, 2019).

Fora as dificuldades para levar água até onde o projeto prevê, a transposição do São Francisco não foge à regra de todas as grandes obras brasileiras: multiplicação de orçamento, superfaturamento, eternização de prazos, abandono por construtoras e decisões judiciais contrárias à execução (CAMPOS, 2019).

Sim, JAF estava absolutamente correto. Desperdício de recursos da União e o que é mais dramático, não resolve o problema da seca do Nordeste.

O EX-GENRO E O BANESTADO

No dia 8 de agosto de 2000, JAF teve um grande aborrecimento com o seu nome e o do seu genro, o empresário José Edivan do Amorim,

estampados em manchetes dos jornais de maior circulação do país e entre eles, a *Folha de São Paulo*. Foi publicado que na véspera, em Curitiba (PR), a Justiça havia decretado o sequestro e a indisponibilidade de seus bens, entre mais oito pessoas acusadas de se beneficiar de empréstimos irregulares da empresa do conglomerado do Banco do Estado do Paraná (Banestado).

As irregularidades já estavam sendo investigadas há três anos, em conjunto pelos Ministérios Estadual (MPE) e Federal (MPF), que constataram empréstimos supostamente fraudulentos a 33 empresas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000).

Três empresas sergipanas estavam neste rol e eram acusadas de dar um prejuízo de R\$ 28,8 milhões àquela instituição financeira (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000).

As operações foram realizadas entre 1995 a 1997, na gestão de Oswaldo Magalhães Filho, ex-presidente da instituição que morreu em acidente de carro em 1998 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000).

JAF estava sendo acusado de ter feito contrato irregular com a Banestado Leasing S/A Arrendamento Mercantil, por meio de sua empresa, a Habitacional Construções S/A (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000).

Essa história teve vários desdobramentos: o público, com um desgaste da imagem do ex-governador e ex-ministro JAF; e no campo privado, nas relações familiares que envolviam o seu até então genro, José Edivan do Amorim.

O juiz federal Nivaldo Brunoni, da 3ª Vara Criminal de Curitiba, condenou cinco ex-diretores da Banestado Leasing, entre 3 e 4 anos de reclusão, por gerir de forma temerária a instituição financeira; além do empresário José Edivan e do seu suposto laranja José Edinaldo Moraes, ambos beneficiados pela concessão de créditos irregulares a três empresas (TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ, 2013).

Segundo a sentença, os réus cometeram várias irregularidades em operações realizadas entre a Banestado Leasing e a Amorim Transportes. A empresa, com sede em Sergipe, nunca havia sido cliente do Banestado, ainda assim conseguiu um limite de crédito de R\$ 4 milhões, após parecer técnico de aprovação do Comitê de Crédito da Banestado Leasing. Depois, esse limite de crédito foi ampliado para R\$ 5,5 milhões (TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ, 2013).

De acordo com a denúncia do Ministério Público, houve ingerência política. Em maio de 1995, o ex-governador de Sergipe foi convidado para visitar o Paraná pelo presidente do Diretório Regional do PFL, Joaquim dos Santos Filho (pai de Osvaldo Magalhães, na ocasião presidente da instituição financeira) e convocar o então Governador Jaime Lerner a ingressar no PFL. Nessa viagem, o ex-governador de Sergipe estava acompanhado do seu então genro, Amorim, uma pessoa que facilmente conquista os seus interlocutores, e visitaram juntos o escritório do PFL (TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ, 2013).

Ainda de acordo com a sentença proferida, dos cinco contratos firmados entre a empresa Amorim e a Banestado Leasing, nenhum deles foi quitado, apesar das inúmeras renegociações realizadas. Os bens dados em garantia também foram superfaturados em mais de 170% e o réu Amorim, além de não pagar a dívida, transferiu a empresa para laranjas, um dos quais, o réu José Edinaldo Morais (TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ, 2013).

Em relação à empresa Rápido Laser, houve apenas um contrato no valor de R\$ 3,3 milhões, tendo como devedor o réu José Edinaldo, que era na verdade um funcionário de Amorim. O contrato não foi honrado e por três vezes foi renegociado, sem que nenhuma parcela tenha sido paga. A sentença concluiu que a empresa era de fachada, sem patrimônio e sem garantias para obter vultoso empréstimo. O prejuízo para a Banestado Leasing no negócio com a empresa foi de mais de R\$ 8 milhões, segundo a sentença proferida (TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ, 2013).

Por outro lado, a empresa Habitacional Construções assinou dois contratos, cujos garantidores foram JAF e, solidariamente, a sua esposa. Os objetos comprados e pagos em dinheiro à empresa, pelo Banestado, foram em seguida arrendados à Amorim Transportes que, antes do vencimento da primeira parcela, transferiu habilmente o contrato de volta para a Habitacional e, por conseguinte, não os honrou (TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ, 2013).

JAF e Maria sentiram-se traídos na confiança que tinham com o genro.

JAF foi acusado de crime contra o sistema financeiro nacional, e de usar de sua influência como ex-governador de Sergipe e membro do

Partido da Frente Liberal (PFL) para conseguir empréstimo para a sua empresa Habitacional Construções S/A.

Para os promotores, JAF não havia oferecido garantias reais de capacidade do pagamento. JAF, por sua vez, disse que as denúncias tinham um viés político e moveu processo contra o Banestado por prejuízos e danos morais (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000).

Na sua peça de defesa constam declarações do Banestado Leasing S.A. - Arrendamento Mercantil, que emitiu documento, dia 16 de janeiro de 1998, afirmando:

Declaramos para os devidos fins de direito e a quem possa interessar, que não há, em nossos registros (Banestado), nenhum vínculo de ordem societária ou comercial entre V.Sa (JAF), ou sua empresa (Habitacional Construções S.A) com as empresas Rápido Laser Ltda e Amorim Sergipe Transportes Ltda, conforme contratos sociais. [...] Declaramos que a sua empresa mantém relacionamento contratual com o Banestado Leasing S.A. – Arrendamento Mercantil, estando totalmente em dia com as suas obrigações.

A Sexta Turma do Superior Tribunal de Justiça concedeu *habeas-corpus* a João Alves Filho para trancar a ação penal movida contra ele pelo Ministério Público Federal e ele conseguiu se desonerar da ação junto ao STJ, onde finalmente ficou comprovada a sua boa-fé, em outubro de 2001 (O DIREITO, 2001).

O Ministro Fontes de Alencar, relator do processo, conforme toda a documentação que se encontra nos autos, declarou que ficou comprovado que a empresa Habitacional Construções teria feito uma transação bancária normal, cujo valor não chegava a 2% do total do faturamento da empresa (O DIREITO, 2001):

Por tudo que se encontra nos autos e para evitar que o homem público do Brasil, ande na estreitura de um processo penal a sofrer danos, não só na sua pessoa física, mas na sua pessoa moral, concedo a ordem para trancar a ação penal, ressaltou o ministro (O DIREITO, 2001).

O réu José Edivan do Amorim, foi condenado a 7 anos, 9 meses e 10 dias de reclusão, e multa, e finalmente, conseguiu também obter no STJ o trancamento da ação penal em 25.06.2004 (TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ, 2013).

Foram muitos anos de aborrecimentos para a família de JAF por conta destes processos. As alianças de Edivan Amorim com a filha e com a família de JAF ficaram estremecidas.

A família Alves nunca comentou quaisquer dissabores, decepções ou supostos sentimentos de ingratidão que tenham aflorado nas suas almas. Este tema era apenas de cunho privado e mantiveram um clima de cordialidade com Amorim, ainda que com sérios transtornos pós-traumáticos, inclusive porquanto considerável perda do patrimônio que construíram (COSTA, 2017).



JAF ao lado de Albano Franco, Francisco Rollemberg e Heráclito Rollemberg.



João Coração.



No legendário Velho Chico

15

O TERCEIRO GOVERNO DO ESTADO (2003 – 2007)

*Quando o grito de dor do nordestino unir-se
à voz geral dos desencantos, o eco de repente
faz um canto e um canto de repente faz um hino.*

Ronaldo Cunha Lima

Em 1999, o ITN-SE e o PFL alugaram juntos uma casa na Avenida Beira Mar, hoje rebatizada de Avenida Governador Dr. Paulo Barreto de Menezes, para garantir melhores instalações. A partir daí a convivência de JAF com Marcos Prado Dias, o presidente do ITN, foi diária e começaram a traçar os planos da virada, qual seja, a vitória desejada na campanha de 2002 para o Governo de Sergipe.

A forma de trilhar o caminho de uma vitória, era fortalecer o partido com uma reestruturação em todo o Estado, realização de reuniões semanais com a executiva estadual, a criação do PFL Jovem e do PFL Mulher, além de uma agenda de 120 palestras, todas realizadas e proferidas pelo engenheiro JAF, para os estudantes universitários e também dos ensinos médio e fundamental. Os temas das palestras de JAF foram os mais atuais naquele momento que geravam calorosos debates: crise energética, transposição do Rio São Francisco, formação de líderes, geração de emprego e renda, segurança pública. Marcos Prado Dias estava envolvido integralmente, criando oportunidades e dedicando-se ao Projeto *Campanha 2002* (DIAS, 2016).

Conseguiram sensibilizar estudantes da Universidade Federal de Sergipe e das faculdades particulares. Naquela ocasião conseguiram o

apoio de um jovem estudante de Direito, Vinicius Porto, que auxiliava na elaboração do calendário e da agenda de palestras. Vinicius tornou-se presidente do PFL Jovem de Sergipe e ao lado de Marcos Prado Dias, sob a batuta de JAF, instalaram diretórios em 80% dos municípios sergipanos.

Vinicius também exerceu o cargo de vice-presidente nacional do PFL Jovem, o qual tinha como presidente ACM Neto. É vereador pela quarta vez consecutiva, reeleito em 2020, e foi presidente da Câmara dos Vereadores e líder do DEM na Câmara (antigo PFL). Permaneceu no DEM até 2020, quando decidiu dar suporte na Câmara, ao Prefeito Edvaldo Nogueira, e está nos quadros do PDT. Assumiu como vice-presidente da Câmara Municipal de Aracaju, para o biênio 2021/2022.

Aliás, JAF sempre contou com os jovens. Um exemplo disso é o Vereador Nitinho (Josenito Vitale), ex-presidente da Câmara de Vereadores, e que chegou no PFL, na época em que JAF era governador, entre 1983 e 1987. Nitinho ajudou a fundar a ala jovem do antigo PFL, junto com João Alves Neto e alguns amigos da época, até amadurecer e tornar-se um político bem atuante (CORREIO DE SERGIPE, 2020).

Com o tempo, João Neto foi embora e nós ficamos tomando conta da ala jovem. Naquela época, eu tinha uma bicicletinha velha e virei – como não tinha muita coisa naquele momento da minha vida – uma espécie de office boy do antigo PFL.

E ali eu fui acompanhando toda a política do nosso Estado. [...] Graças ao querido amigo que me amava muito, chamado Heleno Viana, que foi vereador pelo partido, tive a oportunidade de ser político, pelo PFL.

Em 1992, fui candidato pela primeira vez, com minha bicicletinha na mão e tive 812 votos. Depois, na segunda, já no Democratas, tive 1.900 votos. [...] Foi um momento também de muita luta.

Quando ele foi prefeito, me deu a oportunidade de assumir a Funcaju.

Mas voltemos para 2002, quando Marcos Prado Dias assumiu, ao lado do empresário Max Andrade, a coordenação geral da campanha do partido.

Diariamente JAF, Marcos Prado e Paulo Valois, às 6h da manhã, já estavam nos cruzamentos das principais avenidas de Aracaju, panfletando e colando adesivo nos carros, até o encerramento dos dois últimos comícios da noite, nas primeiras horas da madrugada (DIAS, 2016).

E foi assim que JAF, com sangue quente de político correndo nas veias, em 2002 saiu candidato, mais uma vez, ao Governo de Sergipe, com o suporte da coligação *João na cabeça e Sergipe no coração*, liderada por seu partido, o PFL e com uma chapa puro sangue, ao lado da vice, Marília Mandarinino (PFL).

**JAF sempre
contou com
os jovens**

JAF despontava como um candidato natural do seu partido, contra o candidato petista, José Eduardo Dutra do PT (com quem foi para o segundo turno), e do governista, o ex-senador Francisco Rollemberg (PTN).

Francisco Rollemberg, médico conceituado, na juventude envolveu-se com política reivindicatória estudantil enquanto estudava nos colégios públicos em Aracaju, Atheneu e Tobias Barreto. Participava de movimentos por meia passagem, meio ingresso no cinema, meio ingresso no Campo Adolfo Rollemberg. Quando foi estudar em Salvador, no Colégio Central da Bahia, trocou o lado reivindicatório da política estudantil, que fazia em Aracaju, por uma política ideológica, participando de muitas reuniões com integrantes de vários partidos, inclusive do PCB. Entrou na faculdade primaz de Medicina do Brasil, na Bahia, e transformou-se em um grande cirurgião, membro do Colégio Brasileiro dos Cirurgiões. Voltou para Sergipe, onde desenvolveu uma medicina humanista. Seu pai era político de destaque da velha UDN, com vários mandatos de prefeito da cidade de Laranjeiras, no interior de Sergipe, e seu irmão Heráclito Rollemberg era político vocacionado.

Chico Rollemberg era convidado por políticos experientes do MDB e Arena que enxergavam futuro partidário naquele jovem: Júlio Leite, Ariosto Amado, Oviedo Teixeira, Augusto Franco, Godofredo Diniz e Luiz Garcia. Filiou-se na Arena. Foi eleito deputado federal e conquistou quatro legislaturas na Câmara e uma no Senado.

Este terceiro mandato que JAF buscava, resultou, inegável, de uma nova reaproximação entre ele e Albano Franco. Sua filha mais velha, Cristina, perguntou ao pai o que significavam estas alianças que do ponto de vista dela, era incompreensíveis. Há um ano o político fulano

era seu inimigo e agora, estão juntos novamente, falando de um terceiro político. Ao que JAF respondeu: *minha filha isso não é para ser entendido*. Pascoal Nabuco (2017, p. 167) fez uma leitura disso e afirmou que essa reaproximação,

[...] por si só, demonstra que nada de novo ocorre na política sergipana e que as elites dominantes se reconciliam para não perder o poder. Os sergipanos se acostumaram a vê-los ora unidos, ora adversários. O importante para eles é manter o poder nas mãos.

A DEPRESSÃO VOLTOU

Quando o primeiro turno aconteceu, JAF estava bem desanimado, cansado, sem energia e bastante pessimista. Claro que estes são os critérios para o diagnóstico da depressão que voltou a se manifestar. O seu desejo era largar tudo e não enfrentar mais um período, ainda que breve, de campanha, para o segundo turno. A família se reuniu, não podiam deixá-lo desistir. A política tornara-se um motor propulsor que dava sentido a sua vida. E desistir dela seria renunciar à sua própria existência.

Todos daquela família sabiam que o seu desejo de jogar tudo para o alto era fruto do seu quadro depressivo. Não iriam permitir. Ele chegou a esboçar um anúncio para a renúncia à disputa eleitoral. Reunião feita, todos a postos e vigilantes. Poucas pessoas, talvez duas ou três, fora do clã familiar ficaram sabendo da sua depressão.

A família, literalmente, segurou na mão de João. Cristina, buscou ajuda para o pai, também, na antroposofia.

A palavra antroposofia vem do grego e significa conhecimento do ser humano. Trata-se de uma doutrina filosófica e mística fundada pelo filósofo austríaco, Rudolf Steiner. A antroposofia é a ciência espiritual, um caminho em busca da verdade que preenche o abismo historicamente criado desde a escolástica entre fé e ciência. Usa medicamentos que são dinamizados, ou seja, passam por processos que os diluem e agitam diversas vezes, chegando a concentrações muito discretas de substâncias que possuem o princípio ativo. O intuito é despertar o potencial curativo, que fica naturalmente entorpecido na pessoa.

As medicações antroposóficas tinham que ser administradas de hora em hora. Cristina, diferente dos dois irmãos, que nunca gostou

de política, se viu na necessidade de ajudar o pai e participou de perto da campanha dele, do segundo turno, para controlar o uso das medicações. Cristina e sua tia-avó, Tia Tetê, se alternavam nesta tarefa e pegaram a estrada com JAF, nas visitas aos municípios de Sergipe. O pai a buscava em casa de manhã cedo e voltavam para casa altas horas

“ Foi meu grande amigo. Devo minha vida pública a ele

da noite, em um esquema alucinante de campanha, atravessando o pequeno estado de Sergipe de ponta a ponta.

Apenas a antroposofia era impotente diante da depressão profunda na qual JAF mergulhou. Em socorro à família, estava a sempre parceira incontestada,

que ajudava em todas as demandas daquela família: a irmã de Maria do Carmo, a psiquiatra Cecília que entrou novamente em ação e ajudou a assisti-lo.

Cristina já tinha os seus dois filhos mais velhos. Os deixou em companhia do genitor das crianças, Edivan Amorim, e foi cuidar do seu próprio pai que demandava mais cuidados e era prioridade naquele momento. Diferente dos seus irmãos, Cristina não gostava de política e nunca se envolvera em uma campanha, salvo naquela singular circunstância. Ela não estava ali por causa das eleições, mas pelo que uma campanha e a vida pública do seu pai significavam para ele. Mesmo que ela não entendesse e não concordasse com aquilo, ela iria ajudá-lo, pois o seu lema era que quando uma pessoa ama a outra, apoia incondicionalmente.

Cristina acreditava que sempre perdia o pai para a política. Os períodos nos quais o seu pai estava fora do poder eram os seus melhores, de mais contato, troca e de mais amor. O seu pai era um homem extremamente carinhoso, afetuoso e beijoqueiro, mas também, admitia Cristina, o seu pai era muito vaidoso, não sem razão, acerca da sua biografia pública, que estava sendo escrita a cada cargo ocupado por ele, afinal era um homem com belíssima trajetória, de origem humilde, família pobre e negra. Claro que ele tinha méritos fenomenais!

Finalmente chegou o dia das eleições. Tia Tetê e Cristina deram conta da tarefa, pajeando JAF, garantindo refeições adequadas e medicações, conforme as prescrições. Houve uma acirrada disputa e JAF

conquistou, naquele segundo turno que concorreu com o petista, com 55% dos votos válidos, o seu terceiro mandato à frente do Governo de Sergipe, e foi reconduzido junto com a vice-governadora, Marília Carvalho Mandarinho. Com aquela vitória, JAF alcançou a proeza inédita até então, de governar o estado de Sergipe por três vezes.

Os Secretários de Estado escolhidos por JAF foram: Flávio Conceição de Oliveira Neto (Casa Civil); Djenal Gonçalves Soares (Representação de Sergipe em Brasília); José Everaldo de Oliveira (Articulação com os municípios); Gilmar de Melo Mendes (Fazenda); José de Araújo Mendonça Sobrinho (Administração); José Lima Santana (Saúde); Marcos Prado Dias (Educação); Georlize Oliveira Costa Teles (Segurança Pública); Walker Martins Carvalho (Trabalho e Emprego); Emanuel Messias Oliveira Cacho (Justiça e Cidadania); César Gomes Gama (Comunicação Social); Pedro Almeida Valadares Neto (Turismo); Luiz Durval Machado Tavares (Infraestrutura); Nicodemus Correia Falcão (Secretário de Estado de Governo); Tácito Antônio de Faro Melo (Indústria, Comércio e da Ciência e Tecnologia); Artur Sergio de Almeida Reis (Agricultura, Abastecimento e Irrigação); Maria Selma Mesquita (Combate à Pobreza da Assistência Social e do Trabalho); Carlos Batalha de Carvalho (Juventude e Esporte); José Carlos Mesquita Teixeira (Cultura); Sergio Silva Fontes (Planejamento); Jadilson Fontes Arnaldo (Chefe do Gabinete Militar); Eduardo Roberto Sobral e Farias (Controladoria Geral); José Alves do Nascimento (Coordenação Política e Assuntos Institucionais); Sérgio Oliveira da Silva (Meio Ambiente); Clóvis Silveira (Assuntos Parlamentares); Edgar D'Ávila Melo Silveira (Procurador Geral do Estado); Renan Tavares de Menezes (Defensor Público Geral do Estado).

Na terceira administração de JAF como governador do estado, José Carlos Machado ocupou a liderança da bancada federal de Sergipe em Brasília. Segundo ele, o ex-governador o ajudou a construir sua vida pública.

Foi meu grande amigo. Devo minha vida pública a ele. Quando ele via que o secretariado estava desmotivado, ele dizia: 'sabe por que as coisas estão dando certo? Porque vocês são melhores do que eu'. Esse era João, um homem generoso (BARRETO, 2020; F5 NEWS, 2020).

No terceiro governo de JAF, o seu amigo João Gomes Cardoso Barreto foi membro de alguns Conselhos de Administração, de instituições como Banese, IPES, Instituto Parreiras Horta e DETRAN.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Apesar da eleição de Maria do Carmo para senadora e da sua própria eleição a governador para um terceiro mandato, o poder político de JAF começou a declinar devido a fatores diversos. Contribuiu a ação política do Governo Federal, cujo titular nutria profundo ódio ao governador sergipano por suas posições que atraíam a ira do presidente: a sua posição contrária à Reforma Tributária e a campanha que moveu contra a transposição do Rio São Francisco.

Logo no início do novo governo, em 6 de maio de 2003, na 44ª Reunião Geral da Frente Nacional de Prefeitos, realizada em Aracaju e organizada pelo Prefeito Marcelo Déda, com a presença do Presidente Lula, JAF proferiu um contundente discurso com a sua preocupação sobre os prejuízos do Nordeste com a Reforma Tributária. Naquela reforma havia a previsão da uniformidade das alíquotas de ICMS. No seu discurso, ele diz, entre outras coisas, que:

Tudo isso seria louvável, desde que tivéssemos para nos proteger uma política de desenvolvimento regional e a cobrança dos impostos que fossem, como nas modernas nações do mudo, no destino e não na origem. Porque a guerra fiscal é ruim, porém sem ela, como é que nós vamos conseguir atrair uma indústria para Itabaiana ou para Lagarto, aqui em Sergipe?

Todas elas irão seguramente para o sudeste industrializado. Elas irão para Campinas, para Ribeirão Preto ou outras cidades próximas. Exatamente pelo fato de elas disporem da melhor infraestrutura rodoviária, portuária e ferroviária; por possuírem os grandes centros de pesquisa; por terem a base financeira do país, a mão de obra especializada e, particularmente, o esmagador poder aquisitivo.

Nós não teremos chances nenhuma de concorrer na atração de novos empreendimentos e assim nós vamos fatalmente aumentar a concentração de riquezas. Vamos aumentar a desigualdade regional e vamos criar dois Brasis, ou como

dizia um grande economista brasileiro, a Belíndia. Isto é, a Índia subdesenvolvida no Nordeste brasileiro, e a Bélgica desenvolvida no sudeste industrializado.

[...] nós não podemos deixar de lutar. Nós nordestinos teremos que nos empenhar junto ao congresso para mudar essas distorções. Respeitosamente, queremos pedir a Vossa Excelência, que a decisão sobre se a cobrança será na origem ou no destino seja uma questão a ser decidida no Congresso Nacional. Apelamos para que Vossa Excelência fique neutro, adotando uma postura de magistrado.

Na Democracia [...] nós devemos procurar o consenso, porém, quando o consenso não existe, a decisão deve ser no voto: quem tem mais voto, ganha. Isso é democracia.

É essa a postura que acreditamos haverá de ser adotada por Vossa Excelência.

O apelo que JAF fez a Lula para tornar-se neutro, teve efeito contrário. Lula saiu contrariado e fumegando daquele evento em Aracaju. Na percepção dele, JAF aproveitou-se daquele grande encontro e usou de um ardil para convencer e doutrinar os prefeitos da região Nordeste que iriam, por sua vez, doravante, trabalhar para pressionar os seus respectivos parlamentares, a favor de uma alíquota diferenciada e considerada pelos nordestinos, mais justa na Reforma Tributária.

Os efeitos são de conhecimento público do que JAF e os sergipanos, iriam sofrer e sentir na própria pele, durante os próximos quatro anos: boicotes e perseguições.

MATRIZ ENERGÉTICA BRASILEIRA

Em 2003, JAF lança um livro que analisa o quadro do sistema energético brasileiro descrevendo o seu desenvolvimento desde os tempos do Império, passando pelos vários períodos de implementação do sistema hidroenergético, desde Getúlio Vargas, analisando as crises do setor e a ameaça de apagão e propondo alternativas considerando o nosso manancial energético.

A cada dia que passava, enquanto FHC era o presidente, ficou claro para todos, que os anos tucanos causaram um esgotamento energético. A iminência do apagão foi apenas a ponta do *iceberg*, correspondente à calamidade; o Governo deixou de investir no recrudescimento da

capacidade de gênese e repartição. A privatização foi uma catástrofe, tanto que as empresas estiveram no corredor da morte; o Proálcool, na época, foi demonizado. O Brasil retrocedia nesta seara.

Sebastião Nery, jornalista e escritor, nos conta na apresentação deste livro que as primeiras incursões de JAF na temática energética nos leva ao ano de 1961, quando ele ainda era um jovem estudante de 20 anos e entrou na Comissão de Planejamento Econômico (CPE) do Governo da Bahia, em Salvador, presidida por Rômulo Almeida, o saudoso economista que foi chefe da Assessoria Econômica do segundo governo de Getúlio Vargas, de 1951 a 1954, com a conspícua incumbência de averiguar a conjuntura da economia nacional e aparelhar uma política energética para o país.

João Alves estava chegando a Salvador para cursar engenharia na tradicional Escola Politécnica da Bahia, sendo que já era diretor-técnico de uma empresa familiar e procurou Rômulo, na CPE, para saber acerca da economia, possibilidades e futuro de Sergipe. Após uma hora de conversações, Rômulo entoou: *Esse rapaz vai longe. Muito sério para a idade dele*. Isso quem nos conta é Nery, que era assessor de Rômulo àquela ocasião.

Esta obra *Matriz Energética Brasileira: da Crise à Grande Esperança* é um apropriado tratado, feito em detrimento da traição nacional que determinou a desmoração do sistema energético brasileiro e o apagão. Uma obra aguerrida, arrojada, correta e, sobretudo, conclusiva, documentada, comprovando que, no jogo pesado e sujo das influências internacionais, nada acontece por eventualidade. O livro nos conta a epopeia da energia no Brasil, desde Dom Pedro II inaugurando em 1879 a iluminação pública da Central do Brasil no Rio de Janeiro.

Na década de 1920, tem o emblemático episódio protagonizado pelo pioneiro Delmiro Gouveia, que soube aproveitar Paulo Afonso e no governo de Getúlio Vargas foi instituído a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf), o que se tornou um marco.

A Central Elétrica de Furnas S.A., por sua vez, foi criada em 28 de fevereiro de 1957, e autorizada a funcionar na mesma data pelo Decreto nº 41.066 era destinada ao abastecimento energético da região Sudeste, representando a principal iniciativa do Governo Juscelino Kubitschek no campo da produção de eletricidade.

Sua missão original consistiu em implantar um sistema integrado de geração e transmissão, mediante o aproveitamento do potencial do Rio Grande no trecho das corredeiras de Furnas, perto da cidade de Passos (MG) e da divisa com o estado de São Paulo. A usina despontou como a primeira central geradora do país com capacidade superior a 1.000 megawatts.


A criação da companhia assinalou a entrada em cena do Governo Federal no mercado de energia elétrica da região mais desenvolvi-

da do país, dominado em larga escala por empresas de capital privado pertencentes a dois grupos estrangeiros. As empresas do grupo canadense, Brazilian Traction e a Light and Power, monopolizavam o atendimento ao eixo Rio-São Paulo, fornecendo energia para o antigo Distrito Federal, o alto Vale do Paraíba, a capital paulista, cidades industriais vizinhas e o porto de Santos (SP). No pós-guerra, a Light passou a enfrentar sérias dificuldades para acompanhar o notável crescimento da demanda em suas áreas de concessão. O mesmo aconteceu com as subsidiárias da American & Foreign Power (Amforp) que geravam e distribuíam energia para Belo Horizonte e outras capitais, além de importantes municípios do interior paulista, como Campinas.

Juscelino Kubitschek, em sua campanha eleitoral, havia prometido eliminar os pontos de estrangulamento da economia nacional que ameaçavam a continuidade do processo de industrialização, destacando a necessidade de investimentos maciços nas áreas de energia e transporte.

A presença do Governo Federal, como grande produtor de energia elétrica já era realidade na região Nordeste com a inauguração da usina de Paulo Afonso pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf), no final de 1954.

O projeto de criação da Eletrobrás permanecia paralisado no Congresso desde a morte do presidente Vargas em agosto do mesmo ano, mas importantes recursos para novos empreendimentos da União tinham sido assegurados com a aprovação do Fundo Federal de Eletrificação, também idealizado por Vargas. Além disso, a participação do poder público estadual no setor começava a ganhar impulso,

Anselmo Gois, 
jornalista, exalta a
capacidade de JAF de
estudar e pesquisar
exaustivamente os
temas apaixonantes

viabilizando a eletrificação de áreas relegadas a segundo plano pelo capital estrangeiro. A empresa Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig), fundada em 1952 por Juscelino, estava à frente de amplo programa de construção de hidrelétricas. Paralelamente, o Governo de São Paulo obteve certo número de concessões nos rios Paranapanema e Pardo, organizando sociedades de economia mista para sua exploração.

JAF conta toda a história do Apagão, crime maquinado, com planejamento esquematizado e adimplido nos bastidores da política econômico-financeira, numa emboscada contra o futuro do país. O capítulo que conclui a obra nos deslinda a sabotagem do Proálcool e nos brinda, em 2003, com uma lição admirável sobre as novas energias que só agora, em 2021, desenvolveram sua melhor performance: a solar, fototérmica, fotovoltaica, eólica e da biomassa.

Foram 22 meses estudando, lendo e pesquisando, para JAF concluir esta obra, na qual nos presenteia com uma lição magnânima de nacionalidade, um genuíno libelo que defende o Brasil com todas as forças e argumentos disponíveis.

Foram vários os depoimentos em prol da presente obra, feitos por diversas personalidades do cenário local e/ou nacional.

Anselmo Gois, jornalista, exalta a capacidade de JAF de estudar e pesquisar exaustivamente os temas apaixonantes pelos quais se interessa, a exemplo do drama das secas no Nordeste, e naquela ocasião, se revelou totalmente dedicado e se apropriou bem do tema que envolve as questões energéticas: *João Alves Filho quando pega um assunto, vai até a exaustão. Vai até a última gota. [...] O livro mostra, com bons argumentos e dados incontestáveis, a tragédia do modelo energético perpetuado nos anos tucanos.*

O físico e criador do Proálcool, José Walter Bautista Vidal, juntamente com Gilberto Felisberto Vasconcellos, escritor e doutor em sociologia afirmaram que era:

com inegável júbilo que os membros e representantes da escola da biomassa assistem a uma assimilação crítica do arsenal teórico e prático dos trópicos por parte de um profissional bem-sucedido nas áreas empresarial e política, superando assim a terrível alienação energética e tecnológica que tanto emperra e dificulta os caminhos soberanos do desenvolvimento nacional.

Nessa obra JAF revela ser profundo conhecedor do agreste nordestino e da cultura dos trópicos. JAF se mostra como um homem de saber de experiência feita, aquele que vai além do diagnóstico e mostra soluções práticas para a região e todo o país, seja na esfera das secas, seja no campo da temática energética.

Um dos maiores méritos deste livro é a análise crítica que JAF realiza acerca do que vinha acontecendo no Brasil na área energética durante aquela última década, especialmente no que tange a confrontação entre a interdição do petróleo nos anos de 1970 e o depressivo apagão de 2001.

JAF demonstra de forma analítica que a tensão do confisco petrolífero da década de 1970, foi muito mais atinado do que aquela que desenvolveu com o apagão. De resto, esse vexatório apagão foi arduamente delineado pelos inimigos do Brasil, externos e internos. Vale enfatizar nesse aspecto, o interesse de JAF em apontar o território brasileiro como o ambiente da perspectiva para o futuro da humanidade, num mundo que se localizava em peleja devido ao imprevisto dos combustíveis fósseis.

Neste livro, JAF propõe trilhas de desenvolvimento que reduziriam a zero a importação de energia, de matérias-primas, de tecnologia, equipamentos e de dólar. Com isso, ele traz como uma das suas conclusões que, por meio de um desenvolvimento endógeno, abre-se a possibilidade sólida da concepção de milhões de novos postos de trabalho e banimento da fome, com a fabricação ajustada de energia e comida.

A CÚPULA DO MILÊNIO E O DISCURSO DE JAF NA ONU

A ONU promoveu em setembro do ano 2000, a Cúpula do Milênio, onde líderes de vários países assinaram um documento estabelecendo prioridades para dizimar a extrema pobreza e a fome do planeta até 2015.

Oito objetivos foram definidos nesse evento, os quais passaram a ser chamados de Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, como também foi firmada uma parceria global para a construção do desenvolvimento sustentável. Para cada um desses objetivos foram estabelecidas metas, num total de 18, que vem acompanhadas por um conjunto de 48 indicadores.

Em sintonia com essa concepção, o primeiro passo do Governo do Estado foi escolher as duas prioridades fundamentais do seu plano estratégico de Governo. Assim foram eleitos dois objetivos básicos:

alcançar um Projeto de Desenvolvimento Autossustentável para Sergipe e viabilizar um vigoroso aumento do IDH.

Tudo foi rigorosamente planejado. Para coordenar o seu planejamento, foi contratada uma das mais conceituadas organizações nacionais dedicadas ao ensino de pós-graduação, mestrado e doutorado dos vários campos da Administração Pública e Empresarial. Trata-se da Fundação Dom Cabral que formulou o projeto e estabeleceu metas detalhadas em um trabalho conjunto com o corpo técnico do Estado.

Deve-se ressaltar que todas as secretarias e seus respectivos corpos funcionais estavam comprometidos com as metas, comprometendo todos os recursos disponíveis do Estado, para a implementação de todas essas ações. O Governo de Sergipe inaugurou em 2003, uma nova etapa de administração, ao adotar um modelo de gestão por resultados que oferecia à administração pública estadual uma perspectiva menos burocrática e mais ágil em seu gerenciamento.

Para viabilizar este modelo, o Governo definiu alguns programas prioritários da sua gestão.

Em junho de 2005, o Governador JAF fez o seu discurso em Nova Iorque, na Organização das Nações Unidas (ONU), elencando os objetivos de desenvolvimento do milênio que Sergipe estava assumindo:

Atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio requer uma mudança no paradigma do desenvolvimento: primeiramente com estratégias novas, focadas e coerentes que priorizam as metas; em segundo lugar, compromisso e uma grande vontade política desde os líderes mundiais até os atores locais e; em terceiro lugar, novas parcerias para o desenvolvimento baseados em responsabilidades compartilhadas entre todos os atores envolvidos. Isto somente pode ser feito através de um esforço conjunto, reunindo agências internacionais, autoridades locais, o setor privado, organizações da sociedade civil e famílias.

E assim foram traçados os objetivos do seu governo espelhando as propostas da ONU:

1. Erradicar a pobreza extrema e a fome.

Ponto essencial para erradicar a miséria era gerando empregos permanentes. Criou-se o programa Rede está na mesa de

Inclusão Social através de subprojetos para reduzir o contingente da população sergipana, com renda inferior a um dólar *per capita* por dia:

Projeto *Banco do Povo*, o único do gênero no país, até então, inspirado em uma experiência criada em Bangladesh, pelo economista Muhammad Yunus, que consistia na concessão de empréstimos pelo Banco do Estado de Sergipe (Banese) a pessoas carentes e estranhas a qualquer tipo de acesso aos serviços bancários, com a finalidade de financiar pequenos negócios e treinar, preparando os tomadores para gerir seus negócios; Projeto *Inclusão Digital*; Projeto *Ovinocultura*; Projeto *Nova Califórnia*; Programa de *Citricultura*; Programa *Sergipe Turístico*; Projeto *Santa Maria*; Projeto *Refeição diária e Geração de renda*; e o Projeto *Pró-leite*.

2. Garantir ensino básico universal.

JAF e sua equipe trabalharam em função de escolas públicas de qualidade e com centros de excelência de ensino.

3. Igualdade de gêneros e empoderamento da mulher.

O Programa *Banco do Povo* beneficiou majoritariamente as mulheres (68,5%), especialmente aquelas com atuação no setor de serviços (79,59%). As mulheres, mães de família, são também priorizadas nos projetos de construção de casas populares como o de desfavelamento e o de erradicação de casas de taipa.

4. Reduzir a mortalidade infantil e melhorar a saúde materna.

Segundo os sanitaristas, a má qualidade da água consumida é uma das principais causas da mortalidade infantil. Para resolver isso foi implementado o Programa *Água em toda Casa*, ampliando o abastecimento de água pela rede pública a mais de 400 mil sergipanos. O defendido pela OMS é que para cada dólar investido em água, há uma economia de quatro a cinco dólares nos gastos com saúde pública. Para tal meta lançou-se mão dos Programas Saúde Pública de Qualidade; *Pró-mulher*, *Pró-família*, *Mais saúde*, *Mais vida*. No Programa de Intervenção para Gerenciamento de Hospital aumentaram-se seis leitos de UTI materna para gestante de alto risco e mais 40 leitos de UTI neonatais, praticamente duplicando a capacidade anterior.

5. Combater o HIV, a malária e outras doenças.
6. Garantir a sustentabilidade ambiental.
7. Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento dos países com maior necessidade e conquistou parcerias e patrocínios de grandes corporações como a Votorantim, Vale do Rio Doce, Ambev e Nassau.

COMEÇANDO OS TRABALHOS

A *Secretaria de combate à pobreza* foi criada em 2003, durante a terceira gestão de JAF frente ao Governo de Sergipe e seguiu o programa federal de combate à fome, chamado de *Fome Zero*, criado pelo Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, recém-empossado.

Sua mulher, Maria do Carmo, nesta ocasião, licenciou-se do Senado para assumir a nova secretaria, que também procurou desenvolver programas nas áreas de saúde e habitação. Maria tinha experiência e muitos prêmios internacionais de sobra, pelos bons trabalhos que sempre prestou à população e pelos bons índices sociais que angariou graças à qualidade de vida que imprimia nas comunidades assistidas (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

EDUCAÇÃO DE PRIMEIRO MUNDO

Há um consenso unindo pensadores modernos, segundo o qual vivemos um novo momento da história: a humanidade está na era do conhecimento. A educação virou fator essencial para o jovem progredir, mas é indispensável assegurar-lhe uma educação de qualidade.

Marcos Prado Dias era um homem talhado para estes grandes desafios. Ele assumiu a Secretaria de Estado da Educação (SEED) em 2003. Como político, dirigiu por seis anos o Instituto Tancredo Neves em Sergipe, e já havia ocupado esta pasta no governo de Antônio Carlos Valadares com muito êxito. Foi também presidente da Fundação Hospitalar de Sergipe e presidente do Instituto Parreiras Horta. Não faltava experiência para aquele médico e professor universitário.

Essa gestão de Marcos Prado era de puro determinismo e dedicação. Tinha o hábito de visitar as escolas diariamente no começo das manhãs, gostava de conversar com os professores e alunos, pedir ajuda para a conservação das escolas, colher deles sugestões para uma

melhor administração e oferecer-se como exemplo de alguém que sempre frequentou a escola pública e graduou-se como médico (DIAS, 2016).

Com o lema *Educação de Futuro* implantou-se em Sergipe, em apenas um ano, programas importantes e pioneiros para o desenvolvimento educacional do Estado.

Sergipe Cidadão foi um destes programas desta pasta, para erradicação do analfabetismo e que foi agraciado com um prêmio nacional da Alfabetização Solitária. Outro programa importante foi o maior curso pré-universitário público do país, na capital e no interior do estado, que atendeu milhares de jovens sergipanos como forma de vencer obstáculos frente aos baixos índices de aprovação de alunos de escolas públicas em universidades. Também foi criado o Centro de Excelência, com total recuperação do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, maior ícone da educação sergipana (DIAS, 2016).

Um fenômeno cruel agravava a, já insuportável, desigualdade social: a maioria dos aprovados no vestibular da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2003, eram filhos de famílias da alta classe média e rica, confirmando-se a constatação de uma pesquisa feita naquela época, pelo Banco Mundial, que apontou como primeira causa da brutal desigualdade brasileira, a baixa qualidade das escolas públicas do país.

Ou seja, nas últimas décadas, criou-se uma dicotomia perversa, pela qual vigora no Brasil, dois regimes: enquanto progressivamente, o padrão do ensino público, que há menos de quatro décadas era de primeiro nível, despencou a um patamar deplorável; em contrapartida, as melhores escolas privadas se esmeram por todos os meios para garantir a seus alunos o mais elevado padrão de qualidade de ensino.

O pensamento de JAF era que não devíamos nos entregar e lamentar o *leite derramado*, mas que a sociedade brasileira, em especial os formadores de opinião, se unissem, não para pedir, mas exigir uma radical mudança de rumos da educação pública nacional, sob pena do Brasil continuar a ser a eterna nação do futuro.

Por ter consciência dessa triste realidade, o Governo de Sergipe promoveu uma revolução para fazer com que alunos da escola pública tivessem o mesmo padrão de qualidade de ensino das melhores

O pensamento de JAF era que não devíamos nos entregar e lamentar

escolas privadas, além de disponibilizar a todos os que cursavam a terceira série do ensino médio um pré-vestibular gratuito e de boa qualidade no Estado.

Em 2003, ainda sob o comando de Marcos Prado nesta pasta, houve a revitalização do Sistema Aperipê de rádio e televisão, para a utilização no processo de educação à distância e o pleno funcionamento do centro de qualificação Professor Antônio Garcia Filho.

Em fevereiro de 2004, Marcos deixou a secretaria sob aplausos dos seus colaboradores e do próprio JAF que, publicamente, lhe agradeceu e reconheceu as conquistas da pasta e não sem razão, 2003 pôde ser considerado o ano da educação em Sergipe. Aquele ano, 2003, foi só o começo do que estava por vir na educação (DIAS, 2016).

Marcos voltou a atuar como médico e professor universitário. Ele era imortal da Academia Sergipana de Medicina, foi presidente da Sociedade Norte-Nordeste de Coloproctologia e mestre do Colégio Brasileiro de Cirurgias. Veio a falecer em 2012, deixando um legado inestimável e muito reconhecimento público.

Outrossim, o secretário que sucedeu a Marcos, o engenheiro elétrico, Lindberg Gondim de Lucena, continuou os projetos inicialmente traçados e já em pleno funcionamento, e que pelo bom êxito da pasta, gerou prêmios para Sergipe. Pelo fato de JAF priorizar a educação no seu Governo, Sergipe passou do quinto para o primeiro lugar, no Índice de Desenvolvimento Humano, ou seja, qualidade de vida, no Nordeste.

Também destaque no campo da Ciência e Tecnologia para Sergipe, através da Lei nº 5.771, de 12 de dezembro de 2005, que JAF concebeu a Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação de Sergipe (Fapitec), que tem por finalidade promover o apoio e o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica, da inovação e do empreendedorismo. As ações da Fapitec propiciam, desde então, o apoio a diversos pesquisadores sergipanos e a ampliação dos cursos de mestrado e doutorado em Sergipe, portanto, um importante legado para os cientistas sergipanos (NASCIMENTO, 2020).

Em 20 de fevereiro de 2006, Sergipe era manchete na *Revista Forbes*, que trouxe na capa o título *Futuro Vitaminado*. Um trecho da matéria diz:

Em 2003, no início da atual gestão, o número de analfabetos em Sergipe era da ordem de 330 mil pessoas. Hoje, esse número caiu para 120 mil. Com base nos cálculos oficiais,

até 2008, o analfabetismo estará totalmente erradicado em Sergipe. Este ano o Estado iniciou uma investida em outro nível de ensino e é a primeira unidade da federação a dispor de cursos preparatórios para o vestibular, gratuitos, em todos os seus municípios para os alunos da rede pública (FORBES, 2016).

Em 7 de junho de 2006, era a vez de Sergipe ser notícia na *Folha de São Paulo*, na coluna de Antônio Delfim Netto com o título *O melhor IDH do Nordeste*.

Quem não é o maior, tem que ser o melhor [...]. Este *slogan* se aplica ao estado de Sergipe, disse Delfim Netto (2006), atribuindo o sucesso à velocidade com que Sergipe vinha superando as chamadas *metas do milênio* em termos de crescimento econômico e de desenvolvimento humano.

Três fatos chamavam a atenção no relatório *Dados relevantes sobre Sergipe*, divulgados pelo Governo Estadual e analisados pelo Deputado Federal Delfim Netto. Eles mostravam uma interessante convergência da prática da boa governança, com um vigoroso crescimento econômico, impulsionado em boa parte pelo investimento público, e o simultâneo avanço dos índices de desenvolvimento humano.

No final do século XX, Sergipe tinha o pior IDH do Nordeste; em 2002 era o quinto colocado, e em 2006 passou a ser classificado pelo IBGE como o estado nordestino de melhor qualidade de vida.

No início do terceiro mandato do Governador JAF, a dívida pública do Estado era de 72,6% da receita líquida e foi reduzida a 45,3% no final de 2005. Enquanto o PIB brasileiro cresceu 2,3%, Sergipe alcançou um crescimento de 5,2% em 2005 (DELFIM NETTO, 2006).

O desenvolvimento econômico e o progresso social não acontecem sem uma governança amiga, que ao mesmo tempo estimule o espírito empresarial, cuide da infraestrutura e convença a sociedade de que administra corretamente as finanças públicas. Nesse particular, Sergipe selecionou metas razoavelmente ambiciosas, em três setores fundamentais e as vem realizando (DELFIM NETTO, 2006):

1) *na Educação, seus programas, “Escola Pública de Qualidade”, de capacitação de professores para o ensino básico e de interiorização do vestibular, são apontados*

como exemplo pela Unesco e recomendados para demais países em desenvolvimento;

- 2) *no setor da Saúde/Saneamento, Sergipe já é um dos três Estados brasileiros, melhores servidos em abastecimento de água tratada nas residências. Com isso, superou as metas do programa "Água em Toda Casa" e, graças a investimentos de US\$ 400 milhões com recursos próprios, pretende ser o primeiro Estado brasileiro a ter 100% da população atendida em 2008;*
- 3) *Sergipe é o estado líder em participação no programa "Luz para Todos", em parceria com o Governo Federal (aporta 30% dos recursos, contra 10% dos demais Estados) e projeta atingir a meta de fornecimento de energia a todas as residências em 2006. Nessa marcha, o menor de todos, logo vai ser o melhor do Nordeste...*

O investimento em educação foi tão palpável e maciço que Sergipe ganhou destaque na prestigiada coluna *Ponto de Vista*, de Cláudio de Moura Castro, na *Revista Veja*, cujo título era: *Em se plantando, dá*. Destacamos aqui recortes deste texto (CASTRO, 2006):

Faz poucos anos, Sergipe resolveu cuidar seriamente de seu ensino. O governador define a educação como sua prioridade. Iniciou dois programas com o Instituto Ayrton Senna, experimenta um novo método de alfabetização infantil e está implantando as fórmulas gerenciais do professor Vicente Falconi Campos.

As avaliações mostram quais são os professores com melhor desempenho, para recompensá-los com prêmios e um subsídio para que comprem o próprio computador.

Algumas escolas estão sendo convertidas em estabelecimentos-modelo, começando a receber estudantes selecionados pelo seu talento. Foram criados pré-vestibulares gratuitos para alunos da escola pública e são oferecidos prêmios aos mais bem colocados na universidade federal. Ainda é cedo para os resultados aparecerem no SEAB e no censo escolar. Mas se o Estado persistir nessa linha é inevitável que os resultados sejam visíveis em breve.

Os resultados foram visíveis, sim. Em 2003, só 1% dos aprovados no vestibular da UFS eram integrantes do grupo de 16 mil alunos recém-concludentes da escola pública no ano anterior. Apenas quatro anos depois, no vestibular de 2007 da mesma universidade, esse percentual subiu exponencialmente para 30,7%. A ascensão é tanto mais importante quando se constata, no mesmo período, que a UFS conseguiu uma formidável expansão do seu campus, dobrando o número de novos alunos a cursarem o primeiro ano daquela conceituada instituição de ensino, ou seja, saltando de pouco mais de 2.000 estudantes em 2003, para 4.000 em 2007.

Além dessa notável conquista, na última avaliação da qualidade do ensino feita pelo MEC durante o governo de JAF (SAEB 2005), os alunos da rede estadual foram classificados em primeiro lugar em todos os aspectos analisados, comparativamente aos seus colegas dos demais Estados nordestinos, com destaque especial para Português e Matemática.

Por outro lado, também foi criado o Centro Estadual de Ensino Superior, com 2.040 vagas gratuitas, oferecidas em 12 polos no interior e na capital, com várias opções de cursos universitários destinados exclusivamente aos alunos egressos da rede estadual. E como fecho de ouro, o moderno e inovador sistema de ensino público introduzido na gestão de JAF, classificado pelo órgão especializado da ONU, a Unesco, e premiado, como modelo, na América Latina, apto a ser adotado por outros países em desenvolvimento.

Alagoas, ao eleger Teotônio Vilela Filho (PSDB) como governador, um grande amigo de JAF, no pleito de 2006, convidou integrantes do Governo de Sergipe, entre eles o Secretário de Educação, Lindberg Lucena, para passar as experiências administrativas de sucesso vivenciadas em Sergipe. A partir daí o governo de Teotônio Vilela construiu o seu plano de Governo, montando o Pacto pela Educação, com um termo de compromisso posteriormente assinado, pela qualidade da educação pública de Alagoas, que incluiu a Secretaria de Estado da Educação e do Esporte e os trabalhadores da educação, representados pelo Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Alagoas. Dever de casa não é coisa só de criança. Sergipe se fez modelo e fez escola para o mundo assistir, com o seu dever de casa cumprido (TRIBUNA DE ALAGOAS, 2006; GAZETA DE ALAGOAS, 2006).

HOSPITAL GOV. JOÃO ALVES FILHO

O hospital foi criado no primeiro governo de JAF e nessa terceira gestão, promoveu, através da Secretaria de Estado da Saúde, a contratação de uma empresa especializada em construção hospitalar para que fosse realizado um planejamento organizado de reformas necessárias, diante das novas exigências e demandas necessárias em face do crescimento populacional, com ênfase para a atualização dos fluxos internos, visando a atender à estrutura hospitalar: na reforma do pronto socorro, com ampla recepção, dois consultórios de acolhimento e classificação de riscos, quatro consultórios para triagem, uma sala para inalação, uma para ouvidoria e uma enfermaria para observação após medicação inicial; ampliação do banco de sangue; a construção do Hospital Infantil; a construção de um novo centro cirúrgico, com o aumento do número de salas de cinco para dez; construção de centro de imagens para a realização de exames de pacientes internos e externos com a criação de um bloco de centro de diagnóstico, com a centralização dos exames de radiologia, endoscopia, broncoscopia, colonoscopia, ultrassonografia, eletrocardiograma, ecocardiograma, hemodinâmica, tomografia; a criação da unidade de tratamento para pacientes com queimaduras, dotada de sala de cirurgia e terapia intensiva; ampliação do número de leitos de 90 para 400; a construção da nova unidade de tratamento intensivo e semi-intensivo, com o aumento do número de leitos de ambas; a construção de uma nova central de esterilização; sala de repouso para os profissionais; e a construção de um bloco integrado de serviços, a área de apoio a toda a estrutura hospitalar, composta por almoxarifado, lavanderia, refeitório, etc.

Como ponto norteador de todo o trabalho de gestão, foi elaborado um Planejamento Estratégico Institucional, onde se elencou um conjunto de ações com metas a serem alcançadas até o ano de 2010, planejamento discutido em oficinas de trabalho, contando com a participação de todos os servidores da casa, dando-se a oportunidade para uma discussão mais ampla sobre as metas e os prazos a serem estabelecidos e cumpridos, com o objetivo de não se incorrer no erro de impor um planejamento sem ouvir os diversos segmentos representativos do hospital.

Foram realizados seminários de Integração de Desenvolvimento de Equipes, contando com a participação de 650 servidores, com equipes

multidisciplinares, onde foram discutidos os problemas de cada funcionário em seu setor, ouvindo suas queixas e trocando ideias com a equipe diretiva, buscando-se com isso, o maior conhecimento dos problemas existentes.

Foi implementado um novo programa de informática em que foram treinados 481 funcionários, além de 180 servidores que realizaram cursos de informática através da Associação dos Funcionários.

Aliás, foi na área de Tecnologia da Informação (TI) que surgiram os primeiros resultados com a ampliação da infraestrutura através da aquisição de 230 novos computadores, dois servidores, nobreaks e 25 impressoras, o que viabilizou a implementação do sistema de informática que contemplou as áreas de gestão hospitalar, gestão do paciente, gestão clínica, diagnóstico e terapia. Inclusive, com a disponibilização do prontuário eletrônico e dispensação individual, gestão de materiais, faturamento, gestão financeira, serviços de apoio através de 16 módulos, proporcionando a automatização dos processos e a obtenção de custos hospitalares *on time*, além da disponibilidade do módulo de telemedicina, o qual possibilitaria a discussão de casos clínicos com outros centros mais avançados.

Com a implementação de todos os módulos, o Hospital Geral João Alves Filho, conseguiria alcançar um patamar de TI que poucas unidades hospitalares do país dispunham de modo completo, até então.

Vale a pena registrar, que Marcelo Déda quando assumiu o Governo de Sergipe em 2007, rebatizou o hospital e passou a chamá-lo de Hospital de Urgências Médicas de Sergipe (HUSE). Não se sabe exatamente a motivação do petista. Mas, verdade seja dita, que a população nunca se acostumou com o novo nome e continuou a chamá-lo de Hospital João Alves. No final de 2020, nas homenagens de despedida de JAF, o Governador Belivaldo Chagas restabeleceu o nome original do hospital, como pleito e reconhecimento pelo legado e construção do mais importante hospital de referência do estado de Sergipe.

IMPLANTAÇÃO DO SAMU E OUTRAS AÇÕES DE SAÚDE

Buscou-se melhorar o atendimento das equipes do Programa de Saúde da Família (PSF), que em Sergipe passou a ser o estado da Federação com a maior área de atuação do programa, segundo dados do Ministério da Saúde, com cobertura de 87,9%.

No hospital de Propriá foi executado uma reforma na unidade; ampliação e reforma no hospital de Ribeirópolis e no de Tobias Barreto; construiu o Centro de Especialidades de Itabaiana e iniciou o funcionamento do SAMU estadual, o primeiro em todo o Brasil, implementado a nível estadual que, junto com um melhor funcionamento dos hospitais regionais, proporcionou a implementação de sistema de referência e contrarreferência, não somente contribuindo para salvar vidas como, também, reduzindo a demanda de atendimento para o Hospital Geral João Alves Filho, em que muitos casos poderiam ser resolvidos em seu local de origem.

PONTE CONSTRUTOR JOÃO ALVES

Só os sonhadores e os teimosos constroem a História

João Alves Filho

A ponte foi projetada e desenhada como projeto de Governo, antes das eleições de 2002. No dia 27 de setembro de 2004, iniciou-se a construção da ponte Construtor João Alves, ligando Aracaju ao município de Barra dos Coqueiros e todo o litoral norte do estado sobre o Rio Sergipe.

No dia 24 de setembro de 2006, com ações na justiça e muita polêmica, houve tentativa de impedir a sua inauguração por parte do procurador da República Paulo Guedes Fontes, que alegava que a inauguração seria para fins eleitorais. O juiz federal Edmilson Pimenta argumentou que JAF era candidato à reeleição e o marido da vice-governadora, Cesar Mandarino, também do PFL, era candidato a deputado estadual, e que o governador e a vice não poderiam estar presentes na cerimônia de inauguração, mas nada impedia que a ponte fosse entregue à população.

Era um final de semana e o Ministério Público só poderia recorrer da sentença judicial na segunda-feira. Com a decisão favorável à inauguração, JAF foi estratégico e marcou o evento para as 19h, mas sagazmente o antecipou em duas horas para evitar manifestações do Partido dos Trabalhadores que pretendia tumultuar a festa de entrega. O ato foi conduzido por Luiz Durval, o engenheiro e Secretário de Obras, responsável principal, desde o planejamento até a execução do projeto. Naquela solenidade, não houve discursos e nem festa com a

presença do povo, como JAF havia sonhado. O descerramento da placa foi realizado por três netos do Governador JAF, sem fotos e sem registros com fins eleitorais, para respeitar a decisão judicial (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2006).

Muitos anos depois, sua neta Malú, porquanto a sua memória afetiva, fez referência àquele momento por ocasião de uma homenagem fúnebre dirigida ao avô, como tendo sido, aquela inauguração, algo marcante em sua vida: *Você me ensinou a pensar grande, em toda a sua megalomania, quando me deu, nos braços de meu pai, a oportunidade de cortar a fita de uma ponte que ninguém achou que seria materializada: até que você, a fez* (ALVES, M. L.M, 2020).

Sob a batuta do arquiteto italiano Mario de Miranda e inspirada na Ponte Vasco da Gama, em Portugal, foi inaugurada a mais linda ponte que Sergipe já viu, até os dias atuais, com a assinatura de JAF.

Em 2007, em um desabafo, JAF demonstrou preocupação com o estado geral da estrutura de cabos daquela linda ponte, que exigia manutenção constante, porém estava sendo negligenciada pelo Governador Marcelo Déda (PT), como resultante de retaliação política daquele que ganhou as eleições e tentava ofuscar o brilho e as obras do antecessor, demonstrando pobreza de espírito e despreço pela coisa pública e o bem comum (LEITE, 2020).

A PONTE EM DETALHES


A ponte tem 1,8 km de extensão, um vão central de 200 metros, duas pistas para veículos, calçada para pedestre, ciclovia e uma adutora para levar água do São Francisco para a Barra dos Coqueiros. A sua iluminação é deslumbrante. Ela foi anunciada como a segunda maior ponte urbana do país, e a maior do Nordeste.

Esta magnífica obra foi orçada inicialmente em R\$ 99 milhões, foi executada pela Empresa Sul Americana de Montagens S/A (EMSA), de Goiânia. A obra empregou quase mil operários durante sua construção. O prazo de entrega, que estava estimado em 720 dias, foi de 25 meses. A ponte foi projetada pelo engenheiro italiano Mario de Miranda e pelo engenheiro civil Annibal Crosara, sendo este último o responsável técnico (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2006).

A ponte Construtor João Alves é o ponto construído mais alto da cidade, ultrapassando o mais alto edifício da cidade, o Edifício Banco

do Estado de Sergipe, construído pelo governador Lourival Baptista e conhecido como Edifício Maria Feliciano, em homenagem a uma mulher sergipana que ficou famosa pela sua impressionante altura de 2,25 metros. As más línguas diziam que Lourival queria enxergar do alto do edifício a sua cidade São Cristóvão e por isso o fizera tão alto.

A Beira Mar é o ponto certo para a fotografia com a bela ponte ao fundo. Tornou-se ponto turístico obrigatório da cidade. Existem *blogs* de fotografia que armazenam os mais lindos ângulos daquela maravilhosa obra, que pode ser vista desde o centro da cidade, até a foz do rio, à beira do oceano.

**O Governador
JAF bebeu da
ideia futurista** 

A ponte foi razão de muitas polêmicas e controvérsias. A oposição fez vários movimentos para que a ela, não fosse dado o nome, Construtor João Alves, que alude ao nome do pai do governador, um grande pioneiro da construção civil. Queriam chamá-la *Ponte Zé Peixe*, em homenagem ao prático local, que por muitos anos guiou a nado, os barcos que entravam e saíam da cidade pelo Rio Sergipe, ou *Ponte Ricardo Leite* que divulgou essa ideia nos anos 90, quando da sua candidatura à Prefeitura de Aracaju em 1996.

O Governador JAF bebeu da ideia futurista, usada pelo advogado e jornalista Ricardo Leite, que lançou a ideia da ponte, ligando Aracaju ao município de Barra dos Coqueiros, como mote principal de sua campanha. Ricardo admite que a ideia sequer era sua, originalmente, porém aproveitou algo que foi algum dia ventilado, mas provavelmente algo impossível de ser realizado, mas que servira como excelente material da campanha de um menino sonhador, de 27 anos, à Prefeitura de Aracaju (LEITE, 2020).

Original ou não, a ideia foi carinhosamente armazenada por JAF. Não basta sonhar, é preciso ter atitudes e ações, e JAF era um homem de vanguarda e sabia reconhecer da importância da ponte, caso ela fosse construída. Sim, era um projeto caro e arrojado, mas iria favorecer o acesso rodoviário entre Aracaju e o porto do estado de Sergipe, dentro do município da Barra dos Coqueiros e as praias do litoral norte, o que traria dividendos importantes para os sergipanos. Com a obra, o litoral norte do Estado, que vai da foz do Rio Sergipe até à foz do Rio São Francisco, ficou mais acessível também ao turismo. Reconhecidamente,

uma belíssima e funcional obra pública que beneficiou o Estado, e só um visionário como JAF seria capaz de abraçar um projeto deste porte.

A ponte teve notoriedade nacional antes mesmo da sua conclusão, no período da votação do Orçamento Geral da União de 2006, porquanto a fonte do seu financiamento, se por meio do orçamento ou empréstimo do BNDES, fomentou entraves político entre o Governo e a oposição.

José Carlos Machado, nas homenagens feitas a JAF na sua despedida terrena, lembrou como um dos mais marcantes momentos históricos que viveu ao lado de João, a realização daquela ponte e que, segundo ele, revelou o magnífico caráter empreendedor e destemido do engenheiro civil:

Ele teve o financiamento da ponte Aracaju-Barra negado pelo Governo Federal. Ele era oposição a Lula, então Presidente da República e, mesmo assim, conseguiu tocar o projeto e entregar a obra, em pouco mais de três anos. Para ele não tinha obstáculo, disse Machado (F5 NEWS, 2020).

MEMORIAL PARA O TCU SOBRE INCONSTITUCIONALIDADE

Naquela época Lula dava providências para o início ao seu projeto de transposição do Rio São Francisco, enquanto JAF fazia discursos virulentos desde o ano 2000 contra a transposição. Resultado: Sergipe ficou severamente asfocado, financeiramente, pelo Governo Federal.

Em um memorial que JAF apresentou, em nome do Governo de Sergipe, para o TCU, sobre a inconstitucionalidade da transposição do Rio São Francisco, ele usa os seguintes argumentos:

1. Fere o pacto federativo (atinge quatro estados que não foram consultados (Minas, Bahia, Sergipe e Alagoas) e que são estados doadores, os quais serão prejudicados. Estes estados opõem-se à transposição.
2. Fere o princípio da razoabilidade. Há formas menos onerosas, sem prejudicar o Rio São Francisco, utilizando-se de reservas de águas do subsolo ou da interligação de açudes nos estados donatários.
3. Fere o princípio da proporcionalidade ao, em vez de revitalizar o rio, enfraquece-o ainda mais com a transposição das águas.

4. Fere o princípio da preservação ambiental, por destruir fauna, flora das margens do Rio São Francisco, além da flora fluviais e das espécies de peixes
5. Fere o princípio da eficiência, pois gastar-se-á mais dinheiro dos contribuintes para um projeto muito mais oneroso que aquele da ligação dos açudes ou da retirada de água do subsolo.
6. Fere o princípio da moralidade, visto que cabe ao Governo encontrar para os mesmos efeitos, soluções alternativas menos onerosas, quando as há, que fiquem além de eventuais interesses de terceiros.

E foi assim que, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, quatro séculos depois do início da história do Rio São Francisco, este chegou no Supremo Tribunal Federal. O Tribunal de Contas da União bloqueou o projeto do governo de Lula, por considerá-lo inconstitucional: se o projeto da transposição atinge 10 estados, tinha que necessariamente ser aprovado por todos. Além do que, o projeto não tinha as licitações e concorrências, como exigidas por lei.

Em discurso na Câmara dos Deputados no mesmo ano, JAF disse:

Para o Presidente Lula, nascido como eu, de famílias humildes do semiárido, que viveu a realidade cruel das secas, é fundamental ter a oportunidade histórica de, por meio de projetos simples testados em várias partes do mundo, promover a plena convivência (e não o combate) com as secas, dando condições perenes de trabalho e dignidade aos cidadãos. A ajuda começa garantindo água, por meio desse projeto, a quase 100% das casas dos sertanejos. Bastaria aplicar nele, pouco mais de 1% das reservas em dólares mantidas pelo país.

Resultado: JAF não teve ajuda do Governo Federal na sua gestão. Lula fez tudo que estava ao seu alcance para derrotá-lo. JAF construiu a duras penas, a ponte Construtor João Alves, ligando os municípios Aracaju-Barra dos Coqueiros por sobre o Rio Sergipe. Aquela ponte encurtou as distâncias entre a capital e o litoral norte do estado, facilitando o escoamento de produtos pelo porto, também por ele construído em

1994, com isso, gerou integração e desenvolvimento turístico e urbanístico às novas regiões (ESPÍRITO SANTO, 2020).

Aquela ponte foi construída a um custo de 280 milhões que saiu inteiramente dos cofres do Governo Estadual. O BNDES reteve os recursos. O preço político, entretanto, que JAF teve que pagar por aquela obra, foi incomensurável.

CORRIDA PELO QUARTO MANDATO

Em 2006, no seu terceiro mandato, João Alves não contava com alianças políticas nos executivos federal e municipal, então chefiados por Lula e Marcelo Déda, respectivamente, o que só lhe rendeu dificuldades, mas ainda assim, *João Coragem*, foi candidato pela quarta vez ao Governo do Estado, numa campanha marcada por discussões entre PFL e PSDB em torno das alianças eleitorais. Aliados em outros estados, os dois partidos enfrentavam conflitos de interesses em Sergipe, na Bahia e no Maranhão, que dificultavam o apoio ao candidato tucano à presidência, Geraldo Alckmin.

Em Sergipe, o PSDB de início fez parte da coligação *Sergipe no rumo certo*, para reeleição de JAF, que reuniu dez partidos. Mas, na convenção estadual de junho, o presidente do PSDB no estado, Bosco Costa, rompeu com o PFL, seguido por sua substituta, Maria Mendonça. Os dois deixaram o PSDB e passaram a apoiar o candidato do PT, Marcelo Déda.

Outro fator decisivo naquela eleição foi a sua pretensão em concorrer ao quarto mandato, o que já promovia desgaste na sua candidatura. Não tendo formado quadros, o governador insistia em enfrentar o Governo Federal e poderosas forças políticas integradas agora pelo PT, coligado a outros segmentos partidários sob as bênçãos de Lula (NABUCO, 2017).

Além do que, existia outro agravante naquele ano de eleição: a formação de uma chapa familiar, onde ele era o candidato a governador, Maria para o Senado e seu genro, Mendonça Prado, para deputado federal. O projeto político de Maria do Carmo, agora, se conflitava com o de João.

Sem recursos financeiros, haja vista a ponte Construtor João Alves, ter esvaído todos os recursos dos cofres do Estado por ser um financiamento próprio, JAF não teve recursos para reconquistar os chefes políticos interioranos, insatisfeitos com ele, e que nem parecia o líder de

tempos outros, embora portador de imenso carisma. Dos 75 prefeitos, apenas se manteve fiel o de Ribeirópolis, da família Passos (NABUCO, 2017).

Aquele pleito foi extremamente polarizado, entre a esquerda e a direita. JAF concorria nas urnas com um outro fenômeno eleitoral, o então prefeito de Aracaju, Marcelo Déda, advogado e político talentoso, dotado de invejável oratória, com destacada passagem no legislativo, estadual e federal, e que vinha de dois mandatos sucessivos à frente do executivo municipal (ESPÍRITO SANTO, 2020).

O governador não dispunha de recursos para suprir a voracidade dos antigos aliados e era a primeira vez em Sergipe em que os políticos do interior não ficaram com o governador de plantão. Déda, por conseguinte, teve o decisivo apoio do seu compadre, o Presidente da República, e não faltaram recursos financeiros para custear a campanha e atrair para si as velhas e corrompidas lideranças interioranas, contra as quais tanto lutara. Todos se bandearam para o lado do seu adversário, Marcelo Déda, de cujo governo iriam advir os recursos que o Estado poderia lhes oferecer. Era a volta da velha política patrimonialista e clientelista que usava recursos públicos para cooptar lideranças interioranas para o seu projeto político (NABUCO, 2017).

Com isso, acentuou-se a rivalidade política entre pefelistas e petistas sergipanos, direita e esquerda. Depois de acirrada disputa, Marcelo Déda, que vinha de dois mandatos sucessivos à frente do executivo municipal, e tinha como candidato a vice, o atual Governador do Estado Belivaldo Chagas (PSB), foi eleito governador de Sergipe, derrotando JAF, que deixou o Governo em 31 de dezembro (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Maria do Carmo e Mendonça Prado foram reeleitos, ela como senadora e este com deputado federal pelo PFL. Nessa legislatura, Mendonça Prado exerceu o cargo de vice-presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, vice-líder da minoria, coordenador da bancada do Democratas na Comissão Mista do Orçamento Geral da União.

Quanto ao *João Guerreiro*, por ter insistido na sua luta contra Lula, embora fosse correta, a sua posição contrária à Reforma Tributária e à Transposição do Velho Chico, acabou ficando só e sem o apoio dos demais governadores que, diferentemente dele, ficaram com o Governo Federal, em detrimento dos interesses regionais. Sua luta inglória,

serviu, entretanto, para evidenciar mais ainda, a sua posição de coragem, firmeza e de profundo conhecimento e respeito pelos problemas que afligem o Nordeste.

Coube assim ao Governo Federal, o sórdido papel de executor das medidas perversas contra Sergipe, mas para espanto dos sergipanos, competiu às próprias lideranças políticas, filhos do estado de Sergipe, a parte mais ignóbil da trama perversa: serem os verdadeiros inspiradores das medidas tomadas pelo Planalto, até porque não tinham condições melhores de acompanhar os meus passos e as minhas pretensões na realização de todos os projetos da sua gestão, porquanto eles serem elaborados em várias secretarias, nas quais era natural, em um governo democrático, que a cúpula petista e de partidos aliados também, tivessem simpatizantes que os informavam, embora, tenho certeza que, eles não tinham consciência dos males que suas informações causariam.

Por sua vez, na ótica de fazer política dessa gente que nos fazia oposição odienta, o grande objetivo era a conquista do Governo, a qualquer custo e, para tanto, era primordial impedir minha reeleição. Ao cabo e ao fim, isso era o que importava. Daí porque, se os meios utilizados trariam prejuízos inexoráveis para os sergipanos, seus conterrâneos, isso era apenas um simples detalhe do contexto...

O resultado das urnas, em 2006, trouxe a segunda derrota eleitoral da chapa encabeçada por João Alves e seu vice Fabiano Oliveira (PSDB), no primeiro turno. João Alves apareceu com 45,02% dos votos e o terceiro colocado o advogado e Deputado Federal João Fontes (PDT) com 2,12%, o que demonstra bem a forte polarização entre as candidaturas de João e Déda (ESPÍRITO SANTO, 2020).

Em novembro de 2006 ele lançou, mais uma obra, uma brochura, intitulada *A insensatez do projeto de transposição*, com belas ilustrações coloridas e com os argumentos que já conhecemos, reafirmando todas as suas teses e propondo novas soluções para a seca do Nordeste (ALVES FILHO, 2006).

Na apresentação da obra acima citada, JAF diz:

Como nordestino e sertanejo da área do Rio São Francisco, em Sergipe, agrade a mim e aos sergipanos, a afrontosa afirmação do Governo Federal, de que toda a polêmica sobre o tema gravitaria em torno do egoísmo, pois nós seríamos contrários a esse projeto de transposição simplesmente porque nos recusamos a dar uma cuia d'água aos nossos irmãos cearenses, paraibanos e potiguares.

Ora, o sertanejo tem uma tradição de jamais negar um copo d'água nem mesmo a um inimigo, como então poderíamos negar aplacar a sede de nossos irmãos nordestinos?

O que de fato ocorre é que, o projeto que aí está esboçado pelo governo do Presidente Lula, é destinado, em sua maioria, não ao consumo humano ou animal, mas à criação de camarão e, sobretudo, à irrigação.

SAI O PFL E ENTRA O PT

Na cerimônia de transmissão de cargo, João, com dignidade, se fez presente com espírito republicano e democrático, para passar a faixa para o novo governador. O eufórico público presente, correligionários do novo Governador, ensaiou uma vaia, entretanto Marcelo Déda interrompeu de forma rápida e dir-se-ia, elegante, aquela manifestação e disse que a despeito de compreender a alegria que o momento trazia, frente a uma vitória retumbante, aquela vitória se tornara meritosa porque as urnas o consagraram diante de um grande, reconhecido e respeitado político, da estatura do Dr. João Alves Filho. A forte salva de palmas ecoou e o sorriso gigante de JAF abriu-se: estava grato com aquela intervenção e acolhimento, pois era uma situação constrangedora. As palavras eram verdadeiras, porém não eram gratuitas: até o mais ferrenho adversário reconhecia a importância de JAF para Sergipe (ESPÍRITO SANTO, 2020).

A LUTA CONTINUOU

Depois do seu terceiro mandato de governador, as lutas pelas causas nobres continuaram, e JAF permaneceu colocando sua energia na questão da transposição do Rio São Francisco.

JAF, em um gesto audacioso, típico de homens corajosos, tentou mais uma vez, persuadir o Presidente Lula e enviou em 2007, uma carta aberta para Lula, dizendo:

Na verdade, o velho Chico está na UTI e corre o risco de morrer, mesmo pela anunciada mudança climática provocada pelo efeito estufa que, segundo a cúpula dos melhores cientistas do mundo anunciou, provocará a tragédia de o sertão deixar de ser semiárido para se tornar árido.

O projeto da transposição ameaça de morte o Rio São Francisco, enquanto a parte esmagadora do volume de água retirada, será para o agronegócio. O dano maior à região será a brutal diminuição das chuvas e a morte de rios. Pela sua fragilidade, o mais importante candidato à morte é o Rio São Francisco.

Estudo do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), para o Ministério do Meio Ambiente, concluiu que a transposição é perigosa, porque com a mudança climática, seus canais correm o risco de seca.

E haveria solução fora da transposição? Há e muito melhor. Essa é a razão fundamental desta carta (de JAF para Lula). Segundo a Associação Brasileira de Águas Subterrâneas, o Nordeste tem uma gigantesca reserva de água de subsolo, capaz de fornecer 20 bilhões de metros cúbicos de água por ano, várias vezes superior ao volume de água a ser levado pela transposição.

Enquanto 70% da água consumida pelos europeus e 60% pelos americanos vêm de águas subterrâneas, o Nordeste só usa 4% de seu potencial, como assinalou o engenheiro piauiense e professor Manoel Bomfim Ribeiro (2007), na obra prima “A potencialidade do semiárido brasileiro”.

Há um mito de que no Nordeste setentrional não há água suficiente. É uma grande falácia. Há excesso de água, graças à brilhante ação dos nossos engenheiros e sobretudo do DNOCS, que construíram, no século passado, a maior reserva de água acumulada em açudes do mundo.

São 70 mil açudes, que acumulam 37 bilhões de metros cúbicos de água, equivalente a 15 baías da Guanabara. Os estados que mais possuem são Ceará, Rio Grande do Norte e

Paraíba. Só que esqueceram de construir a obra mais barata e eficiente para levar água à porta das casas: uma rede de adutoras, interligando-os. Resultado: hoje o maior consumidor é o sol.

Há um projeto elaborado, quando fui Ministro do Interior nos cinco anos do Governo Sarney que pode levar água praticamente a 100% dos habitantes da região, em condições muito mais vantajosas.

O projeto de transposição custará no mínimo 6,5 bilhões de reais (especialistas calculam muito mais) e atenderá apenas com água na porta, entre 500 mil a um milhão de pessoas e em somente quatro Estados. A maioria da água irá para o agronegócio e seu tempo de construção é imprevisível.

Já o projeto alternativo custará em torno de 3,5 bilhões de reais, levará água à porta de 9 milhões de moradores de 10 Estados e não afetará o rio. E mais: pode ser construído em três anos, por ser de obras simples e locais.

O SERTÃO PODE VIRAR MAR?

Recebeu uma carta de Artur Ferreira da Silva, datada de 22 de março de 2007, contendo um volumoso dossiê com relatórios, recortes de jornais e pareceres técnicos acerca da transposição do Rio São Francisco, datados de 2004 a 2007. A primeira página do dossiê era o documento *Compromisso pela vida do São Francisco*, produzido em Recife e datado de 19 de maio de 1995, o tal pacto entre o Governo Federal de FHC e governos estaduais, com o objetivo de recuperar e possibilitar o múltiplo uso do potencial hídrico do Rio São Francisco para abastecimento humano, agricultura irrigada, navegação, piscicultura e lazer, de forma sustentável.

O Dr. Artur, autor do dossiê, era um pernambucano, do município de Moreno, nasceu em 1914, e muito jovem foi para a Bahia, como funcionário do IBGE, chegando a ser seu Diretor Regional por mais de 20 anos, tendo atuação nos Estados de Alagoas, Ceará, e do próprio Pernambuco, vindo também a exercer importantes cargos no serviço público, entre estes destacamos a direção do Desenbanco, no primeiro governo de ACM, superintendente da Sudene e presidente da Usiba, além de uma intensa participação em organismos e coordenações na área da pesquisa e do ensino.

Dr. Artur foi, também, um destacado professor de Geografia, Matemática e Estatística, sendo considerado um dos grandes estudiosos de dados estatísticos e seus rebatimentos sociais e econômicos no processo de desenvolvimento do Nordeste e, particularmente, da Bahia.

Pois bem, na sua carta para JAF, em papel personalizado, manuscrito, ele dizia: *acompanho a sua brava luta em defesa do nosso Velho Chico e contra esse desastroso projeto de transposição*. E segue dizendo:

Hoje, pela TV Senado, ouvi o Senador Antônio Carlos Valadares manifestar-se contra o Projeto.

Remeti dossiês semelhantes aos senadores, ACM e Cesar Borges, e aos deputados Jorge Khouri, Aleluia, ACM Neto, Félix Mendonça (engenheiro, ex-prefeito de Itabuna na Bahia). Remeti também, um exemplar para a Senadora Lúcia Vânia, presidente da Comissão de Desenvolvimento Regional.

E termina a carta dizendo ainda: *aos 93 anos, ainda tenho energia, graças a Deus, para lutar por uma boa causa.*

Neste dossiê, com farta e rica documentação, tem uma carta aberta ao Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, datada de novembro de 2004 e vários relatórios técnicos redigidos pelo Engenheiro Manoel Bomfim Ribeiro, que foi diretor do Dnocs, diretor da Codevasf e Consultor da Secretaria de Recurso Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, afirmando que a transposição não é necessária, pois o nó górdio estava na distribuição. Afirma ainda que *a obra só terá expressão para as firmas empreiteiras que, de há muito estão ociosas e que podem ser utilizadas na rede rodoviária brasileira. Conclui dizendo que à luz dos dados técnicos, esta obra não compensa.*

Esse projeto não resiste às análises frias das pranchetas dos técnicos, pelas incongruências contidas nos seus 93 volumes. O projeto continuou circunscrito ao próprio Ministério, não se adentrou nas universidades, conselhos regionais de engenharia e arquitetura e entidades científicas para o debate amplo e democrático. Por que?

Constam vários pareceres e destacam-se entre muitos outros, os de Raymundo Garrido, engenheiro civil, ex-secretário Nacional

de Recursos Hídricos; João Alfredo Telles Melo, professor de Direito Ambiental e consultor da Greenpeace/Brasil; Artur Ferreira da Silva, presidente do Conselho do Instituto Manoel Novaes para o desenvolvimento da Bacia do São Francisco (IMAN); Fundação Instituto Miguel Calmon; João Suassuna, engenheiro agrônomo e pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco; Magnólia Azevedo Said, da Frente de uma nova cultura da água; geólogo Dilermando Alves do Nascimento, especialista em águas superficiais e subterrâneas da Região do Nordeste do Brasil (este documento foi subscrito por mais 20 geólogos, 14 geógrafos, quatro engenheiros agrônomos, dois engenheiros florestais; um naturalista, uma bióloga; dois analistas de sistema, uma psicóloga, e quatro técnicos em geologia.

A última página deste dossiê tem os preceitos ecológicos do Padre Cícero (Juazeiro do Norte 1844-1934). O *Padim Pade Ciço* era um sábio e recomendava (MARQUES, 1988):

Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau.

Não toque fogo no roçado, nem na caatinga.

Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água da chuva.

Represe os riachos de cem em cem metros para guardar água da chuva.

Plante cada dia ao menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá, ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.

Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar você a conviver com a seca.

Não caçe mais e deixe os bichos viverem.

Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.

Não plante serra acima, nem faça roçado em ladeira muito em pé. Deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza.

Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, se não obedecer, dentro de pouco tempo, o sertão todo vai virar um deserto só.

Nada naquele dossiê era novo para JAF, mas era reconfortante saber que outras cabeças pensantes, estudiosos, pesquisadores comun-gavam das suas ideias, com argumentos sólidos, sustentação científica, documental e técnica. Não estava sozinho.

Em 1º de janeiro de 2011, aos 96 anos, Artur Ferreira da Silva veio a óbito. Não sabemos se JAF e ele chegaram a se conhecer e ou se falar pessoalmente, mas a sua carta e o seu dossiê ficaram bem guardados na biblioteca do ex-governador do estado de Sergipe e ex-ministro do Interior. Indubitavelmente, JAF era a maior autoridade que o Brasil contemporâneo teve, nas últimas três décadas, como profundo conhecedor dos problemas e das possíveis soluções que contemplaria o Nordeste.

CAMINHADA PARTIDÁRIA E A REFUNDAÇÃO DO PFL

Quando foi extinto o bipartidarismo no Brasil (1966-1979), a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), através da Lei nº 6.767 de 20 de dezembro de 1979, JAF trocou a Arena pelo Partido Popular (PP), legenda da qual foi um dos fundadores em Sergipe, a convite de Tancredo Neves.

O Partido Popular (PP) foi um partido político criado em 12 de fevereiro de 1980, após a reforma partidária realizada no Governo João Figueiredo e teve em Tancredo Neves sua maior liderança. Foi extinto após sua convenção nacional ter determinado a incorporação ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) em 1981.

Com essa incorporação pelo PMDB, no final de 1981, JAF decidiu ingressar no Partido Democrático Social (PDS) a convite do cacique Augusto Franco que o ajudou a eleger-se governador de Sergipe em 1982. Em março de 1985, rompeu politicamente com a família Franco e ingressou no Partido da Frente Liberal (PFL), era o fim do Regime Militar de 1964 e tínhamos a instauração da Nova República em 1985. Este partido surgiu por iniciativa dos governadores do Nordeste.

Em março de 2007, participou da refundação de seu partido, o PFL, que deu origem ao Democratas (DEM). JAF foi fiel ao seu partido até o fim da sua vida.

Ele nunca cogitou concorrer a alguma vaga para o Poder Legislativo, sem dúvida, poderia ter sido eleito, facilmente, como deputado ou senador, mas JAF era homem de ação, e o seu perfil era de execução.

RELATO DE UMA PERSEGUIÇÃO PRESIDENCIAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Em maio de 2008, JAF publicou um documento intitulado *Relato de uma perseguição presidencial e suas consequências*. Trata-se essencialmente de uma denúncia, ou várias, contra o Presidente Lula que tentou destruir o governador de Sergipe e para alcançar os seus objetivos, massacrando o povo sergipano. Trata-se de um farto material, impactante e bem ilustrado, em cuja abertura, JAF diz que:

Em respeito aos leitores, e levando em conta a gravidade dos fatos narrados, ocorridos em um Estado supostamente democrático, esclareço: se quaisquer dos eventos descritos forem considerados inverídicos ou eventualmente caluniosos, coloco-me à disposição para prová-los em Juízo (ALVES FILHO, 2008, p.3).

O texto de JAF, que nunca foi contestado, começa trazendo uma passagem do livro *Viagens com o presidente*, dos jornalistas Eduardo Scolese e Leonêncio Nossa (2006). Uma viagem presidencial quase sempre chega ao público pela forma resumida de discursos e entrevistas. Mas o deslocamento de um presidente, principalmente no caso de Luiz Inácio Lula da Silva, vai muito além disso.

Viagens com o presidente trouxe histórias inéditas dos bastidores das idas e vindas do Presidente Lula pelo país e pelo mundo.

Os autores transportam os leitores à cabine de avião, e às salas VIP reservadas a Lula, apresentando um registro único, de todas as fases dos quatro anos de mandato de Eclipse, um dos codinomes de Lula usados pelos seguranças da Presidência. É o Lula sem rodeios, longe dos holofotes e diferente da imagem oficial, contando piadas, cobrando e ironizando ministros, xingando, chorando, bebendo seu uísque, vibrando com a recepção das pessoas, fazendo articulações políticas e reclamando de adversários e aliados.

Na cobertura de Lula no Palácio do Planalto, no interior do Brasil e no exterior, os jornalistas Eduardo Scolese, da *Folha de S. Paulo*, e Leonêncio Nossa, de *O Estado de S. Paulo*, mostraram que poucos conseguem manter por muito tempo certos segredos, seja o assessor fiel, o motorista, o bajulador, o garçom ou o próprio presidente. Além de

intrigas, curiosidades e histórias inéditas, o livro trouxe um encarte com dezenas de fotos a bordo do avião presidencial, de Lula em banquetes de reis ou nos galpões de fábricas.

Surpresos com os acontecimentos protagonizados pelo Presidente da República, sentiram-se no dever ético de levá-los ao conhecimento público da nação. Tomaram a precaução, não apenas para dar credibilidade aos fatos narrados, mas para blindá-los contra eventuais processos judiciais por calúnia, de só publicarem diálogos onde tivessem ao menos duas testemunhas para corroborar as narrações. Desconhecem-se desmentidos oficiais ou ação judicial contestando a publicação. O livro transformou-se em um *best seller*.

Pois bem, neste livro destes dois jornalistas, na página 221, há um diálogo do presidente com a então senadora do PT do Pará, Ana Júlia Carepa, que questiona o presidente, segundo narram os autores:

Presidente, diz a senadora, o que existe de fato entre o senhor e o governador sergipano, JAF?

Ao que Lula responde: *eu sempre quis foder o João Alves. Já fiz aliança com todo mundo lá, com o Albano Franco, com o Almeida Lima. Eu faço aliança com qualquer um para foder o João Alves. Este eu quero foder de qualquer jeito.*

Pois bem, neste documento, publicado por JAF, todo escrito na primeira pessoa, ele relata as atrocidades do Presidente Lula contra Sergipe e com o conhecimento, aquiescência e colaboração de sergipanos.

VETO À PONTE CONSTRUTOR JOÃO ALVES

JAF relata neste seu texto, que fechou um financiamento com um banco europeu para a construção da ponte Aracaju-Barra dos Coqueiros. O presidente do BNDES procurou o governador no Palácio do Governo de Sergipe, propondo financiar a obra. Alegava que os recursos do banco eram mais baratos e não tinham riscos cambiais e ainda argumentou que Sergipe tinha excelente capacidade de endividamento, além de ser o turismo, uma prioridade do BNDES.

Guido Mantega, à época era presidente do BNDES e comunicou a JAF a aprovação do financiamento e confirmou a decisão de assinar pessoalmente o contrato em Aracaju, tão logo o Governo sergipano formalizasse a desistência oficial do financiamento com o banco internacional. Era tudo uma armadilha (ALVES FILHO, 2008, p.5).

Depois da desistência do financiamento com o banco europeu, JAF não foi mais recebido pelo BNDES. Após vários meses e inúmeros pedidos de audiência, Guido Mantega informou que não poderia financiar a ponte por causa de uma inabalável oposição das lideranças petistas sergipanas e dos seus aliados. Este fato foi confirmado pelo Senador Renan Calheiros, então presidente do Senado e a outros políticos.

A partir daí, relata JAF neste seu documento (2008), ocorreram várias negociações envolvendo o presidente do Senado e os líderes do PFL e PSDB, senadores José Agripino e Arthur Virgílio, com a interlocução do Senador Aloisio Mercadante. Os diálogos mostraram-se inúteis, eles ameaçaram obstruir a votação de projetos do Governo. Para contornar o impasse, Guido Mantega, depois de consultar o chefe, prometeu assinar o contrato de financiamento, *pois não havia nenhum obstáculo técnico e reiterou que Sergipe, além da extraordinária capacidade de endividamento, era um dos Estados mais rigorosos no pagamento das dívidas contraídas nos últimos anos* (ALVES FILHO, 2008, p.5).

A promessa, entretanto, foi esquecida, após a aprovação dos projetos que interessavam ao Governo Federal, postura repetida noutras ocasiões antes de votações importantes para o Governo.

Não obstante, relata JAF nesta sua publicação (2008), inúmeros discursos de apoio ao povo sergipano, dentre os quais o do ex-presidente da República José Sarney, os senadores finalmente reagiram à atitude do Governo Federal e prestaram solidariedade a João e bloquearam a votação para a aprovação do Orçamento Geral da União (OGU) de 2006, fato único na história da instituição. Diferentes partidos se solidarizaram, incluindo toda a bancada do PFL e do PSDB, além do ex-presidente da casa, Renan Calheiros (PMDB), dentre dezenas de outros senadores.

JAF relata (2008):

Para tentar resolver o impasse, o Presidente Lula mandou o Ministro Tarso Genro, em nome dele, garantir a Renan Calheiros, José Agripino, Arthur Virgílio e a mim também, que na semana seguinte após a votação do OGU, o financiamento seria assinado pelo BNDES.

O apelo do Ministro Tarso Genro, com a garantia pessoal do presidente, ocorreu por telefone na sala da Presidência do Senado, lotada de senadores de vários partidos, incluindo o

então líder do Governo, Senador Fernando Bezerra, que co-avalizou a palavra do Presidente Lula, com quem havia se comunicado minutos antes. Presentes na mesma sala, muitos deputados também presenciaram o desenrolar dos fatos e aguardavam pela decisão.

Por consenso, os senadores deixaram que eu decidisse. Argumentei com Renan Calheiros que o Presidente Lula já não tinha cumprido com compromissos acordados, quais seriam as garantias para acreditar na palavra dele naquele momento? Questionei. Renan respondeu que aquele compromisso não estava sendo feito apenas para o Governador JAF, mas com todo o Congresso. Se o presidente não o honrasse, seria um acinte inédito ao Parlamento, fato que poderia instar um caos institucional.

Aceitei as ponderações e o OGU foi votado. Embora, antecipadamente, tenha reiterado de público que minha decisão decorria do respeito ao Senado, pela solidariedade prestada ao povo sergipano e também para não prejudicar o país, deixando-o sem orçamento. Mas que não acreditava, por vários precedentes, naquela promessa do presidente.

Desnecessário dizer que nada foi cumprido (ALVES FILHO, 2008, p.5-6).

Consumada a armadilha do Governo Federal através do BNDES, JAF teve de tomar uma decisão crucial. A construção da ponte, com recursos próprios, estava avançada. Interrompê-la, seria criar um monstruoso esqueleto de concreto no estuário do Rio Sergipe. Assim, JAF foi obrigado a assumir o custo total da obra, avaliada em mais de 150 milhões de reais.

A falta de financiamento – em torno de 96 milhões de reais – obrigou o governador a cancelar várias obras previstas para realizar com recursos próprios, num montante equivalente ao redirecionado para a ponte. JAF trouxe uma lista de obras prejudicadas (pavimentação de rodovias e construções) somando os 96 milhões: Rodovia Indiaroba/Umbaúba; Rodovia Pirambú/Foz do São Francisco; Rodovia Tomar do Gerú/Itabaianinha; Rodovia Capela/BR 101 (via povoado Miranda); Rodovia São Cristóvão (via Rita Cassete); Rodovia Rosário/General Maynard; Rodovia Japoatã/Propriá; Conclusão da rodovia Propriá/

Neópolis; conclusão da rodovia Estância/Praia do Saco; construção e urbanização dos blocos I e II do Parque Tecnológico que geraria 1.600 empregos e agregaria um valioso patrimônio tecnológico ao parque produtivo local, tendo como inspiração o Porto Digital em Recife.

PONTE MOSQUEIRO-CAUEIRA

Além da ponte Construtor João Alves, houve veto à Ponte Mosqueiro-Caueira, impedindo o financiamento pelo BNB, com recursos do Prodetur e BID. O Governo Federal vetou o financiamento no valor de 46 milhões, além das rodovias Estância-Praia do Saco e Santa Luzia-Crastró, apesar de Sergipe ter uma das melhores capacidades de endividamento do país. O BNB também foi impedido de examinar o financiamento para a ponte entre a praia do Saco e Indiaroba, com 1400 m de extensão, cujos recursos eram do Prodetur – BID, sendo o banco brasileiro mero intermediário.

JAF arremata:

Para se avaliar o prejuízo à economia sergipana em especial à nossa expansão turística, as pontes Mosqueiro-Caueira (Presidente Sarney) e Saco-Indiaroba (Presidente Juscelino Kubitdchek) diminuiriam o percurso Aracaju-Salvador, o maior polo emissor do turismo rodoviário sergipano, de 3,5 horas para 2,5 horas (ALVES FILHO, 2008, p.7).

VETO AOS PROJETOS NOVO CALIFÓRNIA E JACARÉ-CURITUBA

Houve veto também ao Novo Califórnia: maior projeto do Semiárido nordestino nos últimos 35 anos que geraria mais de 40 mil empregos e assentaria 2.500 famílias e aproximadamente 170 empresários.

O investimento total seria de 240 milhões de dólares sendo 134,4 milhões de dólares financiados pelo BID e 60 milhões de dólares do Governo sergipano, e o restante pelo setor privado. Caso o Governo Federal não tivesse proibido Sergipe de contrair no BID, o empréstimo tecnicamente aprovado, 578 famílias estariam assentadas em lotes irrigados e áreas de pecuária intensiva, numa reforma agrária racional e inteligente, a exemplo da realizada nas duas administrações anteriores.

O Governo Federal também promoveu a inviabilização do Projeto *Jacaré-Curituba*. Quando JAF assumiu o Governo de Sergipe, o Governo Federal realizava em ritmo lento, quase 8 anos, a implantação do Projeto *Jacaré-Curituba*, mantendo 700 famílias de assentados em condições

miseráveis, apresentou seguidas propostas ao Governo Central para finalizar a obra, comprometendo-se a participar com mais da metade dos recursos, visando concluí-la em apenas um ano.

JAF conta que de modo surpreendente, os ministérios da Reforma Agrária e da Integração Nacional, além de não aceitarem as propostas, continuaram a obra a passos de cágado. Ora interrompendo, ora recomeçando e por fim em 2005, arbitrariamente, o Presidente Lula mandou cancelar a construção de modo definitivo. Ordenou o afastamento da construtora, sem ao menos informar ao Governo de Sergipe, parceiro do Governo Federal no empreendimento, que estava honrando rigorosamente com a contrapartida financeira prevista no convênio.

Para evitar a explosão social entre os assentados que viviam em condições desumanas há quase uma década, tomei a difícil decisão de assumir sozinho, com os poucos recursos do Erário Estadual, a retomada da primeira parte do Jacaré-Curituba, correspondendo a 50% do total do projeto. Fui forçado a suspender as obras da rodovia Glória-Carira e da primeira etapa do Novo California que também fazia com recursos próprios. Por conta disso, foram sacrificadas as 115 famílias do Assentamento Mandacaru do SMT, que ainda hoje vivem em condições de miserabilidade.

O descompromisso do Governo Lula e do MST com uma reforma agrária séria, ficou patente, quando após a conclusão dos canais, os técnicos do Governo de Sergipe foram impedidos de implantar os aspersores que permitiriam aos assentados irrigar os lotes. Nem mesmo o Ibama, escapou do aparelhamento, para prejudicar meu governo. Os argumentos utilizados pelos órgãos federais e pelo MST foram ridículos. Primeiro: como o terreno pertencia ao Incra, somente a ele caberia fornecer os aspersores; segundo: fazer reforma agrária é tarefa privativa do Governo Federal. Ou seja, o Governo sergipano estava agindo ilegalmente. O irônico de tudo isso, é que apenas nas gestões anteriores, assentei mais famílias em projetos estaduais de reforma agrária do que o Incra, em toda a história de Sergipe (ALVES FILHO, 2008, p. 8).

VETO AO PROGRAMA VIA RÁPIDA DA ONU

Outra oportunidade para concluir o Projeto *Jacaré-Curituba*, criminosamente boicotada pelo Governo Federal, relata JAF, foi o veto ao recebimento de uma grande verba doada pelas Nações Unidas ao Estado, através do programa *Via Rápida* da ONU.

A perseguição do Governo Federal contra Sergipe atingiu o ápice da insânia, quando vetou este projeto da ONU que investiria centenas de milhões de reais em programas de combate à miséria e no desenvolvimento autossustentável. Só em 2006, Sergipe deixou de receber, a fundo perdido, um total de 125 milhões de dólares.

Concorrendo com outros estados de diferentes países, Sergipe foi o único da América Latina selecionado pelas agências da ONU para receber as disputadíssimas verbas do *Via Rápida*. A escolha se deu pelo comprovado êxito dos programas sócio-econômicos do Governo sergipano, realizados com recursos próprios. A contrapartida de Sergipe para receber as vultuosas verbas seria, oportunamente, ceder executivos e técnicos locais para difundir a experiência sergipana em outras regiões carentes do mundo.

Neste contexto, Sergipe alcançou a enorme vitória de ser escolhido em Valência (Espanha), como único estado da América Latina, apto a receber recursos e cumprir o papel de agente disseminador do *Via Rápida*, cujos recursos se somariam aos do Tesouro local para transformar o menor estado do Brasil, no primeiro a erradicar a miséria extrema. Entretanto, o Governo Federal vetou o acesso a este recurso. Levando em conta as inúmeras obras e ações inviabilizadas com o veto ao *Via Rápida*, a população sergipana sofreu gravíssimos prejuízos. Um dos maiores foi ser impedida de se tornar a mais bem servida de água potável no país, com 97,4% das casas ligadas à rede de abastecimento, já em dezembro de 2006. Numa segunda etapa, em dezembro de 2008, Sergipe seria o primeiro estado do Brasil a ter 100% das casas com água potável e, na mesma data, o primeiro com 100% das residências ligadas à rede de energia elétrica.

VETO À SEGUNDA ETAPA DO PROJETO NORDESTE

Mais um veto do Governo Federal: financiamento da segunda etapa do Projeto *Nordeste*. Esta outra crueldade do Governo Federal contra Sergipe prejudicou dezenas de milhares de famílias paupérrimas, vítimas

de um veto ao financiamento já aprovado pelo Banco Mundial para dar prosseguimento ao Projeto *Nordeste* (Pronese).

A primeira etapa do Pronese sergipano foi considerada pelo BIRD, a mais bem sucedida dentre os Estados nordestinos. Foram executados 1.149 projetos, beneficiando cerca de 140 mil pessoas de baixa renda, com ações variadas: energia e água, os principais; pequenas fábricas comunitárias; distribuição de tratores; implementos agrícolas; tudo em parceria com as associações comunitárias.

Os recursos da segunda etapa do Pronese seriam de 64 milhões, aproximadamente. Todos os benefícios, entretanto, foram malogrados pelo Governo Federal, visando fins eleitoreiros mesquinhos. Porém, seguramente, ainda causa a morte de centenas de crianças, vez que a água de má qualidade é a maior causa da mortalidade infantil.

VETO AO EMPREENDIMENTO TURÍSTICO IMOBILIÁRIO

O Governo Federal fez, também, o bloqueio ao maior empreendimento turístico imobiliário do Brasil: Projeto *Porto Cristóvão*. Localizado na praia de Caueira, tinha a coordenação do Grupo Brasilinvest, dirigido por Mário Garnero.

Porto Cristóvão seria uma comunidade turística autossustentável. Uma verdadeira pequena cidade, espécie de Cancun moderna (com a vantagem de não ter tornados e maremotos), integrando o turismo de lazer, com residências para executivos multinacionais e uma faculdade de tecnologia administrada por uma grande universidade Norte-Americana. Contaria com a participação de investidores internacionais para financiar a construção dentro de rigorosos padrões de respeito à natureza. No entorno do *Porto Cristóvão* seriam construídos uma marina e um píer para iates de cruzeiro internacional, o maior centro de convenções do Estado, complexos esportivos, um spa e três campos de golfe. Sem contar o privilégio de sediar um polo universitário do Primeiro Mundo, provavelmente seria da Harvard University (Estados Unidos), onde o arquiteto do empreendimento é professor, voltado para Biotecnologia, informática e telecomunicações, tal como ocorre na China, onde funcionam filiais das melhores universidades do mundo.

Porto Cristóvão foi concebido pelo aclamado arquiteto franco-americano Guy Perry, considerado um dos cinco maiores do

mundo. O orçamento inicial previsto era de dois bilhões de dólares, sendo os investimentos de inteira responsabilidade do capital privado. O caráter inovador do projeto faria dele o primeiro e único do planeta, criado dentro da visão do turismo do Terceiro Milênio. Este empreendimento geraria cerca de 20 mil empregos e mudaria definitivamente a face econômica de Sergipe a curto e médio prazo.

As negociações com a Brasilinvest foram conduzidas no mais absoluto sigilo a fim de evitar que as características revolucionárias fossem copiadas por outros Estados e investidores: regra de proteção da contraespionagem, frequente no mundo dos negócios. Por outro lado, o silêncio também era por medo de represália do Governo Federal, aspecto que causou surpresa aos empresários.

Afinal, qual tipo de perseguição poderia haver contra um projeto que só traria imensos benefícios econômicos e sociais para Sergipe, além de gerar dezenas de milhares de empregos sem precisar de um tostão de subsídio estatal? Questionaram os investidores atônitos, supondo que o Brasil era um país verdadeiramente democrático, no qual empreendimentos eram protegidos por direitos inalienáveis (ALVES FILHO, 2008, p.10).

Quando o projeto estava prestes a ser deflagrado, *Porto Cristóvão* foi apresentado no maior salão turístico-imobiliário do planeta, realizado anualmente em Cannes (França), o Mercado Imobiliário Internacional – MIPIM 2006.

O projeto sergipano foi a estrela do evento, causando sucesso ímpar no setor dos megainvestimentos imobiliários e turísticos. Por conta disso, entusiasmado pela intensa curiosidade da imprensa mundial, o empresário Mário Garnero quebrou a guarda e concedeu entrevistas ao vespertino francês *Le Monde* e à revista de negócios brasileira, *Isto É/Dinheiro*.

A partir desta divulgação, as ações do Governo Federal para inviabilizar o complexo hoteleiro imobiliário foram patéticas. Através do Incra, o Governo Federal declarou a Fazenda Barra de uso prioritário para reforma agrária, embargando qualquer negociação comercial, mesmo sendo a área de praia inviável para o plantio de arroz, feijão, milho e outras culturas de subsistências, próprias dos assentamentos de reforma agrária. Supõe-se que os técnicos do Incra tenham descoberto a fórmula mágica para plantar milho e feijão nas areias da praia.

Desanimados e surpreendidos, os empresários desistiram do projeto e Sergipe perdeu uma das maiores oportunidades de sua história econômica. Para comprovar a má fé do Governo Federal, faltando semanas para eu finalizar o mandato, o Incra retirou o óbice da decretação irresponsável de ser seu uso exclusivo para fins de reforma agrária (ALVES FILHO, 2008, p.10).

TENTATIVA DE INVIABILIZAR A CÚPULA MUNDIAL DA FAMÍLIA + 1

De todas as perseguições do Governo Federal ao seu governo, uma se destaca pelo alcance dos prejuízos provocados não apenas a Sergipe, mas aos demais Estados brasileiros, especialmente os mais pobres.

Anualmente é realizada a Cúpula Mundial da Família + 1 (CMF +1), promovida e patrocinada pela Organização Mundial da Família (OMF), cujo privilégio de sediá-la é avidamente disputado pelos benefícios diretos e indiretos que promove, em especial nas regiões subdesenvolvidas ou em desenvolvimento.

Durante a Cúpula Mundial da Família em Sanya, na China, realizada em dezembro de 2004, 84 delegações de diferentes países escolheram Sergipe como *A história de sucesso da América do Sul* e foi considerada pela forma ágil, fácil logística e baixo custo-benefício *a melhor política de saúde preventiva voltada para a família do mundo, em um país ainda em desenvolvimento*.

E foi assim que o Brasil acabou escolhido honrosamente para acolher a Cúpula de 2005 (CMF +1), disputada por muitos dos 160 países presentes ao evento.

Esta escolha foi graças ao que foi considerado o melhor projeto apresentado na China, o *Pró-mulher/Pró-Família, +Saúde+Vida*. Com ações simples, o programa sergipano chamou a atenção mundial pelo êxito excepcional alcançado na prevenção, detecção e controle de câncer do colo do útero e da próstata.

Outro fator que pesou na escolha dos conferencistas e que não se tratava de um programa de atuação isolada, mas integrado ao eficiente conjunto de medidas adotadas pelo Governo de Sergipe para erradicar a miséria e criar o desenvolvimento autossustentável, conforme preconizam as Metas do Milênio.

Ocorreu, contudo, o inesperado: por decisão unânime dos 160 países integrantes da OMF, Sergipe deveria sediar a Cúpula de 2005. Ao invés de reagir com grandeza e tirar benefícios de um acontecimento dessa magnitude, liderando e presidindo a reunião, o Presidente Lula optou pela ação insana de boicotar a cúpula por todos os meios, a fim de impedir que de alguma maneira eu pudesse tirar proveito (político) da importante conferência (ALVES FILHO, 2008, p.11).

O presidente poderia, ao contrário do que fez, ter incentivado outros Estados a também fomentar projetos sociais durante 2005 para serem encaminhados à discussão na CMF+1, em dezembro. Certamente, os mais bem elaborados teriam enorme chance de serem aprovadas e obter a preciosa ajuda a fundo perdido da OMF e/ou de outros órgãos vinculados à ONU.

Um dado de importância estratégica: para ajudar os países em subdesenvolvimento a cumprir as ambiciosas oito Metas do Milênio, nações do primeiro mundo se comprometeram a doar à ONU um percentual fixo de seu PIB entre 2000 e 2015. Trata-se de um montante elevadíssimo. Havia, portanto, excesso de recursos disponíveis e paradoxalmente, escassez de bons projetos dos países pobres. Seria, consequentemente, a oportunidade de ouro para o Brasil, país onde há ainda tanta miséria, sediar um evento dessa natureza.

A presidente da OMF, Deise Kuzstra, tentou várias vezes, marcar um encontro com representantes do governo do PT. Não teve êxito. Por duas vezes, a duras penas, conseguiu agendar com o Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim. Nestas duas ocasiões saiu de Paris e do Oriente Médio, respectivamente, nas datas aprazadas. Todavia, nas duas oportunidades o chanceler alegou que “razões emergenciais” fizeram-no viajar de repente. Nunca foi recebida.

Corroborando com o boicote do Governo Federal, o então prefeito de Aracaju, e hoje o Governador Marcelo Déda, recusou reiteradas vezes, pedidos de audiência solicitados pela presidência da OMF para convidá-lo a ser coanfitrião

do evento. Por outro lado, como governador do Estado anfitrião, conforme a praxe, eu compareci à ONU (Nova Iorque) para formalmente em 27.05.2005 convidar a Comunidade Internacional ao evento e apresentar os nossos projetos pertinentes às Metas do Milênio. O embaixador brasileiro junto às Nações Unidas, além de não me acompanhar nas visitas que fiz às autoridades da ONU, não esteve na reunião-almoço onde debati com altos dignitários da própria ONU e embaixadores de diversos países. Marcaram presença apenas dois funcionários do segundo escalão da embaixada, mas apenas como observadores e sequer se dignaram a convidar os integrantes da delegação sergipana a serem recebidos na embaixada (ALVES FILHO, 2008, p.12).

Todos os ministros de Lula foram proibidos de comparecer ao evento que, apesar dos entraves, aconteceu com sucesso de 4 a 8 de dezembro de 2005, em Aracaju.

As embaixadas receberam ordem para negar os vistos dos passaportes de autoridades procedentes de países que deles precisassem, impedindo a vinda de várias delegações, principalmente da África, relatou JAF naquele documento.

Outro privilégio perdido pelo governo do PT, foi indicar o *hoster*, que preside honorariamente todas as reuniões da OMF realizadas durante o ano posterior à Cúpula, condição privilegiada para negociar novos projetos. Como não compareceu nenhum ministro e muito menos o Presidente da República, em caráter excepcional, JAF foi designado *hoster*. Para que se tenha ideia da distinção do cargo, a sucessora de JAF foi a Rainha da Jordânia. E na Cúpula de 2007, realizada em Varsóvia (Polônia), a *hoster* foi a primeira-dama polonesa.

Quanto a Sergipe, conseguimos viabilizar a moderníssima Maternidade Nossa Senhora de Lourdes. E muito mais importante, fomos pré-selecionados para disputar com vários Estados do mundo e ter o privilégio de sermos escolhidos para receber as verbas do projeto Via Rápida [...] embora antipatrioticamente, tenha ocorrido mais um veto do Governo Federal ao meu Governo (ALVES FILHO, 2008, p.12).

TENTATIVA DE INVIABILIZAR A MAIS MODERNA MATERNIDADE DO NORDESTE

Ainda em 2003, relata JAF, percebeu uma grave crise na saúde pública decorrente de elevados índices de mortalidade materna. A única maternidade equipada havia sido construída 40 anos antes, a Hildete Falcão Baptista.

Decidiu construir uma maternidade modelo. Procurou o apoio financeiro, gerencial e tecnológico da OMF, que detém a maior experiência mundial na construção de unidades hospitalares de baixo custo construtivo e reduzidos custos de manutenção. Havia uma lista de países interessados no mesmo tipo de apoio.

JAF conseguiu este apoio e privilégio de *furar* a fila graças a sensibilidade da presidente Dra. Deisi Kusztra, médica humanitária internacionalmente respeitada e que já conhecia os problemas de saúde do estado desde a gestão do seu antecessor, Albano Franco.

Entusiasmado, começou a construir e previa inaugurar a maternidade em agosto de 2006. Lamentavelmente, relata JAF, não imaginava a perseguição odienta do Governo Federal para impedir a construção a qualquer custo, e depois do novo governador para não permitir o funcionamento, fizessem da maternidade uma inimaginável *via crucis*.

Inicialmente, como a estrutura da construção é toda pré-moldada, as paredes, vigas, pilares e telhados tiveram de vir dos Estados Unidos. Durante mais de dois meses, o Governo Federal fez de tudo para não permitir o desembarque do material no porto de Sergipe, criando obstáculos alfandegários fictícios. Finalmente, após uma ação direta da OMF, o material foi desembarcado no porto de Salvador (BA) e lá ficou retido por cerca de 60 dias, só sendo liberado depois da intervenção do Ministro da Indústria e Comércio, Luiz Fernando Furlan.

Como a inauguração e o conseqüente funcionamento da Maternidade Nossa Senhora de Lourdes iria ocorrer às vésperas do encerramento da sua gestão, concluiu para o bem dos interesses maiores do povo sergipano, renunciar ao privilégio pelo qual tanto lutara: o de assistir ao nascimento dos primeiros recém-nascidos num hospital de ponta, destinado a salvar inúmeras vidas. Isso porque, se JAF abrisse o hospital, seria encerrada a última e mais importante etapa para o futuro do convênio entre a OMF e o Estado, com a transferência do *know*

how de administração hospitalar da entidade, que já entregou quase 200 unidades similares no mundo. Tal conhecimento permitiria economizar 40% dos custos hospitalares.

Da mesma forma, para operar os sofisticadíssimos equipamentos seria necessário o treinamento dos futuros operadores. Como o *know how* seria repassado para a equipe, que seria fatalmente substituída três dias após a inauguração, com a posse do novo governador, JAF procurou o Governador Marcelo Déda. Na frente de quatro testemunhas, propôs inaugurar a obra, sem no entanto, abri-la ao público alvo, embora estivesse pronta, desde que houvesse o solene compromisso de que abriria a maternidade ainda na primeira quinzena após a sua posse. Ou seja, o treinamento da OMF bem como dos fornecedores de equipamentos, seria dado à nova equipe, escolhida pelo governador e que operaria a maternidade, a partir de então.

A resposta do governador foi recheada de elogios a mim, pois 'renunciava aos louros de pôr em funcionamento uma obra de enorme significado para as famílias sergipanas, em prol dos interesses maiores do Estado'. Concordou, enfaticamente, que eu inaugurasse a maternidade no dia 28 de dezembro, designando o Deputado Rogério Carvalho, novo Secretário de Saúde para representá-lo na solenidade. Marcou para o dia 10 de janeiro de 2007, o retorno da OMF e dos fabricantes dos equipamentos para oficializar a entrega do prédio, do material hospitalar e para acertar o início do treinamento do pessoal. Era tudo uma enorme farsa...

Doutora Deisi compareceu na data aprazada, e o máximo que conseguiu foi ser recebida de modo rápido por funcionários do segundo escalão da Secretaria de Saúde, que surpreendentemente lhes informou que o governador decidira só receber a maternidade depois do carnaval. A partir daí, novas datas foram marcadas e sucessivamente adiadas, mesmo após a intervenção do Ministério Público Estadual (MPE) que a pedido da OMF determinou que o Governo recebesse a maternidade. Depois de quase 12 meses de intensa pressão do MPE, da imprensa e da população, o governo do PT resolveu finalmente abrir a Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, na calada da noite e sem cerimônia (ALVES FILHO, 2008, p.14).

PERSEGUIÇÃO PÓS-ELEITORAL

JAF relata que imaginava que após a sua derrota em novembro de 2006, o Governo Federal e seus aliados em Sergipe interromperiam as sucessivas perseguições contra ele e o seu Governo, uma vez que ele já não mais teria a representatividade de governador para fazer oposição ao Governo Federal, sobretudo contra o projeto da transposição do São Francisco. Embora a sua oposição à transposição tenha sido pautada em ideias e propostas alternativas de cunho técnico, sem jamais apelar para ataques a honra ou ferir a liturgia do cargo do Presidente da República ou de qualquer ministro do Governo PT, entretanto, surpreendentemente as perseguições continuaram.

Os métodos de intimidação nesta fase pós-Governo visavam, segundo JAF:

[...] a minha total aniquilação política. Busca-se a qualquer custo a minha inelegibilidade nos próximos pleitos, bem como emporcalhar a minha imagem junto à sociedade sergipana, através da imputação da pecha de que sou corrupto. Meta inalcançável, visto que a honestidade na minha vida, seja pública ou privada, é questão de honra. A nova estratégia veio condimentada com outros ingredientes letais: várias medidas visando a destruição patrimonial das empresas dos meus filhos, cujas ações lhes foram transferidas por mim há muitos anos.

No seu documento, JAF relata alguns exemplos, como as fiscalizações da Delegacia Regional do Trabalho que fez 53 notificações entre 2006 e 2007 na principal empresa da família, o que dá uma média de mais de duas notificações por mês, considerando apenas a construtora especializada no ramo imobiliária, que estava prestes a completar 40 anos de existência e nunca trabalhou para o setor público, seja federal, estadual ou municipal.

O objetivo das notificações não é apenas lavrar multas, até porque não houve êxito nas autuações pela comprovada retidão da empresa no cumprimento das leis trabalhistas, mas submetê-la a via crucis administrativa de buscar

documentação de vários anos, repetidas vezes e acompanhar fiscais, em alguns casos, com duas ou mais fiscalizações simultâneas. Para atender esta demanda, foi criada uma estrutura específica, provocando desvantagem competitiva, vez que nenhuma outra empresa dos Estados onde a construtora da minha família atua, foi submetida a tal rigor fiscalizador (ALVES FILHO, 2008, p.15).

No mesmo contexto, enquadra-se, segundo o relato de JAF, a perseguição ao jornal da família tentando asfixiá-lo financeiramente e ameaças para *fechá-lo no máximo em dez meses*, após a posse do governador do PT que se empenhava pessoalmente neste propósito. Concomitantemente impuseram exorbitantes penalidades, através de órgãos federais. Só o Fisco impôs uma multa que equivalia a, pelo menos, três vezes o valor de mercado da empresa, consciente de que lhe seria impossível pagar tal soma, o que implicaria o encerramento imediato das atividades, verdadeiro propósito da ação.

Para finalizar este documento, JAF diz:

Quero deixar claro, que ao fazer este relato não me inspirou nenhum laivo de rancor, seja contra o Presidente Lula, o Governador Marcelo Déda ou qualquer liderança política sergipana, eventualmente corresponsável por ações aqui narradas. Deus na sua infinita misericórdia, poupou-me do sentimento do ódio. A vida me ensinou que o nutrir, faz mais mal a quem o cultiva, pelos sofrimentos que provoca à sua alma, do que ao alvo do ressentimento amargo (ALVES FILHO, 2008, p,15).

A VERDADE SOBRE A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

*Publicamos para não passar a vida a corrigir rascunhos.
Quer dizer, a gente publica um livro para livrar-se dele.*

Jorge Luis Borges

Em 28 de outubro de 2008, na capital sergipana, JAF lançou mais um livro intitulado *Toda a verdade sobre a transposição Rio São Francisco* pela editora Mauad. O livro teve lançamentos, no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e em várias capitais do Nordeste.

Esta publicação foi dedicada a David Lilienthal (1899-1981). Quem seria este homem? A resposta está na biblioteca de JAF. Lá consta a sua biografia. David Lilienthal era mais uma inspiração.

David foi um advogado e administrador público americano, mais conhecido pela sua nomeação para dirigir a Tennessee Valley Authority (TVA) e, posteriormente, a Comissão de Energia Atômica. Ele havia liderado a Comissão de Serviços Públicos de Wisconsin.

A TVA foi estabelecida para que o Governo Federal pudesse desenvolver e distribuir energia hidrelétrica barata em áreas rurais que não eram servidas por concessionárias privadas.

Desenvolvido no início da recuperação da *Grande Depressão*, o TVA foi idealizado por seus apoiadores como um veículo de desenvolvimento federal para modernizar a infraestrutura da região por meio de eletricidade, atrair a indústria e melhorar a vida econômica e social da população rural. Conseqüentemente, a TVA também estabeleceu extensos programas de educação e um serviço de biblioteca que distribuía livros nas muitas aldeias rurais que não tinham bibliotecas.

David Lilienthal foi enviado à Índia e ao Paquistão para fazer um estudo sobre a disputa entre as duas nações. Ele achava que a disputa da Caxemira era intratável, mas havia outras áreas de interesse mútuo das duas nações, nas quais um acordo poderia ser encontrado com a distribuição da água do Rio Indo. Ele relatou essa ideia ao Banco Mundial e o seu presidente, Eugene R. Black, concordou com a avaliação. Isso resultou no Tratado da Água do Indo que até hoje rege a alocação da água entre a Índia e o Paquistão. Não poderia haver história e experiência mais inspiradora do que esta, de David Lilienthal, para o estudioso escritor JAF, preocupado com as questões hídricas do nosso Brasil varonil.

Este livro foi organizado por JAF e prefaciado por Ives Gandra da Silva Martins. Este, irmão do pianista e maestro João Carlos Martins, importante jurista, advogado, professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie e membro da Academia Brasileira de Filosofia e Academia Paulista de Letras. O seu bom nome orgulha a seção paulista da Ordem dos Advogados do Brasil e Ordem dos Advogados Portugueses, tendo sido conselheiro e membro de ambas. Conservador e católico, foi um dos primeiros brasileiros a terem ingressa-

do no Opus Dei e considerado um influente porta voz dessa prelazia, na política nacional.

Nesse livro, os colaboradores são: Antônio Thomaz Gonzaga da Matta Machado; Apolo Heringer Lisboa; Eduardo Lima de Matos; João Suassuna; Jorge Khoury; Manoel Bonfim Ribeiro e o sergipano Luiz Carlos da Silveira Fontes.

No seu texto, JAF tece novas críticas ao projeto do Governo Federal de fazer, *a qualquer custo*, a transposição das águas do Rio São Francisco, defendendo a exploração da água que jaz no subterrâneo das terras do Nordeste.



JAF em mutirão de construção de casas.



Encontro de Governadores na Granja do Torto em 22 de fevereiro de 2003



O Governador de Sergipe, JAF, no Gabinete de Ciro Gomes, Ministro da Integração Nacional, durante o projeto de transposição do Rio São Francisco, no Governo de Lula (2003-2006), em Brasília.



Chapéu de couro, símbolo de uma campanha bem-sucedida.



João Chapéu de Couro visitando regiões ribeirinhas.



Maria do Carmo Alves ao lado de JAF e do deputado estadual Romeu Tuma''



Prefeito Marcelo Deda, o vice-prefeito Edvaldo Nogueira recebem a visita do Governador eleito JAF e do deputado estadual José Carlos Machado



JAF recebido no Gabinete do Vice-Presidente da República José Alencar Gomes da Silva em 29.05. 2003.



AF, no Gabinete do Ministro da Educação do Governo de Lula, Cristovam Buarque, ao lado do Secretário de Educação de Sergipe, Marcos Prado Dias em 2003.



Sra. Anadyr de Mendonça Rodrigues, Corregedora-Geral do Distrito Federal; Governador de Sergipe, JAF; Ministro Valmir Campelo, Presidente do TCU; Conselheiro Carlos Pinna de Assis, Presidente da Atricon; Conselheiro Paulo de Andrade Neto, Presidente do TCDF: Seminário Temático do Programa de Modernização do Sistema de Controle Externo – TCDF em 01.09.2003.



No Gabinete do Ministro dos Transportes, Anderson Adalto Pereira, em 2003, em Brasília, ao lado de Mendonça Prado.

16

COSTURAS E RETALHOS DO PRIVADO E DO PÚBLICO

Todo mundo tem três vidas: uma vida pública, uma vida privada e uma vida secreta.

Gabriel García Márquez

OS GENROS

O casal João e Maria sempre foram muito discretos sobre a vida privada. Nunca expuseram nenhum comentário ou crítica acerca da vida íntima dos filhos e dos seus respectivos consortes.

Abraçaram os genros e a nora como filhos. Na ruptura das uniões das filhas com os respectivos maridos, em respeito a elas e aos netos, ficaram publicamente em silêncio, ainda que tenham sofrido muito. Não era do feitio deles *chorar o leite derramado*, queixar-se de frustrações e de decepções, nem futricas ou fofocas. *Comeram um doce.*

Não raro, na imprensa, ali ou acolá, alguma nota era publicada, mas o silêncio de João e Maria era sepulcral como resposta.

As animosidades entre os ex-cunhados foi crescendo.

Rebobinando a linha do tempo, em 11 de maio de 2010, o líder da bancada de oposição, na Assembleia Legislativa, Deputado Estadual Venâncio Fonseca (PP), ocupou a tribuna para esclarecer que as agressões feitas pelo Deputado Federal Mendonça Prado (DEM), em seu *twitter*, ao empresário e presidente estadual do Partido da República (PR), Edivan Amorim, não refletiam o pensamento da oposição, que no estado era comandada pelo ex-governador JAF (DEM) (ALESE, 2010).

Mendonça e Edivan Amorim eram ex-cunhados e já não se entendiam como outrora.

Venâncio tentava no seu discurso, reduzir o mal-estar que as declarações causaram e que poderia macular futuras alianças entre o DEM e o PR e quis desvincular as declarações de Mendonça, tratando-as como sendo de exclusiva responsabilidade dele (ALESE, 2010):

Um partido político é composto de pessoas que têm comportamentos diferentes, pensamentos distintos. Algumas vezes um membro toma determinada atitude ou presta uma declaração que cria um clima ruim, como se o seu dirigente maior tivesse conhecimento ou abalizasse aquele tipo de declaração ou comportamento. Isso existe em todos os partidos.

[...] como líder da oposição e representando o ex-governador João Alves, abalizado pelos colegas de bancada, digo que nada temos a ver com esse tipo de declaração e nem tem a nossa concordância.

Todos conhecem seu comportamento e sabem que ele (JAF) jamais faz política levada pelo ódio. João Alves faz política com decência, com consciência. Nós estamos iniciando um processo eleitoral, de muitas conversações e não podemos misturar as coisas.

Venâncio estava certo. Brigas entre os ex-genros eram uma ponta quase ingênua de um iceberg imenso que escondia nas suas profundezas, grandes interesses, e JAF para os irmãos Amorim era carta, naquele momento, ao menos, fora do baralho. O jogo da vez era com quem tinha a máquina do Governo azeitada nas mãos. Desenhavam-se no horizonte outras alianças para uns e outros.

NOVAS ELEIÇÕES E ALIANÇAS SEDUTORAS

E mais um tempo se passou e lá foi JAF concorrer, novamente, às eleições de outubro de 2010 para governador de Sergipe.

Depois de duas décadas controlando a política do Estado, aliado ou alternando com o PSDB, o grupo de JAF (DEM), enquanto na oposição, fez muitas críticas ao Governador Marcelo Déda (PT). Desde 2005, quando o jovem Prefeito Déda demonstrava ambições de concorrer ao Governo do Estado, JAF o desqualificava chamando o gestor de *menino*, como para apontar a sua experiência contra a de um jovem que ainda teria muito a amadurecer na política e no executivo (DANTAS, 2010).

Quando não se está no poder, aqueles que eram aliados desaparecem, na medida que perdem cargos ou comissões no Governo, e muitos se aliam ao governante da vez. Aqueles que compunham a coligação DEM, PSDB, PSC e PP, e que antes eram os defensores da candidatura de JAF em 2006 à reeleição, desapareceram e restaram o DEM e o PP (DANTAS, 2010).

A coligação chamada *Para Sergipe continuar seguindo em frente*, foi formada com os seguintes partidos: PRB + PDT + PT + PMDB + PSL + PSC + PR + PTC + PSB + PC do B. E a chapa majoritária era constituída: para Governador, Marcelo Déda; vice-governador, Jackson Barreto; senadores, Antônio Carlos Valadares e Eduardo Amorim.

O líder maior do grupo oposicionista, JAF, continuou muito prestigiado pela população, ainda que tenha ficado os dois primeiros anos mais distante do dia a dia da política, porquanto duas adversidades: a enfermidade da esposa, a Senadora Maria do Carmo Alves, em demorado processo de recuperação de sua saúde; e a acusação contra ele no processo iniciado com a Operação Navalha da Polícia Federal, fato que recomendava discrição (DANTAS, 2010).

Outrossim, o seu prestígio era imenso e totalmente evidenciado nas pesquisas de opinião que apontaram o seu favoritismo para prefeito de Aracaju na eleição de 2008. Entretanto, JAF preferiu lançar o seu genro e emprestar-lhe todo o apoio, que se revelou insuficiente para evitar a reeleição no primeiro turno de Edvaldo Nogueira do PC do B, com o respaldo do governador (DANTAS, 2010).

Enquanto Marcelo Déda, por motivos de saúde, encontrava-se afastado, JAF percorreu os municípios e povoados de Sergipe em busca de apoio de velhos aliados na perspectiva de resgatar a influência perdida e construir novas alianças.

Os postulantes ao Senado também se engalfinhavam. A aliança do DEM com o PSDB, parceiros naturais, não se concretizou porquanto os acertos da direção nacional, trazendo mais dificuldades em Sergipe. No primeiro semestre de 2010, Albano Franco e JAF tiveram inúmeros encontros, mas o deputado tucano decidiu fazer campanha independente para o Senado e fez aliança com o minúsculo Partido Verde. A decisão do deputado do PSDB provocou grande impacto no grupo do ex-governador JAF que, para minimizar o dano, entrou com recurso para que o

PFL incorporasse o tempo do PSDB, dada a aliança nacional, e o TRE lhe deu ganho de causa (DANTAS, 2010).

Com a dissidência de Albano Franco, os democratas registraram apenas um nome para o Senado: o Deputado Federal José Carlos Machado.

Em seguida, juntaram-se com cinco partidos pequeninos, entre os quais o PPS, cujo candidato ao Senado ficou como segunda opção

“ **No primeiro semestre de 2010, Albano Franco e JAF tiveram inúmeros encontros**

dos Democratas. Dessa última agremiação, trouxeram também Nilson Lima, um dissidente do PT, ex-secretário da Fazenda do Governo Déda, e deram-lhe a candidatura para vice-governador. Formaram então a coligação *Em Nome do Povo*

composta pelos seguintes partidos: PP/PTN/PPS/DEM/PHS/PMN. João Alves Filho (DEM) saiu para governador, tendo como vice Nilson Nascimento Lima (PPS) (DANTAS, 2010).

Naquela eleição JAF enfrentou sozinho toda a classe política. Para derrotar JAF só daquela forma, ou seja, todos os grupos poderosos contra João: o grupo de Albano; o grupo de Jackson Barreto; o grupo de Valadares e o grupo do ex-genro, Edivan Amorim, junto com André Moura. Ao lado de JAF estava José Carlos Machado, candidato ao Senado e Nilson Lima, candidato a vice-governador e alguns poucos deputados.

Nas eleições de 2010, JAF recebeu 466.219 votos, mas acabou derrotado novamente por Marcelo Déda (PT) que foi reeleito no primeiro turno, com 537.223 votos e teve como vice-governador, Jackson Barreto (PMDB) (MAGALHÃES; MORAES, 2014).

Apesar de perder as eleições, JAF demonstrou uma grande força e influência política, pois ele teve contra si máquinas poderosas de moer: a máquina federal, a máquina estadual, a máquina da Prefeitura de Aracaju e ainda assim, a diferença para o candidato vitorioso era de apenas 71 mil votos. Esse era JAF, empreendedor, elevado espírito público, apaixonado por Sergipe e que contagiava entusiasmo quando falava de Sergipe e do Nordeste.

A campanha para o Senado, com grande número de candidatos disputando, foi a campanha mais cara e com recorde no percentual de votos brancos. Enquanto o Senador Valadares era vitorioso no segundo lugar (Eduardo Amorim foi o mais votado), assegurando o seu

terceiro mandato, Albano Franco sofria sua primeira e grande derrota, após uma longa carreira de sucessos. José Carlos Machado, ficou em quarto lugar, distanciado do terceiro colocado, Albano Franco.

A vitória de Eduardo Amorim para o Senado, com número de votos superior ao do governador eleito, Marcelo Déda, foi um marco na história eleitoral de Sergipe, como desfecho de uma campanha agressiva, dentro de uma engrenagem comandada pelo irmão do senador eleito, revelando a força financeira e política do seu grupo (DANTAS, 2010).

Enquanto isso, Dilma Rousseff, do PT, conquistou a Presidência da República e teve como vice, Michel Temer (PMDB). Eles foram eleitos no dia 31 de outubro de 2010 e tomaram posse no dia 1º de janeiro de 2011.

OPERAÇÃO NAVALHA

O ano de 2007 foi muito difícil para João e Maria. A separação de sua filha Cristina, que agora morava em Brasília, a doença que acometeu Nina Rosa e a sua mãe, e agora explodira mais uma bomba.

Dia 17 de maio de 2007, João e Maria sentiram uma dor incomensurável. O filho do casal, o empresário João Alves Neto foi alvo de investigação pela Polícia Federal durante a Operação Navalha. Também foram investigados, o conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe, Flávio Conceição de Oliveira Neto; o ex-secretário de Administração de Sergipe e ex-deputado federal José Ivan de Carvalho Paixão; o ex-secretário de Fazenda de Sergipe, Max José Vasconcelos, entre outros. A operação foi desencadeada em outros sete Estados e no Distrito Federal, envolvendo 400 policiais federais. O ex-governador JAF estava em São Paulo e rumou para Brasília para acompanhar os desdobramentos do caso (AGÊNCIA ESTADO, 2007; CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013).

Certamente, João Neto não teria sido tratado daquela forma se não fosse filho de quem era: teve um grande show.

Roberta, a esposa de João Neto, também embarcou para Brasília, mas não quis ficar na casa de Maria do Carmo, precisava organizar suas ideias e preferiu ficar em um hotel. Roberta estava visivelmente emocionada. Roberta, segundo sua cunhada Cristina, é meio parecida com a sogra, neste quesito das emoções: durona.

Essa foi uma das poucas vezes que Maria do Carmo chorou na sua vida, o que assustou as filhas. Aninha, coincidentemente, estava em

Brasília. Ela frequentava Brasília muito constantemente, pois seu marido era deputado federal, por três mandatos consecutivos (2003-2007; 2007-2011; 2011-2015).

Logo em seguida, JAF chegou. Cristina conta:

Meu pai estava arrasado. Ele sempre teve uma relação de muita culpa com João Neto, por ter entregado a um jovem, de um pouco mais de 20 anos, as empresas, e não fez sequer nenhum trabalho de preparo para aquela transição. Ele simplesmente foi embora fazer política o que levou a um amadurecimento prematuro de João Neto [...]. A relação dos meus pais, em especial de meu pai, com João Neto, sempre foi permeada por muita culpa.

[...] Amorim não veio nos fazer visita [...] A relação entre João Neto e Amorim sempre foi meio amor e meio ódio. Depois da separação meu irmão também entrou nessa, na banda do ódio, em relação a Amorim, então não foi fácil e eu vi o quanto isso foi uma fonte de sofrimento para João Neto, [...] meu irmão ficou uma pessoa muito amarga, muito descrente das pessoas, muito paranoico, desconfiando de todo mundo, [...] afinal foram 14 anos sofrendo, do início do processo até o julgamento final que o absolveu.

Minha mãe é uma pessoa muito contida, nesse sentido, ela é muito masculina, as suas emoções, ela esconde debaixo do tapete, ou na pressão arterial e aí quando a gente vê minha mãe toda vermelha, você sabe que a emoção está comendo ali no centro, mas ela tem muita dificuldade de falar o que sente.

Cristina e as crianças sentiam uma certa vergonha e receio que as pessoas e os colegas no entorno descobrissem o que estava acontecendo. Acreditava que com a mãe se passava o mesmo. Maria sofreu muito.

Na leitura de Cristina, João Neto e Aninha sempre gostaram de ser identificados como os filhos do governador. Aquele era o preço dos bastidores e da vaidade, na visão da primogênita de João e Maria.

A Operação Navalha, deflagrada pela Polícia Federal em 2007, provocou a queda do então Ministro de Minas e Energia, Silas Rondau. Posteriormente, a denúncia contra o ex-ministro foi arquivada (CONSULTOR JURÍDICO, 2013; HORA NEWS, 2019).

O caso analisado pelo STJ tinha relação apenas com os eventos ocorridos em Sergipe, quando João Alves era governador (2002-2006). O processo foi desmembrado em março de 2010 (CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013).

Apenas foi mantida no STJ, a denúncia contra os 17 acusados cuja participação no esquema, estaria relacionada a Flávio Conceição de Oliveira Neto, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe, já que, pelo cargo, ele dispunha de prerrogativa de foro (CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013).

A relatora do caso, a ministra Eliana Calmon, entendeu haver elementos que justificavam a denúncia contra 12 pessoas do grupo que foi investigado em Sergipe, por irregularidades em processo de licitação no qual a Gautama foi contratada pela Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO) em 2001 (CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013; AGÊNCIA ESTADO, 2013).

Conforme o relatório da ministra Eliana Calmon (RSTJ, 2013), ela entendia que as contratações eram consideradas como decorrentes da legítima atividade governamental, pois a obra era de inegável interesse público. Segundo os autos, o ex-governador, que era candidato à reeleição no ano de 2006, necessitava de dinheiro para a campanha eleitoral, valendo-se, para isso, da ajuda financeira paga por Zuleido Veras. João Alves Neto, segundo este relatório da ministra, era o encarregado de angariar recursos para a campanha política do pai e, ainda de acordo com a ministra, participava intensamente das negociações de empréstimos junto às instituições financeiras e das liberações de verbas para que os agentes públicos efetuassem os pagamentos à Zuleido, com o qual manteve frequentes contatos (RSTJ, 2013).

A acusação tinha, como uma de suas bases, um relatório da Controladoria-Geral da União (CGU) sobre a construção e montagem das obras do Sistema da Adutora do Rio São Francisco, cujo objetivo era aumentar o fornecimento de água para Sergipe, em parceria com a Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO), sociedade de economia mista que tem 99% do capital em mãos do estado de Sergipe (CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013).

Os outros réus eram ligados à DESO: os ex-presidentes Victor Fonseca Mandarinó e Gilmar de Melo Mendes (peculato e formação de quadrilha); o ex-diretor técnico Kleber Curvelo Fontes (peculato e

formação de quadrilha); e o engenheiro Renato Conde Garcia, um dos responsáveis por fiscalizar a obra, acusados por peculato (MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013).

O relatório da CGU afirmava que a licitação foi direcionada para a Gautama. A obra tinha recursos federais, por meio de convênios com o Ministério da Integração Nacional, e estaduais. Participaram quatro empresas da licitação, mas apenas a Gautama atingia os critérios exigidos no edital (MELLO, 2013).

A DEFESA DE JAF

Logo que o escândalo eclodiu em 2007, no mês de maio, JAF já não tinha cargo político e já tinha transferido o Governo para o seu sucessor, Marcelo Déda.

Decidiu, uma semana depois, dia 25 de maio de 2007, fazer uma carta para os governadores de todos os Estados brasileiros, *em deferência e profundo respeito que tinha pelo povo brasileiro e especialmente aos sergipanos*, comentando as notícias publicadas durante toda aquela semana na imprensa nacional e local, quanto à Operação Navalha da Polícia Federal, nas quais tinha acabado de ser citado. Tratava-se, na verdade, de uma nota de esclarecimento público. Ele buscava, apoio entre os que o conhecia, o respeitava e sabia da lisura dos seus atos. O Brasil conhecia o Negão e os movimentos de solidariedade surgiram de todos os lugares. Recebeu cartas, telegramas e dos governantes e políticos mais próximos, vieram os telefonemas com registros de intensa indignação.

Não se sabe se Dr. Marcelo Déda se comunicou com o ex-governador JAF, naquela ocasião. Provavelmente, não.

O que JAF elenca naquele documento, também fez parte da sua peça de defesa entregue à justiça pelos seus advogados.

Em síntese, com suas próprias palavras, João comenta com argumentos robustos e convincentes (ALVES FILHO, 2007):

1. *Não licitei a obra da adutora do São Francisco, pois quando iniciei o Governo em 2003 ela já estava licitada, contratada e em andamento, pela gestão anterior, no governo de Albano Franco (1995-2003). Como se tratava de obra fundamental e urgente, sem a qual os municípios de Aracaju e Socorro entrariam em colapso*

- no abastecimento de água à população, meu governo deu continuidade à construção. É relevante registrar que durante a nossa gestão foram realizadas repetidas auditorias pelo TCU, nada tendo sido detectado que levasse àquela, corte de contas a recomendar a sua paralisação, nem muito menos a formalizar pedido ao Congresso Nacional, especificamente à Comissão Mista do Orçamento, para a sua inclusão no cadastro de obras irregulares e, conseqüentemente, impedidas de liberação de recursos públicos para a execução.*
2. *Cabe ressaltar que nesta obra, a participação da União foi minoritária durante a minha gestão, sendo a maior parte dos recursos provenientes do tesouro estadual ou de financiamento que evidentemente o Estado terá que ressarcir à instituição financeira. Tal financiamento, aliás, foi concedido pela Caixa Econômica Federal (CEF), órgão extremamente rígido na aplicação dos seus recursos e que para conceder o empréstimo examinou exaustivamente, através do seu corpo técnico, todos os custos praticados na construção da adutora. Vale frisar que depois de aprovar o financiamento, a CEF só realizava a liberação pertinente dos recursos com a certeza de que as etapas anteriores da obra haviam sido realmente construídas.*
 3. *Durante a minha gestão, a construtora Gautama participou de várias concorrências públicas para realizar outras grandes obras do Governo sergipano. Em nenhuma delas obteve êxito, sendo, portanto, a obra da adutora do São Francisco, a única por ela executada em todos os quatro anos do meu governo – ademais, sem que tenha sido contratada por mim.*
 4. *A obra em questão começou no Governo anterior ao meu, teve seqüência durante a minha gestão e seguiu no Governo do Dr. Marcelo Déda, do PT, que me sucedeu. Com efeito, em abril de 2007, o governador pagou R\$ 600 mil à construtora Gautama “por conta dos contratos estarem em ordem com o TCU”, conforme afirmou o próprio Dr. Marcelo Déda em várias entrevistas concedidas à imprensa sergipana na ocasião.*

JAF termina este documento, afirmando que em todas as ocasiões, durante os seus 35 anos dedicados à vida pública, prefeito, governador três vezes e Ministro do Interior – o maior Ministério – do Governo José Sarney, suas contas foram rigorosamente aprovadas pelo TCU e pelo Tribunal de Contas do Estado de Sergipe (ALVES FILHO, 2007).

JAF tinha plena segurança na rigorosa correção dos seus procedimentos administrativos como chefe do Executivo Estadual e tinha total

**“ JAF tinha plena
segurança
na rigorosa
correção dos seus
procedimentos**

confiança na justiça do país. A verdade, certamente, iria prevalecer.

Quem não imaginaria, que atrás daquelas denúncias, não havia o dedo de Lula e dos seus aliados sergipanos? Afinal, havia sido declarado que não bastava asfixiar o Estado na

gestão de JAF, no Governo de Sergipe, não bastava ganhar as eleições de 2006, não bastava esmagar as empresas da família de JAF, era preciso muito mais: humilhar e prender *João da Ponte*, com a pecha de corrupto. E pensar que aquelas possíveis retaliações eram porquanto a defesa veemente de *João das Águas*, ao rio da Integração Nacional? Mas, eram apenas especulações, plausíveis, a bem da verdade, mas apenas isso: especulações.

As defesas também contestaram o relatório da CGU que embasaram a acusação, alegando que ele partiu de premissas inverídicas. O TCU apresentou dez pareceres favoráveis às obras executadas pela Gautama em Sergipe e não havia documentos que comprovassem a acusação de desvios de verbas e que o documento foi coordenado por um economista, e não por um engenheiro capacitado para avaliar a obra (MAGALHÃES; MORAES, 2014; CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013).

A defesa de João Alves Filho também atacou a ilicitude da prova, argumentando que não haviam elementos para autorização da interceptação telefônica, haja vista a alegação de que JAF nunca manteve contato telefônico com nenhum dos investigados pela suposta formação de quadrilha, atacando as provas elencadas pela Procuradoria, além do que, as interceptações telefônicas de pessoas com foro privilegiado, como governadores e deputados federais, tornavam os grampos ilegais (CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013).

O ex-secretário da Casa Civil e conselheiro do TCE de Sergipe, Flávio Conceição de Oliveira Neto, foi inocentado da acusação de prevaricação, porque o crime já havia prescrito. Contudo, iria responder às denúncias de corrupção passiva e formação de quadrilha (MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013).

Além disso, a Corte Especial aprovou, por unanimidade, que ele fosse mantido afastado do TCE, até a conclusão do julgamento. Segundo a Ministra Eliana Calmon, o conselheiro havia usado o cargo para impedir que o TCE auditasse a obra sob responsabilidade da Gautama (MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013).

CONDENAÇÃO

Em 16 de outubro de 2017, o coração de Maria sangrou novamente. Seu marido, desconectado, foi poupado desta dor lancinante que rasga o peito e que só as mães em situações extremas como aquela, sabem descrever. Seu filho, João Neto foi condenado naquela ação. A juíza da 1ª Vara Federal da Seção Judiciária de Sergipe, Telma Maria Santos Machado, havia decidido pela condenação de dez pessoas. Entre eles, estavam o ex-conselheiro Flávio Conceição de Oliveira Neto, Ivan Paixão, Max Andrade, Gilmar de Melo Mendes e o dono da Gautama, Zuleido Veras (LIMA, 2017).

Em Sergipe, as ações penais tinham sido julgadas procedentes pela Justiça Federal com a condenação dos dez réus. A defesa bastante diligente, recorreu imediatamente e um ano depois, finalmente saiu vitoriosa: a 2ª Turma do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, em 27 de novembro de 2018, absolveu, por unanimidade, os acusados já apenados, no “Evento Sergipe” da Operação Navalha (G1SE GLOBO, 2018; VASCONCELOS, 2018).

O Ministério Público Federal, como já era esperado, recorreu mais uma vez, com embargos declaratórios, mas não obteve êxito novamente. O TRF-5 decidiu rejeitar, em 19 de março de 2019, os embargos interpostos pelo Ministério Público Federal (MPF), contra investigados na Operação Navalha e *decidiu pela inocência dos réus para além de qualquer dúvida razoável*.

FIM DO PESADELO

*Nem chega a ser útil saber o que acontecerá:
é muito triste angustiar-se por aquilo que não se pode remediar.*

Cícero

Só apenas no dia 4 de fevereiro de 2020, este ciclo foi definitivamente fechado após o STJ manter o encerramento pleno da Operação Navalha. A 6ª Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) rejeitou, por unanimidade (5x0), o pedido do Ministério Público Federal que recorreu da decisão monocrática do Ministro Nefi Cordeiro, encerrando e arquivando o processo, sem decisão do mérito (SN SERGIPE NOTÍCIAS, 2020, SANTANA, 2020).

Com este resultado jurídico, o ex-governador JAF, o filho dele, João Alves Neto, e o conselheiro aposentado Flávio Conceição, ficaram livres daquele pesadelo. Com o julgamento, a decisão que anulou a aposentadoria do Conselheiro do Tribunal de Contas de Sergipe, passou a ser considerada legítima, confirmando o seu retorno às funções. Flávio Conceição já havia retornado ao TCE-SE em dezembro de 2019, retomando a cadeira que era ocupada pelo Conselheiro Clóvis Barbosa (SANTANA, 2020; VASCONCELOS, 2018; HORA NEWS, 2019).

E assim, finalmente, depois de mais de uma década de tormentos, foi encerrado um dos casos jurídicos mais rumorosos, e que mais suscitaram comoção e preocupação entre os sergipanos, porquanto a honra de um homem considerado digno e pelo apreço que a maioria da população nutria por JAF.

Nesta época do *gran finale*, favorável aos injustiçados, João Alves Filho e João Alves Neto, Max Andrade, Flávio Conceição, Gilmar de Melo Mendes, Ivan Paixão (*in memoriam*), entre outros, JAF já estava desconectado da realidade e não pôde comemorar os efeitos positivos de um julgamento justo, que ele tanto reinvidicara, para si, e principalmente para o seu filho.

ESPADA DE DÂMOCLES

João Alves Neto, empresário respeitado, teve prejuízos devastadores, financeiros, de imagem e morais. Mas agora, ele, os amigos e a família já podiam respirar aliviados. Por uma década inteira, aquele pesadelo fez a família viver com uma espada de Dâmocles sobre as suas cabeças.

Dâmocles é uma figura que faz parte da cultura grega clássica. A personagem pertence a um mito que figurou na história perdida da Sicília, escrita por Timaeus de Tauromenium entre 356 a 260 anos a.C. e Cícero pode tê-la lido no *Diodorus Siculus* e não hesitou em fazer uso dela em suas *Tusculanae Disputationes* (BRASIL ESCOLA, 2020).

Tusculanae Disputationes é uma série de cinco livros, encontrados na biblioteca de João e Maria: são os escritos do filósofo Cícero por volta de 45 a.C., na tentativa de popularizar a filosofia grega na Roma antiga, incluindo o estoicismo.

Reza essa história contada por Cícero, mas também por Horácio e por Diodoro da Sicília, que Dâmocles era um cortesão bastante bajulador, na corte de Dionísio I, de Siracusa, no século 4 a.C., na Sicília. Ele dizia que, como um grande homem de poder e autoridade, Dionísio era verdadeiramente afortunado, promovendo muita inveja entre muitos, naquele ambiente palaciano. Então Dionísio ofereceu-se, marotamente, para trocar de lugar com ele apenas por um dia, para que ele também pudesse sentir o gosto de toda essa sorte.

Assim, à noite, um banquete foi realizado, onde Dâmocles adorou ser servido como um rei e não se deu conta do que se passava por cima de si. Somente no fim da refeição ele olhou para cima e viu uma espada afiada, suspensa por um único fio de rabo de cavalo, diretamente sobre a sua cabeça. Imediatamente perdeu o interesse pela excelente comida e pelas belas mulheres ou eunucos que o rodeavam, e abdicou de seu lugar, dizendo que não queria mais ser tão afortunado.

A espada de Dâmocles é assim, uma alusão, frequentemente usada, para representar a insegurança daqueles com grande poder, que podem perdê-lo de repente, devido a qualquer contingência, alheia ou não, à sua vontade.

Muitos olham as pessoas as bem-sucedidas e ou detentoras de algum tipo de poder e pensam que elas estão trabalhando pouco, sempre supõem que ganham muito e usufruem de dinheiro fácil, acreditam que suas vidas são de luxo e luxúria e que tudo dá absolutamente certo para essas pessoas. São os invejosos de plantão que, em vez de produzir algo para si e ou para o próximo, gastam a sua energia para minar o trabalho, a produção e o reconhecimento do outro. A inveja também é uma variável que pode cortar o fio que sustenta a espada que existe sobre as nossas cabeças.

Devemos estar cômnicos que para chegar ao poder temos que aceitar suas benesses e suas espadas, mas, essencialmente, saber lidar e afastar com sabedoria, os invejosos que circulam nos palácios da vida.

A espada não deve assustar. Ela é apenas uma lembrança de que as coisas conquistadas se vão, e o que vale são as marcas que ganhamos em nossa existência e o legado que deixamos para a posteridade. JAF é detentor destas marcas que o imortalizaram e que ficarão registradas *ad eternum* nas suas obras, que trouxeram benefícios indubitáveis para a população brasileira, em especial para os sergipanos.

JOÃO ALVES NETO

Certamente João Alves Neto teve muitas dificuldades com essa assustadora espada sobre a sua cabeça, por tantos anos. Mas, com sua absolvição, seu bom nome e sua honra estavam comprovadamente intactos.

A vida profissional de João Neto começou muito cedo, haja vista ter sido convocado pelo pai, ainda muito jovem, para voltar para Sergipe e assumir a empresa. Era praticamente um menino, sem experiência e com um grande desafio pela frente.

A Habitacional enfrentou períodos delicados na sua saúde financeira, com demissões de funcionários e de alguns diretores de áreas vitais à empresa, provocados ora pelas crises no mercado da construção civil que a alcançaram, ora pelo afastamento dos seus pais que escolheram a política e lhe delegaram poderes, e também pelo financiamento de campanhas políticas. Coube ao jovem João Neto assumir e enfrentar as intempéries para manter o negócio familiar funcionando a contento e manter o sustento do clã.

Foi assim que desde 1999, João Alves Neto, a contragosto, se viu sozinho à frente do negócio, assumiu a presidência da Habitacional e aos poucos foi escrevendo a sua história como empresário de sucesso. Nada daquilo estava planejado em sua mente, sendo que sempre ressaltou de que seu maior desejo era de que o pai abdicasse da política e fosse ser somente empresário. Tinha sentimentos de solidão e desamparo na tomada de decisões. Era muita responsabilidade para aquele garoto, fato que também preocupava os pais e os deixavam com sentimentos de culpa, mas também tinham convicção que o caçula tinha estofamento para suportar o desafio proposto.

Aos poucos João Alves Neto aprendeu, foi ganhando segurança e conseguiu vencer os dragões do medo. Continuou estudando, se preparando, buscando ferramentas para melhor administrar a Habitacional.

Com o passar dos anos percebeu que, ainda que os ensinamentos do pai e do avô lhe fossem fundamentais na sua carreira exitosa, a sua visão empresarial tomava novos direcionamentos, modernizando-se.

A maturidade colaborou. O casamento bem-sucedido com a empresária da área de educação, de tradicional escola de Aracaju, a Roberta Monteiro, também contribuiu para o seu amadurecimento e a bênção da paternidade coroou os seus sonhos de família com a chegada da princesa Malú.

Com o passar dos anos, o modelo de gestão implementado por João Alves Neto foi se modificando e se modernizando. João Neto precisou ser criativo para se manter no mercado e se destacar. A Habitacional estabeleceu três braços de ações nos seus negócios. O primeiro é o de fazer empreendimentos próprios e vendê-los: prédios, casas e loteamentos.

No segundo braço, a Habitacional faz obras para empresas privadas. O jovem empresário ressalta que não faz obras públicas, pois esse foi um pedido do seu pai, na época em que ainda estava ativo e que João Neto seguiu como lema e preceito de ação para a empresa da família, principalmente por ter os pais na vida pública, o que causaria constrangimentos, caso viesse a participar e ganhar qualquer licitação.

Por fim, no terceiro braço, tem o aluguel de equipamentos, pois para ter competitividade é preciso estar atento às novas tecnologias. Assim, a Habitacional criou um setor de maquinários e transformou este braço em nova unidade de negócios, trabalhando não só para as suas próprias obras, mas também para outras empresas.

João Alves Neto repaginou a empresa, reinventou-se e conquistou credibilidade no segmento que desenvolve sua prática.

Por ser filho de pais católicos, se diz um homem temente a Deus e de grande e inabalável fé. Nunca se deixa mobilizar pelos maus ventos, ou por um negócio que não foi bem-sucedido e tem a certeza de que, qualquer que tenha sido o resultado, teria sido para o seu bem, citando São Paulo: *tudo concorre para o bem dos que amam a Deus*.

João Neto é um homem bem-quisto socialmente e mantém uma máxima, herdada dos seus pais: ser amigo dos amigos, e exercita diariamente a presteza e a lealdade com as pessoas no seu entorno e amizades.

17

A PREFEITURA DE ARACAJU (2013 – 2017)

*Tempestade... O desganhamento
das ramagens... O choro vai
da água triste, do longo vento,
vem morrer-me no coração.*

Cecília Meireles

ODEM e PSDB formaram a chapa para as eleições 2012 à Prefeitura de Aracaju. O ex-governador João Alves Filho confirmou a sua candidatura e anunciou como vice, o ex-deputado federal José Carlos Machado.

A coligação foi formada por 14 partidos sendo 11 comandados pelo Senador Eduardo Amorim (PSC) e pelo empresário Edivan Amorim.

Após dois anos de afastamento político, João Alves Filho e os irmãos Amorim voltaram a caminhar juntos numa campanha política.

RELAÇÕES PERIGOSAS

Mendonça Prado e Maria do Carmo não toleravam o ex-membro da família, o que criou dificuldades políticas para JAF nas eleições de 2012, que somente na véspera das convenções partidárias aceitou o apoio dos Amorim (PTB) e seu bloco e, certamente, esta última aliança azeudou também a relação entre Mendonça e o seu sogro (UNIVERSO POLÍTICO, 2012; OLIVEIRA, 2013).

Daí em diante, Mendonça Prado e Amorim viviam às turras com algum tipo de ataque público de um contra o outro com adjetivos não lisonjeiros e que simulavam manchetes grotescas de páginas policiais.

Na ocasião, ainda casada com Mendonça Prado e solidária a ele, Ana Alves, a caçula de João e Maria, também não poupava críticas ao ex-cunhado pelas redes sociais (OLIVEIRA, 2013).

Durante a confirmação da candidatura, o ex-governador reforçou a amizade com José Carlos Machado, seu vice na chapa, e o apoio dos “novos” aliados.

Esta seria a primeira vez que JAF disputaria uma eleição para a Prefeitura de Aracaju, haja vista que quando conduziu o governo da capital sergipana entre os anos de 1975 e 1979, foi um Prefeito Biônico, ou seja, chegou ao poder graças a indicação do então Governador José Rollemberg Leite, ainda no período militar.

OS IRMÃOS AMORIM

Apesar do domínio de 11 partidos, naquela ocasião, os irmãos Amorim não prepararam um quadro próprio para disputar em condições competitivas à Prefeitura de Aracaju em 2012. Negociaram com vários partidos e candidatos, inclusive com o Deputado Federal Almeida Lima, na época no PTB.

Apenas na madrugada do último dia previsto para a realização das convenções partidárias é que bateram o martelo pelo apoio a João Alves, graças inclusive à proximidade com José Carlos Machado (PSDB). Mas o acordo só foi feito mesmo, porque eles sabiam que, ou faziam a aliança ou ficariam à deriva, pois JAF, em todas as pesquisas, aparecia com mais de 50% de intenções de votos e eles poderiam perder a coroa eleitoral (MANOEL, 2014).

Durante toda a campanha eleitoral para a Prefeitura de Aracaju, o ex-governador JAF (DEM), liderou as pesquisas apontando mais de 50% de intenção de votos. O candidato da situação era Valadares Filho (PSB), este, à época, estava sendo apoiado pelo então Prefeito Edvaldo Nogueira (PC do B), que havia sucedido Marcelo Déda na Prefeitura, em 2006, por motivo de morte e depois foi reeleito em 2008.

Verdade que os partidos dos irmãos Amorim deram mais 3 minutos de tempo da propaganda eleitoral de João Alves na TV, entretanto não tiveram qualquer participação na campanha. Os irmãos Amorim apareceram na convenção, dia 30 de junho de 2012, que homologou a chapa e depois desapareceram e não foram vistos nas caminhadas, nas visitas aos bairros e tampouco nos poucos comícios da campanha.

Nas conversas de coxia dentro do DEM, comentavam que os irmãos Amorim e os partidos aliados, não contribuíram sequer financeiramente para a campanha e o partido de João teve dificuldades para a quitação das despesas (MANOEL, 2014).

PROCESSOS CONTRA A IMPRENSA

Paralelo a todas as questões que envolvem uma campanha política, JAF ainda tinha que administrar os processos que movera durante sua vida pública, contra jornalistas que o difamavam e criavam as tais *fake news* ou distorciam fatos, com o objetivo de manchar a honra do homem público. Às vezes os processos se arrastavam, por anos a fio.

Em entrevista com o jornalista, escritor e membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Maçônica de Letras e Ciências, Luiz Eduardo Costa, nos revelou que JAF era generoso até com os seus desafetos. Ele próprio recebeu mais de 16 processos e muitos foram merecidos, confessa, porque efetivamente se excedeu nos seus escritos. Arrepende-se, inclusive, de alguns. Admite que ainda que tenha feita uma ferrenha oposição à JAF, e nas últimas peças, a favor de Marcelo Déda, reconhece que se JAF não fosse tão resiliente aos ataques da imprensa e tão obcecado nos objetivos que traçou para Sergipe, este Estado continuaria muito pobre. Tudo o que significa progresso tem a assinatura de JAF e têm exclusivamente o seu mérito, um teimoso e eficiente tocador de obras, afirmou o jornalista.

O jornalista Luiz Eduardo conta alguns fatos, como um, certa feita, no qual fora condenado a pagar uma indenização por danos morais à JAF, mais uma vez, em um processo promovido pelo ex-governador contra ele e o jornal. O jornal precisou pagar 22 mil reais como penalidade e ele próprio que assinou a matéria jornalística, pagou oito mil reais. O jornalista Carlos Batalha, alguns dias depois, em nome de JAF, procurou o Jornal e devolveu a indenização, subtraindo apenas as custas e os honorários dos advogados. O que JAF queria mesmo era o reconhecimento e a reparação pública da injusta notícia contra a sua pessoa. O dinheiro não enchia os seus olhos.

PROJETO DE GOVERNO MUNICIPAL

Ele tinha um projeto de Governo Municipal que atendia as expectativas da população. Defendia alternativas para melhorar o trânsito da capital,

com a criação de novas vias e implantaria o sistema de *Bus rapid transit* (BRT) (NAVARRO, 2012).

Trazia outras importantes propostas. Entre elas, a melhora do nível das escolas públicas municipais e a garantia de um ensino de qualidade. JAF fazia promessas na sua campanha de investir na iluminação pública (praças, locais públicos e periferia); reordenar o sistema de coleta de lixo; equilibrar o orçamento municipal; elaborar um plano diretor que pudesse resolver os problemas e preparar Aracaju para o futuro; investir no saneamento básico e melhorar as redes de esgoto; apoiar a polícia no combate ao crime e na proteção a famílias, idosos e deficientes (NAVARRO, 2012).

Impossível não conquistar o eleitor com as suas promessas e pelo fato inequívoco de *João Coragem* ser, do ponto de vista da população, alguém confiável, testado em várias gestões e portanto, conhecido de outros idos. Era vencer ou vencer. Deu no que deu. João venceu e tornou-se prefeito de Aracaju (SE) com 159.668 votos, o equivalente a 52,72% dos votos válidos. O vice-prefeito eleito da coligação *Aracaju não pode parar* era o seu companheiro de múltiplas jornadas, tido como seu escudeiro, José Carlos Machado (PSDB) (NAVARRO, 2012).

Depois de eleito, JAF não permitiu que os irmãos Amorim indicassem um único nome para o seu secretariado, nem mesmo na condição de secretário-adjunto e/ou dirigente de alguma empresa municipal (MANOEL, 2014).

O ESCUDEIRO MACHADO

Engenheiro civil formado na Universidade Federal da Bahia em 1970, o empresário José Carlos Machado (17.01.1949) é um homem cordial, simpático com os interlocutores e muito respeitado no cenário político sergipano; inclusive entre os poucos que eventualmente apresentam quaisquer reservas, ainda assim, não conseguem destituir nas suas narrativas, a importância política deste itabaianense nos debates públicos sobre questões de interesse estadual e ou nacional.

Saber ouvir e nunca radicalizar são outros dos seus atributos. Inteligente e antenado, Machado, sabe elencar os temas que afetam a sociedade, sabe diagnosticar os problemas e propõe soluções.

Mesmo quando Machado está sem mandato, ainda assim, na análise de Jozailto Lima (2019), é o político sergipano mais levado a sério,

e cuja voz é ouvida e respeitada pelos meios de comunicação e pela classe política.

De volta à Aracaju, entre os anos de 1973 e 1974, Machado exerceu o cargo de diretor financeiro da Companhia de Habitação Popular de Sergipe. Foi nomeado por JAF como seu Secretário Municipal de Obras em 1975, tendo permanecido no cargo até 1978.

Em 1983, JAF, assumiu como governador eleito e Machado tornou-se Secretário de Saneamento e Recursos Hídricos do Estado de Sergipe, e permaneceu até 1986.

Em 1985, Machado filiou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL) e exerceu a vice-presidência do partido entre os anos de 1988 e 1990. No pleito de novembro de 1986, foi eleito deputado estadual e reeleito em 1990. Licenciou-se do mandato em 1991 e foi nomeado por JAF, no seu segundo governo em Sergipe, como Secretário de Obras Públicas do Estado de Sergipe, cargo no qual permaneceu até 1994. Nessa condição presidiu os conselhos administrativos da Empresa Energética de Sergipe, da Companhia Habitação Popular de Sergipe e da Companhia de Saneamento de Sergipe em 1991 (CPDOC/FGV, 2003).

Em outubro de 1994, Machado integrou, na condição de vice, a chapa ao Governo de Sergipe encabeçada por Albano Franco. Com a vitória da candidatura, ele foi empossado na vice-governadoria de Sergipe, em 1º de janeiro de 1995. Ainda nesse ano, foi eleito presidente regional do PFL e acumulou as presidências do Instituto de Tecnologia e Pesquisa de Sergipe (ITPS), do Departamento de Estradas e Rodagem (DER), do Instituto de Previdência do Estado de Sergipe, do Centro de Hemoterapia de Sergipe, do Conselho Administrativo Estadual do Meio Ambiente, do Departamento Estadual de Trânsito e do Conselho Estadual de Transporte (CPDOC/FGV, 2003).

Afastou-se desses cargos em 1998 e em outubro, Machado foi eleito pela terceira vez deputado estadual na legenda do PFL. Em outubro de 2002, foi eleito deputado federal pelo estado de Sergipe na legenda pefelista. Assumiu o mandato em fevereiro de 2003. Em outubro de 2006 foi reeleito deputado federal na legenda do Democratas (DEM), partido surgido com a refundação do PFL (CPDOC/FGV, 2003).

Em 2010, Machado não tentou a reeleição de deputado federal para candidatar-se ao Senado. Ficou em quarto lugar, com 260.158 votos, perdendo para os eleitos Eduardo Amorim e Antônio Carlos

Valadares e para o terceiro colocado, Albano Franco, de quem fora vice-governador na eleição de 1994 e agora, naquela feita, era o vice-prefeito de Aracaju na gestão do seu amigo JAF (2013-2017). Experiência e proatividade são os sobrenomes de José Carlos Machado.

POSSE DO NOVO PREFEITO

No dia 2 de janeiro de 2013, o novo prefeito da capital sergipana, JAF, deu posse aos novos Secretários e chefes da administração indireta e declarou: *Procurei escolher os melhores, com mais conhecimento técnico na área. Os partidos políticos que me apoiaram me deixaram livre para escolher quem vai me ajudar a administrar a cidade* (FONTENELE, 2013).

Eis os empossados (FONTENELE, 2013):

Secretaria da Chefia do Gabinete – Walker Martins Carvalho.

Secretaria Municipal de Governo – Marlene Alves Calumby.

Secretaria Municipal de Planejamento – Luciano Paes.

Secretaria Municipal Finanças – Nilson Lima.

Secretarias de Cultura e Eventos – Vereador Nitinho.

Secretaria de Defesa Social – delegada Georlize Teles.

Secretário Municipal do Meio Ambiente – o promotor de Justiça Eduardo Matos.

Secretaria de Infraestrutura – Luiz Durval Tavares (para absorver o trabalho da Empresa Municipal de Obras e Urbanização – Emurb).

Secretário de Comunicação – Carlos Batalha.

Secretaria Municipal de Controle Interno – Lion Schuster.

Secretaria Municipal de Educação – Márcia Valéria Lira Santana.

Secretaria Municipal de Saúde – Gorette Reis.

Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Carlos Eloy.

Secretaria Municipal de Administração – Walker Carvalho.

Secretaria Municipal de Assistência Social – Selma Mesquita (secretária adjunta e interino).

Secretaria Municipal da Participação Popular – Juvêncio Oliveira.

Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb) – Júlio Flores.

Instituto de Previdência do Município de Aracaju – Antônio Newton Porto.

Com um time desta magnitude, não haveria erros. Seria mais uma gestão de sucesso, com a assinatura de JAF.

FANTASMAS RETORNAM

JAF já tinha conhecimento do encaminhamento das investigações que envolviam o seu nome e tentava não pensar nisso e focar naquilo que demandava atenção imediata: a Prefeitura de Aracaju que acabara de assumir. No dia 15 de março de 2013 a bomba estourou e foi manchete nos jornais de todo o país: a denúncia do Ministério Público Federal (MPF) contra o empresário Zuleido Veras, o prefeito de Aracaju, e o seu filho João Alves Neto, entre 12 investigados pela Operação Navalha, havia sido aceita pelo Supremo Tribunal de Justiça (STJ) e eles passariam a responder à ação penal para apurar responsabilidade em esquema de superfaturamento de obras e desvio de recursos públicos apurado na Polícia Federal (CONSULTOR JURÍDICO, 2013; MELLO, 2013; RODRIGUES, 2013).

O fantasma acordara e voltara a assustar e a ameaçar. JAF tinha sofrido muito em 2007. E agora o pesadelo era reeditado: ainda não tinha acabado e se somava aos seus outros problemas.

Na realidade esse imbróglio era de maio de 2008, quando o MPF apresentou a denúncia, um ano após a PF ter deflagrado a Operação Navalha em nove Estados (Alagoas, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Goiás, Mato Grosso e São Paulo) e no Distrito Federal. Ao todo, o MPF denunciou 61 pessoas, sendo que 17 tiveram a denúncia apreciada no STJ (CONSULTOR JURÍDICO, 2013).

Aquele processo consumia JAF. Não pelo fato do seu nome estar envolvido. Políticos são como Geni, pensava, todos jogam pedras, mas porquanto o seu filho, que nem político era e tampouco nunca ocupou cargos públicos e estava sendo alvo de investigação. Será que este fato não acelerou o seu processo de adoecimento? Talvez...

João não teve o prazer de ter consciência do desfecho favorável deste caso que só aconteceu em 2020.

COBRANÇAS DE RECIPROCIDADE

Em outubro de 2013, os ex-concunhados, Edivan Amorim e Mendonça Prado, se degladiavam nas entrevistas e declarações feitas na imprensa e nas redes sociais. Lembrar que em épocas passadas, quando eram genros do Prefeito João Alves Filho (DEM), o empresário e o deputado federal do DEM (naquela ocasião), eram próximos e afinados politicamente (OLIVEIRA, 2013).

Em janeiro de 2014, a mídia denunciou que, se antes eram apenas insinuações nos programas de rádio ou recados através das redes sociais, agora os aliados do Senador Eduardo Amorim (PSC) eram cada vez mais diretos e cobravam do Prefeito João Alves Filho (DEM) reciprocidade e apoio nas eleições para o Governo do Estado, na qual o candidato seria Eduardo Amorim (MANOEL, 2014).

Os adversários da hora (Edivan Amorim foi genro de JAF), eram crias do prefeito e, no entanto, eles alegavam que JAF só havia sido eleito em 2012 para a Prefeitura de Aracaju, no primeiro turno, graças ao apoio do grupo. Aliás, muitos políticos, além dos irmãos Amorim, tiveram ascensão de suas carreiras políticas, algumas até já existentes, graças as oportunidades criadas e fomentadas pela aproximação com JAF: Albano Franco, Antônio Carlos Valadares, Reinaldo Moura, André Moura, José Carlos Machado, Maria do Carmo Alves, dentre tantos outros que, direta ou indiretamente, estiveram ao seu lado em determinado momento (VILLACORTE, 2019).

Não enxergo em João Alves Filho ingratidão, apenas leniência e incapacidade de manter alguns dos lacaios na coleira... Aonde vai-se chegar com tudo isso? A resposta poderá ocorrer em 2016, ano em que o Negão – não tenham dúvida! – vai tentar a reeleição, diz nas redes sociais, o jornalista David Leite, do PSC (MANOEL, 2014).

Os lacaios referidos seriam os amigos e aliados de Mendonça Prado que distribuía notas na internet contra as lideranças dos irmãos Amorim. Naquele momento, no início de 2014, JAF teria que romper barreiras familiares muito difíceis, caso fizesse a opção pelo apoio à candidatura de Eduardo Amorim: a sua esposa, a Senadora Maria do Carmo; o genro, deputado federal Mendonça Prado; e os filhos (MANOEL, 2014).

No dia 16 de janeiro de 2014 foi a vez do Deputado Federal André Moura (PSC), companheiro de Eduardo Amorim nas peregrinações pelo interior do Estado, fazer cobranças agressivas, exigindo o apoio do prefeito de Aracaju, como se isso fosse uma obrigação, ou como se para obter o apoio do grupo na campanha anterior, JAF tivesse feito promessa nesse sentido. O que a história revela é outra coisa: eles por falta de um

**JAF nas urnas
era líder com
mais de 50%
nas pesquisas**



candidato viável, pegaram carona na certeza do sucesso de JAF nas urnas que era líder com mais de 50% nas pesquisas (MANOEL, 2014).

COMPLEXO VIÁRIO GOVERNADOR MARCELO DÉDA

No dia 21 de fevereiro de 2014, o Governador Jackson Barreto participou da inauguração do Complexo Viário Governador Marcelo Déda e do Viaduto Hugo Costa, que interligam a avenida Presidente Tancredo Neves com outras vias na região do bairro Inácio Barbosa e chegando ao conjunto Augusto Franco. Essas duas imponentes obras foram realizadas pela Prefeitura de Aracaju, sob a batuta do engenheiro e do Prefeito JAF, especialista em urbanismo, e contribuiriam significativamente para a fluidez do tráfego da cidade.

No complexo, além do Viaduto Jornalista Hugo Costa, com extensão de 90 metros e ciclovia com 4.300 metros, também estão as avenidas Ministro Geraldo Barreto Sobral, Vereador Manoel Dórea, Paulo VI, Tancredo Neves e ponte Procurador de Justiça Gilberto Vilanova de Carvalho e avenida Antônio Carlos Leite Franco, além das avenidas Adel Nunes, Josino José de Almeida, criando uma rota alternativa de ligação com a região sul da cidade.

A obra é um conjunto urbanístico que deu qualidade de mobilidade ao aracajuano e foi orçada em 34,5 milhões de reais e realizada com recursos de convênio da PMA com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Evento muito prestigiado, entre outras autoridades estavam o vice-prefeito José Carlos Machado e vários Secretários municipais, o vice-presidente do Tribunal de Contas de Sergipe, Clóvis Barbosa, os Senadores Maria do Carmo Alves e Eduardo Amorim, a presidente da Assembleia Legislativa de Sergipe, Angélica Guimarães, a desembargadora Aparecida Gama e o presidente das Construtora Celi, Luciano Barreto que executou a obra (GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE, 2014).

Representantes da bancada federal também presentes: Mendonça Prado e André Moura, os Deputados estaduais Garibaldi Mendonça, Goreti Reis, Capitão Samuel, entre outros; o presidente da Câmara de Vereadores, Vinicius Porto, Emília Correia, Ivaldo José, Daniela Fortes (GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE, 2014).

Elogiadíssima pelo governador, as obras tinham a marca ousada e registrada de JAF (GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE, 2014):

Sem dúvida alguma, esta é uma obra importante para a mobilidade urbana, para facilitar a vida das pessoas, para cuidar da nossa gente, para facilitar o trânsito, para ajudar o transporte coletivo de nossa capital. Esta obra dialoga com o Viaduto Marcelo Déda e com o Viaduto Manoel Celes-tino, no Detran, um conjunto de obras pensadas de forma objetiva, endereçada ao povo de Aracaju. [...] Foi também uma homenagem justa, pois o complexo foi pensado tam-bém pelo Governador Marcelo Déda.

O Prefeito JAF era um homem generoso e elegante. Fez questão de homenagear um dos adversários mais duros que já enfrentou. O maior aliado de Lula em Sergipe e o que mais boicotou o seu governo, porquanto sua defesa inflexível pelo Rio São Francisco, oferecendo ao povo sergipano uma conta por demais elevada.

O prefeito de Aracaju, JAF, referindo-se ao Governador Marcelo Déda e ao jornalista Hugo Costa, classificou o complexo como (Governo do Estado DE SERGIPE, 2014):

[...] a obra mais importante, isoladamente, para a mobilidade urbana de Aracaju. Ela vai proporcionar facilitar o trânsito em toda essa região, desde o bairro Jardins até o Augusto Franco. Estou muito feliz porque essas obras integradas homenageiam aqui grandes sergipanos, por isso é também um momento de grande emoção.

Em contrapartida, por ocasião da morte de JAF, a viúva de Marcelo Déda, a atual vice-governadora do Estado, nas redes sociais, manifestou-se:

Para além do gestor visionário, sempre irei recordar do quanto foi gentil durante o processo da doença enfrentada por Marcelo. Foram visitas, ligações, sempre prestativo. Após o falecimento de Marcelo, foi ele (JAF), enquanto prefeito de Aracaju, que nos concedeu a cessão do espaço para que pudessemos construir o monumento no Parque da Sementeira. Mais que isso, deu o nome de um opositor político a uma grande obra. Hoje, o Complexo Viário Governador Marcelo

Déda, na Avenida Tancredo Neves, em Aracaju é também um registro da grandeza de Dr. João, que nunca subestimou a importância de Marcelo Déda para o estado.

Com sua nobreza d'alma, algo pouco usual entre políticos, JAF há muito tempo, inaugurara a fase do perdão e principalmente do esquecimento.

PESQUISAS

Assim como em 2012, em 2014, o prefeito continuava liderando com boa margem de vantagem, todas as pesquisas realizadas para o Governo do Estado e, por conseguinte, em uma situação política mais alvissareira do que os irmãos Amorim. Destarte, naquele momento JAF podia escolher o que melhor lhe aprouvesse, pois nada devia a ninguém: disputar o Governo, montar chapa alternativa e continuar prefeito, apoiar os Amorim ou mesmo se somar ao projeto de reeleição do Governador Jackson Barreto (MANOEL, 2014).

Enquanto isso, na mesma ocasião, por não ter uma definição se iria permanecer como prefeito ou se renunciaria para disputar o Governo do Estado, JAF anunciou que havia liberado o vice-prefeito, José Carlos Machado (PSDB), para tentar negociar apoios para uma eventual candidatura legislativa (MANOEL, 2014).

O vice-prefeito de Aracaju, José Carlos Machado (PSDB), anunciou em uma coletiva de imprensa, em 4 de abril de 2014, que estava disposto a disputar as eleições de 5 de outubro de 2014 e disse que as possibilidades eram de 90% de chances. Machado também afirmou que era mais fácil o PSDB caminhar junto com o PSC de Eduardo Amorim, do qual era coligado, do que formar uma nova aliança (INFONET, 2014).

Protocoliei um ofício pedindo ao Prefeito João Alves Filho, o meu desligamento dos Conselhos Administrativos. Eu quero estar absolutamente elegível porque penso em me candidatar, seja a deputado estadual, deputado federal, senador ou até mesmo governador. Com isso, todas as vezes que o prefeito se ausentar, quem assumirá a Prefeitura de Aracaju é o presidente da Câmara Municipal, Vinicius Porto (INFONET, 2014).

Dia 14 de junho de 2014, a convenção do PSDB aponta Aécio Neves como o candidato ao Governo Federal. A coligação se intitulava *Muda Brasil* e era formada por: PSDB, PMN, SD, DEM, PEN, PTN, PTB, PTC e PTdoB e teve como principais adversários à candidata a reeleição, Dilma Rousseff, e a então Senadora Marina Silva.

JAF estava eufórico com a perspectiva do Brasil despedir-se do laço com o PT e confidenciou a Raymundo Luiz, que havia começado a escrever um ambicioso projeto de Governo para Aécio Neves, com o objetivo de lhe presentear, e queria trocar ideias com o velho amigo jornalista, de quem ficara afastado por longos 15 anos. Houve uma rápida insinuação, que o afastamento se dera porquanto a algum desentendimento entre o jornalista e Maria do Carmo, que afastava de forma discreta e insidiosa todas as pessoas que ela considerava influência indesejável para JAF. Essa percepção é quase unanimidade entre os que convivem com a senadora: Maria é seletiva e afastou muita gente que considerava inadequada, mas também construiu muitas alianças positivas para o marido. Quanto ao tal projeto para Aécio, não sabemos se JAF chegou a escrever alguma coisa.

Alguns dias depois, no dia 30 de junho de 2014, a candidatura à reeleição da senadora foi oficializada durante a convenção do DEM, na coligação com o PSC e que teve como candidato ao Governo do Estado Eduardo Amorim. A senadora declarou, entretanto, que não votaria nele (INFONET, 2014).

Claro que, no campo privado, esta aliança teve um preço amargo que mexeu com os brios de Mendonça Prado, genro de João e Maria e desencadeou uma ruptura.

A SENADORA, O PREFEITO E OS MÉDICOS

Em setembro de 2014, a Sociedade Médica de Sergipe estava convidando, a cada quinta feira, para o tradicional almoço semanal, os candidatos daquela eleição para o Senado Federal. A senadora foi uma das convidadas, como uma estratégia de divulgação da sua candidatura à reeleição.

Ela chegou acompanhada pelo Prefeito JAF. Maria do Carmo explicou acerca dos seus projetos na área de saúde e depois da sua fala, JAF pediu a palavra e o seu discurso, muito longo, foi sobre as suas ações no

Ministério do Interior, que foi entre agosto de 1987 a março de 1990, ignorando a razão dele estar ali e, inclusive, como se a Prefeitura não fosse o seu cargo atual. Ele não parava de lembrar aquele período.

Os discursos de JAF estavam sendo muito longos e transformou-se em alguém mais prolixo do que o habitual, não conseguia parar de falar e colocar um ponto final, às vezes os auxiliares, com delicadeza, precisavam interromper.

Os médicos presentes naquele almoço das quintas-feiras, perceberam que algo deveria estar acontecendo com o prefeito da capital sergipana. Foi comentado entre eles. Era visível o desconforto da senadora.

No início JAF apresentava alguns indícios, sinais aqui e ali, que alguns poucos percebiam, com um ou outro comportamento mais alterado, mas os mais próximos e a família, atribuíam a várias fatores, como o cansaço ou pensavam que poderia ser um novo episódio de depressão. No final do último mandato como prefeito, as coisas foram se acentuando.

JAF vinha fazendo um acompanhamento com um médico neurologista de São Paulo, e aquele profissional nunca cogitou a possibilidade de ele ser portador de Alzheimer. O médico foi o mesmo que cuidou de Maria do Carmo quando ela teve o AVC, o conceituadíssimo professor de Neurologia da USP, Dr. Ricardo Nitrini. Havia uma certa intimidade, confiança e aproximação com ele.

No início de 2015 ele se internou no Einstein. Ele estava bastante angustiado, pois ele próprio suspeitava que estivesse com Alzheimer. Só que no final dos exames, o médico disse com todas as letras que não era Alzheimer. Em seguida houve outra consulta, e foram com ele, Maria do Carmo e Marlene, a irmã dele.

Naquela segunda consulta de 2015, há controvérsias de relatos. Marlene acha que o médico sugeriu a possibilidade de ser um início de Alzheimer diante da pergunta feita, de forma direta, pelo próprio JAF ao médico, e Maria do Carmo teve dificuldades de entender aquilo ali ou aceitar. Maria disse que o médico negou que fosse Alzheimer, mas de certeza, o médico disse que JAF teria que se reorganizar, porque ele

JAF vinha fazendo um acompanhamento com um médico neurologista de São Paulo

estava debilitado. O prefeito de Aracaju era um notívago, uma pessoa de hábitos noturnos, virava as noites, lendo, estudando e escrevendo e só ia dormir quando o sol nascia. Doravante ele teria que respeitar o ritmo normal circadiano e descansar mais. Em outras palavras, ele foi recomendado a desacelerar.

MENDONÇA PRADO ROMPE COM JAF

O empresário Edivan Amorim, considerado um dos líderes do agrupamento que fez cerrada oposição ao Governo de Marcelo Déda, e depois à gestão de Jackson Barreto, em 2014, registrou uma candidatura de deputado estadual pelo PR e havia declarado à Justiça Eleitoral, ser possuidor de pouquíssimos bens, que somavam apenas algo em torno de R\$ 78 mil.

Declarou que suas cotas em cada uma das emissoras de rádio valiam algo beirando simbólicos R\$ 500,00; empresas, que eram consideradas dele, apareceram em nome de outros donos ou apenas como administrador, e ou como sócio com cotas muito pequenas, a exemplo da Rede Ilha, Amorim Brasil Transportes Ltda com sete filiais espalhadas pelo país, e a Sisan Agropecuária entre outras empresas (JORNAL DO DIA, 2014; MANOEL, 2014; TELLES, 2015).

Por conta destas questões patrimoniais, na campanha de 2014, aconteceram embates importantes com Jackson Barreto que o criticou bastante e ele precisou defender-se das acusações, e trocaram muitas farpas. Os processos contra Edivan e o seu patrimônio foram alvos de acusações e questionamentos (TELLES, 2015).

Em 2014, Eduardo Amorim, concorreu ao cargo de governador de Sergipe nas eleições pela Coligação *Agora Sim* (DEM, PSDB, PP, PTdoB, PSC, PTC, PSL, PTB, SD, PV, PPS, PHS, PMN, PR, PEN).

Considerado um grande articulador, principalmente nos bastidores, Edivan Amorim, segundo o jornalista Telles (2015) é especialista em persuasão, e tem a língua amolada e sabe quando é hora de sair de cena para ressurgir na hora certa, fazendo novas alianças.

Mendonça Prado, adversário inconciliável dos irmãos Amorim, recusou-se a pedir votos para o candidato a governador, Eduardo Amorim e, por isso, foi proibido de participar do programa eleitoral do DEM, o partido que, em Sergipe, sempre foi liderado por João.

Apesar dos laços afetivos que ligam o genro aos sogros, nem João e nem Maria usaram de sua influência para acabar a perseguição contra o Deputado Federal Mendonça Prado que se viu obrigado a recorrer tanto à justiça, quanto à direção nacional do DEM, para poder figurar no programa eleitoral, o que só foi conseguido depois de algum tempo, com nítidos prejuízos para ele.

Como previsto, Eduardo Amorim perdeu para Jackson Barreto e o seu irmão Edivan não logrou êxito na campanha para deputado federal, e os resultados enfraqueceram o seu grupo, que acabou sendo reduzido na Assembleia Legislativa (TELLES, 2015).

Importante que se frise que, nem as eleições de João e nem tampouco a de Maria, nada devem aos irmãos Amorim (COSTA, 2014).

Mendonça Prado foi reconduzido à Câmara Federal com 44.263 votos, naquelas eleições de 7 de outubro de 2014. Mendonça Prado declarou o seu voto a Jackson Barreto (PMDB) que saiu vitorioso no primeiro turno e foi reeleito como governador de Sergipe com 537.793 votos (53,52% dos votos válidos).

No dia 3 de novembro de 2014, o Deputado Federal Mendonça Prado (DEM) afirmou em entrevista para George Magalhães, na 103 FM, (notícia que foi replicada nos jornais aracajuanos), que o seu partido e o líder da legenda, o Prefeito JAF, agiram com falsidade, *molecagem, sacanagem e safadeza* contra ele durante a última eleição. Sentiu-se traído por JAF, que fez opção por uma aliança com os irmãos Eduardo e Edivan Amorim (PSC/PTB). Para ele, JAF atuou contra o DEM ao apoiar candidatos de outras agremiações. Mendonça ainda fez críticas à administração municipal e deu a entender que poderia disputar a Prefeitura no pleito seguinte (BRASIL 247, 2014; JORNAL DA CIDADE, 2014).

Mendonça, ainda nas suas declarações à imprensa, chegou até a lembrar a Operação Navalha, em maio de 2007: *eu não vi essas pessoas* (em referência aos irmãos Amorim), *defendendo-o. Foi Mendonça Prado quem estava ao lado dele. Doutor João, o senhor deveria se lembrar disso.*

Mendonça Prado acusou JAF de ter feito acordo com os irmãos Amorim, desde a eleição anterior para prefeito:

JAF me enganou, basta ouvir os discursos do Deputado André Moura e dos Amorins com relação a mim, todos eles me

denegrindo, denegrindo a sua família, Doutor João, e o besta aqui, Mendonça Prado, lhe defendendo nas emissoras de rádio e gritando o nome de JAF, para depois passar pelo que eu passei.

Ver o senhor, bonitão, em cima do palanque, gritando que o homem de Sergipe é Eduardo Amorim e Mendonça Prado é um traidor...

Doutor João disse a um amigo que eu faço política com o fígado. Se ele quisesse a minha vitória, o que ele diria? 'Não, Mendonça Prado não vota em Amorim, mas ele é do partido' [...]. Fiz muita política com o fígado para lhe defender de seus adversários, não sei como não peguei uma cirrose hepática. O partido de Sergipe se transformou lastimavelmente em um partido menor.

Agora, Doutor João, veja o resultado eleitoral. Eduardo Amorim não ganharia nunca [...] porque o povo de Sergipe sabe quem são esses Amorins [...].

Quanto à Senadora Maria do Carmo, Mendonça Prado disse:

Quero muito bem à D. Maria. Votei e voto na senadora, ela é uma pessoa maravilhosa, pedi votos para Jackson Barreto e pedi voto para D. Maria, até foi uma coisa que as pessoas ficaram sem entender. Eu tenho a obrigação e o dever de pedir votos para D. Maria. E sou grato. Não sou ingrato. Agora não tenho obrigação nenhuma de pedir voto para Eduardo e prestigiar Edivan Amorim, que destruiu a vida de JAF, e quem disse isso foi ele mesmo, João Alves.

JAF, por sua vez, no dia seguinte, em entrevista para Bruno Almeida, no *Imprensa 1*, durante o anúncio da nova Secretária Especial da Cultura e presidente da Fundação Municipal da Cultura (Funcaju), Aglaé Fontes, sentiu-se constrangido e tentou resistir ao tema, por entender ser problema de família, e por não desejar comentar, também, as declarações de sua filha feitas à imprensa, mas disse:

Em política, lamentavelmente, existe o hábito de que a versão é mais importante do que o fato. Tenho uma filosofia que

levo, que diz que na vida pública não espere gratidão, mas que seja parceiro para trabalhar. É preciso entender que ao longo da minha vida pública, todas as coligações que fiz, eu fui o líder. Nessa, o Democratas era um dos 17 partidos dentro da coligação e eu não tinha o poder de decisão. [...] Isso arranhou a minha alma, mas é uma questão de família [...] não sinto raiva.

O Prefeito JAF arrematou aquela entrevista, dizendo que o episódio não iria deixar mágoas do seu genro.

Mendonça não acreditava, sequer, que Maria estivesse pedindo votos para ele e este, em posição radical, fez a campanha fora do escritório dela e devolveu todo o material gráfico que a senadora havia preparado para ele, o que deve tê-la magoado profundamente, haja vista ela estar trabalhando e pedindo votos para o genro, na periferia da capital, por onde peregrinava.

A crise familiar e dentro do DEM estava instalada. Do ponto de vista de aliados, *roupa suja se lava dentro de casa*, e Mendonça havia infringido esta máxima, pois essas insatisfações poderiam ter sido discutidas em ambiente íntimo, e nunca publicamente através da imprensa.

PACTO FEDERATIVO

Em 26 de maio de 2015, JAF fez um discurso em Audiência Pública, na Comissão Especial do Pacto Federativo na Câmara dos Deputados em Brasília, cujo presidente na ocasião era o Deputado Eduardo Cunha, o presidente da Comissão Especial era o Deputado Danilo Forte e o relator, o Deputado André Moura.

JAF no seu discurso, bem preparado e articulado, fala da importância de se proteger o Nordeste, região tão esquecida nas prioridades econômicas nacionais. Tanto é que, segundo projeções do projeto de Lei Orçamentária da União 2015, lei aprovada, enquanto 68,5% dos gastos tributários seriam destinados à Região Sul e Sudeste, somente 11,5% seriam enviados à Região Nordeste. Ou seja, o Brasil era o único país do mundo civilizado a conceder muitíssimos mais subsídios tributários às suas regiões mais ricas do que às suas regiões mais pobres, numa cruel inversão de lógica.

A própria Constituição Federal consigna em seu art. 3º Inciso III, como *objetivo fundamental da República* a redução das desigualdades sociais e regionais.

A União afigurou-se como o ente federado todo poderoso. Detentor do cofre abarrotado, ao qual o Governo Federal se apegava qual o avarento que não se aparta de seu tesouro.

É mais que urgente a repactuação, estabelecendo um novo Pacto Federativo. Os estados e municípios sonham com isso há muito tempo. Os sonhos já estão virando pesadelos. Mas a União não permite que o pacto seja feito, mantendo-se concentradora de força e poderes, enquanto os

estados, o Distrito Federal e os municípios, vivendo à mingua, tornam-se sofríveis pedintes, sempre de pires na mão.

É importante lembrar que as pessoas, os cidadãos não residem na União Federal, mas, sim, em municípios. É ali nas cidades e nos povoados que as pessoas necessitam de serviços públicos de qualidade que lhes possibilitem viver com dignidade, como preconiza o art. 1º da Carta Magna.

A Constituição Federal de 1988, lembrou JAF, naquele seu brilhante discurso, estabeleceu a autonomia política e administrativa dos estados e dos municípios, mas não resguardou a contento a sua autonomia financeira, pois permitiu regalias tributárias, sem freio à União.

A consequência de tal distorção são os estados e municípios cada vez mais dependentes de emendas parlamentares ou de convênios celebrados com a União, para conseguir minorar as carências do povo. Há que se considerar que, neste particular, as emendas, em sua maior parte são meramente autorizativas dependentes da vontade, ou não, da União para liberá-las.

No Brasil, os entes federativos menores não passam, em regra, de meros figurantes no espetáculo da República. Espetáculo juridicamente bem definido, mas financeiramente inadequado.

As duras realidades estaduais e municipais não são aceitáveis. Muitas são as demandas. Poucas as condições para atendê-las

A Constituição Federal de 1988, lembrou JAF, estabeleceu a autonomia política e administrativa dos estados e dos municípios



adequadamente. Falar em Federação no Brasil, po tanto, é falar em uma Federação capenga, que não atende ao que estabelecem os princípios de uma verdadeira Federação. A verdadeira Federação é aquela em que estados e municípios não sejam mais uma nova espécie de vassalos da União Federal.

E JAF argumenta que não é possível conviver mais com uma distribuição da arrecadação em que a União detém 67,8% do total, os estados ficam com 26% e os municípios com míseros 6,2%.

Em matéria tributária, em verdade, nunca tivemos um Pacto Federativo no Brasil. Nos últimos anos, a partilha tributária vem esvaziando os cofres estaduais e municipais e engordando o tesouro federal, com a criação de contribuições não partilháveis.

Assim, naquele discurso, o Prefeito JAF defende que as desonerações fiscais realizadas em tributos específicos, IPI, por exemplo, sejam compensadas financeiramente aos estados e municípios.

Segundo os melhores tributaristas essa política tributária é ilegal, já que, como o IPI é um imposto compartilhado, tais desonerações somente poderiam incidir na proporção correspondente à parte pertencente à União, não podendo em hipótese alguma, gerar prejuízos para os demais entes federados. São ilegais e injustas, pois terminam por sequestrar receitas que seriam devidas aos municípios brasileiros.

JAF também argumentou, naquele memorável discurso, a importância de encontrar meios de se otimizar a saúde pública, cujo grande desafio é o incremento de recursos no custeio das políticas relativas a esta área.

A tabela de valores dos procedimentos utilizados como referência à transferência de recursos pelo SUS, encontra-se inteiramente defasada.

É imperativo, inclusive hoje, ano de 2022, que sejam adotadas providências, no sentido de recompor os valores reais da tabela SUS de cada procedimento, com valores médios de mercado que reflitam as realidades de cada região brasileira e, a partir daí, que seja corrigida anualmente pelo valor da inflação, sob pena de falência absoluta da saúde pública.

Há de se ter a clareza de que, o maior problema da Saúde Pública no Brasil é a falta de recursos para o seu custeio. Seja pela falta de correção da tabela SUS, seja pela não cobertura de diversos procedimentos,

seja pelas pactuações que somente penalizam os municípios, sem a necessária contrapartida financeira da União.

Além disso, não há planejamento financeiro que resista às demandas na área de saúde que estão sendo objeto constante de judicialização.

É evidente que a população está correta em reivindicar seus direitos, porém, a União, diante de tanto descaso para com os municípios, não pode se furtar em prestar-lhes o necessário auxílio financeiro para fazer frente a estas graves demandas que, reiteradamente, são objetos de ordens judiciais para imediato cumprimento pelos prefeitos.

Naquele dia, na Câmara Federal em Brasília, JAF também achou por oportuno fazer reflexões acerca da alteração na sujeição ativa do ICMS, para que o referido imposto seja recolhido para os estados de destino da mercadoria. O que se propunha ali era que as coisas acontecessem nos moldes da Emenda Constitucional nº 87, que corrigiu uma distorção tributária para operações interestaduais, sobretudo, através de compras pela internet e amplie-se a sua filosofia para demais formas de operação.

Ainda como proposta alternativa, ao menos a possibilidade de compartilhamento na arrecadação do ICMS, com a criação de alíquotas diferenciadas para os Estados de destino e realização de igualdade material, com a previsão de alíquotas maiores para os Estados menos desenvolvidos. Como é o caso, da região Nordeste. A adoção dessa medida seria de fundamental importância para atenuar desigualdades regionais, com a melhoria das receitas municipais.

O prefeito de Aracaju, representando 5.500 prefeitos de municípios brasileiros, concluiu o seu discurso, citando Eduardo Campos: *não vamos desistir do Brasil*. E em arremate da sua fala, disse: *o Brasil continua, como sempre foi, muito maior do que as suas crises, as quais uma a uma, serão superadas, pela mercê de Deus e com a indispensável participação deste parlamento*.

Era o velho João de volta, discursando em Brasília, um grande conhecedor das mazelas que afligem o Nordeste, defendendo novamente os interesses da região e sempre trazendo, não só a radiografia dos problemas, mas, principalmente, apontando soluções.

JAF era, antes de tudo, mesmo cansado, adoentado e alquebrado, um sujeito aguerrido e um otimista por excelência. As questões pareciam tão óbvias, tão fáceis de serem resolvidas. Faltaria o quê? Boa

vontade? Ele realmente acreditava na proatividade dos nossos parlamentares, entretanto, infelizmente, nada mudou. O Brasil continua o mesmo e o Nordeste continua em situação de desigualdade com relação às outras regiões.

RAINHA DA INGLATERRA

No dia 15 de junho de 2015, todos os jornais pareciam ter despertado para oferecer, de forma orquestrada, só notícias perturbadoras. JAF estava cada vez mais pressionado.

As manchetes daquele dia falavam da coleta de lixo suspensa pela Torre, por conta de uma dívida de 20 milhões (era alegado que a metade era um passivo da gestão anterior de Edvaldo Nogueira e a outra metade gerada naquele Governo Municipal); reajuste de 5%, repassado aos servidores, estava abaixo da inflação de 8,5%, gerando insatisfação do presidente do Sindicato (Sepuma) Nivaldo Fernandes, que ameaçava dar respostas duras ao prefeito; ameaça de permanência da greve dos médicos, por conta do reajuste aquém do desejado e do prometido por Luciano Paz, Secretário da Fazenda do Município.

Certamente, JAF, ao tomar conhecimento das manchetes, através do *clipping* de notícias, providenciados pelo seu Secretário de Comunicação, aborreceu-se muito. Ele, ao dar a notícia dos tais 5% aos seus servidores, teve o cuidado de alegar que aquele reajuste se devia à queda do repasse de incentivos fiscais por parte do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e da crise econômica nacional que contribuíram diretamente para que um reajuste mais significativo e do agrado dos trabalhadores não fosse repassado.

JAF disse ainda que, se o Congresso aprovasse mudanças no Pacto Federativo que repercutissem no aumento da arrecadação municipal, ele poderia rever o índice de 5%. Ainda que, o próprio JAF não acreditasse naquela possibilidade. Em Brasília, as coisas não eram tão simples. Para completar, o seu Secretário de Finanças não compareceu naquela coletiva onde ele se viu sem suporte do seu auxiliar (fato percebido e noticiado, também, pela imprensa). Segundo o presidente do Sepuma, o Secretário da Fazenda, Luciano Paz, *não teve dignidade cidadã de comparecer àquela solenidade*. Abandonou JAF aos lobos. O estrago estava feito.

Como *cereja do bolo*, JAF recebeu, naquela manhã do dia 15 de junho, mais um recorte de jornal sobre a mesa do seu gabinete, publicado pelo portal de notícias *A8 Sergipe*. Era um comentário bem maldoso e constrangedor:

Após o Governador Jackson Barreto (PMDB) ter insinuado que o Prefeito de Aracaju JAF (DEM), está caducando, ruim da cuca, agora foi a vez do sindicalista Nivaldo Fernandes compará-lo à Rainha da Inglaterra, que reina, mas não governa. Revoltado com o miserável reajuste salarial de 5% para os servidores municipais, Nivaldo disse que quem manda nas finanças do município é Luciano Paz, Secretário da Fazenda. Aliás, nos corredores da Prefeitura ninguém esconde que alguns Secretários decidem mais do que o próprio prefeito. Há quem afirme que JAF não é o único sabedor da senha de sua própria assinatura virtual, mas deve ser pilhéria. Portanto, se o presidente do Sepuma estiver certo, Aracaju está sendo administrada por um boi de presépio, uma Maria vai com as outras (A8 SERGIPE, 2015).

Como tudo na vida sempre pode piorar, o MPE, por aqueles dias, resolveu recomendar que a Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA) tivesse cuidados especiais com os gastos do Forró Caju, a maior festa nordestina da cidade, e recomendou que não se contratasse bandas e artistas de renome nacional ou regional que significassem despesas, e não gastasse com a contratação de palco, iluminação, sonorização e segurança. A festa começaria dia 19 e iria até 29 de junho.

Aquela recomendação na verdade era uma tentativa de inviabilizar a festa tão aguardada pela população. A intenção do MPE era preservar os gastos municipais. Mas, será que o MPE havia feito algum estudo que comprovasse que aquele tipo de festa não traz retorno para o município? Ora, o Forró atrai turistas de outros Estados do Nordeste e Sudeste. Os cachês destas atrações nacionais são basicamente os mesmos pagos em outros Estados. Como promover o turismo?

Ao dar estas recomendações o MPE deu sinais que não confiava na administração pública municipal. O MPE alegou que levava em conta a choradeira do prefeito, por mais recursos, para dar um aumento melhor ao servidor público.

O *Jornal da Cidade* (2015) lançou editorial na coluna *Opinião*, em defesa dos benefícios que esta festa traria para os aracajuanos. O pito público antecipado, diz a nota, *pareceu ser desnecessário, principalmente se levarmos em conta a experiência do Dr. João em administrar as coisas do Governo*.

Como resposta, empresas parceiras privadas do Forró Caju, se associaram, pela primeira vez, ao evento organizado pela Secretaria Municipal de Comunicação Social (Secom), que arcaram com a maioria dos custos das grandes bandas. Desta forma, o evento não representou gastos excessivos aos cofres públicos, mas manteve a qualidade das atrações, além de garantir a valorização dos artistas locais que representaram 80% da programação. Foi festa linda de se ver na Praça dos Mercados, no centro de Aracaju. Povo gostou. Povo aplaudiu.

ASSÉDIO

Em julho de 2015 a imprensa começou a denunciar o assédio que JAF vinha sofrendo pelos irmãos Amorim, além de ter que enfrentar os imbróglgios da Prefeitura de Aracaju. Aliás, já havia sinais de fumaça desde janeiro de 2014. As expressões usadas pelos jornalistas e publicadas na mídia eram: JAF está encurralado, assediado, humilhado, entre outras do mesmo quilate (MANOEL, 2014; SANTANA, 2015).

Agora, que haviam tirado o PSDB de José Carlos Machado, os aliados queriam humilhar o prefeito e diziam que se *João quiser Machado, que o leve para o DEM. Passaram a perna em Machado*, disse Santana (2015).

A leitura de uma parte da imprensa sergipana era que JAF não soube, lá atrás, cortar o mal pela raiz, quando, entre 2005 e 2006, permitiu que houvesse uma debandada de aliados para o bloco criado pelos irmãos Amorim (SANTANA, 2015).

O ÁUDIO DA DISCÓRDIA

Muitas águas rolaram, o tempo passou e o maior escândalo de 2016 foi protagonizado pelo vice-prefeito de Aracaju, José Carlos Machado (PSDB), que teve no dia 3 de agosto, um áudio vazado nas redes sociais, no qual dizia que *a equipe de João Alves não trabalha, só quer roubar*. Na gravação, José Carlos Machado também desabafa que a equipe do prefeito trabalhava contra ele e o considerava um chato

pelos cobranças que fazia pelo bem da coisa pública (EXPRESSÃO SERGIPANA, 2016).

José Carlos Machado sempre foi considerado um homem positivo, pragmático e sem papas na língua, sem se preocupar com possíveis consequências daquilo que fala. Outrossim, a sua apreensão com aquela gravação se deu apenas em função do momento eleitoral. Não era segredo que, em muitas outras circunstâncias, Machado já havia manifestado inconformismo com a falta de competência e ganância da equipe do prefeito, chegando, em alguns casos, até a citar nomes (MANOEL, 2016).

De qualquer sorte, Machado denunciou em uma nota, que aquela divulgação do áudio *emerge a má fé de quem gravou, um suposto amigo que o traiu e que pinçou e montou a frase conforme o seu interesse* (EXPRESSÃO SERGIPANA, 2016).

Quem teria sido aquele interlocutor? O vice-prefeito não revelou.

No dia 4 de agosto de 2016, o vice-prefeito José Carlos Machado (PSDB) publicou mensagem na sua página no *Facebook*, declarou-se surpreso com o áudio, porém confirmou o conteúdo disseminado nas redes sociais, no qual afirmava que o Prefeito JAF teria pessoas preguiçosas e dispostas “a roubar” entre os seus assessores da Prefeitura de Aracaju (SANTANA, 2016).

A postagem de Machado no *Facebook*, diz (SANTANA, 2016):

Fui surpreendido com a divulgação de um áudio onde claramente emerge a má fé de quem gravou um diálogo, e do qual pinçou e montou frase conforme seu interesse. A frase, no contexto de diálogo mantido há alguns dias, decorreu de um desabafo com pessoa da minha suposta confiança, que me provocara.

Constato que a gravação, adremente planejada, objetivou com toda clareza me atingir no momento mais decisivo do processo de escolha de candidaturas às eleições de outubro. Para se compreender o sentido da conversa, seria necessário ouvir todo o seu conteúdo. A parte retirada foi utilizada, repito, com má fé, na intenção de comprometer minha história política, e o trabalho do Prefeito João Alves Filho.

Finalizo, ratificando que os termos por mim utilizados decorreram de um momento de exacerbação que não se

coaduna com meu estilo de fazer política, tampouco com minha trajetória de vida.

“ Eleição é uma caixa de surpresa

Quando JAF soube daquele áudio de José Carlos Machado, reagiu: *ele me ofendeu indiretamente. Quem diz o que ele disse contra os meus secretários, está ofendendo a mim. Coloco a minha mão no fogo por minha equipe*, desabafou João. Por sua vez, os auxiliares e secretários alvos das acusações de Machado preferiram não se manifestar (SOUZA, 2016).

Naquela ocasião, quando o radialista Alex Carvalho questionou se Machado seria o seu vice-prefeito, em caso de sua candidatura ser viabilizada, João Alves foi rápido na resposta categórica: não!

O trecho da gravação da declaração do vice-prefeito José Carlos Machado (PSDB) chocou o meio político e foi manchete nas redes sociais, nos jornais e nos noticiários. Quando ele disse que a equipe do prefeito não queria trabalhar, mas roubar, e que *João está cagando (sic)* para isso, a declaração foi retirada do contexto de uma conversa que tivera com um suposto amigo, mas também revelava, indubitavelmente, os sentimentos e a percepção do vice-prefeito em relação aos secretários da Prefeitura de Aracaju (SOUZA, 2016; MANOEL, 2016).

Chama a atenção que Machado parece não ter se dado conta que se JAF não estava reagindo à altura, aos supostos desmandos na Prefeitura, era porque o prefeito não percebia as malfeitorias, e se assim o fosse, só poderia ser pelo seu estado de saúde que o fazia, aos poucos, se desconectar da realidade. Será que Machado perdeu a chance e poderia ter barrado JAF, alertando a família do que se passava? Não sabemos. Talvez nem o vice-prefeito tivesse se atentado das mudanças que o seu grande amigo vinha apresentando.

Por outro lado, João Alves tinha com ele, um compromisso que em 2014 deixaria a Prefeitura de Aracaju para se candidatar ao governo do estado, e Machado assumiria a Prefeitura de Aracaju. Isso não aconteceu e Machado abandonou, um pouco, a política que fazia no interior, principalmente nos municípios de Itabaiana e Carira, que foram sempre responsáveis por boa parte da sua votação. Aquela candidatura de JAF em 2016, com Machado como vice, talvez fosse a última chance

deste último de se transformar em prefeito da capital, por entender que não conseguiria votos para uma disputa majoritária. (TELLES, 2018).

Eleição é uma caixa de surpresa e se houvesse vitória, certamente o prefeito pleitearia a condição de candidato a governador em 2018, e o vice se transformaria em prefeito titular, ou ainda, afastar-se-ia, o que seria uma possibilidade real, considerando a figura frágil de JAF, que ora se apresentava em público com a sua energia e vitalidade visivelmente se esvaindo (MANOEL, 2016).

A declaração acabou afastando de vez José Carlos Machado à vaga de candidato a vice-prefeito na chapa de João Alves. No primeiro momento, JAF recuou e disse que não seria mais candidato. Era o mais sensato naquele momento para preservar a história e a saúde de JAF. Mas a sua posição foi um verdadeiro vendaval e fez das lideranças do partido e das alianças, um grande pandemônio.

Após a polícia tomar conhecimento das declarações de Machado, o delegado geral da Polícia Civil, Alessandro Vieira, solicitou que a delegada Daniele Garcia, do Departamento de Crimes Contra a Ordem Tributária e Administração Pública (Deotap), intimasse o vice-prefeito José Carlos Machado, para explicar sobre os fatos. Aborrecimentos adicionais.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO E COBRANÇAS

JAF já não era o mesmo homem dos governos anteriores. Era mais reticente. A sua gargalhada já não era a mesma, tampouco. Os colaboradores o desconheciam. Às vezes perguntava a mesma coisa várias vezes. Ele, um homem proativo, que costumava ligar a qualquer hora do dia ou da noite, na madrugada inclusive, para os assessores lhes sussurrando ideias, já os deixava dormir. Enquanto despachava com os assessores, adormecia no meio das reuniões. Mas, parece que ninguém percebia. E a vida continuava.

Quando foi ventilada a possibilidade da reeleição nas eleições de 2016, na família, todos foram categoricamente contra, pois mesmo que o diagnóstico dele não fosse aquele, todos percebiam que ele não estava bem. JAF não era mais a mesma pessoa, fazia coisas que não eram do feitio dele. Ele dormia muito e deixava a Prefeitura muito solta nos últimos dois anos.

OS IRMÃOS AMORIM

O grupo de Amorim tinha um grande dilema que o aguardava mais na frente, se optaria em manter a aliança com o Prefeito João Alves para a reeleição em 2016, mesmo sabendo que o grupo de JAF, a princípio, não abriria mão de ter José Carlos Machado como seu vice, ou ainda uma terceira via (TELLES, 2015).

Se a decisão fosse por candidatura própria, como alguns no grupo defendiam abertamente, teriam outro problema: quem seria o nome? Eduardo Amorim iria à disputa ou seria preservado? No caso de Eduardo disputar e perder, duas derrotas seguidas tornariam as coisas ainda mais difíceis em 2018 (TELLES, 2015).

O jornalista Luiz Eduardo Costa, no seu blog, em janeiro de 2017, após o período de JAF na Prefeitura de Aracaju, fez uma análise das relações de João e Maria com o ex-genro Edivan Amorim. O jornalista lembra que a Senadora Maria do Carmo devotava um carinho quase maternal ao seu então genro Edivan, e que JAF, naquela ocasião o mais poderoso político de Sergipe, o recebeu de braços abertos (COSTA, 2017).

Edivan, um itabaianense, aparentemente tímido, vindo de família simples e sem posses, e que demonstrava muita habilidade para os negócios, teve apoio e estímulo dos sogros, o que favoreceu a sua trajetória empresarial. Outrossim, Edivan, também revelou um arguto faro político, na percepção de Costa (2017).

Edivan transformou-se em um homem detentor de poder e influência. Ganhou a confiança dos sogros e da classe política, e ajudava a costurar alianças, pois conquistara livre trânsito entre políticos de quase todos os segmentos.

Edivan fez negócios e política, e através da política fez muito mais negócios, afirmou Costa (2017).

Conseguiu que seu irmão, Eduardo Amorim, médico, fosse Secretário de Saúde do Estado de Sergipe entre 2003 e 2004 na gestão de JAF. Aliás, as coisas entre João e o seu ex-genro Amorim, que já não iam bem, começaram a desandar, mais ainda, naquele período, quando JAF afastou Eduardo Amorim da Secretaria, que foi palco de muitos escândalos, e motivo de processo que o Senador Amorim começou a responder, em segredo de justiça, no Supremo Tribunal Federal, por crimes contra a Lei de Licitações e improbidade administrativa (NOBLAT, 2007 *apud* DANTAS, 2010; MANOEL, 2014; MAX 2020).

Eduardo Amorim declarou e defendeu-se (MACEDO, 2017):

Como médico, tive de escolher entre fazer as licitações com urgência ou deixar os pacientes morrerem.

Optei pela compra dos medicamentos por ter consciência em salvar vidas. Qualquer homem de bem, no meu lugar como gestor, teria feito o que fiz à época: comprado os remédios depois da recomendação do Tribunal de Contas do Estado. Se não o tivesse feito, pessoas morreriam, sofreriam. Preservei, valorizei e respeitei a coisa pública e a vida. Optei pela vida.

Mais tarde, Edivan conseguiu articular a eleição de Eduardo Amorim para deputado federal em 2006 e, mais adiante o elegeu, em 2010, Senador. Edivan, sempre que possível, naquela ocasião, mostrava ser o tutor responsável pela carreira política do seu irmão, hoje, ex-senador Amorim (MANOEL, 2014).

E assim, por duas vezes consecutivas, em 2014 e em 2018, Eduardo Amorim perdeu as eleições para o Governo de Sergipe e em 2020 tentou se lançar, sem sucesso, candidato à prefeito de Itabaiana. Também é incerto qual serão os próximos movimentos dos irmãos Amorim na política sergipana (MACHADO, 2020).

CANDIDATURA ATRAPALHADA E INVIÁVEL

Na semana da decisão, se iria ou não se candidatar, surgiram notícias de que JAF iria desistir de disputar a Prefeitura de Aracaju em 2016, por motivos de saúde. O próprio JAF declarou, a José Carlos Machado, que o seu médico havia recomendado que não fosse candidato à reeleição. Uma coletiva foi marcada, para supostamente anunciar que iria abandonar o pleito, entretanto a entrevista foi cancelada de última hora.

José Carlos Machado, em depoimento a autora deste livro, disse que, sem querer identificar as pessoas:

JAF recebeu pressão de A ou de B, o fato é que ele fez uma reunião aqui na sede dos Democratas e anuncia que não era candidato; no outro dia, fizeram ele, convenceram ele a mudar de ideia. Não é que no outro dia de manhã, tudo havia mudado?

JAF prometeu à família, aos três filhos reunidos e à Maria do Carmo, que não participaria daquela campanha, entretanto, os correligionários na sede do partido o convenceram e ele comunicou a sua decisão: seria candidato. Maria do Carmo reagiu, os filhos reagiram, Marlene reagiu.

“ JAF foi persuadido a enfrentar aquela campanha

Como teriam sido aquelas conversas de bastidores na sede do partido? Quem convenceu quem? Jogaram JAF, um homem doente, aos lobos. Ou em tom coloquial, como se diz aqui no Nordeste, JAF foi *boi de piranha*. Ou seja, JAF foi levado ao sacrifício, em nome dos interesses do DEM e das alianças da vez,

quais sejam, PSDB, PPS, PV, PHS e PEN.

O presidente do Partido Democratas (DEM), em Aracaju, Walker Carvalho confirmou que, durante a convenção do partido, o prefeito de Aracaju, JAF, havia sido escolhido como pré-candidato à prefeitura da capital.

Neste intervalo, algo se passou, e JAF foi persuadido a enfrentar aquela campanha que, provavelmente, o adoeceu mais rápido ainda, frente ao estresse que um processo de eleição promove em qualquer sujeito, acelerando a sua deterioração psíquica.

Tomada a decisão, pressionado pelas lideranças, precisava apenas arrumar um candidato a vice, já que não aceitaria mais Machado, em função das suas declarações sobre corrupção na administração municipal. Aquela candidatura estava fadada ao fracasso e parece ter sido registrada apenas para proteger os candidatos a vereadores dos partidos que continuavam leais à administração municipal (MANOEL, 2016).

O substituto de Machado, como candidato a vice, o radialista e Vereador Jailton Santana (PSDB), não agregava valor do ponto de vista eleitoral. Se alguma chance aquela candidatura tivesse, sem Machado seria mais difícil ainda. Mas era o que eles tinham. Sem discursos e em clima de velório, no anúncio da nova chapa, João fez fotos para as lentes de Diógenes Di, o fotógrafo oficial da senadora, ao lado do novo vice e do Deputado Estadual Robson Viana (PEN), que manteve a aliança com o DEM (MANOEL, 2016).

Marlene Calumby, sua irmã e assessora, disse que foi surpreendida com as manchetes no jornal em 05.08.2016 que anunciavam que o seu

irmão seria candidato à reeleição. Até a véspera daquele dia, a decisão era sobre ele não se candidatar, por falta de condições físicas para assumir mais uma campanha. JAF reconhecia, inclusive, a sua fragilidade e as suas limitações. Ele tinha conhecimento da sua doença e consciência sobre os efeitos de sua evolução. Mas o Negão era vaidoso, também. E aquela pressão o lisonjeava.

A candidatura da coligação, *Aracaju em boas mãos*, firmou aliança com outros cinco partidos, além do DEM e compuseram a chapa: PSDB, PPS, PV, PHS e PEN. Para o cargo de vice-prefeito foi anunciado o nome de Jailton Santana, que era vereador da capital pelo PSDB, substituindo José Carlos Machado.

Deprimente, segundo o jornalista Gilvan Manoel (2016), foi ver João Alves sendo amparado pela filha Ana Alves, durante a entrevista coletiva, concedida na saída da sede do partido, após o anúncio da chapa eleitoral. As imagens exibidas durante as entrevistas às emissoras de TV, segundo o jornalista, mostraram um homem alquebrado, como se o prefeito não tivesse, de fato, condições físicas para enfrentar uma campanha eleitoral.

O jornal *O Globo* trazia a informação que, na lanterna do Ibope, os cinco piores prefeitos avaliados eram os prefeitos de Goiânia, Paulo Garcia (PT); Florianópolis, Cesar Souza Junior (PSD) – que não eram candidatos naquelas próximas eleições; de Aracaju, João Alves Filho (DEM); Porto Velho (PSB), Mauro Nazif; e São Paulo, Fernando Haddad (PT) (BERGAMASCHI, 2016).

A revista *Exame* também apontava que o prefeito de Aracaju (SE), João Alves Filho (DEM), era o candidato à reeleição com a maior rejeição nas capitais brasileiras, 63% e atribuía a rejeição do candidato, ao fato dele ter sido réu no Supremo Tribunal de Justiça (STJ) por denúncias de desvio de verbas nas obras do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) (BRETAS; CALEGARI, 2016).

Nas intenções de voto em Aracaju, ele aparecia na terceira colocação, com 11%, empatado com brancos e nulos, e atrás de Edvaldo Nogueira (do PCdoB, que tinha 36% das intenções) e de Valadares Filho (do PSB, com 26%) (BRETAS; CALEGARI, 2016).

Todos sabiam que JAF não estava bem. A quem interessava manter a sua candidatura para reeleição? Era algo cruel submeter aquele homem doente a uma campanha eleitoral.

Era a candidatura mais atrapalhada e praticamente inviável que se poderia imaginar, mesmo considerando o gigante capital político de João e Maria. Mas, inegável, os outros percalços e agravantes, entre eles, a proibição de captação de recursos empresariais para campanhas eleitorais, as denúncias de corrupção feitas por Machado, e os resultados visíveis da má administração da cidade naquele período.

A eleição municipal de Aracaju em 2016, assim como nas demais cidades brasileiras, foi realizada em 2 de outubro (primeiro turno) e 30 de outubro (segundo turno), e os aracajuanos aptos a votar, elegeram prefeito, vice-prefeito e 24 vereadores para o mandato de 1º de janeiro de 2016 a 31 de dezembro de 2020.

Naquele pleito, o então ex-prefeito Edvaldo Nogueira do PCdoB, recebeu 99.815 votos (38,76% dos votos válidos), o Deputado Federal Valadares Filho, do PSB, ficou em segundo lugar e recebeu 98.071 votos (38,09% dos votos válidos) e JAF ficou em terceiro lugar com 25.275 votos (9,99% dos votos válidos).

No segundo turno, em 30 de outubro, Edvaldo Nogueira foi consagrado nas urnas prefeito de Aracaju, com 146.271 votos (52,11% dos votos válidos).

A derrota nas urnas acentuaram o seu quadro depressivo e dali em diante, JAF não foi mais o mesmo homem.

NO APAGAR DAS LUZES

No dia 27 de dezembro de 2016, no final da tímida e triste gestão, a Energisa fez o corte da energia elétrica por falta de pagamento. Era mais uma forma de humilhar JAF e os seus assessores mais próximos, que eram, na verdade, os verdadeiros gestores da Prefeitura (LIMA, 2016).

Marlene e Machado, por vezes, ficavam angustiados e até impotentes, por verem a gestão na Prefeitura Municipal de Aracaju travada, porquanto as mais diversas razões, inclusive pela falta de ação de alguns auxiliares ou pelo oportunismo de outros (VILLACORTE, 2019).

Em entrevista a autora deste livro, José Carlos Machado afirmou que no último período na prefeitura, no final do mandato, se sentia incomodado e impaciente e porquanto isso, a relação com alguns Secretários ficou estremecida. Ainda que não fosse o seu papel, ele às vezes, ainda que de forma sutil, cobrava ações. Mas também afirmou, que todos tinham bons propósitos, e o que faltou mesmo, foi coordenação e comando:

A percepção que eu tenho é que todos (auxiliares e Secretários) que o cercavam, o admiravam muito. A irmã Marlene, era extremamente preocupada com ele, muito preocupada; a Maria, embora não o demonstrasse, também era preocupada e eu percebia isso [...].

Marlene tinha uma verdadeira paixão pelo irmão, [...] uma pessoa extremamente solidária. Um cuidado e um zelo extremados, e isso eu percebia da parte de Maria e da parte de Aninha; embora ele e Aninha sempre se estremeciam muito, porque ela tinha uma forma de colocar as coisas muito ... e nem tudo a gente pode falar, colocar de forma abrupta, de forma muito direta.

Nos últimos 18 meses da gestão, a Prefeitura enfrentou sérias greves sucessivas de garis provocando visível caos na cidade, com lixo a céu aberto, até que houvesse uma troca da empresa responsável pela coleta dos resíduos (saiu a Torre, entrou a Cavo). Por outro lado, a nova prestadora de serviço, não era detentora de estrutura para atender Aracaju e o lixo era recolhido em caçambas, de forma descontinuada, sem seguir um cronograma, com menos pessoal do que o necessário. Com a intensa pressão da população, os veículos adequados foram sendo reinseridos no serviço (LIMA, 2016).

A rede municipal de Saúde, no final daquele período, tinha alguns postos fechados, com médicos e demais profissionais de saúde que entraram em greve, algumas vezes, com queixa da falta de medicamentos, exames com cronograma de realizações atrasados, e unidades de pronto-atendimento que não fechavam as escalas (LIMA, 2016).

A distribuição da merenda foi privatizada e os professores perderam o direito de se alimentar nas escolas (LIMA, 2016).

Porém, a situação mais grave, no final desta gestão, foi o fato de os servidores, aposentados, pensionistas, terceirizados e contratados estarem com os seus salários atrasados e seguiram até o final daquele período sem previsão de recebimento dos proventos. Por causa desta situação, as contas da Prefeitura foram bloqueadas, por duas vezes, pelo Tribunal de Contas do Estado (LIMA, 2016).

O novo prefeito, Edvaldo Nogueira que assumiu em janeiro de 2017, recebeu uma dívida estimada em R\$ 500 milhões (LIMA, 2016).

O presidente do Democratas (DEM) em Sergipe, e pré-candidato a governador, Mendonça Prado, falou no dia 20 de fevereiro de 2018, para o jornalista Jozailto Lima, em uma entrevista, sobre a situação do ex-prefeito de Aracaju, JAF.

A situação do ex-prefeito é bastante delicada, e desde os primeiros anos da última gestão à frente da Prefeitura de Aracaju. João está com Alzheimer e foi abandonado por muitos que já o apoiaram no passado, mas que hoje, não encontram mais de onde tirar proveito.

Vim para o DEM e vou tocar esse projeto político, porque não poderia abandonar o partido que foi erguido com muita luta por João Alves, além de ter sido minha casa por mais de 20 anos. Sou muito grato por tudo. É lamentável que nem todos reconheçam. Muita gente se aproveitou enquanto pôde, mas agora como João não está mais na política, foi abandonado.

Eu conclamo todos os amigos dele, para que defendam, não apenas o João, mas o homem que mais fez por Sergipe, o homem do chapéu de couro, o homem do hospital, da ponte e da orla. É preciso que se faça a defesa da história e do legado que ele deixou (LIMA, 2018).

REALIZAÇÕES

Pois é, Mendonça Prado tinha toda a razão quando conclama os amigos, aliados, admiradores, para fazer a defesa da história de JAF. Parece que todos, a população, os políticos de plantão e até mesmo os antigos assessores, esqueceram de citar as coisas positivas realizadas naquela gestão, de um João, já muito debilitado e doente, mas, ainda assim, proativo até onde suas energias permitiram.

Naquele último mandato de JAF, ele realizou, sim, inúmeras obras, com destaque para a construção do calçadão da Praia Formosa, no Bairro Treze de Julho, entregue à população pelo Prefeito JAF em julho de 2016, alguns meses antes das eleições daquele ano. Fechou, com este calçadão, um ciclo de ouro de três décadas.

Treze de Julho é um bairro nobre da zona sul de Aracaju, situado próximo ao encontro do Rio Poxim com o Rio Sergipe e possui uma das mais belas vistas da cidade. Originalmente o bairro era conhecido por

Praia Formosa, em virtude da praia existente às margens do Rio Sergipe. O banho era saudável e o espaço servia não só para lazer, como fonte de sobrevivência de várias famílias, quer seja na catação de mariscos, como na pesca. Hoje as águas da praia (que não é mar, porém as margens do Rio Sergipe), infelizmente são altamente poluídas. Um desafio para os prefeitos futuros e, principalmente, para o atual líder municipal, Edvaldo Nogueira.

Mais adiante, a Praia Formosa, passou a chamar-se de Praia Treze de Julho, em homenagem ao levante liderado por Augusto Maynard Gomes, que sitiou a cidade de Aracaju com tropas do 28º Batalhão de Caçadores, nas margens da praia em 13 de julho de 1924, um dos desdobramentos do Tenentismo (CHAVES, 2004).

O calçadão da Praia Formosa, na Treze de Julho, se propunha a ser um novo espaço de lazer. O espaço brotou graças a contenção das águas do Rio Sergipe, oferecendo à população um espaço amplo e com projeto arquitetônico moderno e diferenciado, como todos que levam a assinatura de JAF.

O novo espaço criado em lugar nobre da cidade, tem uma área de 20 mil m², com belo projeto paisagístico com vocação para ser cartão postal da cidade. Lugar aprazível, com espelho e túnel d'água, jardim vertical, espaço de convivência sombreado e academia pública ao ar livre, para levar a família e passear, e ou exercitar-se.

Marlene Calumby, em um especial do *Correio de Sergipe* (2020), em homenagem ao seu irmão, elenca entre muitas outras realizações daquela última gestão (2013-2016), correspondente ao seu segundo mandato como gestor de Aracaju, as seguintes iniciativas e obras que vão muito além do Calçadão da Praia Formosa:

1. Ponte Gilberto Villa Nova, ligando o Inácio Barbosa à Farolândia;
2. Complexo Viário Governador Marcelo Déda e o Viaduto Hugo Costa (intersecção das Avenidas Tancredo Neves e Geraldo Barreto Sobral);
3. Reforma e reurbanização das Praças Tobias Barreto, Camerino e Fausto Cardoso;
4. Reforma da Ponte do Imperador;
5. Centro Cultural de Aracaju (prédio da antiga Alfândega, na Praça General Valadão);

6. Escola Municipal de Educação Infantil Dr. José Calumby Filho (bairro 17 de Março);
7. Centro de Referência da Assistência Social do Bairro Coqueiral;
8. Mercado Municipal Milton Santos (Conjunto Augusto Franco);
9. Urbanização da Avenida Canal 5 (Conjunto Augusto Franco);
10. Centro de Artes e Esportes Unificados Mariana Martins Moura Sousa (bairro 17 de Março);
11. Escola de Governo e Administração Pública;
12. Novo Estatuto dos Servidores Públicos Municipais de Aracaju;
13. Processo de revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável, onde, pela primeira vez, a comunidade aracajuana foi ouvida em mais de 30 audiências públicas, realizadas em diversos bairros, sendo o referido plano, ao final da gestão, enviado para avaliação final do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável (Comdurbs), última instância antes do envio à Câmara Municipal;
14. Aquisição de nova sede para o Instituto de Previdência do Município de Aracaju (Ajuprev) na Avenida Desembargador Maynard;
15. Criação e estruturação da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMA), do Conselho Municipal do Meio Ambiente (CMMMA) e do Fundo Municipal do Meio Ambiente (FMMA), inclusive com a realização do primeiro concurso público para as Carreiras de Analista e de Técnico Ambiental;
16. Concessão de reajustes salariais durante os 4 anos da gestão a todas as categorias;
17. Concessão de vantagens atrasadas de outras gestões aos servidores públicos, inclusive mediante acordos judiciais, a exemplo do que foi firmado com o Sepuma;
18. Pagamento integral, em todos os níveis da carreira, do piso do Magistério;
19. Readequações na estruturação de carreiras do Serviço Público Municipal, com ganhos para os servidores, especialmente nas áreas da Saúde, Procuradoria e Tributos Municipais.
20. Entre outras obras de construção básicas e manutenção exigidas no cotidiano de uma Prefeitura.

Sua irmã arremata naquele artigo, que JAF *era um verdadeiro estadista e mais, [...] tinha um olhar de águia, corajoso – primeira virtude do estadista, mente ágil, visionário, coração sensível, religioso, temente a Deus, apaixonado, otimista, eterno sonhador.*

JOÃO DE FÉ

Sim, existia esse lado espiritualizado de JAF, que os mais próximos conheciam muito bem. O amigo João Cardoso Barreto, por exemplo, muito religioso, com muita frequência o acompanhava. Era um par constante.

João era um homem de fé, temente a Deus, como bem disse sua irmã. Rezava o terço diariamente. Ele era visto todos os domingos na missa, participava da Eucaristia, o sacramento central da Igreja, pelo qual, através das palavras pronunciadas pelo padre, pão e vinho se transubstanciam, respectivamente, no corpo e sangue de Cristo.

Tinha em Nossa Senhora da Conceição, grande devoção. Sua mãe, D. Lourdes, ao enfrentar um trabalho de parto complicado e doloroso, prometeu à Nossa Senhora, que se o seu bebê nascesse bem e saudável, ela seria sua madrinha e protetora. A promessa foi honrada e JAF foi criado neste clima de religiosidade e fé cristã. Fazia as suas preces diárias.

Quando assumiu o seu terceiro governo (2003-2007), construiu no Parque da Cidade Governador José Rollemberg Leite, o Mirante da Santa, onde há uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, sua madrinha querida e para quem dirigia suas orações, agradecendo sempre, todas as noites antes de dormir.

OPERAÇÃO CAÇA FANTASMAS

No dia 8 de março de 2019, a Senadora Maria do Carmo concedeu rara entrevista ao jornalista Narcizo Machado, tratando do tema que envolve a Operação Desmonte/Caça Fantasmas que arrola o nome do ex-prefeito e do ex-governador JAF entre 59 réus, por crime de peculato, e em 13 ações judiciais que apuram a contratação de servidores fantasmas na Prefeitura de Aracaju, para o gabinete do então vice-prefeito José Carlos Machado (MANOEL, 2019).

A senadora declarou, naquela entrevista, que o nome de JAF estava sendo excluído dos processos, haja vista ele estar em estágio avançado do Alzheimer e, por conseguinte, é inimputável. Arrematou ainda, que

ela própria teria presenciado ele assinar papéis levados por assessores, sem saber o que fazia (MANOEL, 2019).

Declarou ainda, de forma dolorida, naquela entrevista, quase como um pedido de perdão em nome do marido, que lamentava muito que *a vida pública de João Alves tenha terminado assim, de forma melancólica, em o pagamento dos servidores e com tantos processos*, arrematou a senadora.

A candidatura de JAF para prefeito em 2012, segundo sua esposa, foi provocada por amigos, inclusive por José Carlos Machado, que se transformou em seu vice-prefeito. Olhando pelo espelho retrovisor do tempo, disse: [...] *quando João assumiu a Prefeitura, já estava doente, mas infelizmente só percebemos muito depois. Hoje o quadro da doença dele é extremamente avançado* (MANOEL, 2019).



O Governador Marcelo Déda, a Presidente Dilma Rousseff, o ex-governador JAF e a Senadora Maria do Carmo, em 26 de janeiro de 2012.



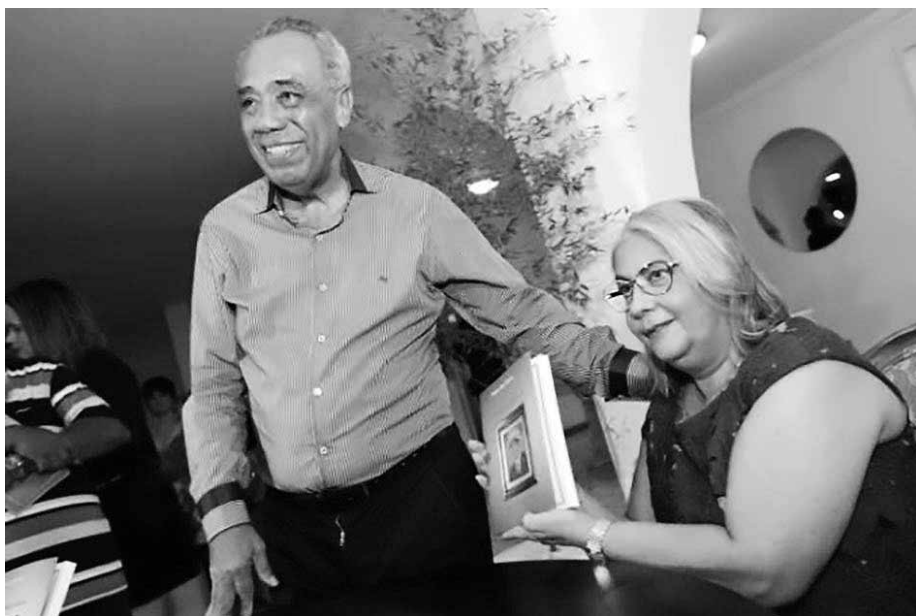
Momento de comemoração política com a família.



A icônica Tia Tetê.



JAF, prefeito de Aracaju, a ex-primeira-dama Eliane Aquino, Deputado Federal Mendonça Prado, o vice-prefeito José Carlos Machado e Maria Angélica Guimarães (presidente da Assembleia Legislativa), na inauguração do Complexo Viário Governador Marcelo Déda.



Prefeito prestigia a sua irmã Marlene Calumby, biógrafa do seu pai Construtor João Alves, em 6 de outubro de 2015.



João Alves com sua filha primogênita, Cristina, em evento em Portugal em 2014.



Geraldo Alckmin e Havania Nimitz do PSDB ao lado de JAF



Na última campanha que JAF participou.



Companheirismo e cumplicidade.

18

A SENADORA MARIA DO CARMO

*Nunca estamos preparados para sentir tanta saudade.
Nosso João da Água, nosso João sempre Coragem,
permanecerá eternamente vivo em nossos corações.*

Maria do Carmo Alves

A advogada e empresária de sucesso, Maria do Carmo administrou os negócios da família nos setores da construção civil, presidindo a Habitacional Construções S/A, e de comunicação, à frente do Sistema de Rádio e Televisão Aracaju S/A.

No primeiro governo de João, iniciado em 1983, seu irmão, José Alves do Nascimento, conhecido como Netinho, médico, era Secretário de Saúde, e Maria fez uma aliança com ele e fundaram juntos o Projeto *Pró-mulher* que lhe deu notoriedade, prêmios e visibilidade.

Maria é tão *workaholic* quanto o seu marido. Mas, também teve a quem puxar: herança de família, esse gosto pelo trabalho. Ela ia todos os finais de semana aos municípios sergipanos, em especial em dias que não houvesse feiras livres. Evitava os dias de feira porque sabia que naqueles dias, as mulheres se envolveriam com a aquisição de alimentos e mantimentos e iriam preterir outras possíveis demandas, mesmo as de saúde, e estariam voltadas apenas para as suas respectivas famílias e certamente não seriam assistidas.

O *Pró-mulher* foi o programa mais importante de todos os governos de Sergipe no campo da saúde pública para prevenção, diagnóstico precoce e tratamento de câncer feminino, até os dias atuais. Não esperavam

que as mulheres, maioria muito pobres, fossem para a capital Aracaju, para fazer exames ou biópsias. Era um programa de busca ativa. O *Pró-Mulher* ia até elas.

A presença de D. Maria nestes mutirões do *Pró-mulher*, ajudava o bom andamento do trabalho e motivava a equipe. Ela chegava antes das

“ Maria já era detentora de luz e prestígio pessoal, independente de JAF

6h da manhã e colocava a mão na massa, participando da logística do programa, ao lado dos médicos e enfermeiros.

O prefeito da cidade era Almeida Lima (PDT) e, em um determinado momento, Albano Franco convenceu Maria do Carmo a ser a sua candidata à Pre-

feitura de Aracaju. Por estímulo da família somados à experiência vivida, com sucesso, como primeira-dama na Prefeitura de Aracaju e nos dois primeiros governos de JAF na Secretária da Ação Social, decidiu arriscar-se como candidata política para o executivo.

Naquele momento, Maria já era detentora de luz e prestígio pessoal, independente de JAF. E foi assim que em 1996, JAF envolveu-se novamente em uma disputa eleitoral na tentativa de garantir a eleição de sua mulher, Maria do Carmo Alves, para a Prefeitura de Aracaju, através do Partido da Frente Liberal (PFL), que eles fundaram juntos em Sergipe.

Apesar de uma expressiva votação, não chegou ao segundo turno, disputado por Ismael Silva, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), e João Augusto Gama da Silva, candidato do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), vitorioso no pleito. Naquele pleito Maria obteve o terceiro lugar como candidata pela Prefeitura de Aracaju. Parte da sua derrota deveu-se a Albano Franco que a deixou pelo caminho (D'ÁVILA, 2017).

Maria, naquela campanha, contou com a coordenação do jornalista Luiz Eduardo Costa, na parte de comunicação. Ele até se surpreendeu com o convite, pois Raymundo Luiz era muito próximo de JAF, mas Maria foi categórica: *Raymundo é escolha de João, não é a minha, e você é a minha escolha. Decidido!*

Era a sua primeira disputa eleitoral, mas estava decidida que não seria a última. Outrossim, Maria também foi uma grande vitoriosa, pois adquiriu muita experiência no corpo a corpo de uma campanha

política. O que a deixava mais forte, era porque, como sempre, ela contava com o apoio incondicional de seu grande companheiro JAF, que embalava os seus sonhos e aspirações políticas.

Maria fez seu primeiro discurso na política partidária quando se candidatou à Prefeitura de Aracaju em 1996. Foi em frente ao comitê na Rua Estância. Uma dificuldade, pois até então só participava de reuniões, o que era bem diferente de discursos de promessas políticas. E ela diz sobre isso:

Tenho dificuldade de falar do vazio e continuo sem gostar, pois não faço esse tipo de discurso. Só faço discurso de algo concreto ou de alguma coisa que a gente possa fazer ou a gente quer dizer (SANTOS, 2002).

Maria é descrita magistralmente pelo jornalista Jozailto Lima como uma mulher que é:

profundamente sincera e sem travas, no que observa e no que diz, da cena política do seu Estado e do seu país. É como se houvesse uma orgânica liberdade entre o que ela pensa e o que fala - numa mistura direta entre id, ego e superego. Algo sem fronteiras. Às vezes, fala até pelas frestas do silêncio, pelo riso irônico e comedido, e por via da gesticulação de corpo inteiro (LIMA, 2018).

Com carisma próprio, Maria se firmou como forte liderança que, na análise de Pascoal Nabuco D'Avila (2017), tinha apelo populista, graças ao trabalho assistencial junto às camadas pobres do estado, especialmente prestado às mulheres do estado de Sergipe, através do seu trabalho à frente do Projeto *Pró-mulher*.

Assim, na eleição seguinte, em 1998, Maria aos 57 anos, elegeu-se senadora da República por Sergipe (PFL), reelegendo-se seguidamente por três mandatos consecutivos em 2006 e 2014 com expressivas votações.

Tomou posse em fevereiro de 1999, foi vice-líder do PFL no Senado, e participou da Comissão de Assuntos Sociais, da Comissão de Educação e da Comissão de Legislação Participativa.

Ao longo de três legislaturas, participou duas vezes como titular da Comissão de Educação, Cultura e Esporte e lá continua até os dias atuais; Conselho de Ética e Decoro Parlamentar por dez períodos diferentes como suplente; Comissão de Serviços de Infraestrutura por cinco períodos diferentes como suplente; Comissão de Meio Ambiente por dois períodos até o momento atual, como suplente; Comissão Permanente Mista de Combate à Violência contra a Mulher, como titular, até o presente momento.

Maria foi testada em três eleições, com votação que a consagrou como importante liderança política no estado de Sergipe, inclusive superando os votos conquistados por JAF e os de Jackson Barreto, a quem derrotou em sua primeira eleição para o Senado, conquistando a condição de Senadora por 24 anos consecutivos.

Ah, essa sim é D. Maria, mulher nordestina, do interior de Sergipe, Cedro de São João, guerreira à altura de um político com a estatura de JAF.

Determinada, espírito forte, aparência simples e despojada, sempre vestida com calça jeans, camisa polo e com um calçado confortável, um tênis preferencialmente. Facilmente as pessoas se identificam com aquela mulher, quando nas suas andanças por bairros pobres de Aracaju, por municípios e povoados carentes de Sergipe.

Maria do Carmo é aquela que, se necessário, não hesita em colocar o pé na lama. Ela conhece as necessidades do povo, conhece o sentimento do povo e ela tem sentimento de povo. Ela é uma Maria, de verdade. Maria do povo! Maria, mãe dos pobres!

Maria, antes de ser senadora, não era uma primeira-dama de aparências, que frequentasse apenas os chás beneficentes, como as suas antecessoras. Ela era atuante, apaixonante, presente e marcante. Maria foi muito hábil e competente ao impor e administrar seu cabedal e vitorioso projeto político, mesmo quando diante das derrotas que JAF sofreu, em 1998 ao concorrer novamente ao governo de Sergipe, ficando em segundo lugar, vencido por Albano Franco (PSDB), seu ex-aliado; e em 2006, quando ele perdeu para Marcelo Déda (PT).

Maria do Carmo, como a maioria das mulheres nordestinas, sempre foi multifunção: esposa, filha, mãe, dona de casa, empresária, primeira-dama, secretária de Estado, senadora.

À medida que JAF assumia cargos no executivo como governador (2003-2007) e prefeito da cidade de Aracaju (2013 a 2017), Maria do Carmo revezava as suas funções, atuando no Senado e nas secretarias de Assistência Social junto à população carente.

Desenvolveu programas de combate à fome, realizando periódicas distribuições de alimentos e cestas básicas em comunidades carentes, bem como a viabilização de exames preventivos de câncer cervical em mulheres em programas nas áreas de saúde, e também desenvolveu projetos de habitação.

Assim, entre fevereiro e setembro de 2003, licenciou-se do mandato para assumir o cargo de Secretária de Combate à Pobreza, pasta criada por JAF, quando eleito em outubro de 2002, pela terceira vez, governador de Sergipe.

Sem dúvida, o seu trabalho assistencial lhe deu a chancela para novos pleitos e o seu prestígio eleitoral só crescia.

Segundo Pascoal Nabuco, homem que privou da amizade de João e Maria, em Sergipe, apenas dois políticos seriam efetivamente populares e populistas nos últimos 30 anos: Maria do Carmo Alves e Jackson Barreto (D'ÁVILA 2017).

Manuel Pascoal Nabuco D'Ávila, era um homem das letras, nascido em Riachuelo/SE em 17 de agosto de 1937. No seu terceiro livro, analisou as práticas políticas dominantes no estado de Sergipe, realçando que a alternância no poder da elite dirigente não implicou mudanças, não obstante a realização de importantes obras que proporcionaram progresso para o Estado.

Pascoal Nabuco formou-se na Faculdade de Direito de Sergipe em 1961. Casado com Maria Isabel Nabuco D'Ávila, ex-conselheira do Tribunal de Contas do Estado. Fez concurso para o Ministério Público em 1978, mas só foi nomeado em 1980, onde atuou nas Comarcas de Neópolis, Boquim, Propriá e Estância. Antes de ingressar no Ministério Público, como Promotor de Justiça, Pascoal Nabuco foi prefeito de Estância, mas não concluiu o mandato por conta do regime militar. Sofreu duas prisões em consequência do golpe militar de 1964.

Sua amizade com o casal João e Maria começou quando ele ocupou a Chefia da Procuradoria Geral de Justiça para substituir Carlos Ayres de Freitas Britto, a convite do Governador JAF, em 1984. Foi Procurador Geral de Justiça e participou do governo de JAF, como Secretário-Chefe

do Gabinete Civil. Assumiu o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça de Sergipe (TJSE) em 1996 e foi seu presidente. Aposentou-se em agosto de 2007 e aos 82 anos morreu, em 18 de março de 2019.

Quando nas eleições em 2006, Maria obteve 468.546 votos, que lhe permitiram continuar ocupando uma cadeira no Senado Federal na legislatura que se iniciou em fevereiro de 2007, sua vitória foi contestada, seguindo um processo de irregularidade eleitoral que chegou até o Supremo Tribunal Federal, em um processo lento e arrastado. Muitas decepções e aborrecimentos na época que culminaram em importante adoecimento, provavelmente resultado das pressões que sofrera naquela ocasião.

Em 28 de março de 2008, o PFL aprovou em convenção nacional a mudança do nome da legenda para Democratas (DEM), partido pelo qual se elegeu e se manteve no poder até então e do qual é, atualmente, a vice-presidente nacional, dividindo espaço com Antônio Carlos Magalhães Neto, que chegou, a princípio, ser aventado como pré-candidato à Presidência da República em 2022.

Ainda em março de 2008, licenciou-se do mandato, com problemas de saúde, para submeter-se a uma cirurgia. Foi substituída pelo seu primeiro suplente, Virgínio José de Carvalho Neto, filiado ao Partido Social Cristão (PSC). Ela retornou ao Senado no início de 2009, depois de longo e delicado período de recuperação.

Em um discurso na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, em 20 de maio de 2010, o líder da bancada de oposição na Assembleia Legislativa, Deputado Estadual Venâncio Fonseca (PP), ocupou a tribuna para expor sua análise sobre a possível desistência da pré-candidatura de José Eduardo Dutra, presidente nacional do PT, a deputado federal.

Para Venâncio, a desistência do petista estava relacionada ainda a ação judicial movida por ele próprio e pelo PT para cassar o mandato da Senadora Maria do Carmo Alves (DEM). Dutra seria o maior beneficiado com a cassação do mandato de Maria, tanto que requereu. Ele não precisaria enfrentar a sua campanha para deputado federal, pois levaria no tapetão o cargo de senador, por mais quatro anos, e teria apenas naquele momento a campanha nacional da candidata à presidência da República, Dilma Rousseff (PT) para administrar.

O problema é que não estão conseguindo colégios eleitorais para Zé Eduardo se eleger deputado federal. Outros candidatos da coligação estão direto em Sergipe e já adquiririam esses espaços. Trabalhando duro. Agora vem Zé Eduardo, morando no Rio de Janeiro e em Brasília, e vem à Sergipe passar os finais de semana, para passear e curtir a praia. E ainda quer um mandato de deputado federal? Como se não bastasse, ainda querem que ele assuma a vaga de senador, no lugar de Maria do Carmo.

Era atribuído à senadora e à João Alves, a prática de abuso de poder político e econômico, pela utilização de ambulâncias e funcionários públicos do Estado em benefício da campanha. De acordo com os recursos, de autoria do Ministério Público Eleitoral (MPE) e do também candidato ao Senado na época, José Eduardo Dutra (PT), houve propaganda eleitoral com carreatas em vários municípios no interior de Sergipe, puxadas por veículos da polícia militar e trios elétricos, com a exposição de dois bonecos gigantes com a imagem de JAF e Maria do Carmo (TSE, 2012).

Aquele discurso inflamado de Venâncio Fonseca, não foi isolado. Fizeram coro em defesa da senadora, o Deputado Augusto Bezerra (DEM) e o Deputado Arnaldo Bispo (DEM). Lembraram que Maria do Carmo tem serviços prestados e traz em sua história um trabalho social, humano, bonito e eficiente. Foi através do trabalho dela que o ex-governador João Alves, em seu segundo mandato, conseguiu acabar com as 75 favelas de Aracaju naquele período.

Esse caso foi julgado e a senadora conseguiu manter o seu cargo em 02.12.2012. A Ministra Maria Thereza de Assis Moura acompanhou, em parte, a Ministra Nancy Andrighi, apenas para manter a multa ao então candidato e à coligação, mas entendeu que não haveria proporcionalidade para cassar o mandato da senadora e alterar o resultado do pleito. A decisão foi unânime (TSE, 2012).

Maria, a decidida! Esta também poderia ser uma nova alcunha para a senadora. Não hesitou em candidatar-se à reeleição como senadora.

A candidatura à reeleição da senadora, em 2014, foi oficializada durante a convenção do DEM, realizada no dia 30 de junho na coligação com o PSC, que teve como candidato ao Governo do Estado, Eduardo

Amorim. Não foi uma campanha simples, ou fácil. Eduardo Amorim do PSC, é irmão do seu ex-genro, Edivan Amorim. A coligação partidária dava gosto de se ver com tantas alianças, algumas muito indesejadas: PSC, PSDB, DEM, PTB, PPS, PR, SD, PTC, PEN, PV, PHS, PMN, PSL, PP, PTdoB.

EDUARDO AMORIM

Eduardo Amorim graduou-se em Medicina na Universidade Federal de Sergipe em 1989. Fez residência médica em anestesiologia no Centro Integrado de Campinas (SP) entre 1990 e 1992, e especialização em tratamento de dor no Hospital Clinic de Barcelona, na Espanha, em 1993. Foi presidente da Sociedade Sergipana de Anestesiologistas e da Cooperativa dos Anestesiologistas, em Aracaju, entre 1998 e 2002.

Eduardo Amorim foi convidado para ser Secretário Estadual de Saúde em 2003 e 2004, durante a gestão de JAF no governo de Sergipe, por influência do seu irmão Edivan Amorim, que foi casado com a filha mais velha de JAF, Cristina Alves.

Entre 2003 e 2006 foi conselheiro da Companhia de Saneamento e da Companhia Estadual de Habilitação e Obras Públicas de Sergipe.

Filiou-se ao Partido Social Cristão (PSC) em 2005. Na eleição para governador de 2006, o PSC integrou a coligação de partidos que apoiou a candidatura de JAF do Partido da Frente Liberal (PFL), que foi derrotado por Marcelo Déda, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Foi nessa legenda que Eduardo Amorim se candidatou à Câmara Federal dos Deputados (2007-2011) e foi vitorioso (SEIDL, LEANDRO, 2012).

Nas eleições realizadas em outubro de 2010, concorreu a uma das vagas sergipanas em disputa para o Senado Federal. Na ocasião, em coligação composta por 10 partidos da base aliada ao Governo Federal, recebeu mais de 600 mil votos, tendo sido eleito (2011-2019) como o mais votado do estado.

Chegou a hora de reeleição. Maria tem um capital político gigante e é uma mulher de luz própria. Durante a campanha de 2014, o seu principal adversário era Rogério Carvalho (PT), com um estilo bem agressivo, atacava a senadora de forma grosseira.

ROGÉRIO CARVALHO

Rogério Carvalho começou sua atuação política no movimento estudantil, enquanto cursava Medicina na Universidade Federal de Sergipe. Foi presidente do Centro Acadêmico (Camed) e da Direção Nacional dos Estudantes de Medicina (Denem) entre 1991 e 1993, além de membro da Diretoria Executiva da União Nacional dos Estudantes.

Após concluir a graduação em 1993, fez especialização em gestão hospitalar e é doutor em Saúde Coletiva pela Universidade de Campinas (Unicamp).

Entre 2001 e 2006, Rogério foi Secretário de Saúde da cidade de Aracaju. Foi deputado estadual nas eleições de 2006. Assumiu a Secretaria de Saúde do Estado a convite do então Governador Marcelo Déda, até se eleger deputado federal em 2010. Naquela ocasião obteve 116.417 votos, o equivalente a 11,31% dos votos válidos, tornando-se o deputado mais votado da história de Sergipe até aquele momento.

Naquela campanha em 2014, Rogério disputava uma vaga no Senado e atacava a senadora nos programas eleitorais, afirmando que o mandato legislativo dela era caracterizado por poucos pronunciamentos e pouca atuação parlamentar em Projetos de Lei, Emendas e Relatórios. A democrata, entretanto, se manteve à frente do adversário durante toda a campanha liderando as intenções de votos (NAVARRO, 2014).

Maria não contra-atacava, mas apenas mostrava o seu trabalho social e que contava com a participação de famílias carentes, que ela tanto ajudou. Contava ainda com o apoio do seu esposo, JAF, que era o prefeito de Aracaju, naquela ocasião (NAVARRO, 2014).

Em 5 de outubro de 2014, a senadora foi reeleita (DEM) para o seu terceiro mandato com 48,91% dos votos válidos (448.102 votos), derrotando o Deputado Rogério Carvalho (PT) que obteve 416 mil votos (45,52%) que, por sua vez, tinha aliança com o PMDB que tinha Jackson Barreto como candidato para o Governo. O primeiro suplente de Maria do Carmo era Ricardo Franco (PTB) e o segundo era o Pastor Virgínio de Carvalho (PSC).

Imagina-se o mal-estar de Maria com as alianças: Eduardo Amorim, candidato ao Governo pela sua coligação, perdeu e Jackson Barreto (PMDB) assumiu o Governo do Estado, com o seu vice-governador Belivaldo Chagas (PSB).

Durante a cerimônia de posse, no início de 2015, estavam presentes prestigiando e posaram para as fotos ao lado da senadora em Brasília, o seu esposo JAF, prefeito de Aracaju, Albano Franco e Edivan Amorim, seu ex-genro, entre outras autoridades e colaboradores.

Maria entrou para a história da política nacional como a primeira e única mulher a ser eleita para três mandatos no Senado Federal. Anteriormente, somente Marluce Pinto (PSDB-RR), Marina Silva (REDE-AC), Lúcia Vânia (PSB-GO), Kátia Abreu (à época PMDB-TO) e a própria Maria do Carmo haviam exercido dois mandatos na câmara alta do legislativo brasileiro.

RICARDO FRANCO

Em 12 de novembro de 2015, licenciou-se novamente do mandato de senadora da República, para assumir a Secretaria de Família e Assistência Social de Aracaju, como parte de uma estratégia para melhorar a imagem do Prefeito JAF.

Em seu lugar, o primeiro suplente, o empresário Ricardo Barreto Franco assumiu a cadeira no Senado, que a princípio deveria ficar por, pelo menos, um ano no exercício do mandato. Nas eleições, ele era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, em 2015, migrou para o DEM, mesmo partido de Maria do Carmo Alves.

Ricardo Franco é filho do ex-governador e ex-senador de Sergipe, Albano Pimentel do Prado Franco (PSDB), o maior financiador da reeleição de Maria com doações oficiais que somaram R\$ 400 mil; e de Leonor Barreto Franco, ex-ministra de Estado do Bem-Estar Social, no Governo do Presidente Itamar Franco. Vale frisar que Sergipe teve em JAF, Leonor Franco e José Elito Carvalho Siqueira, este último, general do Exército Brasileiro, no Governo de Dilma Rousseff, os únicos ministros de Estado, até então.

Em 6 de maio de 2016, Maria deixou a secretaria, para votar a favor da abertura do processo de *impeachment* da então Presidente Dilma Rousseff, e depois voltou para Sergipe. O que fez com que ela desejasse estar presente naquele dia no Senado? Não sabemos, mas este fato, certamente estremeceu a relação com Franco, que exerceu o mandato por apenas nove meses, até agosto de 2016, quando Maria do Carmo reassumiu novamente. Ricardo pediu 15 dias de afastamento para tratamento de saúde e mais 110 dias para interesses particulares.

Fim melancólico de uma parceria que motivou o retorno do empresário a Sergipe, para se dedicar aos negócios.

Vale a pena lembrar como foram as costuras para que Ricardo Franco chegasse na suplência de Maria do Carmo. Recapitulemos as circunstâncias e fatos.

No dia 29 de novembro de 2005, em um programa de rádio de boa audiência do radialista e Vereador Fábio Henrique, surgiu um fato político novo: o advogado Pedro Barreto (Pedrinho) declarou que o empresário Ricardo Barreto Franco (PSDB) estava disposto a colocar o seu nome à disposição do partido, para ser indicado como candidato a vice do Governador João Alves Filho (PFL).

O assunto foi manchete de jornais e de colunas políticas. A maioria dos políticos não acreditava no que ouvia e lia. Uns acreditaram, outros estranharam, alguns duvidaram e apareceu até quem procurasse desqualificar a informação, como foi o caso do Deputado Federal Jackson Barreto (PTB).

Ainda que Ricardo Franco tivesse aspirações políticas próprias, em última instância, naquele momento, ele representava o próprio pai, Albano Franco. E o ex-governador (PSDB) era disputado para fazer as composições com partidos políticos que tinham candidatos ao Governo do Estado. O Partido dos Trabalhadores o queria como aliado, assim como os partidos que formavam o bloco de oposição a JAF. As lideranças próximas ao Governador JAF queriam reatar um entendimento com Albano Franco, embora houvesse uma ala do PFL que contestasse a aliança (BRAYNER, 2005).

Os tucanos não se entendiam e alguns queriam lançar candidato próprio à sucessão de JAF, e o mais indicado era o próprio Albano. Outros tucanos sugeriam uma aliança com o PFL. Dentro do PFL, a Senadora Maria do Carmo Alves liderava um grupo que rechaçava a ideia de uma composição com os tucanos (BRAYNER, 2005).

Naquele momento a posição de Ricardo Franco era vista como uma sinalização para um entendimento com o PFL.

Havia mágoas lado a lado. O ex-governador Albano Franco compunha um grupo político ao lado do Governador JAF (PFL) e do Senador Valadares (PSB) em 1982 e já em 1986 aconteceu a primeira separação: Albano apoiou José Carlos Teixeira ao Governo do Estado, enquanto

João Alves ficou com Valadares, contando com a fervorosa participação do Deputado Jackson Barreto (PTB).

Em 1987, como prefeito da Capital, Jackson teve o seu mandato interdito. Desse período até 1990, Jackson fez as pazes com João Alves e se voltou contra o então Governador Valadares e o então Senador Albano Franco que, em 1990, já estavam todos no

“ Em política
tudo é
possível

mesmo grupo, escanteando Jackson Barreto, e fecharam um novo acordo com JAF para cumprir a palavra de Valadares, que garantiu passar-lhe o Governo. Albano continuou senador e, poucos meses depois, mesmo sem mandato,

Valadares se afastou e foi fazer oposição, juntando-se a Jackson Barreto, João Augusto Gama e Marcelo Déda em 1994, para derrotar o candidato de JAF ao Governo, o Senador Albano Franco (BRAYNER, 2005).

Eleito, Albano rompeu com o Governador JAF e aliou-se ao seu adversário eterno: Jackson Barreto, para ser reeleito enfrentando, exatamente, quem o indicou em 1994. Jackson perdeu para o Senado e se afastou de Albano, porque considerou que os seus eleitores não aprovaram o acordo, mostrando isso nas urnas.

Em 2002, JAF retorna ao Governo ao derrotar José Eduardo Dutra no segundo turno, mesmo com Dutra tendo tido o apoio de Déda, Valadares e Albano.

O presidente regional do PSDB, Deputado Federal Bosco Costa, considerou legítimo o empresário Ricardo Franco tentar disputar um mandato nas eleições seguintes, entretanto estranhou o fato dele querer ser vice na chapa do Governador JAF, *mas em política tudo é possível*.

Aliados e adversários procuravam Albano Franco, que com seu estilo peculiar, demorava a definir posições, embora o seu partido, o PSDB, estivesse unido ao PFL, a nível nacional, para derrotar o PT.

Enquanto isso, JAF, que estava em Brasília, ignorava o buchicho. Esteve com os ministros Jaques Wagner, da Coordenação Política, com Dilma Rousseff, da Casa Civil, com os ministros do STF, com o vice-presidente José Alencar e depois se deslocou para Belo Horizonte para uma conversa com o Governador Aécio Neves. O objetivo dos encontros era para convidar parlamentares e governadores para participarem da Cúpula Mundial da Família, que aconteceria em Aracaju dias 3 a 8 de dezembro daquele 2005. O evento seria coordenado pelo Governo do

Estado, em parceria com a Organização Mundial da Família (OMF) e Nações Unidas (ONU), e que tinha na Senadora Maria do Carmo Alves (PFL), uma facilitadora e grande incentivadora.

Final desta história: Albano saiu candidato a deputado federal (PSDB) e tomou posse em 1º de fevereiro de 2007. Claro que alianças e acordos aconteceram, não exatamente, como anunciado, mas Ricardo Franco conquistou a suplência da Senadora Maria do Carmo Alves, enquanto JAF era derrotado nas urnas. Marcelo Déda foi eleito e sucedeu JAF no Governo de Sergipe em 2006 e depois foi reeleito em 2010. Eis a história.

A CÚPULA MUNDIAL DA FAMÍLIA

Vale a pena lembrar sobre o evento internacional (3 a 8 de dezembro de 2005) preparado com muito zelo pelo Governador JAF: a Cúpula Mundial da Família.

A Cúpula aconteceu em Sergipe por recomendação do Conselho Executivo da Organização Mundial da Família e aclamação dos participantes, representantes de governos, Organizações Não-Governamentais, universidades, grupos parlamentares, representantes do Judiciário, conselhos sociais e econômicos e comunidade empresarial, ratificada pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas/Undesa – NGO Section – UN-NGO-Irene, reunidos na cidade de Sanya, Província de Hainan, China, durante a Cúpula Mundial da Família, realizada em dezembro de 2004 (NE NOTÍCIAS, 2006).

Na China, durante o referido evento, o estado de Sergipe apresentou um dos seus projetos de maior sucesso, o *Pró-mulher, Pró-família: mais saúde, mais vida!*, que cuidava da saúde da mulher sergipana e do homem também, e que foi idealizado e comandado por Maria. O objetivo do encontro em Sergipe era para discutir e aprovar o Plano de Ação Global 2005-2015, de acordo com a Declaração de Sanya.

Na ocasião, foram discutidos os seguintes eixos temáticos: A Família – Papel e Funções, Família e Direitos Humanos, Família e Pobreza, Família e Educação, Família e Igualdade de Gêneros, Família e Saúde, Família e Meio Ambiente, Família e Integração e Proteção Social, Família e Tecnologia da Informação e Comunicação, e Família e Parceria para o Desenvolvimento.

Entre os resultados alcançados, destacam-se um melhor entendimento das Metas de Desenvolvimento do Milênio e o papel da Família em contribuir para sua implementação, através de um aprimorado processo de aprendizado, diálogo e ação; uma troca de experiências entre participantes que evidenciavam as lições aprendidas e as melhores práticas, que pudessem ser adaptadas, em cada contexto nacional; um amplo consenso sobre os principais e cruciais assuntos discutidos e como abordá-los; aprovação de uma declaração, que se constituiu em um documento oficial das Nações Unidas; e o processo de *follow-up* até 2015, com uma conferência anual iniciando em 2005, com a tarefa principal de preparação de um Plano de Ação. Foi um sucesso! (NE NOTÍCIAS, 2006).

Em 2006, o Governador JAF, na condição de presidente honorário da Cúpula Mundial da Família, entregou para a rainha da Jordânia, Rania Al-Abdullah, a função de *hostess* das reuniões realizadas pela Organização Mundial da Família (OMF), instituição que o indicou para exercer o cargo durante um ano. Representantes de 170 países reuniram-se, um ano depois, na Jordânia, para apreciar o desempenho das diversas nações no que se refere ao cumprimento dos Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio traçados pelas Nações Unidas (NE NOTÍCIAS, 2006).

Em seu discurso na Jordânia, o governador falou sobre a alegria de visitar aquele país – um dos berços da humanidade – e a satisfação de ser parte de um importante movimento mundial que promove e traz o desenvolvimento à base da sociedade, a Família. João Alves prosseguiu, agradecendo à Rainha Rania Al-Abdullah por suas gentis palavras de apoio enviadas por mensagem gravada, durante a realização da Cúpula Mundial da Família em Aracaju:

[...] aquilo nos inspirou a continuar nosso engajamento em aprofundar o trabalho pelas famílias no contexto do desenvolvimento. As famílias do Brasil e as famílias do mundo ficaram muito emocionadas com a mensagem de Sua Majestade (NE NOTÍCIAS, 2006).

Sim, atrás daquele reconhecimento internacional conquistado pelo Governador JAF, tinha o extraordinário trabalho de Maria do

Carmo, que conquistara o mundo e ganhara prêmios e reconhecimento internacional.

Após o rompimento com Ricardo Franco, Maria licenciou-se novamente do Senado, no período entre 5 de outubro de 2016 até 31 de dezembro de 2016, para ficar novamente em Sergipe, para colaborar com o trabalho social da Prefeitura no período de final de mandato de JAF frente à Prefeitura de Aracaju. Na realidade, Maria andava muito preocupada com JAF, que dormia em excesso e parecia também muito deprimido.

Tomou posse no dia 17 de outubro de 2016, o Senador Virgínio de Carvalho (PSC-SE), segundo suplente da senadora licenciada. Virgínio de Carvahó é pastor da Assembleia de Deus. No mandato anterior de Maria do Carmo, ele era o seu primeiro suplente e assumiu o mandato entre 2008 e 2009, quando a senadora se licenciou por problemas de saúde (AGÊNCIA SENADO, 17.10.2016).

MARIA, A IMORTAL

Em 21 de maio de 2016, Maria tornou-se imortal em Propriá. Naquela ocasião, ela estava à frente da Secretaria da Família e Assistência Social de Aracaju e passou a ocupar a cadeira número 22 na Academia Propriaense de Letras, Ciências e Desportos, cujo patrono é o professor Juarez Alves Costa.

A cerimônia bastante concorrida, aconteceu no auditório Ministro Carlos Ayres de Britto, do campus da Universidade Tiradentes (Unit), do município de Propriá, e contou com as presenças: do Governador do Estado Jackson Barreto; do Secretário de Estado da Educação, Jorge Carvalho; do Secretário Estadual de Cultura, Neneu Fontes; do prefeito de Aracaju, JAF e os seus filhos; do prefeito de Propriá, José Américo Lima; do vice-prefeito de Aracaju, José Carlos Machado; do ex-governador Albano Franco; do presidente da Federação Brasileira das Academias de Medicina, José Hamilton Maciel Silva; do presidente da Academia Sergipana de Letras, José Anderson Nascimento; do presidente da Academia Propriaense de Letras, Ciências, Artes e Desportos, Marcos Antônio de Melo; da sua irmã, a ex-prefeita de Propriá, Maria das Graças do Nascimento Lima (Dona Menininha), entre outras autoridades, professores, mestres, doutores e personalidades públicas e políticas da região.

A indicação do nome de Maria foi uma iniciativa da Profa. Dra. Jane Alves Nascimento Moreira de Oliveira, que ocupa a cadeira número 9. Sua aprovação foi por aclamação dos demais confrades daquele sodalício.

Naquela cerimônia, o prefeito de Aracaju, JAF, se manifestou sobre o empenho da sua primeira-dama, Maria do Carmo:

Isso me deixa muito feliz, orgulhoso e sinto que foi feita justiça a ela. Porque ela, Maria do Carmo, é a primeira sergipana que foi três vezes seguidas senadora da República. Então, é uma pessoa que naturalmente orgulha o município de Propriá. Ela tem uma formação intelectual muito boa, em história, sociologia e política, mas também, ela é uma pessoa que tem uma dedicação muito grande pelo social (BARROS, 2016).

No seu último livro (D'ÁVILA, 2017), Pascoal Nabuco aponta algumas poucas personalidades políticas de Sergipe, como grandes ícones amados pelo povo e ungidos nas urnas nestas três últimas décadas e faz uma análise de cada um deles: João Alves Filho (o melhor administrador entre eles e o mais realizador dos líderes sergipanos); Antônio Carlos Valadares (o mais preparado para o exercício da política de bastidores, imbatível como articulador); Albano Pimentel do Prado Franco (o mais engenhoso e de maior prestígio nacional pela posição que ocupou durante muitos anos, como presidente da Confederação Nacional da Indústria - CNI); José Carlos Teixeira (um sonhador, que se perdeu porquanto as suas posições incoerentes ao deixar de liderar as oposições para se unir às forças políticas contra as quais lutara); Jackson Barreto de Lima (o maior líder populista de Sergipe, corajoso, voluntarioso e leal ao grupo que integra); Marcelo Déda Chagas (grande tribuno, cuja morte prematura não lhe deu a chance de galgar mais realizações).

E é neste panteão que Pascoal Nabuco (2017) eleva o bom nome de Maria do Carmo do Nascimento Alves, do legislativo maior, amada pela população sergipana, em especial pelos mais carentes, com mandato de 24 anos consecutivos no Senado e com a perspectiva de se candidatar à reeleição em 2022 para o seu quarto mandato, representando Sergipe,

até então, única, na condição feminina. Maria diz que ainda não enlouqueceu. Em 2022 ela estará com 81 de idade e nega, com sorriso tímido, porém com firmeza, a possibilidade de concorrer, afirmando que se aposentará em 2023.

Entretanto, o ex-deputado federal José Carlos Machado, presidente regional do DEM em Sergipe diz, com convicção, que Maria será a candidata do partido:

Não tem nada que possa me fazer disputar um quarto mandato. De jeito nenhum. [...] Eu já entrei para a história, até então, como a única mulher sergipana que chegou ao Senado. Isso me contempla. [...] Na história de Sergipe, eu sou a única pessoa que pulou da Habitacional, da vida privada, para o Senado.

Na eleição anterior, intramuros, na privacidade do lar, Maria disse que já não queria concorrer à reeleição de senadora. Foi, porque JAF achava importante, mas na próxima, ela estará com 81 anos e seu marido já não está por perto. Mas não pensem que Maria deixará as eleições de 2022 correrem frouxas. Ela curiosamente foi sondada, inclusive, por Rogério Carvalho que a visitou em Brasília tentando alianças e querendo convencê-la a aceitar ser vice-governadora na sua chapa. Ela achou a proposta muito engraçada e desproposital. Maria, tem sim, a intenção de trabalhar e inclusive quer eleger o seu sucessor. Enquanto José Carlos Machado, o presidente do DEM, provavelmente candidatar-se-á para deputado federal, ela cogitava a princípio, o nome do ex-prefeito de Propriá (SE), Luciano Nascimento, o Luciano de Menininha, seu dileto sobrinho, para o Senado.

A sucessão ainda é uma incógnita. Quem viver, verá.

Maria é o que podemos chamar de *low profile*, muito discreta, aparentemente tímida, não faz alarde das suas realizações, definitivamente não é midiática. Essa sua forma de funcionar, às vezes é interpretada como uma cadeira vazia no Senado. Ela não faz alardes dos resultados do seu trabalho no Senado e nem das emendas orçamentárias que conseguiu aprovar ao longo de mais de duas décadas. Talvez seja um equívoco não investir em marketing e não divulgar os recursos que traz para o seu Estado natal e para este carente Nordeste, em especial.

Em entrevista à Jozailto Lima (2018), a Senadora declarou que apresentou nas últimas duas décadas,

[...] excelentes Projetos de Lei e praticamente todos ainda estão tramitando, seja na Câmara ou no Senado. O processo legislativo é muito demorado e minucioso. Dá um verdadeiro banho de água fria no parlamentar. Mas entendo que é assim, para assegurar que todos os cuidados sejam tomados antes que uma matéria possa virar lei.

Em 2000, no primeiro mandato, apresentamos uma Proposta de Emenda à Constituição, que é a matéria mais difícil em tramitação e aprovação, determinando que as mães adotantes tivessem o mesmo benefício de licença-maternidade que as outras mães. Talvez tenha sido o projeto de maior visibilidade de meu primeiro mandato, dando importante contrapartida para a mãe adotante, reconhecendo a importância do seu papel social. A adoção é um dos atos de amor e solidariedade mais bonitos e necessários que existem, e precisamos estimular e jamais dificultar.

Apresentamos projetos importantes para as mulheres, como o que obriga o Estado brasileiro a fornecer dispositivos de proteção, do tipo botão de pânico para mulheres em situação de violência doméstica que estejam se sentindo ameaçadas.

Outro projeto proíbe o uso de algemas em presas grávidas, que estejam em trabalho de parto, assegurando também que seja observada a saúde dela e do bebê.

Mas, sem dúvidas, o projeto que teve maior alcance e que mais se destacou durante o meu segundo mandato foi o que reserva um percentual de participação obrigatória para as mulheres nos conselhos de administração de empresas públicas e de sociedades de economia mista.

Essa matéria teve muita repercussão nacional e consideramos importantíssimo que o Estado esteja protagonizando essa medida e que ela possa ser seguida pela iniciativa privada.

A ocupação dos espaços de poder pela mulher é muito importante, não só para que tenhamos igualdade e representatividade entre os sexos, mas também para que se faça

justiça ao grande investimento pessoal que a mulher faz em formação. A mulher brasileira está preparada para ocupar quaisquer espaços.

Ela tem se preocupado em contemplar uma melhor estruturação da Rede de Atenção Básica de Saúde, as Unidades de Atenção Especializada e a Assistência Médica Qualificada, o desenvolvimento de atividades educacionais e de pesquisa no campo da saúde e do serviço social e ainda os serviços do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que foram beneficiados e receberam verba específica para estruturação da Rede (LIMA, 2018).

Entre 2019 e 2020, Maria do Carmo Alves conseguiu a liberação de R\$ 65 milhões para diversos municípios sergipanos. O seu principal foco foi a saúde, área sensível, principalmente com o coronavírus que ainda não foi controlado e que exige mais cuidado e investimento por parte de gestores.

Parte das verbas disponibilizadas para as Prefeituras foi para aquisição de equipamentos e estruturas que já estão sendo usadas nesse momento. Uma fatia dos R\$ 65 milhões conseguidos pelo seu mandato, é fruto de verbas de programação, pleiteada por ela junto ao Ministério da Saúde que fez os repasses diretamente para as contas das prefeituras contempladas.

Além disso em 2020, em plena pandemia, a sua preocupação continuou sendo remanejar recursos para ações de enfrentamento do coronavírus e 40 municípios receberam recursos para investimentos em Programa de Saúde Básica. A verba foi fruto de emendas individuais da Senadora Maria do Carmo Alves (DEM), relativas à Lei Orçamentária deste ano.

O próprio Edvaldo Nogueira, prefeito de Aracaju, reeleito no final de 2020, já pediu a ajuda de Maria para a notável e bela capital de Sergipe. Ela não se furta em ajudar e se compromete sempre com emendas parlamentares ao Orçamento da União, especialmente a emenda impositiva de bancada, para Aracaju. Ela não faz nenhum favor ao prefeito, mas deve-se ao necessário retorno que a população aracajuana espera dela. Tem a ver com a sua vocação de servir, com a sua missão e com o seu amor pelo povo de sua terra, Sergipe. A parlamentar se coloca à disposição do prefeito para direcionar recursos para o município e reitera

sua disposição em destinar recursos para Aracaju sempre colocando o seu mandato à disposição da capital sergipana.

Maria é apontada injustamente como uma parlamentar de poucas ações e projetos, e seus detratores tentam desqualificar as suas iniciativas, o que a magoa muito, fazendo grosserias e achincalhe com algo que não corresponde de fato ao seu mandato e nem ao seu perfil. E ela complementa:

Ainda estamos no meio do terceiro mandato, mas já temos algumas importantes contribuições que estão em discussão no Senado.

Na área de segurança alimentar e alimentação saudável, apresentamos projeto para implantação da Política Nacional contra o Desperdício de Alimentos, atuando desde a produção ao consumo.

Em outro projeto, sugerimos que hortas orgânicas pudessem ser produzidas pelos presos em estabelecimentos penais onde fosse possível essa atividade, gerando vários benefícios de alimentação, de saúde, de ressocialização e de cidadania, com atividades de baixíssimo custo.

Também mais recentemente propomos a instituição de uma Semana Nacional de Conscientização sobre a Alergia Alimentar, um assunto muito sério que pode levar uma pessoa à morte e que cada vez mais vem sendo destacado em nossa sociedade. Hoje a quantidade de pessoas sensíveis ao glúten, por exemplo, é enorme.

Portanto, é hilário que falem mal do meu mandato. Lembro-me do episódio da cadeira azul na eleição de 2014, quando o candidato Rogério Carvalho, do PT, dizia que a minha cadeira no Senado era vazia. Que eu nem pisava o pé lá (no Senado). Um belo dia da campanha lá vou eu para uma carreta que saía de Areia Branca para Itabaiana e passou por mim uma caminhonete (dos apoiadores de Rogério Carvalho) com uma cadeira azul vazia amarrada em cima (LIMA, 2018).

Outro projeto de lei (PSL 116/2017) bem polêmico, diz respeito aos funcionários públicos, cuja Ementa regulamenta o art. 41, § 1º, III, da Constituição Federal, para dispor sobre a perda do cargo público por insuficiência de desempenho do servidor público estável e dispõe

sobre a avaliação periódica dos servidores públicos da União, estados e municípios. Trata-se de um projeto de lei corajoso, complexo, que causou mal-estar entre os servidores públicos, contestado pelos sindicatos e por políticos de esquerda, porém uma matéria relevante e necessária. Já teve a aprovação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) no Senado e hoje tramita na Câmara Federal.

Maria declarou que ficou profundamente triste com a repercussão, porque aqueles que se assustaram com a proposta, ela crê, sequer leram o inteiro teor desse projeto e agiram com profundo desconhecimento da essência da causa. A ideia, como foi interpretada, era de que haveria uma caça às bruxas, quando na verdade o que ela desejava e propunha, era valorizar o servidor, a mão de obra dele e o público ao qual ele atende.

Maria explica:

Todo funcionário público, quando toma posse, precisa ser treinado para fazer um bom serviço em favor do público. Ele deve ser avaliado periodicamente e se for necessário, fazer cursos de aprimoramento para que ele se especialize. Isso tudo é uma forma de ele progredir, de bem servir e de ser premiado. O que eu acho é que esse projeto, tornado lei, beneficia a carreira do servidor público e o próprio público que recebe o serviço prestado por ele. Ter o funcionário treinado e sabedor das suas competências, é tudo. Na CCJ, o Senador pernambucano Armando de Queiroz Monteiro Neto (Partido Trabalhista Brasileiro - PTB fez uma defesa intensa desse projeto (LIMA, 2018).

Quando nas eleições de 2018, Maria surpreendeu e frustrou muitos políticos. Disse que por gostar muito de Belivaldo Chagas, ele teria sido seu candidato e votaria nele para governador, entretanto frente as alianças que ele fez com o PT, suas intenções foram por terra.

Belivaldo Chagas Silva é um defensor público aposentado, filiado ao Partido Social Democrático (PSD). Havia sido deputado estadual por quatro mandatos, duas vezes vice-governador de Sergipe (2006 e 2014), e Secretário-Chefe da Casa Civil.

Com a renúncia do então Governador Jackson Barreto (PMDB), que deixou o cargo para disputar uma vaga no Senado Federal, Belivaldo

assumiu o Governo do Estado pela primeira vez, em 7 de abril de 2018. Jackson Barreto perdeu as eleições mesmo recebendo 204.677 votos (11,20% dos válidos).

Outrossim, nas eleições estaduais de 2018, ao lado de Eliane Aquino do Partido dos Trabalhadores (PT), Belivaldo Chagas conseguiu reeleger-se ao Governo do Estado com 64,72% dos votos (679.051 votos válidos), derrotando o Deputado Federal Valadares Filho (candidato de Maria no segundo turno) do Partido Socialista Brasileiro (PSB), que teve 370.161 votos, no segundo turno das eleições.

Em agosto de 2019, o Tribunal Regional Eleitoral do Sergipe decidiu cassar a chapa de Belivaldo Chagas e Eliane Aquino, confirmando que seus membros se beneficiaram de eventos públicos durante a campanha eleitoral, o que se configurou em abuso do poder público. Chagas foi ainda condenado à inelegibilidade por oito anos a contar da data das últimas eleições.

No dia 9 de novembro de 2021, por maioria dos votos, os ministros do Tribunal Superior Eleitoral deram provimento, na sessão plenária, aos recursos ordinários apresentados por Belivaldo Chagas e Eliane Aquino, reeleitos em 2018, contra o acórdão do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Sergipe e reverteu a cassação e inelegibilidade de ambos.

Mas não se pode esquecer que no primeiro turno daquela eleição majoritária, também eram candidatos, além de Belivaldo Chagas e Valadares Filho, os médicos Emerson Costa (Rede) e Eduardo Amorim (PSDB); e também, concorrendo ao Governo, Mendonça Prado (DEM).

MENDONÇA PRADO

Desde 2017 que era sabido do desejo do advogado José de Araújo Mendonça Sobrinho, conhecido como Mendonça Prado, de ser candidato a governador de Sergipe pelo PPS, com o apoio do DEM. Só lembrando, Mendonça Prado é ex-genro de Maria e João. Foi casado com Ana Maria do Nascimento Alves, ou simplesmente Ana Alves, ou ainda, Aninha, como é carinhosamente chamada pelos amigos mais íntimos e familiares, conhecida como uma mulher determinada, autêntica, aguerrida, e dos três filhos do casal é a única que tem projetos políticos.

Ana Alves declarou a Oliveira sobre sua vocação política e influência dos pais (2020):

A política sempre foi muito presente em casa, seja na política casual, da vida, ou a política ideológica. Foram muitos livros e filmes biográficos, convivência com políticos, com a liberdade de questionar e, quando possível, conhecer in loco realizações de boas políticas.

Foi impossível não ser contagiada pela política, comigo tudo acabava em debate e, às vezes, calorosos. Quando vi, não tive vida única, confundiam-se as Anas, vontades e desejos. Assim, por osmose, a política invadiu minha existência e me apaixonei pela boa e realizadora política, pelas obras transformadoras.

Por outro lado, Mendonça Prado é considerado cria de João e Maria e todos os seus seis cargos eletivos (vereador, eeputado estadual e federal) foram com a chancela do PFL/DEM. Licenciou-se do mandato de deputado federal para assumir o cargo de Secretário de Estado de Administração do Governo de JAF, de 7 de julho de 2004 a 14 de fevereiro de 2005.

Participou do Governo Estadual de Jackson Barreto empossado como Secretário de Estado de Segurança Pública de fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016; e foi diretor-presidente da Empresa Municipal de Serviços Urbanos (Emsurb) de Aracaju, indicado em dezembro de 2016, na última gestão de JAF na Prefeitura de Aracaju.

Mendonça manteve um aparente relacionamento amistoso com a família Alves após a separação conjugal. Mendonça Prado no público e no privado, não nega o grande laço afetivo e a sua gratidão com João e Maria.

Em 2017, Mendonça afirmava nos jornais que o melhor para Ana Alves, presidente do DEM, naquela época, seria se eleger deputada federal fazendo aliança com o PPS, partido no qual ele estava filiado a convite do presidente Clóvis Silveira. Foi especulado que apesar de ter sido anunciado com estardalhaço, nas redes sociais e na mídia, a sua filiação no PPS, ele nunca deixou a lista dos filiados do DEM, ainda que já não seguisse as orientações do partido.

Mendonça Prado havia rompido com o DEM (simbolicamente ou de fato) por causa da aliança que foi feita entre JAF com os irmãos Amorim (Eduardo e Edivan) e sua ruptura foi de cunho doloroso lado a lado.

DORES DE UMA MÃE

Naquela ocasião, dezembro de 2017, Maria do Carmo, segundo a imprensa, pediu para que Mendoncinha, como é chamado pelos íntimos, voltasse para o DEM e aceitasse ser o seu presidente. O convite foi feito pela senadora e foi logo depois que a presidente estadual do partido, a jornalista Ana Alves, ex-esposa de Mendonça Prado, havia sido detida sob a acusação de atrapalhar investigações e orientar o depoimento de testemunhas da Operação Anti-Desmonte, do Ministério Público, que versava sobre possíveis contratações fantasmas na gestão do pai, JAF, na Prefeitura de Aracaju (F5NEWS, 2019).

Maria ficou absolutamente devastada com um grau de infinito e incomensurável sofrimento e pensou que ia morrer.

Maria estava em Brasília, era uma sexta-feira, estava usando cadeira de rodas, pois estava com o pé quebrado. Naquele dia sua filha Cristina estava com ela, em casa, almoçando juntas.

O telefone tocou, Cristina atendeu, e depois sentou-se novamente e terminou de almoçar, sem se manifestar. Provavelmente estava tentando processar como comunicar aquele fato à sua mãe. Cristina foi embora, depois do almoço e não conseguiu falar nada para Maria. Queria poupá-la de sofrimento de tal monta. Maria já carregava um grande fardo que era a doença de JAF.

Tardezinha, da mesma fatídica sexta-feira, Cristina volta e encontra a mãe deitada e decide lhe falar, com temor que outra pessoa qualquer revelasse o ocorrido, ou que ela lesse em algum jornal na internet, que farta e rapidamente repercutiu a notícia e circulou na imprensa. Sua preocupação e cuidado com a saúde da senadora era precedente.

Maria se desesperou. Era a sua menina querida, ou o seu Cristo, como algumas vezes dizia, pois em uma prole de três, há aquele que exige mais atenção e cuidados e por isso mesmo oferece mais preocupações.

Maria não conseguiu dormir naquela noite. Parecia um pesadelo. Sentia uma enorme dor na alma.

Segundo Cristina, a filha mais velha de JAF, a relação de Ana com os pais não podia ser definida como uma relação tranquila. E com a mãe, especificamente, nunca foi fácil. Talvez o psicanalista Sigmund Freud pudesse explicar algum indício de competitividade da filha com a mãe, pelo amor e atenção do pai.

Maria, por sua vez, não consegue, algumas vezes, tratar a filha como uma mulher adulta. Talvez por superproteção, segundo a irmã mais velha, e esta, por sua vez, rebela-se, como só os filhos são capazes de fazer com os seus pais. Ana com seu jeito espontâneo e impulsivo de ser, não teme perigos e nem desafios e não recua quando confrontada.

Recentemente Ana havia sido empossada na presidência estadual do DEM e já havia anunciado o seu desejo de concorrer a uma vaga na Câmara Federal nas eleições seguintes. A surpresa do envolvimento do seu nome naquele processo de forma injusta, era inclusive, pelo fato de Ana Alves manter distância das ações administrativas da Prefeitura.

A investigação que envolvia Ana Alves era por participação em peculato, formação de organização criminosa e obstrução de investigação, crimes previstos na Lei 12.850/2015. Essas foram as alegações do Ministério Público (MPSE) que informou que a sua prisão preventiva era diante da presença de indícios de que ela havia praticado atos graves, instruído e tentado induzir declarações e depoimentos de alguns investigados e de testemunhas, nas investigações conduzidas pelo Gaeco do MPSE, no curso da Operação Caça-Fantasmas, decorrente da Operação Anti-Desmonte, deflagrada no final de 2016, quando da saída de João Alves Filho da Prefeitura de Aracaju (MANOEL, 2017).

Ana, posteriormente, considerou a sua prisão um ato totalmente arbitrário, e afirmou que a Justiça provaria a sua inocência. *Não havia necessidade de me prender, bastava apenas me pedir a documentação que fosse necessária. Eu nunca ocupei cargo público, nunca houve motivo para que eu estivesse presa* (ALVES, A. apud BARRETO, 2019).

Só uma mãe pode consolar uma filha com o seu abraço forte, diante de uma situação tão cruel e inesperada como aquele novo fato, considerado totalmente abusivo.

Ana renunciou à presidência da legenda. Noticiava-se e especulava-se na imprensa que o temor de Maria do Carmo era que Laércio Oliveira, deputado federal do Partido Solidariedade (SD), pudesse liderar o partido.

Maria ligou para Mendonça, segundo este, e pediu o seu apoio e a sua volta para presidir o partido. *Essa ascensão decorreu por iniciativa da Senadora Maria do Carmo Alves, que viu em meu nome, o mais apropriado para dar seguimento à história dessa vitoriosa sigla em nosso*

Estado, disse Mendonça, em nota distribuída para toda a imprensa sergipana e um tanto quanto envaidecido com a nova função.

Outrossim, existem outras versões sobre os fatos que envolvem a volta de Mendonça Prado para o DEM e que negam que tenha sido a senadora a oferecer a presidência para o ex-genro. Fato, é que ele voltou para o DEM, porém o clima entre Ana e Mendonça ficou muito tenso.

Mais adiante, Ana foi absolvida. Certamente estes excessos poder-se-iam ser compreendidos, naquele momento, não como zelo à segurança, mas porquanto o sobrenome ostentado pela filha da senadora e do ex-prefeito, JAF.

Em 2018, Mendonça Prado, já estava com a sua candidatura lançada ao Governo do Estado e Maria do Carmo, do mesmo partido, afirmava desconhecer (foi escolhido por unanimidade na convenção do partido DEM como candidato nas eleições 2018) e afirmou que só soube do fato pelos jornais. Deduza-se o que cada um desejar.

Maria, entretanto, de forma clara, declarou que não votaria nele e vaticinou que ele não tinha chances e perderia aquelas eleições, pois teria muito mais possibilidades se fosse uma candidatura para deputado federal, pois já fora deputado federal em três períodos e em 2010, foi reeleito para exercer o terceiro mandato de deputado federal, obtendo 9,83% dos votos válidos de Sergipe, tornando-se proporcionalmente o mais votado do partido Democratas no país. Uma bela vitória naquela ocasião.

Mendonça disputou o Governo do Estado e Ana Alves uma vaga na Assembleia Legislativa de Sergipe como deputada estadual, ambos saíram do pleito de 2018 derrotados.

Segundo declarações de Ana, naquela ocasião, Mendonça não saiu vitorioso, porque entrou em um projeto pessoal e não, em um projeto político. *Houve uma sugestão do diretório nacional para que fosse feita uma coligação, mas Mendonça não aceitou, foi intransigente* (ALVES, A. *apud* BARRETO, 2019).

Mendonça deveria ter ouvido os conselhos da senadora, talvez tivesse tido mais chances, como ela havia ponderado.

Quanto a sua derrota, Ana Alves também acreditava que o pouco tempo que teve para se dedicar à campanha fora insuficiente.

Eu registrei minha candidatura um mês antes das eleições e na última semana antes do pleito, eu fiquei internada, eu fui parar em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Sou diabética e sofri as consequências da pressão psicológica a qual o momento me colocava. Além disso, tenho sequelas do período em que fiquei presa, agora que estou um pouco melhor. Eu não consegui votar nem em mim mesma (ALVES, A. apud BARRETO, 2019).

No final de 2020, a Senadora Maria do Carmo mal saíra de uma internação hospitalar em Brasília, se internara para realizar exames mais acurados porquanto edema nas pernas, e decidiu ir *escondido*, segundo Cristina, sua filha mais velha, para Aracaju, para trabalhar na campanha de sua Aninha para vereadora em 2020. Tanto a sua irmã Cecília, quanto a filha Cristina, eram contra a viagem, pois o número de casos da Covid-19, tinha se elevado bastante em Aracaju. Maria é teimosa, imagine alguém dizer para ela o que ela pode ou deve fazer. Maria admitiu para Frei Cristiano, que foi fugida para Aracaju, porque sua filha mais velha é muito autoritária. *Quem dos seus herda, não furta, não é mesmo Maria do Carmo?* Responde, Cristina.

Cristina é reticente com relação a sua irmã na política. Quando seu filho, Danilo, tinha cerca de 8 anos, estavam na cozinha de Maria do Carmo, e o menino começou com um discurso do que queria ser e fazer quando crescesse, e disse para a mãe que queria ser político. Cristina se assustou, e disse que era melhor ele ser surfista no Havaí. Depois se arrependeu de sua fala e concluiu dizendo para ele, que o amava tanto, que iria estimular qualquer escolha que ele fizesse na vida. Ela coloca Aninha e Danilo no mesmo patamar de amor maternal, ou seja, o amor por eles é tão grande que os apoia sempre, em todas as suas escolhas, concordando ou não.

Maria estava entre a cruz e a espada. Sentia-se temerosa sobre o futuro de Ana na política, por acreditar, talvez, que ainda não fosse a hora, e ao mesmo tempo queria atender aos desejos e sonhos da filha. Afinal, seria ela a única dos filhos que sustentaria o legado dos pais na política, e sua filha já estava pagando um preço muito alto por isso, haja vista os acontecimentos que envolveram a sua prisão. O desejo era

protegê-la. Incapaz de barrar o furacão Ana Alves, mulher intensa e de força avassaladora, em plena pandemia da Covid-19, Maria, 79 anos, destemida, enfrentou mais uma campanha em Aracaju para tentar eleger a filha como vereadora.

Ainda do ponto de vista de Cristina, a mãe nunca estimulou Aninha com relação à sua escolha pela política, mas a apoia muito. Talvez este estímulo seja oferecido por Maria do Carmo, de forma inconsciente, ou

“ Cristina reconhece que Aninha leva muito jeito com a política

seja, não se trata apenas de um projeto de Aninha, mas da mãe também. *Qual político, um ser humano, nordestino, não quer perpetuar seu poder através dos filhos?* Questiona, Cristina.

Por outro lado, Cristina reconhece que Aninha leva muito jeito com a política, no trato com as pessoas e que, enquanto Mendonça foi deputado, ela era a grande pessoa que ficava atrás dele, articulando, falando com um e com outro, porque o seu então marido, Mendonça, não era uma pessoa jeitosa com o público. Aninha era a verdadeira deputada atrás da figura de Mendonça. Por este fato, Cristina torceu e torce muito por Aninha nas campanhas, ainda que discorde, mas se é isso que a faz feliz, resta dar-lhe apoio, por amá-la muito.

Do ponto de vista de Cristina, Aninha teria mais chance na política, se ela fizesse um percurso próprio. Critica o fato de a irmã ter feito material para a campanha, no qual ela está sempre ao lado do pai ou da mãe. Talvez, ela precisasse se descolar das figuras parentais. Na leitura da irmã, é como se Aninha precisasse ser sempre reconhecida como a filha de João e Maria, sem diferenciar-se e individualizar-se.

Mendonça Prado estava filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e, também concorreu às eleições de 2020 para vereador, entretanto, ele e Ana Alves (DEM), não foram bem-sucedidos. Mendonça Prado teve 1051 votos e Ana Alves conquistou 832 votos, insuficientes para garantir uma das 24 cadeiras da Câmara de Aracaju.

Mendonça Prado, após perder a eleição de 2014, nunca mais conseguiu êxitos eleitorais. Vejamos o que o futuro reserva para ele e para a sua trajetória política.

Com relação a Ana Alves, mais uma perda eleitoral e foi de uma imensa frustração para ela e para a sua mãe. Desistir não é do perfil de

nenhuma das duas. Ainda não foi desta feita. Mas essa hora há de chegar. O futuro nos dirá.

CUIDANDO DE JOÃO

Maria Coragem ou *Maria Guerreira!* Talvez pudéssemos dar também estas alcunhas para ela. Que força descomunal a desta mulher! Cuidar do marido dá uma dimensão da sua força. JAF piorava muito rapidamente, até um estágio muito avançado de Mal de Alzheimer, porquanto ser uma doença progressiva.

Já em 2018, Maria, em entrevista a Jozailto Lima, afirmou ter sido mal interpretada na última gestão do marido, junto à Prefeitura de Aracaju. Esclarece que não deixou Brasília para abrir espaço para Ricardo Franco, como parte de algum acordo, porquanto apoio que recebeu de Albano Franco que financiou parte da sua campanha; mas vinha para Aracaju para acompanhar de perto o seu marido que já estava visivelmente doente e sequer tinha condições de administrar a Prefeitura de Aracaju.

Ela, diversas vezes, afirmou que acreditava que quando ele tomou posse do mandato em janeiro de 2013, já estava com o Mal de Alzheimer, não reconhecido e negado por todos, ou quase todos. Como aceitar que um homem, como JAF, um intelectual, escritor, leitor compulsivo poderia ser acometido com tal síndrome?

A princípio parecia ser uma depressão profunda, cujo principal sintoma era uma hipersonia acentuada. JAF tivera várias crises depressivas na vida, e poderia ser apenas mais uma. JAF tinha um sono absurdo. Vivia dormindo. Às vezes, Maria chegava de Brasília no início da tarde e ainda o encontrava dormindo desde a noite anterior. Não se levantava para comer e nem para trabalhar.

Quando, em novembro de 2015, Maria se licenciou do mandato e foi ser secretária do município de Aracaju, sentiu-se muito injustiçada, quando disseram que ela estava vindo com um único objetivo: fazer política para o prefeito. Ela acreditava que sua presença poderia dar mais ânimo para ele dar conta de sua função de prefeito e terminar o seu mandato com dignidade.

Ora, eu estava vindo para cuidar do meu marido. Eu vim por pura dedicação, para cuidar dele. Eu estava diante de um

cabra de passado trabalhador, que agora dormia o dia todo. Não houve acordo algum, com suplente nenhum. Assim afirmou Maria (LIMA, 2018).

Maria lembra que o gabinete da casa de praia do casal é muito pequeno, mas ainda assim, JAF levava muitos secretários para despachar lá à noite, e no meio das reuniões ele adormecia profundamente. Era a funcionária da casa que o levava para o quarto, para ele dormir (LIMA, 2018).

Para Maria, aquilo era muito difícil de ser digerido. Havia casado com um homem vigoroso e que gostava de trabalhar dia e noite. Varava as noites com uma boa música enquanto lia, estudava e escrevia. E agora, onde estava aquele João que ninguém encontrava mais? Aquele não era o seu João. Ele estava perdido dentro dele mesmo.

Maria se surpreendeu consigo mesma. Não sabia onde fora buscar tanta energia e desvelo para cuidar daquele frágil João.

No dia que recebeu pela primeira vez aquele diagnóstico, a negação foi a primeira reação, e quando nas consultas subsequentes o diagnóstico se firmava, e a postura e conduta dele, só ratificavam o que ainda estava por vir, a princípio, Maria pensou que fosse morrer.

A título de buscar soluções futuras para o problema familiar, João Neto propunha à mãe, segundo Maria, em entrevista a Jozailto Lima (2018), a venda da casa da praia e do apartamento de São Paulo. Claro que a senadora sequer cogitou tal coisa, ela sabia que não havia muito o que se fazer frente ao diagnóstico.

Maria o levou para Brasília, como uma forma de dar mais assistência ao marido. Havia raros telefonemas de manifestações de solidariedade de ex-assessores e amigos e isso a entristecia. Voltaram alguns meses depois para Aracaju em um dos recessos dos trabalhos no Senado e então, alguns amigos e antigos colaboradores começaram a visitar JAF na casa de praia, e só então, Maria se sentiu acolhida. JAF já não percebia a importância daquelas visitas. Maria as valorizava, mas não necessariamente as desejava, pois preferia preservar a sua intimidade e não expor o seu marido.

As visitas eram de diversos tipos e naipes. Alguns iam por curiosidade; outros por que duvidavam da repentina doença do Negão e precisavam ver para crer. Talvez alguns amigos e colaboradores estivessem

indo por eles próprios, para expiar alguma culpa, e de alguma forma, ainda que simbólica, com suas presenças pedir perdão; e claro, existiam os verdadeiros amigos, cuja dor de Maria passava a ser deles também: eram pura solidariedade e carinho genuíno.

Ana Alves, em 24 de janeiro de 2019, em entrevista emocionada, ao radialista Narcizo Machado, durante o *Jornal da Fan*, fez várias declarações sobre a situação enfrentada pela família, com o pai doente acometido com Alzheimer e muito debilitado. Ela revelou, com muita mágoa, que JAF foi abandonado por antigos aliados políticos:

Enquanto ele estava lúcido e no poder, tinha muita gente ao seu redor, hoje, apenas alguns amigos de longa data, como José Carlos Machado, Valadares e Albano, vão visitar o meu pai.

Era um momento muito difícil para Maria e para os filhos.

A doença de Alzheimer provoca progressiva e implacável deterioração das funções cerebrais, como perda de memória e da linguagem. Cerca de 10% das pessoas com mais de 65 anos e 25% com mais de 85 anos, podem apresentar sintomas desta enfermidade, que podem evoluir para a demência. Feito o diagnóstico o tempo médio de sobrevivência varia de 8 a 10 anos (FERNANDES; ANDRADE, 2017).

DIAGNÓSTICO CONFIRMADO

Em fevereiro de 2017, JAF foi em companhia de Maria do Carmo e com a filha Cristina, no mesmo médico em São Paulo, para mais uma consulta de revisão e foi atendido circunstancialmente por uma médica da equipe dele, Dra. Márcia Rubia Gonçalves que, revendo as imagens de exames antigos no prontuário, foi categórica dizendo que o diagnóstico estava fechado desde 2013: era efetivamente Alzheimer. Maria do Carmo, ficou perplexa e magoada com o Dr. Nitrine que, na sua percepção, lhe escondeu o diagnóstico, quando poderia ter sido direto desde as primeiras consultas. Prescreveu e pediu para acompanhá-lo mensalmente.

Cristina, mais pragmática, sugeriu que procurassem um neurologista em Brasília, onde ambas moram.

Foi assim que desde o início de 2017, João passou a morar em Brasília.

Quando Maria e João Neto, conseguiram levar JAF no neurologista na capital federal, o médico pediu para ficar à sós com ele, para a realização de testes e os resultados mostravam a doença muito acentuada, comprometendo a capacidade cognitiva daquele homem que pareceu ser, um dia, inexorável. Era tudo muito triste. JAF rapidamente se desconectou.

O ANO DA PANDEMIA

O ano de 2020 foi muito duro para todos. Com a pandemia da Covid-19, as pessoas temiam sair de casa e usavam muitos mecanismos de proteção: isolamento social, sem contatos mais próximos, sem toques e sem abraços, uso de máscaras e todos com um borrifador de álcool gel nas mãos para higienizar objetos e as mãos.

Maria e Aninha ainda não haviam se recuperado das energias perdidas em uma campanha difícil, pulverizada e fragmentada, como só as eleições para vereadores, são, em plena pandemia, com riscos de aglomerações e contaminações.

Cuidar de JAF agora era sua missão mais imediata. Como o estado de saúde foi se agravando frente ao cruel e implacável avanço do Mal de Alzheimer, foi necessário montar desde 2019, uma estrutura de *home care* no pequeno apartamento funcional da senadora em Brasília e contratar cuidadores por tempo integral. JAF, estava cada vez mais debilitado, muito magro, a doença muito rapidamente foi lhe roubando a sua privilegiada memória e lhe deixou desconectado.

O cuidador-mor de JAF, era José Aparecido, que se tornou, por convivência profunda e íntima diária, um verdadeiro amigo da família, cuidando de JAF diuturnamente. Ele declarou ser o ex-governador uma pessoa muito especial:

[...] muito difícil falar sobre Dr. João, porque é difícil encontrar as palavras certas, que representem bem os sentimentos. Dr. João foi uma pessoa muito especial em minha vida, alguém que eu amava como se fosse meu pai [...]. Trabalhei com ele em dois dos seus mandatos. Ele era uma pessoa que não descansava e que contagiava os outros com seu entusiasmo, envolvendo quem estivesse por perto. [...] A saudade maior que sinto nesse momento, é da pessoa humana com quem tive o privilégio de conviver por muitos anos e de

desfrutar, não somente de sua confiança, mas também de sua amizade, grande característica humana que ele tinha. Dr. João era um homem muito simples, muito generoso e que sabia ser amigo. Um ser humano que deixa uma saudade muito grande e uma lembrança que jamais será esquecida (CORREIO DE SERGIPE, 2020).

Teve uma parada cardíaca anteriormente naquele ano e já havia sido hospitalizado de forma grave, mais de uma vez. Maria do Carmo, Cristina e José Aparecido cuidavam de tudo, no dia a dia.

A cada internação hospitalar que JAF tinha, circulava nas mídias sociais que ele já havia morrido e a família recebia mensagens de pêsames. Um sofrimento e um constrangimento familiar com aquelas *fake news* maldosas, que geravam nos desavisados comoção e o imperativo das homenagens.

DESTINO DAS CINZAS

Aninha tinha idealizado lançar as cinzas do pai no Rio São Francisco, em uma cerimônia recheada de belas homenagens. Maria, por outro lado, estava feliz com a ideia das cinzas dentro da Paróquia Nossa Senhora Rainha do Mundo. Era mais do gosto dela.

Tinha sido combinado com os líderes da Igreja Católica, que na missa do trigésimo dia de morte, em 24 de dezembro de 2020, as cinzas de JAF, ficariam definitivamente naquela paróquia.

A missa aconteceu, como programado, na véspera de Natal, mas as cinzas permaneceram na casa de Maria. Ela não queria se afastar do que simbolicamente representava a presença do seu marido em casa.

Por outro lado, as cinzas dentro de casa perturbavam os filhos, a Tina, principalmente, que achava que seu pai precisava de paz de espírito e deveria ir definitivamente para a sua morada final. Mas, Maria foi postergando.

A primogênita do casal João e Maria, nos revelou que foi idealizado um belíssimo projeto para a lápide do seu pai. Foram várias reuniões com a arquiteta. Sua mãe ficava muito quieta, naquelas ocasiões, ouvia e pouco opinava.

A autora do projeto, foi a arquiteta Hertha Dantas, nora de Roberto Alves, irmão do homenageado. Na realidade, apesar de Maria e de

suas duas filhas estarem nestas reuniões com a arquiteta, a matriarca pouco, ou nada, se manifestava e permitia que sua filha Aninha, colocasse na mesa as suas ideias que iam sendo ajustadas e materializadas no esboço arquitetônico. Foi de Aninha o belo e longo texto sugerido para ser posto na lápide, e ela também desejava colocar no

“ Foi idealizado um belíssimo projeto para a lápide

monumento a ser criado, o chapéu de couro e o capacete de operário da construção civil, por entender que eles representavam muito bem a figura do seu pai.

Maria adia o início das obras, sem explicitar suas razões.

No mês de abril de 2021, Maria estava em Brasília e teve um sonho e o relatou para Tina: ela acordava no quarto do casal, em Brasília, e via o seu marido, vestido de branco, com sorriso largo e feições muito serenas. Tina interpretou como um sinal: era hora de levar as cinzas de JAF para a Paróquia Nossa Senhora Rainha do Mundo. Maria não retrucou.

A senadora ligou, em segredo, para Selma Mesquita, em Aracaju, aproveitando que as duas filhas estavam em Brasília com ela. Pediu-lhe que providenciasse, com celeridade, a confecção de uma placa simples, de mármore, apenas com o nome de JAF, data de nascimento e morte, sem nenhum texto adicional. Missão dada, missão cumprida.

Com a autorização da Igreja a obra foi rápida e simples. Abriu-se um espaço na parede da Paróquia para depositar as cinzas, fechando-o com um vidro e deixando a urna visível aos olhos dos fiéis daquela igreja, que JAF tanto frequentou.

Pediu ainda que convidasse o seu filho João Neto e a sua cunhada Marlene Calumby, para acompanhar a singela homenagem com o descerramento da placa. Tudo simples, tudo discreto, sem publicizar, sem a sua presença e sem, tampouco, o conhecimento das filhas. Assim foi feito, 10 a 15 dias depois do tal sonho, no início de maio de 2021, o mês de Maria, a mãe de Jesus.

Tina soube do fato através da tia Tetê, tia do seu pai, que mora em Niterói, que provavelmente tomou conhecimento através de Marlene, sua sobrinha. A mãe não contara para ninguém, nem para elas duas, as filhas. Ficaram chateadas. Aninha muito mais, segundo a irmã mais

velha. Tina ponderou depois para a irmã, que a viúva era Maria; que a lápide projetada não era do desejo de Maria e não era da forma simples como os seus pais viveram, sem ostentação. Agora sim, era o jeito de Maria e de João, e não se fala mais nisso.

SENADORA BEM AVALIADA

No meio do caos, algum vento bom, sopra. O ranking dos políticos, uma ferramenta que analisa o desempenho dos 594 parlamentares que integram o Congresso Nacional entre Senado e Câmara, destacou a Senadora Maria do Carmo Alves como a mais bem avaliada entre os representantes de Sergipe, no 127º lugar de destaque nacional, entre os quase 600 políticos (MAX, 2020). Finalmente uma notícia boa em ano tão desolador.

Os critérios adotados pelo ranking foram definidos de acordo com as informações obtidas em fontes oficiais como os sites da Câmara, do Senado e dos Tribunais de Justiça e levaram em consideração, antiprivilegios, antidesperdício, anticorrupção e outras ações relevantes.

Por classificação, a primeira é Maria do Carmo (DEM); em segundo lugar Laércio Oliveira (PP) no 185º lugar nacional; Bosco Costa (PL) no 265º lugar; Gustinho Ribeiro (SD) no 277º lugar; Fábio Mitidieri (PSD) no 375º; Fábio Reis (MDB) no 385º lugar; Alessandro Vieira (Cidadania) no 422º lugar; Fábio Henrique (PDT) no 433º lugar; Valdevan Novecenta (PL) no 510º lugar; Rogério Carvalho (PT) no 549º lugar e João Daniel (PT) no 580º lugar (MAX, 2020).

FECHANDO CICLOS

E por fim, no dia 18 de novembro de 2020, JAF sofreu mais uma hospitalização às pressas, com mais uma parada cardíaca, e com prognóstico grave que se acentuou com o diagnóstico de Covid-19.

Outro sofrimento: os três filhos e Maria foram proibidos de visitar JAF por causa da infecção pelo novo coronavírus. Tinham que aguardar. Oravam, pediam a Deus o melhor para aquele pai e marido. Já conheciam qual seria o desfecho. E até o desejavam em nome do amor. Ele precisava descansar. Aquele não era um final de vida que pudessemos considerar digno: sozinho, em uma Unidade de Tratamento Intensivo fria, entubado, com parada do funcionamento dos rins e em seguida falência múltipla dos órgãos vitais.

O ano de 2020 precisava acabar! Inclusive para permitir que os ciclos se fechassem e todos pudessem se reorganizar para continuar vivendo. Como deve ser a vida, sempre.

Na madrugada do dia 24 de novembro do fatídico ano de 2020, JAF, 79 anos, se despede da vida. Ele era uma das figuras mais emblemáticas da nossa história recente. Sergipe e o Nordeste devem muito a este incansável homem, o nosso *João Chapéu de Couro* que respirava amor por nosso Sergipe e pelo nosso sofrido Nordeste. Agora, era merecido o seu repouso! Merecia o descanso eterno nos braços de Nossa Senhora da Conceição, a sua madrinha, de quem era tão devoto.

Na quinta-feira, dia 26 de novembro, JAF, foi cremado na cidade Valparaíso, Goiás, em solenidade restrita à família (a esposa, três filhos e quatro netos) e no dia 30, Sergipe recebeu as suas cinzas com honras de Estado e luto, por três dias, decretados pelo Governador Belivaldo Chagas e pelo Prefeito Edvaldo Nogueira.

HORA DAS CONTAS DO VAMOS VER

Não há alegria pública que valha uma boa alegria particular.

Machado de Assis

Aquele 30 de novembro de 2020 foi, talvez, o dia mais longo de Maria. Muitos cumprimentos dos amigos e dos nem tão amigos assim, muitos anônimos e curiosos para o último adeus à JAF, na chegada das cinzas em Aracaju.

Maria podia agora fazer um balanço das suas vidas e das escolhas que fizeram. Foram muitas lágrimas, homenagens, discursos, emoções.

A Senadora passava em revista toda a sua história e trajetória. As homenagens se sucediam, e não eram apenas de autoridades, mas do povo simples que acompanhou o cortejo pelas ruas de Aracaju e por onde ecoavam os aplausos e um coro: *vá em paz, João Chapéu de Couro!* Foi bonito de se ver! João devia estar satisfeito com seu sorriso largo, com as homenagens merecidas de estadista que recebeu ao longo daquele dia.

Enquanto isso, Maria era levada em um turbilhão de pensamentos, lembranças e ideias. Às vezes, nem percebia direito as falas que lhes eram dirigidas de condolências e solidariedade. Estava visivelmente esgotada.

Maria não se arrependia um milímetro sequer da trajetória que ela e o marido percorreram juntos até ali. Havia sido uma escolha dele, inicialmente, com o apoio dela, e depois passou a ser um mister de ambos: servir ao povo sergipano. Foram 54 anos de amor, parceria, amizade e muito companheirismo.

Era visível até a significativa perda patrimonial do casal e da família como um todo. A Habitacional, segundo análise da Senadora, poderia estar muito maior e mais forte. Em nome de um projeto político, perderam bens, fizeram renúncias e encolheram financeiramente.

Bastava lembrar, para perceber que tudo valeu a pena, que as grandes obras em Sergipe levam a assinatura de João, e que muitos dos recursos que o Estado recebeu para estas realizações, ao longo dos anos, tiveram e têm a rubrica de Maria, através da sua atuação parlamentar no Senado. Não há do que lamentar-se. Faria tudo novamente, se preciso fosse.

Naquela noite, as cinzas foram levadas para casa. João de volta. Maria teve dificuldade de adormecer, mas depois foi vencida pelo cansaço. O amanhã será outro dia a ser vivido e vencido.

Agora precisa dormir, descansar e recomeçar. A vida continua.



Maria do Carmo com as filhas.



Primeira-dama, Maria do Carmo, em ações sociais.



*Posse de Maria do Carmo na Academia de Propriá,
ao lado de JAF e de Ana Alves.*



A Senadora e o Prefeito ao lado da filha Ana Alves.



Muitos anos de cumplicidade unem João e Maria.

19

À GUIA DE CONCLUSÃO

Saio da vida para entrar na história.

Getúlio Vargas

*A história é émula do tempo, repositório dos fatos,
testemunha do passado, exemplo do presente,
advertência do futuro.*

Miguel de Cervantes

A história é o olho do tempo: não mente.

João Alves Filho

O engenheiro, o Dr. João, como muitos chamavam JAF, sempre buscou um sentido para a sua vida. Era um trabalhador incansável, visionário, um gestor futurista, um líder motivado e otimista, empreendedor e muito determinado, ou quem sabe, fosse um teimoso. Adjetivos chegam facilmente, por associação livre de ideias.

Talvez ele se perguntasse, como viver de forma plena a sua existência, extraindo o melhor dela e causando o maior impacto positivo em outras vidas no seu entorno: família, aracajuanos, sergipanos, nordestinos deste Brasil varonil.

Claro, que não existe a resposta certa ou uma única resposta para o sentido da vida: são formas múltiplas. Cada um do seu jeito.

As escolhas e decisões que ele tomou durante a sua vida foram definitivas nos resultados ora presentes. Para isso, JAF necessitou dar sempre o melhor de si mesmo em tudo o que se propôs a fazer e fez.

Uma coisa o perturbava, mas não confessava publicamente, talvez ao seu confessor, pedindo absolvição dos seus pecados: dedicou-se em excesso ao público e negligenciou a família e a sua vida privada. Entenda-se aí, pouca atenção aos filhos e estes trazem no peito, até então,

“ Não era à toa e sem razão que ele era um devoto de Nossa Senhora da Conceição

algumas mágoas que repercutem nas relações familiares. Certamente pagou muitas penitências.

Na biblioteca de JAF, entre muitos, encontramos o filósofo e economista britânico John Stuart Mill (1806 – 1873). Este filósofo afirmava que a concentração de bens e riquezas, ou seja, a

satisfação de interesses pessoais não correspondia a satisfação do interesse coletivo e recomendava que em vez de preencher a nossa vida com bens materiais, deveríamos manter apenas as coisas que fossem úteis, renunciando às que não tivessem um propósito. JAF não amealhou fortuna, ao contrário, teria tido sucesso financeiro se tivesse se mantido como empresário da construção civil: escolheu o bem coletivo.

Este pensamento de John Stuart, certamente repete as ideias de Luiz Aneu Séneca (4 a.C. – 65 d.C.), célebre intelectual, advogado e dramaturgo do Império Romano que afirmava que um sujeito sábio e, portanto, com potencial para ser feliz é aquele que com pouco se contenta, sem desejar aquilo que não tem.

Será que a religião também não era um grande pilar de sustentação para JAF? Não era à toa e sem razão que ele era um devoto de Nossa Senhora da Conceição e tinha em Frei Miguel e em Padre Valtewan, orientadores espirituais.

Afinal todos nós padecemos de um desamparo estrutural e a religião certamente pode oferecer certo conforto, pois, afinal, quando não temos respostas para as agruras, a fé de um outro dia, oferecido pelo Pai, com mais luz, nos sustenta.

Fé, esperança, sonhos e projetos, não faltavam ao *João Coragem*. E esses são pilares capazes de garantir saúde mental e, indubitavelmente, podem trazer algum nível de redução de sofrimento, diante das muitas tempestades e intempéries que vieram até ele, mas que passaram, graças à forma tranquila de conduzir os problemas e tocar as suas obras.

Outro grande filósofo que inspirou JAF, foi o prussiano Friedrich Nietzsche (1844-1900), também poeta, compositor e crítico cultural, que acreditava que a felicidade estava presente quando o sujeito podia exercer o seu poder para conquistar e realizar aquilo que desejasse, inclusive a livre escolha de trabalhar apenas com o que lhe daria prazer. JAF fez a sua escolha: ser apenas político e servir ao seu povo. Confidenciou o seu desejo de trabalhar apenas com o que poderia lhe dar prazer ao seu amigo José Rollemberg Leite, em uma longa carta, enquanto viajava pelo mundo. E assim o fez: anunciou para a família sobre a sucessão do controle de suas empresas, porém não antes de ter conversas de alcova com suas Marias, a Nossa Senhora e a mãe de seus filhos, Maria do Carmo.

Segundo Sigmund Freud, *não existe regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo*. Na perspectiva freudiana, o mal-estar na cultura é inerente à condição humana, não tendo o sujeito como dele escapar. E cada um terá que encontrar o seu jeito de viver e ser feliz. JAF fez a sua escolha e encontrou algo que dizia de si, onde ele se encontrava e dava um sentido à sua vida: a política era o jeito de João ser feliz.

Estamos, nesta obra, revelando todas as faces de JAF, e cada um dos leitores, que o julgue de acordo com os seus sentimentos, percepções, caráter ou princípios. Sócrates estimulava que cada um aprendesse a pensar por si próprio, pois a verdade é sempre plural e ao mesmo tempo única. Ela é singular para cada um e sempre será inatingível por estar escondida dentro de cada um de nós.

Claro que as pessoas cometem erros e equívocos, fazem más escolhas de diversas naturezas, inclusive de amigos e auxiliares, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, no curso de suas vidas. Que sua história seja inspiração e advertência para os jovens políticos do futuro. JAF era *humano, demasiadamente humano*, como diria Friedrich Nietzsche, um dos seus filósofos preferidos.

Como julgar, por exemplo, a última gestão de JAF frente a Prefeitura Municipal de Aracaju? Impossível! Não dá para julgar o legado e a obra de um grande, porém cansado e envelhecido mestre das artes, pelos últimos traços de um quadro, ainda que este último, revele cores caóticas, fruto de seu adoecimento. Mas se houver alguém mais sensível, saberá reconhecer naqueles mesmos últimos traços, algo do inconsciente, que

escapa e desvela a beleza e a assinatura inconfundível de JAF: um homem que governou sempre pautado no desenvolvimento urbano e na assistência ao homem do campo; um construtor futurista, visionário, e missionário, capaz de sustentar bandeiras em defesa do Nordeste e que, independente do lado político dos parceiros, era capaz de articular iniciativas e envidar todos os esforços para o bem da população.

A HISTÓRIA, aquela com letras garrafais, certamente fará justiça e honrará o bom nome de JAF, pelo conjunto de sua obra, e que, por unanimidade, entre seus pares, independente de ideologias político-partidárias, aliás, mesmo entre os seus adversários políticos, é reconhecido e considerado, até então, o melhor e o maior realizador de obras de grande vulto na história dos últimos 100 anos de Sergipe, e que trouxe, indubitavelmente, mudanças, e favoreceu a qualidade de vida dos sergipanos.

Sim, será a história que colocará JAF, um imortal, no panteão dos que mais fomentaram desenvolvimento para a parte mais pobre e sofrida do país, o Nordeste, e particularmente, para o seu Sergipe Del Rey. Tornou-se uma referência nacional na sua luta ferrenha em defesa do Rio São Francisco e, como criador do Ibama, um dos maiores defensores do meio ambiente no Brasil. Como homem público, conseguiu o respeito das principais lideranças políticas do país. Dificilmente outro político sergipano alcançará o mesmo prestígio e reconhecimento a curto e médio prazo. A história dirá e quem viver, verá.

Na vida não existem cordeiros ou lobos, heróis ou vilões, a natureza humana é múltipla; outrossim, existem os que realizam e os que nada fazem, mas apontam, julgam e criticam os primeiros. São os do contra.

JAF está na categoria dos realizadores, dos tocadores de obras, dos que fomentaram desenvolvimento para a sua região, seu legado é incommensurável.

Parafraseando Guimarães Rosa, quando chegou na Academia Brasileira de Letras, JAF não morreu, apenas ficou encantado.

[...] Que seus feitos nunca sejam esquecidos, que ideologias políticas nunca tirem sua grandeza. [...] você vive na memória do povo e nos livros que escreveu. [...]. Eu te amo mais do que cabe em mim. Meu amor por você se estende a todo livro que leio, a todo projeto que lidero, a toda pessoa que

ajudo, a todo filme clássico que assisto, e a todo sonho que eu sei que você me deixaria sonhar [...] e faria de tudo para que se concretizasse, por mais louco que parecesse, porque foi justamente sua megalomania que te fez histórico (ALVES, M.L.M., 2020).

Malú, 16 anos, neta de João e Maria

REFERÊNCIAS

A8 SERGIPE. *Rainha da Inglaterra*. 15 de junho de 2015. Disponível em: <http://a8se.com/conteudo/52/48618/rainha-da-inglaterra.html>. Acessado em 31.01.2021.

ADESG. Disponível em: <https://www.Adesg.com.br/sobre/>. Acessado em: 309.10.2020.

AGÊNCIA ESTADO. *Navalha: conselheiro do TCE-SE está entre os presos*. G1 Globo. 17/05/2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/noticias/politica/0,,aa-1542553-5601,00-navalha+conselheiro+do+tcese+esta+entre+os+presos.html>. acessado em: 08.11.2020.

AGÊNCIA ESTADO. *Prefeito de Aracaju é réu no STJ por corrupção passiva*. 16.03.2013. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/03/16/interna_politica,358155/Prefeito-de-aracaju-e-reu-no-stj-por-corrupcao-passiva.shtml. Acessado em 05.06.2020.

AGÊNCIA SENADO. *Toma posse o Senador Virgínio de Carvalho*. 17.10.2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/10/17/toma-posse-o-senador-vinginio-de-carvalho>. Acessado em 16.06.2019.

AGÊNCIA SENADO. *João Alves Filho*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/11/25/Senadores-lamentam-morte-do-ex-Governador-joao-alves-filho>. Acessado em: 25.11.2020.

ALMEIDA, R.R. *Ferrovias Norte-Sul*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/ferrovia-norte-sul.htm>. Acesso em 27 de dezembro de 2020.

ALVES FILHO, J. Transposição de águas do rio São Francisco: um atentado aos interesses nacionais. In: QUINTIERI, M.M.R. *Transposição do São Francisco – Uma Análise dos aspectos positivos e negativos do projeto que pretende transformar a Região Nordeste*. Curitiba: Ed Juruá 2010.

ALVES FILHO, J. *Toda a Verdade sobre a transposição do Rio São Francisco*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2008.

ALVES FILHO, J. Nota de esclarecimento aos Governadores. *Carta pessoal*: 25 de maio de 2007.

ALVES FILHO, J. *A insensatez do projeto de transposição*. Publicação própria. Aracaju, novembro de 2006.

ALVES FILHO, J. *Amazônia & Nordeste: estratégias para o desenvolvimento*. Brasília: Alfa Comunicação e Editoração, 1989.

ALVES FILHO, J. *Matriz energética brasileira: da crise à grande esperança*. Rio de Janeiro: Ed Mauad, 2003.

ALVES FILHO, J. *No outro lado do mundo: uma viagem para aprender*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ALVES FILHO, J. *Nordeste Região Credora*. 1ª Edição. Gráfica J. Andrade, 1985.

ALVES FILHO, J. *Nordeste, estratégias para o sucesso: propostas para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro, baseadas em experiências nacionais e internacionais de sucesso*. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 1997.

ALVES FILHO, J. *Pontos de Vista*. Aracaju, 1994.

ALVES FILHO, J. *Pronunciamentos, artigos, entrevistas: 1987-1990*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1990.

ALVES FILHO, J. *Relato de uma perseguição presidencial e suas consequências*. Aracaju: publicação independente, maio de 2008.

ALVES FILHO, J. *Toda a verdade sobre a transposição rio São Francisco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

ALVES FILHO, J. *Transposição das águas do São Francisco: agressão à natureza x solução ecológica*. 2ª Edição. Maceió: Edições Catavento, 2000.

ALVES FILHO, J. *Nordeste: estratégias para o sucesso: propostas para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro, baseado em experiências nacionais e internacionais de sucesso*. Rio de Janeiro: Maud, 1997.

ALVES, A. *A última joia da coroa*. Gazeta de Alagoas. 2 de abril de 2013. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=220519>. Acessado em 14.01.2021.

ALVES, M.L.M. *Neta faz homenagem a João Alves Filho*. Agência Nacional de Notícias. 25/11/2020. Disponível em: <https://ajn1.com.br/urbano/neta-faz-homenagem-a-joao-alves-filho/> Acessado em 25/11/2020.

ÂNGELO, C. *Incentivo positivo dos EUA é trunfo para Bolsonaro: 31 anos depois, país volta a oferecer ao Brasil dólares por árvores em pé; não vai dar certo*. Opinião. 02 de fevereiro de 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniaop/2021/02/incentivo-positivo-dos-eua-sobre-amazonia-e-trunfo-para-bolsonaro.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa&origin=folha. Acessado em 02.02.2021.

ARIOZA, M. Lourival Baptista. CPDOC/FGV. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/batista-lourival>. Acessado em: 22.03.2021.

ARRETCHE, M. Intervenção do Estado e setor privado: o modelo brasileiro de política habitacional. In: Espaço & Debates, São Paulo, v. X, n. 31, pp 21–36, 1990.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE (ALESE). “*Posição de Mendonça sobre Amorim é isolada*”, responde Venâncio Fonseca. 11 de maio de 2010. Disponível em: <https://al-se.jusbrasil.com.br/noticias/2182730/posicao-de-mendonca-sobre-amorim-e-isolada-responde-venancio-fonseca?ref=serp>. Acessado em 15.08.2019.

ATTUCH, L. *O Drama de Olacyr*. Revista IstoÉ-Dinheiro, ed. 01/09/2004. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/365/economia/olacyr.htm>. Acessado em 27.12.2020.

BARRETO, L.A. *Os cem anos de Gonçalo Rollemberg Leite*. Aracaju: Blogs Infonet. 16 de fevereiro de 2006. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/os-100-anos-de-goncalo-rollemberg-leite/>. Acessado em 03.03.2021.

BARRETO, L. “*Não tinha obstáculo para ele*”, disse Machado ao lembrar da relação com João Alves. 25.11.2020. Disponível em: <https://fanf1.com.br/nao-tinha-obstaculo-para-ele-disse-machado-ao-lembrar-da-relacao-com-joao-alves/>. Acessado em 09.01.2021.

BARRETO, L. *Eleições 2018*. 24.01.2019. Disponível em: <http://fanf1.com.br/mendonca-precisa-mudar-postura-para-reconstruir-o-partido-afirma-ana-alves/>. Acessado em: 16.07.2020.

BARROS, A. *Maria do Carmo torna-se membro da Academia Propriaense de Letras*. 23.05.2016. Disponível em: <http://sergipenoticias.com/cultura/2016/05/2063/maria-do-carmo-torna-se-membro-da-academia-propriaense-de-le.html>. Acessado em 03.01.2021.

BERGAMASCHI, M. *Prefeitos bem avaliados por eleitores driblam crise e surfam na campanha*. O Globo. 26.09.2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/Prefeitos-bem-avaliados-por-eleitores-driblam-crise-surfam-na-campanha-20177595>. Acessado em: 03.12.2020.

BOLAÑO, C.; VARJÃO, D. (Org.) *Mercado brasileiro de televisão em perspectiva regional: o caso de Sergipe*. São Cristóvão: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, 2016.

BOLAÑO, C.R. S.; VARJÃO, D. R.; TÁVORA, B.; WESTRUP, A.C.; SANTOS, P. A.O.; MOTA, J. S.; PINHEIRO, W. T.; GONÇALVES, A.V.O.; SANTOS, L.S.; ROCHA, R.S. *Apontamentos sobre a história do mercado sergipano de televisão*. Revista brasileira de história da mídia, v. 6, n. 1, 2017, p. 82-96.

BRASIL 247. *Mendonça diz que poderá enfrentar João em 2016*. 03 de novembro de 2014. Disponível em: <https://www.brasil247.com/geral/mendonca-diz-que-podera-enfrentar-joao-em-2016>. 1.Acessado em 28.01.2021.

BRASIL ESCOLA. *Dâmocles*. Disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/biografia/damocles.htm>. Acessado em 20.12.2020.

BRASIL. Biblioteca da presidência da República Posse do Ministro do Interior. 7 agosto de 1987 <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-Presidentes/jose-sarney/discursos/1987/59.pdf/@@download/file/59.pdf>. Acessado em: 02.01.2020.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. Decreto-Lei 200 de 25 de fevereiro de 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0200.htm. Acessado em 01.11.2020.

BRASIL. *Programa parceria de investimentos. Ferrovia Norte-Sul*. Disponível em: <https://www.ppi.gov.br/ferrovia-ef-151-sp-mg-go-to-ferrovia-norte-sul>. Acessado em 27.12.2020.

BRAYNER, D. *Ricardo surpreende*. Infonet Blog. 30.11.2005. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/ricardo-surpreende/> Acessado em 15.07.2020.

BRETAS,V. ; CALEGARI, L. *Os candidatos a Prefeito mais e menos rejeitados do Brasil*. Revista Exame. 01.10.2016. Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-candidatos-a-Prefeito-mais-e-menos-rejeitados-do-brasil/>. Acessado em: 03.12.2020.

CALUMBY, M. A. *Construtor João Alves: sem reticências...* Aracaju: J.Andrade, 2015

CALUMBY, M. A. *Até onde eu sei...* Aracaju: Info Graphics, 2011.

CÂMARA DE DEPUTADOS. *Panorama das décadas*. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrivendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy_of_decada-de-70. Acessado em 30.10.2020.

CAMPOS, J.P. *Transposição do Rio São Francisco: o elefante branco do sertão*. Revista VEJA, 16.08.2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/transposicao-do-rio-sao-francisco-problemas-elefante-branco/>. Acessado em 16.02.2021.

CASTRO, C. M. *Em se plantando, dá*. Coluna Ponto de Vista. Revista Veja. Edição 1949. 20 de março de 2006.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC/FGV), *José Carlos Machado*, 2003. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/machado-jose-3>. Acessado em: 10.01.2021.

CÉSAR, L. *Edvaldo participa de cerimônias póstumas de homenagem a João Alves Filho* 30.11.2020. Disponível em: <https://sergipemais.com.br/se/edvaldo-participa-de-cerimonias-postumas-de-homenagem-a-joao-alves-filho/>. Acessado em 12.12.2020.

CHAVES, R. *Aracaju, pra onde você vai?* Aracaju: publicação própria, 2004.

CODEVASF. *O Canal de Xingó*. Disponível em: <https://www.Codevasf.gov.br/linhas-de-negocio/irrigacao/projetos-publicos-de-irrigacao/elenco-de-projetos/em-estudo/canal-de-xingo#wrapper>. Acessado em: 26.04.2021.

CONSULTOR JURÍDICO. *STJ aceita denúncia de 12 envolvidos na operação navalha*. Revista Consultor Jurídico. 15 de março de 2013. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2013-mar-15/stj-aceita-denuncia-12-envolvidos-operacao-navalha>. Acessado em 08.01.2020.

CORREIO DE SERGIPE. *Edição Especial João Alves Filho*. Aracaju, 24 a 28 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://ajn1.com.br/caderno/especial-joao-alves/> Acessado em 24.12.2020.

CORREIO DE SERGIPE. *Habitacional 50 anos*. Publicado em 02.08.2020..Disponível em https://ajunews.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Habitacional-50anos_01-08-2020.pdf. Acessado em 31.10.2020.

COSTA, L.E. *Fogo amigo contra o casal João e Maria*. Jornal do Dia. 21 a 22 de setembro de 2014.

COSTA, L.E. *João, Maria e um genro que ainda lhes atormenta*. 14.01.2017. Blog Infonet. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/joao-maria-e-um-genro-que-ainda-lhes-atormeta/> Acessado em 15.09.2020.

D'ÁVILA, M.P.N. *Visão da política de Sergipe (1946-2016): tudo como dantes...* Aracaju: J.Andrade, 2017.

DANTAS, J. I. C. *História de Sergipe República (1889 – 2000)*. Rio de Janeiro: Tempo XX. ISSN: 2238-5126 VOL. 06 | Nº 1| jan./jun. 2017 95 Brasileiro, 2004. Estação de tevê virá mesmo a Sergipe. Sergipe Jornal, Aracaju, n. 14.371, p. 3, nov. 1964.

DANTAS, J. I. C. *Sergipe: as Eleições de 2010*. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/images/stories/observaNordeste/observaNordesteibare.pdf>. Acessado em: 19.02.2021.

DELFIN NETTO, A. *O melhor IDH do Nordeste*. Opinião. Folha de São Paulo. 07 de junho de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0706200606.htm>. Acesso em: 17.02.2021.

DIAS, M.P. *2003: o ano da educação*. Aracaju: Editora ArtNer Comunicação, 2016.

ECO, H. Número zero. Rio de Janeiro: Record, 2015.

EMURB. Disponível em: <https://transparência.aracaju.se.gov.br/estrutura-administrativa/contato-Emurb>. Acessado em 19.09.2019.

ESPÍRITO SANTO, A.B. *João Alves Filho: um sergipano visionário*. Blog. Infonet. 27.11.2020. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/joao-alves-filho-um-sergipano-visionario/> Acessado em 28.11.2020.

EXPRESSÃO SERGIPANA. 04.08.2016. Disponível em: <https://expressaosergipana.com.br/vice-Prefeito-diz-que-a-equipe-de-joao-alves-so-pensa-em-roubar/>. Acessado em 15.12.2020.

F5NEWS. *Quatro réus são ouvidos em segunda audiência da Operação Caça-fantasmas*: Ministério Público de Sergipe diz que prejuízo com servidores citados foi superior a R\$ 522 mil. 07.03.2019. Disponível em: https://www.f5news.com.br/cotidiano/quatro-reus-sao-ouvidos-em-segunda-audiencia-da-operacao-caca-fantasmas_54110/. Acessado em 09.01.2021.

FAC INFONET. *José Carlos Machado confirma pré-candidatura*. 04.04.2014. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/politica/jose-carlos-machado-confirma-pre-candidatura/>. Acessado em 05.01.2021.

FARIAS, H. S. *O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade*. Espaço e Economia Revista brasileira de geografia econômica. 2020.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SERGIPE (FIES). Sergipe, 2015.

FELIPE JUNIOR, N.F. *O setor portuário sergipano e sua dinâmica recente*: transporte de cargas e gargalos infra estruturais. Sociedade e Território – Natal. Vol. 29, N. 2, p. 30-48, Jul./Dez. de 2017.

FERNANDES, Janaína da Silva Gonçalves; ANDRADE, Márcia Siqueira de. *Revisão sobre a doença de alzheimer*: diagnóstico, evolução e cuidados. Psic., Saúde & Doenças. Lisboa, v. 18, n. 1, p. 131-140, abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.15309/17psd180111>. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862017000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 03.01. 2021.

FERNANDES, J. S. G.; ANDRADE, M. S. *Revisão sobre a doença de Alzheimer*: diagnóstico, evolução e cuidados. Psic., Saúde & Doenças. Lisboa, v. 18, n. 1, p. 131-140, abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.15309/17psd180111>. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862017000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 03.01. 2021.

FLASHMOB EM PORTO ALEGRE. Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher “*Minha Casa Minha Vida é pior que BNH dos militares*”, diz pesquisadora da UFRJ. Sul. Consultado em 21 de agosto de 2019. Cópia arquivada em 21 de agosto de 2019.

FOLHA DE S. PAULO. *300 mil nas ruas pelas diretas*. 26 de janeiro de 1984. Ano 63, nº 20.021, p.1, 1984.

FOLHA DE S. PAULO. *Concorrência da ferrovia Norte-Sul foi uma farsa*. 13 de maio de 1987. Ano 67, nº 21.224, p.1, 1987.

FOLHA DE S. PAULO. *Justiça cassa bens de dez acusados de desviar dinheiro do BANESTADO*. 08.08.2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0808200016.htm>. Acessado em 08.01.2021.

FOLHA DE S. PAULO. *Não haverá cassação agora*. 02 de abril de 1977. Ano LVI, nº 17.530 p.1, 1977.

FOLHA DE S. PAULO. *Nova Constituição entra em vigor; termina transição para democracia*. 05 de outubro de 1988. Ano 68, nº 21.735 , p.1, 1988.

FOLHA DE S. PAULO. *São Paulo faz o maior comício*. 17 de abril de 1984. Ano 64, nº 20.103, p.1, 1984a.

FONTENELE, M. *Novos Secretários municipais de Aracaju são empossados*. G1 SE. 02.01.2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2013/01/novos-secretarios-municipais-de-aracaju-sao-empossados.html>. Acessado em 09.01.2021.

FORBES. *Futuro Vitaminado*. Revista Forbes Brasil. Ano 06, nº 99. 20 de fevereiro de 2006.

FREUD, S. *Análise terminável e interminável* [1937]. Edições Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 23, p. 239-287. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FUNDAÇÃO DE SISTEMA NACIONAL DE ANÁLISE DE DADOS. SEAD. *Indicadores econômicos*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/indicad_se.pdf. Acessado em: 19.12.2020.

G1SE GLOBO. *Operação Navalha: defesa aponta denúncia frágil, escutas ilegais e relatório da CGU inconsistente*. 27.11.2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2018/11/27/trf-absolve-todos-os-reus-da-operacao-navalha-citados-em-processos-de-sergipe.ghtml>. Acessado em 05.10.2021.

GAZETA DE ALAGOAS. *Sergipe traz modelo de sucesso a Alagoas: assessores de Governador mostram à equipe de transição avanço no IDH do Estado*. Maceió-AL, 29 de novembro de 2006.

GAZETA DE SERGIPE. *Governo Entrega o Platô de Neópolis - O que é o Platô de Neópolis*. Edição de 28.12.94. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/texto/162480>. Acessado em: 18.02.2021.

GIAMBIAGI, F.; MOREIRA, M. M. (Orgs). *A economia brasileira nos anos 90*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social 1ª edição 1999.

GIOVANNETTI, M. F. *A respeito de uma das três profissões impossíveis*. Cienc. Cult., São Paulo, v. 56, n. 4, p. 20-21, Dec. 2004. Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000400012&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Dec. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. Notícia. *Jackson prestigia inauguração do complexo Viário Gov. Marcelo Déda*. 22.02.2014. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/Governo/jackson-prestigia-inauguracao-do-complexo-viario-gov-marcelo-deda>. Acessado em 02.02.2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. *Projeto capital: principais ações do Governo de Sergipe na Capital*. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 2014.

GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. *Joel Silveira*. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01950>. Acessado em 01.11.2020.

GUIMARÃES, C.; SUSANNA, K. *Tobias Barreto comemora 10 anos precisando de reforma*. Infonet cultura. 01.03.2012. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/tobias-barreto-comemora-10-anos-precisando-de-reforma/>. Acessado em 05.03.2021.

HORA NEWS. *Operação Navalha: João Alves Neto, Flávio Conceição e mais oito “escapam” da prisão*. 20.03.2019. Disponível em: <https://horanews.net/operacao-navalha-joao-alves-neto-flavio-conceicao-e-mais-8-escapam-da-prisao/>. Acessado 8.12.2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades e Estados brasileiros*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acessado em 20.12.2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas do século XX*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *História*: Aracaju - SE. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1823/>. Acessado em 15.05. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA ESPACIAL (INPE). *Monitoramento do território: florestas*. Disponível em: <http://www.inpe.br/faq/index.php?pai=6#:~:text=At%C3%A9%20agora%20cerca%20de%20700.000,de%20Desmatamento%20em%20Tempo%20Real>. Acessado em 15.01.2021.

ISTO É DINHEIRO. ENTREVISTA. *O drama de Olacyr*. 01.09.2004. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20040901/drama-olacyr/16418>. Acessado em 27.12.2020.

JAMBEIRO, O. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador: EDUFBA, 2001.

JAMBEIRO, O. *Regulando a TV: uma visão comparativa no Mercosul*. São Paulo: Hacker, 2000.

JORNAL DA CIDADE. Programação da TV jornal. Jornal da Cidade, *Aracaju, ano IX, nº 7.530*, p. 15, sexta-feira, 19 ago. 1987. Aracaju, 26 set. 2003. Disponível em: Acessado em 02.07.2020.

JORNAL DA CIDADE. *Mendonça diz: “O DEM agiu de forma traiçoeira e covarde”*. Aracaju-SE, 4 de novembro de 2014. Ano XLIII, nº 12.702.

JORNAL DA CIDADE. Opinião. *Gastem pouco*. Aracaju. 13 de junho de 2015.

JORNAL DO DIA. *Edivan Amorim aparece como “administrador” da Fazenda Sisan, em Minas Gerais*. 17 de Agosto de 2014. Disponível em: http://www.jornal-dodiase.com.br/noticias_ler.php?id=12096. Acessado em: 08.01.2021.

KENNEDY, A. *Número zero*. 27.02.2016. Blog do Kennedy. Disponível em: <https://www.blogdokennedy.com.br/numero-zero/>. Acessado em 24.01.2021.

LARA, R. *Aracaju: a campanha dos velhos conhecidos*. Revista Veja. 23.08.2016. Disponível: <https://veja.abril.com.br/politica/aracaju-a-campanha-dos-velhos-conhecidos/>. Acessado 11.01.2021.

LEITÃO, M. *Saga brasileira: a longa luta de um povo pela sua moeda*. Rio de Janeiro: Record, 2019.

LEITE, R. *A ponte: breve história do maior desafio de Sergipe*. 1. ed. Porto Velho (RO): Temática Editora, 2020.

LESCURE, F.X.; BOUADMA, L.; NGUYEN, D.; PARISEY, M.; WICKY, P. H.; BEHILLIL, S, *et al. Clinical and virological data of the first cases of Covid-19 in Europe: a case series*. The Lancet Infectious Diseases. 2020;20(6):697-706.

LIMA, J. *“Esse momento honra memória de João Alves”, diz Maria do Carmo, sobre projeto do Canal de Xingó*. JL Política. Disponível em: <https://jlpolitica.com.br/coluna-aparte/ufa-finalmente-acao-concreta-do-governo-do-brasil-promete-vida-ao-canal-de-xingo/notas/esse-momento-honra-memoria-de-joao-alves-diz-maria-do-carmo-sobre-projeto-do-canal-de-xingo>. Acessado em: 26.04.2021.

LIMA, J. *Entrevista com Maria do Carmo do Nascimento Alves*. JL Política, n.79, 04 de agosto de 2018. Disponível em: <https://jlpolitica.com.br/entrevista/maria-do-carmo-pensei-que-ia-morrer-com-prisao-de-ana-e-doenca-de-joao>. Acessado 02.01.2021.

LIMA, J. *Entrevista José Carlos Machado*. 13.10.2019. Disponível em: <https://jlpolitica.com.br/entrevista/jose-carlos-machado-em-nome-do-dem-prometo-luta-e-trabalho>. Acessado em 10.01.2021.

LIMA, J. *Operação Navalha condena João Alves Neto a 17 anos de prisão: no pacote mais outros nove*. JLPolítica. 16.10.2017. Disponível em: <https://www.jlpolitica.com.br/noticias/Estado/operacao-navalha-condena-joao-alves-neto-a-17-anos-de-prisao-no-pacote-mais-outros-nove>. Acessado em 20.11.2020.

LIMA, J. *“João Alves está com Alzheimer e abandonado”, diz Mendonça Prado*. JL-Politica. 20.02.2018. Disponível em: <https://jlpolitica.com.br/noticias/Estado/joao-alves-esta-com-alzheimer-e-abandonado-diz-mendonca-prado>. Acessado em 06.01.2021.

LIMA, V. *Prefeitura de Aracaju no escuro: a desastrosa gestão de João Alves Filho*. 27/12/2016. Disponível em: <https://www.brasil247.com/geral/Prefeitura-de-aracaju-no-escuro-a-desastrosa-gestao-de-joao-alves-filho> Acessado em 06.01.2021

MACEDO, I. *Os Senadores sob suspeita e o que eles dizem sobre as acusações em análise no STF*. Congresso em foco. 26.07.2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/os-senadores-sob-suspeita-e-o-que-eles-dizem-sobre-as-acusacoes-em-analise-no-stf/>. Acessado em 09.01.2021.

MACHADO, N. *João Alves Filho e seu legado perdido*. 19.01.2020. <https://fanf1.com.br/joao-alves-filho-seu-legado-politico-perdido/> Acessado em 07.07.2020.

MANOEL, G. *A doença de João Alves*. Jornal do Dia. 09/03/2019. Disponível em: 09/03/2019. http://jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=38390. Acessado em 06.01.2021.

MANOEL, G. *Gangster e cara de pau*. Jornal do Dia. 28 de Setembro de 2014. Disponível em: http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=12784. Acessado em 03.02.2020.

MANOEL, G. *Machado e a corrupção na PMA*. Jornal do Dia. 07.08.2016. Disponível em: http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=21179. Acessado em 15.09.2019.

MANOEL, G. *Obrigação de apoiar?* Jornal do Dia. 17.01.2014. Disponível em: http://jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=9357. Acessado em 10.01.2021.

MANOEL, G. *Prisão surpreende*. Jornal do Dia. 03.12.2017. Disponível em: http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=28157. Acessado em: 04.03.2020.

MAGALHÃES, M.; MORAES, L. N. Centro de pesquisa e documentação de história Contemporânea do Brasil e Fundação Getúlio Vargas 2014. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-alves-filho>. Acessado em: 12.12.2020.

MARQUES, D. W. A. *O pensamento vivo de Padre Cícero*. Campinas-SP: Martim Claret Editores,1988.

MASSA PESAGEM E AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL. *Ferrovias Norte-Sul*. Disponível em: <https://massa.ind.br/ferrovias-norte-sul/>. Acessado em 27.12.2020.

MAX. *Senadora Maria do Carmo é a mais bem avaliada entre Deputados e Senadores sergipanos*. BLOG DO MAX. 13 de outubro de 2020. Disponível em: <https://>

blogdomax.net/noticias/Senadora-maria-do-carmo-e-a-mais-bem-avaliada-entre-Deputados-e-Senadores-sergipanos. Acessado em: 13 de outubro de 2020.

MAX. *Dois Senadores sergipanos respondem a acusações no STF*. BLOG DO MAX. 18.07.2020. Disponível em: <https://blogdomax.net/noticias/dois-Senadores-sergipanos-respondem-a-acusacoes-no-stf>. Acessado em: 18.08.2020.

MAYNARD, D. C. S. *Entre microfones e bastidores: Estado Novo, radiodifusão e intervenção cultural em Sergipe*. Revista Cadernos de Pesquisa. Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, v. 1, n. 35, jul./dez. 2008.

MELLO, F. *STJ aceita denúncia contra dono da Gautama e ex-Governador de Sergipe*. Folha de São Paulo. 15.03.2013. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2013/03/1246824-stj-aceita-denuncia-contradono-da-gautama-e-ex-Governador-de-sergipe.shtml?cmpid=menupe>. Acessado em 15.09.2019.

MOLICA, F. *Principais Planos de Estabilização Econômica*. Disponível em: http://grad.nead.ufsj.edu.br/AdmP/disciplinas/midia/docs/principais_planos_de_estabilizacao_da_economia.doc. Acesso em: 11.01.2021.

MORAES, L. N. CPDOC/FGV- Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete>. Acessado em: 15.03.2019.

MOTA, J. S. *Mercado sergipano de televisão aberta: 40 anos depois, onde está o conteúdo regional?* 2013. 108 f. Monografia (Departamento de Comunicação Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

NASCIMENTO, J.C. *As muitas faces de Luiz Teixeira*. Blog Educação, história e política. Disponível em: <https://educacaohistoriaepolitica.blogspot.com/2021/04/as-muitas-faces-de-luiz-teixeira.html>. Acessado em 25.04.2021.

NASCIMENTO, S. *O legado econômico de João Alves Filho*. In: CORREIO DE SERGIPE. Edição Especial João Alves Filho. Aracaju, 24 a 28 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://ajn1.com.br/caderno/especial-joao-alves/> Acessado em 24.12.2020.

NAVARRO, F. *João Alves é eleito Prefeito de Aracaju com 52,72% dos votos*. G1 Globo. 07.10.2012. Disponível <http://g1.globo.com/se/sergipe/eleicoes/2012/noticia/2012/10/joao-alves-e-eleito-Prefeito-de-aracaju-com-mais-de-52-dos-votos.html>. Acessado em 09.01.2021.

NAVARRO, F. *Maria do Carmo, do DEM, é reeleita Senadora por Sergipe*. 05/10/2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/eleicoes/2014/noticia/2014/10/maria-do-carmo-do-dem-e-reeleita-Senadora-por-sergipe.html>. Acessado em 16.05.2020.

NE NOTÍCIAS. *João passa cargo na Cúpula Mundial da Família para a rainha da Jordânia*. 12.07.2006. Disponível em: https://www.nenoticias.com.br/45792_joao-passa-cargo-na-cupula-mundial-da-familia-para-a-rainha-da-jordania/. Acessado em 03.01.2021.

NOBLAT, R. Blog do Noblat. O Globo: 23 de maio de 2007. Disponível em: https://www.google.com/search?ei=i58vY_P6ME-_Z5OUP5oeyqAg&q=Ricardo+Noblat.+O+Globo%2C+23+de+maio+de+2007. Acesso em: 15.08.2019.

O DIREITO. *Ex-Governador João Alves Filho tem ação penal trancada no STJ*. 31 de outubro de 2001. Disponível em: <https://www.odireito.com/2001/10/1037/ex-Governador-joao-alves-filho-tem-acao-penal-trancada-no-stj/>. Acessado em 08.01.2021.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Após ações na justiça ponte e inaugurada em Aracaju*. 24 de setembro de 2006. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-acoes-na-justica-ponte-e-inaugurada-em-aracaju,20060924p58946>. Acessado em 01.11.2020.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Brasil pede aos EUA dinheiro para combate ao desmatamento*. 19.02.2021. Disponível em: <https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-pede-aos-eua-apoio-financieiro-no-combate-ao-desmame-da-amazonia,70003620627>. Acesso em: 19.02.2021.

OLIVEIRA, J. A. N. M. *Discurso de posse Maria do Carmo Alves, cadeira 22*. Propriá: Academia Propriense de Letras, Ciências, Artes e Desportos, 21 de maio de 2016.

OLIVEIRA, R. *Lavagem de roupa suja*. Jornal do Dia. 04 de Outubro de 2013. Disponível em: http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=7982. Acessado em 17.09.2019.

OLIVEIRA, T. *Política & Mulher*. JLPolítica. 22 de Jan de 2020. Disponível em: <https://jlpolitica.com.br/colunas/politica-mulher/posts/ana-alves-ainda-nao-decidiu-mas-pode-ser-candidata-em-aracaju-ou-propria>. Acessado em: 02.01.2021.

PENA, R F. A. *Zona Franca de Manaus*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/zona-franca-manaus.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.

PERRINI, P. *TV-Jornal é inaugurada*. Jornal de Sergipe, Aracaju, ano IX, n. 2.757, p. 3, sexta-feira, 6 nov. 1987.

PINHEIRO, L. *O plano de Joe Biden para a Amazônia*. Revista IstoÉ Dinheiro. Ed.1209. Publicado 12.02.2021.

PINTO FILHO, J. *Estratégias em empresas de comunicação: o caso da Fundação Aperipê de Sergipe*. 2011. 72 f. Monografia (Bacharelado em Administração) –

Curso de Graduação em Administração, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

PINTO, T. S. *Governo Sarney – Economia*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/Governo-sarney.htm>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.

PORTAL DO SENADO FEDERAL. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>>, acesso em 30 set 2013. Acessado em 7.11.2020.

RADAR SERGIPE. Raymundo Luiz. 17.05.2019. Disponível em: <http://radarsergipe.com.br/colunista/por-onde-anda-voce/2019/05/6263/raymundo-luiz.html>. Acessado em: 15.08.2020.

RIBEIRO, V. *Bolsonaro critica ameaças de sanção por desmatamento na Amazônia*: Presidente evocou soberania nacional em Cúpula da Biodiversidade. Agência Brasil. 30 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2020-09/bolsonaro-critica-ameacas-de-sancao-por-desmatamento-na-amazonia>. Acessado em 28.12.2020.

RODRIGUES, W.P. *Coronavírus: um problema de saúde pública?* Scire Salutis, v. 10, n. 2, p. 18-25, 2020. Scire Salutis. 2020;10(2):18–25.

RODRIGUES, A. *Ex-Governador João Alves Filho vai responder por corrupção passiva no caso Gautama*. Agência Brasil. 15.03.2013. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-15/ex-Governador-joao-alves-filho-vai-responder-por-corrupcao-passiva-no-caso-gautama>. Acessado em 19.10.2019.

RSTJ, a. 25, (230): 17-323, abril/junho 2013. Disponível em: https://www.stj.jus.br/docs_internet/revista/eletronica/stj-revista-eletronica-2013_230_1_cap_CorteEspecial.pdf. Acessado em 06.11.2020.

SANCHE, S.; LIN, Y.T.; XU, C.; ROMERO-SEVERSON, E.; HENGARTNER, N.; KE, R. *Early Release-High Contagiousness and Rapid Spread of Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*. Emerging Infectious Diseases. 2020;26(7):1470–7.

SANTANA e SÁ, M.V. *História da rádio em Sergipe* (2004). Disponível em: <http://www.espacoambiental.blogspot.com/2009/08/historia-do-radio-em-sergipe.html#:~:text=A%20R%C3%A1dio%20Aperip%C3%AAsu%20no,foi%20a%20%C3%BAnica%20no%20Estado.&text=A%20extinta%20R%C3%A1dio%20Difusora%2C%20hoje,Governo%2e%20organizar%20programas%20culturais>. Acessado em 19.12.2020.

SANTANA, C. *Machado confirma áudio espalhado nas redes sociais*. Infonet. 04.08.2016. Disponível: <https://infonet.com.br/noticias/politica/machado-confirma-audio-espalhado-nas-redes-sociais/>. Acessado em 03.01.2021.

SANTANA, C. *STJ julga recurso do MPF e mantém réus da Operação Navalha absolvidos*. Infonet Notícias. 05.02.2020. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/politica/stj-julga-recurso-do-mpf-e-mantem-reus-da-operacao-navalha-absolvidos/>. Acessado em: 12.01.2021.

SANTANA, J.L. *JAF encurralado e humilhado* 22.07.2015. Disponível em: <http://www.clicksergipe.com.br/politica/4/6224/jackson-na-berlinda---jaf-encurralado-e-humilhado---o-tucanato-de-nova-penugem---uma-farra-na-oab.html>. Acessado em, 21.12.2020.

SANTAYANA, G. *Reason in Common Sense*. Volum One of Life of Reason. Dover Ed. 1980.

SANTOS, B. A. *Recursos minerais da Amazônia*. Estud. av. [online]. 2002, vol.16, n.45, pp.123-152. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200009&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000200009>. Acessado em 15.01.2021.

SANTOS, O. *Memórias de políticos de Sergipe no século XX*. Aracaju: Ed. J. Andrade, 2002.

SANTOS, O. *A vida da professora Marlene Calumby*. Grupo minha terra é Sergipe. 19.12.2012. Disponível em <http://grupominhaterraesergipe.blogspot.com/2012/12/a-vida-da-professora-marlene-alves.html>. Acessado em 21.07.2020.

SCOLESE, E; NOSSA, L. *Viagens com o Presidente*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SERGIPE. Lei n. 5.696, de 15 de junho de 2005. Dispõe sobre nova organização básica da Fundação Aperipê de Sergipe-FUNDAP/SE, e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de Sergipe, Poder Executivo, Aracaju, n. 24816, 18 jul. 2005.

SN SERGIPE NOTÍCIAS. *STJ mantém encerramento da Operação Navalha*. 04/02/2020. Disponível em: <http://www.sergipenoticias.com/pimentas/2020/02/14581/stj-mantem-encerramento-da-operacao-navalha.html>. Acessado em: 12.01.2021.

SOUZA, A. *Caso de polícia*. 8 de agosto de 2016. Disponível em: <http://www.destaquenoticias.com.br/caso-de-policia/>. Acessado em 16.12.2019.

SOUZA, N.S. *A Amazônia brasileira: processo de ocupação e a devastação da floresta*. Boletim Científico da Escola Superior do Ministério Público da União. Brasília, a. 9 – n. 32/33, p. 199-235 – jan./dez. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/debor/Downloads/A7.Nadia%20Sim%20as%20Souza%20-%20A%20Amazonia%20brasileira-%20processo%20de%20ocupacao%20e%20a%20devastacao%20da%20floresta%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/debor/Downloads/A7.Nadia%20Sim%20as%20Souza%20-%20A%20Amazonia%20brasileira-%20processo%20de%20ocupacao%20e%20a%20devastacao%20da%20floresta%20(2).pdf). Acessado em: 02.01.2021.

TELLES, J. *“Perdemos a capacidade de dar bons exemplos. Você escuta que o político é sacana, ladrão”*: Entrevista com José Carlos Machado. F5 News. Blogs e

Colunas 14/10/2018. Disponível em: https://www.f5news.com.br/blogs-e-colunas/joedson-telles/perdemos-a-capacidade-de-dar-bons-exemplos-voce-escuta-que-o-politico-e-sacana-ladrao_50823/. Acessado em 10.01.2021.

TELLES, J. *O silêncio de Edivan Amorim e a missão em 2016 projetando 2018*. 23.11.2015. Disponível em: https://www.f5news.com.br/blogs-e-colunas/joedson-telles/o-silencio-de-edivan-amorim-e-a-missao-em-2016-projetando-2018_25430/. Acessado em: 08.01.2021.

TORRENTE, A. *Após 14 anos, transposição do Rio São Francisco entra na reta final*. Gazeta do Povo. 04/07/2020.

TRIBUNA DE ALAGOAS. *Secretário sergipano diz que educação será prioridade*. Maceió-AL, 29 de novembro de 2006.

TRIBUNA O ESTADO DO PARANÁ. 03.07.2004 atualizado em 19.03.2013. *Condenados ex-diretores da BANESTADO Leasing*. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/politica/condenados-ex-diretores-da-BANESTADO-leasing/>. Acessado em 08.01.2021.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE) 02.12.2012. Disponível em: <https://coad.jusbrasil.com.br/noticias/155009159/tse-nega-cassacao-do-mandato-de-Senadora-por-sergipe>. Acessado em 04.01.2021.

TV JORNAL (Aracaju). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Jornal_\(Aracaju\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Jornal_(Aracaju)). Acessado em 01.11.2020.

UNIVERSO POLÍTICO. *Edvan Amorim: “Temos o propósito de eleger João Alves em Aracaju”*. 05.10.2012. Disponível em: <http://www.universopolitico.com/exibir.php?noticia=14697>. Acessado em 05.05.2020.

VASCONCELOS, T. *Absolvição unânime repara injustiça após mais de uma década*. Diário do Poder. 01.12.2018. Disponível em: <https://diariodopoder.com.br/politica/apos-11-anos-trf-5-absolve-reus-da-operacao-navalha>. Acessado em 18.12.2020.

VILLACORTE, H. *Lealdade de Marlene Calumby e Machado com João Alves é inquestionável*. 11.03.2019. Disponível em: <https://www.alonews.com.br/politica/2019/03/21940/lealdade-de-marlene-calumby-e-machado-com-joao-alves-e-inque.html>. Acessado em 05.01.2020.

VIRISSIMO, V. (24 de novembro de 2011). «*Minha Casa Minha Vida é pior que BNH dos militares*», diz pesquisadora da UFRJ». Sul. Consultado em 21 de agosto de 2019. Cópia arquivada em 21 de agosto de 2019. Acessado 18.6.2020.

VIRISSIMO, V. (24 de novembro de 2011). Vivian Virissimo (24 de novembro de 2011). «*Minha Casa Minha Vida é pior que BNH dos militares*», diz pesquisadora da UFRJ». Sul21. Consultado em 21 de agosto de 2019. Cópia arquivada em 21 de agosto de 2019.

WIKIPEDIA. *Jackson Barreto*. Atualizado 21 de março de 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jackson_Barreto#:~:text=Em%2015%20de%20novembro%20de,\(PCdoB\)%2C%20os%20dois%20%C3%BAltimos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jackson_Barreto#:~:text=Em%2015%20de%20novembro%20de,(PCdoB)%2C%20os%20dois%20%C3%BAltimos) .Acessado em: 18.02.2021.

WIKIPEDIA. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_Aracaju-Barra_dos_Coqueiros. Acessado em 01.11.2020.

ZAHARIEVA, R. *The Danger of Social Isolation During a Pandemic [Internet]*. European Public Health Alliance. 2020. Disponível em: <https://epha.org/the-dangers-of-social-isolation-during-a-pandemic/>



Editora ArtNer Comunicação

editoraartner@gmail.com

(79) 99131-7653 (WhatsApp)

Papel da capa: Supremo Ningbo Star 300g

Papel do miolo: Pólen 80g

Formato: 16 x 23 cm

Fonts: Cambria e Encode Sans